



E SE
PROVARMOS...?
MEGAN MAXWELL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



 Planeta

E SE PROVARMOS...?

MEGAN MAXWELL

Tradução
SALOMÉ CASTRO

 Planeta

*Para ti, Guerreiro ou Guerreira.
Se perdeste alguma coisa pelo caminho, que seja
o medo de recomeçar. E nunca te esqueças
de que, para apanhares um bom comboio a tempo,
é preciso que primeiro tenhas perdido o anterior.
Com amor,*

MEGAN

Capítulo 1

Estou num táxi a ouvir a música que toca na rádio depois de sair do escritório.

Cantarolo *Tacones rojos*, de Sebastián Yatra, e sorrio quando olho para os meus sapatos enquanto penso na minha «menina dos meus olhos». Ouvir esta música dá-me sempre boas vibrações e eleva-me o ânimo.

Como sempre, o centro de Madrid às sete da tarde está um caos. Carros. Buzinadelas. Pessoas a correrem de um lado para o outro. Eu gosto de observar. Sou muito cosmopolita.

O meu telemóvel toca. Acabo de receber uma mensagem que diz:

523

Sorrio. Aquele com quem me vou encontrar já está à minha espera, e eu escrevo:

Dois minutos

Assim que paro de olhar para o telemóvel e ajeito a saia do vestido, o taxista para.

– Chegámos, menina! – diz. – Vinte e dois euros e trinta.

Tiro o meu cartão. Passo-o pelo terminal de multibanco e, após concluir a operação com sucesso, peço o recibo, pois sou empresária e posso deduzir o valor na contabilidade da minha empresa, despeço-me do motorista, que é muito simpático, e depois de fechar a porta do táxi entro no hotel.

Com passo firme, sigo em direção aos elevadores. Já conheço o percurso. Não é a primeira vez que aqui venho. Olho para o relógio. Tenho uma hora e meia antes do meu próximo compromisso, que não é longe.

Espero pacientemente que o elevador chegue e, ao entrar, carrego no botão do quinto andar.

No espelho do elevador revejo-me, arranjo-me. E quando para e eu saio, com firmeza e no alto dos meus sapatos vermelhos, encaminho-me para a porta 523. Bato. A porta abre e Alejandro, com apenas uma toalha enrolada na cintura, sorri; eu também.

Que pedaço de mau caminho!

Sem perder tempo, entro no quarto e, assim que a porta se fecha, sem falar, sem nos cumprimentarmos, deixando-nos levar pelo calor da nossa fantasia, beijamo-nos enquanto a minha bolsa cai ao chão.

Alejandro envolve a minha cintura com as mãos e, sem tirar a sua boca da minha, aproximamo-nos de uma cadeira. Aí paramos de nos beijar. Pego no meu telemóvel e procuro na lista do Spotify a música que queremos para o nosso momento de loucura. Quando começa a tocar *I Gotta Feeling*, de The Black Eyed Peas, pouso o telemóvel na cama e, puxando a toalha da sua cintura, digo:

– Tenho uma hora.

Alejandro assente. O seu pénis duro já está pronto para o início do jogo e, OK, confesso que estou com água na boca. Em décimos de segundo ele põe o preservativo e, sem sequer tirar a roupa, sento-me em cima dele. Não estou a usar cuecas. Faz parte do nosso jogo. Quando o seu pénis entra totalmente no meu corpo, ambos suspiramos de prazer.

Que maravilha!

Adoro a luxúria que sinto ao ser preenchida por ele, e, beijando-o com puro deleite, começo a mover-me enquanto as nossas respirações ofegam, os nossos suspiros aumentam e os nossos corações aceleram.

Zero amor. Sentimentos abaixo de zero. Romantismo... o que é isso? Mas muito tesão, ao máximo.

Tendo em conta a minha personalidade fria e impessoal, tenho algumas regras no sexo. Nunca misturo trabalho com prazer. Nada de casados. Nada

de música romântica enquanto fodemos e só homens com menos de trinta anos. Sou sempre eu quem dá as ordens, sem deixar que opinem, e, tendo em conta que isso lhes agrada, eu desfruto deste tipo de sexo sem amor, mas que tanto prazer me dá.

Durante vários minutos, eu monto Alejandro em busca da minha própria satisfação. Sei que ele procura a dele. Faz parte do nosso jogo.

Agarrada ao seu pescoço, empurro-me para a frente enquanto as minhas ancas, que têm vida própria, balançam sobre ele, e eu suspiro de puro deleite e prazer.

Céus, estava a precisar disto!

Minutos depois, quando Alejandro e eu atingimos o orgasmo, após breves instantes separamo-nos e abrimos mecanicamente o minibar do hotel para beber água. Estamos sedentos.

Alejandro e eu conhecemo-nos há um ano e meio. Estávamos ambos num *chat* de sexo – especificamente na secção de *swinger* ou sexo liberal. Ele, vinte e sete anos. Eu, trinta e oito, e ambos dispensamos compromisso. Desde o primeiro momento houve um *feeling* entre nós, e sempre que nos encontramos o sexo é bom e curtimos as nossas fantasias.

Amor e romance estão há muito fora da minha vida. Não tenho tempo para tal, por isso só dou atenção a homens mais novos do que eu e que não complicam a minha vida. Sou uma mulher independente que faz o que quer e ponto final.

Enquanto bebo água, vejo que Alejandro e eu estamos a olhar para os nossos telemóveis. Somos viciados no trabalho. Ele, advogado. Eu, publicitária. E, felizmente para mim, tanto ele quanto os meus outros amigos com benefícios são como eu. Pessoas que não procuram amor ou complicações. Só queremos sexo ocasional e, assim que terminarmos, cada um volta para a sua vida.

Sei que este tipo de vida, em que só se faz sexo desprovido de sentimento, pode ser frio e impessoal para alguns, mas é o que escolhi, porque na minha vida e na minha sexualidade sou eu que mando, e, para já, isto serve-me perfeitamente.

Batem à porta do quarto. Alejandro e eu entreolhamo-nos. Sabemos que é Mario, um homem também do mundo *swinger* que adora assistir e, às vezes, tocar, e como é uma fantasia nossa sermos observados ou tocados, hoje convidei-o a juntar-se a nós.

Alejandro abre a porta. Sem falar, Mario entra. Ele cumprimenta-me com um sorriso e senta-se na poltrona. Todos sabemos o que estamos a fazer aqui. Não há necessidade de explicar nada.

Ponho um alarme no meu telemóvel. Preciso que me avise quando terminarem os quarenta e cinco minutos. Alejandro aproxima-se de mim. Desta vez, as suas mãos percorrem o meu corpo sob o olhar atento de Mario. Pouso a garrafa de água e o meu telemóvel, e, depois de desabotoar vários botões do meu vestido, ele cai ao chão.

Mario e Alejandro olham para mim. Gostam do que veem. Não sou má, embora também não seja um avião. Mas, vá, safo-me bem!

Satisfeita, beijo-o. Beijamo-nos, e depois ponho o meu traseiro em frente ao rosto de Mario e sinto-o tocar-me. Ele dá-me algumas palmadas enquanto Alejandro me beija. Conhecemos o jogo; não é a primeira vez que o jogamos juntos. Então, Mario pega no lubrificante e na joia anal que estão sobre a mesa e, impregnando-a de lubrificante, separa as minhas nádegas e insere-a.

Beijamo-nos provocadoramente enquanto Alejandro põe outro preservativo e a música *Toxic*, de Britney Spears, toca no meu telemóvel. Tentamo-nos um ao outro avidamente por sexo enquanto Mario não tira os olhos de nós, até que Alejandro me pega nos braços e, dando a Mario uma boa visão da joia anal, exijo:

– Fode-me.

E ele obedece. Bolas, e como fode!

Exigente, eu procuro a boca de Alejandro enquanto ele se afunda em mim uma e outra vez, ainda outra... e olhamos nos olhos um do outro, ofegando com pura luxúria e devassidão.

O sexo excitante e ardente deste momento é simplesmente sexo. Desfruto dele e das minhas fantasias sem tabus.

Após este ataque feroso, segue-se outro na cama. Somos insaciáveis. Mario muda de posição para nos ver mais de perto e dar algumas voltas à minha joia anal. Este é o jogo que queremos e do qual todos gostamos. E quando o alarme do meu telemóvel toca para avisar que faltam quinze minutos, Mario tira-me a joia anal. Tomo um banho rápido sem molhar o cabelo e, assim que me visto, volto para o quarto e vejo que Mario já saiu. Vou à cama, onde Alejandro ainda está nu a consultar o seu telemóvel, e agarro no meu.

Em seguida, paro a música e, depois de lhe piscar o olho, ele levanta-se, aproxima-se de mim e diz:

– Da próxima vez, espero que possas ficar mais tempo.

Sorrindo, eu aceno. Eu também espero. E, depois de lhe atirar um beijo frio, pego na minha bolsa e saio.

Tenho um compromisso!

Capítulo 2

Meu Deus, como estou nervosa!

Estou à porta do Teatro Real de Madrid, à espera dos meus pais e amigos enquanto fumo um cigarro. Sim, eu sei que fumar não é bom nem é bem visto, mas, vá, eu tenho este hábito! Há quem tenha outros e eu não critico.

Esta noite, a minha filha tem a sua última atuação com os colegas, e estou um misto de alegria, tristeza e emoção porque sei que a vida dela e a minha, a partir de amanhã, vão mudar.

Ouçó o som de uma mota. Imediatamente, vejo que é a minha amiga Amara. Ela sobe o passeio e desliga o motor. Tira o capacete e, graciosamente, ao descer cantarola:

– *Quem é esse homeeem...?*

Rio-me. Sei uma parte da letra. Na noite anterior saímos juntas em Madrid e, sempre que víamos um tipo que nos agradava ou que nos parecia ser um daqueles jeitosos de tirar o fôlego, cantávamos esta música. Divertimo-nos bastante!

Depois de colocar a corrente antirroubo, ela aproxima-se de mim e abraçamo-nos. Amara é uma boa amiga de longa data que adora a minha filha.

– Sempre que saímos, é mais difícil para mim recuperar no dia seguinte – sussurro, quando nos largamos.

Nós rimos e, então, divertida, a louca da Amara comenta:

– Isso é porque estamos a envelhecer, querida.

– Podes crer... – Eu também me rio, divertida.

– Bem, conheço alguém que ficou de *colonizar* o mundo na sua próxima viagem – deixa ela escapar entre gargalhadas.

Rimos novamente. Refere-se a mim. Ontem à noite, entre brindes e mais brindes, prometi tentar dormir com homens de vários continentes numa viagem que tenho pendente. E quando vou a responder, ela diz, mudando de tom:

– Hoje não estou no meu melhor dia.

– O que se passa?

Amara suspira e encolhe os ombros.

– Esta manhã, no hospital, disseram-me que quando o meu contrato terminar não o vão renovar – responde.

– E quando termina? – pergunto, preocupada.

– Em janeiro.

– Não me lixes!

A minha amiga assente.

– Ao que parece, o meu lugar vai ser ocupado pela filha de um médico.

Isso entristece-me. Amara é uma excelente enfermeira e parteira. Sem ela e sem a sua ajuda não sei como teria conseguido lidar com a minha filha em algumas ocasiões. E quando vou responder, ela, que é pura vitalidade, diz:

– Mas, querida, agora não é hora para lamentos.

– Certo – afirmo. E, lembrando-me de uma coisa, pergunto: – Quando é que as tuas crianças têm a apresentação?

Amara, além de trabalhar no hospital, treina algumas crianças numa piscina municipal de Madrid na modalidade de natação sincronizada – desporto em que competiu na juventude, até que teve de se retirar devido a uma lesão.

– Na sexta-feira – responde.

Olhamo-nos com cumplicidade e ela pergunta, com sarcasmo:

– Pronta para vir comigo, pelo nosso aniversário, ao concerto do meu querido Manuel Carrasco? Já tenho os bilhetes!

Mal diz isso, rio-me. Fazemos anos no mesmo dia, 30 de setembro. Tenho de lhe tirar essa ideia da cabeça.

– Ah, não, desculpa... não ouves música romântica – troça ela. – Mas ouve o que te digo: vais tramar-te! E vais comigo, pois nem a Mercedes nem o Leo podem ir.

Ambas rimos e fico sem saber o que dizer.

– Como está a nossa menina? – pergunta, mudando de assunto.

– Perfeita!

O meu telemóvel começa a tocar e ela, tirando das minhas mãos um dos bilhetes, diz depois me dar um beijo na bochecha:

– Espero por ti lá dentro! Amooooo-te...

Sorrio; dizer «amo-te» é algo muito nosso. Quando ela se afasta, olho para o meu telemóvel. Tenho a certeza de que é trabalho e, após refletir, decido não atender. Além disso, desligo-o para evitar a tentação de me envolver no trabalho. Não quero que nada nem ninguém me prive de aproveitar esta noite.

Assim que guardo o telemóvel na carteira, olho com carinho para os pequeninos que, acompanhados pelos pais, passam por mim vestidos de duendes e fadas. Que fofos! Estão nervosos. Entusiasmados. Estão a preparar esta atuação há muito tempo. Eu sorrio quando me lembro da minha menina. Como o tempo passa!

– *Darling!*

É a voz da minha mãe a chamar-me de «querida». Ela e o meu pai vêm ver a atuação da neta.

Estão muito bonitos. Vestiram-se elegantemente para a ocasião e, quando se aproximam, o meu pai, que não podia estar mais perfeito, comenta, esticando o casaco:

– Não é a minha praia estar tão embonecado.

Eu sorrio. Atualmente, os meus pais possuem uma loja de vinhos em Aluche. Antes era uma tasquinha. Aluche é o bairro onde cresci e morei até que, por fim e com muito esforço, consegui tornar-me independente com a minha filha; embora eles ainda vivam lá.

Bem-disposta, toco no nó da gravata do meu pai e dou-lhe um beijo.

– Bem, estás muito, muito bonito – digo.

Feliz, a minha mãe sorri e, tocando nos seus cabelos, sussurra com o seu acentuado sotaque inglês:

– Que tal o coque italiano que a Rosi me fez no cabeleireiro?

– Mãe, estás lindíssima!

– Arranjou-se assim caso encontre algum *gavião*.

Quando ele diz isso, rio-me. O meu pai também. Se há algo que apaixona a minha mãe é a série de TV *Gavilanes*.

– Rogelio, *my love*, já te disse centenas de milhares de vezes que o meu *gavião* és tu! – sussurra ela, graciosamente.

O meu pai dá um beijo à minha mãe e eu olho para eles, encantada. Adoro ver como se amam. Apaixona-me. E, depois de a minha mãe limpar o batom da boca dele com o dedo, pergunto:

– Como está o *Tinto*?

Tinto é o cão da família. É uma mistura entre *yorkshire* e *chihuahua*, muito engraçado, mas já a ficar velhote com os seus catorze aninhos. No mês passado, pregou-nos um susto quando, de repente, parou de comer e de se levantar, mas depois de cuidados especiais e graças ao veterinário, *Tinto* recuperou.

– Aquele safado está melhor do que eu – responde o meu pai.

Nós rimos e, depois, o meu pai pergunta:

– A *ratinha* está bem?

Rio-me. O meu pai e as suas alcunhas... Mas sei que ele se refere à neta.

– Está ótima e ansiosa para que a vejamos dançar. – E, entregando-lhe dois bilhetes, acrescento: – Vá. Entrem e ocupem os vossos lugares. A Amara já está lá dentro. Estou à espera do Leo e da Mercedes.

Sem hesitar, eles pegam nos bilhetes e, depois de me darem um último sorriso, desaparecem pela enorme porta.

– Verónica!

Quando ouço o meu nome, olho para a direita e sorrio ao ver Gustav Petrov, dono da escola de dança e um prestigiado bailarino de *ballet* clássico, que reside em Espanha e que também trabalha como produtor e diretor artístico. Como sempre, adoro o *glamour* que este homem exala quando caminha, e quando se aproxima de mim trocamos dois beijos afetuosos.

– Nervosa? – pergunta-me.

A sorrir, eu aceno afirmativamente. Conhecemo-nos há muito tempo.

– A Zoé vai deixar-nos sem palavras, garanto-te! – afirma.

Aceno novamente. Sei que está certo. A minha filha é um prodígio do *ballet*.

A acompanhante de Gustav, que por acaso eu nunca vira antes, olha-o e ele diz, galantemente:

– Verónica, apresento-te a Amelia Serapova. Amelia, esta é a Verónica, uma grande amiga e mãe de uma das minhas alunas.

Entreolhamo-nos com simpatia e sorrimos. Gustav é um russo interessante, mas não faz o meu tipo. Sempre triunfou entre as mulheres. Estou a sorrir para a bela mulher quando ela, apontando para as jovens que passam por nós, diz:

– Tenho a certeza de que a sua menina se vai sair bem.

Eu aceno novamente. E, confiante, declaro:

– Não duvido disso nem por um segundo.

A mulher sorri, satisfeita com a segurança que demonstro.

– Quantos anos tem a sua pequena? – acrescenta.

Gustav e eu olhamo-nos, sorrindo com cumplicidade. E, sabendo qual será a reação dela, deixo escapar:

– Vinte e três.

– Vinte e três mesinhos? – pergunta ela com uma expressão surpresa.

– Não. Vinte e três anos – esclareço.

Como sempre, quando digo a idade da minha filha, as pessoas pestanejam, surpresas. Gustav e eu rimos. Quantas vezes ouvimos esta perguntinha ao longo dos anos?

Tenho trinta e oito anos. Eu sei. Pouquíssimas pessoas da minha idade têm uma filha tão crescida.

– Tive-a aos quinze anos – digo, com normalidade. – E o que começou como um erro da juventude e da inconsciência acabou por ser o maior sucesso da minha vida.

Surpresa, a mulher assente. A reação de todos ao saber disso é sempre a mesma. Como posso ter uma filha tão crescida quando sou tão jovem?

Mas a realidade é esta. Conheci um italiano bonito e bom de conversa chamado Gianmarco, numas férias em Torremolinos com os meus pais, tios e primos, e durante um mês senti-me a rapariga mais sortuda do mundo

porque aquele italiano bonitão tinha reparado em mim. Parvoíces da juventude!

Passei um verão incrível com ele. Amigos, motas, festas na praia com passeios de mãos dadas e românticas canções de amor cantadas pelo meu cantor preferido, que era Luis Miguel.

Estava tão apaixonada por Gianmarco, e ele era tão romântico e sedutor, que acabei por perder a virgindade no apartamento que ele ocupava com o seu grupo de amigos. E, a partir daquele dia, não paramos de fazer sexo uma única noite.

Ficámos viciados!

As férias chegaram ao fim. O meu encantador italiano e eu despedimo-nos entre lágrimas e promessas de amor. Trocámos endereços. Queríamos manter o contacto porque o nosso amor era mais incrível do que o de Romeu e Julieta.

No primeiro dia de regresso a Madrid, escrevi-lhe. No segundo também. No terceiro, mais do mesmo. Precisava de ter notícias dele. Lembrava-se de mim? Duas semanas depois, as cartas foram-me devolvidas por se tratar de destinatário desconhecido. Eu insisti. Escrevi outra vez, mas aconteceu a mesma coisa. E foi então que percebi a cruel realidade: fui enganada como uma tonta. O que eu sentia e o que ele supostamente dizia sentir por mim não era a mesma coisa. Para mim, Gianmarco foi o meu primeiro amor. Para ele, eu fui apenas a tontinha com quem fez sexo naquele verão em Torremolinos e que, inexperiente, se deixou enganar por ele.

A decepção foi tanta que deixei de comer e não parei de chorar enquanto procurava explicações para o que me tinha acontecido e ouvia, em *loop*, os belos boleros de Luis Miguel.

Mãezinha, como me martirizei com aquelas canções!

Gianmarco, aquele idiota que eu pensava ser o amor da minha vida, a quem eu disse «amo-te», riu-se de mim e eu, acreditando nas suas mentiras, permiti que o fizesse. Poderia ser mais parva?

Os meus pais, vendo o estado em que eu estava, ficaram preocupados comigo. Estiveram ao meu lado, consolando-me do meu mal de amor como

podiam. Claro, não lhes contei que fiz sexo com ele. Isso teria sido demais para eles. Eu tinha apenas quinze anos!

Eles mimaram-me e cuidaram de mim tanto quanto podiam e muito mais. Recordo, inclusive, que o meu pai, todos os dias antes de voltar da tasca, me comprava um ovo *Kinder* na padaria de Jesús para me fazer sorrir, porque sabia que eu os adorava.

Mas, então, aconteceu uma coisa que me fez parar de chorar de um dia para o outro... descobri que estava grávida.

Mãezinha... mãezinha...

Eu, grávida de um italiano de quem nem sabia o nome completo nem onde morava!

Por amor de Deus, tinha apenas quinze anos!

Nem é preciso dizer que o desgosto inicial dos meus pais foi tremendo, sobretudo porque me calei com medo de represálias, e eles acabaram por descobrir quando eu já estava grávida de seis meses, numa tarde em que me senti mal e me levaram à pressa às urgências. O que eles pensaram ser um ataque de apendicite acabou por ser uma gravidez já no segundo trimestre.

O meu pobre pai a comprar-me ovos *Kinder* e, de repente, dão-lhe a notícia de que o ovo *Kinder* era eu. Surpresa!

No início, os meus pais consideraram inúmeras opções para o meu próprio bem. A minha mãe é inglesa e o meu pai é espanhol. Susan e Rogelio. Ela é moderna e ele é tradicional, mas a combinação dos dois sempre foi a ideal, e, no final, mesmo com quinze anos de idade, os meus pais ouviram-me e respeitaram o que lhes pedi.

Eu queria ter o meu bebé. Sabia, embora sem plena consciência, que isso significaria o fim da minha adolescência, sacrificando as saídas com os meus amigos, festas, acampamentos de verão, os estudos, conhecer rapazes, etcétera, etcétera, mas sentir o meu bebé a dançar na minha barriga durante aqueles seis meses fez-me perceber que não conseguiria desfazer-me dele. Fui tão sensata dentro da minha imaturidade ao falar com os meus pais que, no final, eles respeitaram a minha decisão.

Zoé nasceu num belo dia de maio e, depois de as nossas vidas normalizarem, comecei a frequentar aulas noturnas para terminar a minha

formação académica. Se houve algo de que nunca tive dúvida foi que queria seguir em frente, e ser mãe solteira não iria impedir-me.

Quando terminei as aulas, incentivada pelos meus pais e, novamente, graças à ajuda deles, comecei a estudar Marketing e Publicidade. Sempre gostei de idealizar estratégias de venda na tasquinha dos meus pais.

Logicamente, como estava atrasada nos estudos devido a ter a minha filha, demorei mais do que os outros a terminar o curso, mas não me importou. O importante é que terminei. Cumpri o meu objetivo. E, querendo continuar a ajudar os meus pais, aconselhei-os a expandir o negócio para uma loja de vinhos especializada. Uma vez mais, ouviram-me. Eles confiaram nos meus conselhos, eu usei as técnicas aprendidas na universidade e, pouco depois, a loja começou a obter resultados que a tasquinha nunca alcançara.

O sucesso com a loja foi tanto que outras lojas de vinhos começaram a interessar-se pelo meu trabalho. Queriam trabalhar comigo, para que eu fizesse as suas campanhas publicitárias e, por fim, vendo que isso poderia dar-me um futuro, aos vinte e cinco anos abri a minha pequena empresa de *marketing* e publicidade, a que chamei Fórmula Perfeita. Os meus pais não podiam acreditar!

Ao longo dos anos, além de criar a minha filha, esquecer o romance, cuidar dos meus entes queridos e trabalhar muitas horas para construir o meu negócio, aproveitei a vida da melhor maneira possível.

O meu bom senso e bom olho para entender que vinhos espanhóis eram essenciais nas mesas de outros países fizeram a minha faturação aumentar e a minha empresa crescer. E, hoje, pode dizer-se que sou uma mulher com quem muitas empresas, principalmente vinícolas, querem trabalhar.

Além disso, serei a apresentadora do próximo Concurso Internacional de Enólogos, o Prémio Farpón, que terá lugar no Casino de Madrid, no dia 7 de outubro. Que felicidade me traz!

Os meus pais estão muito orgulhosos de mim. Primeiro, porque lhes mostrei que, desde que Zoé nasceu, amadureci e me empenhei a cem por cento com ela, como prometi. Segundo, porque sou uma guerreira que segue

em frente apesar dos obstáculos que encontra no caminho. E, terceiro, porque criei sozinha a minha própria empresa.

Mas, para chegar aqui, se algo está claro para mim é que, sem eles, sem os meus pais e a sua ajuda, a sua paciência e o seu amor incondicional por Zoé e por mim, nada teria sido igual.

Felizmente para mim, não só tenho uns pais incríveis, como também uma filha maravilhosa e amigos fabulosos. Zoé sempre foi uma menina carinhosa e estudiosa, tanto que às vezes eu duvidava que ela pudesse ser minha filha. Também é teimosa, algo que os meus pais dizem que herdou de mim, e, às vezes, um pouco rufia, algo que herdou do seu pai italiano, sem dúvida. Mas vá, posso dizer, alto e em bom som, que ela é o orgulho dos meus pais e também o meu, e que por ela eu repetiria tudo, absolutamente tudo o que passei, para que a vida voltasse a colocá-la no meu caminho.

A nível pessoal, nunca tive um parceiro fixo, para desgosto dos meus pais. A verdade é que criar a minha filha e construir um futuro tornou-me muito independente e, quanto aos homens, escolhi diversão e zero compromissos. A traição do idiota italiano marcou-me tanto que me transformou numa mulher fria e parei, inclusive, de ouvir música romântica. Adeus, Luis Miguel!

Apaguei o romance da minha vida, assim como o amor e todas essas loucuras que se fazem na juventude. Simplesmente, gosto de realizar fantasias com homens mais novos do que eu, para evitar problemas amorosos, e, assim que o momento passa, eles vão para as suas casinhas e eu vou para a minha. Eu já tenho uma filha para cuidar. As suas mães que cuidem deles!

A minha relação com Zoé é ótima. Além de mãe e filha, somos amigas. Com ela desfruto de milhares de coisas. Sempre falámos sobre tudo com normalidade, começando pelo sexo. Nem eu sou freira, pois tenho os meus casos de sexo, nem a minha filha o é, por mais boa e carinhosa que seja. Sempre quis que Zoé não visse o sexo como um assunto tabu e que desfrutasse dele em segurança e sabendo muito bem o que está a fazer.

Segundo a minha mãe, falar de sexo com Zoé é dar demasiadas asas à *ratinha*. No que me diz respeito, quero que a *ratinha* saiba voar, para poder

descolar e aterrar sem problemas.

Estou a pensar em tudo isto quando ouço Gustav dizer:

– Ali vêm os teus amigos. Nós vamos entrar.

Satisfeita, eu aceno e pisco-lhe o olho. Depois viro-me e, olhando para os meus amigos Leo e Mercedes, indico apontando para o meu relógio:

– Combinámos há quinze minutos.

– O Leo atrasou-se.

– Mercedes Romero, como podes ser tão mentirosa?! – protesta o acusado.

A expressão de Mercedes faz-me sorrir. Sempre gostei da loucura dela, e ainda mais quando diz, olhando para ele:

– Leo Morales, acabaste de me chamar «mentirosa»?

– Com todas as letras – diz ele.

Mercedes sorri e pisca-me o olho.

– Quando fui buscar este chato – diz ela –, ele não veio até fazer a Pili prometer que, para o jantar, faria sopa de estrelinhas e os panadinhos de frango que ele tinha adiantado para as crianças!

Leo bufa ao ouvi-la. Pili é a sua esposa.

– Isso é o que estava definido para o jantar desta noite – sussurra ele. – E tive de explicar à Pili, porque conheço os meus filhos, e como eles sabem que a mãe não gosta de cozinhar, convencem-na logo a pedir uma piza. E não! Esta noite, o jantar é sopa de estrelinhas e panadinhos de frango.

Ouvir isso faz-me sorrir.

Leo é um pai responsável que adora cozinhar e cuidar da esposa e dos dois filhos, Marcos e Ricardo. Há anos, e vendo que Pili, administradora de uma importante empresa do ramo automóvel, ganhava muito mais dinheiro do que ele, conversaram sobre isso e Leo decidiu parar de trabalhar como administrativo numa transportadora para cuidar dos filhos e da casa. Como ele diz, é feliz a fazer o que faz e ponto final.

O facto é que Leo e Pili estão felizes na forma como planearam a sua vida e, sem dúvida, nós que os amamos estamos felizes por isso. Gostaria que muitos homens fossem como Leo, e não que nós, mulheres, sejamos sempre

aquelas que param de trabalhar para que os maridos continuem a sentirem-se os machos alfa da casa.

Aceno para algumas mães que conheço e, então, Leo diz:

– Estou morto. Acho que bebemos demais ontem à noite.

Concordo, ele tem razão, e tenho de me rir quando o ouço acrescentar:

– E nem é preciso dizer que espero que o que ontem prometeste com tanta convicção seja apenas uma piada!

Mercedes e eu olhamo-nos; sabemos a que se refere.

– Leo Morales, não sejas antiquado! – murmura a minha amiga. – Se a nossa Vero quer provar os corpos ardentes de homens de outros continentes, não lhe estragues os planos!

Divertidos, nós rimos. Leo não.

– OK, confesso – declara Mercedes, depois de abraçar o nosso amigo. – Quem se atrasou fui eu. Não ele.

– Obrigadinho! – protesta Leo.

Mercedes sorri, eu também, e ela esclarece:

– Eu estava a falar com uma ruiva bonita ao telemóvel e não consegui interromper a conversa...

– A Dalila? – pergunto, curiosa.

Mercedes assente. É a sua ex-companheira, uma mulher que ela adora e tenta reconquistar.

– Amanhã vai jantar com ela – sussurra Leo, mudando de tom.

– Nãããão! – troço.

Mercedes, a minha maravilhosa Mercedes Romero, acena com a cabeça e depois diz:

– Finalmente consegui que ela jante comigo.

Leo e eu olhamos um para o outro. Do nosso ponto de vista, Dalila não é a mulher que Mercedes merece, mas sabendo que quando se trata de amor devemos respeitar, sorrimos e abraçamo-la. Juntamente com Amara, somos o Comando Chuminero! Até o nosso grupo de WhatsApp se chama assim. Foi algo que começou entre gargalhadas e que, no final, institucionalizámos entre nós.

Leo, Mercedes, Amara e eu somos diferentes, mas iguais. Complicados, mas fáceis. Tontos, mas inteligentes. E, acima de tudo, amamo-nos de verdade.

Conheci-os no parque de Aluche numa das muitas tardes em que estava sozinha com Zoé e começou a chover. Rapidamente, empurrando o carrinho, abriguei-me debaixo de uma das arcadas do meu bairro, até que chegou uma rapariga, Mercedes, e minutos depois um rapaz, Leo, e depois Amara. A chuva aumentou. Começou a cair um verdadeiro dilúvio e não podíamos sair dali, por isso começámos a conversar. Zoé, com os seus sorrisos, conquistou-os.

Alguns dias depois, voltámos a encontrar-nos na padaria do bairro e, como se nos conhecêssemos desde sempre, cumprimentámo-nos e combinámos encontrar-nos naquela tarde sob a arcada onde nos tínhamos visto pela primeira vez. Claro, com Zoé. Leo, Amara e Mercedes, sem que eu precisasse de dizer nada, entenderam que eu tinha de cuidar da minha filha, porque os meus pais trabalhavam. Desde aquele dia, embora as nossas vidas tenham mudado ao longo dos anos, nunca nos separámos. Somos amigos, mas acima de tudo somos família! Isto é inquestionável para nós.

– Como está a nossa menina? – pergunta Leo.

Respiro fundo, apago o cigarro e respondo:

– Um pouco ansiosa, mas bem. Já a conhecem.

Sorrimos os três e, então, Mercedes pergunta, surpresa:

– Perdeste o telemóvel?

Rio-me porque tenho-o sempre na mão.

– Está na minha bolsa, desligado – digo.

Os meus amigos parecem surpresos. Se algo é típico em mim, é o telemóvel que funciona vinte e quatro horas por dia, por conta do meu trabalho.

– Quem és tu e onde está a chatinha da minha Vero? – sussurra Leo, a rir.

Rindo, empurramo-nos uns aos outros.

– A minha menina já fez as malas? – pergunta Mercedes.

Ouvir isso faz-me assentir com pesar, e quando sinto o meu queixo começar a tremer, Leo agarra no meu braço e diz.

– Zero dramas, *chumineras*! Vamos entrar.

Felizmente, ele interrompe o momento dramático. Eu agradeço. Deixo o choro para amanhã, no aeroporto. Conhecendo-me, vou inundar o terminal.

Instantes depois, chegamos onde os meus pais e Amara estão sentados. Mercedes e Leo cumprimentam-nos calorosamente e, já sentados, o meu pai, que está ao meu lado, olha para mim.

– Estás bem, *ratita*? – pergunta, enquanto a minha mãe fala com Amara, que está sentada ao lado dela.

Eu sorrio. Eu sou «ratita» e Zoé «ratinha»... Porquê? Coisas do meu pai, porque ambas gostamos de dançar¹.

Sempre adorei, por isso, quando Zoé era pequena inscrevi-a em aulas de *ballet*, enquanto eu dançava salsa com Amara. O que nunca imaginei foi que aquelas aulas que a minha filha adorou desde o primeiro dia seriam o futuro dela. E, sabendo que o meu pai está preocupado, porque a minha filha está prestes a voar do ninho, pego na sua mão e afirmo:

– Tanto ela como eu estamos bem, pai. Não te preocupes.

O meu pai olha para mim e acena com a cabeça. Dá-me um dos seus beijos afetuosos na ponta do nariz, sabendo que este assunto me deixa sensível, e diz:

– A *ratinha* vai voar do ninho como tu voaste com ela, e agora tens de começar a viver, filha. Já é hora, não?!

– Pai, eu vivo! – troço, divertida.

O meu pai, que é homem de poucas palavras, sussurra:

– Eu sei que vives. Mas como teu pai quero que...

– Voltamos à conversa de arranjar namorado! – interrompo.

Ele concorda. Eu sei que lhe custa ver quão fria sou a esse respeito.

– Já preparaste a tua megaviagem? – pergunta, mudando de assunto.

Ao ouvir isso, sorrio. Como ele diz, tenho uma «megaviagem», com todas as despesas pagas, com um cliente, aos seus vinhedos no Texas, na Argentina, na África do Sul, na Austrália e na China. Ele quer que eu os visite para que possa ter uma ideia da especialidade de cada lugar e para que possa organizar uma campanha mundial para os seus vinhos.

Estou a adiar esta viagem há dois meses. Por sorte, o cliente, apesar de ser um tanto niquento, sério e rabugento, como quer muito trabalhar comigo está a respeitar a minha demora. Ele sabe que a viagem vai manter-me fora de Espanha durante mais de vinte dias, e aguarda que Zoé viaje para que eu possa ir com ele.

– Tudo preparado.

– Quando vais?

– Daqui a quinze dias.

O meu pai sorri. Sei que o meu sucesso o deixa orgulhoso.

– Vais dar a volta ao mundo – declara. – Vou chamar-te Willy Fog!

Ambos rimos. Se o meu pai soubesse do que falei com os meus amigos, ficaria chocado...

– O que é que a *ratinha* vai dançar? – pergunta, olhando para o palco.

Eu encolho os ombros. Não sei. Tanto Zoé quanto toda a equipa mantiveram isso em segredo.

– Não faço ideia, pai – respondo. – Veremos quando começar.

– Faça o que fizer, vamos gostar!

– Tenho a certeza disso – declaro, satisfeita.

Minutos depois, as luzes do teatro apagam-se e o espetáculo começa. Ótimo!

Como esperado, os primeiros a subir ao palco são os pequenitos. Terão uns cinco ou seis anos, como a minha Zoé quando começou, e todos nós soltamos gargalhadas quando os vemos dançar com aquela gracinha desajeitada que dá vontade de enchê-los de beijos.

Durante a hora seguinte, grupo após grupo vai subindo ao palco para exhibir as suas habilidades de *ballet*. Os presentes estão cientes de como as crianças, com a idade e a disciplina, estão a evoluir, e desfrutamos do espetáculo.

O palco volta a ficar vazio. As luzes aumentam de intensidade e Gustav, o diretor artístico do evento, sobe ao palco. Por vários minutos, fala connosco, amigos e familiares dos artistas, como lhes chama, e todos o ouvimos encantados enquanto conta sobre como as crianças se empenharam e como fica feliz em apresentá-las.

Após uma pausa, ele começa a falar sobre a última apresentação da noite e, junto com os meus pais e os meus amigos, emociono-me. É a vez da nossa menina, a minha Zoé, e do seu parceiro Adrián, os alunos mais avançados, que estão de saída.

Para a escola de dança é um orgulho que Zoé e Adrián estejam de partida para Nova Iorque para dar aulas de *ballet* numa das academias de Gustav e, após elogiá-los, ele sai do palco e eu respiro fundo.

Vamos lá!

Assim que as luzes se apagam, a minha mãe olha para mim a sorrir. De repente, ouço os primeiros acordes de uma melodia e, instintivamente, ponho a mão sobre a boca. A sério?!

O meu pai agarra na minha mão; ele está tão emocionado quanto eu. E, olhando um para o outro, sorrimos enquanto as lágrimas começam a deslizar pelos nossos rostos. A minha mãe, igualmente emocionada, abre a bolsa e começa a distribuir lenços de papel a torto e a direito. Zoé, a nossa Zoé, vai dançar aquela música que é tão especial para nós. Trata-se do terceiro movimento da Suite Bergamasque de Claude Debussy, intitulada *Clair de lune*, uma bela peça que o meu pai punha a tocar no gira-discos quando eu era pequena para me acordar aos domingos. E, como mandava a tradição, continuou a fazê-lo para Zoé.

Que recordações bonitas nos traz esta melodia!

Emocionados, olhamos para o palco e lá está a minha menina. Tão especial. Tão linda. Tão elegante nos seus movimentos etéreos e flutuantes com o seu *tutu* azul-celeste e o cabelo apanhado, a dançar ao ritmo da maravilhosa melodia com o seu par Adrián.

Sustenho a respiração; não consigo tirar os olhos deles. Que magníficos são!

Zoé, a minha Zoé, irradia luz. Prende o nosso olhar com os seus movimentos delicados e precisos, e eu não consigo sequer pestanejar. E, sendo sincera, não é porque sou mãe dela, mas a minha filha é brilhante no que faz.

Sempre ouvi dizer que a música produz uma infinidade de emoções. Alegria, tristeza, erotismo, descontração... e, ouvindo esta bela melodia e

vendo a minha filha, só consigo pensar em beleza e amor. É a beleza conjugada entre Zoé e a bonita melodia, e embora os meus canais lacrimais pareçam uma torneira aberta vertendo pelo meu rosto, eu desfruto, aproveito e saboreio cada instante deste momento mágico e maravilhoso para que fique gravado, para a eternidade, na minha mente e no meu coração.

Sinceramente, Zoé é o verdadeiro e puro amor da minha vida.

Quando a peça termina e o silêncio da emoção cai sobre o teatro, sei que todos estão maravilhados. Todos estão comovidos e emocionados com o que viram. Sinto que o meu coração vai explodir de felicidade e orgulho, e então o meu pai levanta-se e, sem se importar com as lágrimas nos seus olhos, aplaude como se não houvesse amanhã, e todos o seguem levantando-se dos seus lugares.

Uf... que emoção!

A minha filha e o seu talento são fora de série. E quando Zoé finalmente nos localiza na plateia e sorri para nós, o meu coração explode! Definitivamente, morro de amor!

¹ Por referência a *Angelina Ballerina*, uma conhecida série de livros infantis, da autora Katharine Holabird e da ilustradora Helen Craig, sobre uma ratinha que treina para ser bailarina. (N. da T.)

Capítulo 3

São oito da manhã e mal consegui dormir.

Quando sair da cama, a vida que conheci até agora vai mudar.

Zoé irá para Nova Iorque e, pela primeira vez, estarei sozinha, passarei a fazer compras para apenas uma pessoa e viverei comigo mesma sem ter de dar satisfações a ninguém.

Estou a pensar nisso quando vejo *Paulova*, a nossa gata, a entrar calmamente pela porta do meu quarto. Ou melhor, a nossa *cadelogata*, que, movimentando com agilidade o seu corpo esguio, sobe para a cama.

Como sempre, começa a dar-me patadas na cabeça. Adora pisar o meu cabelo, até que finalmente encontra a posição e se deita encostando a sua cabecinha na minha. Que fofa!

Zoé e eu sempre quisemos um cão. Um *golden retriever* com pelo comprido e claro. Mas, devido à minha falta de tempo, contentamo-nos com a nossa *cadelogata*.

Por alguns instantes, *Paulova* e eu respiramos com tranquilidade até que Zoé aparece à porta de pijama e despenteada e, como sempre faz, a sorrir, deita-se na cama comigo.

Como vou conseguir viver sem isto?

Paulova, diante da intromissão de Zoé, sai de onde está. E eu, olhando para a minha menina, que já é uma mulher, sussurro:

– Não sei como tive a sorte de ter uma filha tão linda.

Zoé sorri.

– Bem, sabes que se eu sou linda, tu também és – afirma –, pois todos dizem que somos a cara uma da outra.

Quando ela diz isso, eu aceno. Tem razão. As pessoas passam a vida a achar que somos irmãs por sermos tão parecidas. E quando os meus olhos se enchem de lágrimas, Zoé sussurra:

– Mãe, outra vez?

Aceno com a cabeça. Sou muito chorona. Quando choro, choro de verdade.

– Vou sentir tanto a tua falta – murmuro. – O que vou fazer sem ti?

– Viver – declara Zoé.

Uf, OK... dito assim parece fácil. E, pegando no meu pulso direito, coloca-o junto ao dela para que possamos ver as nossas tatuagens.

– «Tu e eu... sempre» – diz.

Assinto. O «sempre» fica vazio sem ela.

– Tens vivido a tua vida sempre preocupada comigo e... – sussurra a minha menina, olhando para mim.

– E vou continuar a preocupar-me – asseguro-lhe.

Zoé acena com a cabeça. Entende o que estou a dizer e, olhando nos meus olhos, sussurra:

– Eu sei. Eu sei que sempre te preocuparás comigo, como eu me preocuparei contigo. Mas, mãe, agora tens de voltar a viver. Tens de fazer todas aquelas coisas que nunca fizeste por teres de tomar conta de mim e que anotaste no caderno dos sonhos!

Ambas rimos. Ela deu-me aquele caderninho quando era pequena e ali anotámos, cada uma numa parte dele, as coisas que queríamos fazer no futuro. Toda a vida ali anotámos sonhos. Ser professora de *ballet*. Viajar. Dançar um tango com um argentino. Aprender a conduzir uma mota. Ver uma aurora boreal. Dormir sob as estrelas. Conhecer um tipo atraente. Visitar a Grécia. Etcétera, etcétera. E, para ser honesta, Zoé está encaminhada em relação a muitos dos seus sonhos que foram anotados. No meu caso, a cantiga é outra.

O queixume que sai do meu corpo faz-me choramingar. Que recordações! E, vendo como a minha filha me olha, protesto:

– Repreende-me e não me deixes chorar mais.

– Verónica Jiménez Johnson, para de chorar!

Ambas sorrimos e abraçamo-nos. Chamarmo-nos pelo nome e sobrenome como repreensão é algo digno do meu pai.

– Queres realmente ir para Nova Iorque agora? – pergunto.

Sem hesitar, ela assente. Nova Iorque está anotada no caderno.

– Sim, mãe – responde.

– Mas as aulas não começam só em setembro?

– Mãe, antes disso quero aproveitar o tempo com o meu namorado.

Ouvir esta última palavra faz-me rir. Nos meus trinta e oito anos, nunca tive namorado, e Zoé, aos vinte e três, acredita ter encontrado o amor da sua vida. Enquanto a olho, estou prestes a falar quando ela aponta para mim e comenta, graciosamente:

– Não comeces, mãe.

– Eu não disse nada – troço.

A minha filha ri-se.

– Conheço-te! E estás com cara de quem me vai dizer que a palavra *namorado* é...

– É o que é. – Rio-me.

A minha filha e eu, deitadas, rimos juntas, e ela acrescenta:

– O Michael é o amor da minha vida, mãe. Além disso – explica com alegria –, é exatamente como anotei na minha lista de sonhos. Bonito, interessante, inteligente, charmoso e é louco por mim.

Ouvir isso agrada-me e assusta-me em partes iguais. Zoé é jovem. Tem a vida toda pela frente e mil pessoas para conhecer. Michael é um bom rapaz. Estudioso e muito responsável. Eu gosto dele e adoro como ele olha e cuida da minha filha, mas porque não morar em Madrid em vez de Nova Iorque?

Estou a pensar nisso quando Zoé abre a gaveta da minha mesinha de cabeceira. Pega no famoso caderninho dos sonhos e diz, agarrando na caneta e sentando-se na cama:

– Tenho de riscar o desejo de ir a Nova Iorque.

Sorrindo, eu aceno. Sento-me como ela e observo o que faz. E Zoé, virando o caderno para mostrar a minha parte, diz:

– Mãe, tens muitos sonhos por cumprir, não achas?

Divertida, encolho os ombros e ela lê:

– Ver uma aurora boreal. Morar na praia. Aprender a conduzir uma moto. Dormir sob as estrelas. Ir à Grécia. Dançar um tango com um argentino. Aproveitar o sexo ao máximo.

– Faço essa última – troço.

Zoé sorri. Ela está ciente da minha vida sexual.

– Já começaste a fazer as malas para a megaviagem? – pergunta ao ver a minha mala vermelha.

Ela, como toda a gente, está impressionada com a volta ao mundo que vou fazer com a viagem de trabalho que marquei e, quando aceno com a cabeça, acrescenta:

– Mãe, eu sei que é trabalho, mas diverte-te!

Eu aceno de novo e sorrio. Fico calada sobre o que conversei com os meus amigos. Com o cliente com que vou, não estou propriamente convencida de que vá divertir-me muito.

– Este teu sonho é o meu preferido – comenta, olhando para o caderno.

– Qual?

E Zoé lê:

– «Conhecer um homem alto, bonito, interessante, independente, que não me sufoque, reservado, que baixa a tampa da sanita quando termina, que saiba cozinhar, prepare excelentes *cocktails* e, claro, que quando se aproxime de mim, cheire sempre bem e me deixe louca com a sua voz.»

Quando termina, rio-me. Vá, não sou nada exigente! E Zoé, rindo como eu, sussurra:

– És exageradamente exigente.

Concordo com a cabeça, agora que penso nisso.

– Querida, esse é o meu sonho – digo, a rir. – Qualquer outra coisa não me serve.

Rimos as duas, e Zoé, pousando o caderno na minha mesinha, pergunta:

– Não achas que já é hora de teres um namorado?

– Porquê um, se posso ter vinte e um?

– Mãe!

– Querida, eu tenho amigos, isso é tudo o que preciso.

– Mãe! Esses são apenas para te divertires. Quero dizer amor, romance!

Rio-me, não consigo evitar.

– Zoé Jiménez Johnson, não comeces! – murmuro.

Mas Zoé, que é muito Zoé, insiste:

– Cuidaste de mim a vida toda; pensando apenas em mim e colocando-me antes de tudo. E acho que agora que estou a sair de casa, mereces alguém que cuide de ti e...

Ponho a minha mão sobre a sua boca; não quero que continue.

– Ouve, querida – digo –, sou uma mulher independente e não preciso de ninguém para cuidar de mim.

– Vá, mãe – diz ela, escapando da minha mão –, é uma maneira de falar, e sabes perfeitamente disso. Quando digo alguém que cuide de ti, é que te ame e te faça sentir o amor como algo mágico e especial, como o Michael me faz sentir.

– Credo! – troço. – Acho que veres tantos filmes românticos com os teus tios Leo e Amara...

– Mãe – interrompe-me. – Quando vais dar uma oportunidade ao amor?

Quando ela diz isto, eu sorrio novamente. Sabe tão bem quanto eu que o romantismo e eu há muito que nos desentendemos.

– Tenho amigos com quem me divirto, querida – respondo –, isso é o suficiente para mim.

Zoé assente. Ela sabe que a minha rejeição ao amor se deve ao dano que o seu pai biológico me causou. Felizmente, esse é um assunto com o qual ela nunca se importou. Conversámos mil vezes sobre isso com naturalidade, até que um dia ela me disse: «Mãe, és tu que estás aqui comigo e só tu me preocupas. O italiano que plantou a semente não é ninguém para mim.» Admito que, naquele dia, apreciei a sua determinação. Isso fez-me entender que a minha filha é uma mulher forte, que não foi afetada por crescer sem um pai e que aceita a vida tal como ela é.

– Mas não gostavas de encontrar alguém especial para te dar flores em vez de um brinquedo sexual? – pergunta ela a seguir.

– Não.

– Mããããããe...

– Querida, estou a ser sincera!

– Mãe, nem todos os homens são iguais – insiste.

Encolho os ombros, e a minha filha, deitando-se na cama e olhando para o teto, murmura:

– Mereces conhecer aquela pessoa especial. Cumprir esse sonho. Um amor incondicional e louco que, sem falar, apenas olhando para ti, te faça sentir que tens tudo na vida.

O romantismo de Zoé, que foi buscar ao tio Leo e à tia Amara, faz-me rir. Eu, nem quando tinha quinze anos, era tão romântica. E, olhando para o teto como ela, afirmo:

– Isso só tu me fazes sentir.

– Mãe! – protesta.

Rio-me, não consigo evitar, mas Zoé insiste:

– És jovem, bonita e divertida, embora um tanto mandona e rígida com horários. Mas, mãe, pelo amor de Deus, só tens trinta e oito anos!

– E...?

Entreolhamo-nos. Sem precisar dizer mais nada, entendo aquilo que ela precisa ouvir.

– Tudo bem – digo. – Se conhecer essa pessoa especial, prometo dar-lhe uma oportunidade.

– Fantástico! E eu prometo que, se esse alguém te magoar, lhe parto as pernas.

– Zoé!

Ambas rimos. Eis o gene de rufia italiano que herdou do seu pai.

– Mas... – sussurro.

– Lá vêm os *mas*... – goza ela.

– Estou muito bem tal como estou. Tenho amigos. Saio com quem quero e quando quero e...

– E não gostarias que alguém suspirasse por ti? Um homem que te desse amor e com quem pudesses finalmente ouvir canções românticas e dançar ao luar.

– Meu Deus, Zoé. – Rio-me.

– Mãe, dançar ao luar uma música romântica é maravilhoso!

Rio-me. Não consigo evitar. Dispensso música romântica. Evito acordar o meu coração e os meus sentimentos adormecidos.

– Podias criar uma família com essa pessoa especial – acrescenta ela.

– Zoé... o que é que andaste a fumar? – ironizo.

Mas, a minha filha, sendo minha filha, insiste:

– Sempre gostaste de crianças, e eu sempre quis irmãos, e não digas que não!

Nesse momento, toca a campainha e, levantando-me, digo graciosamente:

– Salva pelo gongo!

– Mãããããe!

– Querida, estão a tocar à campainha!

Depois de caminhar descalça até à sala, rindo do romantismo da minha filha, assim que olho para o ecrã do videoporteiro e vejo que se trata de Leo e Mercedes, levanto a voz e anuncio ao abrir a porta:

– Zoé... os teus tios estão aqui com os churros.

Numa questão de segundos, Leo e Mercedes entram na minha bonita casa em Pozuelo e Zoé abraça-os carinhosamente. No dia anterior, quando nos despedimos após o espetáculo, eles prometeram trazer churros para o pequeno-almoço antes de partirmos para o aeroporto, e aqui estão eles, como sempre, a cumprir a promessa.

Preparo quatro cafés com leite e todos nos sentamos à mesa da sala de jantar.

– Esperamos pela Amara? – pergunta Leo.

Abano a cabeça.

– Ela não pode vir – digo. – Teve treino na piscina com os seus miúdos.

– Então, ao ataque! – propõe Mercedes, a sorrir.

Como esperado, devoramos os churros, que estão ótimos. E Zoé, após engolir o que tinha na boca, comenta:

– Eu estava a dizer à mãe que agora que vou embora, ela tem de arranjar um namorado.

– E porquê um, quando pode ter vinte e um? – troça Mercedes.

– Eu disse a mesma coisa – afirmo com o meu churro na mão.

Mercedes e eu, divertidas, fazemos um brinde com os nossos churros.

– Penso como tu, Zoé – diz Leo. – Acho que seria uma excelente ideia. Já é hora, certo?

Olho para ele horrorizada, e Leo acrescenta:

– És uma mulher jovem, linda e fantástica, que tem muito amor para dar.

Mercedes e eu entreolhamo-nos, divertidas. Regra geral, ele costuma dizer-me que sou demasiado mandona e viciada no trabalho, mas quando vou falar, ele acrescenta:

– E sim, devias abrandar o nível de trabalho e não ser tão chata, fria e mandona. Porque isso, minha amiga, assusta qualquer um.

– Isso combina mais comigo – brinco.

Todos rimos, e então Mercedes, depois de trocar um olhar com Zoé, diz:

– Não te preocupes, querida. Como membro do Comando Chuminero, prometo que, juntamente com a tia Amara, garantirei que a tua mãe não fique entediada, nem hoje nem nunca.

– Isso sim! – brinco, batendo com o meu churro no dela.

– Nem penses em dizer asneiras em frente à miúda! – sussurra Leo, olhando para nós com ceticismo.

Zoé sorri. Todos o fazemos, e então a minha filha diz:

– Na vida todos os seres humanos têm direito a alguém especial, e eu só quero que a mãe encontre o dela.

– Eu já te tenho a ti...

– Mãe!

Ver a sua expressão faz-me sorrir; a minha felicidade é importante para ela, assim como a dela é para mim. Determinada a deixá-la ir tranquila, eu afirmo:

– Se todos temos direito a alguém especial, não te preocupes, *ratinha*, porque, mais cedo ou mais tarde, vou encontrar esse alguém.

Zoé sorri.

Assim que terminamos o pequeno-almoço, vestimo-nos, enfiamos as malas no carro de Leo e vamos para Aluche, para que ela se despeça dos avós antes de seguirmos para o aeroporto. É hora de ela levantar voo.

Capítulo 4

Choro como uma madalena arrependida.

Sou fria e mandona quando quero, mas tudo o que tem a ver com Zoé amolece-me a níveis impensáveis, e acho que estou cada dia mais parecida com a minha mãe. Será coisa da idade?

O facto é que a minha menina acabou de partir para Nova Iorque. Não sei quanto tempo vai passar até voltar a vê-la, e sinto que o meu coração foi arrancado do peito.

Como vou viver sem a minha Zoé?

Estou a tomar café com os meus dois amigos na cafetaria do aeroporto, quando Leo murmura, enquanto eu empapo outro lenço de papel:

– Amo-te...

– Eu sei. Eu também te amo – digo, convicta.

Vejo que Leo e Mercedes se olham e, depois, ele insiste:

– Vamos, tontinha. Ela está bem e feliz.

– Mas foi embora...

– É a lei da vida, querida – afirma Mercedes.

Assinto. Isso é o que digo a mim mesma.

– É a minha menina...

– E a tua menina cresceu. Ensinaste-a a ser independente e ela quer viver a sua vida – explica Merche.

Assinto novamente. Tem toda a razão. Então, para me fazer rir, propõe:

– O que achas se o Comando Chuminero for tomar um copo logo à noite?

Enviamos uma mensagenzinha à Amara para que se junte a nós.

Eu sorrio. Sei que qualquer um dos três faria isso e mil outras coisas por mim, mas respondo:

– Mercedes, esta noite tens um encontro com a Dalila, e tu... – digo, olhando para Leo –, os teus sogros vão jantar a tua casa. E, com certeza, a Amara está de serviço no hospital.

Os meus amigos acenam com a cabeça e entreolham-se.

– Antes da Dalila estás tu – declara Mercedes.

– Os meus sogros podem vir jantar noutra noite – diz Leo.

Choro ainda mais quando ouço isso. Sentir o carinho e o amor incondicional dos meus amigos nestes momentos é, para mim, um dos grandes pilares da minha vida.

– «No mau. No bom. E no melhor» – acrescenta Leo com cumplicidade.

Emocionadas, Mercedes e eu assentimos. «No mau. No bom. E no melhor» é uma frase que os três, e também Amara, tatuámos na pele, única e exclusivamente *por e para* nós.

– Só tens de dizer o que precisas – insiste Leo. – Para irmos os quatro outra vez beber uns copos contigo por Madrid.

Choro e choro. Não consigo parar.

– Por acaso achavas que a Zoé ficaria contigo para sempre? – pergunta Leo.

Abano a cabeça. Eu sei que a vida não funciona assim.

– Mas... – murmuro.

– Deixa-te de *mas*! – interrompe-me Mercedes. – A Zoé tem vinte e três anos, é uma mulherzinha independente e quer começar a viver a sua vida.

– Eu sei...

– A Zoé está bem – insiste. – É feliz. És a mãe dela para o resto da vida e, quando ela precisar de ti, não duvides que te vai procurar. Mas, agora, tu, Verónica Jiménez Johnson, vais prosseguir com a tua vida que, pela primeira vez, é cem por cento tua, e vais aproveitá-la como se não houvesse amanhã. Entendido?!

Assinto. Eu sei que deve ser assim. Zoé tinha de voar do ninho, como eu fiz no passado. E, quando vou responder, Leo diz:

– De agora em diante, espero que te dês a oportunidade de conhecer homens. Não putos!

– Não comeces! – repreende-o Mercedes.

Leo bufa.

– Acho que a Vero tem de dar uma oportunidade ao amor, pelo menos uma vez! E...

– Na minha opinião – interrompe-o Mercedes –, a Vero tem de desfrutar o que lhe apetece, com ou sem amor. E se ela desfrutar sem amor, onde está o mal?

– Com amor, cumplicidade e sentimento tudo fica melhor, sem dúvida – insiste Leo, que é um romântico.

Mercedes e Leo começam a conversar sobre o assunto. Como sempre, para cada um deles, em muitos aspetos, o conceito de vida, e sobretudo de amor, não tem nada que ver.

– OK, malta. OK – intervenho, depois de ganhar fôlego.

Os meus amigos calam-se. Entreolham-se com cumplicidade.

– Ouve, Vero, falo a sério – diz Leo. – Dá uma oportunidade a ti mesma para que nunca te arrependas, acredita em mim! Nem todos os homens são como o idiota do italiano!

– Certo! – digo para o fazer calar-se.

Leo sorri. Mercedes também, e Leo pega na minha mão.

– És a gaja mais incrível que conheço – sussurra ele. – Estás sempre lá para todos. Ajudaste os teus pais a prosperar nos negócios.

– É o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que fizeram por mim.

Os meus amigos acenam com a cabeça e Leo continua:

– Criaste e cuidaste da Zoé, transformando-a numa jovem independente e feliz.

– Ela é minha filha. Como poderia não o fazer? – respondo.

– Ajudaste-me a mim e à Amara – continua Leo –, numa infinidade de situações. Tantas que já perdi a conta e...

– E a mim – interrompe-o Mercedes –, amparaste-me, apoiaste-me, acolheste-me e procuraste trabalho quando me vi desempregada e desesperada. Isso sem contar as vezes que aguentaste o meu choro quando uma namorada me deixava.

– Nem me fales, ainda me lembro do que arranjaste da última vez com a Dalila – troça Leo.

Os meus amigos olham-se novamente com cumplicidade, e depois Mercedes insiste, virando-se para mim:

– Não achas que agora cabe a nós cuidar um pouquinho de ti?

Suspiro. Tudo o que fiz saiu da minha alma, mas quando estou prestes a responder, Leo acrescenta:

– Vero, agora pensa em ti. Só em ti. Realiza sonhos. Tu mereces.

Suspiro. A minha vida sem os meus pais, a minha filha e o meu Comando Chuminero não seria nada e, como sou sentimental, continuo a chorar como se não houvesse amanhã. Como eu disse, vou inundar o terminal.

Após algum tempo, o choro finalmente cessa, e eu descontraindo e começo a sorrir.

– Quando é que a Zoé e o namorado vão para a Antártida? – pergunta a Mercedes a certa altura.

– Dentro de uma semana – respondo, guardando os lenços de papel. – Quando se instalarem no apartamento de Michael e deixarem o seu cão com os pais dele.

Os meus amigos acenam novamente.

– Como se chama a base da Antártida para onde vão? – pergunta Mercedes.

– McMurdo – respondo.

Vejo, imediatamente, que está a digitar no seu telemóvel. Outra que, como eu, pesquisa no Google informações sobre o local.

– Se apanharmos um voo direto Madrid–Antártida, demoramos cerca de dezasseis horas a chegar lá – diz ela.

– Que esticção!

– Outra opção é ir para Sydney ou Nova Zelândia e de lá para a Antártida. Embora chegar a essa base não seja fácil, pelo que vejo.

Eu sorrio. Por mais durona que seja comigo, Mercedes já está à procura da melhor forma de ir ver a nossa menina.

– Pelo amor de Deus... ela vai para o cu de Judas! – exclama ela em seguida.

– Literalmente – diz Leo.

Suspiro. Sei porque diz isso. Eu mesma fiquei horrorizada quando vi para onde ela ia, e quando vou responder o meu telemóvel toca. É Marco, um dos meus amigos especiais, que conheci numa noite em que fui a uma festa com as raparigas. Enxugo as lágrimas e cumprimento-o.

– Olá, Marco!

Cinco minutos depois, após conversar com ele sobre o que precisamos para mais logo, desligo.

– Marco é o bonitão? – pergunta Mercedes.

Concordo com a cabeça e ela insiste:

– Se eu não gostasse tanto de mulheres, ele marchava.

– Por favor! Não comecem – murmura Leo.

Ao contrário de Mercedes, de Amara e de mim, o Leo é muito pudico no que toca ao sexo, embora com dois copos em cima, meu Deus, o que lhe sai da boquinha! Vou falar, mas Mercedes, precipitando-se para a frente, sussurra:

– Ontem comprei um sugador de clítoris igual ao que ele te deu. A propósito, é o máximo!

Ambas rimos. Falar sobre sexo é normal entre nós, mas Leo olha para mim e pergunta:

– Ele deu-te um... um... isso?

– Sugador, Leo – troça Mercedes. – Chama-se «sugador de clítoris».

O nosso amigo ruboriza. Coitadinho, aquilo por que às vezes o fazemos passar. Ele olha em volta para ver se alguém está a ouvir e sussurra:

– Queres baixar o tom de voz?

Mercedes e eu entreolhamo-nos a morrer de rir.

– O Marco é representante de brinquedos eróticos – esclareço. – Sempre que nos encontramos, ele oferece-me um. E o último foi um poderoso e incrível sugador de clítoris que...

– Fala mais baixo! – insiste Leo.

Mercedes e eu rimos.

– A filha da mãe tem a porra de um arsenal na mesinha de cabeceira, com tantos presentes – diz ela.

– O quê?! – sussurra Leo, incrédulo.

Às vezes, não lhe falamos de certas coisas para ele não ficar incomodado, mas já que ficou a saber desta, eu acrescento, depois de tirar a franja do rosto:

– O último presente que me deu é, sem dúvida, um dos melhores que já recebi na vida.

Leo revira os olhos. Chocamo-lo sempre com a nossa sinceridade quando o assunto é sexo e, divertidas, Mercedes e eu continuamos a conversar sobre isso com naturalidade. Adoramos provocá-lo com este tipo de coisas, e Leo, que no fundo é um curioso, pergunta:

– A sério, esse tipo dá-te isso?

– Sim.

– E não te importas?

Divertida, rio-me.

– Não, querido. Eu adoro!

Ele pisca os olhos, processa o que acabou de ouvir e diz:

– Se, como namorado da Pili, me passasse pela cabeça dar-lhe dar uma coisa dessas, ela acertava-me com ele na cabeça.

– Ou não – troça Mercedes.

Leo olha para ela. Depois, olha para mim e eu ressalvo:

– Eu não sou a Pili, nem o Marco é meu namorado.

– Bem, os tempos mudaram. Eu fiquei na época em que se ofereciam flores.

Isso faz-nos rir às gargalhadas. E, consciente da realidade em que vivemos, porque assim o decidimos, olho para Leo.

– Eu e o Marco somos amigos com benefícios – saliento. – E se ele me oferece alguma coisa, prefiro que seja um brinquedo erótico do que flores. As flores são algo demasiado íntimo.

– E o sugador não é íntimo? – pergunta ele, surpreso.

Ver a expressão dele é divertido. A filosofia de vida dele e a minha, quando se trata de sexo, não têm nada a ver.

– Quando digo que é íntimo, refiro-me a outro tipo de intimidade – esclareço. – Não quero que o Marco me bajule com flores, porque dele eu

quero, única e exclusivamente, sexo, sexo e sexo. O mesmo que ele quer de mim.

Leo olha para mim. O seu lado romântico não o deixa entender por que motivo sou tão fria quando se trata deste tema. Além disso, nunca lhe disse que, às vezes, realizo fantasias porque sei que ele ficaria escandalizado.

– Esta noite vou encontrar-me com ele no hotel de sempre, onde simplesmente desfrutaremos do prazer do sexo durante três horinhas – acrescento.

– Que frieza! – murmura Leo.

– Frieza ou não, é isso que eu quero – declaro, convicta.

– Tenho a certeza de que ele te vai levar outro presentinho – goza Mercedes, e eu sorrio.

Ela também entende o que digo. A vida dela, embora só goste de mulheres, é mais parecida com a minha.

– Pelo que vejo – diz ela –, tu e eu vamos divertir-nos esta noite. E este – diz, apontando para Leo – vai estar com os sogros!

Ao ouvi-la, eu aceno. Sei que esta noite ela tem o seu encontro com Dalila.

– O mundo está virado do avesso! – exclama Leo. – Convosco, minhas loucas *chumineras*, vejo o mundo ao contrário.

Divertidos, rimos os três e, de repente, o meu telemóvel toca novamente. Número desconhecido. Desta vez não vou ignorá-lo como fiz ontem e, mudando de tom para um mais profundo, respondo:

– Sim.

– Verónica Jiménez? – pergunta a voz de um homem.

– Sim, sou eu.

Após uma pausa, ele prossegue num tom doce:

– Bom dia. Sou Liam Acosta, diretor das Caves Verode, na ilha de Tenerife.

– Bom dia, Sr. Acosta.

– Entrei em contacto consigo há meses, mas disse-me que não poderia atender-me por falta de tempo, e que eu deveria ligar-lhe mais adiante para tentar agendar uma reunião em Madrid ou em Tenerife.

Ouvindo isso, assinto. Lembro-me de que adiei este assunto há já algum tempo para poder passar mais tempo com Zoé antes que ela fosse embora. Mas ela já se foi.

– Sim, Sr. Acosta – afirmo. – Recordo-me. Diga.

Por alguns momentos conversamos sobre trabalho e, por fim, ele enfatiza:

– Claro que, se vier a Tenerife ao nosso encontro, assumiremos todas as despesas.

Tenerife! A ideia agrada-me.

– Dê-me um segundo, por favor, enquanto verifico a minha agenda – peço.

Sob o olhar atento dos meus amigos, tiro a agenda da carteira e, após consultá-la, informo-o, com profissionalismo:

– Sr. Acosta, eu poderia ir a Tenerife na quarta-feira, dia 17, dentro de uma semana. Parece-lhe bem?

– Claro! – responde ele imediatamente.

Em seguida, anoto na minha agenda e, após pedir algumas informações sobre a sua vinícola e indicar o meu *e-mail*, ele comenta:

– Vou enviar-lhe o que solicitou.

– Combinado – declaro.

– Enviar-lhe-ei também os horários dos voos Madrid–Tenerife para que me diga qual deseja que reservemos para si. Algum hotel em especial?

Sorrio quando ouço isso. Regra geral, costumo hospedar-me em hotéis muito bons, e respondo rapidamente:

– Deixo isso ao seu critério. Duvido que me instalem num hotel que não atenda às minhas expetativas.

– Perfeito! – Ouço-o dizer.

E, depois de me despedir, desligo o telemóvel e digo aos amigos:

– No dia 17, voo para Tenerife.

– Morro de inveja! – garante Mercedes.

– Leva-me na tua mala – troça Leo.

Sorrio e, depois de olhar para a minha agenda e ver que não tenho nada para essa semana, anuncio:

– E, já que vou, talvez fique alguns dias e me encontre com o Jonay.

– Que tipo fixe, o Jonay – declara Leo.

Assinto. É mesmo!

Jonay é um canarino que viveu algum tempo em Madrid por motivos laborais e que, devido às circunstâncias da vida, se inscreveu na mesma escola de dança que eu e Amara frequentávamos. Ele foi meu parceiro de dança durante anos, até que o amor pelo namorado o fez regressar a Tenerife.

Todos sorrimos e, então, Mercedes, olhando para a minha agenda, pergunta:

– Quando partes para a grande viagem?

Rio-me e olho para a anotação que ela aponta.

– Dentro de quinze dias.

Os meus amigos acenam com a cabeça, riem.

– Prometi ao Sr. Javier Ruipérez que, assim que a Zoé fosse, faria a viagem com ele para conhecer os seus vinhedos e, dentro de quinze dias, embarcaremos num avião para o Texas, onde ficaremos quatro dias, e depois voaremos para a Argentina, a África do Sul, a Austrália e a China – relato.

Os rostos dos meus amigos são de pura inveja; eles ficam impressionados com as regalias do meu trabalho.

– A parte má é viajar com ele – digo para fazê-los sorrir. – A parte boa é que vou visitar países que ainda não conheço e, se tiver tempo, irei a certos sítios e...

– Verónica Jiménez Johnson – interrompe-me Leo. – Quando vais ganhar juízo?

Sem conseguir evitar, eu suspiro. Sou uma daquelas que há anos desfruta da liberdade sexual do mundo *swinger*, algo que horroriza Leo.

– Não olhes para mim com essa cara, Leo Morales – sussurro. – Tu desfrutas da tua sexualidade com a Pili à tua maneira e eu à minha. Além disso, só provei homens europeus e, como vou visitar outros continentes, imagina o mundo de luxúria e perversão que se abre diante de mim!

Mercedes começa a rir e a dizer parvoíces das suas, enquanto Leo olha para nós e pergunta com a sua particular seriedade:

– A sério?

Assinto. Se algo está claro para mim é que gosto de aproveitar a minha sexualidade ao máximo e, seguindo as graçolas de Mercedes, sussurro:

– Viva a *colonização*!

Leo fica horrorizado. Ainda não superou que eu goste de viver no mundo *swinger*, e quando vai protestar, levanto-me e digo, vendo as horas no telemóvel:

– Como bem sabem, eu amo-vos muito, mas tenho uma reunião no meu escritório daqui a duas horas e tenho de ir.

Os meus amigos levantam-se, e Leo, ignorando aquilo sobre o que conversamos, pois, no fundo, isso de *colonizar* outros continentes o incomoda, pergunta:

– Estás melhor?

Sem hesitar, eu aceno. Zoé está bem, isso é o importante.

– E esta noite estará melhor quando Marco lhe tirar as cuecas – murmura Mercedes, divertida.

– Meu Deus, queres parar?! – rosna Leo.

Mercedes e eu rimos às gargalhadas enquanto seguimos para o estacionamento para ir buscar o carro.

– Assim nunca encontrarás aquela pessoa especial que prometeste à Zoé – diz Leo.

Respirando fundo, assinto. Tem toda a razão do mundo. Mas, pronta para seguir a minha vida, mesmo sentindo saudades da minha filha, sussurro:

– E quem te disse que eu quero encontrar esse alguém especial?

Capítulo 5

Vestindo o meu conjunto de roupa interior vermelha e as minhas botas pretas de cano alto, chego ao hotel onde combinei com Marco para simplesmente desfrutar de sexo. Depois de pedir a chave ao balcão, sigo em direção ao quarto.

Segura de mim mesma, vou para o elevador. Uma vez lá dentro, carrego no botão do sétimo andar e vejo-me ao espelho. Com pose sedutora, ajeito o cabelo, delinheio os lábios e, assim que termino, as portas do elevador abrem e vou até ao quarto 706.

Ao entrar, ouço uma musiquinha tranquila e vejo, num dos lados, um balde de gelo com uma garrafa de champanhe aberta. Depois, ouço água corrente na casa de banho e imagino que Marco está a tomar banho.

Deixando a minha bolsa numa cadeira, pego numa das taças e sirvo-me de champanhe. Bebo um gole. Humm, que delícia! E, sentada na cama, sorrio.

Sei que estar neste quarto com Marco vai ser um tempo bem passado. Eu e ele entendemo-nos perfeitamente quando se trata de sexo. Após tirar o vestido, volto para a cama e, sentada bem no centro, encosto as costas na cabeceira. Com a taça de champanhe na mão, bebo com calma e, após desligar a música que está a tocar, pego no meu telemóvel, procuro a minha lista do Spotify e *Womanizer*, de Britney Spears, começa a tocar. Nada a ver com o que soava há instantes.

Momentos depois, ouço a água do chuveiro ser desligada. A mudança na música fez Marco saber que eu tinha chegado e, segundos depois, ele aparece diante de mim, molhado e nu.

Mãezinha... mãezinha... É um Adónis!

Com este não vou dançar ao luar, mas dá para perceber que, em breve, me vou divertir a valer.

Sorrindo, ele aproxima-se de mim, beija a mandala tatuada no meu ombro e pergunta:

– Como correu o teu dia?

– Mais um – respondo sem querer pensar.

Recebi uma chamada de Zoé. O voo direto para Nova Iorque foi de sete horas, e já está lá com Michael. Sinto falta dela, mas fico feliz por vê-la feliz. Acima de tudo, desejo a sua felicidade.

Marco mostra-me imediatamente uma caixa comprida.

– Recebemos hoje – diz, estendendo-a.

Abro com um sorriso e, ao retirar o brinquedinho preto, Marco acrescenta com tom provocador:

– É um poderoso vibrador suave e sedoso de silicone. A cabeça é flexível e tem dez níveis de intensidade.

Encantada, olho para o novo brinquedinho que Marco me dá; é bem recebido e ele coloca-o no balde junto com o champanhe.

– Eu pensei que poderias gostar – sussurra.

Sem hesitar, eu aceno. Vou adorar. Dou-lhe um beijo mais do que caloroso na boca e, ao separarmo-nos, afirmo:

– Vais ver por ti mesmo se eu gosto ou não.

Sorrimos. Quão bem nos entendemos. Depois, ele abre um preservativo. Coloca-o em décimos de segundo e eu, olhando para o vibrador no balde de gelo, penso que o jogo começou!

Sem dizer nada, Marco serve-se de uma taça de champanhe, volta a encher a minha e eu, depois de beber, pergunto com voz sensual:

– Vamos divertir-nos, *baby*?

Ele sorri.

Por um momento, olhamos nos olhos um do outro sem falar, enquanto vejo a sua excitação maravilhosa, e, abrindo as minhas pernas com provocação e luxúria, dou-lhe uma boa vista.

– Tira as minhas cuecas – exijo.

Marco acena com a cabeça. Ele pousa a taça de champanhe, sobe para a cama, põe as mãos nos meus joelhos e beija-os. Primeiro uma perna e depois a outra, passa as mãos pela parte interna das minhas coxas até chegar às cuecas e, como eu pedi, tira-as.

Uf, que tesão!

Enquanto as cuecas voam pelo ar, *Run Run Run*, de Jill Scott, começa a tocar. Marco beija os meus tornozelos; primeiro um, depois o outro. Observo enquanto a sua língua sobe lentamente pela perna e chega ao meu joelho.

– Sobe e estreia o presente – digo-lhe num sussurro.

Como esperado, ele obedece à minha ordem. Marco continua na parte interna da minha coxa direita enquanto eu aprecio vê-lo subir e subir até que a sua boca quente chega à minha vagina molhada.

Sentir a boca de Marco no centro do meu desejo faz-me suspirar. Como sempre, ele fala do sinal que tenho ao lado do meu clítoris. Adora-o. A partir deste instante sei que fará o que lhe pedi e, gozando, fecho os olhos e sorrio.

O calor que Marco faz subir por todo o meu corpo é incrivelmente excêntrico. Sinto a sua língua entrar e sair de mim, e concentro-me no meu clítoris. Oh, sim!

Um zumbido suave começa a soar. Sem abrir os olhos sei que é o brinquedo, e quando percebo uma vibração nas coxas sinto que estou a desmoronar. Logo depois, essa mesma vibração percorre a minha vagina e, quando para no meu clítoris, eu aproveito. Oh, sim! Oh, sim! Excelente presente!

Satisfeita, entrego-me ao prazer do momento e depois percebo que a vibração aumenta de intensidade. Uf!

A boca de Marco continua a morder suavemente a parte interna das minhas coxas enquanto o brinquedo se move pela minha vagina, e, de repente, a intensidade dispara. Isso faz-me gritar de prazer e, abrindo os olhos, olho para Marco e murmuro:

– Adoro.

Ele sorri com tesão.

– Não pares! – exijo.

E Marco não para. Ele usa o brinquedinho na minha vagina, no meu clítoris, nas minhas coxas, e eu suspiro e contorço-me de prazer diante deste homem que me dá presentes tão maravilhosos.

Não sei há quanto tempo estamos assim, só sei que gozo e gozo e gozo, até que a minha impaciência me domina e, sentando-me, deito-o na cama, o brinquedo cai para o lado, sento-me em cima dele e, pegando no seu pénis duro nas minhas mãos, ponho-o onde quero e, buscando o meu próprio prazer depois do que o meu novo brinquedo me provocou, deixo-me cair em cima dele.

Marco e eu suspiramos; o que acabei de fazer excita-nos muito. Agarrada ao seu pescoço, movo as minhas ancas ferozmente ao ritmo da música que está a tocar e não paro até que um grito de prazer sai da minha boca e, segundos depois, da dele.

Por mais de duas horas desfrutamos de sexo sem tabus para nenhum de nós. Descansamos, conversamos, fodemos até o alarme do meu telemóvel tocar e nós sabermos que temos meia hora para tomarmos banho e irmos embora. O quarto foi alugado por apenas três horas.

Como noutras ocasiões, assim que saímos do hotel, Marco e eu vamos lanchar e, depois, beber uns copos num local *swinger*. Desfrutamos das nossas fantasias por mais algumas horas e, depois, despedimo-nos até à próxima vez.

Capítulo 6

Estou no aeroporto de Tenerife Norte, à espera de que a minha mala saia.

Enquanto espero, ligo aos meus pais. Sei que eles precisam desta chamada para se acalmarem, principalmente a minha mãe. E, assim que falo com eles e informo que está tudo bem, escrevo ao grupo Comando Chuminero para que também saibam que cheguei.

Depois de os avisar de que já estou em Tenerife, ponho os auscultadores para ouvir música enquanto espero, e começa a tocar *Get the Party Started*, de Pink, uma das minhas cantoras preferidas.

Esforço-me para não começar a dançar aqui mesmo, olho em volta e sento-me. Todos esperamos, impacientemente, que as nossas bagagens saiam, embora, por algumas caretas que vejo, alguns mais do que outros.

Gosto de observar as pessoas e interpretar as suas expressões e posturas. Às vezes, diz muito sobre os outros.

À minha direita está uma mulher, mais ou menos da minha idade, grávida, a falar ao telemóvel e a sorrir. E à minha esquerda está a família que viajou perto de mim no avião de Madrid. Pai, mãe e três filhos. O pai olha, impacientemente, para o tapete rolante enquanto espera pelas malas. A sua expressão é tensa e, pela forma como bufa, mal pode esperar para sair daqui. Pelo contrário, a mãe, apesar de cuidar de Óscar, Rubén e Toño, parece tranquila. Eles têm cinco anos e são trigémeos. Como é que sei? Fácil! No avião, a senhora que estava sentada à minha frente interessou-se pelas crianças e a mãe, perante a expressão séria do pai, respondeu com simpatia. E, agora, aqui estão os três diabinhos, a correr e a empurrarem-se como criaturas selvagens, enquanto o pai os fulmina com o olhar e a mãe os observa calmamente.

Que ricas férias esperam por eles!

Ao seu lado está um casal muito apaixonado que não para de dar beijos e amassos. Aposto que estão no início da relação ou que são recém-casados, pela forma como se olham e dão as mãos. Sorrio quando ele, puxando-a para mais perto do seu corpo, lhe dá uma palmada provocante no traseiro e ela, atordoada, o repreende sem grande convicção. Que fofos!

Olho para a esquerda. Vejo vários casais alemães. Pela brancura de todos eles, dá para perceber que acabaram de chegar à ilha e, olhando para um dos homens, tenho de rir. Como é possível que esteja a usar uma camisa com flores vermelhas e verdes, corsários azuis, meias às riscas, chapéu de palha e chinelos beges? A sério?

Olho para ele, divertida, e tiro-lhe uma foto às escondidas. Isto tem de ser visto pelo Comando Chuminero. Envio para o grupo e, como esperado, o que leio dos meus amigos faz-me sorrir ainda mais. O que não damos por um bom mexerico!

Recebo uma mensagem. É de Jonay. Quer saber se já estou na ilha e quando nos veremos. Aviso-o de que acabei de chegar e que, assim que puder, irei ao seu encontro. Sem dúvida, ele está tão animado por me ver quanto eu por vê-lo.

Um *bip* avisa-me de que o tapete rolante começa a mover-se e, depois de me levantar, aproximo-me dele. Por ter um bilhete *priority*, sei que a minha bagagem sairá primeiro e, sim!, ali está minha mala.

Sim, sim, «mala» porque, depois de receber a informação do hotel em que vou ficar, aliás, um maravilhoso cinco estrelas de grande luxo, contactei o estabelecimento e estendi a reserva, por minha conta. Acho que alguns dias para desligar e de descanso serão ótimos para mim.

A minha intenção é fazer a reunião amanhã e, depois disso, esquecer o trabalho e curtir a ilha como uma rainha.

Assim que tenho a minha mala comigo, sigo em direção à saída. Liam Acosta disse-me, por *e-mail*, que me apanharia e me levaria ao hotel, uma deferência que aprecio.

Assim que saio pela porta, vejo um homem alto, impecavelmente vestido e de óculos de sol, a segurar uma placa que diz VERÓNICA JIMÉNEZ. Olho

para ele embevecida. Que giro! Alto, atraente, interessante. No entanto, tenho três regras na minha vida. A primeira, nada de casados. A segunda, nunca misturo trabalho com engate, e a terceira, não mais de trinta anos, e este já os ultrapassa. Ele sorri. Eu sorrio. E, aproximando-nos, estendo a mão profissionalmente e pergunto:

– Sr. Acosta?

Ele acena com a cabeça, agarra na minha mão e, depois de a apertar, diz:

– É um prazer, menina Jiménez. Mas se me chamar apenas Liam, ficarei grato.

– Verónica – digo, a sorrir.

Ambos acenamos com a cabeça. Acabámos de deixar claro que, quanto a *formalismos*, usamos apenas os necessários.

– Verónica – diz ele em seguida –, tenho o carro no estacionamento.

Lado a lado, caminhamos até lá e, por cortesia, ele pergunta-me como correu a minha viagem.

Quando chegamos ao carro, um SUV grená, e nos sentamos, ele tira os óculos de sol e, vendo os seus olhos, comento com naturalidade:

– Já lhe terão dito muitas vezes que tem uns olhos impressionantes.

Liam sorri. É claro que já ouviu isso muitas vezes e, apontando para o olho direito, diz:

– Heterocromia parcial. A minha íris é metade azul e metade castanha; herdei do meu pai.

Olhamo-nos sorridentes e, assim que coloca novamente os óculos, liga o motor do carro e saímos do aeroporto. Adoro o seu sotaque, embora não seja muito pronunciado. Sempre achei o sotaque das Canárias muito sensual.

Como eu tinha imaginado, o trajeto até ao hotel é agradável e prazeroso. Liam e eu conversamos normalmente sobre o clima, a ilha, as praias, e ele fica surpreso quando lhe digo que ficarei na ilha mais tempo do que ele supunha. Aliás, percebo que gostou da ideia.

Quando chegamos ao hotel e ele tira a minha mala do carro, vamos fazer o *check-in*. A rececionista, ao ver Liam, fica muito nervosa. É claro que a presença dele, tão bonito e impecavelmente vestido, a impressionou. Ele

avisa-me de que, se eu quiser jantar com ele ou com os seus sócios naquela noite, terá todo o prazer em organizá-lo. Rapidamente, declino essa possibilidade e ele não insiste. Eu agradeço.

Momentos depois, despedimo-nos. Combinámos no dia seguinte às dez da manhã para visitar as adegas e, depois, encontrarmo-nos nos escritórios dos vinhedos de Tacoronte.

Ele sai e, enquanto espero o elevador, observo discretamente enquanto se afasta. O seu andar é firme e convicto. Não há dúvida de que é um homem seguro de si, e isso é sempre bom para os negócios. Estou a pensar nisso quando chega o elevador e, encantada, entro nele.

Depois de chegar ao meu andar e ir para o meu quarto, entro, fecho a porta, largo a mala e vou direta para o terraço. Ao abrir as portas, sorrio. Como solicitei quando falei com o hotel, tenho vista para o mar. E isso, para uma madrilena como eu, é maravilhoso!

Logo em seguida, acendo um cigarro e, nesse exato momento, recebo uma mensagem no telemóvel. Olhando para ela e vendo que é de Zoé, abro e sorrio para uma foto dela e de Michael no aeroporto de Nova Iorque. Vão para a Nova Zelândia e, de lá, para a Antártida.

Feliz pela cara de satisfação da minha filha, e pela aventura que sei que isso significa para ela, envio-lhe uma mensagem desejando uma boa viagem e dizendo-lhe quanto a amo. Ah, e claro, que não se esqueça de, assim que chegar ao seu destino, me ligar ou mandar mensagem. Dito isto, a cada dia me pareço mais com a minha mãe.

Sorrindo, guardo o telemóvel e continuo a fumar enquanto olho para a paisagem maravilhosa diante de mim. Um dos meus sonhos é morar perto do mar. Acho que vê-lo todos os dias é um daqueles luxos que nem todos podem pagar. E eu, morando em Madrid, muito menos. Por isso, pensei que, quando for velhinha, vou morar junto à praia.

Terminando o cigarro, decido desfazer a mala, tomar um banho e ir comer alguma coisa. Quero regressar quanto antes ao quarto para ver os relatórios da empresa com a qual tenho reunião no dia seguinte.

Depois do duche, que me fez maravilhosamente bem, desembaraço o cabelo e deixo secar ao ar, olho para o roupeiro e decido colocar um vestido

que chega até aos tornozelos. Depois calço umas sandálias lindas com saltos de parar o coração que Zoé me ofereceu no meu aniversário e, de repente, ouço uma música que vem do terraço.

Assim que termino de apertar as sandálias, saio e, quando olho para baixo, como o hotel tem forma de pirâmide, vejo os meus vizinhos do andar de baixo a dançar docemente no seu terraço e descubro que é a grávida que vi no aeroporto!

Garantindo que não sou vista, observo como ela e aquele que considero o seu companheiro se beijam; e quando se separam eu sorrio. Esta é das minhas! Aquele que a beija é jovem, muito mais jovem do que os tipos com quem costumo sair, e quase solto um «ohhhh!» quando o rapaz, que não deve ter mais de vinte e cinco anos, se baixa e lhe dá um beijo carinhoso na barriga.

A sério que é ele o pai?

Comovida, vejo como ela sorri, enquanto ele parece falar com a barriga e, inevitavelmente, sorrio. Como deve ser linda a maternidade quando é vivida com um parceiro!

Quando eu estava grávida, ninguém me dava beijos na barriga, e menos ainda eu olhava para alguém com o amor com que ela olha para o rapaz.

Surpresa, e sem me mover, observo o que eles fazem. As suas expressões, os seus movimentos e os seus beijos fazem-me saber que estão felizes. Então, começa a soar uma insuportável canção romântica: *All I Ask*, de Adele. Conheço a intérprete e a música porque a minha filha adora, e embora eu evite ouvir esse tipo de música porque me dá náuseas, consigo entender que, para quem acredita no amor, seja algo essencial.

Sentindo-me uma velha alcoviteira, observo como uma verdadeira tonta como o casal apaixonado se apalpa. A sua cumplicidade é tangível. O desejo que sentem aquece-me e eu, inadvertidamente, pergunto-me como seria ter essa conexão real com alguém. Depois do que aconteceu com o pai de Zoé, nunca mais tive. Nunca me dei a oportunidade de ter.

Porém, quando os seus beijos aumentam de intensidade e o romantismo da música começa a perfurar os meus ouvidos, entro no quarto, pego na

minha bolsa e saio para jantar. Dispensio ouvir as apalermadas palavras de amor da canção.

Capítulo 7

Depois de jantar no belo restaurante do hotel, onde me serviram um prato requintado a que chamam «*carne fiesta*», decido sair para percorrer o passeio marítimo antes de subir para o meu quarto e mergulhar nos relatórios, embora saiba que, com os meus saltos altos, não posso ir muito longe, pois têm tanto de bonitos quanto de demolidores.

Felizmente, há pequenas barracas de venda de adereços e eu observo-as com curiosidade. Adoro brincos de prata e, como sempre, compro uns para mim e outros para Zoé. Depois ofereço-lhos.

Encantada com a compra, de repente fico com sede e decido ir a uma loja, mas ao entrar ouço, nas colunas, uma certa canção romântica de Luis Miguel, por isso, dou meia volta e saio.

Dispensio música romântica!

Continuo a caminhar e acabo por me sentar numa pequena esplanada virada para o mar, onde não há música a tocar. Deixo que os meus pés descansem. A carta de vinhos deixa-me curiosa e, vendo o que têm das Caves Verode, que vou visitar no dia seguinte, peço um copo. Vamos testar a qualidade!

Enquanto me trazem o vinho, olho para as pessoas à minha volta e vejo uma mesa ao fundo onde estão vários rapazes. Dois deles chamam-me a atenção. São altos, atraentes, e penso, instintivamente, em como seria estar com os dois na cama.

OK, eu sei que parece frio pensar assim. Mas sou dona do meu corpo, da minha vida e do meu tempo, e só eu decido quando, como, onde e com quem.

A empregada, que é andaluza, traz-me rapidamente o vinho que pedi num bonito copo de vidro. Depois de ela se afastar, pego no copo e levo-o ao nariz para o cheirar. O aroma é agradável. Provo-o. Hum... nada mal.

Com satisfação, aproveito o momento. O mar, a tranquilidade, o copo de vinho... mas, de repente, algumas vozes um pouco mais altas do que deveriam chamam a minha atenção. À minha direita, a empregada que me atendeu tenta acalmar um homem.

Pelos gritos dele, sei que é o companheiro dela. Coitada, que mau gosto! Mas o meu desagrado redobra quando vejo que ele começa a passar dos limites, e ouço-a dizer:

– Solta-me!

Aquele grito faz-me olhar para eles novamente, e quando o vejo agarrá-la pelo pulso, o meu sangue ferve, sobretudo quando o ouço dizer:

– És minha mulher.

– Já não sou.

– Irene, não digas parvoíces.

– Estamos divorciados! – declara ela. – E agora vai. Estou no meu trabalho e não quero problemas.

Caramba, que cena! Divorciados e ele a chateá-la?

Tal como eu, outras pessoas que estão no local olham para eles, e então o tipo, que não podia ser mais troglodita, insiste:

– És minha mulher. Minha! E sempre serás, ouviste?

Beeeeemmm... Um machão! Não os suporto!

Colaboro há anos com uma associação de mulheres vítimas de violência que, infelizmente, tiveram como parceiros machões assim, e levanto-me quando ouço:

– Raúl...

– Nem Raúl nem o tanas! – protesta o tipo em voz alta. – Como é que saís de Córdova para Tenerife sem me consultar?

– Não tenho de te pedir autorização – insiste ela.

O troglodita toca na sua cabeça. Está nervoso. Isto não vai acabar bem.

– Quem é o cretino com quem chegaste hoje ao trabalho? – pergunta ele a seguir.

Estou indignada. O tom imperativo com que fala com ela está a deixar-me louca, sobretudo quando repete:

– Ainda és minha esposa, e o que diz naquele pedaço de papel que assinámos, é-me indiferente!

Como?!

A sério?!

Olha, olha, olha... Não aguento mais!

E, incapaz de me manter calada por mais tempo, aproximo-me deles.

– Desculpem – digo. – Sei que me estou a meter onde não devia, mas acho que, antes de mais, devia soltá-la e, depois, ter mais respeito por ela.

O tipo olha-me como quem vê um bicho que lhe dá asco e diz, torcendo-lhe o braço:

– Mete-te na tua vida.

– É o que estou a fazer – afirmo enfaticamente, dando-lhe um empurrão que faz com que finalmente a solte.

Bem, bem. Não sabe com quem se meteu. E, afastando-me dele, já que ele não me interessa, olho para a jovem, que mais envergonhada não podia estar.

– Precisa de ajuda? – pergunto.

A coitada olha-me com cara de quem não sabe o que dizer. Conheço a expressão. Infelizmente, já vi isso na associação demasiadas vezes.

– Olhe, eu não a conheço, mas sei que precisa de ajuda – insisto, sem conseguir calar-me.

Ela não responde. Está com medo. Então, chega um empregado e o troglodita grita:

– Tu, afasta-te da minha mulher!

Vejo que a jovem e o empregado se olham, e novamente o ex-marido declara:

– Irene, anda cá e vamos!

Mas não, não vou permitir isso. Ao meu lado, ela não se mexe. Se ela for com este troglodita, quem sabe o que lhe pode acontecer.

– Não a vou deixar ir com ele – repito, olhando para ela. – E não devia deixá-lo falar consigo ou tratá-la assim. Chame a polícia. Se quiser, eu ligo

e...

Assim que digo isso, o tipo em questão dá-me um empurrão e eu perco o equilíbrio por causa dos saltos altos. Por sorte, consigo ficar de pé e, puxando comigo a mulher, que está bloqueada, grito, mostrando o meu telemóvel:

– Vou ligar à polícia!

Isso não trava o tipo, que nos empurra contra a parede. Porra! Torci o meu pulso direito e, quando vou reunir toda a força que há em mim, vejo que alguém avança contra ele, o imobiliza no chão e me diz:

– Ligue à polícia. – E então, olhando para a empregada, acrescenta enfaticamente: – E você, denuncie. Não permita isto.

Concordo com a cabeça e, olhando para a jovem, cujos olhos estão cheios de lágrimas, insisto:

– Sou da mesma opinião. Denuncie-o. Não permita que isto se repita.

Abalada com o que aconteceu, ela acena com a cabeça e, sem demora, ligo à polícia. A comoção no bar é tremenda. A pobre rapariga chora. Dá explicações. Conta-me que saiu de Córdova para fugir dele quando se divorciou, mas que ele acaba sempre por encontrá-la. Ela está desesperada e eu tento acalmá-la enquanto ouço as vozes do troglodita e vejo que o outro indivíduo o mantém imobilizado no chão.

Felizmente, a polícia não demora a chegar e, depois de levar o tipo embora e conversar comigo e com outras pessoas, a rapariga, acompanhada por quem descubro ser o seu chefe, vai registar a queixa. Dou-lhes o meu telemóvel caso precisem de alguma coisa de mim.

Terminado o espetáculo, todos regressam aos seus lugares.

Vou à casa de banho e passo a mão por água.

Porra! Porra! Tenho uma reunião amanhã!

Felizmente, está apenas inchada e, sabendo que não vou morrer disto, volto para a minha mesa. Pego no copo de vinho e bebo um gole.

– Isto vai fazer-lhe bem.

Ao ouvir aquela voz, olho para cima e vejo o tipo que imobilizou o ex-marido de Irene. Durante alguns segundos, durante os quais não sei por que motivo a minha pele se arrepia, olhamo-nos. Alto, de cabelos grisalhos, pele

morena, imagino que do sol, olhos escuros, barba de três dias e atraente, muito atraente.

Ele entrega-me um pano com uma expressão séria e, vendo que eu ergo as sobancelhas, baixa-se para se aproximar de mim e diz:

– Dentro tem gelo; vai fazer bem ao inchaço da sua mão.

Uf, que bem que ele cheira.

Concordo com a cabeça e, depois de agarrar o que ele me entrega, ponho-o sobre a mão e respondo brevemente:

– Obrigada.

Segundos depois, ao ver que não lhe dou conversa, sai. E quando o faz, vejo-o afastar-se. Uf, que corpo este quarentão deve ter sob aquelas calças de ganga e aquela camisa preta. Costas largas. Pernas compridas... e olho para o traseiro dele. Que rabo jeitoso!

Vejo que chega ao bar e se senta, e eu paro de olhar para ele; e, sabendo que agora é ele que me olha, pego no copo de vinho e, sem tirar os olhos do belo mar, bebo e faço-me de desinteressada.

O meu telemóvel toca. Recebi uma mensagem. É Marco, para nos encontrarmos no dia seguinte. Com um sorriso, explico que estou a viajar e, depois de trocar várias mensagens com ele, despedimo-nos e fico de avisá-lo quando regressar a Madrid.

Assim que vejo as horas no telemóvel, decido voltar para o hotel. Levanto-me. Céus, que dor nos pés! Ansiando pela hora de tirar os saltos, vou para o balcão. Aqui, pago o copo de vinho e olho para o tipo que se preocupou comigo. Vendo que está a observar-me, decido cumprimentá-lo com um sorriso. Aproximo-me e pouso o pano molhado à frente dele, e, notando que ele não está a usar aliança e que todo o seu dedo tem o mesmo tom de bronzeado, digo:

– Muito obrigada pela sua preocupação.

– É o mínimo que podia fazer – responde.

Sorrio. O tipo tem uns olhos escuros impressionantes.

– Já vai? – pergunta ele a seguir.

Concordo com a cabeça e ele diz:

– Se ficar, convido-a para um bom copo de vinho. Melhor do que o que bebeu.

Isso diverte-me.

– E como sabe que será melhor? – questiono.

Por fim, o belo homem sorri e olha para o empregado.

– Porque o Julián me disse o que bebeu e não há dúvida de que será melhor – esclarece.

Olho para o tal Julián. O seu rosto bem-humorado diz tudo, e ainda mais quando acrescenta, com aquele sotaque canarino de que tanto gosto:

– Ele sabe do que fala, menina. Garanto-lhe.

Acho graça à convicção com que o diz, mas acho ainda mais graça ao sorriso do moreno. Mãezinha, mãezinha, que sorriso sensual o quarentão tem. E algo queima dentro de mim quando, pegando numa garrafa de vinho que o empregado lhe entrega, ele me mostra e diz:

– E se provarmos...?

OK. Estou tentada. Penso nisso e, por fim, sento-me no banco ao lado daquele estranho, já que os saltos estão a matar-me, olho para o relógio e digo com firmeza:

– Quinze minutos.

– Trinta – insiste ele.

Gosto da sua confiança, tão avassaladora quanto a minha.

– Quinze – digo, a sorrir. – Trinta se o vinho merecer.

Ele acena com a cabeça e, depois, levanta-se, aponta para uma mesa de frente para o mar e diz:

– Parece-lhe bem se o bebermos ali?

Sim, claro que me parece bem. Mas como sou muito mandona e gosto de escolher tudo, aponto para uma mesa diferente.

– É melhor aquela – respondo.

– Por algum motivo especial? – pergunta, divertido.

Encolho os ombros. A realidade é que é apenas para o contrariar.

– Gosto mais – respondo.

Ele acena com a cabeça e sorri. Levantamo-nos de onde estamos e, enquanto nos dirigimos para a mesa que escolhi, ele dá um passo à frente e,

cavalheirescamente, puxa uma cadeira para mim.

– Sente-se, por favor.

Satisfeita com a gentileza, sento-me. Os homens com quem costumo relacionar-me, apesar de serem amáveis, nunca têm este cavalheirismo, e eu sorrio. O bonitão senta-se à minha frente e, então, diz:

– Já agora, eu sou o Naím.

– Julia – minto descaradamente.

Julia? Porque é que eu disse «Julia»?

O bonitão, vulgo Naím, que até tem um nome bonito e sensual, olha-me com intensidade. Se acha que o seu olhar me vai vergar, não tem noção; não faz ideia de quem tem à sua frente. Então, Julián aproxima-se de nós e, depois de deixar dois preciosos copos, vai embora.

Ficamos em silêncio. Observo o *sexy* quarentão a abrir a garrafa, verter um pouco no seu copo e, depois, agitar o copo, cheirar e provar.

– Excelente – diz.

Divertida, observo enquanto ele põe vinho no meu copo e, assim que termina e torna a encher o seu, eu agarro-o, cheiro, sacudo e, depois de dar um golezinho, saboreio com calma e digo:

– Aroma apimentado e poderoso em mineralidade. Persistente e sedoso no palato. Tem uma excelente acidez e está muito bem equilibrado.

Pela sua expressão sei que o surpreendi e, depois de mais um gole, afirmo:

– Sem dúvida, este vinho merece os trinta minutos.

Ele sorri. Oh, meu Deus, que sorriso lindo ele tem.

– De férias na ilha? – pergunta, depois de beber um gole do seu copo.

Concordo com a cabeça, pouso o meu copo na mesa e volto a mentir.

– Sim.

Ele acena.

– Tenho a certeza de que se vai divertir aqui.

– Não tenho a menor dúvida – digo.

Nesse momento, chegam alguns ingleses e, olhando para mim, perguntam-me se a cadeira ao meu lado está livre. Rapidamente, respondo no meu inglês perfeito, e logo em seguida o meu acompanhante pergunta:

– De onde é?

– De Valladolid.

Mas porque é que estou constantemente a mentir?

Uma vez mais, ele acena com a cabeça.

– Bem, para alguém de Valladolid, o seu inglês é muito bom – ressalta.

Isso faz-me rir. Que grande mentirosa eu sou.

– A minha mãe é inglesa – respondo.

Vá, a minha primeira verdade!

O bonitão de cabelo grisalho acena com a cabeça uma vez mais e, quando vejo que vai perguntar algo mais, interrompo-o.

– Se não se importa, não me sinto à vontade com perguntas pessoais.

Ele sorri, com os olhos a estreitarem-se ao fazê-lo, e não volta a perguntar nada pessoal. Claro que, a partir desse momento, a conversa entre nós sobre tudo em geral fica muito fluida. Tanto que esqueço as horas que são.

Ele fala-me sobre lugares para visitar em Tenerife, como a Cueva del Viento, a lagoa El Porís em Arico ou San Cristóbal de la Laguna. Ouço-o encantada e, quando lhe pergunto sobre lugares especiais nas outras ilhas, fala sobre eles com verdadeira paixão, enquanto eu começo a sentir-me culpada por lhe ter mentido sobre algo tão simples quanto o meu nome.

O que ele diz, o que conta e a paixão com que o faz, motivam-me a escrever os nomes dos lugares que refere nas notas do meu telemóvel porque quero visitá-los. É claro que terei de voltar às ilhas mais vezes para poder ver tudo isso.

Durante a nossa conversa, ele é cauteloso. O que eu disse no início foi tomado literalmente. Cortamos as formalidades e passamos a tratar-nos por tu, mas ele não pede nem fornece informações pessoais. Eu gosto disso. Não sou de contar a minha vida à primeira pessoa que encontro.

Estamos a conversar concentrados quando Julián, o empregado, se aproxima e refere:

– Vou fechar.

Boquiaberta, olho para o relógio. São duas e vinte da manhã... A sério?

A minha cara deve ser tal que, ao olhar para Naím, ele diz, divertido:

– E seria apenas meia hora!

Começo a rir. A verdade é que passei um bom bocado com ele e, vendo a segunda garrafa de vinho na mesa, afirmo:

– Que fique claro que se estou aqui é pelo vinho, não por outra coisa.

Rimos os dois. Vejo que paga a Julián e, ao sair, quando me vou despedir dele, ele diz:

– Vamos, levo-te ao hotel no meu carro.

Abano a cabeça e digo confiante:

– Não é necessário.

Ele acena com a cabeça, compreensivo, mas responde:

– Sim, mas sou um cavalheiro e o meu pai ficaria aborrecido se soubesse que, depois de um serão tão agradável, não te acompanhei ao hotel para te deixar lá sã e salva.

Que fofo!

Mas, de repente, deixo escapar:

– Não vou dormir contigo. Não fazes o meu tipo.

Vejo que, uma vez mais, o que acabei de dizer o surpreende. Com o corpo que tem dá para perceber que faz o tipo de muitas outras.

– Só sugeri deixar-te no hotel.

Eu aceno e sorrio. Este julga que sou parva.

– E eu só disse que não fazes o meu tipo e que não vou dormir contigo – sussurro.

Vejo que Naím assente, sem tirar os olhos dos meus, e depois acrescenta:

– Algo me diz que gostas de controlar sempre a situação.

Ouvir isso faz-me rir e, sem comentar, digo:

– Não precisas de me levar porque o meu hotel é aquele.

Eu vejo-o olhar para onde aponto; não serão mais do que setecentos metros.

Ele põe as mãos nos bolsos e, vendo vários homens bêbados passarem ao nosso lado, responde:

– Se me permites, mesmo que eu não faça o teu tipo e não vás dormir comigo, eu acompanho-te.

As suas palavras e, principalmente, a sua expressão fazem-me rir. Mesmo que ele não admita, sei que a minha rejeição o magoa um pouquinho.

– OK. Acompanha-me – digo, depois de esclarecer as coisas.

Em passo lento, caminhamos pelo passeio marítimo enquanto continuamos a nossa conversa, ignorando a última coisa sobre a qual conversámos. Fazemos o percurso com calma. É perceptível que nenhum de nós tem pressa para que o momento acabe. E, quando chegamos à porta do meu hotel, paramos, e ele, apontando para a minha mão, pergunta:

– Está melhor?

Olho para o meu pulso. Ainda está um pouco inchado, mas respondo:

– Muito melhor.

Sorrimos. Olhamo-nos nos olhos e Naím, sem se aproximar de mim, acrescenta:

– Se quiseres, posso dar-te o meu número de telemóvel e...

– Não – interrompo-o.

Quando solto esse «não» o meu corpo parece querer rebelar-se. Acho que até me insulta. Mas não, não estou disposta a quebrar a minha regra de «não ter mais de trinta anos». Esses nunca dão problemas, porque vão, como eu, para o que vão.

Naím olha para mim. Acho que está a tentar entender-me, mas não consegue. No entanto, o que está claro para mim é que, pela forma como me olha, quer beijar-me tanto quanto eu quero beijá-lo, mas ele não se mexe. Respeita o meu espaço e, finalmente, diz:

– Então, Julia de Valladolid, só tenho a dizer-te que foi um prazer conhecer-te e desfrutar de um vinho contigo a olhar para o mar.

Eu sorrio e aceno. É tarde demais para retificar o meu nome.

– Igualmente, Naím de Tenerife – asseguro.

Rimos disso e eu, alterada e insegura porque o meu desejo por ele está a abalar uma das minhas regras, pisco-lhe o olho, viro-me e afasto-me. Fujo!

Quando entro no hotel, a minha cabeça está a mil à hora. Pela primeira vez em muito tempo, um homem, cujo nome só sei ser Naím e que bebe um bom vinho, chamou-me tanto a atenção que não consigo continuar a enganar-me. O seu olhar excita-me. O seu sorriso deixa-me louca. A sua forma de se expressar e de se movimentar deslumbra-me. Mas o que havia naquele vinho? Era assim tão bom que me fez baixar a guarda?

O elevador não chega e eu, inquieta, viro-me para olhar para a porta do hotel. Surpresa, vejo que Naím ainda está lá. Não se mexeu. Ele apenas olha para mim com as mãos nos bolsos. E Deus... como ele me olha!

À distância, consigo sentir o seu desejo e isso excita-me ainda mais.

Oh, Deus... Oh, Deus...

Mas o que estou a pensar?

Hesito. Por alguns segundos, duvido das minhas próprias dúvidas, mas lembrando que prometi à Zoé que iria divertir-me, decido saltar a regra de não mais do que trinta. Afinal, será uma noite.

Assim, com segurança, regresso à porta do hotel. Atravesso-a e, aproximando-me dele, que não tira os olhos de mim, beijo-o descaradamente na boca e ele corresponde imediatamente. A minha língua e a dele fundem-se dentro das nossas bocas de uma forma que me faz tremer de prazer como não fazia há séculos.

Mãezinha...

Quente e excitada, olho para ele.

– Já faço o teu tipo? – sussurra.

Sem pensar, ou vou estragar tudo, respondo:

– Não.

Naím acena com a cabeça, sorri e pergunta novamente:

– Posso perguntar porquê?

– Demasiado avozinho.

Enquanto digo isso, ele pestaneja. Pela sua expressão, sinto que está prestes a dizer-me que não sou propriamente uma juvenzinha, mas deixa escapar:

– Quantos anos tens tu, menina?

– Trinta e oito.

Outra verdade!

– Quarenta e um – diz ele.

Eu sabia, sabia que ele estava na casa dos quarenta, e esclareço com a minha frieza típica:

– Eu gosto dos mais jovens porque isso significa zero problemas.

A minha resposta fá-lo sorrir. Deve pensar que sou uma predadora de jovens.

– Comigo terás zero problemas – afirma.

Eu sorrio. Logo se verá... E, depois de me aproximar do seu corpo, ele beija-me com uma lentidão que me faz arder em puras chamas, sobretudo quando, passando os seus lábios quentes sobre os meus, pergunta:

– Tens a certeza de que queres que um avozinho como eu suba ao teu quarto?

Assinto. Sorrio e reafirmo. Se ele disser agora que não sobe, eu juro que o mato!

Felizmente, nada mais precisa de ser dito. Então, ele pega na minha mão com segurança, entra no hotel comigo e seguimos em direção ao elevador. Este abre-se, entramos e eu carrego no botão do sétimo andar. Quando as portas se fecham, ele volta a beijar-me.

Uaaaaau, adoro!

Capítulo 8

Um beijo. Dois. Quatro. Tenho de lhe dizer que o meu nome não é Julia, mas Verónica, que não sou de Valladolid, que sou de Madrid, que não estou na ilha de férias, mas os seus beijos excitantes não me deixam e, se o elevador demorar muito a chegar ao meu piso, juro que não vou conseguir conter-me.

Um minuto depois, quando entramos no quarto, vejo que vai ligar a luz, e exijo rapidamente:

– Não lighes.

Ele obedece-me sem hesitar, e a primeira coisa que faço é tirar as sandálias. Uf, que alívio!

Naím, que deve ter 1,90 de altura, olha-me no escuro e, com uma voz carregada de sensualidade, comenta:

– Sem saltos não és assim tão alta.

Rio-me; meço 1,70 e, quando calço aquelas sandálias, subo para 1,80. Sem responder, beijo-o. Apetece-me mais isso do que falar.

No escuro, as nossas roupas começam a voar pelo ar enquanto nos beijamos, nos tocamos, nos provocamos, e quando vou tomar as rédeas, ele diz-me, olhando nos meus olhos, que não me deixa.

Mmm... De repente gosto disto.

Sem que eu lhe peça, ele tira as minhas cuecas enquanto sussurra no meu ouvido frases como:

– Vou desfrutar de ti, tanto como tu de mim.

Assinto. Acalorada, aceno com a cabeça, e ele, depois de me agarrar nos seus braços fortes, senta-me na mesa encostada à parede. Beija-me. Passa as

mãos entre as minhas pernas até chegar ao meu sexo e, olhando nos meus olhos, sussurra:

– Gosto de sentir a tua humidade.

Assinto. Uf, que calorão. Como não estar molhada com a forma como me possui? E, baixando-se para ficar à altura da minha vagina, abre as minhas pernas e, aproximando a boca do meu sexo, sem que eu peça ou exija, começa a saboreá-lo.

Oh, sim... Oh, sim... a sua confiança deixa-me louca e o seu domínio põe-me a mil à hora.

Mãezinha, mãezinha! Quão bem este homem o faz.

Gosto do que Naím faz comigo, excita-me. Provoca-me que aceite sem questionar o que lhe ofereço sem palavras. Habituada a tomar sempre as rédeas no sexo com os meus amigos com privilégios, o facto de Naím estar no comando está a deixar-me louca. Muito louca.

E, enquanto me agarro à mesa oferecendo-me a ele, corroboro o que sempre pensei: os homens têm poder, mas sem dúvida homens mais maduros como Naím também têm experiência.

Na mesa, no escuro e apenas iluminados pelo luar, ele possui-me com a boca enquanto as suas mãos na minha cintura me inserem totalmente nela, e sinto como a sua língua roça o meu clítoris ao passar, e suspiro de puro prazer.

Estou entregue a ele quando, de repente, para. Nããããão!

Olhamo-nos novamente, ofegantes. Estamos a mil. E, desta vez, assumindo o controlo, saio da mesa e, ajoelhada à frente dele, pego no seu pénis maravilhoso e duro e, depois de acariciá-lo com cuidado, dou-lhe alguns beijos doces na ponta e depois ponho a língua de fora e brinco com ele.

Uf... Uf...

Percebo como os joelhos de Naím tremem. É óbvio que gosta do que estou a fazer-lhe tanto quanto eu, até que o sinto agarrar as minhas axilas para me puxar para cima e, olhando para mim, diz:

– Se continuares a fazer isso, não vou aguentar muito mais tempo.

Rio-me. Ele também. Então, vejo que ele pega nas suas calças, tira a carteira do bolso e, dela, um par de preservativos. Rapidamente atira um para a cama e o outro, depois de rasgar a embalagem no escuro, coloca-o, enquanto eu agarro no telemóvel e, após vasculhar a minha lista do Spotify, ponho a tocar *Crazy in Love*, dos maravilhosos Beyoncé e Jay Z. A música começa e Naím, olhando para mim, sussurra:

– Preferia algo mais íntimo.

Rio-me. Dispenso romantismos.

– Eu não – respondo.

E, aproximando-me dele, beijo-o como se não houvesse amanhã.

Os seus beijos são exigentes. As suas mãos também. A atitude de Naím não tem nada que ver com a de Marco ou Alejandro, e quando me levanta nos seus braços e me aproxima da parede, a minha respiração acelera como uma locomotiva.

Mãezinha, que potencial!

Pela primeira vez desde que tive Zoé, permito que um homem me domine no sexo, em vez de ser eu a dominá-lo. Porquê?

Em silêncio, com as costas apoiadas na parede, sinto uma das suas mãos abrir o meu sexo quente e húmido e inserir um dedo. Um gemido de prazer escapa da minha boca.

– Gostas? – pergunta com um tom provocador.

Assinto. Gemo. Gosto! Adoro!

Não consigo explicar em palavras quanto estou a gostar, mas acho que ele me entende porque o vejo sorrir. O seu sorriso faz-me entender quanto está orgulhoso do que está a conquistar, e eu, resistindo, respiro fundo e digo, para que não fique convencido:

– Não está mal.

A minha resposta surpreende-o. Eu diria que até o incomoda, e acrescento para que não se ache especial:

– No sexo, os gemidos são fáceis de conseguir.

Sorri. Uf, que sorriso safado. E, enfiando dois dedos na minha vagina, o que me faz gemer, ele sussurra:

– Isto também não está mal?

Uf... uf... este homem vai fazer-me vir só de falar comigo. Desta vez, não posso responder. Espero que entenda o meu silêncio e a maneira como aperto as minhas mãos em resposta. Em seguida, aproximando a sua boca da minha, devora-a possessivamente e, quando está satisfeito, sussurra confiante:

– Julia de Valladolid... um gemido pode enganar-me, mas a humidade do teu corpo nas minhas mãos e o teu olhar ardente não.

Ui, mãezinha! Isso da «humidade do teu corpo» não era o que o meu Luismi dizia numa canção?

Bem, que diga o que quiser e me chame o que quiser. Não vou contradizê-lo. Mas que não pare de me masturbar com os dedos, porque estou a gostar brutalmente.

Na escuridão e no silêncio do quarto, apenas interrompido pelos nossos gemidos e pelo barulho dos meus fluidos ao mover os seus dedos dentro de mim, desfrutamos de um momento quente e excitante. Depois, tirando os dedos, enfia a ponta do pénis na minha vagina mais do que molhada e, olhando para mim, pergunta:

– Queres mais?

Louca... A verdade é que o avozinho me deixa louca. E, antes que ele o antecipe, movendo as minhas ancas, espeto-me total e completamente nele. Eu domino! O gemido que Naím solta fá-lo tremer da cabeça aos pés. Sim! E, a sorrir, sou eu que pergunto:

– Queres mais?

Louco, o que acabei de fazer deixou-o louco, e agarrando-nos mutuamente com força e ansiosos por dominar o momento, começamos a desfrutar de um encaixe quente e desejado contra a parede.

Prazer, gozo, erotismo, sensualidade, deleite, satisfação, diversão, êxtase. Tudo isto e muito mais é o que sinto enquanto sou possuída por este homem do qual apenas sei chamar-se Naím e que, como vulgarmente se diz, fode muito bem.

O seu movimento de ancas e a minha entrega fazem-nos desfrutar de um momento quente e excitante contra a parede. Eu tremo. Ele treme. Eu gemo. Ele geme. Tomamo-nos, possuímo-nos com gosto, desejo, prazer, até que o

calor nos consome e, em uníssono, depois de invadir completamente os nossos corpos, atingimos o orgasmo enquanto as nossas bocas se devoram com autêntico desespero.

Segundos depois, após o momento lascivo com beijo incluído, olhamo-nos.

Mas o que acabou de acontecer aqui?

– Mãezinha... – sussurro enquanto outro êxito da Beyoncé começa.

Sem dúvida, acabei de ter a melhor foda da minha vida. Mas, claro, não vou contar-lhe para que não se ache especial. Então ele, imitando-me, murmura enquanto acena com a cabeça:

– Mãezinha...

Sem saber porquê, rimos os dois e ele, sem me soltar, dá-me um beijo na ponta do nariz que me faz tremer toda outra vez. Nenhum homem, exceto o meu pai, beijou a ponta do meu nariz, e, quando se afasta, diz:

– És linda.

Ouvir isso faz-me sorrir. Aparentemente, chegou a hora da bajulação tonta, mas, sem dar muita importância, murmuro friamente:

– Tanto quanto tu. Agora solta-me.

Sem hesitar, ele faz o que peço, enquanto estou ciente da sua mudança de expressão. Por isso, olho para ele e digo:

– Não precisas de dizer esse tipo de coisas.

– Que tipo de coisas? – pergunta.

Afasto a franja do rosto e, apanhando as minhas cuecas do chão, respondo:

– Que eu sou linda. Não é preciso, *baby*.

Ele olha-me intensamente. Porra! Porque é que está a olhar assim para mim?

– Não me chames *baby* – declara.

Logo em seguida, aproximando-se de mim, encosta a boca na minha, dá-me um selinho nos lábios e sussurra:

– E se não te importas, digo o que quero, quando quero.

As suas palavras e a maneira como olha para mim atordoam-me, por isso afasto-me dele, apanho o meu vestido do chão e sinto o seu cheiro particular

no meu nariz. Que colónia usará?

Minutos depois decidimos tomar banho. Entre o sexo quente e o calor, estamos encharcados de suor. E, como esperado, no duche beijo vai, beijo vem, eu toco nele, ele toca em mim e... zás! Sexo incrível! Outra vez! A propósito, adoro a sua bela pele bronzeada.

Entre gargalhadas, e assim que saímos do duche apenas com as toalhas, ele pergunta enquanto a voz de Bon Jovi soa:

– Importas-te se eu mudar a música?

– Depende do que ponhas a tocar – respondo.

Ele sorri e diz, prontamente:

– Algo mais íntimo.

Quando diz isso, eu abano a cabeça. Nada de música romântica!

– Não gosto de música intimista – respondo.

Naím acena com a cabeça, levanta as mãos, e vejo-o sair para o terraço sem mudar a música e sentar-se numa das confortáveis espreguiçadeiras de couro branco. Depois, olho para o meu telemóvel e, vendo que já são quatro e dez, digo:

– É tardíssimo.

Pelo canto do olho, vejo-o sorrir. Pego num cigarro e, quando saio para o terraço e o acendo, ele comenta, olhando para mim:

– Uma maneira muito subtil de dizer para eu ir embora.

Rio-me e omito a explicação de que trabalho no dia seguinte.

Olhamo-nos em silêncio até que o vejo encarar-me e comentar:

– Bonita tatuagem.

Olho para o meu ombro esquerdo. Sei que a minha mandala fina e delicada é muito *sexy*, por isso digo:

– É.

– Doeu?

– Não.

– Tem história?

Assinto. Para mim, as mandalas simbolizaram sempre equilíbrio, paz e serenidade, que são coisas que desejo para a minha vida.

– Todas as tatuagens têm a sua história – digo sem explicar mais.

Naím assente. Eu sei, pela forma como olha para mim, que espera que eu diga algo mais, mas não digo. Ele não pergunta mais nada. Com certeza já deve ter visto a frase que tatuei sobre as costelas, que diz: «No mau. No bom. E no melhor», que é a que Mercedes, Leo e Amara também têm. E a que tenho no pulso, igual à da Zoé, e que diz: «Tu e eu... sempre». Imagino que pense que têm as suas histórias, mas não pergunta. Melhor assim.

Ficamos alguns segundos sem falar, até que, atraída por ele como um íman, ponho o meu cigarro no cinzeiro, sento-me em cima dele e beijo-o. Eu gosto dos beijos dele. O seu sabor. E ele não parece importar-se que fume.

Imediatamente, as suas mãos acariciam o meu pescoço e ombros, enquanto a brisa do mar nos envolve. Naím beija a minha tatuagem no ombro, lentamente. Muito lentamente. E, ao sentir os seus lábios quentes nela, uf..., que arrepio!

As pontas dos seus dedos não são finas e delicadas como as dos rapazes com quem me encontro em Madrid. Algo me diz, pelas suas mãos e pela bela cor da sua pele, que o seu trabalho não é entre as quatro paredes de um escritório. Isso, de repente, excita-me. Quarentão. Cabelo grisalho. Atraente. Com as minhas mãos, abro a toalha que rodeia as suas ancas, e vendo a sua crescente ereção sussurro:

– Precisamos de um preservativo.

– É o que parece.

Sem hesitar, levanto-me, entro no quarto e, depois de tirar um da caixa que costumo trazer na mala de viagem, volto ao ponto de partida, e assim que me sento novamente, digo, enquanto lho mostro, com malícia:

– Aqui está.

Naím acena com a cabeça e eu, querendo sexo outra vez, abro a embalagem, retiro o preservativo e, agarrando o pénis dele, coloco-o. Ele olha-me, deixa-me agir, até que, de repente, pergunta:

– Gostas de controlar tudo, não é verdade?

Isso faz-me olhar para ele. Não respondo, e ele beija-me e beija-me. Os seus beijos húmidos e quentes são excitantes e possessivos, incrivelmente viciantes. De repente, sinto que me tira a toalha e fico nua. Naím olha para

cima. O hotel tem a forma de uma pirâmide e há andares acima de nós, por isso consigo imaginar o que está a pensar.

– As pessoas estão a dormir – digo. – E se nos virem, que aproveitem.

A sua expressão faz-me rir. Logo em seguida, agarro o seu pénis, coloco-o na entrada da minha vagina e, deixando-me cair aos poucos sobre ele, sorrio. Acho que está surpreso com a minha falta de vergonha.

Sentada nele começo a mexer as ancas, enquanto Naím, que é reativado numa questão de segundos, pega nos meus seios com as mãos e os leva à boca. Chupa-os, mordisca-os, suga-os... enquanto eu continuo a mexer as ancas, como sempre, em busca do meu próprio prazer.

Sem demora, aquele calor delicioso que o sexo me causa começa a subir por todo o meu corpo, e acelero os meus movimentos sobre ele. Naím geme. Eu também. O nosso teto é um céu e uma lua espetacular e, sem nos importarmos com quem nos esteja a ver ou a ouvir, desfrutamos do puro prazer que o sexo nos proporciona.

As suas mãos baixam para as minhas ancas. Acaricia-as. E eu, querendo controlar o momento, inclino-me para trás, apoio as palmas das mãos na espreguiçadeira e acelero os movimentos.

Arqueada, à medida que acelero as minhas estocadas, percebo pelos gemidos e pelo rosto de Naím que ele está a gostar. Então, agarrando a minha cintura, ele começa a cravar-se em mim com a mesma força com que me cravo nele.

Oh, sim! O prazer redobra. Triplica. Quadruplica.

Olhando nos olhos um do outro, possuímos-nos com força. Com vontade. Com desejo. Não há dúvida de que gostamos de controlar o que fazemos, até que os nossos corpos, e principalmente o nosso desejo, não aguentam mais. Enterrando-me nele uma última vez, soltamos um gemido mais do que prazeroso quando atingimos o orgasmo e, fechando os olhos, curtimos o momento excitante nos braços um do outro, enquanto a brisa do mar refresca os nossos corpos suados, e nós, mais uma vez, desfrutamos.

Permanecemos em silêncio por alguns segundos, e quando o olho, ele murmura:

– Dir-te-ia algo bonito, mas...

– Poupa os elogios, *baby* – interrompo-o friamente.

Porra, porque é que me saí outra vez com algo tão básico?!

Mãezinha, às vezes tenho mesmo pouco tato.

– Uma vez mais peço-te, por favor, que não me chames *baby* – insiste.

Dizendo isso, o seu olhar faz-me saber que quer que me levante. Não há dúvida de que ser chamado assim parece deixá-lo desconfortável. Levanto-me, pego na toalha para me enrolar nela e ele diz, levantando-se também:

– É tarde.

Ele vai à casa de banho. Imagino que se vai lavar. Fico no terraço, onde acendo outro cigarro. Estou a fumar quando o vejo sair da casa de banho e, após acender a luz, começa a recolher as suas roupas e a vestir-se. Apago o cigarro, entro no quarto e, curiosa, pergunto ao ver a sua pele morena:

– Não gostas de tatuagens?

Sem olhar para mim, ele responde vestindo as calças:

– Não.

– Porquê?

– Porque não.

A sua resposta curta irrita-me. Está a fazer o mesmo que eu fiz.

Ele termina de se vestir, pega na carteira e no telemóvel, que estão na mesinha de cabeceira, e aproxima-se de mim. Sem hesitar, coloca a mão no meu pescoço, puxa-me para mais perto dele e, após beijar-me daquela forma muito, muito possessiva dele, quando nos separamos, ele diz, olhando nos meus olhos:

– Julia de Valladolid... foi um prazer.

A seguir, dá-me um beijo na ponta do nariz e, virando-se com uma certeza esmagadora, sai sem olhar para trás.

Quando ouço a porta fechar, pestanejo. Porque é que não lhe disse o meu nome verdadeiro?

Atiro-me para a cama, ainda a sentir o seu cheiro na minha pele e, a sorrir pelos bons momentos que passei com este estranho, murmuro:

– Adeus, Naím de Tenerife. Também foi um prazer para mim.

Capítulo 9

Exausta, já que quase não dormi depois de Naím ter saído, após tomar o pequeno-almoço e vestir o meu fato cinza-carvão, que me faz sentir muito profissional, e os meus saltos, desço até à porta do hotel e apanho um táxi para me levar às Caves Verode, em Tacoronte.

No caminho, verifico, no *e-mail* do meu iPad, a documentação que Liam me enviou. Toda a informação sobre o cliente é sempre bem-vinda.

Quando o táxi cruza os enormes portões de uma quinta, paro de olhar para os documentos para observar em redor. Vejo pessoas a caminhar, carregando ferramentas de trabalho – são, sem dúvida, os lavradores que trabalham a terra. Olho para a extensa serra repleta de vides. Que maravilha!

Assim que o táxi para em frente a uma casa enorme, que imagino ser onde ficam os escritórios das Caves Verode, pago ao motorista, despeço-me dele e, quando ele arranca, fico a olhar em redor. Gosto do que vejo, embora aqui os meus saltos altos estejam a mais.

Com curiosidade, olho para o monte que me rodeia, repleto de vides. Pela sua localização geográfica, esta região apresenta características diferenciadas e particulares para o cultivo da vinha. E, justamente por isso, os seus vinhos costumam ser algo excecionais.

O meu telemóvel toca. Atendo imediatamente. É um dos meus clientes de Madrid. Durante algum tempo, e absorta no que me diz, converso com ele e resolvo o problema que me apresenta sem olhar por onde caminho, até que a buzina de um carro me assusta e os meus calcanhares fincam no chão de terra batida.

Horrorizada, viro-me para ver que a um escasso metro de mim parou uma carrinha imunda, enquanto o pó da estrada me envolve pela travagem brusca que teve de fazer.

Oh, meu Deus, quase me atropela!

Com o coração aos pulos, despeço-me do meu cliente e, quando me vou desculpar com o motorista da carrinha, a porta abre e o meu queixo cai ao ver... Naím?!

Ele está a vestir calças de ganga, uma *T-shirt* que um dia deve ter sido branca, e está totalmente encharcado de água e lama.

– Não vê que está no meio do caminho! – exclama.

Os seus olhos e os meus encontram-se. Percebo que, surpreso, ele me reconhece e, aproximando-se de mim, pergunta:

– Julia de Valladolid... o que...?

– Cala-te! – exijo, tentando desenterrar os meus saltos do chão.

Mas que diabos faz este tipo aqui?

Ele franze a testa boquiaberto e eu acrescento, baixando a voz:

– Se não te importas, não quero que ninguém saiba que nos conhecemos. E, por favor, não te aproximes. Não quero que me sujes.

Vejo que Naím se ri. Isso irrita-me e, vendo como alguns homens que passam estão a olhar para nós, sibilo:

– Ou tiras esse sorrisinho do rosto ou juro que te vais arrepender.

Naím ergue as sobrancelhas. Ao ver que as pessoas seguem o seu caminho e não podem ouvir-nos, murmuro, dando um passo atrás para me afastar dele:

– Meu Deus, onde vais nesse estado?

Ele não se mexe. Ter lama até ao canal lacrimal não parece incomodá-lo. Não responde. E eu, baixando ainda mais a voz, insisto:

– O que fazes aqui?

Naím move-se por fim. Com o punho da mão direita coça a bochecha e, a sorrir, solta:

– Estás intrigada com a minha presença porque está fora do teu controlo, não é?

Tudo bem, precisou somente de algumas horas comigo para saber que sou o raio de uma controladora, mas a verdade é que este encontro com ele me deixa desconfortável.

Que diabos faz este tipo aqui?

No trabalho sou tremendamente profissional, séria e rígida, por isso, olhando para ele, sussurro:

– Olha, eu não me importo com o que fazes aqui ou com a porcaria que tens em cima. Mas que fique claro que tu e eu não nos conhecemos. E se, por acaso, contares a alguém o que aconteceu ontem à noite e te gabares de ser macho, vais arrepender-te, entendeste?

– Estás a ameaçar-me outra vez? – pergunta, boquiaberto.

Estou prestes a chamá-lo de *baby*, que sei que o incomoda, mas como não quero ser tão rude, digo apenas:

– Estou a avisar-te.

Vejo-o acenar com a cabeça e, em seguida, comenta em tom de brincadeira:

– Consideras-te tão especial que acreditas que por ter feito sexo contigo vou exhibir-me como um «macho»?

Ao ouvir isso, eu silencio-o.

– Cala-te! Nem menciones isso! – insisto, irritada.

Naím acena com a cabeça e eu, horrorizada com o encontro inesperado, murmuro:

– Olha, estou aqui em trabalho e...

– Não estavas de férias?

– Não.

OK, como diz o meu pai, mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

– O teu trabalho trouxe-te aqui? – pergunta ele a seguir.

Irritada e aborrecida com a situação, eu bufo. E, depois de olhar para os seus cabelos, também sujos de lama, vejo Liam Acosta aproximar-se de nós, acompanhado de uma mulher e de um homem impecavelmente vestidos para a reunião. Portanto, precisando de me livrar dele, respondo:

– Não entenderias. Agora, que tal entrares na tua carrinha imunda e desapareceres da minha frente?

Naím não se mexe. Fodaaaaa-se!

A sua expressão agora é muito séria. Ele deve estar a pensar que sou uma perfeita idiota quando, de repente, ouço Liam cumprimentar:

– Bom dia, Verónica.

Com o melhor dos meus sorrisos, viro-me. Como no dia anterior, Liam está diante de mim impecavelmente vestido e penteado. É perceptível que se preocupa com a aparência.

– Bom dia, Liam – respondo, olhando para ele.

Naím continua ali. Porque é que o tipo não vai embora? E, então, Liam, com cara de caso, diz:

– Lamento dizer-lhe que temos de deixar a visita às caves para outro dia.

A sua expressão preocupada faz-me querer perguntar o que se passa, mas vendo que não diz mais nada, sou tão discreta quanto ele e respondo:

– Não há problema.

Liam acena afirmativamente. Vejo que aprecia a minha resposta, e depois pergunta, apontando para os montes cheios de vinhas que nos rodeiam:

– O que acha do que vê?

– Impressionante – respondo, convicta.

Vejo Liam e as duas pessoas com ele entreolharem-se e sorrirem, e depois, apontando para a mulher, ele diz:

– Verónica, apresento-lhe a minha irmã Florencia Acosta e o meu cunhado Omar Rodríguez. Eles gerem o departamento financeiro das caves.

Encantados, cumprimentamo-nos, e a mulher, olhando para mim, declara, emocionada:

– Não imagina a vontade que tinha de a conhecer e de trabalhar consigo.

Saber disso faz-me sorrir. Então, Liam diz ao homem atrás de mim:

– O que aconteceu?

Sem poder evitar, olho para Naím, que está um desastre.

– O sistema de irrigação no setor quatro colapsou outra vez – responde ele.

Liam acena com a cabeça, bufa e, olhando para mim, diz:

– Pelo que vejo, já conheceu o meu irmão Naím.

Ao ouvir isso, o meu corpo treme. Não. Não. Não. Irmão? Como assim «irmão»?

Oh, meu Deus, isto não me pode estar a acontecer!

Olho para Naím. Bem, pela expressão dele confirmo que deve estar a pensar que, além de mentirosa, sou uma classista do pior, mas, sem mudar a expressão séria, ele apressa-se a esclarecer:

– Não nos conhecemos. Simplesmente, quase a atropeliei.

Os recém-chegados imediatamente se preocupam com o que aconteceu. Eu retiro importância ao assunto e, então, Liam diz:

– Naím, esta é a menina Verónica Jiménez. A profissional de *marketing* e publicidade madrilena com quem tínhamos a visita às caves e a reunião.

Mãezinha. Mãezinha... Quero morrer!

Não quebrei uma das minhas regras, mas duas! Mais de trinta anos e é um dos proprietários da empresa.

Que cena!

A sua expressão é séria. Acabou de descobrir, sem anestesia, todas as mentiras que lhe contei ontem à noite. Porra, que vergonha!

Ainda assim, ofereço-lhe a mão, mas Naím, sem agarrá-la, diz friamente:

– Não quero sujá-la. É um prazer, menina Jiménez.

– Igualmente, Sr. Acosta – respondo, marcando as distâncias.

É claro que a impressão que ele está a ter de mim não é a que eu gostaria, mas há situações que não se podem reverter, e esta é uma delas.

Momentos depois, ele vira-se e, enquanto caminha de volta para a carrinha, ouço a sua irmã Florencia dizer:

– Naím, embora só possamos mostrar as caves à menina Jiménez amanhã, faremos a reunião. Vens?

Mas ele, que certamente deve estar a borrifar-se para mim, já tinha entrado na carrinha e arrancado sem demora.

Em silêncio, todos observamos o veículo afastar-se, até que Florencia se aproxima de mim.

– Menina Jiménez...

– Por favor, chame-me Verónica – interrompo.

Ela acena com a cabeça e, a sorrir, propõe:

– Um café, Verónica?

– Com muito gosto, Florencia – respondo.

Rimo-nos. Ela tem o mesmo sorriso de Liam.

– Vamos buscar os cafés – diz ele –, e depois juntamos a equipa e começamos a reunião.

Satisfeita, eu aceno. Preciso de um café triplo!

O café alonga-se enquanto eles avisam a equipa e me falam sobre a adega. Eu ouço-os encantada, porque me interessa verdadeiramente e, além disso, eles são muito agradáveis.

Finalmente, após vários cafés, entramos numa pequena sala. Acomodo-me na cadeira que me indicam e pego no meu portátil e numa pasta com alguns papéis. A certa altura, a porta da sala abre e um impressionante Naím aparece diante de nós.

Mãezinha!

Se a minha mãe o visse, ia gostar mais dele do que dos *Gavilanes*.

Tomou banho. A lama desapareceu do seu corpo e está a vestir um elegante fato azul-marinho com uma camisa branca que lhe fica... bem não, melhor passar adiante! O seu cabelo ainda molhado lembra-me como a água do chuveiro caiu sobre ele ontem à noite, e enquanto tento recompor-me do choque e não pensar no que não devo, ele diz:

– Desculpem o atraso.

Os seus irmãos sorriem ao vê-lo entrar e eu não sei se sorrio, choro, salto para cima dele ou fujo a correr, enquanto vejo várias outras pessoas entrarem na sala.

Mãezinha, que bem que fica o *baby* assim vestido de camisa, gravata e fato...

Com aquela segurança que me enfeitiçou no dia anterior, Naím senta-se à minha frente ao lado de Liam, e sinto que ele ocupa toda a sala; ao mesmo tempo, procuro acalmar-me para poder levar a cabo a reunião.

Enquanto abro o meu computador, de soslaio, tento ver se, em algum momento, ele olha para mim, mas não, nem por sombras. Conversa com os irmãos, com o cunhado, com o pessoal da equipa, e ignora-me totalmente.

Assim que estamos sentados e preparados, Liam reapresenta todos e a reunião começa. Com curiosidade, ouço tudo o que ele tem a dizer, ao mesmo tempo que percebo que o seu telemóvel, virado para baixo à minha frente, não para de vibrar. Que mulherengo deve ser.

Minutos depois, Florencia toma a palavra e, quando termina de falar, é Naím quem se levanta. Na sua apresentação descubro que, além de ser um dos donos do negócio com os seus dois irmãos e ocupar o cargo de gerente das Caves Verode, ele é o enólogo das mesmas.

Mãezinha... mãezinha!

Em silêncio, ouço o que exigem do meu trabalho, enquanto eu, que estou bastante dispersa, olho diretamente para ele e percebo como Naím e os seus irmãos são diferentes. Florencia e Liam têm o mesmo sorriso, a mesma cor de olhos azuis, embora ela não tenha um olho bicolor como Liam.

Ao contrário dos irmãos, Naím tem olhos escuros, muito escuros. Olhos que desde o primeiro momento em que me olhou, senti que me perfuravam, e me perfuram novamente quando diz:

– Menina Jiménez, sei que o meu irmão lhe enviou informações sobre as nossas caves.

Levantando-me, aceno com a cabeça e, assim que Naím se senta, já que tenho a reunião preparada, falo com eles sobre quem sou, qual é o meu trabalho e menciono o que acho que precisam, depois de ter visto os relatórios de Liam.

Converso com eles sobre objetivos, planos de ação, e todos concordam com o que sugiro.

Por várias horas, os oito que estamos na sala conversamos, comunicamos e, quando recebo uma mensagem de Zoé, abro rapidamente e sorrio ao ver uma foto dela a sorrir e a dizer que está bem e que me ama. Incapaz de resistir, respondo. Escrevo que a amo e, quando pouso o telemóvel de volta na mesa, reparo, pela primeira vez, que Naím me olha com uma expressão carrancuda, mas finjo que não percebo.

– Acho que devíamos comer alguma coisa – diz Florencia, levantando-se.
– Pedi algo para petiscarmos, e depois retomamos a reunião.

Observo como todos, exceto Liam, saem da sala. Devem estar famintos. E ele, do outro lado da mesa, diz, olhando para mim:

– O lanche é na primeira sala à direita.

– Obrigada – respondo com um sorriso. E, vendo que tenho algumas chamadas perdidas do meu escritório, acrescento: – Assim que falar com Madrid, junto-me a vocês.

Então, Liam sai da sala e eu, vendo-me sozinha, suspiro e ligo para o meu escritório para saber o que está a acontecer. Resolvo alguns problemitas e, quando termino, olho outra vez para a foto de Zoé e sorrio. Quão feliz ela está!

Emocionada depois de contemplar a foto por algum tempo, guardo o telemóvel e respiro fundo.

Inquieta-me estar perto de Naím depois do que aconteceu entre nós ontem à noite. É a primeira vez que misturo trabalho e sexo, e isso deixa-me nervosa porque não me parece profissional. Tenho de me acalmar. Só espero que o que aconteceu entre mim e ele não atrapalhe o meu trabalho e que, acima de tudo, Naím confie em mim e não me ache mentirosa. Estou a pensar nisso quando o meu telemóvel toca.

É a minha mãe. Está animada porque Zoé lhe ligou da Antártida. Converso com ela por alguns minutos e, quando desligo, recupero o fôlego e decido ir comer alguma coisa. Tenho fome.

Depois de sair da sala de reunião, vou até onde Liam indicou e, ao entrar, Florencia orienta-me:

– Verónica, venha sentar-se à mesa antes que estas piranhas comam tudo.

Ouvir isso faz-me sorrir. Por algum tempo, Florencia fala e fala... Mãezinha, o que esta mulher fala! Depois, o telemóvel de Naím toca e eu ouço-a dizer:

– Não vais atender...

Percebo que Naím e a irmã se desafiavam com o olhar. O que se passará? E então ele, levantando-se da cadeira, caminha até à porta e atende a chamada.

– O que se passa, Soraya? – Ouço-o dizer.

Em silêncio, observo a expressão de aborrecimento de Florencia e como o seu marido Omar e Liam pedem, com gestos, que ela se acalme.

Quem será essa Soraya que a deixa assim?

Naím desaparece e, então, uma parte de mim relaxa, mas outra parte fica aborrecida. Eu relaxo porque ele não está lá, embora ao mesmo tempo me incomode vê-lo sair. Mas o que se passa comigo?

Aprecio, de bom grado, as ricas iguarias que são servidas, até que decidimos terminar o lanche e, ao entrar novamente na sala da reunião, encontro Naím sentado a rabiscar num caderno.

Retomamos a reunião. Falamos sobre campanhas. Eles querem dois tipos de campanha. Uma para dar mais visibilidade aos seus vinhos fora de Espanha, pelo que me pedem para viajar com eles para sondar o mercado, e outra para a campanha de Natal ao nível das ilhas e do continente. Durante a época natalícia, a venda de vinhos dispara.

Às quatro da tarde, com o caderno cheio de anotações para reorganizar e com a cabeça completamente embotada, encerramos a reunião e combinamos encontrar-nos no dia seguinte às cinco da tarde para visitar as caves.

Enquanto reúno as minhas coisas, vejo como Liam atende uma chamada afastado de todos e, pela maneira como sorri, imagino que não seja trabalho. Florencia e Omar despedem-se de mim. Perguntam-me se preciso de um táxi para me levar ao hotel. Rapidamente digo que sim e, de repente, ouço Naím perguntar com indiferença:

– Em que hotel está hospedada?

Isso faz-me sorrir... Como se ele não soubesse!

Florencia, que não desconfia de nada, responde e Naím apressa-se a dizer:

– Eu levo-a. Combinei jantar perto do seu hotel.

Horrorizada, abano a cabeça. Não! Não quero que me leve! Mas, então, vejo a sua irmã afastá-lo alguns passos de mim e perguntar em voz baixa:

– Não vais ter com a Soraya, certo?

Naím não lhe responde e ela, com uma atitude incómoda, sussurra:

– Naím, por favor. Deixa isso de uma vez.

– Que tal meteres-te na tua vida? – protesta ele.

– Florencia, vá! – interrompe-a Omar.

Naím olha para o cunhado e, sem dizer nada, percebo que agradece a intervenção.

Irritada, Florencia acena com a cabeça, vira-se e sai. Coitada... é tão simpática!

Não sei quem é Soraya, mas já não gosto dela. E, olhando para Naím, que realmente não consegue tirar os olhos de mim, sussurro:

– Não tem de me levar, Sr. Acosta, a sério.

Ele acena com a cabeça e caminha de volta para mim.

– Eu sei, menina Jiménez. Mas não há necessidade de chamar um táxi se eu vou para o mesmo local.

– Ele tem razão – diz Omar com um sorriso.

Incapaz de continuar a recusar, finalmente acedo.

– Certo. Agradeço, Sr. Acosta.

Minutos depois, após despedir-me de Omar e de Liam, Naím olha para mim e diz:

– Siga-me, por favor.

Sem hesitar, faço isso enquanto uma sensação de angústia me invade. Porque é que continua a tratar-me por *você* quando há algumas horas estávamos a fazer sexo como loucos?

Em silêncio, sigo-o. Caminho atrás dele com os meus óculos de sol enquanto observo como o fato lhe assenta bem. Claro que este, vista o que vestir, fica de se tirar o chapéu. Chegamos a um belo SUV preto, que não tem nada a ver com a carrinha que ele conduzia antes, e, apertando o comando, Naím abre a porta do passageiro.

– Entre, por favor – diz.

Consciente de que, embora estejamos sozinhos, certamente alguém estará a observar-nos, entro no carro sem questionar. Naím fecha a porta, contorna o veículo, tira o casaco, que deixa na parte de trás, e entra pela porta do condutor. Em silêncio, colocamos os cintos de segurança e ele arranca.

Uma música romântica e sensual começa a tocar no carro e eu quero morrer. Não. Não. Não. Uma musiquinha romântica não, sobretudo no momento de tensão máxima que eu e o morenaço estamos a viver.

Desconfortável, pergunto, tentando ser simpática:

– Importas-te que mude de estação?

Sem olhar para mim, Naím responde enfaticamente:

– Sim.

Porra... porra... porra. Quer castigar-me... O meu amigo está mesmo chateado.

Respiro fundo e não digo mais nada. Não me mexo para tornar a minha presença quase impercetível e olho pela janela, tentando ignorar o que está a tocar.

Mas nada. Os meus ouvidos não querem parar de ouvir, e os locutores de rádio estão a falar sobre a música que está a tocar, *A un beso*, de Danna Paola. Bolas, a minha filha gosta desta cantora!

Resignada, ouço a sensual melodia, enquanto Naím, ignorando-me, a assobia. Eu insulto-o baixinho. Sempre tive o péssimo hábito de associar pessoas e momentos a músicas e, conhecendo-me, se voltar a ouvir esta música com certeza vou associá-la a ele.

Felizmente, a cançãozinha termina e outra mais mexida começa. Ótimo! Não a conheço, mas pelo menos mudámos de registo.

Sem falarmos e sem nos olharmos, observo Naím a conduzir. A tensão que sinto que existe entre os dois é tremenda. Sem dúvida, sou eu quem tem de dar explicações, mas não sei o que dizer. Por que raio decidi mentir na noite anterior?

Após mais de vinte minutos em silêncio absoluto, o que me deixa nervosa, ele diz:

– Julia de Valladolid... de férias na ilha... Sim, senhora!

Sinto-me mal, terrivelmente mal.

– Lamento – digo.

– Se há algo que odeio, são as mentiras – sussurra.

– Pensei que nunca mais te veria.

Olho para ele. Ele acena com a cabeça e, sem tirar os olhos da estrada, responde:

– Bem, azar o teu.

– Podes crer – deixo escapar, irrefletidamente.

Mal digo isso, e percebo instantaneamente que não foi a melhor escolha de palavras, vejo que ele desvia o olhar da estrada pela primeira vez. Olha-me ainda mais irritado com o meu comentário e, com as narinas dilatadas, resmunga:

– Agora não só sei quem és, como também tenho o teu telemóvel, o teu endereço e o teu *e-mail*. Mas não te preocupes, posso viver sem te incomodar.

Ouvindo isso, não sei porquê, rio-me e olho para a direita. A coisa não está fácil. Como diria o meu pai, arranji sarna para me coçar!

– Achas graça? – pergunta.

Beeeeem, se vamos por aí, não tarda o meu lado mau e frio está a chamar-lhe *baby*. Incapaz de me calar, respondo:

– O que me diverte é a parvoíce que fiz. Não me estou a rir de ti.

Quando digo isto, ele volta a olhar para a estrada. Nesse momento, um bolero de Luis Miguel começa a tocar na rádio. Por favooooooooor, nãããããão!

Em silêncio e com uma tensão indescritível, ouvimos os dois o bolerozinho romântico, que eu sei que se intitula *No discutamos...* A sério?

Que cena... que cena!

Claro, desta vez nem me ocorre perguntar se posso mudar de estação. Vendo como está irritado, vai voltar a dizer-me *não*.

Felizmente, vejo que estamos a chegar ao meu destino. A tortura está prestes a terminar e, quando chegamos à rua onde fica o meu hotel, ouço-o dizer:

– O teu problema termina neste instante.

Ele para o carro com brusquidão. Olho para ele para reclamar, mas Naím declara:

– Desce.

Ouvir as suas palavras cortantes faz-me reagir e, desapertando furiosa o cinto de segurança, vou a falar quando ele me interrompe:

– Adeus, menina Jiménez. Aguardaremos os seus *e-mails*.

Bem, bem. Este tipo está a castigar-me com o meu próprio veneno. Sem mais demora, abro a porta do carro, desço e, assim que a fecho e ele arranca, murmuro, sabendo que este homem gosta de ter sempre a última palavra:

– Tchau, idiota.

Capítulo 10

Tenho um zumbido na cabeça que não me larga.

Desde que Naím me trouxe de volta ao hotel e foi embora, não sei por que razão, não consigo parar de pensar nele, em como errei e no que aconteceu entre nós aqui.

No entanto, honestamente, não sei se me sinto mal por lhe ter mentido ou por ter quebrado as minhas próprias regras. O problema é que estou inquieta. Terrivelmente inquieta. E isso surpreende-me.

Curiosa e ansiosa para ter notícias dele, abro o meu computador e procuro informações. Tenho a certeza de que no São Google, digitando o seu nome, vai aparecer algo sobre ele, e sim, vejo que há vários artigos que falam sobre Naím e o seu grande trabalho como enólogo.

Num deles leio que, além de licenciado em Enologia, é também agrónomo e biólogo. Ele é, definitivamente, um craniozinho.

Durante algum tempo investigo e leio tudo o que encontro e até vejo fotos dele. Com ainda mais curiosidade, procuro nas redes sociais, mas não o encontro. A única coisa que aparece é Caves Verode, mas não há perfis pessoais dele ou do seu irmão Liam.

Após algum tempo a cuscar e rindo de mim mesma, fecho o computador, abro a minha *playlist* do Spotify e procuro uma música que sei que me vai fazer arrebitar. Momentos depois, *Mafiosa*, de Nathy Peluso, começa a tocar.

Força, mulheres guerreiras!

Enquanto a música toca, dispo-me e danço no quarto. O que eu gosto de dançar salsa. Sei que danço bem, tenho aulas com Amara há anos e, céus, como nos divertimos quando saímos para *salsear* por aí!

Como sempre, quando ouço esta música, sinto-me invadida por uma onda de energia. Pode dizer-se que traz à tona o lado selvagem que há em mim. E, pronta para me divertir e aproveitar ao máximo a minha viagem, e claro para esquecer o quarentão que está a dar cabo da minha cabeça, ligo a Jonay. Sem hesitar, combino com ele irmos jantar e tomar um copo.

Plano perfeito!

Mais animada, e sentindo-me bem outra vez, faço uma videochamada com os meus amigos. Por sorte, Mercedes, Leo e Amara estão livres para conversar um pouco e, entre risadas, conto-lhes que a minha reunião correu bem e que combinei um encontro com Jonay esta noite. Claro, não falo sobre o resto. Conto-lhes quando regressar a Madrid ou não me vão largar com o assunto.

Às oito e meia, com o cabelo preso num rabo de cavalo alto, vestida com calças de ganga, blusa preta que expõe os ombros e sandálias, ao sair do hotel cruço-me com a grávida, que, de repente, para e leva a mão à barriga.

– Está bem? – pergunto.

Ela olha para mim. Está corada. Mas, numa questão de segundos, a sua atitude muda e, sorrindo, sussurra:

– Sim, não se preocupe. Às vezes, o pequeno dá uns pontapés que me fazem curvar.

Assinto. Ainda me lembro dos pontapés de Zoé quando estava grávida e sorrio.

– Falta muito? – pergunto.

Ela toca na sua barriga com carinho.

– Um mês – diz e, olhando para mim, acrescenta: – Você vinha no outro dia no voo de Madrid, certo?

Aquiesço. Percebo que ela é observadora como eu.

– Sim. Eu também a vi – digo.

– Como não me ver! – troça, apontando para a sua enorme barriga.

Ambas rimos.

– Eu sou a Verónica – digo em seguida. – Estou aqui hospedada, no quarto 776, caso precise de alguma coisa.

Ela sorri e sussurra:

– Obrigada, Verónica. Eu sou a Begoña e, apesar de adorar estar aqui a conversar consigo, estou a morrer de vontade de chegar ao quarto e sentar-me.

Compreendendo-a, aceno com a cabeça e, depois de nos despedirmos, seguimos os nossos caminhos.

Quando chego ao restaurante onde vamos encontrar-nos, vejo imediatamente Jonay.

Ui, está cada dia mais bonito, o filho da mãe.

Quando me vê, levanta-se imediatamente. Ele vem até mim, abraça-me, dá-me um chocho e faz-me sentir especial. Jonay é simplesmente maravilhoso!

O jantar é agradável, divertido. Falamos de amigos, recordamos o seu tempo em Madrid connosco e não paramos de rir. Que tempos!

Depois do jantar, resolvemos ir tomar uma bebida e ele leva-me a um lugar badalado que fica no terraço de um lindo hotel localizado em frente ao mar. O lugar é maravilhoso, incrível. E, durante horas, Jonay e eu dançamos, conversamos e divertimo-nos.

A certa altura, as vozes de Marc Anthony e de Maluma começam a soar. Jonay e eu entreolhamo-nos. Gostamos desta música e, levantando-nos com a cumplicidade de bailarinos que sabem o que fazem, vamos para a pista e começamos a dançar *Felices los 4*.

Uooooou, adoro como Jonay dança!

Rindo, não perdemos o ritmo, enquanto nos apercebemos de como as pessoas na pista se afastam para nos darem espaço. Vê-se que gostam da forma como dançamos e, enquanto o fazemos, as pessoas incentivam-nos.

Desfruto, encantada. Dançar com alguém que sabe o que faz, como eu, é sem dúvida uma das experiências mais maravilhosas que alguém pode ter.

A certa altura, quando Jonay faz uma troca de braço comigo, viro-me e deparo-me com uns olhos escuros que não esperava ver.

A sério?

A poucos metros de mim, entre as pessoas, Naím observa-nos.

Uf, que calor!

Sem parar de dançar, percebo que ao lado dele está uma mulher de cabelo muito loiro. Não consigo ver o seu rosto, pois está a olhar para o outro lado. Será a mulher de quem Florencia estava a falar? A tal Soraya?

Naím olha para mim. Eu olho para ele. Sinto como, incompreensivelmente, o meu coração dispara e como o desejo por ele me aquece. Danço. Não paro de dançar, e no fundo sei que agora movo o meu corpo e as minhas ancas por e para ele, consciente de quanto a sua presença aquece o meu corpo.

A música finalmente termina e Jonay e eu, divertidos, abraçamo-nos e beijamo-nos sob os aplausos da multidão. Como se fôssemos um casal, voltamos para a mesa onde estão as nossas bebidas e, depois de beber, ele diz:

– Tu e a Amara são os melhores pares com quem já tive o prazer de dançar.

– Tu também não estás nada mal. – Rio-me.

Curiosa, procuro Naím e a sua acompanhante entre as pessoas, mas não os vejo. Durante vários minutos, enquanto converso com Jonay, os meus olhos procuram o homem que me acalorou e, de repente, ao ouvir os acordes que começam a tocar, amaldiçoo-os. A música é *A un beso*, de Danna Paola, e, como imaginei, já a associei a ele.

Ui...

Irritada comigo mesma pelos meus pensamentos absurdos, termino a minha bebida e pedimos outra. Por sorte, a musiquinha termina e quando soa algo mais animado, puxo Jonay e faço-o dançar novamente para continuar a curtir a noite.

Às três da manhã, o meu amigo e eu decidimos dar por finalizado o nosso encontro. Encontrar-nos-emos noutro dia com o seu namorado para almoçar. E, depois de apanharmos um táxi, ele acompanha-me à rua do hotel e segue o seu caminho.

Com as sandálias na mão por causa das dores nos pés de tanto dançar, caminho até à entrada sorrindo pelo tanto que me diverti e, assim que entro, surpreendo-me ao ver Naím sentado no *hall*.

Boquiaberta, olho para ele. Ele levanta-se, aproxima-se de mim e diz do alto do seu 1,90 de altura:

– Só queria saber que chegavas bem.

Sem demora, põe a mão na minha cintura, puxa-me para mais perto dele e dá-me um beijo que não rejeito e que me faz ferver o sangue. Quando termina, dá-me outro beijinho na ponta do nariz e vai embora.

Observo enquanto ele sai. As sandálias caem-me das mãos, mas não me mexo enquanto ainda sinto os seus lábios nos meus, e uma certa musiquinha que fala de... «*a un beso solamente*» vem à minha mente!

Mãezinha, mas o que me está a acontecer com este homem?

Capítulo 11

Quando acordo na cama do hotel, sozinha, olho para o teto e bufo.

O que aconteceu com Naím na noite anterior – como diria, a rir, o meu amigo Leo – inquieta-me, atormenta-me e perturba-me... Que cena!

Tenho de parar de pensar neste homem. Não me convém, e muito menos agora que é meu cliente. Tenho de ser profissional.

Levanto-me, pego no telemóvel e vejo que são onze da manhã, por isso decido aproveitar o dia na praia.

Estou de miniférias!

O meu encontro nas caves é às cinco da tarde, e até lá vou aproveitar para torrar o meu corpo serrano sob o sol da ilha.

Vou à praia. Ali fico um par de horas e, antes de almoçar, decido ir até à piscina do hotel e tomar um banho. Quando chego, vejo que, ao fundo, numa rede, Begoña, a grávida, está sentada com o rapaz com quem a vi. Curiosa, desta vez presto-lhes mais atenção. Percebe-se que ela é mais velha do que ele e é evidente que ele é louco por ela. Basta ver como a olha para saber.

Às três da tarde, e sem tirar Naím Acosta da cabeça, depois de almoçar, decido subir ao meu quarto para me arranjar. Tenho duas horas até chegar ao compromisso que tenho nas Caves Verode.

Tenho de mudar o *chip*. Tenho de ir com a atitude confiante que sempre tenho no trabalho, por isso, após colocar a música *Pa mis muchachas*, de Christina Aguilera, Becky G, Nicki Nicole e Nathy Peluso, na minha lista do Spotify, sorrio ao ouvi-la e, cantarolando, sigo em direção ao chuveiro.

Meia hora depois, enquanto seco o cabelo, estou mais calma. Sem dúvida, o que aconteceu com Naím é algo que não se vai repetir e, ao sair da casa de

banho, visto um vestido branco comprido fresquinho, sandálias sem salto e, abrindo o portátil, vejo os meus *e-mails* e respondo para aproveitar o tempo.

Às quatro e meia desço à receção. O táxi chega dentro de instantes para me apanhar.

No *hall*, vejo que as pessoas estão um tanto agitadas. O que se passa? Mas respondo a mim mesma quando vejo que o elevador abre e a grávida está numa maca. Rapidamente, aproximo-me, preocupada com ela.

– O que aconteceu, Begoña?

A jovem, com uma expressão assustada, sussurra:

– A minha bolsa rebentou.

– Com licença, senhora, estamos com pressa – protesta o homem do serviço de emergência.

Ver a expressão de Begoña toca-me. Se pudesse, acompanhava-a ao hospital, mas, sabendo que tenho uma reunião, pergunto:

– Tens alguém que possa ficar contigo no hospital?

Imediatamente, ela acena com a cabeça e diz, mostrando-me o telemóvel que está a segurar na mão:

– Gael, o pai do bebé, virá assim que eu o localize.

Aceno com a cabeça e, para lhe dar força e coragem, e omitindo o comum «Que seja uma hora pequenina!», como me disseram os vizinhos dos meus pais quando fui dar à luz, asseguro-lhe:

– Vai correr tudo bem, vais ver!

Begoña acena com a cabeça, sorri timidamente, e então vejo-a ir embora com a equipa da ambulância.

O táxi chega cinco minutos depois e leva-me ao local de onde saí horrorizada no dia anterior.

Uma vez mais, as pessoas trabalham incansavelmente. Cada um está concentrado na sua tarefa e, quando o táxi para, pago ao motorista e saio do veículo.

– Verónica! – Ouço.

A poucos passos de mim, vejo Florencia a sorrir. Ela aproxima-se de mim e dá-me dois beijos.

– Que lindo dia está, verdade? – diz.

Concordo, o dia não podia estar mais bonito.

Nesse momento, alguém se aproxima de nós e Florencia comenta:

– Verónica, apresento-te o meu precioso e lindíssimo filho, Gael.

– Mããããe. – Ouço-o protestar.

Quando me viro para olhar para ele, fico rígida.

Mas... mas... A sério?

O rapaz à minha frente é o jovem que tenho visto com Begoña, a grávida do hotel.

Caraaaaamba! Gael?!

Não sei o que dizer. Não sei o que fazer. É evidente que Begoña não o localizou.

O que faço? Digo alguma coisa? Calo-me?

Sorrindo, saúdo o jovem, que é alto como os demais Acosta, e digo dando-lhe dois beijos:

– Prazer em conhecê-lo, Gael.

– Igualmente, Verónica.

Florencia penteia-o com as mãos como uma mãe-galinha. Depois, ajeita-lhe a gola da camisa e o rapaz reclama:

– Mããããe.

Isso diverte-me. Zoé teria dito o mesmo. Mas, então, Florencia, no seu papel de mãe, volta a pôr-lhe o cabelo para trás e sussurra:

– És o meu menino, o meu bebezinho precioso, e eu cuido de ti; não reclames!

Gael bufa. Posso ver pela expressão dele que está irritado por ser tratado pela mãe como um bebé. De certa forma, o seu bufar faz-me rir, e digo divertida:

– O seu filho já é um homem, Florencia. Acho que devia começar a pensar nisso.

Ao ouvir-me, ela sorri e, afastando-se alguns passos para assinar uns documentos que a sua secretária lhe traz, responde:

– O Gael será sempre o meu bebé.

Assim que ela se afasta, Gael olha para mim e, quando está prestes a falar, eu aproximo-me dele e sussurro:

– A Begoña entrou em trabalho de parto e levaram-na para o hospital.

Quando digo isso, a expressão do jovem muda. Em décimos de segundo, ele empalidece. Não sabe o que dizer. Não entende como é que eu sei disso e, olhando para ele, murmuro, sabendo que Florencia não nos ouve:

– Estou no mesmo hotel que ela e já vos vi juntos.

Nesse exato momento, Gael olha para a mãe. Depois, olha para mim. Está completamente desconcertado.

– Por favor... eu imploro, não diga nada – murmura, controlando o seu nervosismo.

– Claro que não – respondo para o tranquilizar.

Florencia regressa naquele momento e, olhando para o filho, pergunta:

– Pelo amor de Deus, filho, o que se passa contigo?

Porra, instinto de mãe! Conhecemos de cor até a forma como os nossos filhos respiram.

– Mãe, tenho de ir – diz ele rapidamente.

– Onde vais?

Afastando-se apressadamente, Gael diz:

– Depois ligo-te. Tchau.

– Mas onde vais? – insiste Florencia.

Ele não responde, acho que nem ouviu, e Florencia, pegando no meu braço, sussurra:

– Como estou orgulhosa do meu menino! Aos vinte e cinco anos, é um rapaz sério e responsável que trabalha no departamento comercial das caves, e na vida nunca nos deu um desgosto. É tão bom, tão prudente, tão maravilhoso...

Ao ouvir isso, eu aceno.

Não quero sequer imaginar o que esta mulher vai pensar ao ver que o bom e prudente menino lhe escondeu algo tão importante como o facto de que ela vai ser avó.

Florencia continua a falar-me sobre as virtudes de Gael, enquanto eu continuo a pensar no que está a acontecer. Eu mesma escondi a minha gravidez dos meus pais até ao sexto mês, mas o Gael vai diretamente para a fase de lhes pôr o bebé nos braços.

– Também tenho uma filha chamada Xama. Oh, Xama! Tem dezassete anos e é mais esquisita do que um cão com asas. Tanto fala connosco como nos ignora, e isso deixa-me a mim e ao Omar muito desconcertados. Às vezes, não sabemos como lidar com ela.

Assinto. Vou contar-lhe que tenho uma filha que já passou por todas essas fases, mas ela não me deixa falar e apressa-me:

– Vamos. O Liam está lá dentro.

Quando Liam me vê, cumprimenta-me com alegria. Está sempre tão bonito, bem vestido e a combinar.

– Naím virá? – pergunta a seguir.

Ao ouvir esse nome, sinto o meu estômago revirar.

– Não – responde Florencia.

Uf, ainda bem! Respiro aliviada. Não o ver é o que mais desejo... Ou não?

Minutos depois, quando Omar se junta a nós, entramos os quatro numa das carrinhas que têm ali estacionadas e eles começam a mostrar-me o terreno, enquanto Florencia me conta a história das Caves Verode e me informa de que têm o nome de um arbusto chamado «verode» que se encontra nas ilhas Canárias, tal como as suas adegas.

A certa altura, Liam para a viatura, descemos e caminhamos pelas vinhas enquanto me mostram a fase vegetativa da vinha nesta época.

O dia está lindo, quente, mas a brisa rica que sopra é maravilhosa e, com prazer, caminhamos por aquele lugar impressionante cheio de vida e alegria.

Ao regressarmos ao veículo, dirigimo-nos às caves. Lá, explicam-me o processo de vinificação. Mostram-me os depósitos, as salas de envelhecimento e a zona de provas, entre muitos outros espaços.

Durante a nossa visita, ao entrar numa bela sala onde tudo é cor de madeira e uma música suave toca para criar uma atmosfera, vejo alguns grupos a degustar vinhos, e enquanto Florencia e Omar vão cumprimentá-los, Liam, que percebi que odeia sujar-se, pois passou metade do percurso a sacudir o pó da estrada, explica que são visitas guiadas às caves. Algumas visitas que lhes proporcionam uma receita adicional e que começam com um passeio pelas vinhas, zona dos lagares e pipas, onde se explicam os

processos de vinificação e envelhecimento, e terminam com uma prova de vinhos.

Liam convida-me a aproximar-me do grupo e, imediatamente, pegando num bonito copo de cristal lapidado, pisca-me o olho, entrega-me uma garrafa e sussurra:

– Prove e diga-me o que lhe parece.

Rio-me porque estou com a garrafa na mão e, depois de servir um pouco no copo, provo e, piscando-lhe o olho, digo que é muito, muito bom.

Olhando para nós, Florencia acena para o irmão se aproximar e, enquanto Liam caminha até ela, com o meu copo e a garrafa na mão, saio da sala onde estão todos a conversar alegremente e, vendo um pequeno banco de madeira mais adiante, caminho até ele e sento-me.

Apaixonada pelo lugar, gosto de como o sol se esconde atrás da montanha enquanto a música tranquila que soa lá dentro chega aos meus ouvidos. É a música *Donde ya no te tengo*, de Rosana. Claramente, não tenho como evitar ouvi-la.

Sozinha e sentada no bonito banco, permito-me ouvir a letra e entendo que realmente me sinto como diz a canção. Dentro de mim cresceu uma tristeza por culpa do imbecil do italiano e eu permiti que aí ficasse um vazio. Sorrio. O que estou a fazer a analisar a canção? E, sem perder o sorriso, bebo o vinho e contemplo a bela paisagem que me rodeia.

Estou absorta quando um homem mais velho, de cabelos grisalhos, mas com uma tez muito bonita, se aproxima de mim e, apontando para o banco onde estou sentada, diz sem tirar os óculos de sol:

– Senhora ou menina?

– Menina – respondo, a sorrir.

Ele acena com a cabeça e depois pergunta:

– Posso sentar-me consigo, menina?

Deslizo para o lado e, quando ele se senta, após um silêncio quebrado apenas pela bonita canção de Rosana, ouço-o dizer com um sotaque bem da terra:

– Sempre gostei de canções de amor.

Surpresa com o seu comentário, olho para ele e, maliciosamente, ele sussurra:

– Fui um romântico incurável, daqueles que oferece flores.

Eu sorrio. Ele olha para minha garrafa e eu pergunto:

– Quer?

Sem hesitar, ele assente. Entrega-me o copo que traz na mão. É evidente que pertence ao grupo da visita guiada, e quando o enche, eu comento:

– Eu não gosto de canções de amor.

A sua surpresa faz-me sorrir com carinho e, então, acrescento em voz baixa:

– Partiram o meu coração uma vez e deixei de ouvi-las.

O homem pestaneja, bebe um gole do seu copo e, olhando para mim, comenta:

– Minha menina... e quem foi o *machango* que lhe partiu o coração?

– O que é um «machango»? – pergunto.

O homem sorri.

– Um tonto. Um palhaço.

Compreendendo o termo, apresso-me a responder:

– Apenas um idiota que não merece ser recordado.

Ele assente. Volto a encher o copo de vinho e, quando vou falar, ele pergunta:

– Pelo menos, algum homem lhe terá oferecido flores, certo?

– O meu pai.

Ele faz uma cara engraçada quando me ouve e sussurra:

– Quando digo que, hoje em dia, os homens são tolos, não estou longe da verdade. Por isso, sempre ensinei aos meus filhos que, para cortejar uma mulher como Deus manda, é preciso oferecer-lhe flores.

Isso faz-me soltar uma gargalhada.

– Não se preocupe – digo. – Se quiser flores, eu mesma as compro.

Agora, quem se ri às gargalhadas é ele.

– Embora, cá entre nós, é melhor eu não as comprar, porque acabo por deixá-las morrer – acrescento. – Sou um desastre!

Ele ri-se outra vez, achando graça ao que eu disse.

– De férias na ilha? – pergunta.

Penso em Naím; ele fez-me a mesma pergunta.

– Vim a trabalho, mas agora estou de miniférias – respondo.

– Sozinha?

Quando ele pergunta isso, rio-me. O homem é um pouco intrometido...

– Melhor só do que mal acompanhada! – exclamo a brincar.

Ambos assentimos e, para cortar as perguntas pessoais, olho para frente e sussurro:

– Que bom estar aqui, rodeada de tudo isto tão bonito. Transmite paz, não é verdade?

O homem acena com a cabeça, olha para frente como eu e, com certa tristeza na voz, comenta:

– Era o lugar preferido da minha esposa.

– «Era»? – pergunto, temendo o pior.

Ele acena com a cabeça, e depois sussurra, enquanto vejo o seu queixo tremer:

– Faleceu há dois anos.

Isso toca diretamente o meu coração. Deixo a garrafa no banco, pego na mão dele e, apertando-a, sussurro com todo o carinho:

– Não. Não. Não. Não chore, que sou muito empática e começo já a chorar consigo, e vamos dar aqui um espetáculo tão grande que os donos das caves nunca mais nos deixam entrar. Além disso... pense que ela não gostaria de o ver chorar no seu lugar preferido. Gostaria de vê-lo sorrir.

O homem assente. O seu queixo para de tremer.

– Não se preocupe, minha querida. Não se preocupe – diz.

Vendo que ele se acalma e sorri para mim, eu sorrio de volta e, pegando na garrafa, encho os copos. Depois, pouso-a de volta no banco, o homem olha para mim e, erguendo o copo num brinde, sussurra:

– Ao amor.

Estou prestes a dizer-lhe que não brindo a isso; que o amor e eu estamos de costas voltadas. Mas, sem querer quebrar o momento mágico que o homem criou a pensar na sua falecida esposa e no seu amor, brindo com ele,

embora, de repente, surja um cavalo preto por entre as vinhas e, em cima dele, vejo Naím.

Mãezinha... mãezinha... como está o *baby*.

O meu coração acelera...

A minha respiração acelera...

Toda eu... acelero e, inevitavelmente, lembro-me da sua boca, dos seus beijos, do seu cheiro e da sua forma de fazer amor comigo.

Uf, que calor!

Este moreno impressionante que não tem nada a ver comigo não poderia ser mais provocador do que montado naquele cavalo, vestido com aquelas calças de ganga velhas e uma camisa branca aberta que mostra os seus bonitos abdominais.

Mãezinha! Tirava-lhe a camisa à dentada.

Eu desvio o olhar. O que estou a fazer a pensar nisto?

Mas, zás! Volto, instantaneamente, a olhar para ele. Não consigo evitar, e sorrio ao pensar que se Amara estivesse aqui comigo, olharia para mim e sussurraria: «Que hoooooomem é este?»

Sem conseguir tirar os olhos dele, e já que ele felizmente não me viu, aprecio as vistas que a sua presença me oferece. Então, o homem ao meu lado comenta:

– Belo animal.

Concordo. Concordo. Decididamente, concordo. Sei que se refere ao cavalo, que é lindo, embora preste mais atenção ao animal que está montado no cavalo e, sem saber porquê, comento:

– Qualquer um diria que isto é *Pasión de Gavilanes*.

A risada do homem faz-me rir também e ele, tirando os óculos de sol, diz:

– É um bom menino, o meu Naím. Quando eu lhe contar sobre os *Gavilanes*, ele certamente vai rir, porque a mãe dele gostava muito daqueles homens bonitos.

Quando ele diz isso, eu pisco os olhos. O seu Naím? O que quer dizer com «o meu Naím»?

E, quando o olho e percebo que tem um dos olhos igual ao de Liam, e recordo que ele me disse que tinha herdado do pai, preparo-me para falar,

mas ele diz:

– O meu filho é um romântico como eu, embora tenha péssimo gosto para mulheres, como é o caso da tonta da sua mulher.

Uf, céus, que me dá uma coisinha má!

Seu filho! O que quer dizer com «filho»?! É o pai dele?! E... e... a sua mulher? É casado? Naím é casado?

Uf... uf... Sinto a terra mover-se sob os meus pés.

Eu quero morreeeeeeer!

Terra, engole-meeeee!

Mãezinha... mãezinha...

Não apenas quebrei a minha regra de não misturar trabalho e sexo, e a regra de não ter mais de trinta anos, como acabei de descobrir que também quebrei a regra de «não casado»!

Uf, vou ter um ataque cardíaco!

Ai, *mãezinhadocéu*, estou a ficar zozza!

Mas, por amor de Deus, o que me está a acontecer?

Desde quando o meu radar funciona tão mal?

Olho para os lados. Estou à procura de uma rota de fuga. Mas, aqui estou eu, a contar as minhas desgraças ao pai do homem que me deixa atolambada como uma adolescente.

– Pai, eu estava à tua procura. – Ouço de repente.

É Liam, aproximando-se por trás. O homem levanta-se.

– Aqui estou, filho. A apreciar uma excelente companhia e um bom vinho.

Liam sorri, sacode algumas partículas de pó da lapela do casaco e diz:

– Verónica, este é meu pai, Horacio Acosta. Pai, esta é Verónica Jiménez, a publicitária do continente de quem a mãe tanto gostava.

O homem olha-me surpreso. Claramente, ele não sabia com quem estava a falar. E eu, que estou tão nervosa que nem sei para onde me virar, vendo que Naím se aproxima, comento, gesticulando:

– Surpresa!

Satisfeito, o homem pousa o copo no banco e dá-me um abraço apertado que me deixa maravilhada. Liam olha para nós, e depois o abraço termina e

o homem diz:

– A minha esposa admirava o seu trabalho e prometemos-lhe que a contrataríamos. Faço muito gosto que já esteja na equipa.

Surpresa ao saber dessa informação que até agora me havia sido omitida, eu aceno. Agora entendo as palavras de Florencia e a insistência dela durante todos estes meses.

No entanto, estou nervosa. Saber disso, saber que o sobrinho e neto deles está a ser pai neste momento e só eu sei disso, e a proximidade com Naím... está a matar-me. E quando vejo que um *minibus* chega às portas do local onde fazem as provas de vinhos, olho para ele e, precisando de fugir de alguma forma, pergunto ao ver que os visitantes entram nele:

– Aquele autocarro vai para Santa Cruz?

Liam e o pai acenam com a cabeça, e eu, vendo que Naím se aproxima, digo:

– Tenho de apanhá-lo.

– O *minibus*? – perguntam os dois em uníssono.

– Acabei de me lembrar de uma coisa – insisto –, e se não for vou atrasar-me.

Por fim, e sem lhes dar tempo de dizer nada, pego na minha carteira e sussurro:

– Sr. Acosta, foi um prazer conhecê-lo. Liam, vou enviar-lhe um *e-mail*.

E, sem demora, corro para o *minibus*, que fecha as portas assim que entro e arranca.

Sim, sim, sim!

Naím alcança o pai e o irmão a cavalo e, de repente, os nossos olhares encontram-se. Ele viu-me. Porraaaa!

Uma hora depois, quando entro no meu quarto de hotel ainda nervosa, abro o portátil e procuro voos para o continente. Tenho de deixar a ilha o mais rápido possível. Por sorte, vejo que um voo sai às onze e vinte da noite e, sem hesitar, reservo bilhete. Adeus, férias!

Feito isso, arrumo as minhas coisas como se me tivessem enfiado um petardo no rabo e, depois de descer até à receção e fazer o *checkout*, apanho um táxi e vou para o aeroporto com a angústia de não saber se Begoña e o seu bebé estão bem.

Uma vez na sala de espera do aeroporto, não consigo parar de pensar que esta viagem saiu do meu controlo e decido que não posso trabalhar com aquela família. O meu profissionalismo está comprometido, por isso escreverei a Liam quando chegar a Madrid e, compensando o que for preciso, direi que não posso colaborar com eles. Problema resolvido.

Capítulo 12

Quando desperto na minha cama em casa, suspiro de alívio, embora uma certa musiquinha comece a soar na minha cabeça.

A sério?

Até o avião sair do aeroporto de Tenerife Sul, estive num contínuo sobressalto, e confesso que quando cheguei a Madrid e coloquei os pés em terra, tudo o que me faltou fazer foi baixar-me e beijar o chão, como o Papa.

Meu Deus, como sou exagerada.

Como todas as manhãs, primeiro recebo os bons dias de *Paulova* e depois do Comando Chuminero, e quando digo que estou em Madrid, todos querem saber novidades. Combino almoçar com eles no bar de Matías. Não há nada que não resolvamos em frente a umas cervejas, uns calamares e algumas fatias de tortilha.

Assim que saio da cama e envio, mentalmente, toda a minha boa energia a Begoña, Gael e o seu bebé, ligo aos meus pais. Digo-lhes que estou de volta e eles ficam muito felizes. Depois, escrevo uma mensagem a Zoé e, claro, aguardo resposta. Ligo para o meu escritório em Madrid. Falo com a minha secretária e informo que regressei e que passo lá mais tarde.

Quando termino de falar com Eloísa, com o telemóvel na mão, abro a minha lista do Spotify e na pesquisa escrevo «Danna Paola, *A un beso*», e, zás, aparece a música que não consigo parar de trautear.

Por alguns segundos, fico a olhar para o ecrã. Ponho a tocar? Não ponho?

Pôr a tocar significa pensar no quarentão feroso e, a sério, para quê? Mas, no final, faço-o. Que cena, sou tão idiota! Quando a música começa, ouço a letra e ignoro, impotente, todos os meus princípios. Fala sobre uma tipa que

tem medo do compromisso. Paro a canção e repreendo-me por ouvir coisas que não devo.

Por isso, querendo alegrar-me e, acima de tudo, empoderar-me como mulher, ponho *Raise Your Glass*, de Pink, e começo a dançar enquanto entro no meu quarto e decido tomar um duche.

Depois de dividir o pequeno-almoço com a minha gata *Paulova*, que ficou muito feliz quando me viu aparecer ontem à noite, entro no meu pequeno escritório e decido escrever um *e-mail* a Liam. Durante alguns instantes, penso no que colocar no *e-mail*. O que invento? A história da esposa de Horacio tocou o meu coração, mas, ciente de que devo resolver o assunto antes que o meu profissionalismo seja ainda mais prejudicado, escrevo:

Bom dia, Liam.

Tive de regressar a Madrid por motivos pessoais.

Quero agradecer, a si e à sua equipa, a amabilidade com que me receberam e a oportunidade que me deram, mas, por motivos de trabalho, tenho de declinar a vossa oferta. Posto isto, posso colocá-lo em contacto com outros profissionais do sector que, sem dúvida, lhe farão grandes campanhas promocionais, em Espanha e no estrangeiro.

Cumprimentos, especialmente ao seu pai, e espero que tudo vos corra bem.

Verónica Jiménez Johnson

Antes de o enviar, releio pelo menos dez vezes. Quero que soe profissional e com sentimento, mas não básico. E, quando tenho a certeza, clico em enviar e sorrio.

Problema resolvido!

Satisfeita, levanto-me da cadeira do escritório e, depois de me vestir, vou fazer compras. Tenho o frigorífico num vazio assustador!

Às duas da tarde estou exausta. Recebi algumas chamadas de Liam, mas não atendi. É mau para mim. Isto não é profissional, mas sem pensar nisso, entro no bar de Matías, onde os meus amigos me esperam.

Sento-me à mesa e os três olham para mim. Pela forma como o fazem, eu sei que eles falaram. Conhecemo-nos até pela nossa forma de respirar.

– Mas não ias ficar alguns dias em Tenerife? – pergunta Leo.

Assinto. Matías traz-nos as primeiras cervejas e tortilhas e confesso, de uma vez, omitindo o tema de Gael e a sua paternidade:

– Quebrei as minhas três regras. As três!

– Nããããããão – murmuram os meus amigos em uníssono.

Aceno novamente, enfio um pedaço de tortilha na boca e, quando engulo, com uma voz desesperada acrescento:

– Ainda não entendo como pude fazer isso.

Os três piscam os olhos, surpresos, e entreolham-se. Sabem como sou rigorosa quanto a isso.

– Embebedaste-te? – pergunta Mercedes finalmente.

– Não.

– Consumiste drogas?

– Nãããããão...

– Então, querida? – insiste Amara.

– Não sei – respondo com desespero.

Os meus três amigos entreolham-se novamente. O meu telemóvel toca nesse momento. É Liam outra vez; eu interrompo a chamada, e Mercedes, olhando para mim, sussurra:

– Não brinques comigo, Vero.

Enfio outro pedaço de tortilha na boca em desespero e, depois, vendo como me encaram sem pestanejar, rosno:

– Caramba, nem sei o que dizer!

Mercedes acena com a cabeça, sorri e, quando vai falar, Amara quer saber:

– Casado, mais de trinta...?

– E dono da empresa que queria contratar-me porque, aparentemente, a sua falecida mãe gostou do meu trabalho e queria trabalhar comigo. – E, ao ver como eles se olham, acrescento: – Mas... mas, em minha defesa, devo dizer que não sabia que ele era casado, nem que era dono da empresa e...

– Não sabias que ele tinha mais de trinta anos? – pergunta Leo, a rir.

Ao ouvir isso, eu bufo e sussurro:

– Isso sabia. Sabia que ele era um jeitoso de quarenta e um anos e...

Eles não me deixam terminar; enchem-me de perguntas. Para mim, dormir com um tipo dessa idade é inédito.

– Mas o que tem de especial esse quarentão que te levou a quebrar todas as tuas regras, sendo tu tão rígida e exigente? – questiona Amara, divertida.

Pensar em Naím faz-me sorrir.

– Ele é atraente, charmoso, provocante e cavalheiresco – respondo. – Tem um cheiro maravilhoso e, além disso, tem uma forma de olhar incrível, um sorriso encantador, um tom de pele lindo e um corpo digno de ser apreciado.

Quando digo isto, os meus amigos sorriem e Mercedes deixa escapar:

– Pelo amor de Deus, tem mais qualidades do que o aloé vera... serve para tudo!

Sorrio novamente ao ouvir isso.

– Bem, se te falar em termos sexuais... – sussurro.

– Podes saltar essa parte – interrompe-me Leo.

– Nada disso – protesta Mercedes, pegando num pedaço de tortilha. – Eu quero saber mais. Conta!

– Sim, sim, conta – insiste Amara. – Quero saber como conhecestes o quarentão jeitoso e o que aconteceu para estares a falar dele com essa cara apalermada.

Rio-me. Todos nos rimos e, por fim, conto, ponto por ponto, o que aconteceu desde que cheguei ao aeroporto de Tenerife até ao meu regresso a Madrid. Como imaginei, as suas expressões surpresas são iguais às minhas à medida que fui descobrindo mais sobre ele.

– Então, o Aloé Vera é um daqueles que te recomendam vinhos quando vais a um restaurante – pergunta Mercedes.

Abano rapidamente a cabeça.

– Referes-te a um *sommelier* – digo –, e o Naím é enólogo.

Os meus amigos concordam. Devido ao meu trabalho, sei a diferença entre os dois.

– Bem, pensei que um enólogo é quem prova o vinho – interrompe Amara.

– Que bom trabalho! Feliz o dia todo – troça Leo.

Eu abano novamente a cabeça.

– Vamos ver, malta, para que me entendam – explico –, *sommelier* é o profissional que mais conhece os vinhos de um lugar e é o responsável por eles e pela sua harmonização. É ele quem aconselha os clientes na hora da sua escolha para obterem uma excelente combinação com os alimentos.

Os meus amigos concordam.

– Por outro lado – continuo –, um enólogo, ou seja, o Naím, é um profissional do mundo do vinho capaz de gerir, desenhar e supervisionar técnicas de cultivo da vinha e fazer vinho, entre outras coisas. Tem ainda de gerir as análises técnicas e sensoriais que garantem a qualidade do vinho e potenciam as características organoléticas em função do que as caves estabelecem. E, claro, supervisiona a correta conservação e armazenamento, juntamente com o trabalho de pesquisa e inovação.

– Meu Deus... – sussurra Leo. – Perdi-me na cena das *organolóquias*.

Divertida ao ver a expressão dos meus amigos, remato:

– Dito isso, um enólogo deve ter um alto nível de conhecimento multidisciplinar em assuntos tão complicados como física, microbiologia, estatística, genética e muitas outras coisas.

– Então, esse Aloé Vera é um génio! – troça Mercedes.

– Pode dizer-se que sim – afirmo, convencida.

Durante algum tempo, continuamos a falar sobre o mundo do vinho, e depois continuo com a minha narrativa pela ilha com os Acosta.

– Portanto – digo para terminar –, vendo o desastre que vinha na minha direção, afastei-me do *baby*, que não gosta de ser chamado de *baby*, e recusei o trabalho.

– Recusaste o trabalho? – pergunta Amara.

– Sim.

– Porque é que ele não gosta quando lhe chamas *baby*? – pergunta Mercedes.

– Não faço ideia! – Encolho os ombros.

O debate abre-se mais uma vez, e Leo rosna:

– Mas eles prometeram à mãe que trabalhariam contigo... Como podes deixá-los pendurados?

Concordo com a cabeça, reconheço que essa é a parte que me dói na alma.

– Eu sei – indico. – Mas não pode ser, e não vou pensar mais nisso. Hoje de manhã escrevi um *e-mail* ao Liam, o irmão, e o assunto foi encerrado. – Todos olham para mim. Acho que estão a questionar-me, mas eu insisto: – O que aconteceu não é profissional e... além disso, também teria de vê-lo, e isso deixa-me nervosa.

– E gostarias de foder o *baby* outra vez? – acrescenta Mercedes.

Sem hesitar, eu aceno. Não vou mentir, nem a mim nem aos meus amigos, e sussurro horrorizada:

– Mil e uma vezes. Se o tivessem visto quando ele apareceu no dorso daquele cavalo... Mãezinha... mãezinha! Pura perversão luxuriosa.

– Por favor! – protesta Leo, enquanto as minhas amigas riem e começam a entoar: *Quién es ese hombre?*

Incapaz de evitar, rio-me também. Que cena, que cena!

– Quarenta e um é uma boa idade – murmura Leo.

– Muito bem, querida! – exclama Amara. Depois, pergunta, divertida: – Ei, ele não terá um irmão tão bonito e interessante quanto ele?

Nesse instante, o telemóvel toca. Quando vejo o nome que aparece no ecrã, mostro à minha amiga.

– Aqui o tens – digo. – Chama-se Liam, mas tem namorada.

– Eu não sou ciumenta – troça Amara.

Todos rimos disso e, quando interrompo a chamada, Leo comenta:

– Gosto de te ver assim. Isso mostra-me que estás viva, porque finalmente um tipo mais velho te inquieta, atormenta e te perturba o suficiente para te fazer fugir da ilha.

Quando ele diz isso rio-me, e sussurro com a minha frieza típica:

– Caro Leo Morales, para de ver romantismo onde não há. Entre aquele velhadas e eu só houve sexo. E se eu saí de lá, foi porque... porque...

– Porque te deixa nervosa – interrompe-me Leo. – Porque vê-lo faz-te querer algo mais dele e porque, quer queiras admitir quer não, esse tipo, que não tem nada a ver com os juvenzinhos com quem dormes, conseguiu tocar em algo dentro de ti que nem tu sabes o que é.

– Tocar, ora em termos de tocar... – brinca Amara –, não há dúvida de que o quarentão jeitoso lhe tocou bem.

– Por favor, travem essas vossas línguas perversas! – rosna Leo, fazendo-nos rir.

– Olha, miúda – interrompe Mercedes, no gozo –, pensa positivo. O passado é passado e há pouco que possas fazer. Agora, vais à descoberta do mundo e quem te garante que não vais encontrar um chinês que vai superar o teu canarino?

– Eu estranharia se assim fosse. – Amara ri-se. – Dizem que a têm pequenita.

– Amaaaara! – protesta Leo.

Entre os meus amigos organiza-se um debate do qual não participo. Falam do quarentão jeitoso enquanto eu, pela ansiedade que sinto, não paro de comer tortilha de batata como se não houvesse amanhã.

Depois de pedir mais três porções de tortilha e duas pequenas porções de calamares, às quais damos andamento, o meu estado de espírito muda. Os meus três amigos, com as suas formas particulares de ser e de ver o mundo, fazem-me sorrir, esquecer os problemas, e quando nos despedimos depois do nosso característico «amo-te!», sigo para o escritório.

Como imaginei, além de me ligar, Liam ligou para o escritório. Eloísa, a minha secretária, dá-me os recados, e eu, profissionalmente, digo-lhe que se o Sr. Acosta ligar novamente, lhe diga que entrarei em contacto com ele o mais rápido possível.

Duas horas depois, após conversar com alguns clientes e marcar uma reunião com um deles no dia seguinte, decido ligar a Liam.

Como imaginei, não entende a minha decisão. Tal como a mim, vejo que imprevistos o incomodam, e como posso e com todo o profissionalismo do mundo, faço com que entenda que, depois de avaliar o que precisavam e dada a minha falta de tempo, me é impossível assumir a proposta deles. Liam insiste. Eu mantenho a minha posição e ele finalmente aceita. Ótimo!

Quando saio do escritório estou exausta.

Felizmente, Liam não insistiu mais e, embora me sinta aliviada, algo dentro de mim me diz que deve achar-me pouco correta, e duvido que

alguém das ilhas me volte a propor trabalho. Mas foi assim que as coisas aconteceram e tenho de aceitá-las como tal.

Quando chego a casa estou nervosa, inquieta. Não consigo parar de pensar no maldito quarentão poderoso que estragou tudo, e passa-me pela cabeça mandar mensagem a Marco ou a Alejandro, ou ir a um clube de *swing*, mas, no final, por preguiça, decido não o fazer.

Assim que troco de roupa e me ponho confortável, abro a gaveta da minha mesa de cabeceira e, depois de observar o arsenal de brinquedos que Alejandro me deu, os meus olhos fixam-se no meu peculiar *Ragnar*. É tão giro, ergonómico e preto, o meu *Satisfyer*!

Amara e eu fazemos anos no mesmo dia e, para enfurecer Leo, no ano passado ela deu-me o *Ragnar* e eu dei-lhe o *Michael*, apelidos em homenagem aos protagonistas de umas séries que nos entusiasma muito.

Satisfeita, olho para ele. Adoro o meu sugador de clítoris *Ragnar*, que detém, sobre tudo e todos, o recorde de me levar ao clímax em menos tempo. Quão poderoso é o meu *Ragnar*!

Encantada, deito-me na cama e, depois de carregar no botãozinho para começar a trabalhar, abro as pernas, coloco-o sobre o clítoris e, uf... que sensação!

Aumento a potência. Reduzo. Aumento. Mexo nos botões do meu *Ragnar* e, inevitavelmente, penso naquele homem em quem não quero pensar. Naím... o que fizeste comigo? O calor apodera-se de todo o meu corpo e sinto que vou explodir de tesão, prazer e loucura. E tenho um orgasmo maravilhoso que me faz estremecer ao pensar nos belos olhos escuros do quarentão e, quando recupero, lembro-me de toda a sua família.

Capítulo 13

No dia seguinte, tenho uma reunião com Javier Ruipérez e tudo corre pelo melhor. A grande viagem que vou fazer com ele deixa-o muito motivado, e eu também demonstro a minha motivação.

Quando o cliente sai, dirijo-me a Samantha, uma das minhas criativas.

– Agenda uma reunião com Lydia e Jesús – peço-lhe. – Quero esclarecer com eles as diretrizes das campanhas Serviart e Dorcas antes de viajar. Depois, fala com a organização do Prémio Farpón e diz-lhes que ligarei em setembro para reunir com eles e conversar sobre o evento e a apresentação, OK?

Samantha assente. Vejo-a feliz e gosto disso porque a motiva.

O telemóvel toca. Atendo e, nesse instante, Eloísa entra no meu escritório com um bonito ramo de flores multicoloridas e olha para mim a sorrir. Contente, levanto-me. Aproximo-me dela e, quando desligo o telemóvel, pergunto:

– De quem são?

Eloísa deixa o ramo de flores nas minhas mãos com um sorriso e responde:

– Tu saberás! Vêm em teu nome!

Estou sem palavras. Se recebemos flores de clientes, vêm sempre em nome da empresa.

– Ei, chefe – diz, então, Eloísa com total confiança –, já pensaste no que conversámos no outro dia?

Olho para ela e aceno. O volume de trabalho na minha empresa cresce a cada dia, e Eloísa na receção e a tratar das minhas coisas está sobrecarregada, por isso precisa de uma ajudante.

– Eu juro que, quando voltarmos de férias, vou contratar alguém – garanto-lhe.

Ela sorri, sabe que não estou a mentir-lhe e, quando sai, olho o bilhete que vem com o ramo e abro-o.

Disse que apenas o seu pai lhe tinha oferecido flores e senti que também eu queria fazer isso. O nome da minha esposa era Anastasia, e a sua flor favorita era a que tem o mesmo nome. Espero que goste deste ramo, de que ela tanto gostava.

Sinto muito por não trabalhar connosco. Lamento a sua decisão, pois estava entusiasmado, embora a respeite.

Com carinho e afeto,

*Horacio Acosta
Caves Verode*

Estou parva.

Que fofa e cavalheiresco é o pai dos Acosta, e como lamento tê-lo dececionado. Pensar nele faz-me sorrir com carinho. Durante o pouco tempo em que nos encontrámos naquele banco a beber vinho, senti uma bonita conexão com ele. E, depois de tirar um jarro de um armário, vou à casa de banho, encho-o de água e, quando volto ao meu escritório, coloco o ramo nele e deixo-o sobre a secretária, com o cartãozinho.

Eu deveria agradecer a Horacio pelo seu gesto, mas como faço para contactá-lo diretamente?

Depois do trabalho matinal encontro-me com Mercedes para almoçar. Enquanto estamos num restaurante que adoramos, ela conta-me como correm as coisas com Dalila. Está visto que, às vezes, segundas oportunidades funcionam, e isso alegra-me. Estou muito feliz por Mercedes, porque é completamente apaixonada por ela.

Com prazer, escuto-a. Isso faz-me esquecer os meus problemas e, depois de almoçarmos, despedimo-nos e voltamos para os nossos respetivos trabalhos. Tenho muito que fazer.

Dois dias depois, tenho uma nova reunião agendada logo pela manhã para apresentar ideias a um dos nossos clientes de pacotes de sumo. Não é a

primeira vez que trabalho com eles, por isso sei muito bem o que querem e, mais uma vez, eu e a minha equipa acertamos em cheio. Eles gostaram muito das propostas que lhes apresentamos e, quando saem, concordam em ligar-me dentro de alguns dias para me dizerem por qual vão optar.

Depois de saírem, e após olhar para as lindas flores de Horacio, que ainda estão na minha secretária, e ler novamente o amoroso bilhete, descanso a nuca na minha cadeira branca e fecho os olhos. Penso em Zoé, no que ela estará a fazer. E, inevitavelmente, sorrio.

Estou a saborear este momento de silêncio quando ouço a voz de Eloísa, que diz:

– Mas... ei, por favor! O que está a fazer?

Ao abrir os olhos, vejo a minha secretária à minha frente com... com... Naím!

Pestanejo com os olhos arregalados.

Mas... mas... o que é que o quarentão jeitoso está a fazer aqui?

Por favor, por favor, como está lindo neste fato escuro!

Naím olha para mim com uma expressão séria. A verdade é que, ultimamente, sempre que nos encontramos, ele olha-me desta maneira.

– Eu... sinto muito, Verónica – diz a pobre Eloísa com cara de embaraço.
– Este senhor não tem hora marcada e...

– É possível saber por que motivo não nos comunicaste lá a tua decisão? – indaga.

A princípio fico paralisada. Está a referir-se à minha recusa em trabalhar ou já sabem que Gael foi pai?

Não sei o que dizer, não sei o que responder, e ele insiste:

– Porque é que te recusaste a trabalhar connosco?

OK, assunto esclarecido. Agora sei o que tenho de responder. Mas o meu mau humor começa a tomar conta de mim. Bem, bem. Se me vem pedir satisfações, vai correr mal. E, olhando para a minha secretária com a maior calma possível, digo:

– Calma, Eloísa, eu atendo o Sr. Acosta.

A coitada assente e, depois de lançar um olhar arrasador ao visado, sai do escritório. Imediatamente, Naím fecha a porta e olha para mim.

Com a tranquilidade que não tenho, visto que vê-lo já me deixou alterada, levanto-me, contorno a minha mesa, coloco-me à sua frente e, esticando-me bem, respondo:

– Sr. Acosta...

– Naím, se não te importas.

Importo-me. Claro que me importo! Não vou cair no mesmo erro novamente e, para que não se engane, digo friamente:

– Se não se importa, prefiro manter a distância para não repetir erros.

Ele bufa, mas acena com a cabeça. Vejo que olha curioso para o ramo de flores e o bilhete que tenho sobre a mesa e, depois, diz:

– Certo, menina Jiménez.

Isso parece-me melhor. O meu telemóvel toca. É a minha mãe. Mas, desligando a chamada, pois irei ligar-lhe mais tarde, argumento:

– Sr. Acosta, já dei as devidas explicações ao seu irmão.

Naím assente. Com o seu olhar, sei que está a analisar-me. Tenho a certeza de que acha que sou altamente desprezível. Sinto as pernas fraquejarem de tão nervosa que isso me deixa e apoio-me na minha mesa.

– Acho que... – começo.

– Acho que está a cometer um erro – interrompe-me ele.

Com aquela presunção que enlouquece o meu pai, levanto as sobrancelhas, e ele insiste:

– Por que razão não quer trabalhar connosco?

Suspiro. É claro que ele está à procura de uma explicação convincente. O telemóvel toca outra vez. É a minha mãe. Desligo novamente e, pronta para lhe dar uma explicação que é a minha verdade, digo, omitindo o que sei sobre o seu sobrinho:

– Porque quebrei as minhas três regras.

Agora é ele quem levanta as sobrancelhas.

– Primeira – acrescento –, nada de sexo com quem trabalho. E quebrei-a consigo. A segunda, não mais de trinta. E quebrei-a novamente consigo. E a terceira, nada de homens casados, e veja lá com quem a falhei novamente. Olhe, Sr. Acosta, antes que diga alguma coisa, sei que querem trabalhar comigo, mas deve saber que sou uma pessoa séria e profissional. Não gostei

nada do que aconteceu e é por isso que me recusei a trabalhar convosco. Entende agora?

Ele olha para mim, olha para mim e olha para mim. Vai cansar-me de tanto olhar para mim, enquanto sinto como cresce e cresce, dentro de mim, aquele calor que ele me provoca.

– Quanto à sua terceira regra, não sou casado – diz ele, então.

Saber disso surpreende-me e, não sei porquê, sussurro:

– Mas o seu pai disse...

– O meu pai – interrompe-me ele – costuma chamar assim às mulheres que, em determinado momento, tenham estado comigo ou com o Liam. Mas o facto de ele as catalogar dessa forma não significa que somos casados, e muito menos que elas sejam nossas mulheres. E, embora não seja relevante, porque gosto de falar tão pouco da minha vida privada quanto você, sou solteiro e não há nenhuma mulher à qual eu deva esse respeito.

Eu aceno afirmativamente como uma tonta diante do seu esclarecimento. A loira com quem estava na noite em que o vi passa pela minha cabeça, mas é melhor ficar quieta. Não vou armar-me em metediça. E, então, ele acrescenta enquanto me vê desligar outra chamada da minha mãe:

– Tenha a certeza, menina Jiménez, de que se eu fosse casado, o primeiro que não quebraria essa regra seria eu.

Aceno que sim e sorrio. Conta esse conto a outro lobo, *Capuchinho Vermelho*.

– Eu sou um Acosta – continua. – Os meus pais ensinaram-me a amar e respeitar. E dou tanto quanto exijo. Que fique claro.

Desta vez eu não aceno. Com certeza, se eu fizer isso, ele vai levar a mal, enquanto o meu corpo já arde de desejo por este homem.

– Portanto, menina Jiménez, pode dizer-se que são duas, de três, as regras que quebrou.

Ainda não aceno afirmativamente. Continuo a esconder o que sei sobre Gael. Mas, enfeitiçada, olho para os seus lábios. Quero mordê-los, lambê-los. Olho para as mãos dele e desejo que toquem no meu pescoço e me puxem para mais perto. A sua presença desconcerta-me, tolda-me o juízo. E,

precisando de acabar com isto, respiro fundo, desencosto-me da mesa e digo:

– Acho que, uma vez esclarecido o que você precisava de saber, não temos mais nada para conversar. Por isso, convido-o a sair do meu escritório.

Naím assente e olha para mim. Uf, como olha para mim! Em seguida, olha novamente para as flores que tenho sobre a mesa e pergunta curioso:

– Gosta de anastacias?

Como uma autêntica palerma, eu aceno. Estou tão atordoada com a mistura de emoções que a sua presença me provoca que não consigo dizer que não sei distinguir uma anastasia de uma alface e, sobretudo, que foi o pai dele quem as ofereceu.

– Não a incomodo mais – diz ele então, estendendo a mão.

Quente e extasiada, olho para ele e, estendendo a minha, agarro-a e sussurro olhando nos seus olhos:

– Adeus, Sr. Acosta.

A faísca que sinto quando a sua pele toca na minha é avassaladora. Isto nunca aconteceu na minha vida com um homem. Olhamos um para o outro em silêncio enquanto as nossas mãos estão unidas. Pela expressão dele, percebo que sentiu o mesmo. Então, Naím dá um passo na minha direção, eu dou um na direção dele e, atraídos como dois puros ímanes, beijamo-nos perdidamente.

Mãezinha... mãezinha... Outra vez?

Mas será que não aprendo?

A sua boca e a minha tomam-se, devoram-se. Elas fundem-se desesperadamente, enquanto as nossas línguas se divertem, brincam, se devoram com deleite e prazer, até que ele termina o beijo e, olhando para mim com a respiração tão acelerada quanto a minha, declara:

– Adeus, menina Jiménez.

E, sem demora, e senhor da última palavra, como sempre, está prestes a sair do meu escritório quando Eloísa abre a porta e exclama, alarmada:

– Verónica, tens de ir ao hospital com urgência!

Ao ouvir isso, eu pestanejo e ela acrescenta:

– A tua mãe ligou. Aparentemente, aconteceu alguma coisa ao teu pai e uma ambulância levou-o para o Doce de Outubro.

O meu pai?!

O que aconteceu ao meu pai?!

Meu Deus... meu Deus, fico alarmada. Ai, Deus! Por isso é que a minha mãe insistia tanto. E, antes que eu consiga mexer-me, sinto a mão de Naím agarrar a minha com força e, puxando-me, diz:

– Anda. Vamos de táxi.

Sem pensar em mais nada, pego na minha carteira e saio do escritório enquanto o susto mal me deixa respirar.

Capítulo 14

Naím e eu fazemos o trajeto para o hospital em silêncio. Não sei o que faz aqui comigo, mas o facto é que está aqui, e agradeço-lhe muito.

Quando finalmente chegamos ao hospital, abro a porta do táxi e, enquanto Naím paga ao motorista, corro para as urgências. Vejo a minha mãe sentada ao fundo e depois de correr até ela, pergunto:

– Mãe, o que aconteceu? Onde está o pai?

Ao ver-me, ela levanta-se.

– Calma, *darling*. Tem calma – diz.

Calma? O que quer dizer com «calma»? O meu pai está nas urgências! Mas, então, ela esclarece:

– O teu pai caiu ao sair da banheira e deu uma valente pancada.

Ai, Deus... Coitado!

– Felizmente não partiu nada, só torceu o tornozelo, mas está bem.

Ao ouvir isso, suspiro e sinto que o sangue volta a circular no meu corpo. Não sei porquê, temi algo pior.

– O médico disse-me para esperar aqui até que ele saísse para podermos ir para casa – acrescenta.

Uma onda de alívio invade-me. Sim, sim, sim. E a minha mãe, baixando a voz, sussurra:

– Quem é o homem que te acompanha?

Nesse instante, lembro-me de que Naím veio comigo e olho para ele. Ele está atrás de mim, parado, e com o seu habitual cavalheirismo estende a mão à minha mãe e apresenta-se:

– Sou Naím Acosta. Um amigo da sua filha. Encantado, senhora.

Meu amigo? Desde quando?

A minha mãe olha-me, surpresa. Nunca me viu acompanhada de um homem, exceto do meu amigo Leo. Ela aproxima-se dele a sorrir.

– Deixe-se de formalismos e dê-me dois beijos – diz-lhe.

Naím sorri. A minha mãe também e, depois de trocarem beijos, ela diz:

– Encantada, Naím. Que alto você é! E que bonito!

– Mãe...

Mas a minha mãe é a minha mãe, uma inglesa atípica, e, encantada, acrescenta:

– Eu sou a Susan, a mãe desta mal-humorada.

Sem perder o sorriso, Naím acena com a cabeça e, sem olhar para mim, pergunta:

– O seu marido está bem?

A minha mãe sorri – bem, bem, eu conheço aquele sorrisinho –, e senta-se na cadeira.

– Ele vai sair com um tornozelo enfaixado e um hematoma no seu belo traseiro – responde ela.

– Mããããããããe.

– Isso é o máximo que consegui que a rececionista me dissesse, e com a demora que por aqui vai, imagino que vamos ficar aqui sabe-se lá quanto tempo.

Quando diz isso, Naím olha na direção da receção, depois olha para mim e pergunta:

– Qual é o nome do teu pai?

– Rogelio Jiménez Alcaide – respondo.

Naím acena com a cabeça e, piscando um olho à minha mãe e a mim, diz-nos:

– Deem-me um segundo.

Momentos depois, vemo-lo caminhar até ao balcão, onde começa a conversar com a rececionista, cujo rosto se ilumina ao vê-lo.

Por que razão nós, humanos, às vezes nos deixamos enganar por um sorriso bonito?

A minha mãe que, como eu, observa o que está a acontecer, aproxima-se de mim e sussurra:

– Que Gavilááááán...

– Mãe! – protesto.

– Mas, *darling*, quem é este hooomeeem? – cantarola, fazendo-me sorrir.

Como não quero explicar-lhe, não respondo, e ela, vendo como a rececionista sorri e mexe no seu cabelo, acrescenta:

– É *very, very sexy*!

– Mããããe...

– Mas, filha, não vês o entusiasmo da rececionista?

Tenho de concordar. Vejo, claro que vejo. Então, a minha mãe ri-se, fazendo-me rir com cumplicidade. Depois, com aquela sua graça inglesa, comenta:

– Filha, eu sou velha, mas não sou burra. Tenho olhos... Quem é este teu amigo?

Divertida, balanço a cabeça e, vendo como me olha, esclareço:

– É apenas um conhecido.

– Ele disse que é teu amigo e...

– Ele pode dizer que é o Papa – interrompo. E ao ver o sorrisinho dela, sussurro: – Não comeces a pensar no que não é, que eu conheço-te muito bem.

Nesse momento, Naím regressa.

– Arantxa, a rececionista, ligou a Puri, uma enfermeira das urgências – conta-nos ele. – Já atenderam o Rogelio e ela mesma irá buscá-lo à enfermaria.

Assinto. A minha mãe também, e pergunta:

– Conheces a rececionista?

Naím abana a cabeça, vejo malícia nos seus olhos e fico irritada... E como preciso que esta loucura termine aqui, olho para ele e digo:

– Obrigada por teres vindo comigo, mas acho que agora devias ir.

Ele concorda. Sei que sabe que aqui não apita nada. Mas, de repente, a minha mãe levanta-se e exclama:

– *My looove!*

O meu pai sai pela porta numa cadeira de rodas conduzida por Arantxa, a rececionista. Rapidamente, aproximamo-nos dele, e o meu pai, após beijar a

minha mãe, olha para mim e diz:

– Calma, *ratita*, estou bem.

Satisfeita, abraço-o. Felizmente, ainda não fui de viagem. Com a voz embargada, sussurro:

– Não voltes a assustar-me assim ou juro que te mato.

O meu pai sorri. Eu também. Vejo que a rececionista, depois de dirigir um sorriso a Naím, se afasta.

– *Darling*, apresento-te o Naím – diz a minha mãe. – Um amigo da Verónica que, com cavalheirismo, a acompanhou.

O meu pai, que até agora não havia notado a sua presença, olha para ele, depois olha para mim e, olhando-o novamente, estende a mão e diz:

– Rapaz, muito obrigado por acompanhar a minha *ratita*.

– Pai! – protesto.

Naím e ele apertam as mãos e o primeiro diz:

– O importante, senhor, é que está bem.

Os meus pais entreolham-se contentes. É perceptível que a educação de Naím está a encantá-los.

– Ajuda-me a levantar? – pergunta-lhe o meu pai.

Naím apressa-se a fazer isso, mas eu protesto:

– Pai, eu posso ajudar-te.

Ele acena com a cabeça e sorri.

– Eu sei, querida. Mas estando aqui este jovem alto e espadaúdo, o lógico é eu pedir-lhe. Anda, vamos sair e apanhar um táxi.

Apoiado em Naím, e segurando a mão da minha mãe, o meu pai caminha lentamente em direção à saída das urgências. Ao chegar lá, Naím olha para mim e diz:

– Fiquem aqui. Vou procurar um táxi.

Rápido e determinado, eu vejo-o afastar-se. E, vendo como os meus pais me olham, apresso-me em esclarecer:

– Ele não é ninguém importante, por isso parem de olhar assim para mim!

Ambos riem. Honestamente, não sei porque o fazem.

Dois minutos depois, um táxi aparece e para à nossa frente. Depois de acomodar o meu pai e a minha mãe se sentar, vou despedir-me de Naím, mas a minha mãe diz:

– Naím, venha a nossa casa beber algo fresquinho.

Ele olha-me, esperando a minha aprovação, e o meu pai insiste:

– Venha. Não nos pode dizer não!

– Pai – digo –, o Naím tem coisas para fazer e...

– Será um prazer tomar uma bebida convosco – ouço-o dizer.

Bem, bem, bem. Acho que ele se está a passar! E quando eu apanhar os meus pais sozinhos, vou ter de lhes dizer umas coisinhas.

Capítulo 15

Como não quero armar confusão à porta das urgências, finalmente entramos todos no táxi e, entre comentários dos meus pais sobre como escorregou ele na banheira, chegamos a casa.

Novamente, o meu pai procura o apoio em Naím para sair do táxi e subir para o apartamento. *Tinto* recebe-nos com a sua sonata de latidos e grunhidos dirigidos a Naím, que não conhece, até que a minha mãe lhe ralha e ele se cala. Assim que entramos na sala dos meus pais e a minha mãe oferece algo fresco a Naím, quando ela vai à cozinha e nós nos sentamos, o meu pai comenta, olhando-o:

– Esse seu sotaque não é muito madrileno.

Naím sorri. Céus, que sorriso lindo ele tem!

– Sou de Tenerife – esclarece.

Ao dizer isso, o meu pai ergue as sobrancelhas e pergunta:

– *Chicharrero*?

Naím acena com a cabeça, divertido. Nesse momento, surge a minha mãe com um pequeno tabuleiro, seguida de *Tinto*, e, deixando-o em cima da mesa, diz:

– O meu marido e eu conhecemo-nos em Tenerife! Mais concretamente, numa cidade chamada El Médano.

– Um lugar lindo onde, às vezes, faz muito vento – diz Naím.

Os meus pais concordam e riem. O vento foi o que os fez conhecerem-se. A minha mãe estava com um chapéu que voou e foi o meu pai quem o apanhou.

É verdade! Eu não tinha pensado nesse pormenor. E, depois de ela contar como se conheceram, Naím sorri e o meu pai pergunta, curioso:

– Mora em Madrid?

– Não – responde, e ao ver como o olham, acrescenta: – Estou no continente a trabalho.

Suspiro, satisfeita com facto de ele não dizer a verdade.

– E como conheceu a minha filha? – pergunta a minha mãe.

Olho para ela. Porque é que está a ser tão curiosa? Então, ouço Naím responder:

– Em trabalho. Tento convencê-la a assumir o *marketing* e a divulgação da vinícola da minha família.

Os meus pais olham para mim.

– Não é por ser minha filha – diz imediatamente, o meu pai –, mas a minha *ratita* é a melhor no que toca à publicidade. E, dentro de poucos dias, ela fará uma importante viagem que a levará a dar a volta ao mundo.

– Paaaai – rosno, enquanto observo o sorriso de Naím.

O meu pai olha-me, manda-me calar com o seu olhar e acrescenta, enquanto pego no *Tinto* ao colo:

– A minha esposa e eu tínhamos uma tasquinha e, quando ela terminou o curso, convenceu-nos a atualizar e a abrimos uma loja especializada em vinhos. E, na verdade, tudo o que ela fez por nós foi incrível!

Naím acena com a cabeça; eu não sei onde me enfiar.

– Onde fica e como se chama a vossa vinícola familiar? – pergunta o meu pai.

– Caves Verode. Estamos em todas as ilhas Canárias.

O meu pai assente; entende mais de vinhos do que eu.

– Bons vinhos os vossos – declara. – Especialmente um cujo nome não recordo, mas que envelhecem durante dezasseis meses em pipas de carvalho francês no vale de La Orotava.

Naím sorri e acena com a cabeça.

– Obrigado, senhor. Vou fazer-lhe chegar uma caixa.

A partir desse momento, como profissionais do vinho que são os meus pais e Naím, começam a falar do tema que tanto os apaixona. Conversam, riem, confidenciam... e quando percebo que o ambiente está completamente descontraído, Naím desabafa, surpreendendo-me:

– Posso pedir-lhes um favor?

Os meus pais entreolham-se e ele acrescenta:

– Poderiam convencer a vossa filha a trabalhar connosco? O meu irmão Liam e eu não conseguimos fazê-la mudar de ideias.

Ao ouvir isso, estou a ponto de gritar e pedir a *Tinto* que lhe morda a jugular. E o meu pai, olhando para mim, pergunta:

– Porque é que não queres trabalhar com eles?

Todos olham para mim. Acho que vou saltar pela janela.

– Filha, ajudas sempre os teus amigos... porque não a ele? – insiste a minha mãe.

OK, não sei onde me enfiar... Nesse instante, a campainha toca e *Tinto* salta dos meus braços e começa a ladrar.

Salva pelo gongo!

A minha mãe levanta-se para abrir e, segundos depois, aparece a minha vizinha Isabel, que, olhando para o meu pai, diz:

– Bendito seja Deus, Rogelio, que susto nos pregaste! A propósito, lindo, trago-te umas rabanadas que te vão saber pela vida!

O meu pai, a minha mãe e a vizinha começam a conversar sobre o ocorrido, enquanto eu percebo como Naím olha em volta. Vejo-o olhar ao redor da sala e os seus olhos param nas fotos, minhas e de Zoé, que os meus pais têm ao lado da televisão.

Quando a vizinha decide ir embora, mas não sem antes examinar Naím minuciosamente, acompanho-a até à porta e, assim que regresso à sala, ouço o meu pai dizer, apontando para as fotos:

– Sou o orgulhoso pai e avô dessas duas beldades.

– A minha Verónica é a melhor mãe do mundo – afirma a minha mãe com o *Tinto* nos braços.

Vejo a surpresa no rosto de Naím. Deve estar passado! Sem dúvida, a sua mente calcula rapidamente as idades, e eu, cansada da situação, levanto-me e digo:

– Bom, como vejo que estão bem, o Naím e eu vamos deixar-vos. Temos planos.

Os meus pais concordam, alegremente. Naím levanta-se sem questionar e, depois de nos despedirmos deles e de *Tinto*, descemos no elevador em silêncio e chegamos à porta da rua.

Assim que saímos e nos afastamos prudentemente da entrada, olho para ele e, quando vou falar, ele pergunta:

– Mas quantos anos tem a tua filha?

OK, sem dúvida está curioso. Está a ter a reação que toda a gente tem quando sabe.

– Vinte e três – respondo.

Naím pestaneja. Curioso agora é pouco!

– Sim – acrescento. – Tive-a com quinze anos e, sabes, é a melhor coisa que já fiz na minha vida.

Ele não diz nada, apenas acena com a cabeça. Como toda a gente, ao saber disso fica em choque por alguns segundos, até dizer:

– Fico muito feliz que penses assim.

Agora quem acena sou eu e, respirando fundo, digo, refugiando-me na minha frieza:

– Ei, olha, acho que já está tudo dito. Agradeço a gentileza de me acompanhares ao hospital, mas...

– Queres jantar comigo? – interrompe-me.

Mãezinha... mãezinha... O que sinto quando ouço isso.

Porquê? Por que motivo tem de me perguntar quando sabe que vou dizer *não*? Ou será que quero dizer *sim*?

Por isso, pensando rapidamente, estendo a mão e digo, marcando novamente as distâncias:

– Sr. Acosta, foi um prazer revê-lo. Agora, se não se importa, tenho coisas para fazer.

Naím agarra a minha mão sem se mexer. Apertamos as mãos e eu, forçando um sorrisinho, viro-me e começo a afastar-me.

Não olho para trás. Tenho a certeza de que ele está a observar-me e, de repente, sinto o meu telemóvel vibrar. Recebi uma mensagem. Rapidamente abro e leio:

Porque é que és um
cubinho de gelo?

Eu paro de repente. Ora, não está longe da verdade. Em seguida, recebo outra mensagem que diz:

A sério que não vais
jantar comigo?

Mãezinha... mãezinha... É verdade, ele tem o meu número, tal como eu tenho o dele, e, tentando acalmar-me, suspiro. A minha cabeça diz: «Nem penses nisso, querida!» Enquanto o resto do meu corpo grita: «Sim, sim, sim!»

Há uma luta interna entre a minha cabeça e o meu desejo. Sei que tenho de me afastar o mais rápido possível. Algo me diz que tenho de continuar com a minha frieza, mas, nesse momento, ouço uma voz atrás de mim que diz:

– Prometo não fazer ou dizer nada que te deixe desconfortável.

Porra... Porra... Porra...

– Vamos apenas jantar – acrescenta. – Conheço um bonito restaurante de um amigo que...

– Não – interrompo-o, virando-me.

Olhamo-nos. Céus, que olhar ele tem!

– Vamos onde quiseres para veres que não estou a querer enganar-te.

Uf... uf... uf...

Mas ei, o que se passa comigo? Porque estou a duvidar e não digo novamente *não*? Porque estou a considerar isso?

Continuamos a olhar-nos em silêncio. Ele não insiste com palavras, mas insiste com os olhos. Estou numa encruzilhada. Não quero aceitar, mas também não quero rejeitá-lo, e, sabendo que quero este jantar tanto quanto ele, respiro fundo e pergunto:

– Gostas de comida italiana?

Naím assente. Acho que ele teria respondido afirmativamente mesmo que eu tivesse perguntado se gosta de comida neozelandesa. E, levantando a mão para chamar um táxi, digo com confiança:

- Vamos, vou levar-te a um lugar onde se come muito bem.
- Tu mandas! – Naím sorri.
- Sempre, *baby* – asseguro.
- Não me chames *baby*... – replica, depois de bufar.

Capítulo 16

Quando chegamos ao restaurante, rapidamente nos sentam numa das mesas livres. Eu e os meus amigos costumamos vir muito aqui, por isso já me conhecem e tratam-me sempre com carinho.

Durante alguns minutos, olhamos para a ementa em silêncio, enquanto me convenço de que fiz a coisa certa e não estou a estragar tudo outra vez. Naím comportou-se maravilhosamente bem com os meus pais e eu, no mínimo, tenho de ser educada. Esta é a razão da minha amabilidade... certo?

Estou a olhar para a ementa quando o ouço dizer:

– «Ratita»?!

Sem conseguir evitar, sorrio.

– Coisas do meu pai.

Naím acena com a cabeça, sorri, e eu, aproveitando o momento, pergunto:

– Porque é que te incomoda tanto que te chame *baby*?

Vejo que ele se mexe desconfortavelmente na cadeira e, refletindo, responde:

– Porque outra pessoa me chamava assim e odeio a palavra desde então.

OK. Estou prestes a perguntar quem, mas não quero ser chata, por isso, respeitando o seu pedido, digo:

– Agora que sei disso, garanto que nunca mais te chamo assim.

– Muito obrigado.

Sorrimos os dois e, ele, olhando para mim, pergunta:

– Porque é que não protestaste quando te chamei «cubinho de gelo»?

A sua pergunta diverte-me.

– Porque é verdade – respondo sem hesitar.

Naím acena com a cabeça; acho que, às vezes, o confundo com as minhas respostas. Deixando essa questão de lado, ele propõe:

– Gostarias que pedíssemos uma garrafa de vinho?

Ouvir isso faz-me olhar para ele com surpresa, e imediatamente ouço-o dizer:

– Calma. Eu sei que não faço o teu tipo e não vais quebrar mais nenhuma regra.

Isso diverte-me. Mãezinha, como tenho vontade de me atirar para cima dele aqui mesmo. E, encolhendo os braços para me fazer de durona, aponto para a carta de vinhos.

– Vamos pedir este vinho siciliano.

– E que tal este de Piemonte? É muito bom.

Vejo o que ele indica. Não é mau. Mas, desejosa de levar a minha avante, respondo enfaticamente:

– Prefiro o siciliano.

Naím olha-me por alguns segundos. Ai, mãezinha, que sensação me provoca! Acho que vai mandar-me à fava.

– É bom? – pergunta, em vez disso.

Sem hesitar, eu aceno com a cabeça, e então sei que levei a minha avante. Ótimo!

Instantes depois, o empregado de mesa regista o pedido e regressa com dois copos e uma garrafa de vinho da Sicília.

Com curiosidade, vejo como Naím a recebe e observa. Lê o rótulo, sem dúvida por defeito profissional, e, por fim, sugere olhando para mim:

– E se provarmos...?

Uf... uf... que sensação me invade!

E, como sou um livro aberto, incapaz de conter o que penso, respondo:

– A última vez que disseste essa frasezinha acabámos na cama, e eu quero que saibas que isso não vai acontecer outra vez.

Ele ergue as sobrancelhas. Faço-o pensar. Acho que sabe porque lhe digo isto e, por fim, diz, a sorrir:

– Calma, *ratita*... não é essa a minha intenção. Sei o que te prometi.

A partir desse momento, como da última vez que estivemos juntos diante de uma garrafa de vinho, o tempo para e nós simplesmente aproveitamos a companhia um do outro enquanto conversamos e rimos. Conto-lhe como a minha gata *Paulova* é especial, e ele conta-me sobre o seu cão *Donut*, que é nada mais nada menos do que um *golden retriever*. E, quando me mostra uma foto dele no telemóvel, eu morro de amor!

Como quem não quer a coisa, pergunto-lhe sobre a sua família. Como mãe, interesse-me pelos filhos de Florencia para saber se a família já sabe que Gael foi pai, mas fico estupefacta ao constatar que Naím não se refere a isso em nenhum momento.

A sério que Gael foi pai e ainda mantém isso em segredo?

Ele pergunta-me sobre a megaviagem de que o meu pai falou e fica impressionado ao saber que, dentro de poucos dias, vou visitar vários continentes para ver os vinhedos do meu cliente. Omito a piada da «colonização» porque acho que isso o deixaria escandalizado.

Por várias vezes, o telemóvel toca e, na terceira vez, vejo que o ecrã diz «Soraya». Ainda não sei quem é essa mulher, mas é evidente que é chata como a potassa.

Quando menos espero, aparece à nossa mesa o típico vendedor de rosas.

Caramba, que vergonha me dá estas coisas!

Prontamente abano a cabeça, mas Naím, ignorando, compra meia dúzia delas. Momentos depois, o vendedor sai felicíssimo, e Naím, olhando para mim, diz, enquanto me entrega as rosas:

– São para ti.

Constrangida, não sei o que responder. É a primeira vez que um homem me compra rosas e, pegando nelas, sussurro, envergonhada:

– Obrigada.

Naím sorri. Se soubesse que o ramo que estava no meu escritório tinha sido enviado pelo pai dele, *flipava*!

Estou a pensar nisso quando o ouço dizer:

– O meu pai diz sempre que nunca se deve perder uma oportunidade de oferecer flores a uma dama.

Uma «dama»?

Meu Deus, como é cavalheiro. Já não se fazem homens assim, mas ei, eu gosto! Que fofo!

Em seguida, ficamos em silêncio. Não sei o que dizer, e começo a falar de Zoé. Nunca escondi de ninguém o facto de ter uma filha, ela é o meu orgulho! Quando ele me pergunta por ela, respondo com total naturalidade e sinto que estamos bem outra vez.

Depois de um jantar encantador que durou mais do que o normal, vemos que somos os últimos no restaurante; Naím paga e, saindo para a rua com as rosas na mão, olho para o meu relógio e digo:

– É tarde e amanhã trabalho.

Ele acena com a cabeça e, quando está prestes a falar, levanto a mão, chamo um táxi e digo:

– Vem, deixo-te no teu hotel no caminho.

A sorrir, ele olha para mim.

– Não é necessário.

Mas sim, recuso-me a deixá-lo ali na rua. Então, ele olha para o seu telemóvel.

– Vou chamar um Uber – diz.

Ver como ele olha para a *app* faz-me sorrir.

– Anda, não sejas teimoso – insisto.

Naím ri-se e depois declara:

– Não penso dormir contigo.

Sem conseguirmos evitar, rimos como dois tolos.

A verdade é que não penso dormir com ele. E quando o táxi para, abrindo a porta, ordeno-lhe:

– Anda, entra e cala-te.

Ele pondera. Não penso sair daqui sem deixá-lo no seu hotel, e no final ele obedece.

Entramos no táxi, peço-lhe a morada do hotel e, sem sequer nos tocarmos, dirigimo-nos para lá, enquanto sinto que a sua proximidade, o aroma das rosas e o vinhinho começam a perturbar-me.

Mãezinha... mãezinha...

Como um autómato, durante o trajeto falo-lhe dos lugares por onde passamos e ele escuta com atenção, até que o táxi para em frente a um belo hotel e, ao vê-lo tirar a carteira das calças, intervenho:

– Não, por favor, eu pago quando chegar a casa.

– Mas...

– Pagaste o jantar e ofereceste-me rosas – insisto.

Naím assente. Olha-me daquela forma que só ele sabe, e eu, como não sou burra e entendo o que ele está a dizer, digo, respirando fundo:

– Não.

Sem precisar de perguntar, ele sabe o que estou a recusar, e sorrindo, aproxima-se, dá-me um beijo rápido nos lábios, ao qual não me oponho, e diz:

– Adeus, menina Jiménez.

Segundos depois abre a porta do táxi, desce e, sem olhar para trás e com aquela confiança avassaladora que tanto ele como o irmão têm quando caminham, vejo-o entrar no hotel.

Estou muito acelerada.

O seu beijo, o seu cheiro, o seu olhar..., tudo isso me deixa com o coração a mil, e então eu sei que «não» é «sim».

Sim, sim, sim... quero sexo com ele. E, olhando para o taxímetro, tiro vinte euros da carteira e digo ao taxista:

– Fique com o troco.

Quando saio do veículo com as rosas na mão, sei que estou a fazer asneira. Sei que vou estragar tudo outra vez, mas o meu desejo por ele é tão irreprimível que, sem hesitar, entro no hotel. Rapidamente, vejo-o parado no final do corredor, em frente ao elevador, com as mãos nos bolsos.

Ele não me vê. Não olha para trás nem por um segundo, e quando chego ao seu lado, vendo-o olhar para mim com surpresa, digo:

– Se não quiseses, basta dizer-me para não entrar no elevador. Além disso, eu não prometi nada.

As portas abrem e Naím comenta:

– Não há quem te entenda.

– Eu sei. Tens toda a razão – declaro.

Se me rejeitar, passarei uma vergonha, mas então sinto a sua mão pegar na minha e ambos entramos no elevador. À medida que as portas se fecham, Naím puxa-me para mais perto do seu corpo e beija-me.

Oh, sim! Oh, sim!

Momentos depois, as portas abrem novamente e estamos a beijar-nos. Naím pega-me nos braços e saímos do elevador sem separar as bocas, enquanto ele caminha em direção ao que imagino ser o seu quarto.

Com diligência e um tanto desajeitado, consegue abrir a porta sem me largar e, uma vez lá dentro, após inserir o cartão no dispositivo na parede, as luzes acendem.

Olhamo-nos e Naím, vendo que estou a olhar para as lâmpadas de halogéneo, diz, enfaticamente:

– Quero ver-te.

Deixo a minha bolsa e as rosas no chão, não me oponho, e beijamo-nos outra vez.

É excitante a forma como nos beijamos, a forma como nos tocamos, e ele, sem tirar a boca da minha, sussurra enquanto levanta o meu vestido e me prende contra a parede:

– Escolheste o restaurante, o vinho, o táxi... e até estar aqui comigo. Além de um cubinho de gelo, és uma controladora nata.

Isso faz-me rir, ele tem razão, não vou negar; então, sinto a sua mão alcançar as minhas cuecas e, colocando-a dentro delas, sussurra:

– Agora, eu escolho como te vou foder.

Mãezinha, mãezinha, como as suas palavras me deixam com tesão!

Ser dominadora em todos os aspetos da minha vida é um problema que carrego comigo e, de repente, sentir-me dominada por ele parece-me o mais excitante.

– A senhora controladora concorda? – pergunta Naím, olhando para mim.

Concordo, concordo e concordo; então ele, que me faz acelerar como uma moto, enfia um dedo na minha vagina, e assim que estou prestes a colocar a minha mão na ereção das suas calças, ele murmura:

– Quieta!

O seu comando, a sua voz e o seu olhar impedem-me de me mover, e ele, sem tirar os olhos de mim, enquanto o seu dedo me devasta, sussurra, deixando-me louca:

– Da última vez foste tu quem deu as cartas, e desta vez, cubinho de gelo, sou eu que mando.

Volto a concordar, as suas palavras obrigam-me a fazê-lo, e, aproximando a sua boca da minha, ele acrescenta:

– Mal posso esperar para te submeter aos meus desejos.

Uooooou, o que me foi dizer!

Submissa eu? Nem pensar!

Já fui várias vezes a clubes *swinger* e nunca ninguém me subjugou. Nunca permiti isso.

Por causa do meu trabalho, por causa da minha vida, por causa de tudo, sou uma mulher forte e controladora, e ser submissa no sexo é algo que não está nos meus planos. Mas, quando vou falar, Naím sussurra:

– Isso mesmo, quietinha para mim.

Mãezinha, mãezinha... Este joguinho está a deixar-me em brasa.

– Gosto do mundo *swinger* – murmuro sem conseguir calar-me.

Assim que digo isto, ele olha para mim, mas depois ouço-o dizer:

– Eu também.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Não me surpreende. A maneira como fala, a maneira como me excita, faz-me saber que o que diz é verdade e, querendo esclarecer algumas coisas antes que sejam mal interpretadas, digo:

– Não sou submissa nem masoquista. Não vou ser chicoteada, ou amordaçada ou qualquer coisa que...

– Eu também não gosto de nada disso.

Olho imediatamente para ele e logo ele acrescenta, sensualmente, fazendo-me ofegar com a forma como move o dedo dentro de mim:

– Submissão e masoquismo são duas coisas diferentes. A primeira é desistir do seu controlo e a segunda tem a ver com sentir prazer na dor.

Eu aceno que sim, não sei porquê.

– Eu não sou um mestre, nem sou dominante – continua a seguir. – Só gosto de brincar, e esta noite quero que me cedas o controlo para brincarmos. Achas bem?

Não sei. Eu não sei, não sei!

Tudo que quero é que isto não pare.

– Não... não sou submissa – repito.

Naím sorri. A superioridade que me impõe neste momento excita-me tremendamente.

– Excita-te entregares-te a um homem? – pergunta.

Eu pisco os olhos e, como se estivesse a ler minha mente, afirma imediatamente:

– Esta noite vais entregar-te a mim.

Como assim vou entregar-me a ele? Mas quando vou protestar, o seu dedo faz tal movimento dentro de mim que só posso suspirar, gozar e acenar com a cabeça.

A minha respiração acelera. A posse que sinto por parte dele, a forma como me tem e o que me diz, deixa-me louca. Então, Naím, abrindo a lateral do meu vestido com a mão livre, tira-mo pela minha cabeça com brusquidão e, sem se importar, atira-o ao chão.

Porra, é um *Carolina Herrera*!

Estamos na entrada do quarto, logo abaixo das lâmpadas de halogéneo, e a luz atinge-me diretamente. Naím tira a mão do meio das minhas pernas e sussurra:

– Vamos curtir este jogo. Garanto-te.

Em seguida, desaperta o meu sutiã, que acaba ao lado do meu vestido. Olha para mim. Vejo como percorre o meu corpo com os seus belos olhos e, dando-me a mão, leva-me para a cama sem falar.

Estou quase em taquicardia. Muito nervosa. Ver a cama dá-me vontade de já estar lá a rolar com ele. Então, ele senta-se e, aproximando-me dele, coloca o nariz entre as minhas pernas e percebo como inala enquanto diz:

– Mesmo que não acredites, a tua submissão será o teu próprio prazer.

Não sei o que lhe dizer, e ele, erguendo os olhos, pergunta:

– Excita-te o que eu digo?

Sem hesitar, aceno, embora realmente não saiba por que razão as suas palavras me excitam.

– Confia em mim – acrescenta a seguir.

– Naím...

– És uma jogadora como eu. Sabes como isto funciona. Mesmo assim, se em algum momento perceberes que não gostas de algo e achares que tenho de parar, a palavra de segurança é «Sicília».

Ao ouvir essa palavra pestanejo. E o brincalhão, após beijar os meus lábios, esclarece:

– «Sicília» por causa do vinho que bebemos. Entendido?

Excitada e perdida de tesão, porque, sim, é assim que me sinto, fecho os olhos, e sinto como as suas mãos agarram as minhas cuecas e as baixam devagar, bem devagar. Quando chegam aos meus tornozelos, vendo o seu olhar, sei que quer que eu levante os pés para as tirar.

Eu faço-o e, ainda sentado na cama, Naím ordena-me:

– Senta-te naquela mesa.

Sento-me na mesa?

Estou desconcertada. Acabou de me dar uma palavra de segurança: «Sicília». Porém, surpreendendo-me com a vontade que tenho de vivenciar o que ele diz, faço o que pede.

Veremos até onde me consigo submeter!

Vou até à mesa e sento-me nela. Então, Naím levanta-se da cama, pega numa cadeira, senta-se à minha frente e, após tirar-me os sapatos, diz:

– Apoia os calcanhares na mesa.

Oh, céus! Oh, céus! O que me pede é muito excitante.

A minha respiração acelera. Ainda assim, levanto as pernas e, quando o faço, ouço-o pedir:

– Agora afasta as coxas.

Mãezinha... mãezinha... que sensação invade o meu corpo quando o ouço. No entanto, estou tão estupidamente excitada que, sem hesitação, obedeco.

Naím sorri e, após aproximar a sua boca da minha vagina, que está aberta diante dele, beija-a e pergunta, olhando para mim:

– Excita-te obedecer aos meus pedidos?

Aceno como um autômato, e ele diz:

– Excita-me saber isso. – Ele beija-me novamente a vagina molhada e acrescenta: – Como vê, tu e eu retroalimentamo-nos da nossa própria excitação.

Sim, sim, sim. Eu retroalimento-me do que ele quiser, mas que volte a aproximar os lábios da minha vagina.

Estou nua sobre a mesa e totalmente exposta a um homem que está sentado numa cadeira à minha frente. O momento é inquietante, pura excitação, e então Naím separa os meus lábios vaginais com os dedos e começa a lambe-me.

Uf, céééééus!

Acalorada como nunca, observo o que ele me faz enquanto, sem precisar de pedir, me entrego totalmente e desinibida a um homem que me deixa louca e me faz parar de controlar tudo para lhe ceder o controlo.

A sua boca na minha vagina é quente.

A sua língua no meu clítoris é avassaladora.

As suas mãos fortes abrindo as minhas coxas deixam-me louca, e sinto-me como uma rainha do porno a entregar-se à luxúria.

De repente, as suas mãos envolvem-me, agarrando o meu traseiro. Olhando para mim, ele ordena:

– Dá-me isto.

Oh, céus... Oh, céus, o que sinto quando ouço isso... E, sem hesitar, dou-lhe. Mexo-me e levo a minha vagina até à sua boca, que de forma possessiva e autoritária me come, e sinto que vou morrer de prazer.

Deixando as minhas costas caírem sobre a mesa, entrego-me a ele enquanto ofego como uma louca e agarro-me à madeira para desfrutar dessa possessão louca.

Prazer, gozo, consentimento, erotismo, complacência e diversão são algumas das coisas que sinto enquanto permito que ele me possua com a sua boca, até que, de repente, ele para, levanta-se da cadeira e, aproximando o seu pénis da minha vagina, se insere totalmente dentro de mim e eu, abrindo os olhos, sento-me e sussurro:

– Sicília!

Naím olha para mim e para. E eu, acalorada, digo:

– O preservativo...

Ele sorri. Com um gesto, diz-me para olhar para baixo e vejo que está a usar um.

– Calma. Eu estou no controlo – ouço-o dizer então.

Concordo com a cabeça, parecendo apalermada enquanto penso: Quando é que ele o colocou?

Posso ver no seu olhar que ele gosta da minha confusão e, nesse momento, outro movimento magistral das suas ancas quase me faz gritar de prazer.

Nunca, na minha vida, um homem me fez isto. Ele possui-me sobre a mesa de uma forma que me deixa louca até que, de repente, para. Não se mexe. Apenas olha para mim enquanto sinto a pulsação da sua ereção dentro da minha vagina, e quando estou prestes a mexer-me, ele sussurra:

– Quieta.

Novamente a sua ordem, a sua voz, faz-me ouvi-lo, e, quando nos olhamos, ele murmura:

– Gosto de te sentir subjugada no nosso jogo.

Surpresa, acalorada e muito excitada, eu aceno com a cabeça, e ele, agarrando-me pela cintura e sem me largar, levanta-me da mesa como se eu fosse uma pena... que não sou propriamente.

– Enrola as pernas à minha volta e segura-te ao meu pescoço – ordena.

Eu obedeço. Enquanto ele me enche. Me enche completamente.

O prazer que isso me dá é incrível, e então ele bate no meu traseiro e sussurra, olhando para mim:

– A tua obediência faz parte do nosso prazer.

Suspensa no ar, enquanto sinto como as suas mãos pegam no meu traseiro, sinto que entra e sai de mim, e eu gozo, gozo como nunca antes, até que ele me deita na cama e, pegando as minhas mãos acima da cabeça, segura-as e murmura antes de me beijar:

– É assim que eu gosto, pronta para me satisfazer tanto quanto eu estou disposto a satisfazer-te.

Ouvir isso faz o meu corpo chicotear de luxúria e tesão.

O que diz, o que faz, como olha para mim e como me submete está a deixar-me louca. A forma como me domina é algo novo para mim, e quando o beijo termina e ele volta a olhar-me, sem falar, começa a entrar e a sair de mim outra vez, de uma forma tão delirante e possessiva que, inevitavelmente, me contorço de puro prazer.

Naím sorri. Ele acelera as suas investidas quando vê a minha reação. Afunda no meu corpo. Sinto que quer afundar-se tanto quanto eu quero que ele o faça. Comunicamos com os olhos. Eu grito para ele não parar, e ele faz-me saber que não vai parar.

Sexo duro. Sexo selvagem. Mas estamos com tanta tesão que é isso que queremos e exigimos, até não aguentarmos mais e, com um orgasmo incrível que nos faz estremecer da cabeça aos pés, gozamos em uníssono e Naím, para não me esmagar, deita-se ao meu lado com a respiração acelerada.

Olho para o teto. A minha respiração parece uma locomotiva.

Meu Deus, que grande foda acabei de dar!

É evidente que o joguinho da submissão é um assunto que não tenho explorado, mas, pelos vistos, excita-me muito.

Pelo canto do olho, olho para ele. E este homem é um escândalo. Passámos de zero a cem numa questão de segundos, e eu sorrio. Nesse momento, percebo como ele pega na minha mão e olhamo-nos.

Não há dúvida de que entre nós existe uma tremenda atração sexual. Uma terrível atração que fez com que nos reencontrássemos. E, vendo que ele sorri, sussurro, divertida:

– Se me disseses outra vez aquela coisa de «E se provarmos...?», juro que te mato.

Naím solta uma gargalhada à qual me junto e, cinco minutos depois, voltamos a atacar. Queremos sexo! Possessão! E, chegados aqui, porque não?!

Capítulo 17

Três... Três... Três...

Depois de três grandes fodas das quais confesso que não saberia com qual ficar de tão incríveis que foram, estou outra vez a olhar para o teto do quarto, encantada da vida.

Tento entender-me. Como passei de não querer nada com este quarentão poderoso a ficar nua na sua cama de hotel, que é mais larga do que comprida?

Quando contar isto aos meus amigos, eles não vão acreditar. Além do mais, nem eu acredito!

Pego no meu telemóvel. Verifico se não tenho nenhuma mensagem e decido pôr música. Rapidamente começa a tocar *So What*, da minha maravilhosa Pink.

O telemóvel de Naím, que está sobre a mesa, volta a vibrar. Já o ouvi várias vezes e, embora ele não tenha feito nenhum movimento para ver quem é, chama-me a atenção. Então, sem pensar, pego nele, viro-o e vejo que tem seis mensagens da tal Soraya.

Sem as ler, porque não faço isso, ponho o telemóvel de volta no lugar. Que horror se ele vir o que eu fiz! Mas desde quando é que olho para os telemóveis de outras pessoas?

Estou a pensar nisso quando Naím volta nu da casa de banho e, olhando para mim, pergunta:

– Esta é a música de que gostas?

Sem hesitar, aceno com a cabeça.

– Claro, não és romântica – comenta com um sorriso.

Divertida com o seu comentário, retribuo o sorriso.

– O teu telemóvel vibrou – comento.

Naím acena com a cabeça, pega nele e, sem interesse, pousa-o de volta na mesinha. Depois, deita-se ao meu lado na cama e diz:

– No que estás a pensar?

Olho para ele. O tesão que este homem me provoca é incrível. Não tem nada a ver com os jovens com quem durmo. Por fim, respondo com total normalidade:

– Estava a pensar em quanto gostei desta noite contigo.

Naím sorri. Safado! E, apoiando as costas na cabeceira da enorme cama, pergunta:

– Gostaste dos nossos jogos?

Assinto imediatamente. Dizer que não seria uma parvoíce.

– Posso falar contigo sem tabus sobre sexo? – pergunta a seguir.

Aceno novamente. Falar sobre sexo é algo que normalizei há muito tempo.

– Sim – afirmo.

– Brincar, no que diz respeito ao sexo, para mim é gozar de todas as maneiras que eu quiser, desde que esse gozo seja consensual e aceite pela mulher que está comigo e ela aproveite o momento tanto quanto eu.

Concordo plenamente, parece-me correto.

– Os jovens com quem dormes não te dominam – diz.

Apresso-me a abanar a cabeça.

– Nunca me deixei dominar.

– Porquê?

Suspiro. Eu sei que é porque a única pessoa que me dominou através da sua experiência, quando eu era pouco mais do que uma criança, me dececionou e partiu o meu coração, mas simplesmente respondo:

– Simplesmente porque ser submissa na vida e no sexo não é para mim.

Naím sorri, acena com a cabeça e, olhando para mim, sussurra:

– Na vida não duvido, mas no sexo discordo.

– Porque dizes isso?

– Porque, querida cubinho de gelo, pude ver e sentir que gostas de ser dominada. Respeito a tua opinião, mas permite-me discordar do que

acabaste de dizer.

Surpresa ao ouvir isso, fico com calor. Realmente, gostei assim tanto para ele dizer isso? E quando estou prestes a responder, ele acrescenta:

– Como já te disse, do meu ponto de vista, sexo é algo para se desfrutar de infinitas maneiras. Sexo é sexo, e só precisas deixar-te levar e divertires-te como tal.

Ouvi-lo dizer isso provoca-me muito, e a minha curiosidade faz-me perguntar:

– Desfrutas da tua sexualidade ao máximo?

– Sim – garante.

– Com homens também?

– Não. Eu só gosto de mulheres.

Concordo com a cabeça e, ansiosa para ver até onde ele já foi, acrescento:

– Um trio?

– Sim.

Uooooou, saber disso excita-me.

– Tu? – pergunta.

– Sim.

A minha resposta fá-lo assentir e insistir:

– Desfrutaste?

– Sim – digo com convicção.

Naím acena com a cabeça novamente.

– Realizas todas as tuas fantasias? – pergunta.

Uf... uf... que perguntinha!

Olho para ele e ele diz:

– Disseste que podíamos falar de sexo sem tabus.

Tem razão, eu mesma admiti isso.

– Claro que já realizei fantasias... Tu não? – respondo.

Ele olha para mim, acho que está a estudar-me, e depois diz:

– Toda a gente tem fantasias. Alguns realizam-nas e outros não.

Isso diverte-me. É exatamente o que dizia o protagonista de um livro erótico que li e, a sorrir, vendo que ele não responde, afirmo:

– E qual deles és tu? Dos que realizam ou dos que não o fazem?

Naím sorri. Acho que a minha ousadia o diverte. Nesse momento, o telemóvel volta a vibrar, e eu, não conseguindo ficar calada, pergunto:

– Já realizaste alguma das tuas fantasias com uma namorada?

Ele concorda. Finalmente! Eu gostaria de perguntar se foi com a tal Soraya, mas ele interrompe-me e diz:

– Que fantasias realizaste?

Olho para ele. Não vou dizer-lhe uma palavra, da mesma forma que ele não me diz.

– Muitas, e sou discreta – asseguro. – Mas uma que realizarei em breve será quando for viajar. Tenho vontade de experimentar homens de outros continentes...

Ele acena com a cabeça e não continua o assunto. Claramente é-lhe indiferente.

– Eu sei que gostaste da tua submissão a mim esta noite – diz, em vez disso.

Concordo com a cabeça, é parvoíce negar. E, sem tirar de mim aqueles olhos enigmáticos, Naím afirma:

– Fico feliz por saber que descobriste algo comigo.

Isso faz-me rir e, durante algum tempo, evitando perguntar mais sobre as nossas fantasias, continuamos a falar sobre sexo.

– BDSM não é a minha praia – comento. – Só o nome, *Bondage*, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo, é assustador!

Naím sorri.

– Também não é a minha praia – diz ele. – Particularmente, prefiro desfrutar do sexo à minha maneira.

– E gostas de tudo? – brinco.

– De tudo o que gosto, claro – responde, com convicção.

As suas respostas parecem iludir o que eu quero saber, e acho isso divertido.

Penso no meu amigo Leo. Se estivesse aqui, tenho a certeza de que já estaria a protestar contra a conversa que estamos a ter.

– Para mim – sussurro –, a verdade é que desde que não me batam...

– Eu bati-te antes e gostaste – interrompe-me.

Assinto. Tem razão, mas explico:

– Vejamos, as palmadas que me deste têm o seu lado excitante e divertido, outra coisa bem diferente é ficar com o cu roxo. – Nós rimos, e acrescento: – Como adulta que sou, em algumas ocasiões assisti a sessões de BDSM nos lugares por onde passei e, para ser sincera, não gosto de nada que me prenda, entre muitas outras coisas.

– É uma questão de gosto – responde.

Eu concordo.

– O que esperas encontrar dormindo com homens de outros continentes? – pergunta a seguir.

Oh! A sua pergunta surpreende-me. Eu pensei que isso lhe era indiferente. Encolho os ombros e respondo:

– Não sei. Talvez descubra se os africanos o têm tão grande e os chineses tão pequenino.

A minha resposta surpreende-o. Acho que me excedi com a minha sinceridade e, sem me cortar, pergunto:

– Já amarraste uma mulher durante o jogo?

– Sim.

Toma! Não esperava isso.

– Tal como tu não gostas – esclarece –, há outras mulheres que enlouquecem quando são amarradas e submetidas aos desejos dos seus dominadores. Há mulheres e homens que gostam de ceder os seus corpos livremente para dar prazer.

Assinto. Não duvido do que ele diz. Se todos gostássemos das mesmas coisas, a vida seria muito aborrecida. Então, rindo, ele sussurra:

– Ser submissa ou submisso é um jogo sexual no qual tu e somente tu, após concordares com as condições, permites que o teu parceiro desempenhe o papel de mestre ou dominador enquanto, voluntariamente, entregas o teu corpo e mente para desfrutar.

Aceno novamente com a cabeça. O que experimentei esta noite com ele foi assim.

– Ser submissa no sexo não significa que devas ser submissa vinte e quatro horas por dia – acrescenta. – É como curtir o mundo *swinger*:

não significa que vinte e quatro horas por dia tenhas de foder com as primeiras pessoas que encontrares. – Rimos os dois e, depois, ele acrescenta: – Podes ser alguém dominador no teu dia a dia e na cama decidir ser submissa ou submisso só por prazer.

Aceno outra vez e ele olha para mim.

– Eu perguntava-te duas coisas, mas não sei se te incomodaria.

Surpresa, pisco o olho a rir e digo:

– Olha, neste ponto da conversa, pergunta o que quiseres.

Ele parece gostar da minha resposta e deixa escapar com um sorriso:

– Tens a certeza, cubinho?

Rio-me. Assinto. Vamos ver o que ele vai perguntar... Então, ouço-o dizer:

– A primeira coisa que gostaria de saber é: durante o jogo, ouvir expressões como «minha vadia» ou «minha puta» deixa-te excitada?

Estou em choque. Ninguém na vida ousou dizer-me algo assim sem que eu lhe arrancasse a cabeça.

– E a segunda coisa – continua ele –, e eu sei que isto vai soar pior do que a anterior...: quando desfrutas do sexo, excita-te sentires-te um brinquedo para o homem?

Que raio de perguntas!

Mas como é que vou responder a algo tão... tão íntimo?

A minha expressão deve estar indecifrável, não esperava mesmo estas perguntas. E, após alguns segundos, ele diz:

– Tudo bem, entendo que não é fácil responder e...

– Vejamos... – interrompo-o –, quanto à tua primeira pergunta, se alguém na rua pensar em dizer-me uma coisa dessas, eu arranco-lhe a cabeça!

Naím solta uma gargalhada. Acho que pensa que sou uma besta feroz e, aproximando-se de mim, coloca a mão na minha coxa e desliza-a para cima. Uf... que calor me invade! Assim que o seu polegar toca no meu clítoris e um arrepio percorre o meu corpo, ele aproxima a sua boca da minha e sussurra:

– Se, neste momento, te disser que gosto, que me excita e deixa com tesão que sejas a minha putinha fogosa para te foder à vontade e te provocar ondas de prazer, arrancarias a minha cabeça?

Uf... uf... uf... que sensação me invade.

A sua proximidade...

A sua voz...

O seu olhar...

O que o dedo dele faz no meu clítoris...

A maneira como me possui...

E, sem tirar os olhos dele, respondo com total convicção:

– Não, não a arrancaria.

Naím sorri novamente, beija-me na boca e, afastando-se de mim, acrescenta:

– É isso que quero dizer, *ratita*. Não a outra coisa.

Quente e ativada em todos os sentidos e, OK!, também um pouco chateada por ele ter parado, pego na sua mão, coloco-a de volta onde estava segundos antes e, olhando para ele, digo:

– Sabes? Vou arrancar a tua cabeça se não continuares a fazer o que estavas a fazer.

Vejo luxúria nos seus olhos. Ele gosta do que peço e aproxima a sua boca da minha.

– Em relação à tua segunda pergunta – sussurro –, lembra-me, por favor, como é sentir-me usada.

E sim, ele lembra-me. Lembra-me com tanta possessão e tanto tesão que, definitivamente, eu percebo que gosto de submissão.

Capítulo 18

A noite que passei com Naím foi, sem dúvida, uma das melhores da minha vida. Céus, foi tudo tão excitante, tão quente, tão... tão... tão... que não consigo parar de pensar nisso enquanto cantarolo uma certa musiquinha cujo nome não quero lembrar!

Estou sentada no meu escritório, a sorrir, quando a porta se abre; Eloísa entra e, fechando-a, sussurra:

– A Lola acabou de chegar.

Olho para ela sem dizer nada porque não sei a quem se refere.

– A jeitosa que conheci ontem e com quem disse que me enrolei – acrescenta.

Assinto. Agora sei quem é e, divertindo-me com a expressão de Eloísa, pergunto:

– E o que é que a tua amiga quer?

Ela rapidamente me avisa de que essa Lola está a abrir um negócio e precisa de uma consultoria publicitária.

– Divertiste-te com ela? – quero saber.

– Bastante.

– Ela merece ser atendida, mesmo sem hora marcada? – brinco.

Eloísa acena com a cabeça, gesticula e afirma com um suspiro:

– Sem dúvida!

Divertida com isso, eu sorrio.

– OK. Dois minutos e manda-a entrar – digo.

Assim que ela sai, pego num pequeno espelho na gaveta da secretária e, depois de o abrir, recomponho-me.

Após algum tempo, Eloísa abre a porta e diz, com profissionalismo:

– Lola Solariego, apresento-te a minha chefe, Verónica Jiménez.

A rapariga que entra é bonita, com lindos cabelos escuros e olhos claros. Aproximo-me dela e estendo-lhe a minha mão.

– Menina Solariego, prazer em conhecê-la – digo.

– O prazer é meu e, por favor, chame-me, Lola. – Ela sorri.

Quando nos sentamos, Eloísa sai e a jovem, olhando em redor, sussurra:

– Obrigada por me atender tão rapidamente. É muito gentil da sua parte.

Eu aceno e sorrio. Noto-a um tanto acelerada e nervosa.

– Diga-me, como posso ajudá-la? – pergunto.

Lola prende o cabelo atrás da orelha e explica:

– Eu venho de Londres. A minha prima tem duas lojas de roupa em segunda mão em Camden, e eu decidi abrir uma loja aqui, em Madrid. Já tenho as instalações, estou a tratar dos alvarás para a obra, mas em questões de publicidade e como impulsionar a marca sou um peixe fora de água e preciso de um profissional como você para saber o que fazer.

Lola entrega-me uma pasta. Nela vejo as informações que costumo solicitar aos clientes para avaliar o que pedem. É claro que Eloísa lhe disse o que preciso. Conversamos um pouco sobre o negócio dela. Estou ciente de como as lojas de roupa em segunda mão estão a proliferar em todo o mundo. Em Londres há muitas, e em Madrid começa a haver também.

– Acho que poderíamos fazer algo interessante – digo –, mas teríamos de conversar sobre isso em setembro, depois das férias. Agora é impossível.

A jovem, que deve ter mais ou menos a minha idade, concorda, satisfeita. Nesse momento, a minha barriga ronca. Como sempre, indiscreta.

– Eu também estou com fome – aponta Lola. – Podíamos ir ao bar do outro lado da rua comer algo – sugere, depois de fazer um estalido divertido com a língua.

Concordo sem hesitar e, depois de dizer a Eloísa onde estarei e que demorarei meia hora, elas despedem-se com um sorriso cúmplice e vamos as duas comer alguma coisa.

Quarenta e cinco minutos depois, após comer tortilha e beber um sumo com Lola, ela vai embora. Regresso ao escritório e quando entro, Eloísa diz-me:

– A organização do Prémio Farpón ligou. Já agendei a reunião com eles; anotei-a na tua agenda.

– Muito bem – digo e, sem tirar os meus olhos dela, sussurro: – Ela é muito gira.

Eloísa ri-se.

– Tenho muito bom gosto.

Uma hora depois, Eloísa entra no meu escritório e, ao entregar-me uma pasta, diz:

– Aqui está o itinerário da viagem. Dentro da pasta azul estão os bilhetes dos voos e, no envelope amarelo, as informações dos hotéis reservados para os teus dias livres. E, caso tenhas esquecido, e com a intenção de te tirar esse sorriso tonto que, por algum motivo, hoje tens, lembro-te de que o Javier Ruipérez irá acompanhar-te.

Olho para ela surpresa. Viagem?! Que viagem?!

Estou tão distraída a pensar noutras coisas que esqueci o meu lado profissional; subitamente, lembro-me e aceno. É verdade, daqui a dois dias parto de viagem com o cliente!

Uf... que pouca vontade tenho!

Assim que Eloísa sai, agarro a pasta, abro e revejo a documentação. Após algum tempo, a porta abre-se novamente e Leo, Amara e Mercedes entram com expressões preocupadas.

– O que se passou com o teu pai? – pergunta Mercedes.

É claro que a mensagem que mandei quando cheguei ao escritório a contar sobre o meu pai os alarmou e, assim que termino a minha história, sem mencionar Naím, claro, Leo resmunga:

– Bem, o importante é que ele está bem.

Todos concordamos com a cabeça e, então, Mercedes, olhando para os papéis na minha mesa, pergunta:

– São os bilhetes para a tua viagem?

Eu aceno e Leo sussurra, pegando neles:

– Daria qualquer coisa para ser eu a viajar.

Eu sorrio.

– A viagem é de trabalho, não de lazer – respondo.

– Beeeeeeem – troça Mercedes, fazendo Amara rir.

Por alguns segundos, perante a expressão incómoda de Leo, as minhas amigas e eu rimos. Por fim, Leo olha para as flores que tenho sobre a mesa e aponta:

– E esse ramo?

– Umas adoráveis anastacias – digo.

Mercedes sorri, divertida.

– Desde quando diferencias alface de cebolinho? – pergunta ela.

Rio-me. A minha risada travessa rapidamente os põe em alerta.

– E se vos disser que o quarentão poderoso está em Madrid? – digo como resposta.

– Nããããão – troçam os três.

Assinto. Vejo que riem da minha expressão

– Foi ele quem te deu o ramo? – pergunta Amara.

Abano a cabeça; ele ofereceu-me seis rosas, que não menciono, e imediatamente sussurro:

– O pai dele.

– O pai? – repete Leo, surpreso.

Rio-me quando Mercedes, que é mais bruta do que um arado, murmura:

– Não me digas que alargaste ainda mais a faixa etária das tuas regras...

Ouvir isso faz-me rir.

– As flores foram uma gentileza do Horacio. Parem de pensar em parvoíces.

Os meus amigos riem.

– Com o pai não – acrescento –, mas com o seu poderoso filho mais velho desfrutei ontem de uma das melhores noites da minha vida. Que loucura!

– Por favooooor! Pronto, lá vamos nós! – Leo levanta-se da cadeira.

– Contaaaaaaa! – Mercedes bate palmas.

Ela e Amara olham para mim ansiosas, esperando saber mais e, quando estou prestes a falar, Leo diz interferindo:

– Recuso-me a ouvir os vossos disparates sobre a *colonização* de homens. Espero lá fora.

Dito isso, para riso dos meus amigos e também meu, ele abre a porta do escritório e, ao fazê-lo, vejo que Eloísa está do lado de fora a olhar para mim.

– O Sr. Naím Acosta quer ver-te e, uma vez mais, não tem hora marcada – diz.

Assinto. Hoje não param as visitas.

– É o Aloé Vera? – pergunta Mercedes.

Ouvir isso faz-me sorrir, enquanto elas me olham com cara de «se não nos apresentares o homem, matamos-te»!

– Ele pode entrar, Eloísa, não te preocupes – indico.

Assim que ela desaparece, os meus três amigos olham para mim e eu, que os conheço muito bem, sussurro:

– Se vos ocorrer dizer o que não devem, vou chatear-me convosco.

Nesse momento, Naím aparece na porta.

Mãezinha, mãezinha... Se nu dá vontade de o comer, vestido com este fato formal dá vontade de o devorar. E, levantando-me da cadeira, cumprimento com profissionalismo.

– Por favor, Sr. Acosta, entre.

Sem hesitar, ele entra. Como sempre, a sua presença enche a sala. E, assumindo o controlo da situação ao ver os rostos surpresos dos meus amigos, digo:

– Sr. Acosta, são Leo, Mercedes e Amara, amigos de vida e de coração.

– É um prazer – diz Leo, que se apressa a estender-lhe a mão.

Ele e Naím cumprimentam-se e trocam algumas palavras cordiais, enquanto Amara se aproxima de mim e sussurra:

– Meu Deus, que quarentão poderoso... Não foi à toa que o *colonizaste*.

– Como é interessaaaaante o Aloé Vera – murmura Mercedes.

Rio-me, não consigo evitar, e Amara insiste:

– Disseste que ele tinha um irmão... É igual?

Divertida, ordeno-lhe que cale a boca. Então, vejo que Mercedes o cumprimenta dando-lhe dois beijos e, depois, segue-se Amara. Após as apresentações, faço sinal aos meus amigos para que saiam e, sem hesitarem,

fazem-no, mas não sem antes fazerem um gesto para falarmos por telefone mais tarde.

Quando Naím e eu ficamos sozinhos no meu escritório, olhamo-nos sem nos aproximarmos. Mantemos a distância como profissionais que somos, mas depois, quebrando o formalismo, pergunto:

– Não ias embora hoje?

– Amanhã.

Assinto. Sorrio. E, ignorando a vontade que tenho de beijar aqueles lábios, pergunto novamente:

– O que fazes aqui?

Naím acomoda-se numa das cadeiras de visitas, eu sento-me na minha e, então, com um sorriso brincalhão, pergunta:

– «Aloé Vera»?

Ao ouvi-lo, tenho vontade de morrer, mas sem me dar tempo para responder, ele insiste:

– «Quarentão poderoso»?

Porra... Porra... Porra... Ele ouviu tudo!

Estou a morrer de vergonha!

Está visto que Naím é daqueles que consegue fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo.

– Coisas dos meus amigos – respondo friamente depois de sorrir.

Ele assente, divertido. Abre o botão do fato e pergunta:

– Queres falar sobre o que aconteceu ontem à noite?

Uf... uf... recordar é, no mínimo, excitante.

– Queres que acabemos a fazer isso na mesa do meu escritório como dois selvagens? – contraponho.

Naím olha para a mesa. Depois olha para mim e, com um sorriso maroto, diz:

– Garanto-te que eu não recusaria.

Ai... Ai... Ai... As ondas de calor que me invadem!

A sério que estamos tão loucos que faríamos algo assim no meu escritório?

Ele, eu não sei. Mas eu sim, sim, faria. Não tenho vergonha de admitir. Naím tem sido uma daquelas surpresas que a vida nos dá e não posso mentir a mim mesma. A mim, não.

Acalorada, abano-me com a mão quando, de repente, ele diz, mudando o tom de voz:

– Na verdade, estou aqui para falar de negócios.

Eu bufo, suspiro e, recostando-me na cadeira, começo a responder:

– Vejamos, acho que ficou claro que...

– Vais realmente recusar o trabalho por causa do que aconteceu entre nós?

Concordo com a cabeça, não vou mentir, mas então ele acrescenta num tom baixo que me faz estremecer:

– Fiz uma promessa à minha mãe e é importante para mim cumpri-la. Por favor, reconsidera.

Ouvir isso faz todos os pelos do meu corpo arrepiarem-se. Mas não... não posso deixar-me levar por algo assim.

– Sinto muito, mas o que aconteceu não é profissional – insisto.

Olhamo-nos. Mãezinha, como ele olha para mim...

– Somos profissionais – diz –, e acho que saberemos separar trabalho de sexo.

Não respondo. Não posso. A palavra *sexo* faz-me pensar na forma como me possuí, algo que não devo num momento como este.

Mas vejamos, como vou ser profissional se já anseio arrancar o fato dele e fazê-lo na minha mesa do escritório?

Naím fala. Insiste no profissionalismo de ambos, mas vendo que eu não digo nada, apenas o olho, explica:

– O que vou dizer não tem nada a ver com trabalho. Mas quero que saibas que gosto de ti, sinto-me atraído por ti e adoraria conhecer-te.

Essas palavras fazem-me querer fugir.

Onde está a saída de emergência?

Passei a minha vida inteira a evitar que algo assim me acontecesse. Que me dissessem tal coisa! É por isso que fujo dos tipos mais velhos e, zás, na

primeira vez que quebro as regras, está a acontecer. Não. Não. Não. Impossível!

Naím olha para mim. Espera que eu diga alguma coisa. Apenas pestaneja quando eu, com a pulsação a mil, respondo:

– Não pode ser.

– Ouve...

– Esquece isso e não sejas inconveniente, por favor – interrompo-o friamente.

O seu telemóvel toca nesse instante. Ele verifica quem é e, interrompendo a chamada, pousa-o na minha mesa.

Acho que a minha frieza o incomoda. Vejo o desconforto no seu rosto. Então, respirando fundo, ele diz:

– Certo. Esquece. Eu sei aceitar uma recusa e não ser inconveniente – diz ele, amargamente. – Mas preciso que organizes a nossa campanha de verão no ano que vem. Sabes que para nós, e principalmente para o meu pai, é importante trabalhar contigo, e é frustrante perceber que, por minha causa...

– Não é culpa tua – interrompo-o ao ver o seu telemóvel tocar novamente e ler o nome de Soraya no ecrã.

Naím ergue as sobrancelhas. Está chateado. Interrompe a chamada. Eu mal me consigo mexer.

– Estás a recusar o trabalho porque fizeste sexo comigo... – insiste. – Como não é culpa minha?

Meu Deus, sempre que ele diz a palavra *sexo*, a minha libido dispara.

Levanto-me. Preciso de um segundo para me acalmar.

– Eu já volto – digo, olhando para ele.

Naím acena com a cabeça e eu vou até à porta, abro-a e saio. Felizmente, os meus amigos já foram embora. Sem olhar para Eloísa, que me observa, vou à casa de banho e, uma vez lá dentro, fecho a porta e hiperventilo.

Gosta de mim? Quer conhecer-me?

Deus, isto é uma loucura!

Quem é a chata da Soraya, que não para de lhe ligar?

Estou a fazer a coisa certa?

Sim. Definitivamente sim.

Abro a torneira, molho as mãos e depois a nuca. Olho-me ao espelho.

– Profissionalismo em primeiro lugar – sussurro. – A promessa à sua mãe é uma promessa dele, não minha, entendido?

Fecho a torneira. Seco a nuca com uma toalhita e, respirando fundo, vejo-me ao espelho novamente.

– O que não pode ser, não pode ser – declaro. – Acabou o disparate.

Respiro fundo, abro a porta e regresso ao meu escritório com a força de que precisava, mas ao entrar Naím pergunta:

– São os bilhetes para a famosa viagem?

Vendo que tenho todos os papéis que Eloísa me preparou espalhados pela mesa, pois os meus amigos estavam a *cuscar*, aceno com a cabeça e, sentando-me na cadeira, respondo:

– Sim, viajo daqui a dois dias.

– Aonde vais?

– Texas, Argentina, África do Sul, Austrália e China.

Naím assente. E eu, respirando fundo, digo:

– Olha, no que diz respeito a trabalhar com...

– Viajas sozinha?

Abano rapidamente a cabeça e, quando estou prestes a continuar, ele pergunta:

– Com quem vais?

Ao ouvir a pergunta, vou dizer que ele não tem nada com isso, mas sei que se fizer isso, será muito mau. Olhamos um para o outro em silêncio e, sem falar, deixo claro que as suas perguntas estão a incomodar-me, mas Naím não parece entender.

Sem me dar conta, penso no aborrecido Javier Ruipérez, dono da marca de vinhos com a qual trabalho e com quem vou viajar. Comparar Javier com Naím é como comparar dia e noite, e quando vou falar, Naím intervém:

– Desculpa, acho que estou a ir longe demais com as minhas perguntas.

– Absolutamente, sim – digo com frieza.

– Continua o que estavas a dizer – pede-me.

Sem hesitar, eu aceno. É evidente que ele entendeu o meu olhar gélido de «não tens nada com isso!», e respirando fundo, comento:

– Quanto a trabalhar convosco, já pensei e a minha resposta é *sim*.

Assim que digo isso, eu pestanejo. Espera..., espera... Eu disse «sim»?

Mas... mas... Estou louca?!

Porra... porra... Saber que foi uma promessa à mãe dele amoleceu o meu coração... Como posso ser tão estúpida?

Vejo também a surpresa no rosto de Naím, que, levantando-se da cadeira, contorna a minha mesa, aproxima-se de mim e, dando-me a mão para me levantar da cadeira, abraça-me, apertando-me contra o seu corpo. Céus, como cheira bem!

– Não sabes quanto te agradeço – diz ele.

Ora... ora... ora..., mas se eu tinha decidido que a resposta era *não*!

Porque é que eu disse *sim*?

E, claro, agora, sem poder recuar, ou ficaria mal, esclareço:

– Com a condição de que o nosso negócio seja puramente empresarial e pares de me chamar de «cubinho de gelo».

Céus, céus, o que eu disse.

Naím separa-me aos poucos do seu corpo e acena com a cabeça. Pelo pouco que o conheço, sei que quando ele olha assim é porque aprecia a situação. Nesse momento, o seu telemóvel toca novamente. Uma vez mais é Soraya e, apontando para ele, digo com azedume:

– Atende a chamada, por favor. Parece importante.

Desta vez, sem hesitar, Naím atende o telemóvel e ouço-o dizer:

– Diz, Soraya.

Por alguns segundos, que parecem uma eternidade, percebo que Naím está a ouvir e, por fim, acrescenta:

– De acordo. Às oito no hotel de sempre.

Logo depois, desliga o telemóvel e continuamos a olhar-nos em silêncio enquanto eu sei que ele tem um encontro com essa Soraya no seu hotel às oito, e faço um grande esforço para não deixar escapar nenhum disparate.

Mas o que me importa com quem dorme ou deixa de dormir?

O silêncio instala-se entre nós, até que, de repente, ele me estende a mão e diz, mantendo a distância:

– Da minha parte, menina Jiménez, está tudo certo. Aceito a sua condição puramente empresarial.

Olho para a mão dele. Vejo os seus olhos. Observo a sua boca. Ele diz que está tudo certo da parte dele, mas e da minha? Por que razão estou tão confusa? Porque é que sinto raiva ao saber que ele tem um encontro com essa Soraya? Porque é que aceitei o trabalho só porque ele prometeu à mãe? Mas, respirando fundo, concordo, sorrio, aperto a mão dele com profissionalismo e digo:

– Será um prazer trabalhar convosco, Sr. Acosta.

Um estranho desconforto que não existia antes cria-se entre nós. Quando soltamos as mãos, Naím abotoa o botão do casaco imaculado e diz com certo sarcasmo:

– Desejo-lhe uma produtiva e interessante viagem. E espero que quando voltar venha visitar-nos a Tenerife para que possamos conversar mais detalhadamente sobre a campanha.

Assinto. É evidente que levou à letra que o nosso negócio é apenas comercial e isso entristece-me. Mas porquê, quando me devia alegrar?

Por alguns segundos nenhum dos dois se mexe.

Que tensão há no ar! E, precisando de lhe pôr um fim, indico:

– Quando regressar, irei visitá-los.

– Contamos consigo – diz ele em seguida. – Adeus, menina Jiménez.

Concordo com a cabeça e sorrio friamente para ele. Naím vira-se e vai-se embora, deixando-me desconcertada, perplexa e chateada.

Acabei de dizer *sim* a um trabalho para o qual deveria ter dito *não*, e *não* a uma boa foda na mesa do meu escritório que deveria ter sido *sim*.

É evidente que hoje nem eu me entendo!

Capítulo 19

Parar de pensar no homem que entrou na minha cabeça sem me aperceber é tremendamente difícil para mim. Mas reconheço que esta viagem está a ajudar-me a relaxar e a distanciar-me.

Nunca estive no Texas, mas estou a adorar. As pessoas são amáveis. O tempo está bom e estamos rodeados de adegas, que se espalham por uma bela paisagem montanhosa, muito ao estilo mediterrânico.

Aqui aprendo que o clima e o solo do Texas são ideais para a produção de vinhos de alta qualidade, e desfruto, junto com Javier, que se tornou uma surpresa muito agradável para mim, e o seu sócio Michael, dos vinhos produzidos nas suas terras.

Ficamos três dias no edifício anexo de uma das suas adegas, que é incrível, enquanto percorremos os hectares de vinhedos e me mostram as diferentes produções.

Enquanto estou aqui, recebo uma chamada da minha filha, da Antártida. Como sempre, conversar com ela é a melhor coisa que me acontece durante o dia e, quando a chamada termina, sinto que o tempo que passamos a conversar renovou as minhas energias.

No quarto dia no Texas, Javier e Michael, juntamente com Betty, a sua esposa, dão-me duas opções: levar-me a Austin para aproveitar o meu dia de folga ou fazer um trajeto pela rodovia 290, que é hiper famosa e é conhecida como Rota da Música ao Vivo e do Churrasco.

Encantada e divertida, opto pela segunda opção. Assim que saímos de Espanha, Javier Ruipérez, que eu achava um chato de primeira, está a mostrar-me que, além de trabalhar, sabe divertir-se, e muito bem.

Nesse dia, decidimos passar a noite num lugar lindo e pitoresco rodeado de vinhedos chamado Fredericksburg, que me disseram ser o nome de uma cidade alemã.

Depois de nos hospedarmos num belo hotel rural e de me instalar numa cabana que não poderia ser mais bonita, decidimos trocar de roupa. Estou vestida de acordo com o lugar, com um vestido e botas de *cowboy*! Vamos os quatro para um lugar onde há música ao vivo e onde me dizem que se come uma excelente carne texana grelhada, marinada com um bom vinho.

Ótimo plano!

Ao chegar lá, reparo num rapaz que aparece montado numa moto. Os seus olhos encontram os meus e, sem hesitar, sorrio para ele enquanto tira o capacete e põe um chapéu texano. Que giro! Se há uma coisa que domino é a linguagem invisível e, pela forma que ele sorri, percebo que ele também.

Assim que entramos no espaço, aproximamo-nos de um grupo de cerca de vinte pessoas e fico surpresa ao ver que vamos jantar com todas elas. Enquanto Javier nos apresenta, observo o tipo por quem passei na entrada a colocar um avental preto e rapidamente começar a servir no bar.

Felizmente, como falo um inglês perfeito, posso comunicar com os presentes com facilidade e imediatamente me sinto como parte do grupo.

Enquanto jantamos, ouvimos música *country* ao vivo e comemos uma carne que não podia ser melhor, enquanto os meus olhos se voltam para o empregado do bar. A verdade é que, desde que entrámos, não paramos de nos olhar disfarçadamente, e eu gosto disso. Quem não gosta?!

O tipo é alto, moreno, tem olhos verdes que, uf, mãezinha! E, melhor de tudo, não deve ter mais de trinta anos. E, bem, admito que com aquele chapéu texano na cabeça, no verdadeiro estilo Gavilán, não poderia estar mais bonito.

Depois do jantar, o grupo com que estamos, que é animado, atira-se à pista de dança. Com curiosidade vejo como dançam, Javier incluído, e quero juntar-me a eles. O problema é que não sei os passos e não quero fazer figuras tristes.

Uma música, outra, outra. Algumas mais mexidas e outras mais tranquilas e eu aqui, sentada.

Javier e os outros encorajam-me a ir em frente e, por fim, eu avanço e, assim que apanho o ritmo, divirto-me muito!

A partir desse momento não consigo parar de dançar. Como o meu pai sempre diz, querer é poder, e eu quero aprender.

Uma hora depois, suando como um porco e com um copo de vinho a mais, decido ir à casa de banho, caso contrário vou estourar. Ao chegar lá, vejo que há outras mulheres à espera. Como sempre, há uma fila nas casas de banho femininas e, enquanto espero, encosto-me à parede e espio, com curiosidade, o balcão.

Os meus olhos e os do empregado encontram-se novamente, e ele, galantemente, toca na aba do chapéu para me cumprimentar.

Uooooou, que calor quando vejo isso. Que galante!

Rio-me. Ele ri-se. Eu brinco. Ele brinca. E, como se eu tivesse quinze anos, continuo a lançar-lhe olhares e sorrisinhos até chegar a minha vez de entrar na casa de banho.

Cinco minutos depois, após ver-me ao espelho, lavar as mãos e arranjar o cabelo, saio novamente e, olhando para o bar, vejo que o empregado não está lá. Isso desconcerta-me um pouco, mas então ouço atrás de mim, com o incrível sotaque do Texas:

– Menina, nunca a vi por aqui antes.

Viro-me imediatamente e zás, eis o empregado.

Mãezinha... mãezinha... como é giro, e que perigo com os copos que já tenho em cima.

Imediatamente, iniciamos uma conversa. Digo-lhe o meu nome, que sou espanhola, e ele diz-me que é da região e se chama Jayden. A propósito, tem vinte e oito anos... um jovem!

Estou a conversar com ele quando Naím me vem à cabeça.

Não. Não. Não. O que é que ele está a fazer aqui?

Evitando pensar em quem não devo, porque essa questão já está resolvida, continuo a conversar com o belo texano, mas mais uma vez o sorriso brincalhão de Naím surge na minha cabeça.

Não. Não. Não. Não quero! Outra vez não!

Irritada com essa nova interrupção, decido concentrar-me mais em Jayden. Ele deseja-me, vejo nos seus olhos, e ei, eu também o quero!

Olho, sorrateiramente, para o lugar onde Javier e os restantes dançam e bebem. Estou convencida de que não vão notar a minha ausência por algum tempo e decido *colonizar* a América do Norte para esquecer Naím.

Deixando-me guiar por Jayden, que naturalmente adora o que conquistou, sem saber que sou eu quem o está a usar, entramos no armazém das traseiras do local, repleto de caixas de bebidas.

Como se não houvesse amanhã, beijamo-nos. Tocamo-nos. Desejamo-nos.

Sei que vai ser uma rapidinha, mas é o que eu quero, e colocando a mão dentro das calças dele, toco na sua ereção crescente e, olhando-o nos olhos, exijo:

– Não percamos tempo!

E não, não perdemos!

Jayden, que deve estar mais do que habituado a este tipo de sexo de bastidores, tira um preservativo do bolso das calças de ganga e coloca-o silenciosamente. Ele não fala muito e eu, entretanto, levantando a saia do vestido, tiro as cuecas.

Com curiosidade, olho para o seu pénis. Nem grande, nem pequeno. Normal. É fofo. Eu gosto.

Uma vez colocado o preservativo, e decidida a controlar o momento como sempre, faço-o sentar-se sobre umas mantas no chão e eu, pegando no seu pénis, coloco-o na minha vagina molhada e deixo-me cair sobre ele enquanto, vindos do exterior, ouço gritos de «Yeaaaaaahhh!», palmas, música e risos.

Olha, parece que estamos a ser aplaudidos!

Boquiaberta, vejo como o vaqueiro me beija sem deixar o chapéu cair da cabeça. Estará colado?

Esquecendo isso, procuro o meu prazer e mando à fava Naím e tudo o mais que a ele diz respeito. Tentando esquecê-lo, diminuo as minhas estocadas enquanto ele move as suas ancas como se estivesse a montar um cavalo. Uf... uf... que maravilha!

Irritada com a presença na minha cabeça do quarentão poderoso, cujo nome não quero nem lembrar, acelero de raiva, enquanto a boca de Jayden come a minha e as nossas ancas não param de se mexer enlouquecidas.

Entre gemidos e olhares, curtimos o momento. O texano fala pouco, acho que a minha fúria espanhola o está a deixar sem palavras. E, em pouco tempo, alcançamos um orgasmo avassalador e ficamos abraçados, até que ouço Jayden sussurrar com um profundo sotaque texano que me deixa os pelos eriçados:

– *Oh, yeaaaaaaaaaahh!*

Oh, yeaaaaaaaaaahh! E que «Oh, yeaaaaaaah!».

Ao ouvir isso, e vendo que ele não tem intenção de dizer mais nada, rio-me. Ou apanhei um homem de poucas palavras ou estes texanos não são muito dados a falar e comunicar. Puta que pariu!

Enquanto me recomponho, sorrio. O que acabei de fazer, foder com um tipo só porque sim, é algo que não fazia há anos. E assim que nos levantamos, ajeitando o chapéu perfeitamente, ele pergunta:

– Quanto tempo ficas no Texas?

Por amor de Deus, ele fala! E, enquanto termino de vestir as cuecas, respondo:

– Vou embora amanhã.

Ele assente. Eu também. Sei que o que aconteceu foi o que foi para ambos e, ciente de que provavelmente nunca mais verei este homem na minha vida, beijo-o nos lábios e, antes de sair do armazém das traseiras, despeço-me dele:

– Tchau, Jayden, foi um prazer.

Com galanteria texana, ele acena com a cabeça, toca na aba do chapéu e diz:

– O prazer foi meu, menina.

Dito isto, abro a porta. As risadas, as pessoas e a música ao vivo voltam a inundar tudo ao meu redor, e quando regresso ao grupo com que estou, depois de me servir de mais um copo de vinho e ver que Jayden regressa ao bar, bebo e, agarrando no meu telemóvel, procuro o meu grupo de WhatsApp do Comando Chuminero e escrevo:

América do Norte,
colonizada com Jayden!

Oh, yeaaaaaaaahh!

Agora, para a América
Latina!!!

Preciso dizer mais?

Capítulo 20

Estou em Mendoza, Argentina. É uma região vinícola localizada na zona andina central do país, e admito que, além do lugar ser muito bonito, estou a divertir-me mais do que esperava com Javier Ruipérez.

As surpresas que, às vezes, a vida nos reserva!

Javier, juntamente com a sua sócia argentina, Martina, explicam-me, de forma fácil e muito construtiva, as condições naturais do terreno que favorecem o cultivo da vinha.

Caminhamos pelas impressionantes propriedades que possuem e, pelo caminho, mostram-me as diferentes produções que têm, para terminarmos na sala de degustação, onde provo uns requintados *cabernets* e *merlots*, entre outros.

Durante o tempo que estou em Mendoza, além de desfrutar da companhia, desfruto do campo, onde, segundo Martina, se misturam os aromas de uvas, pêssegos e uma grande variedade de frutos silvestres.

Depois de três dias nas adegas com Martina e Javier, onde desfruto não apenas dos seus ricos vinhos, mas também da sua excelente gastronomia, no quarto dia, o meu dia livre, decido ir à cidade. Javier tem alguns assuntos para resolver nas adegas e eu quero fazer um pouco de turismo.

Passeio pela cidade. Adoro a enorme quantidade de árvores que florescem nas suas ruas e, satisfeita, caminho pela Plaza Independencia, pela Avenida Sarmiento e termino na Plaza Italia, onde me sento num banquinho e aprecio a vista e o momento.

Mais tarde, estou a beber uma bebida fresca numa esplanada, enquanto vejo um mapa da cidade, quando o meu telemóvel toca. É uma videochamada de Amara e eu atendo.

– Olááááá – cumprimento.

Do outro lado da linha estão Leo, Amara e Mercedes.

– Como estás, safada?! – pergunta Mercedes.

Sorrio, divertida, e imediatamente lhes conto sobre a minha maravilhosa viagem enquanto eles me ouvem. Conto-lhes que estou na cidade, e Leo, encantado, pergunta se fui visitar isto ou aquilo, até que Mercedes intervém:

– Como foi a tua viagem ao Texas, colonizadooooora?

Ouvir isso faz-nos sorrir a todos, incluindo Leo.

– Ótima – respondo. – A verdade é que foi muito, muito boa.

Rio-me. Todos rimos e Mercedes insiste:

– Algo a destacar da América do Norte?

Divertida, rio-me.

– Só digo: *Yeaaaahhh!* – sussurro.

As minhas amigas riem e Leo rosna imediatamente:

– Lá vamos nós!

– Leo, não sejas desmancha-prazeres! – Amara ri-se às gargalhadas.

Mas Leo, que é Leo, insiste:

– Será possível estar convosco e não tocarem no assunto *sexo*?

Ao ouvir essa frase, que já foi lançada tantas vezes, as minhas amigas e eu troçamos em unísono:

– Impossível!

Leo ri-se. Nós também, e antes de desligar prometo a Amara e a Mercedes que, quando chegar a Espanha, lhes farei um relato detalhado de todas as minhas experiências durante esta viagem.

Duas horas depois, exausta de tanto caminhar, ao regressar ao belo hotel que Javier reservou para eu passar a noite em Mendoza antes de voar para África, entro enquanto olho para o mapa da cidade e, de repente, esbarro em alguém e o mapa cai ao chão.

– Desculpe.

Olhando para cima, vejo um homem com não mais de trinta anos, de fato cinza-carvão, curvado, a pegar no mapa, entregar-mo e dizer:

– Isto é seu. Peço desculpa pelo empurrão. Estava a falar ao telemóvel e...

– Não há problema. Eu também estava distraída – respondo, ciente de como é doce o sotaque argentino.

Ambos rimos e, então, ele pergunta:

– É espanhola?

Eu aceno afirmativamente e respondo, divertida:

– Não me diga... Você é argentino, certo?

Rimos os dois de novo e o tipo, que não é nada mau, acena com a cabeça e pergunta:

– Está aqui a trabalho?

Eu faço que sim com a cabeça e então ele, depois de olhar para o relógio, olha para mim e, apontando para o bar do hotel, diz:

– Tem um tempinho para convidá-la para uma bebida fresca?

Surpresa com quão direto ele é, ergo as sobrancelhas...

– É o mínimo que posso fazer para me desculpar pela minha falta de cuidado – acrescenta.

Isso diverte-me. Não tenho nada melhor para fazer e, sem hesitar, aceito. Porque não?

Sem saber nada sobre o interessante tipo de fato que está ao meu lado, sentamo-nos no bar do hotel para tomar uma bebida e, então, fico a saber que o seu nome é Lorenzo Mansilla, é delegado de vendas no negócio de tintas e mora em Buenos Aires, por isso, tal como eu, está em Mendoza a trabalho.

Olha que bem!

Também fico a saber que tem 31 anos, é solteiro e não tem namorada. Ótimo!

Divertidos, conversamos um pouco. O argentino tem lábia e, como a minha também não é má, depois de um trago, resolvemos jantar juntos no restaurante do hotel.

Enquanto olho para a ementa, observo discretamente Lorenzo. Que perigoso o argentino é com o seu doce sotaque... É alto. Cabelo castanho. Atraente. Tem uma boca linda. Como beijará?

Com fome, peço um escalope panado com batatas fritas e ele pede um bife à milanesa também com batatas fritas. Durante o jantar não paramos de

conversar. Ao contrário do texano, Lorenzo não se cala e, quando terminamos de jantar, sugere irmos tomar uma bebida num bar tipicamente argentino perto do hotel. Sem hesitar, aceito.

O sítio onde vamos chama-se El Quilombo, e quando entro lembra-me o típico espaço para estrangeiros em Espanha onde se dança flamenco. Neste caso, o que se dança são tangos.

Eu adoro ser estrangeira na Argentina!

Sentada, observo os profissionais dançarem vários tangos com paixão e sensualidade. Como gosto muito de dançar, o tango é uma das danças que pratico nas minhas aulas e divirto-me loucamente.

Sei que é uma fusão de danças e ritmos gaúchos, europeus e afro-rioplatenses. Nas aulas aprendi que o tango é construído sobre quatro pilares básicos, que são o abraço apertado entre os dançarinos, a sequência dos passos, a improvisação e a conexão.

Lorenzo, como bom argentino orgulhoso das suas raízes, diz-me que o tango é o símbolo nacional do país e uma forma de expressão em si. Eu sei, sei que o que ele diz é verdade e, boquiaberta, observo os bailarinos enquanto morro de vontade de dançar!

Após a atuação dos bailarinos, aplaudo encantada, enquanto outro tango começa a tocar e vários casais vão para a pista de dança. Estou inquieta. Quero dançar. Recordo que no meu caderno de sonhos anotei «Dançar um tango na Argentina com um argentino» e, pronta para o cumprir, enquanto toca *Por una cabeza*, de Carlos Gardel, olho para Lorenzo e exijo:

– Vamos dançar!

Lorenzo ri-se. Pela expressão dele entendo que não sabe dançar aquilo, e quando a decepção começa a tomar conta de mim, ele chama um dançarino profissional e, quando este se aproxima, ouço-o dizer:

– Esta espanhola aqui está a morrer de vontade de dançar contigo.

O dançarino sorri, encantado. Oferece-me a mão galantemente e eu, felicíssima, e ciente de que, embora não seja uma profissional, sei alguma coisa, depois de piscar o olho a Lorenzo dirijo-me à pista, onde os outros dançam.

Alfredo, como se chama o tanguero, agarra-me pela cintura e, depois de me dar algumas instruções que recebo com agrado, começamos a dançar. Enquanto nos movemos, Alfredo sorri e comenta:

– Tem muito jeito para isto.

Ouvi-lo dizer isso faz-me rir. Tenho, claro que tenho! E, deixando-me levar pela vontade de dançar, pela música e pelo momento, realço a minha sensualidade e, guiada por Alfredo, dançamos um tango à maneira que, enfim, me faz sentir como mais uma argentina.

Enquanto danço, Naím passa no meu pensamento.

Outra vez? Não, não, não.

Naím... Naím... Naím... Por que razão não consigo parar de pensar nele?

Excita-me imaginá-lo. Recriar a cena. Fico arrepiada ao imaginá-lo a ver-me dançar este sensual tango, enquanto estou consciente de que outros dançarinos param para me observar e a Alfredo.

Quando, minutos depois, a música termina e todos aplaudimos os músicos, Alfredo leva-me até Lorenzo e este, rindo, afirma enquanto me sento:

– És uma excelente dançarina de tango.

Rio-me ao ouvir isso, e conto-lhe sobre a minha paixão por dança e os anos que passei a aprender a dançar diversos estilos.

Uma bebida leva a outra. Um olhar a outro mais profundo. Lorenzo e eu começamos a falar a mesma língua e, quando regressamos ao hotel, sei que queremos a mesma coisa. Sexo.

No elevador que leva aos quartos olhamo-nos. O desejo é tangível entre nós. Não preciso de ir a um clube de *swing*. E, disposta a provar um homem da América do Sul, pergunto:

– Apetece-te uma última bebida no meu quarto?

Como esperado, ele acena com a cabeça, caminha até mim e beija-me. O seu beijo é quente, lento, pausado, e, quando as portas se abrem no meu piso, Lorenzo afirma com um sorriso e aquele maravilhoso sotaque argentino:

– Adoraria aquecer os lençóis contigo.

Sim. Sim. Sim. Quero aquecê-los com ele. E, como se tivéssemos perdido o autocarro, corremos para o meu quarto, onde, assim que entramos, e sem acender a luz porque não o deixo, continuamos a beijar-nos enquanto nos despimos desejosos de mais.

Entre beijos, Lorenzo diz-me coisas bonitas e carinhosas. É um falinhas mansas. Um verdadeiro conquistador. Sempre ouvi dizer que os argentinos têm fama de engatatões, e este é-o, sem dúvida. Nada a ver com o texano, que não dizia um *ai*.

Lorenzo põe o preservativo. Bom! Gosto de saber que é responsável, pelo menos nesta área, e enquanto repete como sou bonita e como a minha pele é macia, iluminados apenas pela luz dos candeeiros da rua, caímos na cama e, inconscientemente, penso de novo em Naím e em como me possuiu na última noite em que estivemos juntos.

Oh, Deus... Oh, Deus! Todo o meu corpo estremece com a memória da forma como me possuiu.

Lorenzo é quem me beija, quem me toca, quem me diz coisas ardentes, mas é Naím quem sinto sobre mim e, depois de me repreender por pensar em quem não devo, abro os olhos, olho para Lorenzo e continuo a desfrutar dele.

Mas Lorenzo não é Naím. Falta-lhe aquela coisa que me deixa absolutamente louca, por isso, sentando-me em cima dele, agarro-lhe o pénis e, depois de o colocar na entrada da minha vagina, deixo-me cair e tomo as rédeas da situação.

Uf... que prazer!

O argentino olha-me, gosta da minha impetuosidade e, naquele tom irresistível, sussurra no meu ouvido:

– És ferosa. És quente.

Concordo, sei que sou, embora, esta noite, a minha ferosidade seja resultado da frustração que sinto porque é Lorenzo e não o maldito quarentão poderoso que está entre as minhas pernas.

Movo-me sobre ele enquanto ofegamos e, tentando ignorar o quarentão, não paro até que um delicioso orgasmo nos rasga e ambos gememos de puro prazer.

Depois deste primeiro assalto, pedimos uma garrafa de bom vinho e seguem-se mais duas sessões. O sexo com Lorenzo é como um tango, lento e apaixonante, até que, às três da manhã, quando penso que se beber mais, no dia seguinte não conseguirei sequer respirar, dou por terminada a minha noite com ele. Entre risadas, ele veste-se e, depois de trocarmos números de telemóvel caso ele vá a Espanha ou eu regresse à Argentina, acompanho-o até à porta e Lorenzo sussurra, dando-me um beijo caloroso:

– Gostei de aquecer os lençóis contigo.

Sorrio, retribuo o beijo e digo, sentindo-me um tanto embriagada:

– Igualmente.

Quando ele sai, fecho a porta e regresso para a cama. Pela forma como os lençóis estão emaranhados, não há dúvida de que os aquecemos muito bem. A sorrir, pego no meu telemóvel e digito desajeitadamente:

América Latina
colonizada com Lorenzo!
Escaldante, o safado.
Agora... siga para
o continente africano!!!

Então, a rir, clico em «Enviar».

Feito isto, e sorrindo ao imaginar a cara dos meus amigos, principalmente de Leo, programo o despertador para as dez. Ao meio-dia, Javier Ruipérez virá buscar-me ao hotel para seguirmos para o aeroporto e apanharmos um avião que nos levará à Cidade do Cabo.

Mas, quando estou a adormecer, recebo uma mensagem. Tateando, pego no telemóvel e leio:

Não estou interessado
nas suas colonizações,
menina Jiménez.

Assim que leio isso, sento-me na cama. O quê?!

Horrorizada, vejo que mandei a mensagem para... para... Porra, para Naím!

Mas... mas como pude ser tão trapalhona?!

Chocada, não sei o que fazer ou dizer enquanto vejo que ele está *online* e deve ver que eu também estou. Porra, que vergoooooonha!

Devo mandar mensagem a desculpar-me? Sim? Não? Reflito. Penso e penso sobre isso, mas, no final, decido não o fazer. É melhor deixar as coisas como estão. Claro, antes de voltar a dormir e, desta vez, prestando atenção ao destinatário, reenvio a mensagem aos meus amigos do Comando Chuminero. Quero que a leiam.

Capítulo 21

A Cidade do Cabo, na África do Sul, está a deixar-me sem palavras, como devo ter deixado Naím sem palavras quando recebeu a minha mensagem.

Mas como é que isto pode ser tão bonito?

Javier explica-me que aqui são faladas várias línguas oficiais, mas há algum tempo o suaíli é ensinado opcionalmente nas escolas. E como acho graça ao suaíli, procuro rapidamente no meu telemóvel algumas palavras básicas como «olá», que se diz *jambo*; «adeus», *kwa heri*; «muito obrigada», *asante sana*; «sim», *ndyo* e «não», *hapana*. E rio-me ao ver que «está tudo bem» se diz *hakuna matata*. Isso soa ao *Rei Leão*! Claro, outra coisa é a minha pronúncia. D'arrasar! Mais pareço uma galinha a tentar falar suaíli.

No dia em que chegamos, um motorista muito jovem e giro foi ao aeroporto buscar-nos e levou-nos a Vale de Constantia, a uma bela casa colonial, onde Javier tem as suas terras.

Depois de descansar da viagem durante a noite, na manhã seguinte Javier e o seu sócio, Nabil, um simpático ruandês de quase dois metros, mostram-me, com orgulho, os vinhedos do belo Vale de Constantia.

Contam-me que a adega onde estamos se orgulha de produzir os vinhos mais antigos de toda a África do Sul. Curiosa, escuto enquanto me explicam, fervorosamente, que as primeiras mudas de videira a chegar à Cidade do Cabo foram trazidas por colonos holandeses no século xvii. Durante muito tempo, essas mudas e as suas colheitas foram tratadas com cuidado e dedicação, até que, com o passar dos anos, começaram a dar excelentes frutos, sendo a África do Sul, atualmente, o oitavo maior produtor do mundo de excelentes vinhos.

As variedades de uva cultivadas nas terras de Javier são, entre outras, *pinot noir*, *chardonnay* e *cabernet sauvignon*. Dão-me uns vinhos a provar e, mãezinha, que encorpados são!

Como nas viagens anteriores, ao quarto dia, quando estou prestes a ir à cidade para fazer turismo e pernoitar num hotel, Nabil e Javier aparecem acompanhados de Anuar, neto do primeiro. Um negro impressionante, de olhos escuros como a noite e sorriso lindo, que estuda culinária em Houston e está a passar alguns dias aqui.

Nabil e Javier, para que eu não ande sozinha pela Cidade do Cabo, pedem a Anuar, de 27 anos, para ser a minha ama-seca, e ele aceita, encantado. Eu também.

Com prazer, Anuar leva-me ao meu hotel e, quando chegamos lá para fazer o *check-in*, pela forma como o vejo, através de um espelho da receção, a olhar para o meu traseiro, sei que esta noite ele vai acabar no meu quarto de qualquer maneira. Não tenho dúvidas!

Assim que deixo as minhas coisas no quarto, Anuar encarrega-se de me acompanhar pela cidade sem perder o seu lindo sorriso e diz-me que vamos fazer algo que eu não espero...

Uaaau, o que será?!

Surpresa, deixo-me levar, até que me vejo numa aula de culinária ministrada por ele no distrito malaio de Bo-Kaap, numa casa particular.

Satisfeita e encantada com algo que não esperava, imito tudo o que os outros fazem e, para ser sincera, embora siga as instruções de Anuar, é evidente que cozinhar não é a minha praia!

Depois da aula voltamos para o carro, que se diz *gari* em suaíli, e ele leva-me a um lugar lindo onde nos sentamos a beber uma bebida fresca enquanto observamos as pessoas que passam.

Conversamos durante horas, ambos cientes de que estamos fisicamente atraídos um pelo outro. Basta ver como nos olhamos para saber que existe essa corrente de atração entre nós, enquanto Anuar me conta que, em Joanesburgo, há algumas excelentes galerias de arte ou que na região de KwaZulu-Natal os pescadores ensinam as suas antigas técnicas de pesca.

Eu, da minha parte, conto-lhe sobre Espanha. Os nossos costumes, as nossas celebrações, e Anuar ouve-me com muita atenção.

Vamos jantar ao hotel. É um espaço bonito onde a cozinha parece ser espetacular, e constato por mim mesma que, efetivamente, é o caso! É um jantar de luxo.

Anuar faz-me saber como a família é importante para um africano e como a maioria é religiosa. Também comenta que, para muitas mulheres africanas, o ápice do sucesso é casar, embora isso esteja a mudar graças a uma nova corrente que reclama a sua liberdade e independência, e que, inclusive, em lugares como a Costa do Marfim existe uma lei que diz que o homem não é o chefe de família.

À nossa frente está um casal francês a jantar que se beija repetidamente. Anuar, ao vê-los, abana a cabeça e diz-me que beijar não é algo que os africanos adorem. Além do mais, sentem-se desconfortáveis ao presenciá-lo. Rio-me ao ouvi-lo, ele faz-me rir!

Por ter saído de África e morar agora em Houston, Anuar passou a ter outro entendimento das coisas, e rio-me quando me conta que muitos dos seus amigos africanos veem o sexo oral como um pecado, já que Deus criou os órgãos genitais para algo importante, e não para serem usados dessa forma.

Rindo, pergunto se ele também pensa como os amigos e, surpreendentemente, e deixando-me perplexa, ele acena com a cabeça e explica que, quando se relaciona com mulheres, evita sempre essa parte.

Sorrio, incrédula. A sério? Pego no copo de vinho que tenho sobre a mesa quando Anuar diz:

– O facto de não praticarmos sexo oral não significa que não gostemos do ato.

Quando diz isso, eu olho para ele. Diverte-me como me observa.

– Sabes o que é *kunyaza*? – pergunta ele.

Abano a cabeça. Imagino que seja uma refeição ou uma bebida, mas depois vejo-o sorrir. O seu sorriso faz-me querer saber.

– Diz-me o que é!

Anuar acena com a cabeça, bebe um gole do seu copo de vinho e diz:

– *Kunyaza*, também conhecido como «sexo húmido», é uma prática sexual muito nossa, destinada a facilitar o orgasmo feminino. Algo que na minha cidade, Ruanda, é uma questão de honra.

Concordo com a cabeça e sorrio e, sem me cortar, pergunto:

– Questão de honra?

Anuar sorri; sabe muito bem por que razão disse isso.

– Se, depois do *kunyaza*, a mulher não tem um maravilhoso orgasmo húmido que a faz ver as estrelas – diz ele –, é porque o homem não cumpriu a sua obrigação como devia.

– Uau... – troço enquanto sirvo mais vinho.

Anuar ri-se e continua:

– Durante o ato, o homem deve estimular a mulher acariciando os seus lábios vaginais e o clítoris com a sua ereção até a enlouquecer.

Ao ouvir isso, sinto como a minha vagina se contrai. Mãezinha... mãezinha...

– Não deve parar até que a mulher atinja um orgasmo húmido e ejacule profusamente – acrescenta Anuar.

Eu bebo vinho. Que sede me está a dar.

– Só praticaste isso com africanas? – questiono a seguir.

Ele abana a cabeça e, com um sorriso gozão, murmura:

– Não. Até porque nós, negros, chamamos muito a atenção das brancas.

Bem... bem... bem...

Não é preciso ser muito esperta para saber ler nas entrelinhas. Agora quem está com o sorriso gozão sou eu e, com todo o descaramento do mundo, pergunto:

– Deixas as brancas satisfeitas?

Anuar assente. Um calorzinho começa a correr pelo meu corpo quando ele diz:

– Quando quiseres, posso mostrar-te.

Beeeeeeeeeeeeeeeeem, o que me propôs!

Beeeeeeeeeeeeeeeeem, que eu alinhó!

Beeeeeeeeem... beeeeeeeeeem... Vou *colonizar*!

Mas, por alguns segundos, penso nisso.

Anuar é neto do sócio de Javier, e evito sempre misturar prazer com trabalho. E como se estivesse a ler a minha mente, ele diz:

– Isso seria algo apenas entre nós. Ninguém mais saberá. – E, colocando a sua mão escura sobre a minha, acrescenta: – Desde que te vi esta manhã, não paro de pensar em fazer-te a *kunyaza*.

Direto. Direto. Direto. Mãezinha!

Este ruandês não brinca em serviço. E, limpando a boca com o guardanapo, levanto-me e, segura de mim, digo:

– Bem, que não demore mais.

Anuar sorri. Levanta-se por sua vez e, após assinar a fatura trazida pelo empregado, dirigimo-nos primeiro para o elevador e depois para o quarto com uma certa calma.

Já que disse aquilo de os beijos o deixarem desconfortável, eu nem me aproximo. Apenas caminhamos juntos em silêncio e, quando entramos no meu quarto e fecho a porta, olho para ele.

Se não nos beijamos para começar, o que fazemos?

Expetante pela forma como Anuar me olha, pego no meu telemóvel, dou uma vista de olhos na minha *playlist* do Spotify, e quando ele vê o que estou a fazer, pergunta:

– Permites-me?

Hesito. Hesito se devo permitir ou não, mas ele diz:

– Eu gostaria de pôr a tocar música africana.

Bem... bem... bem...

Esse tipo de música é totalmente desconhecido para mim e, sem hesitar, entrego-lhe o telemóvel.

Vamos conhecer a música africana!

Vejo-o a digitar no meu Spotify e, quando começam a soar tambores, ele pousa o telemóvel na mesinha de cabeceira e olha para mim.

– Vais gostar desta música africana – diz ele.

Assinto. Sem romantismo, ótimo! Os tambores e sons africanos tornam-se envolventes quando Anuar se aproxima de mim e, sem me beijar, começa a tocar-me sobre as minhas roupas como um leão prestes a atacar a sua presa.

Durante alguns minutos, permito que as suas mãos percorram o meu corpo sem nenhum tipo de restrição, até que, estimulada pela música, que se torna mágica e intensa, coloco as minhas mãos na sua camisa, desabotoo-a botão por botão e tiro-a.

Mãezinha, que tronco este tipo tem! Puro músculo!

Como já não há quem me pare, enquanto ele desabotoa as minhas calças e eu faço o mesmo com as dele, passo a língua pelo seu abdómen rijo e sinto que tem um sabor fresco e glorioso.

Instantes depois, as nossas roupas acabam no chão e, quando estamos completamente nus diante de um espelho, percebo como sou branca e como ele é negro. Que belo contraste! Mas os meus olhos arregalam-se quando olho para a sua ereção.

Mãezinha... Mãezinha... Mãezinha!

Incrível! Eu nunca tinha visto uma ereção assim. Percebendo que estou a observá-lo, Anuar diz, divertido:

– O que estás a ver é o que desperta tanta curiosidade entre as brancas.

Concordo. Concordo e concordo. Dá para perceber que o que muitas vezes ouvi sobre o pénis dos homens negros é verdade. Eu atesto!

Estou a vê-lo pôr o preservativo que deve ser tamanho XXXL quando, honestamente, começo a duvidar que aquele pénis incrivelmente enorme caiba dentro de mim.

Deveria estar assustada?

Mas estou desejosa. Bastante. A música que Anuar pôs a tocar é envolvente e, passando o meu olhar da sua incrível ereção para os seus olhos, exijo:

– Faz-me o *kumbaya*.

Ele solta uma risada.

– Chama-se *kunyaza* – replica.

OK. Não me importo como se chama. Deito-me na cama e ele deita-se ao meu lado.

Ufff, mãeziiiiinha.

Depois, ele coloca-se entre as minhas pernas, e quando revejo aquela coisa tão... tão... impressionante, vou falar, mas ele diz:

– Calma. *Kunyaza* não consiste em penetrar, mas em estimular.

Assinto.

A música aumenta de intensidade. Os tambores anunciam-me que algo incrivelmente bom vai acontecer, e ele, pegando na minha mão, leva-me à boca para que chupe os meus dedos. Assim faço. Chupo-os à frente dele e, então, Anuar baixa-a até à minha vagina e encoraja-me a tocar-me.

Nos seus olhos negros posso ver a excitação que lhe provoca aquilo que estamos a fazer e, segundos depois, ele aproxima o seu pénis duro do meu clítoris e começa a esfregá-lo num ritmo contínuo. Com o mesmo ritmo selvagem da música. Oh, sim!

Ele move-o para cima e para baixo, de um lado para o outro. Segue o ritmo da música que está a tocar e, bem, eu sinto o som de África e a sua força espiritual a tomarem conta de mim. Uaaaaau, mãezinha!

Anuar não para. Gosto que ele esfregue a cabeça preta no meu clítoris. Céus, que delícia! O toque do seu pénis é duro, muito duro, enquanto o passeia na minha vulva sem me penetrar, e eu percebo o quanto estou molhada e a razão por que é chamado de «sexo húmido».

– Estás bem? – pergunta ele, de repente.

Assinto. Estou melhor do que bem, e respondo em voz baixa:

– *Hakuna matata*.

Sinto o meu coração acelerado como a batida da música enquanto ele, com o seu pénis, traça movimentos no meu clítoris provocando pura magia. Por favoor... que prazer!

Muda os movimentos. Agora são circulares, e eu, que me sinto no meio da savana pronta para ser possuída por ele, começo a gemer de prazer. Mãezinha, como gosto desse *kukuto*, ou sei lá como se chama!

Tremendamente excitada, vejo que, em várias ocasiões, Anuar seca os meus fluidos da glândula nos lençóis para voltar a colocá-la sobre o meu clítoris encharcado. A sensação que isso me causa é, no mínimo, provocadora, e quero mais e mais. Fecho os olhos e deixo-me envolver pela música, por ele, e desfruto. Desfruto muito, mas, de repente, o rosto de Naím aparece nos meus pensamentos.

Não. Não. Não. O que é que Naím está a fazer em África?

Ignorando-o, expulso-o da minha mente e, por um momento, sinto como se estivesse fora do meu corpo, enquanto a emocionante música africana e Anuar, com apenas a ponta do seu pénis, que parece dançar no meu clítoris, me fazem gozar ao máximo.

Segundo a segundo, o ritmo da música aumenta. Vibra. Aumenta de intensidade, da mesma forma que aumenta o que Anuar faz, e o que eu sinto. O prazer toma completamente conta de mim e contorço-me ao sentir o seu pénis entrar em mim.

Caramba!

Abro os olhos, alarmada. Olho. Ele inseriu apenas metade, tirou-o e agora passa-o na minha vulva, fazendo-me ofegar como uma louca, até que me penetra novamente. Sim!

Desta vez, a penetração é mais intensa, mais profunda. Mais excitante.

Enche-me completamente. Sinto a minha vagina cheia. Nesse momento, Anuar, colocando os seus dedos entre o seu pénis e a minha vagina, com voz baixinha devido à sua própria excitação, murmura:

– Prometo não passar daqui.

Assinto. Saber que os seus dedos servem de travão à sua poderosa masculinidade tranquiliza-me e agrada-me, enquanto o seu ritmo, música e a força usada são lentos e delicados, e eu... caramba, eu desfruto. Mas, céus, o pénis dele parece dançar dentro de mim!

Uf, que tesão, que tesão!

Não quero que pare. Não quero que nada mude. Gosto do que ele faz, como o faz, até que a música atinge um clímax que nos transporta para o meio da savana africana e eu tenho um orgasmo incrível que me faz vibrar e, a seguir, é a vez dele.

Uoooooooo, o que aconteceu!

Quero repetiiiiiiir!

Quando Anuar se atira na cama ao meu lado e ambos olhamos para o teto, rio-me.

Sem dúvida, acabei de ter uma ótima foda africana. Quando contar aos meus amigos que tivemos de usar um travão para eu não me rasgar toda,

imagino as parvoíces que vão dizer. Estou a pensar nisso, divertida, quando o telemóvel de Anuar toca.

Ele rapidamente se levanta da cama e eu olho para ele. O seu belo corpo negro musculado é surpreendente. O traseiro dele, imponente, o seu... coiso, prodigioso, mesmo relaxado. Nunca na vida estive com um homem com um prodígio de tamanha envergadura entre as pernas e, zás, assim que penso isto, a expressão irada de Naím aparece na minha mente.

Mas ei, porquêêêêêê?

Irritada com a intromissão do *chicharrero*, sento-me na cama e, de repente, o meu telemóvel também toca. Levanto-me para pegar nele e, vendo que é Javier Ruipérez, cumprimento-o com um sorriso, enquanto Anuar sai para o terraço para falar.

Mas o sorriso apaga-se numa fração de segundo. Javier está alarmado, assustado. Ele recebeu um telefonema da esposa a dizer que um dos seus filhos sofreu um acidente de mota, pelo que vai regressar a Espanha num avião que parte dentro de cinco horas. Sem hesitar, digo-lhe que vou voltar com ele. Acompanho-o. Sem ele, esta viagem não faz sentido, pelo que decidimos que, noutro momento, retomaremos a viagem à China e à Austrália.

Assim que desligo, Anuar olha para mim. O seu avô ligou-lhe a contar o que aconteceu, e sabemos que isto termina aqui e agora.

Enquanto comentamos o que aconteceu ao filho de Javier, vestimo-nos. Ele veste a sua roupa, eu fico só de cuecas e blusa, e, assim que terminamos e eu o acompanho à porta, olhamo-nos. Em circunstâncias normais, eu dar-lhe-ia um beijo na boca. Mas, vendo que ele não faz o movimento para tal, pego na sua mão, beijo-a afetuosamente e sussurro:

– És um tipo incrível, Anuar. Espero que tudo te corra bem na vida.

– Igualmente, Verónica. *Kwa heri* – murmura.

Entre as poucas palavras que conheço em suaíli, sei que esta significa «adeus».

– *Kwa heri* – sussurro.

Ele beija a minha mão sem perder o sorriso constante e, após abrir a porta, sai.

Uma vez sozinha, volto para o quarto e olho para a minha mala. Pobre Javier, como estava agoniado. Rapidamente, tiro as minhas roupas do armário para fazer a mala e depois ligo à receção para pedir um táxi que me leve ao aeroporto dentro de meia hora. Feito isso, vou imediatamente para o chuveiro. Preciso dele.

Uma hora depois, após encontrar Javier no aeroporto e tranquilizá-lo, enquanto esperamos a partida do nosso voo, ele vai tomar um café. Sozinha, pego no telemóvel e rio-me quando penso na mensagem que mandei a Naím, na Argentina.

Meti a pata na poça a valer!

Desta vez, com mais atenção, procuro o meu Comando Chuminero no WhatsApp e escrevo:

Continente africano
colonizado com Anuar!
Só digo: «Hakuna
matata!» Amanhã
estarei de volta
a Madrid. A China e a
Austrália ficam
pendentes
de colonização. Amo-
vos.

Feito isto, carrego em «Enviar» no momento em que Javier regressa e ambos esperamos ansiosamente para embarcar.

Capítulo 22

Os meus pais, *Paulova* e *Tinto* estão felizes com o meu regresso.

Os meus amigos também, e esta noite vou jantar com eles.

A minha filha, com quem falei ao telemóvel, está feliz na Antártida e continua perdidamente apaixonada.

E estou feliz por eles, mas arreliada, apalermada e furiosa comigo.

Porquê?

Bem, porque, desde que cheguei a Espanha, não consigo parar de pensar naquele maldito quarentão poderoso, que viajou comigo na minha mente, e ainda mais agora que sei que tenho de ir às ilhas para fazer uma visita guiada pelos seus vinhedos.

No escritório, tudo correu como deveria. Tenho uma equipa fantástica, e estou a conversar com Eloísa quando a porta se abre e Lola aparece com uma caixa de pastéis.

– Mas o que estás a fazer aqui? – pergunta ela quando me vê.

A sua surpresa faz-me sorrir.

– Mudança de planos! – respondo. – E tu?

Eloísa e ela olham-se e, então, Lola desabafa:

– Vim trazer alguns pastéis à Eloísa e dar uma ajuda com o telefone porque ela está sobrecarregada, mas como também estás aqui e não somos egoístas, vamos dividir contigo.

Ao ouvir isso, olho para minha secretária e, ao ver a sua expressão, começo a rir. Eloísa e Lola seguem-me até ao meu escritório e a primeira pergunta, enquanto abrem a caixa com os pastéis, é:

– Como correu a viagem?

– Fenomenal – respondo a sorrir. – Estive no Texas, na Argentina e na África do Sul, e não poderia ter corrido melhor.

O telefone da recepção toca. Eloísa vai atender e Lola murmura, enquanto pega num pastel:

– Argentina... que boas lembranças eu tenho de quando estava em Buenos Aires. Lá conheci um argentino que uf...

Aquele «uf» e a sua expressão surpreendem-me, e Lola, olhando para mim, esclarece, depois de fazer o seu típico clique com a língua:

– Eu gosto de pessoas. Não ponho rótulos.

Concordo, entendo perfeitamente o que ela está a dizer.

– Acredito na coisa do argentino porque conheci um que, uf...! – sussurro a sorrir.

Rimos. Eloísa volta ao escritório. Comemos os pastéis e, quando Lola vai embora, ficamos de jantar fora uma noite destas.

Depois de passar o dia no escritório, fico feliz em saber que o filho de Javier está bem após a cirurgia e combinamos que, por certo, retomaremos a nossa viagem no início de setembro. Logo veremos.

Uma vez resolvido este assunto, vou à associação de mulheres vítimas de violência com a qual colaboro há anos. Ali junto-me à reunião sobre a nova página *web* que vamos criar, onde profissionais como eu contribuem com as suas competências. Advogados, psicólogos, médicos, sociólogos, assistentes sociais... todos queremos ajudar.

No meu iPad anoto todas as secções necessárias que deve ter a página *web* que a minha empresa vai criar *pro bono*, e cuja mensagem é: «Não estás sozinha, estou contigo. Vamos ligar para o 016.»²

Após a reunião, despeço-me dos presentes e vou para a piscina onde Amara treina os seus alunos de natação sincronizada. Quero surpreendê-la! Na bancada, juntamente com outras mães, assisto ao treino e começo a rir. As crianças são muito esforçadas, mas são um desastre.

Terminado o treino, espero pacientemente que Amara saia pela porta do balneário e, quando ela o faz, ri-se e diz, olhando para mim:

– Não digas nada... eu sei. – Nós rimos, e depois ela acrescenta: – Tens de vir na terça-feira. Nesse dia treino um grupo mais crescido.

– Vou tomar nota – digo, divertida.

Meia hora depois, ao entrar no restaurante onde combinámos com o resto do grupo, Mercedes vê-me e, levantando-se, aplaude para horror de Leo.

– A *colonizadora* chegou.

Rio-me, tal como eles, e depois de nos abraçarmos e nos beijarmos, porque gostamos muito disso, sento-me e, após pedir ao empregado uma *Coca-Cola* com muito gelo, começo a contar-lhes a minha viagem.

Conto como o Texas é lindo, sobre a imponência de Mendoza, na Argentina, e como foi impressionante visitar a Cidade do Cabo, e digo que, com certeza, no início de setembro retomaremos a viagem para ir à China e à Austrália.

Durante parte da refeição converso com eles sobre tudo o que mais gostei, ao mesmo tempo que percebo que Leo está mais calado do que de costume. Mais tarde, Mercedes, que é muito Mercedes, deixa escapar a certa altura:

– Bem. E agora vamos à parte selvagem: conta-noooooos!

Nós rimos. Leo revira os olhos, e eu, depois de beber um gole, digo:

– Texas: gostoso, homem de poucas palavras, exceto pelo «Yeaaaaahh!»; uma queca normalzita e divertida. Argentina: quente, tanguero, malandro e poderoso. E África do Sul: selvagem, interessante, *Hakuna matata* e algo fora do comum.

Eles riem-se. Eu rio-me. Embora estejamos a falar de sexo, todos sabemos onde estão os limites do que não se pode contar, principalmente se Leo estiver presente.

– Repetirias se surgisse a oportunidade? – pergunta Amara.

– A resposta é sim – respondo com convicção.

– Acho que temos de fazer uma viagensinha para que me apresentes a certos tipos – troça Amara.

Bem-disposta, aceno que sim e exclamo:

– Quando quiseres!

Novamente todos rimos. Iniciamos uma das nossas conversas malucas em que contamos, perguntamos, respondemos, rimos, protestamos, até que o telemóvel de Leo toca e ouvimo-lo cumprimentar:

– Olá, amor.

Logo em seguida, ele afasta-se da mesa para conversar, e Amara, que é tão observadora quanto eu, quando Mercedes se levanta para ir à casa de banho, sussurra:

– Não achas que se passa alguma coisa com o Leo?

Concordo. Eu acho o mesmo.

– Perguntaram-lhe? – digo.

Amara acena com a cabeça e, após beber um gole do seu vinho, responde:

– Sim, querida. Mas ele disse que estava bem. Quem não está é a Mercedes.

– O que se passa?

Amara, vendo que ela ainda está na casa de banho, sussurra:

– Parece que a idiota da Dalila está a começar a brincar com ela outra vez.

Ouvir isso faz-me suspirar, e Amara acrescenta:

– Sei que não sou a melhor pessoa para dar conselhos, tendo em conta a forma como conduzi a minha relação com aquele imbecil do Óscar, mas a diferença entre mim e a Mercedes é que eu estava consciente de que ele estava a brincar comigo e ela não.

Olhamo-nos. O assunto da nossa amiga preocupa-nos.

– Ela não me disse nada – murmuro.

– Nem te vai dizer.

Suspiro. Sei que tenho de falar com ela.

– Tiveste notícias do quarentão poderoso? – pergunta Amara, entretanto.

Eu sorrio. Pensar nele tornou-se algo que me atormenta, mas que me agrada, e quando lhe conto da mensagem sobre a minha *colonização* argentina que lhe enviei por engano, ela sussurra:

– Meu Deus, meteste a pata na poça.

– Podes crer! – respondo sem saber se rio ou se choro.

Ficamos em silêncio até que Amara, que me conhece muito bem, sorri e pergunta:

– Tu gostas desse homem?

Pestanejo. A minha frieza típica não me permite responder a isso, e ela, rindo, diz:

– Adoras!

– Não digas parvoíces. Além disso, ele chama-me «cubinho de gelo».

– Não digas parvoíces tu. E quanto ao nomezinho... assenta-te bem!

Ambas sorrimos e, em seguida, Amara insiste:

– Adora-lo! Eu sei, e não te adianta negar.

Suspiro. Nunca consigo enganá-la. Ela conhece-me como ninguém, tal como eu a conheço.

– Porque é que não te dás uma oportunidade? – sugere a seguir.

Bebo a minha *Coca-Cola*. O que ela diz é uma loucura, mas insiste:

– Sabes tão bem quanto eu que não és mulher para te impressionares com um homem, não importa quão impressionante ele seja. – Rimos disso e ela acrescenta: – Mas o quarentão, a que a partir de agora vou chamar Naím, conseguiu impressionar-te de alguma maneira, e do meu humilde ponto de vista acho que deves deixar-te levar, e o que tiver de ser, será.

Mexo-me desconfortavelmente na cadeira e Amara continua:

– Contigo é tudo ou nada. Desde que te conheço, és assim. E acho que, neste caso, se o tipo despertou a tua atenção, devias tentar encontrar um meio-termo.

– Não posso, Amara. Simplesmente isso não funciona comigo – digo.

– Foges de te apaixonares porque uma vez um imbecil partiu o teu coração. Mas, amiga, a vida, para ser vida, tem de ser vivida. E, sim, tu vives, mas sem aquela pessoa especial que a torna única. Sem aquela pessoa que te diz coisas lindas e te faz ver que...

– Não sejas romântica como o Leo, por favor! – zombo.

Amara sorri. Acho que a minha amiga tem um dos sorrisos mais bonitos que já vi.

– Há anos que evitas os sentimentos e o amor – insiste.

– E estou muito bem.

– Não queres ouvir uma música romântica há séculos e...

– E dizes-me isso, tu que sofres há anos por um imbecil que não te merece e te desmanchas em lágrimas a cantar canções de amor?

Amara suspira. Falar sobre Óscar nunca é fácil para ela.

– Tens razão – afirma. – Sofri durante anos por um imbecil que nunca me mereceu, mas sabes tão bem quanto eu que já não sofro por ele como antes.

Ao ouvir isso, rio-me. Nem há meia hora me disse que estive com Óscar em Ávila.

– Não disseste que estiveste na aldeia dele no fim de semana? – pergunto. Amara assente.

– A mãe dele não tem culpa de que o filho seja um sacana – murmura. – Ela precisava de mim, sabes que está doente, e eu movo céus e terra pela Encarnita, porque ela sempre foi para mim uma autêntica mãe.

Concordo com a cabeça, sei que o que diz é verdade. Amara é assim. Quando quer, ama e entrega-se de verdade.

– Agora estamos a falar de ti, não de mim – acrescenta. – Pensa no que te disse.

– É uma loucura!

– Loucura é não saberes o que poderia ter acontecido. E olha o que te digo: não concordo que a Mercedes continue com a Dalila, mas corra bem ou corra mal, ela nunca poderá lamentar não ter tentado.

– Amara, não estou à procura de namorado!

– Eu sei.

– Então...?

– Se não te deres uma oportunidade, vais sempre perguntar-te se aquele que te chamava «cubinho de gelo» poderia ter sido o amor da tua vida.

– Por favooooooooor... não me venhas com isso agora. Sabes como eu sou – troço.

Amara e eu rimos. Ela sempre foi romântica.

– Tudo bem – declara. – Eu sei que se fores à Antártida, a derretes com a tua frieza!

– Podes crer – afirmo, ciente de como sou fria.

– Mas e se isso não acontecer? – acrescenta Amara. – E se, por qualquer motivo, a Antártida for mais forte do que tu e te fizer derreter?

Suspiro. Sopro. Quando fica intensa, Amara é pior do que Leo.

– Amar e ser amada é uma das coisas mais lindas do mundo – continua. – E, sim, às vezes, amar e não ser correspondido é uma merda. A Mercedes, tu e eu somos exemplo disso. Mas o inteligente é não ficar preso, e tu, querida amiga, ficaste aprisionada por culpa de um *esparguetini*. Acho que...

– Prometi a mim mesma não voltar a sofrer por amor.

– E, todas as segundas-feiras, eu prometo a mim mesma iniciar a dieta e adio-a porque quero continuar a saborear as coisas de que gosto, mesmo que me engordem. Pelo amor de Deus, Verónica, a Zoé é maior de idade, independente... Não achas que devias mudar alguma coisa em ti e dar-te aquela oportunidade que te foi negada por causa daquele italiano imbecil?

Suspiro e bufo. Eu sei que no fundo tem razão. Todos os que me dizem isso me amam e querem o melhor para mim.

– Mas e se tudo correr mal? – sussurro. – E se...?

– Bem, se tudo correr mal, querida – interrompe ela –, levantas o queixo e continuas em frente. Bem, vejamos, há muitos homens no mundo, tal como peixes no mar! És uma gaja que vale muito, e quem não te valorizar é que perde! Mas para de te negar coisas bonitas e momentos especiais, porque isso não é viver.

Eu sorrio. Ela também, e sussurra:

– O Óscar não me valorizou e acabou por me perder. E, sim, é verdade que ainda o vejo de vez em quando e me martirizo, mas, ei, se faço isso, é, primeiro, porque adoro a mãe dele e, segundo, porque ele é muito bom na cama e agora sou eu quem o usa como e quando quero.

Rio-me. Gosto do empoderamento de Amara neste assunto.

– Devias permitir-te conhecer o Naím, pois sabes muito bem que ele quer conhecer-te.

– *Queria...*

– E continuará a querer, não duvides! – troça a minha amiga. E quando eu bufo, ela acrescenta: – A propósito... que gato!

Ambas rimos. Eu sei que Naím é um gato.

– Pensas nele? – pergunta, então, divertida.

A resposta é *sim*. Mas, não, recuso-me a admiti-lo, e Amara desabafa:

– Olha, vamos fazer uma coisa. Se não o queres conhecer melhor, apresenta-mo!

– Nem pensar!

A minha amiga pisca-me o olho e ri-se.

– Vês? Tu gostas dele, muuuito! – declara. – Não vês que o queres só para ti?!

Não respondo. Esse sentimento de possessão só o tive com a minha filha.

– Pensa nisso – insiste Amara. – Quando é que não me quiseste apresentar um tipo? Ai, Verónica, por algum motivo tu gostas dele, e gostas muito, embora não queiras admitir isso a ti mesma.

Tem razão. Com as suas palavras está a mostrar-me que o que diz não é loucura.

– Achas que seria boa ideia, já que vou a Tenerife a trabalho, passar lá alguns dias de férias quando terminar? – pergunto, confusa.

Amara assente.

– Acho que seria uma excelente ideia.

– E se eu estragar tudo?

– Bem, se estragares, estragas! Sem problemas. Eu estrago tudo constantemente e, olha, continuo viva!

Nervosa por valorizar algo que me recusava a aceitar, suspiro.

– Eu conheço-te – acrescenta ela –, e sempre que quiseste algo relacionado com trabalho, tu foste atrás. Por que motivo recusas fazê-lo no caso do amor?

Está certa. Sou uma mulher confiante em todos os aspetos da minha vida, exceto no amor.

– Sabes o que a mãe do Óscar me disse no fim de semana passado? – pergunta, antes de eu conseguir dizer alguma coisa. Abano a cabeça e ela murmura: – Ela, que sabe que eu e o filho dela não temos futuro, disse-me: «Amara da minha vida, se perdeste alguma coisa, espero que seja o medo de recomeçar, porque a única maneira de apanhares um bom comboio a tempo é teres perdido o anterior.»

– Disse-te isso?

Amara assente.

– Com todas as palavras. Como não adorar a minha Encarnita, mesmo que com o seu filho eu já não tenha nada mais do que sexo?

Rimos outra vez. Então, Leo volta para a mesa e, quando se senta, pergunto olhando para ele:

– E o que se passa contigo?

Leo olha-me, ergue as sobrancelhas e responde:

– Há dois dias, o Ricardo trouxe as notas e reprovou a três disciplinas.

Mas o Marcos trouxe as dele hoje e reprovou a seis.

– Nããããããão! – sussurramos Amara e eu.

Nesse instante, regressa também Mercedes e, olhando para nós, pergunta:

– O que se passa?

– O Ricardo reprovou a três disciplinas e o Marcos a seis! – explica Amara.

Olhamo-nos os quatro em silêncio. O tema dos estudos é algo que Leo leva muito a sério com os filhos...

– Não há dúvida de que saem aqui à tia! – exclama Mercedes.

Esse comentário faz com que a tensão instalada se quebre e, como sempre, começamos a rir, enquanto penso que Amara tem razão. Talvez devesse baixar a guarda, não ser um bloco de gelo e dar-me a oportunidade de conhecer Naím.

² Número de telefone de emergência em Espanha para situações de violência de género. (N. da T.)

Capítulo 23

Dois dias depois, após almoçar com os meus pais e de verificar que *Tinto* continua a ser o cão louco de sempre, quando estou no escritório, Eloísa diz-me:

– Uma chamada do Sr. Acosta na linha 4.

Ao ouvir isto os pelos de todo o meu corpo arrepiam-se. Será Naím ou Liam?

Continuo a pensar no que conversei com Amara. Deveria conhecer melhor Naím ou, pelo contrário, continuar a fugir como sempre faço?

O nervosismo apodera-se de mim. Tanto me digo «sim», como «não». Mas, por fim, respirando fundo, pego no telefone, carrego no botão da linha quatro e digo profissionalmente:

– Sim, fala Verónica.

– Verónica, queria muito falar consigo! Como correu a viagem?

É Liam. E, sem saber se estou feliz ou dececionada, recosto-me na cadeira e respondo:

– Melhor do que pensava. Apesar de termos adiado a ida à China e à Austrália por força de um problema pessoal do meu cliente, retomaremos a viagem em setembro.

Durante alguns minutos, conversamos sobre os países que visitei e percebo que Liam já viajou muito, até que ele diz:

– Queria agradecer por finalmente concordar em trabalhar connosco. Não sei o que o meu irmão lhe disse, mas não há dúvida de que ele é mais persuasivo nas negociações do que pensava.

Sem poder evitar, eu sorrio. E Liam acrescenta:

– O Naím deixa sempre este tipo de negociação comigo. Prefere cuidar dos campos e do seu trabalho de enólogo, mas é evidente que, como todos nós, se interessou pela sua colaboração connosco e por cumprir o que prometemos à nossa mãe.

Assinto. Felizmente, ninguém percebeu o que aconteceu entre mim e Naím, e quando estou prestes a falar, Liam, que noto estar muito entusiasmado, pergunta:

– Quando começam as suas férias?

Olho para o calendário à minha frente. Na verdade, tiro férias quando o trabalho abranda.

– Em agosto. Faltam apenas dez dias – respondo.

Ouçó Liam sorrir e, aproveitando, e como sou curiosa, pergunto:

– Como está a sua irmã e os seus sobrinhos?

– Bem. A Florencia, rabugenta como sempre, e os miúdos, andam nas suas coisas. O Gael e a Xama a curtir a juventude, o verão e os amigos.

A sério que Gael ainda não soltou a bomba nuclear que tem nas mãos? Continua sem lhes contar que foi pai? Estou surpresa, muito surpresa.

– Não quero sobrecarregá-la porque sei que chegou recentemente da sua viagem – diz ele de repente –, mas o que acha de vir a Tenerife antes de tirar férias para falarmos sobre a campanha e lhe mostrarmos o resto das adegas que temos nas ilhas?

Inspiro fundo. A proposta dele é algo em que já havia pensado e, demonstrando o meu lado profissional, respondo:

– Hoje é quinta-feira... Estaria bem para vocês se eu estiver aí na próxima segunda-feira?

– Perfeito!

Concordo e, olhando para a minha agenda, comento:

– Vou visitar-vos e, quando concluir convosco, começarei as minhas férias na ilha.

– Que ideia magnífica! Quer que marque alojamento para si?

– Não. Não. Não se preocupe, eu farei isso – afirmo, certa de onde quero ir. Ouçó Liam sorrir e peço-lhe: – Organize as visitas às caves nas outras ilhas; acho que dois ou três dias serão suficientes.

– Também acho – diz Liam, e depois acrescenta: – A propósito, não sei se sabe que este ano, em agosto, a gala do Prémio Bardea está a ser organizada em Tenerife. Sabe o que é?

Devido ao meu trabalho sei que o Prémio Bardea é um concurso nacional em que é escolhido o melhor enólogo do ano, que, posteriormente, é quem concorre com outros enólogos a nível internacional no Prémio Farpón, precisamente aquele que vou apresentar este ano em Madrid.

– Sei o que é – declaro. – Aliás, está ao telefone com a apresentadora do Prémio Farpón deste ano.

– Não me diga!

Confirmo, sorrio e asseguro:

– Pois é verdade.

Rimos os dois, divertidos.

– O meu irmão Naím, como enólogo das Caves Verode, é um dos nomeados. Se ganhar o nacional, que tem muitos votos – sussurra –, iremos ao Farpón.

Ouvir isso surpreende-me e também me deixa feliz. Ser um dos indicados num concurso tão renomado é muito importante para as vinícolas e para a carreira do enólogo que o vence. Mas, como preciso de interromper a chamada porque estamos a falar de Naím, minto:

– Liam, vemo-nos então na próxima semana, mas agora tenho de desligar. Tenho uma reunião dentro de cinco minutos.

– Não há problema. Vemo-nos na segunda-feira!

– Até segunda.

Assim que desligo, levanto-me.

Uf, que calor! Porque é que fico com calor só de pensar em Naím?

Ando de um lado para o outro no meu escritório, incomodada, desnorteada, até que Eloísa abre a porta e me diz:

– Vens hoje à noite comigo e com a Lola jantar e beber um copo?

Assinto. Nem sequer reflito.

Zoé não está em casa e preciso desanuviar a cabeça ou ela vai explodir.

Nessa noite, quando chego a casa às quatro da manhã, depois de cumprimentar *Paulova*, sorrio. Como me diverti a valer com Eloísa e Lola!

Capítulo 24

Dois dias se passam e eu não consigo tirar a porra do quarentão poderoso da minha cabeça.

De repente, parece que ficou preso na minha mente, e quanto mais quero ignorá-lo, mais penso nele.

Preciso de apoio logístico, por isso ligo o meu telemóvel e, após procurar pelo grupo do Comando Chuminero, escrevo:

Estou prestes a cortar os pulsos com um garfo.

Como esperava, o Comando responde e combinamos encontrar-nos dentro de uma hora na esplanada de sempre para conversar e, aproveitando, empanturrar-nos de tortilha e calamares.

Ao chegarmos ao ponto de encontro, trocamos beijos e, após pedirmos algo para comer, falo com eles, com total sinceridade, sobre o que me está a acontecer em relação a Naím.

– Finalmente... – sussurra Leo.

Assim que diz isto, olho para ele e pergunto:

– Finalmente o quê?

– Finalmente comes a descongelar, *cubinho de gelo*! – troça ele.

– Vai pro inferno! – protesto.

Leo, que está a comer um calamar, mastiga pacientemente, engole, e quando sabe que estou prestes a levantar-me e cortar a sua cabeça, argumenta:

– Desculpa, querida, mas quando não tiras alguém da cabeça, das duas uma, ou gostas dele, ou o odeias. E, pela forma como mordes o lábio quando falas do quarentão poderoso, eu sei que gostas muuuuito dele.

– Leo Morales *for president!* – provoca Amara.

Os meus três amigos começam a rir e eu, olhando para eles, reclamo:

– Não sei do que se riem. Não tem graça nenhuma!

– O que é que não tem graça? – questiona Mercedes. – Para mim tem toda a graça do mundo. Conheço-te desde sempre, e é a primeira vez que te vejo assim por causa de um tipo. Como pode não ter graça?

Insulto-a. Bufo. E, olhando-a, pergunto:

– E tu, não tens nada para contar?

Mercedes ergue as sobrancelhas. Todos olhamos para ela e, finalmente entendendo a minha pergunta, diz:

– OK, eu admito. A Dalila e eu estamos um pouco distantes, mas vai ficar tudo bem.

– Tens a certeza? – pergunta Amara.

Mercedes acena com a cabeça, bebe do seu copo e diz:

– Vá lá, malta. Acreditem ou não, eu sei como é a minha relação. Mas eu amo-a, ela ama-me, e por enquanto não há mais a dizer.

Leo, Amara e eu entreolhamo-nos. Por mais brincalhona que Mercedes seja, dá para ver como gosta pouco de falar sobre a sua vida com Dalila.

– Certo – admito –, mas se tiveres algo para contar, estaremos aqui, entendido?

Mercedes acena afirmativamente, sorri e declama, levantando a camisa para mostrar a tatuagem sobre as costelas:

– «No mau. No bom. E no melhor», certo?

Sem hesitar, nós os três assentimos, emocionados, e Amara diz, olhando para mim:

– Voltando ao assunto, Verónica... Antes de mais nada, tem calma. E, depois, algo me diz que esse tipo te vai fazer baixar do teu pedestal de gelo.

– Amara, não me provoques!

– Não me provoques tu – interrompe-me. – E reconhece que já não se trata de esse tipo te dar tusa, mas sim que gostas dele, e muito!

Eles encaram-me. Esperam a minha resposta. Mas não, recuso-me a aceitar isso.

– Vamos, admite – sussurra Leo.

– Não.

– Não estamos a pedir-te que digas a expressão proibida. Apenas que assumas que gostas do Aloé Vera – insiste Mercedes.

Nego com a cabeça. A expressão proibida é *amo-te*, e não, claro que não vou dizer isso!

– Vá! – incentiva-me Amara. – Estamos à espera.

Mexo-me desconfortavelmente na cadeira. Reconhecer algo assim é difícil para mim, mas, por fim, respirando fundo e consciente de que lhes solicitei ajuda logística, afirmo:

– OK.

– Disseste «OK»? – troça Mercedes.

Amara e Leo acenam com a cabeça, e eu, vendo as suas expressões de provocação, admito:

– Eu admito. Gosto muito dele.

Os três entreolham-se. Aplaudem. Riem.

– Nunca pensei que chegaria a ver este momento – diz Leo.

– Nem eu! – garanto meio horrorizada e meio a brincar.

Conversamos. Eles perguntam. Eu respondo como posso.

– És preciosa, divina e divertida... – declara Leo. – Conquista-o!

Quando ele diz isso, pisco os olhos. A questão da conquista é algo que não controlo de maneira nenhuma.

– E como se conquista um homem? – pergunto.

Ele suspira e aponta, divertido:

– Para começar, não o chamando de *baby*, pois já sabes que ele não gosta.

Mercedes e Amara riem; não conseguem evitar.

– Parei de flirtar com rapazes quando tinha quinze anos – resalto –, por isso estou desatualizada e destreinada. Desde então, não conquistei ninguém

nem permiti que alguém me conquistasse. Limitei-me a fazer sexo com quem eu queria, sem mais.

– E fizeste um belo trabalho – diz Mercedes.

Leo suspira. Sabe que é verdade o que digo.

– Para o conquistar, basta seres tu mesma e deixares que ele te conheça – acrescenta Amara.

– Nada disso – interrompe-a Leo. – Se for ela mesma, será o cubinho de gelo mandão e controlador de sempre, acabando por assustar o tipo em questão.

– Penso como ele! – aponta Mercedes.

Cria-se entre eles um debate em relação à minha forma de proceder e, embora não me surpreenda com nada do que ouço, faz-me refletir enquanto como tortilha de batata.

– Ela tem de continuar a ser como é – ouço Amara dizer. – Só precisa de se abrir...

– Abrir-se... já ela o fez – troça Mercedes.

Todos olhamos para ela e, então, Amara continua, divertida:

– Quando digo «abrir-se», quero dizer dar-se a conhecer. Para mostrar que, além de uma controladora nata, também é carinhosa, divertida, gentil e empática, entre muitas outras coisas.

– Tens de apaziguar esse carácter frio e impulsivo que tens – diz Leo. – E, acima de tudo, pensa bem antes de agires. Porque, sim, às vezes entras a matar.

– Mas isso faz parte do seu charme. – Mercedes ri-se.

O debate sobre como sou ou como devo agir continua por algum tempo, e eu apenas os ouço sem parar de comer. Até que Leo, levantando a voz, diz:

– Vejamos... o único homem aqui sou eu. E, como tal, sei o que homens com dois dedos de testa gostam nas mulheres.

– Se estiveres a pensar dizer as palavras *cu* e *mamas*, engoles o copo! – aviso-o.

Leo sorri. Eu sei que ele não é esse tipo de homem.

– O meu comentário não vai por aí, até porque eu disse «homens que têm dois dedos de testa» – observa.

Olhamos as três para ele e Amara pede:

– Pois bem, oráculo do amor masculino, ilumina-nos com a tua sabedoria.

Ouvir isso faz-nos sorrir, inclusive a Leo, que diz:

– Se nós homens gostamos de algo, é de mulheres independentes, com personalidade e carácter, mas, ao mesmo tempo, que sejam doces, meigas e carinhosas.

– Tens a primeira parte, *ratita* – troça Mercedes, comendo tortilha. – A segunda tens de trabalhá-la, e muito.

Rio-me. Se há algo que não sou com os homens é doce, meiga e carinhosa. Eu fujo desse tipo de conexão com eles.

– Outra coisa que nos atrai é que sejam misteriosas – continua Leo.

– Misteriosas? – pergunta Amara.

Leo assente.

– Os homens, como bons sofreadores, sentem-se muito atraídos por mulheres que não lhes facilitam a vida.

– Nisso a nossa menina é mestre! – garante Mercedes, fazendo-me sorrir.

Leo acena com a cabeça novamente.

– Adoramos a sinceridade – acrescenta. – Uma mulher sincera que diz o que pensa torna-se mais atraente e interessante do que aquela que diz sempre aquilo que sabe que queremos ouvir.

As minhas amigas e eu concordamos em silêncio.

– O físico, embora faça parte do pacote, não é o pacote completo.

– Que bonito o que acabaste de dizer! – troça Amara.

Leo abana a cabeça.

– Estão muito enganadas se pensam que só nos deixamos atrair por uma carinha laroca ou um traseiro perfeito. Os homens que têm dois dedos de testa valorizam algo mais do que um físico perfeito e o tamanho S.

– Oh, que minuciosos! – troço, divertida, ciente de que sou tamanho L.

Leo ri-se. Que fofo ele é! Depois, continua:

– Acho que são precisamente vocês quem dá mais importância à beleza física. Procuram *Gavilanes*! No teu caso, *Gavilanas*! – diz, olhando para Mercedes. – Tipos altos. Espadaúdos. Abdominais perfeitos – descreve,

bem-disposto. – E isso, minhas queridas, não estabelece a base de uma relação. O que mantém um homem interessado numa mulher são os seus valores, a sua personalidade, o seu talento, o seu sentido de humor... o pacote completo! Não apenas beleza e um corpo perfeito. Acreditem em mim quando digo que uma mulher que só se preocupa em ser a mais bonita e perfeita do reino, cedo ou tarde perde o interesse do homem.

Nós as três entreolhamo-nos. Somos um pouco céticas quanto a este tema.

– E agora, dito isto – acrescenta Leo –, vou dizer-vos o que apaixona verdadeiramente um homem.

– Ilumina-nos, oráculo! – solto, divertida, pegando noutra pedaço de tortilha.

O meu amigo, que não sei como nos aguenta, explica:

– O que realmente nos apaixona é uma mulher que nos faz sorrir com o coração. Se uma mulher consegue isso só ao olharmos para ela, garanto-vos que não há mais nada a dizer!

– Como mulher que ama outra mulher – declara Mercedes com seriedade –, concordo com esta última. Não há nada que te faça apaixonar mais do que sentires que o teu coração sorri, e a minha miúda faz-me sorrir.

Assim que ela diz isto, todos olhamos para ela e, vendo a expressão séria de Mercedes, Leo troça:

– Olheeeeem para ela, como está apaixonada.

– Perdidamente! – exclama Mercedes.

Rimos divertidos e Amara aponta:

– Depois de ouvir o oráculo do amor e a apaixonada do ano, tenho de acrescentar algo muito importante e que aprendi depois do que me aconteceu com o imbecil do Óscar. Tu és tu. Portanto, não precisas esconder-te sob uma imagem que não é a tua ou desempenhar um papel que não combina contigo. Tu, minha querida Verónica, por mais que às vezes sejas fria, és única e especial, como todos nós aqui. Por isso, debes valorizar-te e amar-te, para que a outra pessoa te valorize e te ame também. Não precisas mudar para seres amada como eu fiz. Isso é um erro terrível. Nunca faças isso, porque se fizeres, mais cedo ou mais tarde vais arrepender-te, pois

deixas de ser tu para ser quem a outra pessoa quer. E quem te ama tem de o fazer com os teus defeitos e as tuas virtudes.

– Se te mostrares um cubinho de gelo – comenta Leo –, garanto-te que qualquer homem com dois dedos de testa fugirá.

Assinto. Entendo o que me dizem. Sei que querem o melhor para mim.

– Dito isto – acrescenta Mercedes –, e como temos de te ensinar a flirtar porque de sexo sabes tu, tudo e mais alguma coisa... mas sobre namoriscar e sentimentos, nada de nada – diz ela a rir –, há certos conceitos básicos que precisas de aprender.

Olho para eles com ar de provocação, e Amara diz:

– Sê simpática. Sorri e faz-lhe olhinhos.

– Não sei como fazer isso! – troço.

Os meus amigos riem, e eu também.

– Mesmo que não mudes a tua personalidade – continua Amara –, quando o estiveres a conhecer, esquece a cena da mandona, fria e dominadora como costumavas fazer com os homens; e uma coisa muuuito importante: diz-lhe, sem palavras, que tens interesse em conhecê-lo e, se vires que ele te dispensa, é só virares as costas e partires para outra, borboleta! Não sejas uma chata insistente, pois isso é insuportável.

OK. Assinto. Algumas coisas parecem fáceis. Outras, não sei.

– Olha-o nos olhos – aconselha-me Leo. – Os homens adoram quando uma mulher os olha nos olhos e...

– Ei, bonitão – interrompe-o Mercedes. – As mulheres também gostam de ser olhadas nos olhos e não nos traseiros.

Uma vez mais, o debate está aberto. Eles falam, aconselham e sugerem enquanto continuo a comer como se não houvesse amanhã e, quando finalmente param e olham para mim, afirmo consciente do que estou prestes a fazer:

– Certo. Tomei nota mental de tudo.

– Vamos fazer um brinde? – propõe Amara.

Todos nos olhamos divertidos e soltamos ao mesmo tempo:

– No mau. No bom. E no melhor.

Eles batem palmas. Abraçam-me. Estão mais felizes do que eu porque decidi dar-me uma oportunidade no amor e, enquanto continuam a aconselhar-me, continuo a comer. Não sei flirtar com Naím, mas engordar é fácil... vou ficar um barril!

À noite, quando chego a casa, depois de cumprimentar a minha gata *Paulova* e encher a sua taça de comida, vou direta para o duche. Nua, deixo a água correr pelo meu corpo e sinto como aos poucos vou relaxando.

Os duches são tão bons!

Assim que visto uma blusinha e umas cuecas para estar em casa, abro o frigorífico e, embora não esteja com fome, vejo o que há para petiscar. Como Zoé não está, e eu não gosto de cozinhar, o meu frigorífico está tão vazio que o pobre coitado qualquer dia vai insultar-me.

Às onze horas da noite, planto-me em frente à televisão e, quando a ligo, o telemóvel toca. Olho para o ecrã e apresso-me a atender. O número tão grande só pode ser de um sítio.

– Mããããããããe!

Ouvir a voz de Zoé era o que eu mais precisava. A diferença de fuso horário entre Espanha e a Antártida é enorme.

– Olá, minha vida. Como estás? – cumprimento com um sorriso.

– Bem, mãe. Por aqui está tudo bem. E tu, como estás?

Durante vários minutos conversamos. Conto-lhe a minha decisão de passar as férias em Tenerife e ela diz-me que gosta da ideia. Também a incito a contar-me sobre as suas coisas. Zoé conta e, como sempre, não para de me falar do seu amor e de como isso a faz sentir. Mas como é que esta miúda se tornou tão romântica?

Conversamos um pouco, até que, de repente, ela diz:

– Mãe, o que achas de vires passar alguns dias à Antártida?

Surpresa com a ideia, não sei o que dizer.

– O Michael soube que no dia 20 de agosto um grupo de familiares partirá de Christchurch, na Nova Zelândia, para passar cinco dias aqui, na base, e pensámos que, como estarás de férias, podias vir.

Acho graça à ideia. Viajar para a Antártida? Nunca na vida tinha planeado isso.

– Vem, mãe – insiste Zoé. – Diz que sim! Preciso de te ver.

Assim que ela diz isso, a decisão está tomada. Se a minha filha precisa de me ver, o resto do mundo está a mais, e afirmo, consciente do massacre de horas de voo, pois, por certo, no início de setembro irei para a China:

– Diz ao Michael para me passar a informação, e eu juro, minha vida, que aí me terás.

Continuamos a conversar por um bom tempo. Zoé diz-me que vai fazer-me uma lista para eu comprar sapatos e roupas necessários para não passar frio e pede-me para levar toneladas de biscoitos de que ela gosta e que não têm lá. Assim que desligo e me recosto no sofá, sorrio. Saber que, em breve, verei a minha filha é o máximo.

Capítulo 25

A chegada ao aeroporto de Tenerife Sul faz o meu sangue correr nas veias a uma velocidade vertiginosa.

Saber que estou a pisar a mesma terra que Naím, disposta a conquistá-lo, deixa-me ansiosa.

Vou mesmo fazer isto?

Enquanto espero a mala, depois de avisar os meus pais de que cheguei e também o Comando Chuminero, tento convencer-me de que estou a fazer a coisa certa. Como diria o meu pai, quem não arrisca não petisca, e se eu estou aqui é para arriscar. Também ligo a Jonay para o avisar de que estarei em El Médano por alguns dias. Com certeza, vou puxá-lo para sair e divertir-me.

Quando termino de falar com o meu amigo, olho para o telemóvel. Tenho o número de Naím... Ligo-lhe? Não ligo? Isso significa dar-lhe a entender que estou interessada nele?

Pondero, pondero e pondero. Hesito tanto que, no final, decido não ligar. Faço isso noutra altura.

Para esta viagem, pedi a Liam para não me reservar hotel nem me apanhar no aeroporto. Através de uma amiga consegui um belo apartamento em El Médano, no sul da ilha, um lugar onde sempre quis ir porque foi onde os meus pais se conheceram, por isso vou aproveitar e passar as minhas férias lá.

Quando a minha mala sai, pego nela e sigo em direção à saída, onde apanho um táxi que me leva, tranquilamente, até à morada que indico ao motorista, enquanto me fala da ilha e dos locais que tenho de visitar.

Assim que chego, olho em volta, satisfeita. O lugar é bonito, e vejo que o apartamento que aluguei fica em frente à praia. Ótimo!

Não é muito grande. Terá cerca de cinquenta metros quadrados, mas cumpre as minhas expectativas em termos de modernidade, limpeza e, sobretudo, tem um terraço virado para o mar.

Que maravilha!

Satisfeita, saio para o terraço, onde acendo um cigarro para aproveitar o momento de paz, apesar do vento que faz. Aparentemente, aqui costuma estar muito vento. Estou a olhar em volta quando o WhatsApp toca. Olho e sorrio ao ver que é Lorenzo, o argentino. Trocámos várias mensagens desde aquela noite em Mendoza, e, ainda com um sorriso no rosto, leio:

Como está a minha
tangureira fogosa?

Sento-me rapidamente num cadeirão branco e respondo. Conversamos durante algum tempo. Não nos vemos desde Mendoza, mas, ei, conversar com o meu argentino fogoso é divertido e aproveito o momento. Até considero fazer-lhe uma visita na Argentina, um dia.

Após a conversa com Lorenzo, procuro o número de Naím no telemóvel e volto a ponderar. Sei que o quero ver. Quero falar com ele. Mas estou preparada para que não queira ver-me ou falar comigo?

Angustuada, pouso o telemóvel sobre a mesa e olho para as pessoas a praticarem *windsurf* e *kitesurf* na praia, maravilhada com as suas proezas.

Com curiosidade, observo como algumas raparigas chegam à praia num carro azul que estacionam a poucos metros do meu terraço. Tiram algumas pranchas do tejadilho e, então, observo-as a conversarem e a olharem para o mar enquanto vestem roupas de mergulho pretas. Olho para elas com inveja. Tenho a certeza de que, se eu tivesse crescido num lugar com praia, praticaria o seu desporto.

Sem tirar os olhos delas, vejo como vão com as pranchas em direção à água e, pouco antes de entrarem, param e prendem-nas nos tornozelos com uma cordinha. Em seguida, entram no mar montadas nas suas pranchas.

As raparigas nadam, nadam e nadam. Lutam contra as ondas, que querem devolvê-las à praia, até que vejo que chegam junto a um grupo de pessoas que, sentadas nas suas pranchas, esperam. Com a mesma paciência dos outros, as raparigas apanham ondas. Algumas caem, outras não, e, de repente, vejo uma delas mover a prancha e nadar na direção de uma grande onda que se aproxima.

Meu Deus, que corajosa!

Entusiasmada, vejo-a saltar agilmente para a prancha e, com uma precisão que eu gostaria de ter, levanta-se e cavalga a onda.

Que maravilha!

Durante algum tempo, observo como todos na água gostam do que fazem, até que o meu telemóvel toca. Vejo o nome de Liam no ecrã e atendo:

– Olá, Liam.

– Olá, Verónica. Já está na ilha?

Sorrindo, aceno com a cabeça, entro no apartamento e respondo:

– Sim. Cheguei há algumas horas.

– O alojamento é bom?

Encantada, olho em redor. O apartamento não é apenas bonito, mas também está decorado com bom gosto.

– É maravilhoso – respondo.

Percebo que Liam fica satisfeito, e então pergunta:

– Quer que a vá buscar para levá-la às adegas?

– Não. Não é necessário. Eu mesma irei lá ter. A que horas marcou a reunião?

– Às quatro.

Olho para o meu relógio. Faltam três horas.

– Combinado – digo. – Vemo-nos a essa hora então.

Assim que desligo a chamada, sigo para a casa de banho. Vou tomar banho e depois vestir-me, comer alguma coisa e seguir para as caves. De onde estou, o taxista disse-me que tinha pelo menos uma horinha de viagem até Tacoronte.

Um pouco depois, após trocar de roupa um milhão de vezes – bem, certamente verei Naím e quero estar espetacular –, olho-me ao espelho.

Vesti um fato azul e, com o cabelo preso num coque não muito apertado, fico com uma aparência muito séria.

Estou demasiado formal?

Porra, também quero estar bonita!

Quero que Naím fique com a pulsação acelerada quando me vir, como certamente ficará a minha, e, no final, decido soltar o cabelo. Dizem sempre que fico mais bonita com o cabelo solto.

Quando entro no táxi, a minha frequência cardíaca está a mil. Tenho uma hora para desacelerar e pensar em ser simpática com ele. Sorrir para ele. Ser natural e olhá-lo nos olhos.

Uf, Deus, por que razão me é difícil fazer o que é tão fácil para os outros?

A verdade é que saber que vou ver o homem que ocupa os meus pensamentos deixa-me fora de mim, e estou a pensar nisso quando o táxi chega às caves.

Mas como é possível que já estejamos aqui?

Uf... que nervos.

Assim que pago ao taxista e saio do veículo, olho em volta com um sorriso. Se a primeira vez que vi isto fiquei impressionada, hoje impressiona-me muito mais.

De onde estou, olho em redor. Estou inquieta. Nervosa. Através dos meus óculos de sol observo todos os homens que passam, enquanto procuro quem procuro, mas não o encontro.

O que terá pensado quando soube que eu estaria aqui?

– Ei, que alegria voltar a vê-la.

Ao ouvir a voz de Omar, marido da irmã de Liam e de Naím, viro-me e, a sorrir, saúdo-o e vejo que vem com o filho:

– Olá, Omar! Olá, Gael!

Aproximam-se. Dão-me dois beijos cordiais e, a sorrir, Omar diz:

– Saiba que o facto de estar aqui significa muito para os Acosta.

Sorrio. Confesso que, no fundo, gosto de saber disso, e então ouço-o dizer:

– Roberto, espera um pouco! – E, olhando para Gael e para mim, acrescenta: – Com licença.

Quando se afasta e eu fico sozinha com o jovem, o embaraço deste é tremendo.

– Como está a Begoña e o bebé? – pergunto.

Ciente de que ninguém nos pode ouvir, Gael responde:

– Estão bem. Ela e o Lionel estão perfeitamente bem.

Ao ouvir o nome do pequeno, afirmo a sorrir:

– Um menino, parabéns!

Gael sorri. Vejo no seu sorriso a felicidade que sente.

– A Begoña voltou para Madrid? – quero saber.

Ele suspira e diz:

– Ela ficará aqui até ao início de setembro e depois regressará a Madrid com o bebé.

Concordo com a cabeça e, sabendo que é difícil falar sem ser ouvido, tiro um cartão da carteira e entrego-lhe.

– Dá a Begoña e diz-lhe para me ligar – peço-lhe. – Estarei aqui grande parte do mês de agosto, gostaria de vê-la e conhecer o vosso filho.

Gael assente. Ele guarda o meu cartão, e eu, que sou um pouco destravada, deixo escapar:

– Não é que me queira meter onde não sou chamada, mas quando é que vais contar aos teus pais que eles são avós e tu, pai?

A cor do rosto do jovem muda e, em voz baixa, sussurra:

– Quando chegar o momento. Por enquanto, eu agradecia se continuasse sem dizer nada, por favor.

– Não te preocupes. Sei guardar segredos.

Ele acena. Entendo os seus receios, as suas dúvidas e, ciente disso, digo:

– O momento propício que esperas nunca chegará. O melhor é decidires tu quando deve ser, porque o destino às vezes é tramado, e, acredita, sei do que estou a falar.

Gael olha para o chão. Sinto que a sua juventude o paralisou.

– Mas não te preocupes comigo – acrescento. – Prometi guardar segredo e assim será. Mas o meu conselho é que quanto mais cedo contares, mais cedo descansarás à noite e recuperarás a tua vida.

Nesse momento, aparece Liam, impecavelmente vestido como sempre, e a sua irmã Florencia. Saem dos escritórios e vêm ao nosso encontro.

Onde estará Naím?

Naturalmente, eles aproximam-se de nós e, tal como Omar e Gael fizeram antes, dão-me dois beijos.

– Obrigada, Verónica – sussurra Florencia, entusiasmada. – Apreciamos muito que trabalhe connosco.

Vendo a sua emoção, aceno com a cabeça e pergunto:

– Porque é que a sua mãe queria que eu colaborasse convosco?

Ela e Liam entreolham-se. Vejo a emoção nos olhos deles, e então Florencia diz:

– A nossa mãe conheceu-a numa feira de publicidade que aconteceu em Madrid há alguns anos.

Eu penso. Sei a que feira se refere.

– Aparentemente – continua ela –, você estava a explicar a importância de uma boa campanha publicitária quando interrompeu a sua palestra para dizer a um homem na plateia que se ele voltasse a incomodar a hospedeira de eventos com as suas insinuações, ordenaria que fosse expulso da sala.

Assim que ela diz isso, eu sorrio e acrescento, olhando para Gael, que nos está a ouvir:

– Lembro-me que o sujeito me encarou. Era um daqueles machões que acreditam que são Deus porque têm algo pendurado entre as pernas, e, no final, chamei o segurança para o expulsar. Teve o que mereceu!

Florencia assente. Deve ter sido isso que a sua mãe lhe contou.

– A minha mãe era uma feminista inveterada. Sempre lutou pela igualdade e pelos direitos das mulheres, e presenciar o que fez diante de uma sala cheia de homens fê-la interessar-se por si. Procurou-a nas redes sociais e ficou encantada ao saber que, tal como ela, você colaborava com várias associações de mulheres vítimas de violência, e decidiu que queria trabalhar com a melhor. – Ambas sorrimos e, a seguir, ela acrescenta: – Mas, depois, ela ficou doente e, bem...

Não continua. A sua voz falha e, vendo que Liam também não consegue falar, declaro:

– Pois aqui estou. Vamos fazer esta campanha por ela.

Todos assentimos e sorrimos. Nesse momento, vejo aparecer o patriarca do clã com um belo ramo de anastacias nas mãos, murmurando com o seu doce sotaque canarino:

– Ai, minha menina, não caibo em mim de felicidade por estar aqui!

Satisfeita, caminho até ele e sussurro:

– Obrigada pelo ramo de anastacias que me enviou, Sr. Acosta. Era lindo.

O homem acena com a cabeça e, entregando-me as flores, diz:

– Aqui tem outro. Agora, somos dois a oferecer-lhe flores: o seu pai e eu.

E, por favor, trate-me por Horacio.

Sorrio agradecida por tamanha gentileza, e então Liam indica:

– Vamos para o escritório.

Respiro fundo e, nesse momento, ouço Horacio perguntar:

– O Naím já chegou?

Sem parar, Liam abana a cabeça.

– Ele não vem.

«Nãããããããããããããããããããããããããããããã!», estou a ponto de gritar.

– Como não vem? – insiste Horacio.

– Pai, o Naím disse que estava muito ocupado – responde Liam.

Ao ouvir isso, sinto o meu coração parar.

Porra... porra... poooooorra... Eu ia ser simpática com ele!

A sério, sabendo que estou aqui, Naím não vem?

A sério?

Saber disso aborrece-me. Incomoda-me.

Eu aqui, tão gira, tão arranjada com o cabelo a cair nos olhos, e o tipo ignora-me?

Respiro fundo para não transparecer o meu desagrado e continuo a caminhar ao lado de Florencia, enquanto tento fazer o meu coração relaxar. Dez minutos depois, após cumprimentar os que esperavam na sala, iniciamos a reunião e tento concentrar-me no meu trabalho e mostrar-lhes que, tal como pensava a matriarca da família, eu sou a melhor.

Capítulo 26

Estou em Tenerife há dois dias e não sei nada de Naím.

Não lhe ligo, ele não me liga, não nos encontramos, nada! É claro que a última coisa de que falámos foi levada a sério, e eu, que sou temerária, não sei como agir em relação a este assunto, pelo que não faço nem digo nada.

Como posso ser simpática com um tipo que nem me quer ver?

Depois de passar o dia inteiro nas caves e vinhedos da ilha, percorrendo-os de cima a baixo com a esperança de encontrar Naím em algum momento, quando regresso ao meu apartamento um tanto arrasada ao constatar que aquele maldito quarentão poderoso parece estar a evitar-me, tomo banho e, sem vontade de fazer nada, encomendo uma piza através de uma *app* e como-a enquanto estou refastelada no sofá da bonita sala de jantar e me distraio com um filme.

À meia-noite vou para a cama. Combinei com Liam às dez da manhã no aeroporto de Tenerife Norte para apanhar um voo curto que nos levará a La Gomera. Sei que vamos sozinhos. Não que eu tenha perguntado, mas ele disse-me, por isso suspiro pensando que vou continuar sem ver Naím.

Como posso ser tão azarada?

Vestida com calças de ganga e uma blusa, e com uma pequena mala, já que de La Gomera iremos para El Hierro, onde passaremos a noite, às dez da manhã estou, pontualmente, no aeroporto. Liam, igualmente pontual, cumprimenta-me e seguimos para aguardar pelo nosso voo.

Assim que chegamos a La Gomera, um tipo chamado Juan apanha-nos de carro e leva-nos ao vale de Hermigua, onde, segundo ele, se desfruta do

melhor clima do mundo. Entre gargalhadas, Liam e ele rivalizam, enquanto observo os locais por onde passamos, vendo muitas bananeiras e hortaliças. De que tipo serão elas?

Quando chegamos às Caves Verode, Liam apresenta-me Carmela, a gerente e administradora das adegas da ilha.

Carmela é uma mulher madura e, pelo que vejo, tem um belo sorriso, mas também personalidade, e eu gosto disso. Depois de entrarmos num carro conduzido por ela, chegamos ao lugar onde estão as vinhas. Ali, deixamos o veículo e começamos a subir uma ladeira íngreme. Ainda bem que vim de ténis.

Explicam-me que a viticultura em La Gomera se distingue pelo seu método de cultivo em socalcos, e sobretudo pela utilização da uva «*forastera blanca*», muito valorizada do ponto de vista enológico pelo seu potencial aromático.

Enquanto me mostra as belas e peculiares vinhas em socalcos, Carmela explica-me que ali, devido à orografia abrupta do terreno, tudo é feito de maneira manual e artesanal. Observo com curiosidade, pois tudo ao meu redor é incrível, enquanto a minha cabeça não para de absorver informações e Liam sorri com certas coisas que Carmela diz.

Após três horas de caminhada pela zona escarpada, regressamos ao ponto de partida, onde almoçamos num sítio espetacular e me dão a provar uns excelentes vinhos brancos de aroma intenso e muito particular. Também provo os tintos. Opto por um que é suave, com aroma frutado e muito equilibrado.

Depois da visita, e com o iPad cheio de anotações, despeço-me de Carmela e prometo que regressarei com mais calma. Em seguida, Juan, o motorista, acompanha-nos ao aeroporto, onde apanhamos um avião que nos leva a El Hierro.

Assim que chegamos, um jovem chamado Francisco vem buscar-nos ao aeroporto. Ao contrário de Juan, de La Gomera, este é calado. Durante o trajeto para as terras dos Acosta vejo que Liam liga ao irmão Naím e eles conversam, embora ao desligar eu perceba que nem Naím perguntou por mim nem Liam disse uma palavra.

Com curiosidade, testemunho que o que li sobre a ilha de El Hierro e as suas três cores é verdade. Rocha vulcânica escura, azul do Atlântico e verde dos bosques e vinhedos.

Assim que chegamos a Tanajara, localidade onde estão localizadas as Caves Verode, a primeira coisa que fazemos é desfrutar de um impressionante miradouro de onde se avistam os vinhedos. Que maravilha! Pouco depois, aparece um homem e Liam apresenta-mo. Trata-se de Carlos, o gerente das adegas.

Como fez Carmela, ele acompanha-nos até aos vinhedos divididos em socalcos e forrados com bardos, onde vejo que, ao contrário de La Gomera, a mecanização chegou.

Carlos fala-me de variedades como a *baboso negro* ou a *verijadiego*, embora me diga que a mais adaptada ao solo vulcânico e às suas condições ambientais é a chamada «*listán blanco*».

Durante algumas horas caminhamos pelas vinhas, até entrarmos numa sala onde, uma vez mais, me dão a provar os seus vinhos. Mãezinha, como são bons!

Após a visita, seguimos em direção à pousada de El Hierro, onde ficaremos hospedados.

Quando chegamos, morro de amores! É incrível!

O lugar é, no mínimo, espetacular, e resolvemos comer alguma coisa antes de irmos dormir. No dia seguinte, partimos para La Palma.

Durante o jantar, Liam recebe uma chamada e o meu corpo entra em rebuliço quando ouço:

– Então, mano?!

Sei que é Naím do outro lado da linha, e fico tão nervosa que começo a comer como se não houvesse amanhã, enquanto ouço Liam contar sobre a nossa viagem.

Saber que Naím está ao telemóvel inquieta-me. Gostaria de falar com ele. Gostaria de ter uma conversa com ele e voltar atrás no que disse naquele dia, mas ele não me dá hipótese, e continuo sem fazer nada.

Tenho o seu número de telemóvel, tal como ele tem o meu, mas sou incapaz de lhe ligar. E, embora ache que ele se aventurou ao dizer que queria

conhecer-me, arriscando a rejeição, eu sou incapaz disso. Não consigo. É que não consigo!

Estou a pensar nisso quando Liam desliga o telemóvel e diz, limpando algumas migalhas de pão que caíram sobre o seu guardanapo:

– Cumprimentos do meu irmão Naím.

Assinto. Olha que bom!

Ficamos em silêncio por alguns segundos até que Liam, depois de comer um delicioso queijo *herreño*, típico das ilhas Canárias, comenta:

– O Naím é tão apaixonado pelo trabalho quanto a minha mãe. Ela era enóloga e, desde criança, o Naím sempre soube que queria seguir os seus passos. A verdade é que ganhar o Prémio Bardea este ano seria algo muito especial para ele e para todos.

Aceno, satisfeita com o que ouço.

– O que é que Naím lhe disse, que eu não, para a convencer a trabalhar connosco? – pergunta Liam de repente.

Mãezinha... mãezinha, o que lhe respondo eu agora? Devo dizer-lhe que chamar-me «cubinho de gelo» foi um dos motivos?

Não. De forma nenhuma. E, como se o que acabei de ouvir não me afetasse, sorrio e digo:

– Ele disse-me que, como prometera a vossa mãe, era de vital importância para ele.

Não sei o que mais dizer, e então Liam sussurra:

– O Naím passou um mau bocado quando a nossa mãe morreu. A doença e os meses que se seguiram à sua morte foram muito, muito difíceis para todos, mas especialmente para ele.

Saber isso faz-me querer saber mais.

– Especialmente para ele, porquê? – pergunto.

Liam olha para mim, balança a cabeça e sussurra:

– Porque a sua companheira na época não esteve à altura.

Assinto. Tento entender sem compreender nada e não pergunto mais. Não é profissional tagarelar sobre assuntos particulares de outras pessoas e, desviando o assunto, pergunto sobre El Hierro e La Gomera, e Liam responde-me com prazer.

Capítulo 27

O voo para La Palma é muito rápido. Que maravilha estes aviões que saltam de ilha em ilha!

Depois do que aconteceu com o vulcão de Cumbre Vieja em 2021, quando chegamos às terras dos Acosta, estou ciente de como os viticultores da região tentam ajudar-se. Liam e os outros estão a tentar encontrar soluções para esses amigos que perderam não apenas as suas colheitas, mas também os seus meios de subsistência por conta do vulcão, e fico emocionada ao saber que os Acosta e alguns outros doaram parte das suas terras virgens para outras pessoas prepararem e cultivarem.

Felizmente para as Caves Verode, as suas colheitas não foram excessivamente afetadas pelo Cumbre Vieja, já que os seus vinhedos estão localizados na zona noroeste de La Palma. Tal como nas outras ilhas, fazemos um longo passeio pelas vinhas, onde fico a saber que, nestas terras, a produção é biológica e sustentável e, quando provo os seus vinhos brancos, fico sem palavras de tão requintados que estão.

Enquanto almoçamos, Liam recebe um telefonema da irmã. Pela sua expressão, algo me diz que está preocupado e, quando termina, pergunto-lhe, pensando em Gael:

– Aconteceu alguma coisa?

Liam respira fundo e responde:

– Temos de adiar a viagem que havíamos planeado a Fuerteventura e Lanzarote. A Florencia acabou de me dizer que teve de marcar uma reunião urgente com um cliente importante para amanhã e não posso faltar.

Assinto. Vejo que Gael ainda não contou o que certamente o está a matar, e imagino que o que Liam diz é importante.

– Isso transtorna muito o início das suas férias? – pergunta-me.

Imediatamente, abano a cabeça e, para tranquilizá-lo, respondo:

– Nada! Vou aproveitar para apanhar sol e desfrutar.

Liam acena com a cabeça, sorri e depois murmura:

– Obrigado pela sua compreensão. A propósito, lembre-se do que lhe disse sobre o Prémio Bardea.

– Quando é?

– No dia 29 de agosto – responde. E acrescenta: – Os participantes de outros países já começaram a chegar à ilha e, precisamente esta noite, o Naím vai jantar com eles.

Ambos sorrimos porque sabemos como esses jantares de convívio às vezes são irritantes, e continuamos a comer. Após o almoço, um táxi leva-nos ao aeroporto, onde apanhamos um voo que nos traz de volta a Tenerife. Chegando, despedimo-nos e combinamos remarcar depois.

Nessa tarde, quando chego a El Médano, depois de tomar um duche, o telemóvel toca. É um número desconhecido, mas atendo e surpreendo-me ao ver que se trata de Begoña. Sorrio, feliz, ao ver que Gael lhe entregou o meu cartão e, depois de conversar alguns minutos com ela, quando o bebé começa a chorar, ela dá-me o endereço do apartamento que alugou na Costa Adeje e combino ir passar o dia seguinte com ela. Vamos encontrar-nos na casa dela por volta das duas da tarde.

Depois de desligar, olho em volta. Não sei se hei de encomendar alguma coisa para jantar ou ir à vila. No final, decido pela segunda opção e, sem muita vontade, visto umas calças de ganga curtas que herdei da minha filha, uma blusa amarela, prendo o cabelo num rabo de cavalo alto e calço uns ténis. Um estilo informal e jovem.

Calmamente, começo a caminhar pela povoação. A zona está animada, cheia de gente jovem, e passo por algumas ruas onde rapidamente vejo um mercadinho. Ótimo!

Durante algum tempo, aprecio o artesanato da zona, até que, ao passar por um restaurante de onde sai um delicioso cheiro a churrasco, decido jantar aí.

Ao entrar, percebo que não estou vestida para a ocasião. As pessoas que estão aqui a jantar não estão com um aspeto informal, e o empregado, ao ver que estou a hesitar, diz-me que posso entrar, que não há problema.

Finalmente entro e, esfomeada, peço-lhe que me instale numa mesinha no terraço. É melhor não ficar no interior.

Depois de dar uma vista de olhos na ementa e me decidir por umas costelinhas na brasa com molho *barbecue* e batatas, enquanto aguardo, consulto as redes sociais. Entro nos meus grupos favoritos e espreito o que por lá acontece. Minutos depois, o empregado aparece com um prato com umas costelinhas incríveis que tenho a certeza de que vou amar. Sim, sou um bom garfo!

Estou a saboreá-las com verdadeiro gosto quando uma escorrega das minhas mãos. Porra! O molho de churrasco mancha imediatamente a minha blusa amarela e eu amaldiçoo a nódoa.

Como posso ser tão trapalhona?!

Sem sucesso, tento limpar o impossível, pois tenho estampada uma mancha que nem a minha filha fazia quando era pequena. De repente, ouço a porta do restaurante abrir e, quando olho, vejo um grupo de pessoas, todas muito bem vestidas – elas com vestidos compridos, eles de fato com casaco –, e, então, vejo-o.

Nãããããããããã! Não pode ser!

A sério, o jantar que Liam me disse que o irmão ia ter com os participantes do Prémio Bardea é exatamente onde estou? Mesmo?

Naím não poderia estar mais bonito naquele fato escuro e eu, horrorizada, quero gritar: «Que a Terra me engula!»

A minha indumentária não poderia ser pior, e procuro, imediatamente, onde me esconder, mas nada. Não tenho escapatória!

Do seu braço pende uma morena muito bonita que é puro estilo e *glamour* com um vestido preto de seda e tule. Será a tal Soraya? E, caramba, eu com a minha blusa amarela, as mãos e a boca cheias de gordura das costelinhas, e molho *barbecue* até à testa.

Por amor de Deus, que ele não me veja!

Mas, sim, a porra da lei de Murphy é a lei de Murphy, e ele vê-me. Eu sei porque os olhos dele e os meus se encontram e eu, sem saber se rio ou choro, quero literalmente morrer.

Porque é que tinha de me ver?

Porra, porra, porra, ando quase sempre produzida e tínhamos de nos encontrar hoje, que estou uma desgraça.

Olhamo-nos por alguns segundos. Pela maneira como o faz, sinto que ainda está chateado e, finalmente, lembrando-me do que os meus amigos disseram, tento sorrir. Mas não sai! Acho que estou apenas a mostrar as minhas presas como um vampiro... Caramba, que embaraço!

Sem se mover de onde está, e sem que a mulher lhe largue o braço, Naím acena austeramente com a cabeça em saudação e, depois, virando-me as costas, segue o seu caminho para o que imagino ser uma sala localizada na parte traseira do estabelecimento.

Horrorizada, bufo. O meu sorriso foi a coisa mais próxima de quando o meu cão *Tinto* mostra os dentes para assustar, e praguejo em silêncio.

Porque é que sou tão má a seduzir?

Irritada comigo mesma, olho para a mancha de churrasco na minha blusa, que agora se tornou a mancha do século. É claro que não dá para esconder e, respirando fundo, faço o que faço melhor: comer! A mim, nada me tira a fome.

Terminadas as costelinhas, e com tanta ansiedade que quase morro ao saber que Naím está atrás da porta ao fundo e que eu lhe fiz cara de cão, decido pedir uma sobremesa para encerrar a noite em grande estilo. Porque não? Perdido por cem, perdido por mil!

Como adoro gelados, peço uma taça de gelado de baunilha e *Nutella* com *chantilly* e *topping* de chocolate.

Uf, vou ficar um pote!

Quando o empregado o traz, fico sem palavras. O gelado que pedi é uma maravilha de se ver e, rindo, decido tirar uma *selfie* para mandar aos meus amigos. Eles vão passar-se!

Por isso, levanto-me da mesa, pego na supertaça de gelado, procuro o enquadramento perfeito onde dá para ver o precioso mar e tiro várias *selfies*,

gesticulando como uma palhaça para os fazer rir.

Estou a rir, depois de a enviar, quando, ao virar-me para voltar para a mesa, de repente esbarro em alguém e o meu maravilhoso gelado vai do copo para... para o fato de Naím.

Nãããããããããããããããããã.

Olhamo-nos em silêncio. Que cena!

Mãezinha, mãezinha!

Sorrio para ele?

O *chantilly*, o *topping*, o gelado de baunilha e *Nutella*... tudo, está tudo na lapela do seu imaculado fato escuro, e eu quero morreeer!

Naím dá um passo atrás. Amaldiçoa o que aconteceu e, olhando para o estrago no seu fato e para a mancha na minha blusa amarela, sibila com uma expressão aborrecida:

– Quem com crianças se deita, acorda mijado.

A sério?

Estas são as primeiras palavras que me diz?

Boquiaberta, e incapaz de me calar, pergunto:

– Acabaste de me chamar «criança»?

Mas ele não responde. Ignora-me. Vira-se e vai até onde imagino que sejam as casas de banho.

Contando até dez, decido não me mover. Lembro-me do que os meus amigos me disseram. Tenho de conter o meu temperamento e sorrir, mas, na verdade, a última coisa que quero é seguir qualquer um dos seus conselhos e, se me mexer, vou dizer-lhe um par de coisas que tenho a certeza de que não vai gostar.

O tipo é parvo!

Mãezinha... mãezinha. Porque é que não encomendei o jantar e comi no apartamento como pensei inicialmente?

Alguns minutos depois, vejo que ele sai da casa de banho com o casaco nas mãos e, desta vez, nem olha para mim. Ignora-me outra vez.

Isso irrita-me ainda mais. Não é que eu tivesse despejado o gelado no casaco dele de propósito!

Irritada com tudo, peço a conta ao empregado. É melhor ir, mas quando estou a sair do restaurante paro. A minha personalidade não me permite. Estou furiosa. E, pronta para ser desagradável com ele, dou meia volta, entro na sala onde ele está com os seus amigos mais do que elegantes e, aproximando-me, com todo o descaramento do mundo, ponho-me ao lado dele e, após dar uns toquezinhos no seu ombro, quando ele se vira, dou-lhe um sarcástico e sonoro beijo na testa e digo:

– Lembra-te, avozinho: fazer xixi e cama, que já não tens idade para grandes tropelias.

A sua expressão é de pura incredulidade. Quanto aos restantes, não me interessam minimamente! E, depois de lhe piscar o olho, sorrio – ei, sorrio! – e saio como uma alma com o diabo no corpo, antes que ele se levante e eu me mije com o susto que me vai pregar.

Capítulo 28

Quando me levanto de manhã, o que aconteceu na noite anterior passa pela minha mente e rio-me.

Por favor, como pude fazer aquilo!

Depois de tomar banho e de me vestir, decido ir às compras. Quero levar um presentinho para o bebé e para Begoña, e divirto-me a fazer compras numa loja infantil que encontro na vila.

Com vários presentes numa sacola, entro numa florista. Ali compro umas flores cujo nome não sei, mas gosto delas por serem alegres e, assim que tenho tudo, paro um táxi e digo para me levar ao endereço que Begoña me deu.

Cerca de meia hora depois, o taxista deixa-me na Costa Adeje, em frente a uma urbanização de simpáticas casinhas brancas e, caminhando, procuro o número 22.

Quando a encontro, toco sem hesitar e, cinco segundos depois, Begoña abre a porta.

– Parabéns, mamã! – digo, entregando-lhe o ramo de flores.

Emocionada, ela sorri e, como se nos conhecêssemos a vida inteira, fundimo-nos num abraço que me dá a entender muitas coisas. Entre elas, como Begoña precisa de carinho. Ela pega nas flores e entramos em casa.

Ela faz-me sinal com o dedo. Aparentemente o pequeno está a dormir, e dirigimo-nos para uma alcofa de vime que está no sofá da sala. Begoña levanta cuidadosamente um pedaço fino de tecido e, meu Deus, morro de amores quando vejo o bebé!

Lionel é lindo e adorável. Mas que bebé não o é?

Imagens de Zoé quando era assim assomam à minha mente. Mãezinha, que recordações!

Sorrio. Begoña também, e deixando-o dormir – pois irei acariciá-lo quando acordar –, vamos para a pequena cozinha, onde pegamos em duas *Coca-Colas* e saímos para uma pequena varanda. Está um belo dia.

Depois de nos sentarmos nas cadeiras que ali estão, entrego-lhe os presentes para o Lionel e ela fica entusiasmada quando os abre.

– O que se passa?

Begoña olha para mim e, depois, com os olhos cheios de água, murmura:

– Estou muito sensível. Ainda devo ter as hormonas descontroladas.

Eu sei. Ainda me lembro de como as tive descontroladas por algum tempo.

– Estes são os primeiros presentes do Lionel – acrescenta.

Isso surpreende-me, e então ela diz:

– O Gael e eu comprámos inúmeras coisas para ele, mas somos os pais dele.

– Não me digas que tu também não contaste à tua família...

Begoña balança a cabeça e, quando estou prestes a falar, ela diz:

– Eu não tenho família. Cresci em famílias de acolhimento até conseguir sobreviver sozinha. Por isso, não tenho ninguém a quem contar.

Isso aperta-me o coração. Entristece-me saber que ela não recebeu o amor que eu recebi dos meus pais ou que a Zoé recebeu.

– São lindas! – exclama ao ver umas botinhas desportivas de bebé.

Concordo com a cabeça e, olhando para elas, explico:

– A minha filha tinha botinhas assim quando nasceu.

Begoña acena alegremente e pergunta:

– Quantos anos tem a tua filha?

– Vinte e três, e já mora com aquele a que chama de «o amor da sua vida».

Como sempre, quando digo isto a alguém, a sua expressão é de surpresa.

– Eu tinha quinze anos – acrescento; e vendo como ela pisca os olhos, sussurro: – E se voltasse no tempo, tê-la-ia de novo.

Sorrimos as duas e, então, sem conseguir calar-me, embora já saiba a resposta, pergunto:

– Por que razão o Gael não contou à família dele?

Begoña deixa os presentes sobre a mesa e dá um gole na bebida antes de responder.

– Porque teme a reação dos pais. Especialmente a da mãe. Não só teve um filho, como o teve com uma mulher dez anos mais velha do que ele.

Concordo com a cabeça, não sei o que dizer.

– Ao que parece, o Gael namorou com uma rapariga cinco anos mais velha do que ele – conta-me ela – e, no final, teve de terminar com ela por causa da pressão que a mãe fez. E, claro, agora não são cinco, são dez!

– Mas, o que estás a dizer? – sussurro, incrédula.

Begoña assente.

– Parece que a mãe é um tanto especial nestes assuntos.

Ao ouvir isso, aceno. Comigo, Florencia é amorosa, mas notei que é um pouco controladora com Gael.

– Por mais especial que seja, é a vida do filho, e não a dela – sussurro.

Begoña encolhe os ombros.

– Eu sei – murmura ela. – Mas é ele quem tem de enfrentá-la. Eu disse-lhe que, se ele quiser, podemos conversar com a mãe dele, mas Gael recusa. Diz que vai encontrar o momento certo e, bem...

Em seguida, ficamos em silêncio. A verdade é que não deve ser fácil para nenhum deles.

– Gael disse-me que voltarás a Madrid no início de setembro – digo.

– Sim – confirma ela. – Tenho de começar a trabalhar.

Assim que o diz, questiono:

– Tens de começar a trabalhar? E a licença de maternidade?

Begoña sorri, suspira e diz:

– Trabalho a limpar uns escritórios. Não tenho contrato, por isso não tenho direito a licença de maternidade. E, bem, agora com o Lionel, preciso do dinheiro mais do que nunca, por isso tenho de trabalhar de qualquer maneira.

– E o Gael não vai ajudar-te?

A jovem acena afirmativamente.

– Ele tem-me ajudado desde que me conheceu. Cuidou para que nada me faltasse durante a gravidez. Pagou o hotel, o hospital, está a pagar esta casa com tudo o que isso implica e não posso pedir-lhe mais.

Concordo com a cabeça, acho que isso honra Gael, mas insisto:

– Begoña, um bebé implica muitas despesas. Digo-o porque sei. Tive a sorte de ter o apoio incondicional dos meus pais, mas mesmo assim sustentar um bebé é caro e...

– É por isso que tenho de começar a trabalhar. Já falei com uma amiga para que cuide do Lionel enquanto trabalho. Com o que ganho e com o que o Gael me consegue dar, acho que podemos seguir em frente.

Gosto da positividade que vejo nela. Fico feliz em ver que mesmo não tendo tido, e continuar a não ter, uma vida fácil, sabe que tem de seguir em frente.

– Tu e o Gael estão apaixonados? – pergunto-lhe em seguida.

Sem hesitar, Begoña sorri.

– A resposta é «sim». Mas é tudo tão complicado que... bem...

OK. Não duvido. Sem os conhecer, presenciei várias demonstrações de amor.

– Como se conheceram? – insisto com curiosidade.

Ela sorri.

– Conhecemo-nos há dois anos, num concerto em Madrid. Eu fui com umas amigas, ele foi com uns amigos e, desde esse dia, por mais que eu tentasse esquivar-me porque a vida dele e a minha não têm nada a ver, tem sido impossível para mim.

Ouvir isso faz-me sorrir e Begoña, baixando a voz, acrescenta:

– O Gael é persistente, bom, cavalheiro, romântico... Ele tem tudo!

Enquanto ela diz isso, o maldito tio de Gael vem à minha mente. Se se parecer com ele, a pobre Begoña está em sarilhos.

– Quando engravidei – continua ela –, não sabia o que fazer. Os meus rendimentos mensais são baixos, mal tenho o suficiente para viver quanto mais para sustentar uma criança. E quando contei ao Gael, a reação dele foi pedir-me em casamento.

– O quê?!

Ela acena com um sorriso.

– Eu disse *sim* – diz ela. – Ele queria que nos casássemos sem dizer nada à família dele, mas recusei. Se nos casássemos, como não tenho família, queria que pelo menos a dele nos acompanhasse e... bem, o tempo passou...

– E não se casaram, mas o Lionel está aqui – remato.

Begoña assente com a cabeça.

– Se não nos casamos é porque eu recusei. Durante todo este tempo ele pediu mil vezes, mas... mas... não posso fazer-lhe isso!

– Fazer-lhe o quê?

A jovem suspira e, olhando para mim, diz:

– Ele tem vinte e cinco anos. Está a começar a viver. Como vou permitir que case comigo? E se, daqui a dois anos, ele perceber que sou um erro? E se quando eu tiver quarenta anos, ele...?

– Percebes que estás a comportar-te como a mãe dele?

Vendo a angústia dela, abraço-a e acalmo-a. Entendo as suas dúvidas. Sinto os seus medos. Entendo a sua relutância. Ela está a contar tudo isto à pessoa que se fechou ao amor por causa de um idiota.

– Não sou a pessoa mais indicada para te dizer isto – murmuro –, mas se os meus amigos estivessem aqui dir-te-iam que a vida se vive dia após dia, e o que tiver de ser será. – Begoña olha-me e eu acrescento: – De nada serve planear o futuro, a não ser para criar expetativas que nunca se sabe se se cumprirão.

Ambas sorrimos. Nesse momento, o telemóvel toca e ela corre para atender. É Gael, está a ligar para saber como ela e o bebé estão, e fica feliz em saber que estou aqui com ela. Ele envia-me cumprimentos.

Assim que desliga o telemóvel, mais calma, ela diz:

– Hoje, o casamento ou o facto de a família de Gael me aceitar não são coisas que me preocupam. O que realmente me importa é saber que, se algo me acontecer, eles vão aceitar e amar o Lionel. Desde que o amem e respeitem, fico satisfeita.

Essas palavras tão cheias de sentimentos e de verdade apertam o meu coração. É evidente que Begoña é uma lutadora nata, como eu fui noutra época e ainda sou, e, certa do que digo, declaro:

– Quando voltares para Madrid, já tens um emprego e um contrato.

– O quê?!

Sem hesitar, eu aceno. A minha empresa está a correr bem. A Eloísa precisa de uma assistente na receção e, garantidamente, já encontrei alguém.

– E vou dizer-te outra coisa – acrescento –, o Lionel tem uma tia e tu tens uma irmã. E nada te vai acontecer, mas acredito que se fosse o caso, o teu filho nunca estaria sozinho porque se os Acosta não cuidassem dele, eu cuidaria.

Assim que digo isso, abraçamo-nos. Mal nos conhecemos, quase nada sabemos uma da outra, mas ambas temos a certeza de que, quando falamos, o fazemos a partir do coração.

Capítulo 29

Passei uma manhã maravilhosa na praia a torrar ao sol, de barriga para cima e de barriga para baixo, enquanto pesquisava os clubes de *swing* na ilha de Tenerife. Há vários, e alguns parecem-me interessantes. Falei com os meus pais, com Zoé, que me ligou, e com Amara. Ela quer saber como vão as coisas com o «avozinho».

Desnecessário será dizer que Amara se ri quando lhe conto o que aconteceu. Até eu me rio. Agora, vendo em perspetiva, faz-me rir a valer, embora a última coisa que fiz me horrorize. Como é que, com a idade que tenho, pude ridicularizá-lo em frente às pessoas do Prémio Bardea?

Amara ri-se, mas a filha da mãe dá-me uma bronca e diz-me que assim, mais do que conquistá-lo, estou a fazer com que me odeie.

Depois de conversar muito com a minha amiga, contar-lhe que conheci Begoña e os seus problemas e prometer-lhe que se eu tiver a possibilidade de ver Naím, farei as coisas bem, assim que nos despedimos e eu desligo o telemóvel, ele toca novamente. É Liam, que quer convidar-me para almoçar. Sem hesitar, aceito. Afinal, não tenho nada melhor para fazer!

Depois de tomar um duche no meu apartamento e vestir uns corsários de ganga e uma blusa, desço para a rua no horário combinado e vejo Liam à minha espera com a sua mota, mas, claro, de fato! O que este homem gosta de fatos.

Quando nos vemos, sorrimos. O irmão contou-lhe o que fiz? E, aproximando-me da mota, comento:

– É linda!

Liam acena com a cabeça. Com a mão, tira um grão de pó e, vendo como eu a olho, pergunta:

– Quer conduzi-la?

Ouvir isso faz-me rir. Entre os meus amigos, apenas Amara conduz motas e, embora aprender a conduzir esteja no meu caderninho de sonhos, digo:

– Não sei conduzir, embora gostasse.

– Ei, bem, quando quiser eu ensino-a. Não é difícil.

– Se gosta dela e aprecia a sua vida, é melhor ser o Liam a levá-la.

Divertido, entrega-me um capacete, que eu ponho. Ele monta na mota, eu monto atrás e, quando arranca, simplesmente deixo-me levar.

Meia hora depois, após sair da autoestrada, chegamos a um bonito miradouro onde existe um simpático restaurante. Encantada, sento-me com ele numa das mesas da esplanada e, depois de espreitar a ementa, pedimos a refeição e algo para beber.

Como é lógico, e inevitável, conversamos um pouco sobre o trabalho, até que ele recebe uma chamada e, depois de se desculpar, levanta-se e afasta-se alguns metros de mim para conversar. A sua expressão sorridente desaparece. Percebo que não se diverte com o que está a ouvir e, quando regressa à mesa, vendo-o sério, pergunto, pensando em Gael e Begoña:

– Problemas?

Liam nega com a cabeça. Reflete sobre isso e, por fim, diz:

– A minha namorada Jasmina vive em Los Angeles. Não estamos juntos há meses, e ela acabou de me dizer que cancelou a viagem que planeava para vir à gala do Prémio Bardea e acompanhar a família. Ela é atriz, bem... está a começar, e teve alguns papéis.

– Uau, fico feliz com isso, mas sinto muito que ela não o acompanhe.

Liam acena com a cabeça e, com um encolher de ombros, diz:

– Eu sinto ainda mais. – E, suspirando, acrescenta: – Nunca tenha um relacionamento à distância. Às vezes é insuportável.

– Anotado! – brinco.

Rimos os dois e depois, mudando de assunto, começamos a falar da paisagem maravilhosa que nos rodeia e aproveitamos para planejar a viagem que temos pendente para Lanzarote e Fuerteventura, mas que temos de adiar por agora.

No momento em que o café chega, e tendo estudado Liam durante o tempo que estive a conversar com ele, percebo que é muito metódico. Gosta de ordem, das coisas bem feitas. Odeia atrasos e imprevistos, e estamos a rir disso quando o telemóvel dele toca outra vez. Como está em cima da mesa vejo que no ecrã diz «Naím». Fico tensa. E pegando nele, cumprimenta:

– Olá, mano.

Vejo que ele escuta, acena com a cabeça e depois comenta:

– Estou a terminar de almoçar com a Verónica. – Silêncio novamente e, olhando para mim, acrescenta: – Sim, sim. A Verónica Jiménez, a publicitária de Madrid.

A minha pulsação acelera. Saber que ele está a conversar com Naím, o homem que eu ridicularizei chamando-o de «avozinho» deixa-me tensa. Começo a sentir calor, por isso abano-me com o guardanapo e olho em volta, tentando alhear-me da conversa dele, até que o ouço despedir-se e dizer:

– Sim, acalma-te. Porra, sim, Naím! Agora, quando deixar a Verónica em El Médano, vou ver o que dizes. Mas, porra, sabes como sou e nunca deixaria algo assim.

Segundos depois, ele desliga o telemóvel e diz, olhando para mim:

– Cumprimentos do meu irmão Naím.

Uf, que calor!

Manda-me cumprimentos, o canalha?

Porra, porra, porra. O calor redobra.

– Vou pedir a conta – explica Liam, levantando-se.

Concordo com a cabeça e, assim que ele vai, recebo uma mensagem que diz:

Liam. 39 anos. O teu tipo
é não mais de trinta.
Lembra-te.

Enquanto leio, inevitavelmente sorrio. Filho da mãe!

Acendo um cigarro. Vejo Liam brincar com o empregado. É evidente que o conhece. E, não podendo deixar de responder àquela mensagem tentadora, pouse o cigarro, pego no telemóvel e escrevo:

O avozinho dormiu bem?

OK. Com esta pergunta não estou propriamente a flirtar, mas é o que consigo, e quando clico em «Enviar» sinto-me grandiosa. Vencedora. Se pensa que me vai deixar sem resposta, é evidente que não me conhece. Mas, então, o meu telemóvel toca novamente e eu leio:

Tão bem como tu
dormiste com o
argentino.

Uaaaaau, que lata!

Eu não sou parva. Sei ler nas entrelinhas, e não há dúvida de que ele tinha esta guardada.

Penso se devo responder ou não. Quero provocá-lo, tal como ele me está a provocar, mas não. Recuso-me.

Bloqueio o meu telemóvel e pouse-o em cima da mesa com todo o meu mau humor, até que, alguns segundos depois, ele toca outra vez. Sem precisar olhar, sei que é ele. Recuso-me a pegar no telemóvel. Não, não e não. Por fim, incapaz de não ler o que ele escreveu, pego-lhe e leio:

Jantas comigo?

Uf... uf... uf... que sensação me invade!

Jantar?! Mãezinha... mãezinha.

Sim. Sim. Sim. Mas não. Não. Não.

Ai, Deus! Ai, Deus! Acho que está a dar a entender que ainda está interessado em mim. Faço o mesmo? Sim. Não. Bem, não. Bem, sim. Estou a pensar nisso quando o meu telemóvel soa novamente.

Se queres que eu
continue a chamar-te de
«Julia de Valladolid» e tu
a chamar-me de
«avozinho», assim será.

Rio-me. Sabe ser espirituoso, e escrevo sem pensar:

Tenho planos. Adeus.

Ao clicar em «Enviar» arrependo-me. Porque é que fui tão fria e rejeitei algo que desejo?

Olho para o telemóvel esperando que toque novamente. Pelo pouco que o conheço, ele gosta de ter sempre a última palavra. Mas não, não volta a escrever. A sério?

A *un beso*, de Danna Paola, começa a soar nas colunas do terraço. Inevitavelmente, associo a canção a Naím. Eu não disse? Sabia que isto ia acontecer!

Merda, merda, meeeeeerda!

Então, Liam chega e diz, olhando para mim:

– Gostaria de levá-la a dar uma volta de mota pela ilha, mas tenho de resolver uns assuntos nas caves.

Sem responder, levanto-me. A porra da cançãozinha faz-me pensar nos beijos de Naím. Uf, como fico com calor. E, caminhando em direção à mota, Liam diz:

– Que tal combinarmos um jantar amanhã à noite?

Quando ouço o convite, olho para ele. Outro que me convida para jantar?

Paro e, sabendo que a minha resposta pode não ser a correta, e menos ainda quando estou a iniciar um trabalho com ele, respondo:

– Olhe, Liam, gosto de si. Mal o conheço, mas parece ser um tipo encantador e divertido. No entanto, dito isto, não vou jantar consigo, primeiro porque trabalhamos juntos e não misturo trabalho com outras

coisas, e segundo porque tem namorada, e eu sou daquelas que as respeitam. Certo?

Ele concorda. Sorri. Abre o botão do casaco e diz:

– Certíssimo.

Ver o seu sorriso faz-me saber que não levou a mal, especialmente porque diz:

– Posso esclarecer uma coisa?

– Pode...

– Estava a pensar levá-la a jantar a casa do meu pai. Ele adoraria.

Agora quem se ri sou eu, e ele pergunta maliciosamente:

– Achou que eu...?

– Sim – interrompo-o, envergonhada.

– A sério? – insiste.

Sem hesitar, eu aceno. Nós rimos e, depois, ele acrescenta:

– A minha namorada é a Jasmina, e os meus pais ensinaram-me, a mim e aos meus irmãos, que se estamos com alguém é porque queremos tudo dessa pessoa e nada das outras.

– Bom conselho o dos seus pais – digo.

Rimos novamente. Sem dúvida, eu estava errada e, colocando o capacete, sussurro:

– Vá, leve-me para o meu apartamento!

Divertidos, e com a cumplicidade que se criou entre nós – que me agrada –, montamos na mota e, agarrada à sua cintura, aproveito a viagem de regresso.

Uma vez em El Médano, Liam vai embora. Quando subo para o meu apartamento, são cinco da tarde e, tirando a roupa, visto o biquíni e decido descer um pouco para a praia enquanto cantarolo... «a un beso solamente».

Capítulo 30

Depois de uma fabulosa tarde em que me estico com deleite na espreguiçadeira da praia enquanto leio um livro, olho para o telemóvel pela enésima vez. Mas nada, Naím não me manda mais nenhuma mensagem. Vê-se que não estamos destinados a entender-nos.

Depois de recolher as minhas coisas, subo para o meu apartamento e, com uma certa frustração que nem eu mesma entendo, tomo um banho e acabo por decidir não ir a nenhum clube de *swing*. Não estou nessa onda.

Vejo-me ao espelho enquanto desembaraço o cabelo. As minhas bochechas e testa estão vermelhas, tal como os meus ombros. Pareço um caranguejo. Acho que me excedi com o sol.

Às oito – horário estranha –, decido descer para jantar. Vou a um restaurante qualquer e depois regresso para ver um filmezinho. Estou cansada e amanhã quero praia intensiva, espreguiçadeira e leitura.

Enquanto janto sozinha à beira-mar um peixe das Canárias chamado cherne, que é delicioso, olho para as pessoas à minha volta. Estrangeiros alemães, ingleses, italianos e vários casais que não param de trocar mimos e abraços. Com curiosidade, observo-os. O que vejo só vivi quando tinha quinze anos com o pai da minha filha. Como será vivê-lo agora, na maturidade e com a pessoa certa?

Divertindo-me com a forma como se olham, se tocam e se beijam, fico satisfeita por eles enquanto penso que só espero que durem muito tempo juntos. Bolas, como sou má! Como posso pensar assim?

A sério, por não conseguir manter um relacionamento com alguém, tenho de pensar o mesmo dos outros?

Assim que termino de jantar, decido não comer sobremesa no restaurante. Prefiro comprar um gelado no passeio marítimo e saboreá-lo no regresso para o apartamento.

Enquanto caminho em busca de uma geladaria, deparo-me com pessoas que vão sozinhas, como eu, acompanhadas, de bicicleta ou a correr, e, mais uma vez, paro nas barraquinhas. Como gosto do burburinho!

Depois vou a uma geladaria, onde, como uma criança, olho para o balcão para escolher. São tantos sabores que, se me deixassem, provaria todos. No final, decido comprar um copo com uma bola de gelado de *Nutella* com *chantilly*.

Uf, que saboroso!

O meu telemóvel toca. Tiro-o imediatamente do bolso das calças, mas fico um pouco desapontada quando vejo que é o meu amigo Jonay. Aparentemente, ele está em El Médano e pergunta se quero ir tomar uma bebida com ele, o seu namorado e alguns amigos.

Penso nessa hipótese. São dez da noite, e a verdade é que isso me atrai mais do que assistir a um filme, por isso concordo. Eles dizem-me onde estão, e assim que termino o meu gelado, que estava delicioso, chamo um táxi e lá vou eu. Deixo o filmezinho para outra noite.

O local a que chego é em frente à praia, e rapidamente vejo Carlos e Jonay, que estão a acenar para mim, junto com mais pessoas, e vou em direção a eles.

Com facilidade, por ser muito faladora e empática, integro-me no grupo e divirto-me. Jonay e os amigos são adoráveis, e eu danço flamenco, pensando na minha amiga Amara quando começa a música *Uno x uno*. O quanto ela gosta de Carrasco e desta canção!

À meia-noite, qual Cinderela, decido encerrar a noite e retirar-me.

Assim que chego ao meu apartamento, fico apenas com uma blusa de alças e cuecas. Para estar deitada na cama é o suficiente.

Como sempre, quando não sei o que fazer e não tenho sono, abro o computador e ponho-me a trabalhar; como é o caso agora! Espalho, pela cama *queen size*, os papéis das Caves Verode que fui reunindo e, com o portátil aberto, começo a tirar notas.

Estou absorta nisso quando ouço o telemóvel vibrar. Está pousado na cama. Olho para ele e, vendo que é Naím, pestanejo enquanto leio:

Se me disseses onde
estás, eu vou buscar-te.

Fico boquiaberta, não sei o que pensar. Mandou-me uma mensagem?!
Porra, Naím mandou-me uma mensagem!
Fico alterada. Não contava. E, pegando no telemóvel, escrevo:

O que te faz supor que
quero que me venhas
buscar?

Clico em «Enviar» e imediatamente recebo a resposta:

Porque sabes que
comigo te divertirias.

Rio-me, não consigo evitar. A sua confiança é avassaladora. E respondo:

E quem te disse que não
estou a divertir-me?

Rapidamente vejo que ele escreve:

No outro dia estavas
sozinha... Divertiste-te?

Bufo. É melhor não falar sobre o nosso último encontro ou estragaremos tudo. Ainda me incomoda que me tenha chamado «criança» daquela forma.

Passam-se alguns minutos em que vejo que Naím está *online*, tal como ele deve estar a ver que eu também estou, mas depois ele escreve:

OK. Paro de incomodar.

Não. Não. Não. Não quero que ele pare de me incomodar!

O que faço? O que lhe digo?

Posso mandar-lhe uma foto a sorrir? Por que motivo fui tão seca com ele?

E, sem perder tempo, escrevo sem pensar:

Não incomodas.

Com o olhar fixo no ecrã ao ver que ele ainda está *online*, aguardo a resposta. Espero que estas simples palavras lhe mostrem que estou interessada nele... Mas, depois, vejo que ele desliga.

– Merda! – trovejo.

Irritada por fazer sempre as coisas mal com Naím, atiro o telemóvel para a cama, furiosa, mas de repente ele vibra e, depois de lhe pegar novamente, leio:

Onde estás?

Uf... uf, dizer a verdade é perigoso, mas como não quero mentir, acho que já disse tretas suficientes, respondo:

No apartamento.

Durante trinta segundos não recebo resposta. Acho que ele espera que eu diga se estou sozinha ou acompanhada ou que o convide e, instintivamente, escrevo:

E tu, onde estás?

A sua resposta não tarda a chegar.

Em minha casa.

Sorrio. Como se soubesse onde ele mora. E insisto:

E onde fica a tua casa?

Escreve:

Em El Sauzal.

Como não sou da ilha, procuro no Google Maps a localização de El Sauzal. Separam-nos quase setenta e cinco quilómetros, uma hora de viagem, e quando vejo que já é de madrugada, respondo como uma mãe:

É tarde para vires de tão longe. Podemos falar por aqui?

Não demorei muito para obter resposta:

Parece-me bem.

A partir desse momento, esqueço-me do trabalho e mergulhamos numa conversa que ambos queremos ter.

Somos bastante comedidos. Ele não é indiscreto, e eu também não, e até sorrio com naturalidade. Desta vez, não me pareço com *Tinto*.

Falamos sobre o trabalho dele, o meu, e até conto que estou a tratar de tudo para ir visitar a minha filha à Antártida e também sobre a minha viagem à China e à Austrália.

Das mensagens escritas passamos às mensagens de voz, mas sem falarmos ao telefone. Pelo seu tom de voz e pela maneira como o ouço rir, sinto que está a curtir tanto quanto eu, e, de repente, percebo que são cinco da manhã.

Já viste as horas que
são?

Sem hesitar, ele responde:

Cinco e dezassete da
manhã.

Rio-me, espero que ele também, e digo:

Acho que devíamos
dormir.

Vejo-o escrever e leio:

Também acho.

Como uma adolescente de quinze anos, estou a pensar em como me despedir dele, mas, ao mesmo tempo, o que fazer para poder vê-lo, quando ele escreve:

Que plano tens para
amanhã?

Ler isso faz-me pular de felicidade pelo apartamento. Sim. Sim. Sim. Recuperei a atenção dele! E escrevo:

Praia. Sol e leitura.

Como imaginava, ele não demora a responder:

Os cubinhos de gelo
apanham banhos de sol?

Assim que leio isso, rio-me, e depois recebo:

Amanhã combinei na
praia de El Médano com
uns amigos. Alinhas?

Amigos? Que amigos?

Mas, bah! Não importa. O importante é que ele quer que nos
encontremos, e digo:

Alinho!

Recebo imediatamente a sua resposta:

Às onze, apanho-te no
quiosque de jornais em
frente à tua porta.

Ao ler isso, pestanejo boquiaberta e escrevo:

Sabes onde estou
alojada?

E Naím responde:

O meu irmão Liam disse-
me.

Acho graça a isso e, ansiosa pelas onze horas da manhã, escrevo:

Combinado, avozinho!
Aqui te espero.

Imagino que ele se ria, pelo menos espero; então recebo:

Descansa, Julia
de Valladolid.

Assim que nos despedimos, pouso o telemóvel na mesinha e, apagando a luz, deito-me entusiasmada. Tenho um encontro com Naím!

Capítulo 31

Às nove da manhã já tomei banho. Fiquei horrorizada ao ver a borbulha que apareceu na minha testa, certamente por causa dos nervos, e troquei de biquíni mil vezes e até tomei o pequeno-almoço duas vezes. A ansiedade faz-me comer!

Faltando dois minutos para as onze, depois de me olhar pela enésima vez ao espelho e verificar que a minha aparência está ótima, apesar da borbulha, pego na minha cesta de palha, onde estão os meus cremes e outras coisas, e desço do apartamento, feliz e contente.

Ao abrir a porta para a rua, olho para o quiosque de que Naím me falou e sorrio ao vê-lo encostado a uma carrinha estacionada em segunda fila.

Ele é lindíssimo. Ao contrário da última vez que o vi, em que estava *elegantíssimo*, hoje ele veste bermudas de camuflagem, uma *T-shirt* preta e, por cima, uma camisa aberta. *Sexy!*

Naím vê-me. Vejo que sorri e um sorriso sai-me naturalmente. Vai beijar-me na boca quando me aproximar? Atravesso a pequena estrada que nos separa e, ao chegar ao seu lado, com o excelente humor com que acordei, olho-o bem nos olhos e cumprimento:

– Bom dia!

– Bom dia, Julia de Valladolid!

Solto uma gargalhada e, olhando para ele, espero o tão ansiado beijo nos lábios que desejo, mas ele não chega.

A sério que não me vai beijar?

Por fim, dá-me dois beijos castos nas bochechas e, olhando para minha testa, diz:

– Uf... isso deve doer.

Horrorizada, penso na maldita borbulha. Porra... porra... Tinha de aparecer hoje? E, tentando levar a coisa com humor, respondo:

– Até lhe dei um nome: Agapito!

Naím sorri e, pegando na minha cesta, está prestes a falar quando lhe pergunto:

– Como não gosto de combinar lazer com trabalho, para evitar perguntas que possam incomodar-nos, por parte dos teus amigos, apresenta-me como Julia de Valladolid.

Assim que digo isto, Naím olha para mim.

– Que perguntas é que os meus amigos te podem fazer? – questiona.

OK, tem razão. E quando vou responder, diz:

– Não gosto de enganar, e menos ainda com pessoas de quem gosto.

Compreendo-o, mas sei o que quero dizer, e insisto:

– Essa mentirinha vai impedir que, se virem o teu irmão ou qualquer outra pessoa da tua família, eles saibam que estiveste comigo na praia. É melhor ser Julia do que Verónica... Não achas que isso vai evitar perguntas incómodas?

Naím olha para mim. Acho que me analisa. Sei que reflete sobre o que lhe disse, e finalmente responde, a sorrir:

– Vamos, Julia, entra na carrinha com o Agapito. Vou parar num parque de estacionamento que há mais à frente.

Desconcertada, faço o que diz e, ao entrar, ouço uma doce e romântica canção de Manuel Carrasco, aquela que Amara tanto canta, *Uno x uno*, e, instintivamente, ao vê-lo rodear o veículo, tiro o CD. Faz-se silêncio. Porra! E Naím, após ocupar o lugar do condutor, vê o CD e, sem dizer nada, volta a metê-lo.

– Gosto de Manuel Carrasco – explica quando a música recomeça.

Tal como Amara! Porra, ele apanhou-me!

E, sem dizermos mais nada, pomos os cintos de segurança, ele arranca e eu, para disfarçar, começo a dizer que está um dia lindo e ventoso.

Mãezinha, estou tão nervosa!

Assim que chegamos ao parque de estacionamento que ele referiu e saímos do veículo, fico surpresa ao ver que na parte traseira, que é de caixa

aberta, Naím levanta uma lona e pega numa prancha e numa vela.

A sério que pratica *windsurf*?

Na cara deve transparecer a minha surpresa, porque ele pergunta:

– Sabes fazer *windsurf*?

Rapidamente abano a cabeça.

– Não, mas é algo que sempre quis experimentar.

Naím sorri e, sem me tocar, propõe:

– Posso ensinar-te se quiseres.

Uf, como me deixam a sua proximidade e o seu cheiro.

Será que sente o mesmo por mim?

Logo a seguir vejo que ele tira a camisa, depois também a *T-shirt* e, oh... oh... o que me vai na alma!

Sem olhar para mim, tira também as bermudas. Fica com uma espécie de calções de banho pretos ou uns *boxers* de banho e, olhando então para mim, diz sem noção de como me está a provocar:

– Passa-me o fato, por favor.

Sem hesitar, tiro-o da parte de trás do veículo e entrego-lhe. Naím começa a vesti-lo, e não consigo tirar os olhos dele.

Alguns minutos depois, rindo dos movimentos que faz para vestir o fato de neopreno, ajudo-o a fechá-lo. Depois, ele pega na prancha e diz:

– Vamos. Os meus amigos estão ali.

Sem sequer nos tocarmos, entramos na areia da praia e percebo que estamos a ir em direção a um grupo de cerca de uma dezena de pessoas que conversam junto a algumas pranchas.

Ao chegar, Naím é recebido com abraços e sorrisos. Apresenta-me como Julia e os homens e mulheres do grupo, que vejo serem da nossa idade, recebem-me com boa-disposição e eu imediatamente me relaciono com eles, sobretudo com uma rapariga chamada Charo, que descobri ser campeã mundial de *windsurf*. Que inveja!

O grupo está animado. Em seguida, vários entram na água com as suas pranchas. Satisfeita, ponho a minha toalha na areia, mas vejo que Naím está a olhar para mim, e digo-lhe:

– Vá, vai com eles!

Não preciso de dizer mais nada. Vejo-o ir-se embora com dois dos seus amigos e sorrio. Só porque não pratico o desporto não significa que ele não vá.

Observo-os. Ou melhor, olho para Naím. Vê-lo na prancha, a segurar a vela com força, faz-me sorrir e desfrutar do momento.

Após algum tempo, ele sai do mar. Incentiva-me a entrar na água com ele e, quando o faço, parto-me a rir ao tentar subir para a prancha. Mas como posso ser tão desajeitada?

É a primeira vez na minha vida que tento algo assim, e não consigo parar de rir junto com Naím. Com a água que estou a engolir acho que vou esvaziar a praia. Quando finalmente consigo subir, com a ajuda dele e parecendo um pato zozinho, e vou apanhar a vela, não demoro a cair ao mar.

Mas quanto pesa esta vela encharcada de água?

Durante mais de uma hora, Naím e eu rimos e divertimo-nos com a minha falta de jeito. Ele explica-me que há três ações importantes a aprender: manter o equilíbrio na prancha, ficar atento ao vento e controlar a vela... Coisa pouca!

Eu tento, mas acho impossível. Se mantenho o equilíbrio, não controlo a vela, e quanto ao vento... nem sei de onde vem!

No final, exausta e com dores inesperadas nas mãos, decido deixar a aula para outro dia e saio da água, embora encoraje Naím a regressar para junto dos seus amigos e a cavalgar as ondas.

Durante o tempo em que estivemos na água, ele não foi minimamente atrevido comigo. Não me beijou. Não tentou qualquer aproximação, e não sei se isso me agrada ou não.

Pensando nisso, volto para a minha toalha com as mãos doloridas e, assim que me sento, Charo, que ainda está ali a rir, diz:

– Julia, amanhã vai doer-te o corpo todo... Vais ver!

– Não brinques! – troço, sentindo-me mal por mentir.

Ela acena com a cabeça e eu, olhando para as minhas mãos, digo:

– Mãezinha, como custa levantar a vela da água.

Charo ri-se e sussurra:

– O segredo é subires para a prancha agachada, usando os músculos das pernas e não das costas.

Concordo, não duvido nem por um segundo do que ela diz.

– O meu irmão Alfred ensinou-me – diz ela a seguir. – Via-o fazer isso desde criança, porque ele dá aulas de *windsurf*, e eu queria aprender. No início, tentou tirar-me isto da cabeça; ele e também a minha mãe. Mas não deixei. – Ela ri-se. – E, bem, até aprender foram muitas as quedas, as dores musculares, quebras de material e catapultas, até que chegou o dia em que as coisas começaram a correr bem e comecei a divertir-me.

– Que maravilha! – exclamo.

– A partir daí passei a competir. Primeiro a nível local, a seguir nacional, depois internacional... até ao dia de hoje, em que posso dizer que a minha vida é o *windsurf*.

Ver o seu sorriso mostra-me que ela adora o que faz, e estamos a conversar quando chega uma linda morena com uma prancha. Que pinta ela tem! Depois de nos cumprimentar com um sorriso caloroso e deixar uma sacola ao nosso lado, ela vai diretamente para a água, e, nesse momento, percebo que é a mulher que acompanhou Naím na noite em que lhe enchi o fato com gelado. É a tal Soraya?

Minutos depois, de onde estamos, vejo que, após cumprimentar Naím e outros, a recém-chegada, entretida, começa a praticar *windsurf*.

– A Mireia é muito boa a surfar as ondas – diz Charo. – Mas sofreu um acidente há seis anos, lesionou o joelho e teve de deixar a competição.

Mireia... Então não é Soraya!

Sinto muito por ela. Quão injustas são as lesões para os atletas. Sei disso pelo quanto Amara chorou quando sofreu a dela. E, tentando parar de pensar que ela estava com Naím há umas noites, continuamos a conversar. Não sou ciumenta.

Na hora do almoço, quando todos já saíram da água, falam em irmos almoçar juntos. Naím olha para mim e eu concordo, encantada. Então, de carro, vamos para outra prainha, onde há um barzinho de frente para o mar, e empanturramo-nos.

Na praia parece que tudo sabe melhor!

Durante a refeição, em que estou sentada ao lado de Naím, confraternizo mais com os presentes e descubro que entre aqueles surfistas malucos há advogados, psicólogos, instrutores de condução, açougueiros; Charo, que se dedica à competição de *windsurf*, e Mireia, que é neta de um viticultor da zona e que trabalha a tempo inteiro nas caves do avô como enóloga, desde que deixou de competir.

Agora entendo que o tenha acompanhado ao jantar dias antes!

Enquanto todos conversamos e eu minto e digo que trabalho numa loja de vinhos em Valladolid e não menciono o meu verdadeiro trabalho, percebo como Mireia é divertida e lindíssima, e como é elegante vestindo apenas uma *T-shirt* e uns calções. É uma daquelas pessoas que põem uma couve-flor na cabeça e a usam como se estivessem a usar um diadema de diamantes. O seu sentido de humor faz-nos rir a todos às gargalhadas, e apesar de simpatizar com ela, quando sinto que Mireia se foca demasiado em Naím e o trata por «querido» começo a ficar irritada. Mas lembro-me: não sou ciumenta.

Mireia sorri para ele de uma forma diferente de como o faz para os demais – é amável e sedutora, e olha-o diretamente nos olhos quando conta as coisas. Exatamente o que os meus amigos me disseram que eu tinha de fazer para seduzi-lo! É evidente que o provoca.

Nestas horas em que estou com Naím, ele não fez nada que pudesse sugerir que está interessado em mim e, para ser sincera, embora eu como mulher me ame muito e não me troque por outra, reconheço que Mireia e eu somos dia e noite. Ela, tamanho S. Eu, L. Ela, tez perfeita. Eu, com uma borbulha na testa, de nome Agapito, que chega aos lugares antes de mim. Ela, divinal. Eu... bem, eu, normal! Admito que a sua perfeição me deixa louca. E ainda mais quando vejo a conexão que existe entre os dois. Sem dúvida, tiveram alguma coisa. Vejo isso nos olhos dela.

Inspiro fundo. E, pela primeira vez na vida, quando sinto algo estranho no estômago, começo a perguntar-me se o que sinto é ciúme. Mas não, recuso-me. Sempre acreditei que ninguém é dono de ninguém e que o ciúme é uma maldita doença.

Disfarço. Tento continuar com o meu sorriso, com as minhas brincadeiras, mas já me sinto muito estranha... O que se passa comigo?

O meu telemóvel toca. É Eloísa, a minha secretária, por isso levanto-me para atender a chamada e pelo canto do olho vejo Naím a olhar para mim. Gosto disso! Longe do grupo, converso com ela enquanto observo como Mireia e Naím conversam e riem. Eles têm uma excelente conexão. Há definitivamente algo entre eles.

Do escritório, Eloísa diz-me que já tenho os bilhetes para o dia 2 de setembro. Conforme combinado, voaremos primeiro para a China e, depois de três dias lá, partiremos para a Austrália. Assinto. Neste instante, ouvir isso não me deixa particularmente animada, e então ela conta-me sobre a papelada de que preciso para ir para a base americana na Antártida e desespero quando me diz que há coisas que não pode resolver por mim, porque tenho de fazê-las pessoalmente. Após combinar com Eloísa que me enviará por *e-mail* a descrição daquilo que tenho de ser eu a tratar, despedimo-nos e volto para a mesa, onde todos continuam a rir e a brincar.

Não é que eu não esteja interessada na conversa deles, mas não sei bem do que estão a falar e, disfarçadamente, vejo no telemóvel o que Eloísa me mandou. Então Naím, que está ao meu lado, pergunta:

– Passa-se algo?

Levantando os olhos do telemóvel, olho para ele e, mostrando-lhe as páginas que estou a consultar, explico:

– A Eloísa disse-me que só eu é que posso tratar de certos trâmites para a viagem que vou fazer para ver a minha filha. E, honestamente, há algumas coisas que não entendo.

Naím assente. Ele sabe do que estou a falar porque lhe contei ontem à noite. Vê o que eu mostro no meu telemóvel e diz:

– Se quiseres, podemos ver depois com calma e eu ajudo-te no que puder.

Grata, concordo. Uma ajudinha não é má ideia. Vejamos, sou despachada, mas, às vezes, certas instituições dificultam tanto que é pavoroso.

Quando terminamos de almoçar e nos levantamos da mesa, todos regressamos à praia. Desta vez, a intenção é deitarmo-nos na areia para fazer a digestão e, com elegância e dissimulação, afasto-me de Naím e Mireia.

Basta de presenciar a cumplicidade deles, ouvir «querido» aqui, «querido» ali... Não vou ficar a segurar a vela.

Quando me vou sentar ao lado de Charo, do seu namorado e outros, percebo que deixei o cesto com a minha toalha na carrinha de Naím e, aproximando-me dele, que está a conversar com Mireia, digo:

– Importas-te de me dar as chaves da carrinha para que eu possa ir buscar a minha toalha?

Ele oferece-me um sorriso e pergunta:

– Queres que eu vá, *Julia*?

Abano rapidamente a cabeça. Começo a odiar esse nome. E, tentando manter o sorriso, com voz de tanque demolidor:

– Não, *querido*. Não é necessário.

«Querido»?!

Por que motivo disse isso?

Assim que tiro as chaves das mãos de Naím, viro-me e sigo em direção ao veículo, enquanto cobras e lagartos passam pela minha mente e amaldiçoam-me por tê-lo chamado de «querido».

O que estou a fazer a mentir a todos como um ser desprezível?

E, acima de tudo, o que estou a fazer a tentar seduzir alguém que me ignora?

Tentar competir com Mireia é ridículo. Ela não só é natural da ilha, como também é um mulherão e ambos partilham a paixão pelo *windsurf* e o trabalho como enólogos.

Chego à carrinha e, após apertar o comando, as portas abrem. Preciso de um cigarro e, abrindo a minha cesta, pego num, acendo e, encostada ao veículo, fumo tranquilamente enquanto penso em como me livrar do mal-estar que sinto sem estragar o meu dia ou descarregar em Naím.

Então, o meu telemóvel toca e, olhando para ele, leio:

Estou a morrer de
vontade de aquecer os
lençóis contigo
novamente.

Ao ler, sorrio. É Lorenzo, da Argentina, e com a raiva que sinto, respondo:

Sem dúvida que os
aqueceríamos muito
bem.

Durante alguns minutos, Lorenzo e eu conversamos. As suas insinuações quentes fazem-me sorrir, até que, de repente, Naím aparece e pergunta:

– Passa-se alguma coisa, *Julia*?

Bem, bem, bem. Se me chamar assim outra vez, juro que lhe arranco a língua. Mas, ciente de que comecei este jogo, respondo secamente:

– Não. Por...?!

Naím olha para mim. Vê que estou a escrever no telemóvel. Parece perfurar-me com o olhar e diz:

– Estranhei demorares a regressar.

Aceno e sorrio. Pelo menos reparou que eu não regressava.

– Estou a falar com um amigo argentino – digo, apontando para o telemóvel.

– Lorenzo? – questiona, deixando-me sem palavras.

Aceno imediatamente. Estou surpresa que ele tenha associado ser argentino a esse nome, mas depois lembro-me de como o conhece e sussurro:

– Lamento ter-te enviado aquela mensagem naquela noite. Achei que tinha enviado para os meus amigos, mas, bem, sem querer enviei para ti.

Naím abana a cabeça e encolhe os ombros sem mudar a expressão. O controlo que tem do seu corpo perante as situações é incrível. É evidente que não lhe interessa nada de nada e, caminhando na minha direção, encosta-se à carrinha e comenta:

– Podes continuar a falar com ele.

Isso diverte-me.

Falar com Lorenzo enquanto ele está aqui?

Por um segundo, o diabinho que vive em mim diz-me que gostaria de poder fazê-lo sentir o mesmo que me fez sentir quando falava com Mireia e

não comigo. Mas, claro, a situação não tem nada a ver com isso, porque, enquanto eu quero seduzi-lo, ele ignora-me completamente.

Porém, querendo mais falar com ele do que com Lorenzo, despeço-me do meu argentino favorito e, ao colocar o telemóvel no bolso dos calções de ganga, Naím pergunta:

– Quando vais viajar para a Antártida?

Afastando o cabelo do rosto por causa do vento, respondo:

– Tenho de estar em Christchurch, na Nova Zelândia, no dia 20 de agosto para apanhar um avião militar que nos levará à base americana na Antártida.

Naím acena afirmativamente com a cabeça.

– A tua viagem parece interessante.

Concordo sem hesitar, mas porque estou estranha e chateada, não respondo. Então, Mireia surge no nosso campo de visão e, olhando para nós, anuncia com um esplêndido sorriso:

– Vou-me embora!

Fazendo cara de surpresa e de lamento quando realmente me é indiferente que ela vá embora, pergunto:

– Já vais?

Ela acena com a cabeça. Aproxima-se de Naím para lhe dar dois beijos e, assim que o faz, diz, dirigindo-se a mim:

– Sim, Julia. Tenho alguns compromissos profissionais a que não posso faltar. – E olhando para Naím murmura: – Eu ligo-te e combinamos alguma coisa, OK, querido?

Eu sorrio. Ela sorri. Dá-me dois beijos e, depois, diz-me entregando-me um pequeno tubinho:

– Passa este creme na borbulha da tua testa. É ótimo, vais ficar melhor.

Porra... porra... porra... Naím e ela olham para o Agapito, e eu quero gritar: «Terra, engole-me!» Mas, em vez disso, e valendo-me da educação que os meus pais me deram, digo:

– Muito obrigada. Assim farei.

Mireia sorri. Naím ri-se, e então ela, ao afastar-se em direção ao seu veículo, comenta, virando-se novamente para ele:

– A Florencia disse-me que compraste um fato impressionante para a gala Bardea. Mal posso esperar para te ver com ele, querido!

Uf... uf... o que estou a sentir.

«Querido»?! *Querido*, eu dou-te o *querido*, penso, mas calo-me.

Mãezinha, mãezinha, estou com ciúmes!

Naím assente. Eles sorriem um para o outro, e a lindíssima Mireia, após colocar a sua prancha e a sua vela na traseira do seu veículo, vai embora.

Em silêncio, vemo-la ir e, incapaz de me calar, digo:

– Como é simpática e bonita esta rapariga.

– É! – declara ele, com convicção.

Irritada e sentindo-me um tanto ridícula, acrescento:

– Se ganhares o Prémio Bardea, irás a Farpón, e sou eu quem o entrega este ano.

Naím assente. Não parece surpreso nem preocupado.

– Eu sei – diz ele. – O Liam contou-me.

Assinto. Resolvo parar de falar pelos cotovelos e ambos ficamos novamente em silêncio. Nesse momento, o telemóvel dele toca. Ele tira-o do bolso das bermudas, atende e afasta-se alguns passos de mim.

– Não, agora não – ouço-o dizer. – Já vos disse que durante a próxima quinzena não contam comigo para nada. – Ele cala-se. Olha para mim e insiste: – Não. Não vou ao jantar. E não, só irei à gala acompanhado pela minha família. Os nomes para os meus convites são os que enviei e, da minha parte, nenhum mais!

Nervosa e insegura por quão ridícula me sinto na estranha situação que eu mesma provoquei ao criar expectativas em relação a ele, que são mais falsas do que uma nota de trezentos euros, coloco metade do meu corpo na carrinha para tirar a toalha do cesto e, quando me viro, vejo que Naím está atrás de mim e, pegando-me pela cintura, puxa-me para perto dele e beija-me.

Beeeeeeeeem... Beeeeeeeeem... E eu queria perdeeeeeer isto!

Solto a toalha, que cai ao chão e, agarrando o seu pescoço, aprofundo o beijo e desfruto. Deus, como queria isto!

O nosso beijo é ardente, muito, e quando, segundos depois, terminamos, Naím sussurra olhando para mim:

- Estive todo o dia a querer fazer isto.
- E por que razão não o fizeste? – pergunto em voz baixa.
- Porque até me pedires as chaves da carrinha e dizes aquela coisa de «querido», eu não sabia que querias tanto quanto eu.

Cooooooooo?!

Mas... mas eu sorri o dia todo, pestanejei e fiz-lhe olhinhos.

Céus, como sou péssima!

Fiz tudo o que os meus amigos me disseram para seduzir, e agora descobri que o seduzi quando ele me viu com cara de quem chupou um limão e voz de tanque demolidor... A sério?

- O que achas se te levar a um lugar de que gosto muito? – pergunta de repente.

Sorrio. Não há nada que me apeteça mais.

- Parece-me bem, mas não voltes a chamar-me *Julia* – digo.
- Preferes «cubinho de gelo»?
- Mil vezes – digo, convencida.

Naím sorri, eu também, e, olhando para o grupo, que está sentado na praia, estou prestes a falar quando ele diz:

- Já me despedi deles por nós os dois.

Assinto. Nesse caso, não há mais nada a dizer, e, depois de o beijar eu desta vez, entramos na carrinha e, a sorrir, Agapito e eu deixamo-nos levar.

Capítulo 32

No caminho, mantemos uma calma inquietante. A tensão sexual que sinto entre nós é tão forte que mal consigo respirar com tranquilidade. Estamos sozinhos. Beijamo-nos e, céus, como gosto dos beijos dele!

Há música a tocar. Desta vez não sugeri mudá-la nem toquei em nada, mas, de repente, ouço-o a cantarolar a música que está a tocar. A sério que está a cantar? E, a sorrir, pergunto:

– O que estás a cantarolar?

– *Una vez más*, da Ximena Sariñana. – Sorri. – Conheces?

Apresso-me a abanar a cabeça. A música de que Naím gosta e a que eu gosto não têm nada a ver uma com a outra. Aliás, até agora, das que tocaram, à exceção de duas canções de Manuel Carrasco, que conheço pela Amara, a restante música é-me totalmente desconhecida.

– Não. Não conheço – respondo.

Depois de atravessar o que me parece ser a ilha inteira, chegamos a um local onde estão três viaturas estacionadas e, depois de ali deixarmos a nossa, pego na minha cesta e Naím numa toalha. Em seguida, abre uma arca frigorífica que guarda na parte traseira ao lado da sua prancha, tira algumas garrafas de água e coloca-as numa mochila preta que põe às costas.

Feito isso, e fechada a carrinha, seguimos por um caminho, em silêncio e quase não nos tocando.

– Posso perguntar-te uma coisa? – digo.

– Podes...

Tenho mil perguntas na cabeça, mas tentando não soltar todas de uma vez, pergunto:

– A que jantar tinhas de ir que recusaste a oferta e por que motivo parecias tão zangado?

Naím assente.

– A organização do Prémio Bardea quer que vá aos jantares de receção que oferecem aos participantes do evento que vão chegando à ilha. Já participei em três jantares enfadonhos e, para já, disse-lhes que não contassem comigo para mais.

– Porquê?

– Porque prefiro passar o meu tempo contigo.

Uaaaaau, o que estou a sentir!

Garantidamente, ele não é de fazer rodeios. Vai direto ao Agapito, bem... direto ao assunto. Eu gosto!

Ouvir o que não esperava faz-me sorrir como uma tonta e, sem conseguir calar-me, pergunto:

– Tens alguma coisa com a Mireia?

Assim que solto a pergunta amaldiçoo-me!

Mas por que razão estou a perguntar isto?

Naím olha para mim e responde:

– Uma boa amizade.

Bem, essa resposta não vale, e eu insisto:

– Só isso, *querido*?

Outra vez!

Mas porque é que não calo esta maldita bocarra?

Naím para, olha para mim e sorri. E, agarrando-me pela cintura, puxa-me para ele e diz:

– A Mireia e eu somos amigos há muito tempo, pois as nossas famílias conhecem-se desde sempre e somos ambos enólogos nas respetivas caves. E, sim, houve algo entre nós há alguns anos, mas da minha parte é coisa do passado.

Assinto. Eu sabia! Essa resposta satisfaz-me e, deixando-me levar, beijo-o.

Gosto de beijá-lo. Gosto da sua boca, do seu sabor, do seu toque.

Mãezinha... gosto de tudo nele! E só espero que entenda da forma certa esta minha demonstração de desejo. Quando termino o beijo, Naím

sussurra:

– Acho que devíamos ter ido para o teu apartamento.

Sorrio, concordando com ele. O que mais quero neste momento é atirá-lo para a cama e desfrutar dele. E Naím, divertido com a expressão que devo ter no rosto, declara:

– Mas já que estamos aqui, quero mostrar-te onde te trouxe.

Sorrio. Sorrio como uma tonta. Por enquanto, o meu desejo por ele terá de esperar.

– Bem, vamos. Mostra-me – digo, respirando fundo.

Desta vez damos as mãos e surpreendo-me com quanto gosto de senti-lo perto de mim. Depois daquele italiano idiota, nunca mais apertei a mão de outro homem que não fosse o meu pai ou Leo, e sentir o seu toque na minha pele é muito agradável, para não dizer excitante...

Continuamos a caminhar enquanto falamos sobre a primeira coisa que nos vem à mente, exceto de nós mesmos. É algo que me chama a atenção e, conhecendo Naím, com certeza a ele também.

Depois de caminharmos cerca de um quarto de hora em que o sol, embora mais tímido, continua quente, chegamos a uma escadaria íngreme e surge, diante de mim, um dos lugares mais espetaculares que já vi na vida.

– Vale a pena vir aqui ou não? – murmura Naím.

Absorvida pelo cenário selvagem e bonito, assinto. É maravilhoso. É puro paraíso, e quando começamos a descer a escadaria, Naím comenta:

– Para mim é uma das mais belas praias virgens de areia preta que existem.

– É mesmo – digo, maravilhada.

– É a praia de Benijo, e é protegida por Roque de la Rapadura e Roque Benijo – diz, apontando para dois penedos.

– É incrível.

Diante de mim tenho um belo paraíso onde há pouquíssimas pessoas. É como se este sítio fosse só nosso. Naím avança e eu, observando a escadaria descendente, pergunto:

– Temos de descer isto tudo?

Naím acena com a cabeça, sorri e diz:

– Acredita que subir será bem pior.

Rio-me e continuo a descer a escadaria. No caminho vejo que são realmente poucas as pessoas ali e, à distância, percebo que são todos casais. Estão afastados uns dos outros em busca de privacidade e, a sorrir, pergunto:

– Este é um dos teus recantos amorosos?

Naím sorri. Adoro o seu sorriso gozão.

– Em tempos, quando era juvenzinho, não te vou dizer que não – admite.

Divertida ao ouvir isso, dou-lhe um empurrão e, entre risos e brincadeiras, acabamos por chegar à praia.

De mão dada com ele, já que não me larga e eu igualmente, caminhamos pela areia molhada até chegarmos a um lugar que agrada a ambos, e resolvemos pousar a cesta e a mochila.

Tirando as roupas apressadamente, atiramo-las para cima das nossas coisas e corremos para a água. Está calor e, se somarmos a isso o calorão pela tensão sexual que carregamos, não há dúvida de que precisamos de nos refrescar.

Na água, os nossos joguinhos aumentam de intensidade. Beijamo-nos. Tocamo-nos. Tentamo-nos. E quando sinto a sua ereção e ele olha para mim, sim, sim, sim... sei que ele pensa o mesmo que eu. Leio nos seus olhos. Depois de verificar a distância que nos separa dos outros casais, enrolo as minhas pernas no seu corpo e murmuro:

– E se provarmos...?

Naím ri-se das minhas palavras e, divertido com o que a frase significa, resmunga:

– Estás a provocar-me, cubinho?

Nós rimos. É claro que ambos gostamos do jogo e da excitação e, após um beijo ardente que aumenta ainda mais o nosso desejo, sem largar a minha boca, ele sussurra:

– Não fui precavido, não trouxe preservativos.

Isso faz-me suspirar. Não faço sem preservativo desde que engravidei da Zoé. É algo que sempre, sempre, sempre exijo aos meus amigos com benefícios, não só para evitar a gravidez, mas também as doenças. Contudo,

estou tão cheia de desejo por ele, tão excitada, tão enlouquecida que, sem pensar duas vezes, murmuro, esquecendo-me da minha frieza:

– Eu tomo a pílula. Vamos em frente...

– Tens a certeza? – insiste.

Aceno afirmativamente sem hesitar.

– Muita certeza.

Ele entende. Entendemo-nos. É evidente que já ninguém nos para. E assim que o vejo baixar os calções de banho e empurrar a parte de baixo do meu biquíni para o lado, sentindo o pénis dele começar a entrar na minha vagina húmida, inclino-me para trás e, respirando fundo, desfruto.

Céus, que prazeeeeer!

No entanto, lembrando-me de onde estou, olho nos seus olhos e sussurro:

– Nunca fiz dentro de água, na praia.

Ele acena com a cabeça, beija-me e depois diz baixinho:

– Bem, esse «nunca» já não existe.

Excitado, Naím volta a cravar-se em mim. Oh, sim!

Gosto. Gosto de como o faz. Gosto de como me possui.

– Céus, como gosto... – sussurro.

Sinto que as minhas palavras lhe agradam e ele, apertando-me contra si, sussurra no meu ouvido:

– Gostas que te possua tanto quanto eu gosto de te possuir.

Um gemido de prazer sai da minha boca. Deixa-me louca sentir-me possuída por ele. O prazer que sinto é tão quente, perverso e inflamado que me faz contorcer nos seus braços. Então, Naím mergulha de novo em mim possuindo-me totalmente e murmura:

– Isso mesmo. Goza tanto quanto eu.

E eu gozo, oh, se gozo quando sinto como ele acelera as suas estocadas. Entra e sai de mim repetidamente, enquanto as nossas bocas e línguas brincam loucamente sem nos importarmos com mais nada.

O prazer é extremo. O deleite do que fazemos, perturbador. A maneira como me possui é avassaladora e, depois de mais algumas estocadas que ambos adoramos e que, como diria a vizinha dos meus pais, nos sabem pela

vida, sem nos importarmos se nos veem ou não, gritamos de prazer ao atingirmos um orgasmo mais do que ardente.

Permanecemos abraçados na água enquanto recuperamos do que aconteceu. Estamos acelerados, muito acelerados, até que Naím, cujas forças imagino que estejam a diminuir, me solta e os meus pés tocam na areia. Olhamos um para o outro, rimos e, inquieta, atiro água para o seu rosto. Ele não se fica. Brincamos como duas crianças com total liberdade, até que, vendo o impressionante pôr do sol que nos cerca, em tons violeta, saímos da água e, de mãos dadas, caminhamos calmamente pela bela praia enquanto nos beijamos e esbanjamos carinho como mais um casal.

Eu! Eu estou a fazer isto! Que loucura!

O momento é perfeito e a companhia, a desejada. Pela primeira vez desde miúda, gosto de algo a que sempre me neguei e confesso que gosto muito. Muito. Com ele, sentir a liberdade de beijar e abraçar é fácil. Naím é carinhoso, atencioso, divertido. E a cada segundo que passa gosto mais e mais dele.

Um bom tempo depois, após darmos um passeio maravilhoso pela incrível praia, onde outros casais como nós desfrutam da sua privacidade, vamos em direção às nossas coisas. Aí, estendemos as toalhas e deitamo-nos a descansar. Tão bom!

Quando ouço Naím mexer-se, abro os olhos e vejo-o beber água de uma das garrafas que tirou da carrinha. Oferece-me. Agarro na garrafa e ele, apontando ao nosso redor, comenta:

– Não muito longe desta praia estão a de Almaciga e a de Roque de las Bodegas. Noutro dia, se quiseres, mostro-te.

Sem hesitar, aceno com a cabeça e, olhando em redor, sussurro:

– Esta praia não tem espreguiçadeiras, nem guarda-sóis, nem nada.

– Não. – Ele sorri. – Como te disse, é uma praia virgem, aqui não há nada disso, e para mim é especial por isso.

Aceno e sorrio. Nesse momento, o telemóvel dele toca. Ele recebe uma mensagem e, no ecrã, leio «Carmen». Quem será esta Carmen? Naím olha para o telemóvel, mas não abre a mensagem e, levantando-se, olha para a água e diz:

– Hoje o mar está calmo, mas quando está bravo tem de se ter muito cuidado, pois a praia pode ser perigosa por causa das correntes.

– Anotado! – digo, bebendo mais água e evitando perguntar quem é a tal Carmen.

Ficamos em silêncio quando reparo num casal que, longe de nós, chega à praia, que já está escura, e ouço Naím perguntar:

– A que se deve a tua mudança de atitude em relação a mim?

Ouvir isso, que eu não esperava, faz-me cuspir nele a água que estou a beber. Porra! E vendo o seu rosto surpreso, sussurro:

– Caramba, desculpa...

Vejo que ele me olha divertido e, deixando a água escorrer pelo seu tronco nu, diz:

– Prefiro água a gelado, *topping* e *chantilly*.

Ambos rimos lembrando por que razão diz isso.

– O que te levou a mudar de ideias em relação a mim? – insiste em seguida.

Pronto, é evidente que ele quer saber, que quer conversar, e, respirando fundo, solto sem refletir ou sei que não o farei:

– Porque gosto de ti e quero conhecer-te.

Uf, mãezinha, o que eu disse!

Percebo que a minha resposta o apanha de surpresa. E também a mim! Acho que ele esperava que lhe dissesse qualquer outra coisa. E, nervosa por não controlar a situação, acrescento:

– OK. Entendo que agora sejas tu quem não quer conhecer-me, mas... mas perguntaste e eu...

A sua boca toma conta da minha.

O seu desejo vai ao encontro do meu.

A forma como me possui toma conta do meu corpo.

E quando o beijo termina e nos olhamos, sinto que todos os pelos do meu corpo se arrepiam, sobretudo quando o ouço dizer:

– Não consegui parar de pensar em ti durante todo este tempo.

Ai, Deus... Ai, Deus!

Mais uma vez, o meu coração bate a mil à hora. Saber que ele pensou em mim é algo que não sei explicar, e murmuro, atirando-me para a piscina sem boia:

– Eu também.

Olhamo-nos. Falamos sem falar, sorrimos. Então, Naím pergunta:

– Divertiste-te com o argentino?

Rio-me. Meu Deus, meu Deus... que erro cometi naquele dia. E, disposta a seguir com a verdade, aceno com a frieza que me caracteriza.

– Sim. Tal como me diverti com o texano e o africano e, com certeza, também me divertirei com o chinês e o australiano.

A expressão do seu rosto é indecifrável. Acho que falei de mais.

Ele tenta esconder que isso o incomoda, mas não consegue negá-lo. Vejo isso nos seus olhos. E, tomando conta da situação, pergunto:

– Por acaso não te divertiste em Madrid com a Soraya, ou com a Carmen, ou na outra noite com a Dona *Querido*?

Olha para mim. Não sei se gostou da minha sinceridade. Mas, então, vejo que a sua testa relaxa e, no fim, afirma a sorrir:

– A verdade é que não, não te vou mentir.

Assinto. Sinceridade acima de tudo. E, como preciso saber, pergunto:

– Quem é a Carmen?

– Uma amiga.

– E a Soraya?

OK, estou a ir longe demais com as perguntas. O que estou a fazer? Se ele me mandar à merda vou merecer, mas então ouço Naím responder:

– Alguém do meu passado que não está a atravessar uma boa fase.

Em seguida, ele tira a garrafa de água das minhas mãos, bebe um longo gole e, logo em seguida, fixa os olhos em mim e diz:

– O que te disse naquele dia no teu escritório é verdade. Quero conhecer-te. Não sei o que tens, mas desde o momento em que te vi naquela noite a defender a empregada, eu...

– Talvez porque defendi algo que a tua mãe também defendia.

Assim que o digo, amaldiçoo-me a mim mesma. Como posso mencionar a sua falecida mãe num momento como este?

Naím assente. Vejo que as minhas palavras não o incomodaram.

– A minha mãe, sem te conhecer pessoalmente, já gostava de ti – diz ele, a sorrir.

Saber disso faz-me sorrir também.

– Admito que quando te convidei para aquela garrafa de vinho naquela noite sem saber quem eras, me seduziste – acrescenta. – E quando te vi no dia seguinte na adega, fiquei tão chocado que mal soube como reagir, e menos ainda quando descobri que não eras Julia de Valladolid.

Rimos disso; não há dúvida de que o nosso começo não foi dos melhores.

– Mas eu continuo a querer conhecer-te – prossegue Naím. – Sei que somos adultos... Além disso, sei que sou um avozinho para ti... – troça ele.

Sem conseguir evitar, atiro a minha blusa ao seu rosto e, rindo, digo:

– Os jovens não me dão problemas porque só procuram sexo.

Naím assente, entende o que estou a dizer.

– Contigo eu não quero apenas sexo – murmura.

Uf, o que sinto quando ouço isso. Creio que uma parte de mim se assusta.
E Naím declara:

– Quero conhecer-te.

– Como conheces as outras?

Sorri. Gosto do seu sorriso matreiro.

– Quero conhecer-te a valer – declara.

Olhamo-nos em silêncio. Gostava de saber o que ele pensa...

– Não sou um homem ciumento – diz –, mas tenho de confessar que não me vejo a ter um relacionamento aberto com ninguém.

Mãezinha... mãezinha...

Ele acha que sou de relações abertas, quando simplesmente não sou de relações, abertas ou fechadas. O meu coração está a mil.

– Também não gosto de relações abertas – saliento.

– Não?! – pergunta, surpreso.

OK, entendo que a visão que pode ter de mim seja outra.

– Não, não gosto – insisto. – Mas, para ser sincera, há muito tempo que descartei da minha vida tudo o que tem a ver com sentimentos e romantismo...

– Porquê?

Uf... uf... Pergunta. Quer saber. Não gosto de falar do passado, e respondo:

– Porque sou fria.

Ele ergue as sobrancelhas. Acho que as minhas respostas o perturbaram ainda mais.

– Já percebi isso, mas pretendo fazer-te apaixonar – diz.

O quê?!

Mãeziiiiiiinha. Mãezinha.

Ai, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!

A sério que ele disse o que eu ouvi? Mesmo?

A sua sinceridade é tão avassaladora que, de repente, começo a assustar-me. Acho que até Agapito está com medo, e sussurro sarcasticamente:

– Não vai ser fácil... *querido*.

– Mas não impossível... *amor* – contrapõe ele.

Naím olha para mim. Meu Deus, como olha para mim.

– Eu não sou nada romântica – ressalvo.

Vejo que a minha revelação o diverte, e ele pergunta, segurando-me pela cintura com carinho:

– É por isso que evitas música romântica?

Concordo, sem hesitar.

– É demasiado para mim.

A minha resposta fá-lo assentir. Ele beija-me na boca e, quando para, sussurra:

– Vou ensinar-te a adorar música romântica.

– Parece-me complicado – respondo.

– Contigo tudo é difícil e complicado? – troça ele.

– Por algum motivo me chamas «cubinho de gelo», não é?

Ele acena com a cabeça novamente. A verdade é essa. E depois murmura:

– Mas o que te fez aquele cretino?

Quando ele diz isso, eu sorrio. Sei que se refere ao pai de Zoé, embora não saiba nada sobre ele. E, querendo deixar claro como sou, mesmo que os meus amigos me tenham dito para não o fazer, respondo:

– Já que estamos a ser sinceros, digo-te que o pai da minha filha partiu o meu coração de tal forma que sou como sou graças a ele. Zero romantismo. Zero sentimentos. Zero casais.

Naím assente. Acho que está a tentar entender o que está a ouvir. Então, acrescento:

– E, embora eu também não seja ciumenta, devo admitir que hoje, ao ver a tua proximidade com a Mireia, algo mexeu dentro de mim.

– Ah, sim?

O seu sorriso faz-me ver que gosta do que ouve.

– Sim – admito. – E tira esse sorrisinho se não queres que te dê um empurrão e te chame *baby*.

Como dois idiotas, sorrimos.

– Eu gosto muito de ti – diz ele.

Não respondo. Não consigo admitir o mesmo.

– Mas quando digo muito é mesmo muito – insiste. – O suficiente para estar aqui a abrir o meu coração sem te conhecer bem e sabendo que a qualquer momento a tua frieza me pode atropelar.

Ouvir isso assusta-me, mas ao mesmo tempo mexe comigo e agrada-me. Lembro-me de que Horacio me disse que o filho era um romântico como ele e, sentindo-me vulnerável, vou falar quando ele diz:

– Não te conheço. Sei que és fria, mas ainda assim quero conhecer-te. Se me sinto atraído por ti é porque vejo que és uma mulher que enfrenta o bom e o mau. Se há alguma coisa que não suporto, são as surpresas e as decepções, e acho que, com a tua maneira de ser, isso é difícil, porque tu és direta.

Sorrio. Sou fria e direta.

Naím toma a minha boca. Beija-me de tal maneira que sinto que vamos fundir-nos numa só pessoa e, quando me solta, olhando-me nos olhos, sussurra:

– Então, temos possibilidade ainda que trabalhemos juntos e eu tenha mais de trinta?

Direto e simples. Sem papas na língua. E, tão direta e simples quanto ele, respondo:

– Sim. Desde que saibamos separar o pessoal do profissional e mantenhamos a nossa independência e a nossa liberdade. – Naím ergue as sobrancelhas e eu acrescento: – Que fique claro que é preciso atraíres-me muito para eu saltar essas duas regras que, para mim, sempre foram imutáveis.

Ele concorda e sorri. Consigo perceber a sua felicidade.

– Não posso mudar os meus 41 anos – diz ele. – Mas se a questão profissional é importante para ti, posso esperar que decidas o momento certo para estar contigo e conhecer-te.

Ohhhhhh, que fooooooooofo!

Dizer-me isso é encantador e, aproximando-me dele, beijo-o e sussurro:

– Desde que sejamos discretos, tudo bem. Não quero que a tua família pense que não sou profissional.

– A minha família nunca pensaria isso. Primeiro, porque já te adoram. E segundo, porque me amam e sabem que não brinco com sentimentos, e muito menos com os negócios da família.

OK, consigo entender, mas insisto:

– Ainda assim, prefiro manter isto em segredo.

Finalmente, Naím concorda. Não insiste. E, disposta a deixar-me levar como nunca antes na minha vida, sussurro:

– Uma vez que o assunto está esclarecido, cala a boca e beija-me.

– Por que motivo és tão mandona?

– Porque foi assim que a minha mãe me fez – murmuro, passeando a minha boca pela dele.

Durante alguns segundos, tentamo-nos. Desafiemo-nos. Aquecemo-nos. Não há dúvida de que ambos somos pessoas independentes e de personalidade forte, mas, de repente, Naím diz:

– Temos de falar do argentino, do chinês e do australiano.

Rio-me e, antes que eu solte uma das minhas, ele beija-me com aquela possessão que tanto me enlouquece e, esquecendo o mundo, levantamo-nos, corremos de volta para a água e, no escuro da noite e cheios de desejo um pelo outro, voltamos a fazer amor.

Capítulo 33

Dois dias depois, durante os quais Naím e eu nos encontramos evitando os olhares do resto do mundo, e nos quais sinto que a minha frieza em relação a ele começa a diminuir, encontro Liam no aeroporto para visitar os vinhedos de Fuerteventura e Lanzarote.

Manter um relacionamento secreto com o irmão dele é muito entusiasmante para mim. E, quando Liam chega e me cumprimenta, sorrio, divertindo-me com o que sei, e mais ainda quando vejo que ele recebe uma chamada de Naím.

O que pensaria Liam se soubesse?

Conheço Fuerteventura. Estive lá de férias com Zoé há anos, na zona de Corralejo e, para ser sincera, tenho ótimas recordações da ilha.

Quando aterramos no aeroporto, Chema, o administrador das adegas nos terrenos de Fuerteventura, vem buscar-nos no seu carro e conduz-nos até ao norte da ilha, onde Liam me diz que têm um pequeno terreno com vinhas. Não é um pedaço de terra tão grande quanto os outros, mas ele explica-me que os vinhos que fazem lá são totalmente orgânicos, algo que, atualmente, está em alta demanda no mercado.

Quando chegamos, ele recebe novamente uma chamada de Naím. Saber que é ele faz-me sorrir comicamente. Dois segundos antes respondi a uma mensagem dele, mas disfarço olhando para o outro lado.

A terra que nos rodeia é arenosa e desértica, nada tem a ver com o terreno verde das outras ilhas. E entre as explicações de Liam e de Chema fico a saber que, como aquela terra antigamente estava submersa pelas águas do mar, hoje é mais fácil as raízes encontrarem humidade.

Com curiosidade, vejo as cepas *listán negro*, *malvasia* e *tintilla* separadas umas das outras e, quando terminamos, vamos a uma pequena adega, onde têm alguns tanques, e lá provamos os seus vinhos.

Provamos *malvasia* e *listán negro*. Uf, que saborosos! Sendo vinhos biológicos, são dominados por notas minerais devido ao terreno vulcânico, e toques salinos e cítricos da brisa do mar.

Após a visita, Chema leva-nos a desfrutar da gastronomia da ilha num belo restaurante localizado em frente ao mar, onde comemos um delicioso queijo *majorero* feito apenas com leite de cabra, batatas cozidas com um excelente *mojo picón* – molho típico das ilhas Canárias – e um estufado feito com carne de cabra da ilha e legumes. De sobremesa, provo o doce típico *frangollo*, e brindamos a que Naím vença o Prémio Bardea de melhor enólogo.

Terminada a refeição, e de barriga bem cheia, enquanto Chema nos leva ao aeroporto no seu carro, recebo uma mensagem do argentino. Como sempre, Lorenzo está provocador e, divertida, hesito. Assim que chegamos ao aeroporto, Liam e eu apanhamos um voo curto para Lanzarote, onde passaremos a noite.

Ali uma mulher chamada Isabel espera por nós e leva-nos às imediações do Parque Natural de La Geria. Mostra-me eucaliptos centenários e diz-me onde fica o Parque Natural de Timanfaya, que observo de longe com admiração. Que maravilha!

Chegamos às vinhas, e depois de Liam atender a uma nova chamada de Naím e lhe chamar *chatinho*, confirmo que o terreno é vulcânico e o clima subdesértico agravado pelos ventos do Sara. Sei tudo isto porque preparei a viagem, não porque já o soubesse antes. Gosto de surpreender os meus clientes, e sei que eles adoram saber destas coisinhas.

Com curiosidade contemplo as vinhas. Nada têm a ver com o resto, e explicam-me que ali, pela singularidade do terreno, o cultivo é feito em sistema de covas e que tudo tem de ser manual, por isso nada de maquinaria.

Isabel conta-me que os responsáveis cavam até chegar à terra arável, onde está plantada a vinha, e depois erguem um muro semicircular de pedra para

protegê-la do vento. Que trabalhadeira!

Nestes hectares, predomina a uva branca: a *malvasia*, a *brevai* ou a *burrablanca*, entre outras. E têm uma área mais delimitada de uvas pretas para a *burraneira* e o *listán negro*.

Após a visita, dirigimo-nos para um belo hotel em Arrecife. Ali chegamos às nove da noite e, depois de nos darmos meia hora para nos arranjarmos, combinamos que Liam me apanhará no quarto para irmos jantar.

Encantada, estou a trocar de roupa no meu quarto quando ouço uma batida na porta. Olho para o relógio. Faltam dois minutos para o horário combinado com Liam. Este é um dos meus: um tipo pontual.

Rapidamente termino de abotoar a blusa e, correndo para abrir a porta, digo:

– A iiiir!

Segundos depois, quando abro, o meu queixo cai ao ver Naím.

Sorrio e ele beija-me. Oh, sim. O seu beijo sabe pela vida! E, quando consigo afastar-me dele, rapidamente o enfio no meu quarto, fecho a porta e pergunto, enquanto ele pousa a mochila no chão:

– O que fazes aqui?

Naím sorri carinhosamente, dá-me outro beijo nos lábios e sussurra:

– Precisava de te ver.

Eu sorrio novamente. Céus, que palerma fico quando o ouço!

Adoro que me diga isso e que esteja aqui para mim, e, depois de darmos mais um beijo, quando nos separamos, ele diz:

– Pensei em levar-te a passar uns dias em La Graciosa, e...

Nesse momento, batem outra vez à porta. Alarmada, olho para Naím e sussurro:

– É o Liam! Vamos jantar.

Naím acena com a cabeça e, sussurrando, pede-me:

– Diz-lhe que estás com dor de cabeça.

Boquiaberta, olho para ele e rosno:

– Mas como vou dizer-lhe isso, se estava perfeitamente bem há meia hora?

Naím acena com a cabeça, suspira e diz:

– Engana-o como me enganaste, querida Julia de Valladolid.

Rio-me. Que safado!

Batem outra vez à porta e eu, empurrando Naím, ordeno:

– Esconde-te!

– Escondo-me?!

– Sim.

– Onde?!

Olho em volta: não cabe debaixo da cama; na casa de banho, impossível, pois é aberta para o quarto. E, abrindo um armário, sussurro:

– Mete-te aqui, vá!

Naím bufa. Com o tamanho que tem, tem de se encolher para entrar e, ao fechar a porta, ouço:

– Aiiiii!

Alarmada, espreito, e ele, mostrando-me a mão, sussurra:

– Trilhaste-me o dedo!

– Mas que desajeitado – critico, friamente.

Naím olha para mim e sibila com uma expressão de dor:

– Não exageres!

Horrorizada com a minha frieza, e como se ele fosse a minha filha, beijo o seu dedo e digo:

– Cura sã, cura sã... se não sarar hoje, vai sarar amanhã.

E sem lhe prestar mais atenção, fecho a porta do armário e, acalorada com a situação, corro para abrir a porta do quarto. Como imaginei, é Liam. Tal como o irmão, ele exala masculinidade e charme por cada poro da sua pele.

– Ia ligar-lhe agora mesmo – indico antes que ele possa falar.

– O que se passa?

Com pesar, toco na minha testa. Estou a suar com o que aconteceu e pela correria, e digo:

– Estou com uma dor de cabeça horrível e estou prestes a pedir o jantar no quarto e ir para a cama.

Liam olha para mim. Como um pai, toca na minha testa e, então, com um gesto preocupado, comenta:

– Sim. Está quente.

Assinto com uma cara triste.

– Quer que chame um médico? – pergunta a seguir.

– Não.

– Levo-a ao hospital? – insiste.

– Nããããão. – E sentindo-me péssima por tê-lo enganado assim, acrescento: – Acho que dormir é suficiente; tenho a certeza de que amanhã me sentirei melhor.

Liam acena com a cabeça e encolhe os ombros.

– Tudo bem, mas se se sentir pior, prometa-me que me avisa.

– Prometo! – digo com convicção.

Ai, pobrezinho. Como detesto ser uma mentirosa de merda. E, precisando que ele vá para que o outro saia do armário, digo:

– Boa noite.

– Tenha uma boa noite – responde ele.

Assim que fecho a porta corro até ao armário e, após abri-la, vou a falar quando batem novamente à porta.

– Porra para o meu irmão! – protesta Naím.

Fecho o armário novamente, corro até à porta e, ao abri-la, Liam diz:

– Pergunte ao Naím se ele a leva amanhã ao aeroporto.

Assim que ele o diz, dá-me vontade de rir. Porra... porra... A sério?

Liam ri-se. Eu também. Sinto-me péssima por lhe ter mentido. E, então, Liam esclarece:

– Conheço muito bem aquela mochila de couro com as iniciais porque fui eu que lha ofereci.

Curiosa, sigo a direção do seu dedo. Ao lado da parede, a um metro de nós, está a mochila que Naím deixou ali. Então, ouço ruídos. É Naím, que sai do armário. Olhando para ele, vejo que sorri e, aproximando-se de nós, está prestes a falar quando Liam diz, a sorrir:

– Olha, nunca te imaginei a sair do armário!

Rimos os três do comentário dele e, em seguida, os dois abraçam-se. Sempre vi uma relação bonita entre os dois.

– Agora entendo tantas chamadas tuas seguidas – comenta Liam no gozo.

Naím sorri, eu também, mas sussurro horrorizada:

– Peço desculpa. Lamento ter mentido.

Liam acena com a cabeça e Naím intervém:

– Nenhuma palavra a ninguém sobre isto, entendeste?

Liam olha para nós. Sei pela sua expressão divertida que vai encher-nos de perguntas.

– Podemos ir jantar e vocês explicam-me o que está a acontecer aqui, pombinhos? – sugere.

Naím e eu olhamo-nos. Liam apanhou-nos! E, a sorrir, vamos os três jantar.

Capítulo 34

Apaixonei-me perdidamente pela ilha La Graciosa.

Estamos aqui há cinco dias e ainda não consigo acreditar que exista um lugar tão mágico, extraordinário e surpreendente como este e um homem tão maravilhoso como Naím.

La Graciosa é uma ilha tranquila, virgem, onde não há asfalto, correria, buzinas ou poluição e, o melhor de tudo, tem praias de areia branca e águas azul-turquesa que me fazem rir do Caribe!

Mas como é que nunca vim aqui antes?

Fico a pensar nisso enquanto vejo Naím apanhar sol na praia de nudismo, ao meu lado. É tão incrível... Os dias que passamos juntos são todos tão, tão perfeitos que, às vezes, me belisco no braço para ver se estou acordada e não a sonhar.

Naím é um homem. Não é um puto como aqueles com quem estou habituada a fazer sexo. Gosto da sua maneira de ser, da sua determinação, da sua segurança, do seu ímpeto ao ensinar-me as coisas. Gosto de tudo nele!

Naím é um romântico. Adora música romântica e, com ele, pela primeira vez desde que Zoé nasceu, depois de me recusar meia dúzia de vezes a dançar, finalmente desisto e dançamos de mãos dadas sob o luar.

Sim. Sim. Eu! A antirromântica e a gaja mais fria do mundo dançou uma canção de amor!

E, como não poderia ser outra, a primeira música que dançamos é *A un beso*, de Danna Paola. Quando toca, Naím conta-me que por tê-la ouvido comigo no carro, lembra-o de mim. Sem dúvida, tornou-se a nossa música.

Deixei de odiar a música romântica e o romantismo e passei a apreciá-los. Nem eu me entendo!

Sinto que tudo está a acelerar. Tudo acontece depressa. Não sei se é pela idade que temos, pela sinceridade com que nos falamos, ou porque estou a deixar a minha frieza de parte, mas, de repente, percebo que não quero separar-me dele, tal como sei que ele não se quer separar de mim.

Estarmos juntos, beijarmo-nos, abraçarmo-nos ou acariciarmo-nos um ao outro tornou-se o tempero das nossas vidas. Se eu nos visse de fora, sem dúvida pensaria: «Que duas lapas!» Mas sim, sou uma lapa e ele também, e adoro isso. Gosto muito e quero que continue assim, e o que tiver de ser depois se verá.

Como prometido, Naím ajuda-me a tratar da papelada necessária para a viagem à Antártida. Agora é só esperar pelo visto e está tudo resolvido.

Falo com os meus amigos algumas vezes. Conto-lhes o que estou a viver e eles apenas me dizem: «Aproveita, aproveita e aproveita.» E sim, estou a aproveitar.

Também converso com Zoé, mas não lhe conto nada sobre Naím, muito menos como ele me faz sentir. Porquê? Não sei. Talvez porque Zoé é minha filha e penso duas vezes em tudo o que possa afetá-la. Não quero deixá-la entusiasmada com algo que... bem, não sei o que vai acontecer.

Eu gosto de Naím. Gosto muito dele, com as suas perfeições e os seus defeitos. Adoro a forma como se ri, a maneira como franze a testa quando fala ao telemóvel sobre trabalho e algo não o convence, a forma como caminha com aquela confiança esmagadora, o seu lindo rosto moreno e os seus cabelos prateados bem penteados.

Como diz Mercedes, tem mais qualidades do que o aloé vera!

Mas, acima de tudo, o que mais gosto nele é a sua maneira de ser. É paciente, carinhoso, nada dramático, atento ao pormenor, romântico, gosta de tranquilidade, mas ao mesmo tempo é divertido, sabe cozinhar e baixa a tampa da sanita!

Que bem o criou a sua mãe!

Quando falamos sobre a sua família e o que lhes escondemos, sinto que fica angustiado. Ele não é daqueles que costuma mentir ou esconder coisas. E, à sua maneira, diz-me de mil formas que quer que o pai, a irmã e o mundo inteiro saibam o que há entre nós. Somos adultos. Não somos

crianças. Porque não mostrar como estamos bem? Mas não. Recuso-me. Há algo dentro de mim que me impede de dar esse passo e, por enquanto, ele respeita e eu agradeço.

Outra coisa boa em Naím é que ele procura sempre o lado positivo das coisas, e quanto ao sexo, uf... nem sei como defini-lo! Só sei que, sem que eu esperasse, ele se transformou em alguém que está a descongelar-me e a mudar o rumo da minha vida.

Divertida, penso no caderno de sonhos que guardo na gaveta da minha mesinha de cabeceira. Sem dúvida, quando voltar terei de riscar alguns desses pequenos sonhos, porque com Naím, alguns, como dormir ao relento a olhar as estrelas, já realizei.

Nesse momento, vejo dois casais nus desaparecerem nas dunas ao fundo. A praia está praticamente vazia, mas não são os primeiros que vejo a irem naquela direção. Então, Naím mexe-se, olha para mim e pergunta:

– Em que pensas?

– Estava a pensar sobre o que há detrás daquelas dunas.

Ele sorri e diz:

– Sexo.

Aceno com a cabeça, surpresa. Ele senta-se e, ao ver-me olhar para lá, comenta:

– Eu disse-te que esta é uma praia de nudismo e de ambiente liberal, não te lembras?

Caramba, ele tem razão. De repente, saber disso deixa-me quente.

– Do outro lado daquelas dunas, as pessoas desfrutam livremente do sexo e das fantasias – acrescenta a seguir.

– Bem, ei, eu acho ótimo.

Naím ri-se. Eu também e, de repente, deixo escapar:

– Queres ir?

O seu sorriso congela. Acho que acabei de surpreendê-lo e, divertida, sussurro:

– Adorava que visses a tua cara.

Ele ri-se.

– Cubinho... não me provoques – murmura.

Durante algum tempo brincamos com cócegas e mordidelas, até que eu pergunto:

– Que fantasias tens?

– Isto está a ficar interessante – troça Naím.

Sorrimos os dois. Ambos vivemos o mundo liberal quando nos apetece. Sabemos do que estamos a falar.

– Conta-me uma das tuas fantasias – insisto.

Ele acena com a cabeça e, sem hesitar, responde:

– Deixar um terceiro assistir enquanto possuo a minha mulher, não uma mulher qualquer. E se houver uma segunda parte e os três concordarmos, ceder-lha e eu assistir.

Assinto. Não quero aprofundar isso da «sua mulher» e pergunto:

– O *voyeur* tem de ser homem ou mulher?

– Isso não me importa.

Assinto novamente. Fantasias todos temos. Umas mais quentes do que outras. E, de repente, sinto os meus mamilos endurecerem. A fantasia de Naím é excitante. Então, ele sussurra olhando para eles:

– Vejo que a minha fantasia te excita.

Sorrio ao ver o seu sorriso malicioso e, vendo que o seu órgão também se ativa, aproximo-me dele e sussurro na sua boca:

– Queres realizar essa fantasia aqui e agora sentindo-me como tua mulher, mas sem chegarmos à segunda parte?

Sinto que a minha proposta o deixa sem fôlego.

OK, eu sou descarada. Talvez mais do que ele no quesito sexo, mas sei que Naím é um jogador nato. Sei disso pela forma como me possui, pelas coisas que me diz na cama, pelas nossas brincadeiras sempre quentes. E, vendo que o seu sorriso se inclina, sussurro:

– Olha para a tua direita.

Ele assim faz. Ali, há um homem nu muito moreno, sentado sob um guarda-sol como nós. E, sentindo que controlo o momento, digo em voz baixa:

– Aquele homem não tirou os olhos de nós desde que nos instalámos aqui.

Naím olha outra vez e vejo que o tipo desvia o olhar. Por alguns segundos, ficamos os dois em silêncio, até que Naím, surpreendendo-me, murmura no meu ouvido:

– Ele vai olhar para nós outra vez e, se sorrirmos dando-lhe sinal verde, ele não vai parar de o fazer. É evidente que olhar lhe provoca tanto tesão quanto a nós quando nos olham.

Aí está, o jogador Naím que eu sabia que estava dentro dele. E, beijando-o, sussurro:

– Queres?

– Quero – diz ele com convicção.

– OK... Não sabes quanto me excita sentir-me tua mulher – digo, realmente excitada.

A minha libido já está em alta com a excitação que a situação me provoca. Gosto de brincar com Naím, atrai-me, aquece-me. O homem olha para nós novamente. Ambos sorrimos para ele para que perceba a nossa aprovação e, deitados nus na areia, Naím e eu começamos a brincar.

Beijo-o com prazer. Ele beija-me com prazer.

Eu toco-lhe, febril. Ele toca-me com posse, enquanto percebemos que o homem está a acariciar o seu pénis, observando-nos e divertindo-se com o espetáculo que lhe oferecemos.

Estamos excitados. Bastante. Olho para ele e pergunto baixinho:

– Gostas que ele veja como me tocas?

Naím concorda.

– MUITÍSSIMO. Adoro.

Não sei quanto a ele, mas a mim a situação está a deixar-me louca.

– Temos de ir a um lugar liberal beber um copo – murmura, então.

– Eu adoraria – suspiro.

Naím acena com a cabeça, beija-me e sussurra:

– Homens não combinam comigo, mas como bem sabes, o jogo de três pode ser divertido.

– Muito – digo com convicção.

Ele sorri e, depois de me beijar, sussurra:

– Gostaria de aproveitá-lo contigo. Com a minha mulher.

Uf... que sensação. Imaginar aquilo que ele propõe é quente, terrivelmente quente e, pronta para desfrutar da nossa sexualidade, digo:

– Ficarias excitado se eu convidasse uma mulher? – Naím ergue as sobrancelhas e eu acrescento: – Também não gosto de mulheres, mas, como dizes, o jogo de três pode ser divertido.

Naím sorri. A excitação que isso nos provoca é tangível.

– Espero jogar esse jogo contigo – sussurra ele em seguida.

Satisfeita, concordo. Farei isso. Não sei como, mas vou arranjar uma mulher para nós. Corro lentamente a língua sobre os seus lindos lábios. São salgados, têm sabor a mar; então, ouço Naím pedir-me:

– Abre as coxas e mostra-te a ele.

Beijando-o com prazer, faço o que pede. Afasto as coxas. Sinto como o sol e o ar entram na minha vagina e exibo-me com prazer ao homem.

Com as pernas abertas na direção de onde ele está, mostro-lhe a minha essência. O momento excita-me, perturba-me, e Naím enfia dois dedos dentro de mim e começa a masturbar-me.

Oh, meu Deus, que prazer!

Estou molhada, muito molhada. Olho inconscientemente para o homem que, sem sair do lugar, não tira os olhos de nós enquanto se masturba.

– Gostas? – Ouço Naím perguntar.

O sol. A praia. A excitação do momento. Tudo isso junto me faz sentir bem.

– Olha para mim – exige em seguida.

Eu obedeço.

Com os meus gemidos, com os meus olhos, com os meus suspiros e com a minha humidade, mostro-lhe quanto este momento me excita. Os seus dedos entram e saem de mim de uma forma incrível e, ao mesmo tempo, sem olhar, sei que o homem sob o guarda-sol se masturba, curtindo o que vê, enquanto nós desfrutamos do que fazemos.

O meu homem e eu devoramos as nossas bocas. A nossa intensidade aumenta. O desejo apodera-se de nós e, por fim, e a precisar de mais, assumo o controlo da situação; sento-me em Naím e encaixo-me nele.

Oh, sim!

Naím está deitado na areia abaixo de mim, com as mãos nos meus seios. Aperta-os. Acaricia-os, brinca com os meus mamilos, enquanto o monto com desejo. Desfruto.

O que fazemos sem medos, abertamente, sem vergonha é excitante na sua forma mais pura. É algo de que não tínhamos falado até agora, mas é evidente que ambos gostamos, que nos deixa loucos. Neste momento, Naím, que está tão entusiasmado quanto eu, levanta-se. Senta-se na toalha e, segurando-me com força, crava-me mais fundo nele.

Sim!

Sei que o grito de prazer que dou naquele momento foi ouvido pelo terceiro elemento deste jogo, e imagino quanto isso o terá excitado.

Então, Naím olha-me nos olhos e murmura:

– Vou-me vir, querida... vou-me vir.

Assinto. Não consigo falar.

Eu quero que ele se venha. Quero que ele me inunde com o seu sémen, e depois de um último empurrão que me faz arfar de prazer por me sentir completamente saciada, o corpo de Naím treme e um berro tremendamente sensual sai da sua boca. Momentos depois, um orgasmo ardente toma completamente conta de mim e, fechando os olhos, deixo-me ir. Agitada e com respirações aceleradas, por alguns segundos ficamos os dois abraçados e sem nos movermos enquanto recuperamos o fôlego, até que, percebendo que as minhas mãos estão cheias de areia, sussurro:

– Devemos ter areia até ao fígado.

Ambos rimos. Desatamos a rir. Então, Naím beija-me no pescoço e sussurra:

– O nosso amigo também se veio.

Com curiosidade, olho para lá e vejo-o caminhar em direção à água.

– Gostaste? – pergunto a Naím a seguir.

Ele acena sem hesitar. Com os nossos sorrisos entendemo-nos. Não é preciso dizer mais nada. Sabemos do que estamos a falar. E, sentindo que a cada dia me descongelo um pouco mais com ele, afirmo:

– Tu e eu vamos desfrutar muito do sexo, *querido*.

Minutos depois, rumamos ambos para a água, onde, entre beijos e gargalhadas, damos um agradável mergulho.

Capítulo 35

– Bom dia, menina Julia – diz-me Naím quando acordo de manhã.

Divertida, sorrio. Ele apresentou-me com o nome de Julia aos seus amigos na ilha, com quem nos encontrámos estes dias. Voltei a exigí-lo para seu desgosto. Conhecerem-me como Verónica pode fazer com que o nome chegue à sua família e, não, definitivamente não quero que se confundam. Já basta que Liam nos tenha descoberto. Gosto de Naím, deixa-me louca, mas também quero que o meu profissionalismo continue intacto.

Sem dizer mais nada, ele sai da cama, vai à casa de banho e volta após alguns instantes. Pega no telemóvel, põe uma música, aquela de que ele gosta, e, atirando-se de costas no colchão, abraça-me.

Rio-me. Tenho de rir. A música que Naím ouve não tem nada a ver com a que eu ouço. Além disso, pode dizer-se que muitas das músicas que ele põe, nunca as ouvi antes na minha vida.

– Conheces esta canção? – pergunta-me.

Por alguns segundos presto atenção à melodia romântica. Não a conheço.

– Chama-se *Un beso grande* – acrescenta – e é cantada por Edgar Oceransky e Pancho Céspedes.

Concordo com a cabeça e, depois de ouvir a letra, pergunto divertida:

– Queres um beijo grande?

– Teus, sempre – diz ele com um olhar e um tom de voz que uf... uf...

Beijamo-nos. Beijos grandes. Beijinhos. Todos são únicos e irrepetíveis. Então ele, passando a boca pela tatuagem nas minhas costelas, murmura:

– Nunca me falaste sobre o significado das tuas tatuagens. Posso saber?

Sem hesitar, ao ver aquela para onde olha, digo:

– A Amara, a Mercedes e o Leo também a têm.

Ele assente e lê, enquanto passa o dedo sobre ela.

– «No mau. No bom. E no melhor.»

Sorrio, essa é a nossa frase.

– Os meus amigos são os irmãos que nunca tive e os tios de que a Zoé precisava – murmuro. – Os três são uma parte muito, muito importante das nossas vidas. E garanto-te que sem eles eu não poderia viver.

– Fico emocionado só de te ouvir dizê-lo.

Sorrio novamente.

– Fizemos a tatuagem no aniversário da Mercedes – explico. – Recordo que estávamos a brindar, e sempre que erguíamos os nossos copos dizíamos: *No mau. No bom. E no melhor.* Para nós era tão especial que, quando a Amara, que é a Dona Ideias, nos sugeriu tatuá-la, não pensámos duas vezes e, no mesmo dia, fizemo-lo: uma amiga da Mercedes tatuou-nos.

Naím escuta, sorri e, subindo pelo meu corpo, beija a mandala que tenho no ombro esquerdo.

– Qual é a história desta? – pergunta ele a seguir.

Com doçura, olho para minha tatuagem e respondo:

– Fi-la quando tinha vinte e cinco anos, que foi quando me tornei independente com a Zoé, para desgosto dos meus pais. – Naím sorri e eu acrescento: – Os meus pais adoram mandalas pela sua beleza e equilíbrio. E esta, que gravei na pele por eles, além de equilíbrio na vida, deu-me paz, força e serenidade, algo que me incutiram e de que eu precisava para seguir em frente com a minha filha e também com a minha empresa.

– És uma mulher muito forte e guerreira.

Sem hesitar, concordo. Em certos aspetos, a minha vida nunca foi um mar de rosas, embora tenha estado rodeada de pessoas que sempre me amaram e me ajudaram.

– Sim – afirmo –, reconheço que sou. – E, olhando para ele, acrescento: – Como também reconheço que sou fria e um tanto complicada às vezes.

– Eu atesto isso, cubinho de gelo – troça ele, fazendo-me sorrir.

Beijamo-nos. Adoro os beijos de Naím. E, pegando na minha mão, entrelaça os seus dedos nos meus e, vendo a tatuagem no meu pulso, sussurro:

– «Tu e eu... sempre.»

– Palavras preciosas, mesmo que não sejam dirigidas a mim – ressalta.

Ouvir isso faz-me sorrir.

– A Zoé e eu temos esta tatuagem – explico. – É algo nosso, só das duas. No seu aniversário dos dezoito anos, ela quis de presente que ambas a tatuássemos, e eu não neguei, para horror dos meus pais.

Rimos disso, e então Naím diz:

– A mensagem é única. E saber que é algo só vosso deve torná-la muito especial.

Assinto. Ele beija-me, eu beijo-o, e quando ele se separa de mim murmura:

– Espero, um dia, estar de alguma forma na tua pele. Isso far-me-á saber que sou especial para ti.

Uf... uf... o calor que me invade.

Sem dúvida, as pessoas especiais para mim estão gravadas na minha pele, e não sei o que lhe dizer, mas então ele sussurra, divertido:

– Gosto muito da tua expressão quando digo algo que te desconcerta.

Nós rimos outra vez e eu beijo-o. Adoro ter-lhe contado a história das minhas tatuagens, e gosto de me deixar levar pelo que quero, pelo que desejo. Terminado o beijo, Naím pergunta-me:

– Tens fome?

Sem hesitar, aceno com a cabeça e ele comenta com uma gargalhada:

– No dia em que não estiveres com fome, vou preocupar-me.

Concordo, ele está certo. Nem os desgostos me tiram a fome. Estou a rir disso quando, com um movimento rápido, ele se posiciona sobre mim e, juntando as minhas mãos acima da cabeça, sussurra:

– Eu também tenho fome.

– Mmmmm... adoro saber disso – sussurro, dengosa.

Um beijo segue o outro. Uma carícia dá origem a outra. Entre eu e ele, como em qualquer início de relação, o sexo e o desejo são contínuos.

– E o que te apetece comer? – pergunto, divertida.

Ele gosta da minha pergunta. Vejo isso na sua expressão, na forma como a sua boca se curva num meio sorriso e, aquecendo a minha alma, sussurra:

– A ti, querida, a ti.

Uooooou, que arrepios me percorrem o corpo!

A sensualidade que Naím exala deixa-me completamente deslumbrada. E quando me chama de «querida»... Céus!

Beija-me. Beijo-o. Um apetite voraz toma conta de nós e, então, ele diz:

– Abre as tuas preciosas pernas para mim.

Essa sua parte tão dominante no sexo enlouquece-me. Sentir que sou um brinquedo nas mãos dele é algo que nunca pensei que gostaria, que me excitaria, mas sim, excita-me e deixa-me louca. Este jogo, que sempre evitei porque era eu quem comandava, quero pô-lo em prática com Naím porque quero ser dominada por ele. Quero cumprir todas as suas ordens, os seus pedidos, e, sem hesitar, fazer o que me pede; então ele, descendo pelo meu corpo, leva a sua boca até ao centro do meu desejo e, depois de separar mais as minhas coxas, murmura:

– É assim que eu te quero... húmida para mim.

Aceno com uma respiração entrecortada. Sim. Sim. Sim. E, quando ele primeiro beija a minha vagina com a sua boca e depois é a sua língua quente que brinca com ela, fecho os olhos apenas e deixo-me levar. Vou aproveitar.

Enquanto desfruto das ondas de prazer que a sua boca e língua me provocam, percebo como a sensualidade de Naím não só toma conta do meu corpo, mas também da minha mente e de todo o meu ser. Quando ele me tem assim, tão molhada, tão quente, tão disposta, sei que não diria *não* a nada e só quero gozar, experimentar e aproveitar todos, e cada um, dos desafios a que nos propomos e que ambos aceitamos.

Gemo. Anseio pela luxúria quando o sinto deleitar-se no meu corpo, desfrutando. Depois, ouço-o dizer:

– A essência do teu aroma e do teu sabor deixam-me louco.

Bem, bem e beeeeeeeem.

A mim o que me enlouquece é o que ele está a fazer e, segura de mim e da minha sexualidade, ponho as minhas mãos na sua cabeça e, enredando os meus dedos nos seus cabelos escuros, sussurro:

– Não pares... não pares.

E não, não para.

As suas mãos, grandes e bronzeadas, procuram os meus seios. Encontram, acariciam e agarram os meus mamilos duros; os seus dedos puxam-nos, enviando ondas de prazer pelo meu corpo. Naím é tão provocador quanto eu. Sinto como a sua língua quente caminha lenta e vagarosamente pela minha vagina para parar uma e outra vez, e ainda outra, no meu clítoris... Oh, sim! Sim!

– Adoro o teu sinal.

Sorrio. Sei que se refere a um que tenho na vagina num lugar estratégico, junto ao clítoris.

– É todo teu – sussurro.

Concentrando-se nele, lambe-o e chupa-o sem pressa. Lentamente. Saboreia-o enquanto o meu corpo treme de prazer e eu estremeço com a sensação do calor, da excitação e da humidade.

Sem reprimir o meu prazer, balanço as minhas ancas sobre a sua boca, com a respiração agitada, e, de repente, sem que a sua língua saía do meu clítoris quente e húmido, sinto como dois dos seus dedos entram em mim e sussurro enlouquecida:

– Ooooh, sim... sim...

Durante alguns minutos, os dedos de Naím entram e saem da minha vagina mais do que molhada de forma compassada. O seu jogo excitante é lento, depois rápido, lento outra vez, e é assim que ele joga comigo, levando-me, como sempre, ainda mais longe.

Queimo. Ardo de desejo. Ardo de luxúria. Ardo de prazer. Ardo de tudo! E, nesse momento, *A un beso*, a nossa canção, começa a tocar.

Céus... a letra... mas parece que foi escrita para nós!

E quando sinto que não aguento mais porque vou explodir como um vulcão, Naím rasteja pelo meu corpo, com a sua boca a tomar a minha e o seu pénis duro e lubrificado penetra-me por completo.

Oh, siiiiim!

Somos dois vulcões prestes a entrar em erupção.

Movemo-nos. Fazemos amor com prazer e deleite, até que ele, segurando as minhas ancas para que eu não me mexa e tendo-me à sua mercê, se afunda em mim, fazendo-me gritar de prazer, de tal forma que tenho

a certeza de que seremos expulsos de La Graciosa por sermos escandalosos e foliões.

Ainda assim não consigo parar. Não quero parar. As nossas línguas, fundidas, juntamente com os nossos movimentos arrebatadores e cheios de luxúria, provocam-nos sobressaltos e ondas de prazer que aguçam o apetite de Naím, que, consciente de que estou prestes a atingir o orgasmo, se crava até ao fundo de mim e, segundos depois, um gemido de puro deleite parte-nos em dois e ele cai sobre mim.

Com respirações entrecortadas ficamos assim, até que ele tenta mexer-se e eu, enroscando as minhas pernas no seu corpo, não deixo. Não quero que ele se mexa nem um milímetro. Não quero que ele se separe de mim. Então, Naím olha para mim e eu, sem conseguir calar a boca, sussurro enquanto a nossa música toca:

– Deixas-me louca!

Naím sorri. Eu também e, sem falarmos, derretemo-nos novamente num beijo quente e abrasador, que quero que dure até à eternidade.

Capítulo 36

Após alguns dias em La Graciosa, apanhamos o último barco que sai para Lanzarote ao entardecer e, com toda a tristeza do mundo, deixamos a pequena ilha. Nunca imaginei que passaria férias tão incrivelmente perfeitas com um homem que mal conheço e que está a roubar-me não só os meus sentidos, mas também a minha razão.

Quando chegamos a Lanzarote, um carro espera por nós, e isso faz-me rir. Assim que entramos, Naím, divertido, diz-me que conhece pessoas em todas as ilhas, e que arranjar alojamento ou veículo é fácil para ele.

E, sim, deve ser fácil porque meia hora depois chegamos ao estacionamento de um belo e peculiar hotel e, após cumprimentar, na receção, uma jovem chamada Vanessa, esta, com um lindo sorriso, entrega-nos os cartões do quarto e, encantados, vamos até ele.

Uma vez lá dentro, como sempre faço quando chego a um hotel, vou à varanda. Adoro ver o mar. Nesse instante, o telemóvel toca no bolso das minhas calças. Recebi uma mensagem e, olhando-a, leio:

Quando regressas à
Argentina? Estou
impaciente para te
comer.

Assim que leio, sorrio, mas, de repente, ouço Naím sussurrar no meu ouvido:

– Sei que não devia dizer isto, mas incomoda-me que esse argentino te queira comer.

Viro-me. A sua expressão é séria e, lembrando-me das mensagens que recebeu nestes dias de diversas mulheres, replico:

– Também me incomoda que recebas mensagens da Soraya, da Carmen, da Ainara, da Mireia, da Rosario... e poderia dizer muitos mais nomes, mas dispenso.

Naím assente. Acho que a minha resposta o surpreende.

– Uau, fixaste os nomes – sussurra.

Sem volta a dar, rio-me. O que acabei de lhe dizer é horrível, terrível! Desde quando digo coisas assim?

– Já que estamos a ser honestos – continua então –, além das mensagens do argentino, as de Alejandro e Marco também me incomodam.

Ouvir isso faz-me sentir um pouco melhor. É evidente que ambos estamos alerta em relação a muitas coisas.

– Vejo que também fixaste – comento.

Ele acena com a cabeça e, olhando para mim, começa a dizer:

– Sei que tu e eu não temos nada sério, mas...

– Naím – interrompo –, somos adultos e prometemos não nos pressionarmos. Fora disso, cada um tem uma vida.

O meu moreno acena com a cabeça. Durante alguns segundos, fica pensativo e, de repente, diz:

– Gostava de te propor uma coisa.

Rio-me e, então, ele sugere:

– O que achas se falarmos com aqueles que nos incomodam para que parem de nos escrever até que saibamos definir o que é isto entre nós?

Continuo a rir, não consigo evitar. Sei que Marco e Alejandro, depois da última mensagem que lhes enviei a dizer que quando chegar a Madrid os aviso, não voltarão a escrever-me, mas egoisticamente, querendo que as mulheres não lhe escrevam, afirmo:

– Aceito a tua proposta.

Ele sorri e eu tomo nota mental para escrever ao meu argentino fogofo, quando o meu telemóvel toca. É minha mãe e, sem hesitar, atendo a chamada.

Enquanto converso com ela, vejo que Naím pega no telemóvel e sai para a varanda. Tento concentrar-me no que a minha mãe me conta, mas a verdade é que olhar para Naím se tornou o meu maior passatempo.

Por alguns minutos, a minha mãe fala comigo sobre tudo. Do meu pai, de Zoé, do *Tinto*, da *Paulova*, e quando me despeço dela sabendo que estão todos bem, fico calada e ouço Naím a trautear a música que está a tocar no seu telemóvel.

Não é a primeira vez que o ouço cantarolar. É *Tu olvido*, de Carlos Macías e Víctor García. Aliás, quase que já a sei de cor de tanto que ele a ouve.

Aproximo-me dele, que está encostado ao parapeito da varanda, e abraçando-o por trás, beijo-o carinhosamente nas costas e murmuro:

– Como gostas desta música!

Naím assente. Ele vira-se e, a sorrir, sussurra:

– Mas gosto mais de ti.

Uf, que derreto!

Porque é que me diz sempre coisas tão bonitas?

E, abraçados por alguns minutos, dançamos a bela e romântica canção, enquanto algo dentro de mim me diz que não quero que me esqueça, ao contrário do que diz a canção. O momento é lindo, romântico, mas, de repente, as minhas entranhas ressoam e Naím diz a rir:

– OK, vamos jantar antes que essa fera que tens aí saia e me devore!

Rimos com cumplicidade. Ele para a música no telemóvel e depois saímos juntos do quarto e vamos a um bom restaurante da zona, onde, claro, lhes peço as batatas com *mojo*, depois um espetacular atum marinado, especialidade da casa, e terminamos o jantar a partilhar a típica sobremesa *bienmesabe* com gelado.

Durante o jantar, o telemóvel dele toca e leio o nome Soraya no ecrã. Nas duas primeiras vezes não digo nada. Não devo. Mas, na terceira vez, não aguento mais e pergunto:

– Soraya é a tua ex, certo?

Já vi que ele não gosta de falar sobre certas coisas, fica reservado dependendo dos temas, e simplesmente responde:

– Sim.

– Porque é que não para de te ligar?

Naím respira fundo e, pensando bem, diz:

– Porque ela tem um problema de saúde mental que tem de resolver com ajuda.

Assim que o diz, vou a falar quando ele acrescenta:

– Confias em mim?

Sem saber porquê, assinto. Gostaria de lhe perguntar o que se passa com Soraya, mas, vendo a sua reserva, decido ficar quieta. Se confio, confio.

Um pouco depois, enquanto espero Naím voltar da casa de banho, o meu telemóvel toca. É uma mensagem de Begoña e, quando a abro, sorrio ao ver uma foto de Lionel. É tão lindo...

– De quem é esse pequenino?

O salto que dou na cadeira é monumental. Mas quão silencioso é este homem!

Não esperava Naím tão rápido atrás de mim e, tentando esconder quanto me incomoda que ele esteja a olhar para a foto, respondo:

– É filho de uma amiga.

Ele acena com a cabeça, sorri e, desviando os olhos da foto, diz:

– Ainda me lembro quando o Gael e a Xama eram assim pequeninos. Eram tão lindos...

– As crianças, como os cachorrinhos, são sempre bonitas – murmuro, desconfortavelmente.

Naím ri.

– A minha irmã mal pode esperar para ser avó – diz ele a seguir. – No dia em que for, acho que vai enlouquecer.

Assinto. Sem dúvida, vai enlouquecer!

Se Naím soubesse que o bebé que acabou de ver é filho de Gael, cairia redondo no chão. E, pousando o telemóvel, pergunto:

– Gostas de crianças?

– Bastante.

– E porque é que, aos quarenta e um anos, ainda não tiveste nenhum?

– Porque ainda não encontrei a mulher com quem quero tê-los, embora espere encontrá-la um dia.

Ouvir isso deixa-me com calor e, vendo como me olha, levanto-me para interromper o momento constrangedor e sugiro:

– Vamos?

Sem hesitar, Naím acena com a cabeça e, agarrando a minha mão, saímos do restaurante.

Enquanto voltamos para o hotel a comer uns deliciosos gelados de duas bolas que comprámos numa das geladarias junto à praia, o meu telemóvel toca. Acabei de receber um aviso indicando-me que a minha viagem à Nova Zelândia e à Antártida já foi marcada. Satisfeita, mostro-lhe o telemóvel e digo, bem-disposta:

– Problema da Antártida solucionado.

Ele ri-se e, com cumplicidade, choca a sua mão na minha.

– Invejo-te – diz, em seguida. – Sempre quis ir à Antártida.

Sorrio um pouco comprometida. Não é a primeira vez que ele diz isso, mas em nenhum momento o convidei para me acompanhar. E, tentando brincar, digo, apontando para ele com as minhas bolas de gelado:

– Se te portares bem, talvez na próxima te leve.

Naím acena com a cabeça e, parando, olha-me nos olhos e pergunta:

– Contaste à tua filha sobre mim?

– Não – apresso-me a responder.

– Porquê?

– Porque não acho necessário.

OK. Assim que digo isto, sinto que a minha frieza regressou. Não pensei antes. Apenas respondi e, como Leo me disse, tenho de pensar antes de falar.

– Achas que a tua filha desaprovava a nossa cena? – insiste.

Curiosa com essa pergunta inesperada, abano a cabeça.

Conhecendo Zoé e conhecendo Naím, sei que se vão adorar, mas em busca de tempo para pensar, peço-lhe:

– Define isso de «a nossa cena».

Pela sua expressão sei que o entalei. Vejo isso no seu rosto.

– Lembra-te: somos adultos e entre nós só vale a sinceridade – insisto.

Naím acena com a cabeça e respira fundo.

– «A nossa cena» eu definiria como... amo-te.

Assim que ele o diz eu torço o tornozelo.

Ele acabou de dizer a expressão proibida?!

Ai, Deus... Ai, Deeeeeeeeeus...

Tropeço, e quando Naím me segura para não cair ao chão, passo todo o meu gelado de *Nutella* na camisa que ele está a vestir, enquanto sussurro:

– O que... o que é que disseste?

Sem olhar ou importar-se com a enorme mancha de gelado que deixei na sua bonita camisa branca, ele responde:

– Eu disse que te amo. E não te assustes, que estou a ver o teu rosto e, por favor, respira, estás a assustar-me a mim.

Mãezinha... mãezinha... Este gelado tem alucinogénios?!

A minha respiração acelera. Eu acelero e, olhando para ele, sussurro:

– Mas como podes... a... isso?

– Isso chama-se «amor» – troça Naím.

Sinto-me, de imediato, terrivelmente ridícula. E então ele, agarrando o meu queixo para me olhar nos olhos, murmura:

– Adoro ver como sorris quando vês um cão, um gato ou uma formiga. Fico emocionado ao sentir a tua paixão quando comes algo de que gostas, como desfrutas de um gelado, como os teus olhos brilham quando falas ao telemóvel com a tua filha, ou como te ris de mim quando ouço aquelas canções românticas...

– Naím...

– Bastou-me conhecer-te para saber que és a mulher que sempre quis ter ao meu lado e com quem poderia ter filhos. E estou a ficar louco porque não sei o que devo fazer para romper a tua frieza e fazer-te apaixonar por mim.

Mãezinha... mãezinha...

A minha cara deve estar indecifrável. Eu queria sinceridade... bem, toma lá uma dose reforçada!

Sem saber o que responder, porque a expressão proibida e as coisas que me diz são algo por que não esperava, tiro alguns lenços de papel da minha bolsa e tento limpar a mancha da camisa dele, mas ele diz:

– Não há dúvida que adoras despejar gelado em cima de mim.

Ao ouvir isso, sorrio. Naím sorri também e, depois de tirar o lenço de papel da minha mão, faz-me olhar para ele novamente.

– Eu sei que não és tão fria quanto pareces, porque mo mostras com frequência – acrescenta. – Mas só tu podes quebrar essa armadura que insistes em levantar sempre entre nós.

Assinto. Sei que está absolutamente certo.

– Sentes algo por mim? – pergunta então.

Mãezinha... mãezinha... Acho que o gelado que comi vai coalhar!

Estou a entrar em pânico. Não sei o que dizer. Sou fria. Não sou romântica. E Naím, que vê o constrangimento no meu rosto, vai falar, mas antecipo-me:

– Eu sinto algo por ti... claro que sinto! Mas, mas...

Põe a mão na minha boca para me fazer calar e murmura:

– Calma, cubinho.

Mãezinha... mãezinha. Eu queria seduzi-lo, mas... fazê-lo apaixonar-se?!

A minha mente está a mil. Bem, qual mil, está a dois mil à hora!

– Mas como sabes que me... me...? – pergunto.

– Porque és o meu primeiro pensamento ao acordar e o último antes de dormir. E se acrescentar a isso tudo o que já te disse, e que adoro que, volta e meia, me untes com gelado... – sorrimos ambos –, bem, dois mais dois são quatro!

Mãezinha... mãezinha... As coisas que me está a dizer são uma declaração de amor.

– Os meus pais contavam sempre que se apaixonaram por culpa de uma música – continua –, e embora nunca tenha acreditado no cupido, bastou conhecer-te e...

Agora sou eu que ponho a mão na boca dele. Estou assustada, literalmente assustada com o que ouço.

– Naím, sabes o que estás a dizer? – sussurro.

Ele assente. Respira fundo e, depois de me soltar e de juntar as suas mãos, diz:

– Sim, *ratita*. Sei que posso estar a fazer a maior figura de parvo da minha vida, mas quem não arrisca não petisca. E mesmo que seja difícil para ti

dizer «amo-te» ou «estou apaixonada por ti», decidi arriscar-me por ti.

Mãezinha, acho que se me cortar com uma faca agora não vai sair uma gota de sangue. Arriscou-se. Arriscou-se muito.

– Estar contigo é especial e fazes-me sentir tão bem – digo.

Naím sorri, beija-me nos lábios e sussurra:

– Por agora contento-me com isso.

Olhamo-nos em silêncio. Como sempre, os nossos silêncios falam por si. Mas, de repente, sinto-o passar as suas bolas de gelado de chocolate e nata no meu rosto e, a rir, declara:

– Estava em dívida contigo... *amor*.

Rimos os dois às gargalhadas. Sei que ele fez isto para atenuar a tensão do momento. E, minutos depois, sem nos importarmos com as pessoas que passam por nós, e com a cara cheia de gelado de chocolate e nata, vamos para o hotel entre gargalhadas e empurrões, qual crianças.

Uma vez no quarto, enquanto Naím tira a camisa suja de gelado e eu lavo o rosto, seco-me com a toalha e, uma vez mais, dou-me conta do momento que vivemos junto à praia.

Quando contar aos meus amigos, eles não vão acreditar!

Com a sua maneira de ser, o seu romantismo e a sua sinceridade, Naím está a desconcertar-me como ninguém na vida. Declarou-se a mim com algumas palavras de amor preciosas e românticas. A mim? A gaja mais fria do planeta?

Sou merecedora de algo assim?

Abanando-me com a mão, saio da casa de banho e vejo Naím ver algo no seu portátil. Embora estejamos de férias, ambos verificamos o *e-mail* com frequência. Somos profissionais, além de doidos! Sim, sim, doidos e responsáveis.

Inconscientemente penso em Soraya. Mas por que razão lhe telefona tanto? Se há algo que odeio são as pessoas chatas que não entendem quando as coisas acabam, e aparentemente Soraya é uma delas. Pobre Naím, até tenho pena dele. Não deve ser fácil lidar com algo assim.

Assim, deixando-o alguns minutos para fazer o que tem de fazer, vou direta para a varanda. Sentir o frescor da brisa faz-me bem para aclarar o

pensamento, mas, de repente, ouço uma música começar a tocar e inevitavelmente sorrio.

Naím e o seu romantismo.

Sei que é *Me vuelves loca*, de Armando Manzanero, Gaby Moreno e Paquito D’Rivera. E não é que eu saiba porque é o meu estilo, mas porque já ouvi esta música com Naím e ele falou-me dela.

Fechando os olhos, aprecio a música enquanto a brisa brinca com os meus cabelos, até que o sinto abraçar-me por trás e sussurrar:

– Perguntaste porque é que te amo, certo?

Assinto.

– Ouve a letra desta música e entenderás – sussurra ele no meu ouvido.

Uf, mãezinha... Uf, mãezinha!

Ouvir o que a música diz, deixa-me literalmente louca!

Estou a viver o filme mais romântico que jamais pensei viver e não consigo dizer... aquilo.

Eu, Verónica Jiménez Johnson, a gaja mais cética do mundo e a menos romântica, fui conhecer o homem mais incrível à face da Terra, que também é um romântico incurável.

Céus, é pior do que Leo e Amara juntos!

Sentir os lábios quentes de Naím no meu pescoço enquanto a música continua é uma das coisas mais sensuais e excitantes que já senti na vida. E, virando-me, olho-o nos olhos e murmuro, sem conseguir calar-me:

– Deixas-me realmente louca.

Ele sorri; vejo nos seus olhos o amor que sente por mim.

– *Ratita*, estás a melhorar e isso deixa-me contente – murmura.

Não sei o que dizer. Não sei o que fazer. E, abraçados, começamos a dançar.

Um beijo. Dois. Quatro. Beijá-lo em frente ao mar e sob este lindo manto de estrelas é uma delícia.

Sem falarmos, dançamos nos braços um do outro enquanto me deixo seduzir por ele e pela bela melodia; e quando termina e começa outra que não me soa familiar, pergunto, olhando para ele:

– Como se chama esta canção?

– Tem o nome do país a que tanto queres ir.

– *Grécia?!*

Naím concorda e sorri. Estes pequenos detalhes de se lembrar das coisas que conversamos fazem-me ver quanto se interessa por mim.

– Cantada por Elsa e Elmar – acrescenta.

Satisfeita, danço com ele, enquanto sinto que um mundo novo, em todos os sentidos possíveis e imaginários, se abre diante de mim.

– Fica a saber que pretendo levar-te à Grécia – comento, olhando para ele.

– Ficarei encantado. – Ele sorri.

Sem dizer mais nada, continuamos a dançar enquanto nos olhamos nos olhos em silêncio. Às vezes, os nossos silêncios dizem mais do que as palavras. Então, ouço-o cantarolar parte do refrão.

Sorrio. Nem sei explicar como este homem me faz sentir em tantas e tantas coisas e, precisando da sua boca, beijo-o e tenho a impressão de que o quero todo, absolutamente todo, para mim.

Capítulo 37

Depois de três dias de sonho em Lanzarote, onde Naím me mostrou lugares lindos como a praia de Jablillo, a povoação de Teguisse, com o seu bonito castelo de Santa Bárbara, e muitas outras coisas, voámos para Tenerife.

Só volto a vê-lo daqui a dois dias. Esta noite ele tem um jantar para o Prémio Bardea ao qual não pode faltar e, embora tente convencer-me a acompanhá-lo e ficar em sua casa, eu recuso. O acordo é discrição e, no final, embora com certa relutância, ele aceita. Claro, insiste em levar-me a El Médano, o que faz, e, depois de dois milhões e meio de beijos e carícias da sua parte, vai-se embora.

Uma vez sozinha no apartamento, respiro fundo. Tenho de pensar. Tenho de aclarar as minhas ideias diante do turbilhão de coisas que sinto e que nem eu mesma entendo. E quando largo a minha mala na cama e caio sobre ela, começo a insultar-me por não ter ido com Naím.

Mas que diabos está a acontecer-me?

Digo-lhe que não quero ir e depois quero ir?

Olho para o relógio. É meio-dia. O que vou fazer dois dias sem o ver?

Deitada na cama, repasso, uma e outra vez, o que vivi com ele. Tem sido incrível, impressionante. Então, ouço o meu telemóvel tocar. Rebolando na cama, vou até ele e, vendo que é Begoña, atendo e vou cumprimentá-la quando ouço:

– Verónica, ele não para de chorar, está muito quente e não consigo localizar o Gael...

Saio imediatamente da cama. A minha bolha romântica estoura e, pensando rápido, digo:

– Estou aí em meia hora!

Acelerada, pego na minha carteira, nas chaves, no telemóvel e saio a correr do apartamento. Como imaginei, demoro vinte e cinco minutos de táxi, e, quando chego, depois de cumprimentar Begoña e ver Lionel a gritar a plenos pulmões, não sei o que fazer. Se Amara estivesse aqui, tenho a certeza de que resolveria isto rapidamente.

– Vamos para o hospital! – digo.

Sem perder tempo, chegamos de táxi ao hospital Quirónsalud Costa Adeje e, quando descemos do carro, Begoña sussurra, olhando para mim:

– É um hospital privado e eu... não sei se posso pagar uma coisa destas.

– Não te preocupes. Eu posso – digo, confiante.

A partir desse momento, assumo o comando da situação. Como mãe de primeira viagem, Begoña está completamente bloqueada, e faço o que é necessário para que a criança seja atendida o mais rápido possível.

No final, consigo entrar em contacto com Gael. O coitado, quando ouve a minha voz e lhe digo onde estamos, leva o susto do século e diz-me que vem para cá imediatamente.

Enquanto Begoña acompanha Lionel no atendimento, decido descer à cafetaria para tomar um refresco. Tenho a garganta seca. Então, recebo uma mensagem de Naím:

Como está o meu
cubinho?

Acho graça, sorrio, e evitando dizer onde estou, respondo:

Muito bem, mas com
saudades.

Vejo que ele escreve e, segundos depois, leio:

O que fazes?

Olho em redor. Como posso dizer-lhe que estou no hospital com o seu sobrinho-neto? E, mentindo, escrevo:

Na praia, a apanhar sol.

Porra, porra, como me sinto mal. Estou a mentir a Naím. Estou a esconder algo de vital importância da família Acosta, mas prometi a Gael que não diria nada, e quando prometo, prometo de verdade.

Conversamos por alguns minutos. Ele diz-me que está em casa com *Donut*, o seu cão, até nos despedirmos e eu lhe dizer que espero que ele se divirta no jantar.

Quando paro de conversar com ele, sorrio como uma palerma e, de repente, olhando para a direita, vejo nada mais nada menos do que Florencia, que está sentada a duas mesas de distância com algumas mulheres.

Mãeziiiiinha!

Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus... que não me veja!

Se me vir, o que lhe digo que estou a fazer aqui?

Paro imediatamente de olhar enquanto sinto o meu coração acelerar. Por sorte, ela não me vê e, olhando para a janela que dá para a rua, de repente tenho vontade de morrer ao ver que Gael chega de moto.

Ai, Deus, que ela vai vêêêê-lo!

Cobrindo rapidamente o rosto com o cabelo, olho para Florencia. Está tão absorta na conversa com as amigas que, felizmente, não olha para a janela. Tenho de sair. Tenho de avisar Gael da presença da mãe e, como uma espiã russa do KGB, saio da cafetaria. Porém, quando penso que já salvei a situação, ouço:

– Julia!

Fico parada. Não olho. Com certeza, não me estão a chamar a mim, mas insistem:

– Julia de Valladolid... És tu?

Porra... porra... Quem me reconheceu?

E, virando-me, percebo que Florencia não me consegue ver onde estou, mas quero fugir ao ver Mireia.

Mãezinha, seria possível ter mais azar?

Como sempre, a gaja não podia estar mais linda. Confirmo que ela é daquelas que põem um polvo na cabeça e o usam como se fosse uma coroa.

– Olá! – cumprimento-a com um sorriso.

Mireia aproxima-se de mim e dá-me dois beijos.

– O que fazes por aqui?

Penso. Penso rapidamente enquanto, de onde estou, vejo que Florencia ainda está a conversar com as amigas e Gael está a pôr a corrente na mota.

– Vim visitar uma amiga – digo finalmente. – Estou de saída.

– Espero que a tua amiga não tenha nada de grave.

Sorrio. Procuro manter a calma, que me falta, e digo:

– Não. Uma parvoíce. Está bem.

Mireia assente. Vejo que me estuda. Não sei se acredita em mim ou não, e então vejo que Gael, após terminar de pôr a corrente na mota, começa a caminhar em direção à entrada.

– Estou com Florencia, a irmã de Naím, na cafetaria. Conhece-la? – pergunta Mireia.

Abano imediatamente a cabeça. Mãezinha, que mentirosa estou a tornar-me. E, olhando para o relógio, e querendo sair a correr, digo:

– Estou com pressa, Mireia. Desculpa, mas...

– Ei, sabes alguma coisa de Naím? – interrompe-me ela. – Não tenho notícias dele há dias.

Bem, bem, bem. Ao ouvi-la, não sei o que sobe pelo meu corpo, mas, contendo-me, respondo:

– Não. Não sei nada.

Por alguns segundos, olhamos diretamente nos olhos uma da outra. É evidente aquilo que ambas pensamos e calamos. Então, Mireia sorri e diz:

– Não te detenho mais. Vemo-nos noutra altura. E, ei, fico contente por ver que a tua borbulha na testa desapareceu. Era gigantesca!

Com um sorriso, aceno. Não a mando à merda porque não tenho tempo e corro para a entrada. Ali, apanho Gael de surpresa e, parando-o para que Mireia não o veja, sibilo:

– A tua mãe está aqui!

Ele olha-me horrorizado e, compreendendo a sua pergunta muda, digo, omitindo que conheço Mireia ou terei de lhe explicar também:

– Ela está no refeitório com algumas mulheres. E não, ela não sabe nada sobre a Begoña e o Lionel. Anda!

Vejo que respira aliviado e, depois de verificar que Mireia já não está onde a deixei, corremos para as escadas para irmos ao piso da pediatria. Quem nos vê a correr pelo corredor como desalmados pensa, certamente, que já estamos demasiado crescidinhos para fazer isto!

Horas depois, estávamos todos mais tranquilos sabendo que o problema de Lionel era uma simples dor de barriga. As terríveis cólicas dos bebés lactantes. E, quando estamos prestes a deixar o hospital, mais uma vez temos de fazer um número de espionagem. Eu desço primeiro, faço uma incursão para verificar se nem Florencia nem Mireia estão lá e, quando constato que a costa está livre, mando uma mensagem a Gael para que desçam.

De táxi, acompanho Begoña e Lionel, enquanto Gael nos segue de mota. E, quando chegamos ao apartamento dela, depois de lhes dar um beijo e dizer-lhes que me chamem para o que precisarem, volto para o meu apartamento e, embora não seja muito crente, peço a Deus e a todos os santos que Mireia não mande mensagem a Naím a dizer que me viu no hospital. Se isso acontecer, terei de inventar alguma coisa...

Capítulo 38

À tarde, depois de tomar banho, prender o cabelo num rabo de cavalo alto e vestir uma *T-shirt* da Pink e umas cuecas, ligo aos meus pais. Eles estão a cuidar de *Paulova*. Levaram-na para casa e, como sempre, ela já fez panelinha com *Tinto*. Que fofa a minha *cadelogata*! Mais tarde, consigo falar com Zoé, pois nem sempre que lhe ligo ela está disponível, e sinto que a minha felicidade é total.

A minha menina está bem. Está feliz. Pensar na dificuldade por que Gael está a passar faz-me entender como é importante que Zoé confie em mim, e conto-lhe que tenho tudo tratado para ir vê-la à Antártida. Ela pede para não me esquecer dos seus biscoitos favoritos. Acha realmente que me vou esquecer? Eu? A sua mãe?

Depois de abrir o meu computador, decido verificar os *e-mails* que recebi dos clientes. Indiferentes ao facto de eu estar de férias, alguns continuam a mandar-me mensagens.

Durante algum tempo respondo a *e-mails* e, quando fecho o computador, não consigo parar de pensar em Naím. Como estará a correr o jantar?

Em várias ocasiões, sinto-me tentada a enviar-lhe uma mensagem. Antes de sair, fez-me prometer que lhe ligaria se precisasse de falar com ele. Eu disse-lhe o mesmo, mas não quero ser chatinha. Sei que não sou sua namorada nem ele é meu namorado, e não posso nem devo pedir explicações sobre o que faz ou deixa de fazer, pois sei que, a mim, isso me incomodaria muito.

No entanto, sinto falta dele. Sinto tanto a falta dele que nem sequer consigo ver televisão sem tirá-lo da cabeça.

O meu telemóvel soa. Olho rapidamente para ele.

Amor, penso em ti.

Assim que leio a mensagem... desfaço-me.

Por favor, por favor, por favor, como é fofo!

Com as suas bonitas e contínuas demonstrações de carinho, com a sua forma de dizer constantemente «Estou aqui!», Naím faz-me sentir especial; está a virar-me do avesso como uma meia e está a descongelar-me de tal forma que acho que vou desidratar!

Sorrindo como uma idiota, leio a mensagem meia dúzia de vezes. Eu gosto. Adoro tê-la recebido. Penso em responder, mas quando vou fazê-lo paro. O que digo? Não sou de ficar melosa. OK, o termo *melosa* não é o melhor que posso usar agora, já que aprecio o que ele me escreveu. Mas ele é ele e eu sou eu. Portanto, depois de pensar nisso, escrevo:

OK.

Carrego em «Enviar», insultando-me mal faço isso. Céus, como é que posso ter respondido isso? Por que razão não consigo dizer-lhe algo mais romântico?

Espero. Vai escrever-me outra vez? Mas não, não o faz. Normal. Com o que lhe respondi, deve ter perdido a vontade. Ele, a pensar em mim, a chamar-me «amor» e eu retribuo com um «OK»!

Sinto-me muito mal. Odeio a minha frieza e odeio-me. Porque é que não consigo ser mais carinhosa com ele?

O tempo passa muito devagar e, pela uma da manhã, estou a dar voltas pelo apartamento enquanto um zumbido estranho que identifico como ciúmes não me deixa dormir, principalmente depois da minha mensagem fria.

De repente, a solidão sufoca-me e, sentada na rede do terraço, pego no telemóvel, procuro uma das minhas *playlists* no Spotify e começo a ouvi-la

enquanto olho para as estrelas. Toca uma música eletrónica, daquelas que sempre ouvi e que tanto horroriza Naím, e sorrio. Naím, Naím, Naím. Porque é que tudo me lembra dele agora?

Alguns minutos depois, paro a música que está a tocar e, precisando de senti-lo perto, mesmo que seja através da música, coloco a *playlist* que criei com as músicas que sei que ele gosta.

Mãezinha... que melosa estou a ficar!

Toca *A un beso* e, fechando os olhos, sorrio. Esta canção sensual já faz parte de nós, tal como *Me vuelves loca*, *Grecia* e tantas outras, qual delas a mais romântica. E quando *Propuesta*, de Kalimba, começa a tocar, lembro-me de que Naím me contou que inicialmente era cantada por Roberto Carlos, um cantor brasileiro de quem a sua mãe gostava muito.

As melodias de que Naím gosta são especiais, e as letras são tão românticas que é isso que está a desequilibrar-me. A minha relação com o género masculino sempre foi, com exceção do meu pai e de Leo, fria e impessoal, mas com Naím estou a descongelar. Ele, com a sua forma de me olhar, de me abraçar, de me seduzir, de cuidar de mim, de me declarar o seu amor, está a fazer-me precisar disso, e esta estranha sensação deixa-me ansiosa.

Tenho de falar com alguém. Mas, claro, a esta hora, a quem ligo?

Finalmente, penso em Amara. Talvez esteja de serviço no hospital... e escrevo no WhatsApp:

Socooooooooo. Se
estiveres aí, liga-me.

Espero alguns segundos até que, de repente, o meu telemóvel se ilumina e sorrio ao ver a foto de Amara no ecrã. Respondo de imediato e ouço-a dizer num sussurro:

– Olá, querida. Estou com duas pacientes em trabalho de parto, por isso não sei quanto tempo poderei falar. Mas diz-me, o que aconteceu para me ligares a esta hora?

Sinto que ouvir a sua voz me conforta e sussurro:

- Ele disse que... que... aquilo!
- Aquilo? O que é aquilo? – pergunta, alarmada.

Eu bufo, afasto o cabelo do rosto e respondo:

- Bem, ele... ele... aquilo!
- Ele disse-te a expressão proibida?
- Sim.
- Disse que te ama? – pergunta Amara, incrédula.
- Sim.

A minha amiga bufa e sussurra:

- Não há dúvida que Deus dá nozes a quem não tem dentes.
- Amara!

Ri-se, ela é assim.

- Porque é que eu, querendo encontrar um tipo tão romântico, não consigo? – insiste.

- E eu é que sei!

Ambas rimos, e eu continuo:

- Ele disse-me que está louco por mim, e eu estou a morrer de medo de que... que... eu não sei o que fazer ou dizer!

Assim que digo isso, ouço-a exclamar:

- Mãe do céu! Não acredito... – E, logo em seguida, grita: – Almudena, vou à casa de banho! Sim, sim, mulher, vou tentar ser rápida, mas acho que o jantar não me caiu bem...

Sorrio. Amara já arranjou tempo para mim. A seguir, diz, baixinho:

- Dá-me um segundo, vou à casa de banho.

Em silêncio espero que ela lá chegue e, depois de ouvir uma porta fechar, ela diz:

- Pelo amor de Deeeeeeus... mas o que me estás a dizer?

Sem perder um segundo, porque sei que o seu tempo é precioso, conto-lhe, à pressa, tudo o que aconteceu, porque não consigo sequer organizar-me mentalmente. E, quando termino, ela sussurra:

- Acredito porque és tu, porque se fosse outra pessoa a contar-me isso, acharia que era fantasia. Existem tipos assim tão incríveis?!

Rio-me. Rimos as duas e eu acrescento:

– Ele escreveu-me uma mensagem há pouco a dizer «Amor, penso em ti»
e...

– Morro de amor...

– E eu respondi-lhe: «OK».

– «OK»?!

– Sim, «OK»!

– És parva... Como pudeste responder-lhe isso?

– Não sei!

Amara bufa.

– Claro, ao teu lado a rainha do gelo é uma mera principiante...

Silenciosamente, aceno. Sem dúvida, agi mal.

– O Naím é dos teus – comento a seguir. – Ele adora Manuel Carrasco.

Quando a minha amiga me ouve, solta uma risada.

– Isso diz-me que é boa pessoa – comenta ela. – Porque é que não consigo encontrar um homem tão romântico para mim?

Divertidas, rimo-nos disso.

– O que queres fazer quanto a isso? – pergunta logo depois.

A sua pergunta desconcerta-me. A verdade é que, ultimamente, tudo me desconcerta. E Amara insiste:

– Vamos ver, eu sei que o romantismo e tu nunca foram muito próximos, mas...

– Eu gosto dele e, através das letras das canções, ele diz-me tanto – interrompo-a –, que juro que até sinto um aperto no peito. Vê lá que até ouço música romântica e gosto... Céus, eu goooosto!

– Mãe do céu, querida, bateu-te realmente forte!

Rio-me... só me resta rir.

– Sabes? – acrescenta. – Conhecendo-te como conheço, diria que estás a apaixonar-te.

– Disparate!

– Querida, acredita: estás a apaixonar-te!

Ouvir isso faz a minha respiração acelerar e, em voz baixa, pergunto:

– Achas?

– Acho, claro que acho... E sabes porquê? Bem, porque basta ouvir a tua vozinha de apaixonada quando falas dele e a inquietação que sinto em ti.

Mãezinha, devo estar mesmo apalermada para Amara me dizer isto.

– Estou a morrer de medo... – sussurro.

– Normal! Eu também estaria. Além disso, não sei como continuas a respirar.

– Amara!

A minha amiga ri-se; a gaja é uma gozona.

– Querida, aproveita. Vive – aconselha ela.

– Mas...

– Deixa-te de *mas*, Verónica Jiménez, ou juro que apanho o primeiro avião que sair para Tenerife, vou ao teu apartamento e dou-te uma surra por seres tão pessimista e não queres dar uma oportunidade ao amor.

Suspiro. Sopro. Entendo o que me diz.

– Só volto a vê-lo daqui a dois dias – sussurro.

– Porque...?

– Ele tem compromissos e eu não penso ir ao seu encontro. Alguém poderia ver-nos.

– Era o que faltava... acima de tudo és um cubinho de gelo! – troça ela.

Sinto-me ridícula... a gaja mais ridícula do mundo da minha idade.

– Céus, Amara... – resmungo. – O que vou fazer durante dois dias sem ele?

– Ui, querida, apaixonada é pouco! – Ela ri-se.

– Ai, Amara, o que me aconteceu?

– Apaixonaste-te. Repete comigo: «A-pai-xo-na-da».

Recuso. E ela insiste:

– A paixão existe!

– Mas eu não sou uma pessoa de paixões.

– Querida, assume: o cupido é um sacaninha que atacou quando menos esperavas.

Ouvir isso faz-nos rir às duas.

– O homem está a arriscar-se – continua a minha amiga. – Ele está a dar tudo de si por ti. Porque é que não fazes o mesmo de uma vez?

Não respondo, não consigo. A minha maldita insegurança impede-me.

E, pensando na minha iminente viagem à Antártida, sussurro:

– Tenho de falar com a Zoé. Preciso de contar-lhe o que se passa comigo.

– Parece-me bem, desde que não te esqueças de que a tua filha vive a vida dela e tu tens de viver a tua. Não te escondas atrás da Zoé, como sempre fizeste, para te recusares a ter uma relação.

Concordo. Sei que ela tem razão.

– Atreve-te a amar, Vero. E, se te enganares, enganas, mas ousa, caramba!

Aceno novamente e, depois, ela pergunta:

– O sobrinho já contou à família que foi pai?

Sem hesitar, conto-lhe tudo o que aconteceu e ela murmura:

– Que cena... E tu metida na trama.

Suspiro. Estou a mentir a todos. A Naím, à sua família, a Mireia... A todos! Mas não quero falar sobre eles, por isso peço para mudarmos de assunto:

– O Leo e a Mercedes estão bem?

– O Leo, em Benidorm com a Pili e as crianças, e falei com a Mercedes ontem e pareceu-me bem. – Fico satisfeita. E, então, Amara diz: – Agora, tenho de te deixar ou a minha colega vai ter um colapso se eu não regressar à sala de partos imediatamente.

Consciente de que ela está a trabalhar, sussurro:

– Amo-te, amo-te, amo-te. Obrigada por estares sempre aí.

Ouçó Amara rir-se e rio-me quando ela diz:

– Eu também, mas esse «amo-te» tem de ser praticado e dito a ele, porque acho que ele precisa. Descripta de uma vez a expressão e di-la ao homem. E, quanto ao agradecimento, eu entrego-te a fatura do psicólogo a que vou ter de ir por ter de te aturar...

Dito isto, despedimo-nos entre gargalhadas e desligo o telemóvel, e, deslizando pela parede, penso: «Estou... aquilo? O que sinto é amor? E, sobretudo, será que ousar atrever-me?»

Capítulo 39

Às duas e meia da manhã ainda estou acordada, revirando a cabeça com tudo o que conversei com Amara, enquanto estou no terraço a ouvir uma música romântica.

Meu Deus, que dose estou a dar-me!

Ouçó, em *loop*, a melodia de *A un beso*, durante um longo tempo, e a letra... Deus, a letra...! Sinto-me tão identificada com ela. Sem dúvida, Naím é transparente desde o primeiro dia em que o conheci. Ele, sem truques, sendo apenas ele, encanta-me com a magia do seu olhar.

Também ponho a tocar aquela música que sei que ele tanto gosta: *Tu olvido*. Analiso a letra. É linda, mas também é triste. Fala sobre amor e desgosto e... uf, fico com os pelos arrepiados!

Em seguida, começa a tocar *Delirio*, de Luis Miguel. Aiiii, que liiiinda!

Mãezinha... mãezinha, o quanto gosto desta música. Lembro-me de que em La Graciosa, numa noite em que estávamos a ver as estrelas, quando começou a tocar esta música, Naím se levantou, estendeu a mão e convidou-me para dançar.

Que momento!

Fecho os olhos e recordo. Fantasio.

Céus, Amara está certa. Estou... aquilo! Eu estou... aquilo?!

Penso, penso e repenso. A dor que senti com o pai de Zoé não precisa de se repetir. Naím não tem nada a ver com ele. Cada pessoa é diferente, e eu não tenho de descontar as minhas frustrações nele.

A realidade é que já não tenho quinze anos e não sou a miúda tonta que foi seduzida por um conquistador italiano. Agora, tenho trinta e oito anos,

sou adulta e acredito – e digo «acredito» porque posso estar enganada – que Naím é diferente.

Sou uma mulher e uma mãe independente, com os pés assentes no chão, que sabe que o amor nem sempre é cor-de-rosa. A vida fez-me ver que existem diferentes cores, e que, diante da cor que estou a descobrir, não quero parar.

Estou a sorrir como uma idiota quando começa a tocar *Qué nos está pasando?*, de Manuel Carrasco.

O que Amara não conseguiu em anos, Naím conseguiu em poucos dias. Ouvir Manuel Carrasco é uma delícia, e as suas canções, como diz a minha amiga, prendem e apaixonam! Estou a cantarolar quando o meu telemóvel vibra e eu leio:

Acordada?

É Naím. O meu sorriso alarga-se. Ele escreveu-me de novo! E corro para digitar:

Sim.

Saber que, mesmo longe, continua preocupado comigo, mesmo sendo a gaja mais burra e fria do mundo com ele, agrada-me, agrada-me muito. E, de repente, leio:

Estou em frente à tua
porta.

Salto da rede. Corro para a porta como se não houvesse amanhã, e quando a abro e o vejo ali, tão lindo e com o seu fato impecável, enquanto eu estou toda desarranjada de cuecas e *T-shirt*, atiro-me para cima dele, pendurada como um macaco, e sorrio feliz ao sentir os seus braços à minha volta.

– Sim, eu sei, vim antes do tempo – diz ele.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus... Como estou feliz!

Olho para ele. Quero dizer-lhe que estou... estou... aquilo! Mas, caramba, não consigo pronunciar as palavras. Naím olha para mim, sabe que estou a tentar dizer alguma coisa, mas, não conseguindo deixar escapar o que não consigo sequer soletrar, beijo-o e apresso-me a dizer:

– Amor, adoro que estejas aqui.

Ele pestaneja e olha para mim, espantado.

– Chamaste-me «amor»?

Sem hesitar, eu aceno. Céus, como me sinto bem depois de ter dito, de coração, esta palavra carinhosa. Então, Naím, a sorrir, sussurra divertido:

– Quem és tu e o que fizeste com o meu cubinho de gelo?

A felicidade deste momento só se compara à felicidade que sinto sempre que Zoé me liga e, sem dizer mais nada, beijo-o. Adoraria falar sobre o que pensei. De como me sinto. Dizer-lhe... aquilo olhando nos seus olhos. Mas não consigo. Não sai e decido ficar quieta até conseguir entender-me.

Quando o nosso beijo termina, Naím encara-me.

O que se passa?

Tenho ranho no nariz?

Toco rapidamente no nariz. Não, não tenho nada, mas o seu olhar preocupa-me, atormenta-me, perturba-me. Não sei o que se passa. E, de repente, ele pergunta com uma expressão preocupada:

– Estás a ouvir Manuel Carrasco?

Divertida, assinto. Que safado!

E, pronta para fazer coisas especiais por ele como ele faz por mim, ponho a minha boca no seu ouvido e cantarolo.

Mas não consigo continuar a cantar. Naím beija-me. O que acabei de fazer, de dizer, ele sabe que é muito para uma rainha do gelo como eu. Carregando-me no ombro, dá-me uma palmadinha no traseiro e, começando a caminhar para o quarto, diz:

– Amor, agora vou contar-te o que está a acontecer connosco.

E diz-me... bem, e como o diz!

Capítulo 40

Alguns dias se passam e a minha felicidade e a minha vontade de dizer... aquilo começa a assustar-me.

A sério que estou a viver isto?

Estou a pensar seriamente na expressão proibida?

Naím e eu planeamos passar o fim de semana em La Gomera. Segundo me contou, um amigo empresta-lhe um pequeno apartamento lá, e fazemos muitos planos, entre os quais levar-me a uma praia chamada La Negra. Diz que é uma pequena praia de seixos e areia preta que costuma estar vazia e de onde, segundo ele, se pode ver um belo pôr do sol.

Estou a preparar uma mala com as coisas que vou levar. Naím vem buscar-me dentro de três horas, e eu aproveito o momento enquanto ouço a minha música de fundo. Nesse momento, o meu telemóvel toca e, vendo que é Leo, sorrio e cumprimento:

– Olha se não é o meu grande Leo Morales... que honra sinto com o teu telefonema. Que tal Benidorm?

Um silêncio estranho faz o meu sorriso desaparecer numa questão de segundos. Então, ouço-o dizer:

– Querida, estou em Madrid.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Sei que algo mau aconteceu.

– Não te assustes – continua ele –, mas a Mercedes está no hospital.

Assusto-me. Claro que assusto! Sento-me na cama e pergunto em voz baixa:

– O que aconteceu?

Ouço Leo suspirar e depois murmurar:

– A Dalila deixou-a. E ela tomou um frasco de comprimidos.

– Porra! Não... não... não...

– Tem calma. Ela está bem. Agora, a Amara está com ela e aproveitei para te ligar.

Ouvir isso faz-me fechar os olhos. A minha mente bloqueia, fica em branco. Sei quanto Mercedes ama Dalila. Imediatamente, abro os olhos, levanto-me e digo:

– Apanho o primeiro avião para aí.

Sem demora, desligo a chamada e, depois de simplesmente apanhar a minha bolsa e o telemóvel, corro para o aeroporto sem pensar em mais nada nem em ninguém. Só na Mercedes.

Cinco horas depois estou em Madrid, chegando de táxi ao hospital. Quando ligo o telemóvel ao sair do avião, vejo que tenho várias chamadas não atendidas e várias mensagens de Naím e de Liam. Ver isso faz-me perceber o meu erro. Devia tê-lo avisado.

Ligo-lhe? Não lhe ligo?

Uf, hesito. A verdade é que estou nervosa e, se ele me disser algo menos simpático, conheço-me e... bem, é melhor não.

Cinco minutos depois, quando chego ao hospital, o meu telemóvel toca. É Naím. Agora tenho de atender e, pegando nele, digo:

– Desculpa... desculpa...

– Onde estás? O que se passa?

Vejo Amara ali, está a fumar um cigarro, e vê-me. Acenamos uma para a outra e eu caminho em direção a ela enquanto respondo:

– Estou em Madrid.

– Em Madrid? Como estás em Madrid? – pergunta, incrédulo.

Assinto com a cabeça, como se ele pudesse ver-me, e explico:

– Eles ligaram-me. A Mercedes está no hospital.

– O que lhe aconteceu? Está bem?

Chego junto de Amara, trocamos dois beijos e respondo a Naím:

– Vou contar-te, mas...

– Não me podias ter avisado? Ligar-me pelo menos? Porra, Verónica, não podias ter-me contado o que estava a acontecer para eu não enlouquecer à tua procura e arrombar a porta do apartamento com receio de que algo te tivesse acontecido?

Surpresa com o que acaba de dizer, murmuro:

– Arrombaste a porta?

– Literalmente.

Faz-me rir. Meu Deus, que ímpeto. Mas o sorriso desaparece do meu rosto quando Naím protesta novamente, e eu, que estou nervosa e que, assim, fico com o pavio ainda mais curto, exclamo:

– Ei, olha, eu pedi desculpa. Sei que devia ter-te avisado e não o fiz. Mas acabei de chegar a Madrid, estou preocupada e a única coisa que me interessa neste momento é saber o que aconteceu à Mercedes. Por isso, é bom que te cales. Fui clara?!

Faz-se um silêncio sepulcral do outro lado da linha. Sei que acabei de passar dos limites, que não devia ter falado com ele assim, e então a chamada vai abaixo.

Incrédula, olho para Amara. Ele desligou-me na cara!

– Mas este gajo é estúpido?! – sussurro.

A minha amiga suspira e encolhe os ombros.

– Eu também te teria desligado na cara– responde ela –, embora, provavelmente, te tivesse mandado à merda antes de o fazer.

Eu bufo.

– A sério que vieste sem lhe dizer nada? – insiste ela.

Concordo com a cabeça. Estou chateada, irritada e, sem querer falar dele, pego no meu maço de tabaco, acendo um cigarro e pergunto:

– Como está a Mercedes?

Amara suspira.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Bem, aconteceu o que nenhum de nós queria que acontecesse, mas sabíamos que poderia acontecer.

Assinto. Sei que tem razão.

– Ontem à noite, a Mercedes ligou-me às três da manhã – conta-me Amara. – Pela voz dela e pelas coisas incoerentes que dizia, percebi que alguma coisa se passava e fui a casa dela. Entrei e encontrei-a deitada na sala. Tinha tomado um frasco de comprimidos.

– Não... – suspiro, horrorizada.

– Liguei para o serviço de emergência, eles fizeram o trabalho deles e depois pedi para a trazerem para este hospital, pois como trabalho aqui, tenho-a mais controlada.

Horrorizada, cubro a boca com a mão. A minha amiga abraça-me. Lágrimas brotam dos meus olhos e ela, olhando para mim, sussurra:

– Agora está bem. Juro.

– Mas, Amara... – Não consigo continuar.

O que a Mercedes fez é grave, muito grave, tanto que nem sei como lidar com a situação.

– Liguei para o Leo e ele veio rapidamente de Benidorm – acrescenta Amara. – Ele está no quarto com ela agora.

Concordo com a cabeça, limpo as lágrimas e pergunto:

– E a família dela?

– A Mercedes não quis que avisássemos ninguém. Já sabes que a relação dela com eles não é muito boa e... bem, só estamos nós.

Concordo com a cabeça, respiro fundo e vou a falar quando Amara continua:

– Sei que não era algo que pensávamos que pudesse fazer, mas aconteceu. A Mercedes cruzou uma linha que nunca devia ter cruzado, e tanto eu como o Leo lhe estamos a dizer que lhe vamos procurar a ajuda de um profissional.

– Eu junto-me a vocês.

A minha amiga assente. Parece-me bem, mas o susto que apanhou deve ter sido considerável.

– O amor é uma santíssima merda – murmuro.

– Não, querida – corrige Amara. – O amor não é uma merda, as pessoas são uma merda.

Suspiro, bufo e, entendendo o que ela diz, sugiro:

– Vamos entrar, quero ver a Mercedes.

Silenciosamente e de mãos dadas, Amara e eu entramos no hospital e caminhamos até ao elevador. Subimos, carregamos no botão do terceiro piso e, ao sair, paramos em frente ao quarto 326.

Inspiro fundo. Não sei o que vou dizer a Mercedes. Então, Amara, olhando para mim, pergunta-me:

– Estás bem?

Abano a cabeça e ela sugere:

– Queres ir dar uma volta e...?

– Quero entrar – interrompo-a.

A minha amiga acena com a cabeça, não diz mais nada e, abrindo a porta, entramos no quarto. Leo vê-me. Levanta-se de onde está, vem na minha direção, beija-me carinhosamente e sussurra:

– Ela está a dormir.

Olho para os meus amigos, que parecem cansados, e digo-lhes:

– Vão à cafetaria comer alguma coisa. Eu fico com ela.

Sem hesitarem, concordam e, quando saem, pouso a minha bolsa numa mesinha e aproximo-me cuidadosamente da cama. Mercedes está de lado, de olhos fechados. A sua aparência é a mesma de sempre. E, depois de respirar fundo, sento-me na cadeira que Leo deixou livre, ao lado da cama.

Com carinho, observo-a; não lhe toco para não a despertar, enquanto penso em todas as coisas boas e más que passámos juntas ao longo dos anos e em todas as coisas boas e positivas que tenho para lhe dizer.

– Não me vais dar um beijinho na testa? – Ouço.

Vejo que Mercedes olha para mim com os olhos arregalados.

– Estava a decidir se te dava na testa ou na ponta do nariz – sussurro.

Ela sorri. Eu também. E, depois de lhe dar um beijo carinhoso na bochecha, fazendo-a sentir quanto a amo, quando me sento novamente na cadeira, Mercedes diz:

– Lamento.

– Se fizeres isto outra vez, não te perdoo. Sabes o susto que nos pregaste?

Ela acena com a cabeça enquanto olhamos uma para a outra em silêncio. A conexão que os membros do Comando Chuminero têm entre si é incrível.

E, com todo o meu amor, sussurro:

– Eu amo-te tanto, sua tola.

Mercedes acena afirmativamente; sabe que o digo do fundo da minha alma.

– Eu também te amo e sinto muito ter arruinado as tuas férias.

– Isso é o que menos importa.

A minha amiga afasta o cabelo dos olhos e, quando vai responder, levantando a minha blusa para mostrar a tatuagem nas minhas costelas, murmuro:

– «No mau. No bom. E no melhor.»

Mercedes emociona-se. Esta frase é muito importante para nós por tudo o que representa.

– Fiz um disparate – choraminga ela a seguir.

Concordo com a cabeça, não o vou negar. Abraço-a. Dou-lhe todo o meu amor, todo o meu apoio, e quando, segundos depois, a sinto mais calma, dou-lhe um beijo.

– Amo-a tanto... – diz ela.

– Mas ela não te ama... – declaro sem conseguir calar-me.

Mercedes assente, sei que sabe que o que estou a dizer é verdade.

– Ela é tão bonita – diz ela num sopro de voz –, tão perfeita, tão...

– Quando deixares de procurar um físico perfeito, talvez encontres um belo coração que te ame – interrompo-a.

Quando digo isso, ela olha para mim e sussurra:

– E dizes-me isso tu, que estás de férias com um jeitosão, e que os homens que fodes parecem ter saído de uma revista de cinema?

Rio-me. Admito que quando se trata de sexo sou bastante superficial. Procuro o que me atrai. Procuro um corpo, embora nunca tenha procurado Naím.

– Se disse o que disse é porque tu procuras o amor, algo que eu nunca procurei, e sabes disso perfeitamente – argumento.

Mercedes assente.

– Está visto que há amores que só vivem nos nossos corações, mas não nas nossas vidas – sussurra. – E o meu com a Dalila é assim.

Não respondo. Não sei o que dizer sobre isso.

– Fiz a coisa mais estúpida da minha vida ao tomar aquele frasco de comprimidos, e olha que já fiz muitas... – acrescenta a seguir.

As suas palavras fazem-me sorrir.

– Sim, porque até agora o disparate número um foi a serenata que fizeste àquela Micaela de Navacerrada, vestida de havaiana em pleno janeiro, lembras-te? – Mercedes acena com a cabeça, ri-se, e eu acrescento: – Mas, sem dúvida, esta superou.

Olhamo-nos por alguns instantes em silêncio, e então ela murmura:

– Não contes à Zoé nem aos teus pais. Não quero que...

– Fica tranquila. Não vou contar-lhes nada, prometo.

A minha amiga olha-me, agradecida.

– Não sei o que me deu – explica. – Só sei que a minha mente ficou nublada ao pensar que a Dalila me estava a deixar outra vez e...

– Ouve, querida – interrompo-a –, acho que isto que aconteceu deve fazer-te ver que a tua relação com a Dalila tem de terminar de uma vez por todas. Ela é como é. Não vou fazer considerações sobre se é melhor ou pior pessoa. Mas tu estás à procura de amor, e ela não, e sabes disso tão bem quanto eu.

Ela não protesta. Ouve-me. À sua maneira, entende as minhas palavras.

– Recentemente – continuo –, a conversar com a Amara, ela contou-me uma coisa que a mãe daquele idiota do Óscar lhe disse, e que foi que para apanhar um bom comboio a tempo, primeiro tens de perder o anterior. –

Mercedes olha para mim. Sei que entende as minhas palavras e acrescento: – Dito isso, eu quero, desejo e preciso que comeces a pensar na Dalila como algo passado, e a partir de agora tudo o que vier é novo e futuro, entendido?

A minha amiga assente. Está emocionada. Sabe que o que digo é o melhor para ela. Durante alguns segundos chora a sua dor. Chora pelo desgosto. E quando vejo que se acalma, depois de lhe dar um beijo na ponta do nariz como o meu pai faz, Mercedes olha para mim e sussurra:

– O que me estás a dizer, de que a partir de agora tudo é novo e é futuro, já to disse mil vezes, para que te dê uma oportunidade na vida.

– Eu sei.

– E nunca me ouviste.

– Também sei disso – troço, divertida.

Olhamos uma para a outra, sorrimos e ela sussurra:

– Sempre fui fã de querer o proibido.

– Todos carregamos as nossas mochilas às costas. Tu essa. Eu outra. Outra pessoa, carregará a sua, não achas?

Ambas acenamos com a cabeça e, depois, ela sussurra:

– Odeio a Dalila. Juro-te que, como se costuma dizer, com ela passei do amor ao ódio.

Sinto pena ao ouvir isso. Esse sentimento de raiva, fúria e indignação era o que eu sentia pelo pai de Zoé.

– Eu dizia exatamente isso sobre o *esparguetini* quando me senti traída por ele – digo. – E, sabes? Lembro-me de que, um dia, quando eu disse isso, a minha mãe me disse que eu estava errada, porque o oposto do amor não é o sentimento de ódio, mas o sentimento da mais absoluta indiferença. E ela estava certa. Quando aquele idiota me passou a ser totalmente indiferente, comecei a sentir-me bem.

Mercedes acena com a cabeça e sorri.

– O Leo e a Amara querem que eu procure ajuda profissional – comenta.

– Estou com eles – afirmo. – O que fizeste preocupa-nos.

A minha amiga acena afirmativamente com a cabeça.

– Vou pedir essa ajuda – diz ela em seguida. – Vou seguir as suas orientações e juro-te, pelo que quiseses, que aquela inominável vai sair da minha vida porque é contraproducente para mim.

– Muito bem dito – declaro, orgulhosa.

Ambas sorrimos e, nesse momento, o meu telemóvel toca. Olhando para ele, vejo que é uma mensagem de Naím, e suspiro ao lê-la.

– O que se passa? – pergunta-me Mercedes.

– É o Naím.

E, diretamente, mostro-lhe a mensagem, que diz:

Desculpa-me por te ter
falado torto por teres ido

ver a tua amiga sem me
dizeres nada. Espero que
ela esteja bem. Por favor,
amor, liga-me quando
puderes.

Ao terminar de ler, Mercedes olha para mim e exclama:

– «Amor»?!

Assinto.

– O Aloé Vera chama-te «amor» e tu ainda não arrancaste a cabeça dele? – insiste ela, boquiaberta.

Rio-me, é para rir. Então, Mercedes, sentada ereta na cama como se tivesse acordado de um pesadelo, insiste:

– Vieste das ilhas sem o avisar de que vinhas?

– Sim.

– Porquê?

– Porque estava com pressa e precisava de te ver o mais rápido possível.

A minha amiga abana a cabeça, boquiaberta.

– Não terias feito o mesmo? – pergunto.

Ela assente sem hesitar.

– Podes ter a certeza.

Estamos a olhar-nos quando a porta se abre e Leo e Amara aparecem. Vendo Mercedes sentada na cama, eles assustam-se e entram apressados.

– O que se passa?

– Passa-se que o Aloé Vera lhe enviou uma mensagem e a tratou por «amor»! – troça ela.

– O canarino trata-te por «amor»? – pergunta Leo.

– E «querida» e «tesouro» entre muitas outras coisas fofinhas... – específico, suspirando.

Os meus amigos entreolham-se, boquiabertos. É a primeira vez que permito que um homem me diga essas coisas, e Amara, que já sabia, ri-se.

– O que está a acontecer aqui e o que estou a perder? – pergunta Leo, olhando para mim.

A partir desse momento, a loucura é desencadeada. Conto o que se passa comigo. Tudo o que me acontece. Partilho com eles como Naím me faz sentir e as coisas boas que me diz, e, claro, os meus amigos insultam-me por quão parva e idiota eu sou por dizer... «aquilo» em vez das palavras «apaixonada» e «amo-te».

A tarde passa. São dez e meia da noite e é evidente que vamos os três dormir com Mercedes. Como Amara trabalha no hospital, ela já organizou as coisas.

– Vamos ver, Verónica – diz Leo a certa altura, enquanto dá uma trinca na sua sandes –, a pergunta é: gostas desse tipo o suficiente para fazeres planos com ele?

– Sim.

– Ai, meu Deus, chamem a enfermeira, vou ter um ataque – troça Mercedes.

Divertida ao vê-la a brincar como sempre, rio-me, e Amara insiste:

– Bem, acho que a pergunta é: por que razão não lhe dizes «amo-te»?

Todos me olham à espera de uma resposta e, com sinceridade, respondo:

– Porque não consigo.

– Como assim não consegues? – protesta Mercedes. – Ainda agora me disseste isso.

Concordo com a cabeça e mordo a minha sandes, e Amara diz com uma risada:

– A ti, a mim, ao Leo, à Zoé, aos pais, à *Paulova*... mas dizer ao Naím a expressão proibida ainda não consegue.

Como sempre, os meus amigos começam a debater e, como é habitual, fazem-me perceber como estou a ser tonta. E, de repente, Mercedes diz, dirigindo-se a mim:

– Tens de regressar a Tenerife. Já!

Aceno com a cabeça, sei que o farei.

– Quando tiveres alta – digo. – E tu virás comigo.

Ela abana a cabeça e diz:

– Amanhã, e no primeiro voo.

– Estou contigo! – declara Leo.

Agora sou eu quem abana a cabeça, mas Mercedes, que é muito senhora de si, replica:

– Vais porque eu o digo. E assim que vejas esse tipo que está a descongelar o teu maldito coração, podes dizer-lhe que o amas e comê-lo com beijos, ou juro, por tudo o que é sagrado, que não permitirei que o Leo volte a fazer croquetes de cogumelos.

Ouvir isso faz-me abrir a boca e, divertida, sussurro:

– Mercedes, com os croquetes de cogumelos do Leo não se brinca...

– Estou com ela – declara Leo. – Ou vais amanhã e fazes o que a Mercedes diz, ou não volto a fazer croquetes de cogumelos. Vais ver!

Olho para eles, indiferente. Não me importam os croquetes e insisto:

– Mas ela está no hospital e...

– Eu e o Leo revezamo-nos – insiste Amara. – Vai e resolve o que tens a resolver.

Eu bufo. Insulto-os, mas conheço-os e sei que ou vou embora, ou não me deixam em paz. E, suspirando, afirmo:

– Está bem, sei que às nove sai um avião para Tenerife. Amanhã...

– Amanhã não. Agora – interrompe-me Mercedes. – Faz a reserva agora mesmo no teu telemóvel.

É incrível. Quero protestar. Contra-argumentar. Mas, vendo como me olham, pego no telemóvel e, à frente deles, que me observam atentamente, faço a reserva. Não há dúvida de que vou regressar a Tenerife.

Capítulo 41

Depois de me despedir dos meus amigos e de Leo e Amara me prometerem que cuidarão perfeitamente de Mercedes e, claro, que não vão avisar os meus pais de que estou em Madrid, caso contrário quererão que vá vê-los, sigo para o aeroporto.

Enquanto aguardo a partida do meu voo estou feliz, mas, ao mesmo tempo, também triste. Triste por deixar os meus amigos e feliz porque sei que vou ver Naím. Embora, bem... imagino que a receção dele não vá ser a melhor.

Penso se devo ligar-lhe ou não. Como sempre, quando hesito tanto, no final não faço as coisas... por isso, não lhe ligo. Sou mais de agir impulsivamente.

Após um voo de três horas em que me calhou ir ao lado de uma senhora que não parava de falar e falar... tanto que, no final, tive de fingir que dormia para que me desse um segundo de paz, quando chego ao aeroporto de Tenerife sorrio.

Como me sinto bem aqui!

Como não tenho bagagem, pois viajei com o que tinha vestido, sem esperar mala nem nada, saio do aeroporto. Ligo o telemóvel e rapidamente vejo que Naím me ligou e, deixando-me levar pelo impulso, ligo-lhe.

– Olá – digo, esperando que o seu humor não esteja sombrio.

– Olá, amor. Onde estás?

Ao ouvir isso, suspiro. Está tudo bem. E, caminhando em direção aos táxis, respondo:

– No aeroporto. Por...?

– No aeroporto de Madrid?

– Não, de Tenerife.

Ouço-o calar-se e, depois, praguejar baixinho.

– O que se passa? – pergunto.

Ouço-o bufar pelo telemóvel, e depois dizer:

– Eu estou no aeroporto Adolfo Suárez de Madrid.

Bloqueada, paro.

– E o que fazes aí?

– O que achas? – responde.

Ouvir isso faz-me fechar os olhos. Naím foi para Madrid.

– Ai, amor... – murmuro –, não me digas que foste ter comigo?

Ri-se. Acho que precisava ouvir algo carinhoso.

– Bem, sim, *ratita* – diz ele. – Estou aqui por ti. Como não me ligavas, resolvi apanhar um avião para te vir ver e saber o que se passava com a tua amiga.

Suspiro. Coitado... porque não lhe telefonei?

– Desculpa, Naím. Desculpa não te ter avisado que ia regressar.

Não há dúvida de que está calmo, percebo isso pela sua risada. Mas, vá lá, fê-lo por mim e o sopro que eu dou, ouve-se até na Conchinchina!

– Não te preocupes – diz ele. – Vou voltar a entrar no aeroporto e tentar apanhar o primeiro voo que sair para Tenerife.

Suspiro. A cada segundo, odeio-me mais não lhe ter ligado. Sei o que é viajar de avião e, sinceramente, entrar noutra voo quando acabaste de sair de um, não é a coisa mais agradável do mundo. Mas quando vou falar, ouço-o dizer:

– Prepara-te, porque quando chegar garanto que te vou fazer pagar.

Isso diverte-me. Agrada-me. E, depois de me despedir dele e desejar boa viagem, apanho um táxi e peço ao motorista que me leve até El Médano.

Dez minutos depois, recebo uma mensagem de Naím – dentro de uma hora, embarca no próximo voo para Tenerife, e isso deixa-me muito feliz!

Enquanto estou no táxi, escrevo ao Comando Chuminero e atualizo-os. Nem dois minutos se passam quando me ligam por videochamada do telemóvel da Mercedes, e pelas risadas e palermices que dizemos uns aos outros, o taxista deve achar que somos malucos.

Quando chego ao apartamento em El Médano, fico surpresa. Efetivamente, como Naím me disse, estão a mudar a porta. Vejo um homem que está a trabalhar nisso e ele diz-me que posso passar. Já está a terminar.

Dez minutos depois, o homem chama-me. Entrega-me uma nova chave para a porta e sai. Rio-me. Naím rebentou realmente a porta por mim?

Tomo um duche, acomodo-me e, depois, ligo a Begoña para saber como estão. Conversamos muito e sinto-a feliz e positiva. Vê-se que hoje está a ter um bom dia.

Estou esfomeada e, depois de terminar a conversa, desço a um estabelecimento que vende comida para fora e compro qualquer coisa. Imagino que, quando Naím voltar, o coitado estará a morrer de fome. Depois das compras, regresso ao apartamento, onde como uma tortilha de batata com um sabor divinal, sento-me no terraço e pego no meu livro. Adoro ler.

O tempo passa mais rápido do que eu pensava e, enquanto estou encostada no varandim, vejo o carro de Naím entrar na rua e, céus, sinto o sangue a ferver!

Sem tirar os olhos dele, vejo onde estaciona e, quando ele sai... Uf, o que invade o meu corpo!

Olho para ele, divertida, e ele olha e vê-me. Pelo seu rosto sorridente, vejo que está tão feliz quanto eu e, metendo-me com ele a partir do terraço, solto:

– Ei, jeitoso! Contigo ao meu lado, o Polo Norte derrete.

Ao dizer isso, tanto Naím quanto eu soltamos uma gargalhada. As pessoas que passam na rua olham para mim. Devem pensar que estou louca! Corro para a porta. Tenho duas missões a cumprir: uma, dizer-lhe... aquilo e aqueloutro, e enchê-lo de beijos.

Ao abri-la, vejo que a porta está perfeita e, apoiando-me nela no mais puro estilo Mata Hari, espero que apareça o meu belo moreno. Ao vê-lo, procurando uma frase original, murmuro:

– Não és o Google, mas és, sem dúvida, tudo o que procuro.

Divertido, Naím assente. Aproxima-se. Aproxima-se. Aproxima-se e, olhando nos meus olhos, murmura:

– Cubinho de gelo, és o meu desejo e não quero estar com mais ninguém.

Caramba... como sempre, tudo o que ele me diz é perfeito! Que frase!

Atiro-me ao pescoço dele e agarro-me a ele como um macaco. Como-o com beijos. Sim, sim, literalmente. Mas quando quero dizer-lhe... aquilo, céus, as palavras estão presas na minha garganta!

Naím beija-me. Não imagina o que estou a pensar, e quando vejo que me é impossível dizer a expressão proibida, deixo-a para outra altura... Entramos no apartamento, fechamos a porta e, com uma urgência e um desejo irreprimíveis, despimo-nos um ao outro e, no chão da entrada, fazemos amor.

E de que maneira!

Capítulo 42

Quão rápido o tempo voa quando nos divertimos.

Faltam poucos dias para regressar a Madrid e seguir para a Antártida, e vivo numa bolha em que nem eu mesma acredito.

Felizmente, Mercedes está bem. Deram-lhe alta e, como Leo regressou para Benidorm com a família, Mercedes foi passar alguns dias a casa de Amara. Isso tranquiliza-nos a todos, especialmente a Leo e a mim, que estamos longe.

Estou na praia de El Médano a apanhar o sol matinal. Acordar e não ter Naím ao meu lado deixa-me inquieta e, depois de dar voltas na cama como uma tonta, resolvi descer para a praia, e aqui estou. São nove da manhã e sou apenas mais uma estrangeira na praia. Quando contar aos meus amigos, eles não vão acreditar.

Eu a madrugar em férias?

Hoje, em El Médano, não está vento nenhum. A manhã está calma e aproveito o sol, a paz e o mar. Que maravilha!

Enquanto dou um mergulho na bela praia, penso em Naím. Está nas caves, imerso num projeto pessoal que lhe é importante. Está a trabalhar nisso há algum tempo e, pela maneira como fala, sei como é apaixonado pelo que faz.

Estou a pensar nisso quando vejo uns jovens a caminhar pela orla da praia. Ela não terá mais de quinze anos e ele parece um pouco mais velho. Inconscientemente, quando os vejo, lembro-me de mim e daquele que é pai da minha filha. Com curiosidade, observo-os a caminharem de mãos dadas enquanto riem e conversam, e suspiro. Espero que aquela miúda seja bem mais esperta do que eu.

– Verónica!

Ao ouvir o meu nome viro-me e, surpresa ao reconhecer quem está a chamar-me, exclamo:

– Mas, Lola, o que fazes aqui?!

Rapidamente ela, que vem acompanhada de uma senhora mais velha, e eu abraçamo-nos. Lola é a amiga ou, melhor, o namorico da minha secretária Eloísa.

– A tia Muriel quis que eu viesse passar alguns dias com ela nas suas férias – explica. – Cheguei ontem à noite. – E, a sorrir, acrescenta: – A Eloísa disse-me que estavas em El Médano. Ia ligar-te esta tarde para nos vermos.

Feliz por encontrar Lola aqui, cumprimento a sua tia, que me olha a sorrir.

– Onde estão alojadas?

Lola vira-se e, apontando, diz:

– Nestes apartamentos.

Boquiaberta, rio-me e digo:

– Pelo amor de Deus, Lola, estou nos apartamentos ao lado!

Olhamo-nos divertidas, e a tia diz:

– Querida, apetece-me um café e uma torrada.

Imediatamente, ambas olhamos para o bar da praia, e Lola propõe:

– Vens connosco tomar o pequeno-almoço?

Assinto. Já tomei o pequeno-almoço, mas posso tomar outra vez sem problema.

– Claro – respondo.

Recolho as minhas coisas, agarro no outro braço da tia Muriel e, em seguida, Lola e eu caminhamos com ela em direção ao bar da praia. Sentamo-nos, pedimos três cafés com três torradas e, enquanto comemos, falamos e rimos de como o mundo é pequeno por nos termos encontrado aqui.

A tia Muriel é engraçada. Às vezes, repete as coisas, e imagino que seja algo normal na idade dela, já que tem oitenta e oito anos.

Pouco depois, a idosa quer regressar ao apartamento e eu, encantada, acompanho-as. Ao entrar, presencio o carinho com que Lola trata a tia, e

sorriso. Por fim, senta-a no sofá, põe um filme e ela e eu saímos para o terraço.

Assim que nos sentamos, Lola olha para o mar e comenta, prendendo os cabelos escuros num rabo de cavalo:

– Que maravilha! Nós peninsulares, como nos chamam por aqui – troça ela estalando a língua –, adoramos poder desfrutar de vistas como esta.

– E muito! – exclamo alegremente, olhando para o belo mar.

Durante algum tempo, conversamos sobre Eloísa e ela. Como imaginei, são amigas sem compromisso, mas com benefícios, o que não me surpreende. Conheço Eloísa e sei que é isso que combina com ela.

Lola é simpática, divertida, um tanto exagerada nos seus movimentos e amalucada. Acho que se daria muito bem com os meus amigos. De repente, vendo passar um loiro, comenta:

– Olha, eu gosto de loiras e loiros.

Isso faz-me rir, e acrescento, pensando em Naím:

– No meu caso sempre fui mais de morenos, embora tenha conhecido loiros que não eram nada maus.

O tempo passa e, ao meio-dia e meia, Muriel quer almoçar e eu, sentindo que estou a mais, digo a Lola:

– Deixo-te. Vou um pouco à praia.

– Não queres ficar para o almoço?

– Agradeço, mas não. É muito cedo para mim. Conhecendo-me, às três da tarde estaria com fome outra vez.

Lola acena com a cabeça e, depois de me acompanhar até à porta, diz:

– Ei, o que achas se, quando a minha tia adormecer esta noite, sairmos para passear por El Médano?

Aceito o convite. Não tenho nada melhor para fazer, já que hoje Naím tem outro maldito jantar com os do Prémio Bardea.

– Isso parece-me ótimo – respondo. – A que horas te convém?

Lola pensa um pouco e responde:

– Às nove e meia.

Assinto. Agrada-me ter um plano para esta noite. Em seguida, despedimo-nos e eu volto para a praia.

Capítulo 43

Basta ficar sozinha e volto a pensar em Naím. Que gaja palerma me estou a tornar! O que estará ele a fazer, além de trabalhar?

Sei que adoraria que eu fosse ao jantar esta noite, tanto quanto que fosse vê-lo ao seu local de trabalho, mas, claro, como ir sem levantar suspeitas?

Claro que não vou ao jantar. Ser a sua acompanhante faria as pessoas falarem. Mas, de repente, penso em ir visitá-lo às adegas. Porque não? A quem iria chamar a atenção que a publicitária se interessasse pelo seu trabalho?

Assim, ligo a Liam, digo-lhe que quero surpreender o seu irmão e, como esperado, ele rapidamente se torna cúmplice da situação e diz-me que está perto de El Médano e que me apanhará no meu apartamento dentro de meia hora.

Feliz e encantada, volto para lá e arranjo-me. Visto um macacão de ganga e ponho um boné, e quando Liam me apanha, estou felicíssima com alguma comida que comprei para levar.

A caminho da adega, Liam informa-me de que o pai está com a irmã e Omar em La Gomera, em visita a um familiar, pelo que é impossível que nos vejam e, o melhor de tudo, que Naím está imerso no trabalho naquilo a que chama de seu «escritório».

Um pouco depois, quando chegamos, Liam assegura-se de que o mínimo de pessoas se apercebe da minha presença e, antes de mais, verifica se Naím está sozinho no seu escritório.

– Ele está sozinho e vais surpreendê-lo – diz-me.

Acho isso divertido e, quando pego na comida que comprei, Liam diz, olhando para mim:

– Confesso que nunca tinha visto o Naím assim.

– Assim como?

Ele sorri e sussurra:

– Assim, doidinho por uma mulher.

Gosto de ouvir isso. Depois, acrescenta:

– O Naím é um tipo fantástico, mas tens de saber que é muito teimoso e, quando algo o incomoda, não raciocina até se acalmar e reconsiderar.

– Eu também sou muito teimosa – digo.

Liam sorri.

– Acredita, não tanto quanto o Naím.

Isso faz-me rir, e então ele, abrindo o seu iPad, diz:

– Eu vou ficar aqui para que ninguém entre. Mas às nove combinei jantar com uns amigos, por isso, se queres que te leve de volta a El Médano, temos de sair às seis no máximo.

– Perfeito! Combinei jantar lá com uma amiga.

– Certo! – diz ele.

Encantada com a sua gentileza, dou-lhe um beijo e garanto:

– Às seis menos um quarto estarei aqui.

Ele acena com a cabeça e, fazendo-se de vítima, acrescenta:

– Vá, entra e surpreende-o enquanto eu fico aqui sozinho, abandonado e a morrer de calor. – Ambos rimos disso, e depois ele acrescenta: – Desce as escadas à direita, depois entra no primeiro corredor à esquerda e vais vê-lo.

Satisfeita, entro na antiga fábrica, que parece meio abandonada. Rapidamente avisto as escadas que Liam me indicou e estou a descer com cuidado quando começo a ouvir música. Surpresa, percebo que está a tocar *How Deep Is Your Love*, de Pj Morton, e sorrio. A primeira vez que Naím a ouviu comigo disse-me que era uma versão de uma música antiga dos Bee Gees, e gosto de saber que está a ouvir a *playlist* do Spotify que me pediu para lhe fazer.

Caminho silenciosamente pelo primeiro corredor da esquerda, que me leva diretamente a uma sala repleta de barris e mesas de madeira escura.

Surpresa, olho para tudo em redor, e vejo Naím em frente a uma mesa a olhar para alguma coisa. A sorrir, pego no telemóvel, desligo o som e, sem

fazer barulho, escrevo:

Amor, como corre o teu dia?

Vejo que o telemóvel toca e observo o seu sorriso ao perceber que sou eu. Imediatamente recebo uma resposta:

Agora que me escreves e me chamas «amor» muito melhor.

Como uma tonta, eu sorrio. Uau, como gosto de ler isto! E escrevo:

Sinto a tua falta.

Quando clico em «Enviar», ele responde:

Tanto quanto eu a tua.

Ai, meu Deus, apetece-me trincá-lo...! E, então, recebo:

Adorava ver-te e beijar-te.

Ao ler, respondo:

Então beija!

Vejo que Naím sorri e, logo em seguida, escrevo:

Vira-te.

Assim que recebe a mensagem, faz o que eu peço, e quando me vê, o seu sorriso alarga-se tanto que o meu coração literalmente explode. Acabo de o surpreender. Ele não esperava mesmo ver-me aqui. E, vindo na minha direção, dá-me um abraço tão forte que acho que valeria a pena vir vê-lo por apenas cinco segundos.

Depois de me beijar e me abraçar, como só ele sabe fazer, olha para mim e pergunta:

– O que fazes aqui?

– Senti tanto a tua falta – digo, feliz por estar com ele.

Percebo que ele gosta das minhas palavras e, com um olhar que me comove, afirma:

– Sem dúvida, estamos a progredir.

Por alguns minutos, e sem me largar, Naím mostra-me tudo o que nos rodeia. Aqui há de tudo um pouco: pipas, vinho, copos, uma infinidade de produtos... E, pegando numa garrafa tosca de vinho branco sem rótulo, mostra-ma, abre-a e, depois de servir um pouco num copo, diz:

– Prova.

– É o teu projeto?

Sem hesitar, Naím assente. Provo o vinho como ele pediu e, depois de prová-lo, murmuro:

– Gosto muito.

Ele sorri.

– É um *sauvignon blanc*. O primeiro que faço sozinho. – Imagino que queira dizer sem a mãe, e acrescenta: – Pensei em apresentá-lo na gala do Prémio Bardea e depois comercializá-lo e torná-lo a estrela da campanha. O que achas?

Volto a provar. Emociona-me saber quanto este vinho é especial para ele.

– É elegante e fresco no paladar. Equilibrado, com toques salinos. E tem um aroma delicado e subtil com notas cítricas e herbáceas. Sem dúvida, criaste um *sauvignon* muito bom e especial, amor – digo, a sorrir.

Naím sorri novamente e, feliz com a minha resposta, conduz-me até uma mesa onde estão abertos vários cadernos rabiscados.

– Estou à procura de um nome. E, para ser sincero, não consigo pensar em nada.

Assinto pois sei quanto esse projeto é especial para ele.

– Podes considerá-lo como parte do trabalho e incluí-lo nos teus honorários – acrescenta a seguir.

Ao ouvir isso, rio-me.

– Não vou cobrar por isto. Farei isto por... por...

– Por...? – pergunta ele.

Acho que fiquei vermelha. A maldita expressão proibida não sai! Mãezinha, mãezinha, mãezinha! E esclareço:

– Porque gosto de ti e faço-o com prazer.

Naím acena com a cabeça e sorri. Dá-me um beijo na boca e comenta:

– Adoro que gostes de mim.

Corada, aceno com a cabeça e, tentando não demonstrar o meu constrangimento, digo:

– Deixa-me pensar...

Ele olha para mim com prazer. A seguir, olho para a sacola que trago na mão e exclamo, levantando-a no ar:

– Entrega ao domicílio!

Divertido ao ouvir isso, ele abraça-me e, sem me soltar, aproximamo-nos de outra mesa onde, depois de colocar uma espécie de toalha, tiro o que comprei e começamos a comer. Digo-lhe que encontrei uma conhecida de Madrid em El Médano e que vou sair esta noite com ela, e Naím acena, satisfeito. Quer que eu me divirta.

Motivado pela minha presença, não paramos de conversar enquanto a música toca e, ao ouvir Pink e vê-lo mexer o pé no compasso, olho para ele, divertida.

– Tudo bem, admito – diz Naím. – É muito boa!

– Eu sei.

Sorrimos os dois e ele acrescenta:

– Reparaste que todas as músicas que ouço são em espanhol e tu, a maior parte, em inglês?

Aceno e respondo:

– Também reparei que tudo o que o Dom Romântico ouve fala de amor e eu, Dona Cubinho de Gelo, fala do empoderamento da mulher.

Nós rimos. A realidade é essa. Beijamo-nos. E, claro, um beijo leva a outro. Uma carícia a outra. E quando damos conta, estamos a fazer amor contra uma das paredes da fábrica sem pensarmos em mais nada.

Como sempre, possuímo-nos de uma forma tremenda. O prazer que nos provoca a forma como fazemos amor não se compara a nada que tenhamos experienciado até agora. E, quando terminamos, enquanto nos olhamos e passamos alguns momentos abraçadinhos, murmuro:

– És o meu sonho.

Naím ergue as sobrancelhas e eu acrescento com um sorriso:

– A Zoé e eu temos um caderno no qual, durante anos, anotámos os nossos pequenos sonhos. À medida que são cumpridos, vamos riscando e, agora que te conheço e vejo que és real, vou ter de riscar um porque já te encontrei.

Naím sorri, esfrega a ponta do nariz no meu de tal forma que os pelos de todo o meu corpo se arrepiam, e sussurra na minha boca:

– Vou considerar o que acabaste de dizer como uma bela declaração de amor.

Ouvir isso faz-me sorrir. Beijamo-nos. Meu Deus, como fico tontinha por me sentir tão especial. E quando o beijo acaba, Naím separa-se de mim e diz:

– Obrigado.

Surpresa, não sei o que dizer, e ele esclarece:

– És fantástica! Como dizia a minha mãe, a melhor...

Não entendo o que ele quer dizer, mas então Naím solta-me, caminha até à mesa, pega na garrafa de vinho que não tem rótulo e, com um sorriso maravilhoso, diz:

– Verónica Jiménez Johnson, apresento-te o «Meu Sonho».

Ouvir isso faz-me sorrir. Se antes o fazia como uma tonta, agora faço-o completamente apalermada. E, depois de lhe dar um abraço e saber que o meu sonho agora também é dele e que, em breve, será o sonho de muitos, beijo-o e, como diria Amara, estou literalmente a morrer de amor!

Capítulo 44

Depois de passar uma tarde maravilhosa com ele, durante a qual conversámos, nos beijámos e rimos, é com toda a tristeza do mundo que me despeço dele. Naím tem o seu jantar e eu um compromisso com Lola.

Liam deixa-me em El Medano, tomo um banho rápido e, enquanto seco o cabelo, a campainha toca. Vou abrir rapidamente. É Lola. Ela chega um pouco mais cedo e, depois de lhe servir uma *Coca-Cola*, enquanto acabo de me vestir, ela espera no terraço a olhar para o mar.

Às nove e meia já estou pronta e, quando saímos as duas para a rua, vendo como alguns homens nos olham, Lola sussurra, divertida:

- Combinei com alguns amigos num sítio.
- Conheces alguém na ilha?

A sorrir, ela acena com a cabeça e diz:

- Eles são de Madrid e, curiosamente, estão aqui de férias. Importas-te?

Aceno imediatamente com a cabeça. Quantos mais, melhor.

- Tu e eu vamos triunfar esta noite – diz Lola, divertida.

Rio-me. Amara teria dito a mesma coisa. Mas, de repente, percebo que não quero triunfar. Porra! Isto é novo para mim! E, pensando em Naím, consigo dizer:

- É suficiente que tu triunfes!

Assim que digo isso, Lola fica boquiaberta e eu explico, sem conseguir ficar calada:

- Estou a conhecer uma pessoa.

Ela acena com a cabeça e sorri para mim. Fala sobre como é maravilhoso começar um relacionamento e eu, pela primeira vez na vida, percebo que acabei de reconhecer que estou com alguém.

Mãezinha, mãezinha, quando os meus amigos descobrirem que eu disse isto e não foi a eles, acho que vão deixar de me falar!

Penso em Naím. A última coisa que quero é triunfar com alguém que não seja ele. Mas, divertindo-me porque mereço, agarro o braço de Lola e digo:

– Vamos divertir-nos.

Jantamos numa pizaria italiana, sugerida por ela. Lola é das minhas. Come como se não houvesse amanhã e aproveita cada trinca como se não houvesse outra igual. Porém, surpreende-me... Como é possível que seja tão magra com o tanto que come?

O jantar é agradável. Embora o histrionismo de Lola me divirta, quando uma bela loira holandesa entra na pizaria, quero esconder-me debaixo da mesa, ao ver como olha para ela e lhe faz olhinhos. A sério que é tão descarada?

Depois do jantar, vamos até ao sítio onde ela combinou com os seus amigos. É um grupo de cinco pessoas: três homens, Pedro, Ángel e Andrés, e duas raparigas, Lydia e Aída. Rapidamente simpatizo com eles.

Divertidas, bebemos umas bebidas no bar, dançamos e gozamos com alguns dos homens que entram, até que aparece a loira holandesa da pizaria e Lola fica literalmente louca.

A sério?

Ela exhibe os seus encantos em frente à rapariga e, para ser sincera, fico tranquila ao ver que Lola parece agradar à holandesa. Menos mal!

Pedro não para de falar comigo. Ele é agradável, simpático e tenho de admitir que como homem está muito bem. É jovem, muito mais do que eu, e tenho a certeza de que se eu não tivesse nada com Naím, acabaria na minha cama hoje.

À medida que a noite avança, percebo como Pedro me olha, como se aproxima de mim, mas mantenho distância, elegantemente.

Lola e a holandesa, que se juntaram e não param de se apalpar tremendamente, desaparecem em determinado momento. Elas vão à casa de banho, e Pedro e eu rimos. Sabemos porque é que foram para lá.

Um copo, depois outro e, quando me dou conta, Pedro já me agarra pela cintura e conversamos bem juntinhos. Demasiado. Noutra altura da minha

vida, provavelmente eu mesma teria provocado a situação, mas quando, de repente, ele me beija no pescoço, sussurro:

– Não, Pedro, para.

Ele olha para mim, sorri, e quando estou prestes a falar, cola os seus lábios nos meus e beija-me. O beijo dura dois segundos, tempo suficiente para que eu, ao sair, como estou encostada à parede, faça um arranhão feio no cotovelo.

Porra, que dor!

Assim que me livro de Pedro, e agora com uma expressão mais séria, pergunto:

– Dei-te permissão para me beijares?

Ele continua a sorrir. Eu não. Estou prestes a fazê-lo engolir os dentes quando, segundos depois, Lola aparece e percebe o que aconteceu, depois de se irritar com o amigo, que bebeu demais como toda a gente, agarra o meu braço e saímos do local. Com eles, a festa terminou.

Quando saímos para a rua, depois de Lola se ter despedido da holandesa e guardado o seu número de telemóvel, decidimos sentar-nos numa pequena esplanada à beira-mar e pedir umas bebidas.

– Sinto muito pelo Pedro – diz Lola. – Juro que nunca pensei que...

– Não te preocupes – interrompo. – Ó álcool faz destas coisas. – E, olhando para o arranhão que tenho no cotovelo, acrescento: – Mais grave é a ferida que fiz.

Ambas olhamos para ela e Lola pede ao empregado da esplanada a caixa de primeiros socorros; ele traz a caixa e, entre nós, desinfetamos a ferida e cobrimo-la com gaze.

Um pouco depois, o telemóvel de Lola vibra e ela comenta:

– A holandesa tem um clítoris tão doce que nem imaginas...

– Lolaaaaa!

Ela ri-se e, divertida, sussurra:

– Não me digas que és daquelas pessoas a quem não se pode falar sobre sexo porque se ofendem...

Ouvir isso faz-me rir. Falar sobre sexo nunca me incomodou.

– Falo de sexo com naturalidade – digo. – E espero que te tenhas divertido na casa de banho.

Lola acena com a cabeça, sorri e, depois de fazer o seu habitual estalo com a língua, diz:

– Depilação brasileira. Não digo mais.

Isso faz-me rir. Então, o empregado deixa mais uma rodada na mesa e Lola comenta:

– Pensei que estivesses solteira.

– E estou.

– Mas travaste as investidas do Pedro... Não te agradou?

Estou prestes a responder quando o telemóvel dela toca. Ela pega nele, atende e, após desligar, segundos depois, diz:

– Era a Cris, a holandesa. Combinei um jantar no apartamento dela.

– Uaaaaau. – Rio-me sabendo o que isso significa.

E, tilintando os nossos copos, brindamos.

– Como é esse Sr. X que te faz guardares-te para ele? – pergunta Lola.

Enquanto desfrutamos da excelente noite e da ligação que se criou entre nós, sem revelar o nome de Naím nem nada que o possa identificar, falo-lhe dele. E, realmente, tudo o que sai da minha boca é bom. Maravilhoso.

Lola ouve-me com atenção e, quando termino, ela diz:

– Eu não conheço o Sr. X, mas parece ser um tipo porreiro.

– E é – afirmo.

– E em matéria de sexo? – Rimos as duas, e ela acrescenta: – Porque olha o que te digo: mesmo que seja muito romântico, se for um mono na cama, deixa-o com a mãe!

Solto uma gargalhada. Às vezes, o seu descaramento mata-me, e murmuro:

– Lolaaaaaaa...

Ela ri-se. Eu também.

– No sexo é uma máquina com imaginação, tesão e fantasia – digo.

– Hummm, gosto disso! – troça ela.

A partir desse momento, começamos a falar sobre sexo com total normalidade. Ela conta-me, eu conto-lhe e, baixando a voz, sussurro:

– Tenho um sinal perto do meu clítoris que ele adora.

Rimos de novo e, então, ela comenta:

– Tive uma parceira francesa chamada Geraldine que tinha um sinal bonito perto do mamilo direito. Era uma máquina. – Ambas rimos à gargalhada, entendendo o conceito de «máquina» e Lola continua: – Ela apresentou-me o mundo liberal, que até então era desconhecido para mim, e, uf, miúda, como me diverti!

Ouvir isso chama a minha atenção. Quem vive no mundo liberal não costuma proclamar aos sete ventos que o faz, tendo em conta o preconceito que as pessoas costumam ter.

– Gostaste do que experienciaste? – pergunto, curiosa.

Lola acena com a cabeça, bebe um gole da sua bebida e diz:

– Gostei e gosto. Se aprendi alguma coisa graças à Geraldine, é que sexo, tesão e momentos quentes são para serem aproveitados.

Concordo, embora tenha um pouco mais de consciência do que ela.

– Tu e o Sr. X desfrutam plenamente do sexo? – pergunta.

Sem hesitar, aceno com a cabeça e, como estou com alguns copos a mais, deixo escapar:

– Ambos vivemos no mundo liberal.

– Nãããããão.

Aceno, satisfeita. Não é fácil encontrar alguém que entenda o mundo liberal, por isso, baixando a voz, sussurro:

– No outro dia, numa praia, curtimos imenso o tesão que nos provocou fazer sexo em frente a um tipo e ver como ele adorou olhar para nós.

– Nããããão...

– Siiiiim – digo.

– Uaaaaau, que calor. – Lola ri-se, descontrolada.

Concordo, o calor foi tremendo, e digo, depois de um suspiro:

– Foi excitante. E espero que, da próxima vez, seja uma mulher a olhar para nós. Quero surpreender o Sr. X.

Lola olha para mim, bebe um gole do seu copo e exclama, divertida:

– Voluntario-me!

Ao ouvir isso, rio-me. Nunca misturei amizade com sexo, mas ela insiste:

– Excita-me muito foder e ver foder. Sou bastante *voyeur*, e ver como dois corpos se complementam para chegar ao êxtase é o máximo.

Não sei porquê, não me surpreende ouvir isso vindo dela. Até porque ela parece alinhar em tudo.

– Por isso, se quiseres que eu faça parte do teu jogo para surpreenderes o Sr. X, é só pedires – diz ela a seguir. – E nem é preciso dizeres que isso ficará entre nós. Ninguém mais precisa de saber de nada.

Concordo, a sua proposta parece-me interessante. Não conheço ninguém a quem pedir algo assim. Conheço uns fóruns na internet onde as pessoas escrevem e pedem a outros para realizarem as suas fantasias, mas ei, quando chegar a hora, se eu quiser surpreender Naím, já tenho uma mulher para o jogo!

Encantada com isso, brindamos. Nesse momento, o grupo de homens de quem estivemos a trocar no bar aproxima-se de nós e começamos a gozar novamente. Eles são de Madrid, como nós. Mas será que Madrid inteira está aqui? E, no final, decidimos ir todos juntos para uma discoteca que fica em frente à esplanada onde estamos. Vamos beber mais um copo!

Horas depois, após me despedir de Lola, que está tão tocada quanto eu, ou mais, porque bebeu até mais não, quando entro no meu apartamento, sorrio. Como me diverti! Lola é louca, muito, mas também é bastante divertida.

Estou a pensar nisso quando o meu sorriso se desvanece ao ver no telemóvel que tenho várias mensagens de Naím. A última é de há duas horas, e nela ele pede-me para avisá-lo quando chegar ao apartamento.

Olho para o relógio. São 6h43 da manhã. Não vou ligar-lhe agora, pois ele estará a dormir, por isso escrevo:

Cheguei!

E, assim que clico em «Enviar» atiro-me na cama e, sem tirar a roupa ou a maquilhagem, aterro. Estou exausta.

Capítulo 45

Quando acordo, está tudo a girar.

Meu Deus, mas de que garrafão bebi eu ontem?

Depois de tomar banho, tratar do arranhão desagradável no meu cotovelo e beber um par de cafés com umas madalenas, olho para o meu telemóvel. Vejo que Naím viu a minha mensagem, mas não me respondeu. Ficar sem resposta nunca é bom sinal e, sentindo que ele está chateado, fecho a conversa com ele e escrevo a Lola.

Como estás?

Nem dois minutos se passam quando recebo:

Morta é pouco.

Sorrio, entendo-a! E escrevo:

O que vais fazer hoje?

Ela escreve, demora alguns segundos, e depois eu leio:

Por sorte, como está
vento, a minha tia não
quer descer até à praia.

Divertida, rio-me e, nesse momento, recebo um telefonema. É Florencia, irmã de Naím, que me liga para me convidar para um churrasco informal em casa dela. Aparentemente, é o aniversário de Omar e eles organizaram uma festa para ele.

A princípio hesito. Será apropriado participar?

Penso em Mireia... E se ela estiver lá e deixar escapar que sou Julia de Valladolid?

Então, deixando a minha resposta no ar até conversar com Naím, despeço-me dela e prometo ligar-lhe dentro de algumas horas.

Assim que desligo, sem hesitar ligo a Naím. Um toque. Dois. Três.

– Diz, Verónica.

A sua voz é séria. Não sou «querida», «amor» ou «cubinho de gelo».

– Desde quando me chamas «Verónica» com todas as letras? – pergunto.

Ouç-o bufar e eu, tentando fazê-lo sorrir, acrescento:

– Ficas a saber que o meu pai, desde que eu era pequena, sempre que se zanga comigo, chama-me «Verónica Jiménez» com todas as letras, e não «ratita».

O silêncio constrangedor é tangível. Acho que não achou graça ao meu comentário.

– A sério que chegaste à hora em que me enviaste a mensagem? – desabafa sem filtro.

OK, ele está chateado. Isso incomoda-me, e respondo com a minha frieza habitual:

– Totalmente a sério.

Ele bufa novamente. Os seus sopros lembram-me os meus quando Zoé passou dos limites, e como a minha paciência esta manhã é bastante limitada, pergunto:

– OK, qual é o teu problema?

– O meu problema és tu.

– Oh, olha que bem! Agora eu sou um problema! – troço asperamente, tocando na ferida do meu cotovelo.

Está a correr mal, muito mal...

– Estás a rir-te de mim? – pergunta a seguir.

Ao ouvir isso, suspiro. Isto não vai acabar bem.

– Não – respondo. – Mas se te fizer feliz, posso rir.

Céééééus, fui tão agressiva!

A rainha do gelo, claro, ainda vive em mim.

Silêncio. A chamada fica silenciosa e acho que ele vai desligar na minha cara. OK, fui desagradável. Não devia responder-lhe assim.

– Divertiste-te ontem à noite? – Ouço-o dizer a seguir.

Vejamos... vejamos... o tom de voz e aquela perguntinha fazem o meu corpo rebelar-se e, com todo o azedume que Deus me deu quando fico irritada, respondo:

– Pois, sim. A verdade é que me diverti muito. Algum problema?

Naím não responde, só ouço a sua respiração, e eu, que fico como um tanque quando me irritam, continuo:

– Olha... tu saís para jantar e eu não te pergunto com quem andaste nem a que horas foste dormir. Apenas confio em ti. Portanto, é isso que espero de ti, que não faças perguntas nem sejas injusto, entendido?

Mal acabo de falar, sei que passei novamente das marcas. Porra para a minha frieza. Naím não é a minha filha e eu não sou a mãe dele. E, tocando a minha testa, acrescento:

– OK... excedi-me.

– Ligeiramente – ouço-o responder.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Nunca tive este tipo de discussão com ninguém. Na minha vida, nunca dei margem a nenhum homem para chegar a esta situação. Então, de repente, lembro-me do motivo da minha chamada e digo:

– A tua irmã Florencia ligou-me a convidar para o churrasco do aniversário do Omar e não sei o que lhe dizer, pois pensei que lá poderia encontrar a Mireia ou os teus amigos e...

– A Mireia vai hoje para o continente, e os meus amigos não têm nada a ver com o Omar e a Florencia – interrompe-me.

Ao ouvir isso, sinto um calor subir por todo o meu corpo e, agindo tão bruscamente quanto ele, pergunto:

– E como é que sabes isso da Mireia? Falaste com ela?

Naím bufa de novo, acho que vai mandar-me à merda, e então ouço:

– O pai dela foi ao jantar ontem à noite e contou-me.

Assim que ele explica isso, sinto-me tremendamente ridícula, e então Naím, que está tão irritado quanto eu, desabafa:

– Liga à Florencia e diz-lhe o que quiseses. Afinal, fazes sempre o que te apetece.

– Ei, não fales assim comigo!

– Bem, não fales assim comigo também.

Bem, bem, bem, acho que a qualquer momento vou soltar algo muito desagradável e, sem pensar, desligo. Não quero falar mais com ele.

Assim que faço isso, atiro o telemóvel para o sofá. Estou furiosa, muito. Não gosto de ser controlada, porque não controlo ninguém. E não gosto de ter cuspidos a pergunta da Mireia porque não gostaria que ele me fizesse isso.

No entanto, se aprendi alguma coisa durante este tempo com Naím é a chatear-me apenas o suficiente e o necessário. Não quero ficar chateada com ele. Não quero que toda a beleza que temos fique assombrada por conta de uma raiva estúpida e, sem hesitar, apanho o telemóvel do sofá e ligo-lhe. Um toque, dois, e ao terceiro, quando ele atende, sussurro:

– «Sicília»...

Entre nós, esta palavra significa «para». Neste caso é «vamos parar e pensar».

O silêncio do outro lado da linha deixa-me desconfortável. A sério que não vai dizer nada?

– Não quero estar zangada contigo – acrescento.

– Eu também não quero estar zangado contigo – diz ele, por fim.

Caramba, bem, ele é teimoso como Liam me avisou.

Ouvir a sua voz faz-me suspirar.

– Avisa a Florencia que vais – declara.

– Não te importas que eu vá?

Mais uma vez faz-se silêncio. Desligou? Mas, depois, ouço-o responder:

– Claro que não me importo. Ainda não sabes que o que quero é estar contigo e ter-te perto de mim?

OK, eu sei. Claro que sei... A seguir, ouço-o respirar fundo e dizer:

– Odeio mentir aos meus, mas o teu segredo permanecerá intacto.

Ele tenta modular a voz, começo a conhecê-lo. A cada dia é pior ter de mentir à sua família.

– Iria buscar-te – acrescenta –, mas se o fizer, vou levantar suspeitas, por isso vou pedir ao Liam. Parece-te bem?

– Parece-me bem.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e, depois, Naím murmura:

– Não quero discutir contigo. E desculpa se te deixei desconfortável com a minha atitude, mas estava preocupado por não saber onde estavas. Não conheço a tua amiga Lola e...

– Sei cuidar de mim – interrompo-o.

Mais uma vez, soltei uma das minhas. Sou um maldito monstro.

– Não te preocupes – apresso-me a acrescentar. – Está tudo bem.

Novamente, o silêncio toma conta da chamada. Estas discussões absurdas começam a afetar-nos.

– Tenho saudades tuas – digo, então.

– Eu mais – murmura.

Ouvir isso faz-me sorrir e digo, em modo pateta:

– Nada disso, *querido*, eu mais!

Por fim, ouço Naím a rir-se levemente. O meu modo pateta faz sempre com que se ria. Isso relaxa-me e diz-me que está tudo bem. E, antes de desligar, ele sussurra:

– Cubinho de gelo, vemo-nos mais tarde.

Assim que terminamos a conversa, sorrio. Tivemos uma zanga que, felizmente, conseguimos gerir. E, escrevendo a Lola, digo-lhe:

Vou a um churrasco com
o Sr. X e a sua família.

Feliz, vou para o quarto para me trocar. Depois, recebo uma mensagem dela que diz:

Eu janto com a
holandesa!

Lendo isso, eu rio. Sem dúvida, Lola tem pedalada!

Capítulo 46

A casa de Florencia e Omar é linda. Fica no belo município de Tacoronte e é um chalé amplo, alegre e com um jardim bonito e espaçoso onde, além de pessoas, vejo correr vários *golden retrievers* cor de canela pelos quais me apaixono. Sempre quis ter um cão assim.

Liam, como sempre, está impecavelmente vestido, mas está mais sério do que é habitual. Pergunto-lhe o que se passa, mas ele abana a cabeça e não diz nada. Não, não acredito. Porém, sou discreta e não pergunto mais nada.

Encantada, olho para os cães. E Liam explica-me que Omar e a sua irmã são apaixonados por esta raça. Eles têm um casal, *Kimba* e *Lolo*, e a última ninhada que tiveram ficou inteiramente para a família. Pois, Naím contou-me que tinha um cão chamado *Donut*.

Estamos a conversar quando os *golden* se aproximam de nós e descubro que são de Liam. Os seus nomes são *Pepa* e *Pepe*, e estão ali porque, no dia seguinte, ele parte para Los Angeles e vai deixá-los em casa da irmã.

Estou a ouvi-lo quando vejo Naím sentado, com o pai e o sobrinho Gael, numa das cadeiras do jardim.

Por favooooooooor, ele não podia estar mais bonito com aquelas calças de ganga e camisa preta. O meu moreno – sim, sim, o meu moreno – é pura tentação, e eu respiro fundo para me acalmar ou juro que me vou atirar nos seus braços.

Quando nos aproximamos deles, percebo que Naím está a olhar para mim. E digo que «percebo» porque o faz por detrás dos óculos de sol, embora tenha a certeza de que não tira os olhos de mim. Isso excita-me, especialmente depois da zanga tonta que tivemos ao telemóvel.

Uf, que nervos!

Horacio vê-me. Levanta-se rapidamente e, vindo na minha direção, diz:

– Ai, minha menina, que alegria tê-la aqui.

Com agrado, dou-lhe um beijo. Horacio é um amor. Então, Omar e Florencia também vêm cumprimentar-me com uma jovem que me dizem ser a sua filha, Xama. Que gira! Tenho todos os Acosta comigo e a união deles mostra-me quanto a família é importante para eles. Feliz, cumprimento-os a todos. E Horacio, virando-se, olha para Naím, que não se levantou, e pergunta:

– Naím, filho, não vais cumprimentar a Verónica?

Vejo que ele se levanta com alguma relutância. Diverte-me ver o seu teatrinho, e aproximando-se do grupo, ao contrário dos outros, que me dão dois beijos, ele estende a mão e diz:

– É um prazer vê-la aqui.

Sem hesitar, aperto-a.

– Igualmente.

Logo a seguir, e para deixar de olhar para Naím, começo a falar do jardim e dos cães. Todos se juntam à conversa, enquanto Gael e eu olhamos um para o outro. Sem falar entendemo-nos, e sei que Begoña e o pequeno estão bem.

Minutos depois, Florencia agarra-me pelo braço e começa a apresentar-me aos demais convidados. Lá estão os primos dela, os primos de Omar e uma multidão de amigos. Então, de repente, vemos Gael com a chave do carro na mão.

– Tesouro, onde vais? – pergunta a mãe.

Ele aproxima-se de nós – tem o andar dos tios – e diz:

– Vou sair.

– Não vais ficar para a festa do teu pai?

Ele olha-me a sorrir e responde:

– Tenho planos.

Florencia rosna. Parece-lhe inaceitável que o filho não esteja na festa do pai, mas ele, depois de olhar para mim, diz:

– Sim, mãe, sim. Tchau!

Momentos depois, ele sai e Florencia comenta, observando-o:

– Não sei, mas ultimamente ele tem estado muito estranho.

O seu sexto sentido de mãe diverte-me.

– E o que acha que se passa com ele? – pergunto.

Ela ri-se e depois sussurra:

– Acho que ele está apaixonado.

Divertida, assinto. Sem dúvida, Gael está apaixonado por Begoña e por Lionel, mas não digo nada. Não me cabe a mim fazê-lo.

Algun tempo depois, a filha de Florencia chama-a e eu fico a conversar com alguns amigos de Omar. São simpáticos e eu integro-me rapidamente no grupo. Perguntam sobre o meu trabalho, eu interesso-me pelo deles, e a conversa torna-se amena e divertida.

De onde estou, observo Naím e Liam a conversarem muito sérios. O que se passará com eles? Também observo como muitas das convidadas se aproximam deles para sorrir e lhes fazerem olhinhos. Não há dúvida de que tentam chamar a atenção de ambos. Estou a beber um pouco de vinho quando Florencia vem outra vez na minha direção.

– O que aconteceu ao seu cotovelo? – pergunta.

Vendo que aponta para o meu curativo, respondo sem dar importância:

– Nada de mais, apenas um arranhão.

Nesse momento, uma risada chama a nossa atenção e, olhando, Florencia comenta:

– Aquela holandesa, Algodão...

– Chama-se Algodão? – pergunto, curiosa.

Ela sorri um pouco envergonhada e murmura:

– Não, filha, mas é algo parecido que ainda não consegui decorar...

Ambas rimos e, a seguir, ela acrescenta:

– Como ia dizer, a Algodão está a morrer por Liam, e a sua amiga Marisol já não sabe mais o que fazer para que Naím repare nela. Veja como se pavoneiam à frente deles.

Divertida, olho. A cena é um tanto cómica. As duas mulheres pestanejam e agitam os longos cabelos, enquanto permanecem invisíveis para eles.

– Claramente elas não fazem o tipo dos seus irmãos – comento.

Florencia assente.

– Liam está com uma atriz, e quanto a Naím, embora não lhe faltem pretendentes, é um tipo duro de roer.

Ouvir isso diverte-me.

– E não é para cochichar – continua ela –, mas há uma rapariga muito amiga da família, chamada Mireia, que seria a mulher perfeita para ele: é educada, elegante, bonita, trabalhadora e, o melhor de tudo, está a morrer de amores por Naím! Mas nada, o meu irmão não quer nada com ela.

Disfarço. Sei exatamente quem é Mireia! Por sorte, ela não está aqui, e, com curiosidade, pergunto:

– O seu irmão Naím é muito sério?

Ela olha para ele e, baixando a voz, diz:

– É. Às vezes, pergunto-me como podemos ser irmãos... Ele é tão sério e reservado! – Assinto, de certa forma é. E Florencia acrescenta: – A nossa mãe dizia sempre que eu era a Dona Tagarela, primeiro falo e depois penso; Naím, o Dom Romântico Reservado e Teimoso, e Liam, o Dom Limpo e Organizado.

Rio-me, divertida.

– Liam é maníaco por limpeza e organização – continua ela. – Raramente o verá mal vestido ou com um cabelo fora do lugar e, em termos de organização, devia ver a sua casa. – Sorrio, e ela acrescenta: – Naím é romântico como o meu pai, reservado como a minha mãe e tem uma teimosia que, às vezes, pode ser desesperante. E eu – aponta a sorrir – sou um papagaio. Eu sei. Adoro falar. A minha mãe dizia sempre que o meu maior defeito é que falo primeiro e penso depois, embora isso seja algo que tento corrigir.

Divertida, assinto. Conheço pouco os três, mas, sem dúvida, a mãe deles conhecia-os bem.

– Naím está melhor agora – acrescenta Florencia, que é mesmo um papagaio. – Mas passou um período difícil. Coitado, que mal que passou.

A minha veia curiosa apodera-se completamente de mim. Quero saber tudo o que puder sobre ele e pergunto:

– Porque diz isso?

– Ele namorava uma modelo de Madrid chamada Soraya e... bem...

Céus, Soraya é modelo?!

– Esteve com ela algum tempo e, quando a minha mãe adoeceu, a imbecil, para não dizer algo mais feio, chateava-se com o Naím porque ele dava mais atenção à minha mãe do que a ela.

– O quê?! – pergunto, incrédula.

Florencia acena com a cabeça e, vendo que ninguém nos ouve, acrescenta:

– Aquela chata estava a tentar disputar o carinho e a atenção de Naím com a minha mãe. O ciúme tomou conta dela e ela fazia cenas à frente de todos que, uf...

Pisco os olhos, surpresa. Soraya fazia realmente isso?

– O que aquela idiota nunca imaginou é que para nós, os Acosta, a família, o amor e a lealdade vêm em primeiro lugar. Ninguém trai ninguém e contamos tudo uns aos outros.

Concordo com a cabeça novamente e penso em Gael. Tudo... tudo não contam...

– No final – continua Florencia –, o meu irmão teve de acabar a relação com aquela anormal, mas sei que ela é muito chata e, de vez em quando, reaparece na vida dele. Liga-lhe, assedia-o. E, embora o meu irmão me tenha prometido e jurado que não voltaria para ela, não entendo porque é que não a manda passear de uma vez por todas.

Não digo nada. Só sei que a tal Soraya tem problemas mentais porque Naím me contou.

– Dito isso – sussurra ela a seguir –, espero que, mais cedo ou mais tarde, o Naím perceba que a Mireia é a melhor opção para ele. São ambos da ilha. São ambos enólogos. Ambos adoram desportos no mar. E tão altos e bonitos... é que eles foram feitos um para o outro!

Pooooorra... não acho a mínima graça ao que estou a ouvir! Embora ela, que fala pelos cotovelos, insista:

– Além disso, conhecemos a Mireia desde sempre. Ela adora o Naím e é daquelas que valorizam a sinceridade. Nunca trairia a família. E isso, nos tempos que correm, é de se valorizar.

Quebro por dentro. Florencia está a confirmar o que pensei no primeiro dia em que os vi juntos. Pooooorra! Depois, ela acrescenta sem sequer

respirar:

– Mas, pelos vistos, o tonto do meu irmão não tem interesse na Mireia, e o meu pai contou-me que o Naím lhe disse que, depois da Soraya, preferia estar sozinho. Fechou-se ao amor.

– Coitado – sussurro, divertida.

– Coitado?! – troça Florencia. – Ele fechou-se ao amor, mas não ao sexo... que tonto ele não é! As minhas amigas dizem-me que o veem, de vez em quando, com diferentes mulheres pelas ilhas, e nenhuma delas é muito recomendável.

Bem... bem... bem...

Ouvir isso não me deixa feliz, mas Florencia continua:

– Naím e Liam parecem ter um íman para atrair mulheres. Sobretudo aquelas que não são apropriadas. E se lhe digo isto é porque, agora, o Liam está com uma aspirante a atriz, cuja origem se desconhece, que vive em Los Angeles. E, olhe, eu posso ser uma irmã mais velha crítica e antiquada, mas se não gostávamos da Soraya, é melhor nem falar da Jasmina porque, do meu ponto de vista, ela é uma bela peça... E espero que o meu irmão, quando estiver com ela, lhe diga algumas verdades.

– Por que razão diz isso? – pergunto, com curiosidade.

Florencia tira rapidamente o telemóvel do bolso das calças, e procura algo nele.

– Veja a notícia que saiu ontem num jornal digital americano – diz, mostrando-me o telemóvel..

Imediatamente, leio: «Tom Blake... bebé à vista?»

Abaixo da manchete está uma foto de Tom Blake com uma jovem loiríssima grávida.

– É a Jasmina? – questiono.

Florencia acena com a cabeça e eu, atordoada, não sei o que dizer. A namorada de Liam está com o famosíssimo Tom Blake?! E quando estou prestes a falar, Florencia sussurra:

– O meu irmão Liam está furioso, embora aparente tranquilidade. Na foto, ela parece bastante grávida e... bem, amanhã o Liam parte para Los Angeles.

Sabendo disso, compreendo o que se passa com Liam e isso entristece-me.

– Estou a dizer-lhe que esta fulana traiu o meu irmão – murmura ela.

Acho graça à forma como Florencia diz isso sem papas na língua. Nesse instante, Naím e Liam levantam-se de onde estavam sentados. É perceptível que não aguentam os dois pavões que se pavoneiam à frente deles, e, caminhando até nós, Liam diz chateado:

– Mana, se me tivesses dito que tinhas convidado a Aldegonda, juro que não tinha vindo.

Ao ouvir esse nome, Florencia e eu olhamo-nos e ela diz:

– Vê como é parecido com «Algodão»?

Sem conseguirmos evitar, rimos. De repente, Naím, virando-se para mim, pergunta:

– O que aconteceu com o seu cotovelo?

Assim que o diz, olho para ele. Acredito que dizer a verdade não seja o mais adequado e, mentindo, respondo:

– Raspei com ele. Desequilibrei-me e arranhei-me na parede.

Naím assente. Imagino que pense que esta ferida é um dano colateral da minha noite louca, e Florencia, olhando para ele, comenta:

– Ouve, ontem encontrei a Iraya no mercado e ela disse-me que o irmão dela, o Aday, lhe disse que te tinha visto em La Graciosa com uma tal Julia de Valladolid. Quem é essa?

Ao ouvir isso, estou prestes a cuspir a batata que tenho na boca, mas controlo-me. Porra, porra... a sério?

Naím sorri. Eu sei que detrás dos seus óculos escuros de aviador está a olhar para mim.

– Mana, não sejas intrometida! – exclama ele.

– Naím – insiste Florencia –, olha o que te digo, meu menino. Não sei quem é essa Julia de Valladolid, mas tenho a certeza de que não te convém...

– Florencia – interrompe-a Naím –, para ti, ninguém me convém.

Ela acena com a cabeça, afasta o cabelo do rosto e, voltando-se para mim, declara:

– O melhor para ti é alguém com dois dedos de testa, como a Mireia. Ou, olha, como a Verónica!

– Vá, olha! – troça Liam.

– Porque é que não arranjas uma mulher assim e paras de sair com outras que certamente não têm mais do que dois neurónios, como deve ser o caso dessa Julia de Valladolid?

Pestanejo, não sei o que dizer. Então Liam, endireitando o seu *blazer* azul bem passado, intervém na conversa:

– Verónica, namora com alguém?

Horrorizada ao ver como todos olham para mim, não sei o que responder, e Naím vem em meu auxílio.

– Deixem a menina Jiménez em paz. Não veem que estão a incomodá-la?

Florencia olha-me com pesar. Liam sorri e, após eu lhe lançar um olhar do tipo «vou matar-te», vira-se para o irmão e pergunta:

– Julia de Valladolid? Mas ei, mano, quem é essa mulher? Conheço-a?

Logo em seguida, Naím abana a cabeça e, após um suspiro, diz:

– Vou beber uma cerveja. Alguém quer?

– Eu! – responde Liam.

E, quando se afastam de nós, Florencia diz, olhando para mim:

– Que trabalhinho deram à minha mãe, e agora a mim, estes dois. No dia em que os vir casados e felizes, acho que poderei dormir tranquila.

Divertida, assinto. Além de papagaio, Florencia é muito engraçada. Nesse instante, a sua filha Xama aproxima-se de nós.

– Mãe, importas-te se eu convidar alguns amigos para o churrasco?

Satisfeita, Florencia diz, olhando para ela:

– Filha, porque é que não estás com o vestido que te pedi?

– Porque não gosto dele, mãe.

Por alguns segundos, vejo que se entreolham. Desafiam-se. É perceptível que estou a testemunhar, na primeira fila, um duelo entre mãe e filha, mas, por fim, Florencia, mudando de expressão, diz:

– Ficas linda no vestido. Além disso, o rosa combina contigo.

– Mãe, por favor! – protesta.

Florencia afasta-lhe delicadamente o cabelo do rosto. Xama faz um gesto carrancudo para ela parar.

– Quem vais convidar?

– Bem, os meus amigos – responde ela.

Florencia assente. Xama olha para ela, impaciente, e eu sorrio. A expressão da jovem é a mesma que Zoé fazia quando queria que eu parasse de a incomodar.

– Ancor virá? – pergunta Florencia.

Com uma expressão transtornada, Xama acena com a cabeça, e a sua mãe sussurra:

– Certo, querida, chama os teus amigos. Mas que se mantenham bem longe de bebidas alcoólicas. Não quero problemas com os pais deles, entendido?

A miúda assente. Nos seus olhos vejo que entra por um ouvido e sai pelo outro e, quando se afasta, Florencia sussurra:

– O Gael nunca me deu problemas. Sempre foi um bom menino sobre o qual tive controlo, mas a Xama...

Isso faz-me acenar com a cabeça e, calada sobre o que ela não sabe, respondo:

– Tem de ter paciência com ela.

– Eu tenho. Garanto-lhe que tenho. Mas esta rapariga é mais estranha do que um cão com asas. Ela parece estar sempre zangada e nunca gosta do que lhe compro.

Suspiro. Passei por esta fase difícil com Zoé.

– Ela tem o seu próprio gosto – comento.

– Um péssimo gosto – diz Florencia com fastio.

Abano a cabeça. Gostos não se discutem.

– Ancor é o namorado dela – esclarece. – Um rapaz muito simpático com quem namora há mais de dois anos e com quem espero que forme uma bonita família.

Ouvir isso faz-me rir. O namorado dela? Xama tem namorado? Por favooooor...

De longe, observo a rapariga a conversar com os seus tios. Vejo-a sorrir cordialmente, com um sorriso que nunca usou com a mãe, e pergunto com curiosidade:

– Quantos anos tem a Xama?

– Dezassete.

Mãezinha... mãezinha... Como pode pensar que a filha vai casar com o primeiro tipo com quem está? Mas, sabendo que cada família é diferente, digo:

– Como mãe de outra rapariga, posso dizer-lhe que, depois deste namorado, a sua filha provavelmente terá muitos mais. Por acaso Omar foi o seu único namorado?

Assim que digo isso, ela olha para mim e pisca os olhos. E, esquecendo-se do que eu disse, pergunta:

– É mãe?

– Sim.

– Oh, meu Deus... Não me diga que é casada?

– Não, não. Não sou. Fui mãe solteira. A minha filha chama-se Zoé. Tem vinte e três anos e, atualmente, vive na Antártida com, segundo ela, o amor da sua vida.

Florencia assente. Como sempre, a notícia da idade da minha filha surpreende e, agarrando-me pelo braço, sussurra:

– Conte-meeeeeee. Quero saber tudo!

E, divertida, conto-lhe. Como mãe que sou, não há nada que me dê mais prazer do que falar da minha querida filha.

Capítulo 47

A minha maternidade é certamente a notícia do dia para Florencia e, mais tarde, quando ele se aproxima de nós, também para Liam.

Durante algum tempo, como duas boas mães-papagaios, Florencia e eu partilhamos confidências e, claro, fotos dos nossos filhos.

Nós, mães, gostamos muito de mostrar fotos dos nossos filhos, e com isto dos telemóveis podemos fazê-lo durante horas!

Tenho orgulho de Zoé, como ela tem de Gael e de Xama. É claro que ser mãe muda a nossa vida, e eu e Florencia somos exemplo disso.

Horacio, o patriarca dos Acosta, aproxima-se de onde estamos e, como todos, fica surpreso ao ver as fotos da minha filha.

A certa altura, quando Florencia se afasta porque Omar a chama, Horacio comenta:

– Você e a sua filha são como duas gotas de água.

– Toda a gente diz isso – digo alegremente.

O homem acena com a cabeça e, olhando para mim, baixa a voz e pergunta:

– O pai da sua filha foi o homem que lhe partiu o coração?

Aceno.

– Maldito idiota – murmura ele em seguida.

Divertida, porque já nada do que dizem sobre o pai de Zoé me magoa, sussurro:

– Ele é que perdeu.

– Sem dúvida, minha menina, sem dúvida – concorda ele. E pergunta: – Tem algum pretendente no continente?

– Nem no continente nem em lugar nenhum – respondo, evitando olhar na direção de Naím.

Horacio abana a cabeça. Estou convencida de que, tal como o meu pai, ele pensará que com um homem ao meu lado eu estaria melhor.

– Se antes a admirava como mulher – diz então –, agora que sei que é mãe e imagino tudo aquilo com que teve de lidar até aqui, tenho de lhe dizer, minha menina, que lhe tiro o chapéu.

Sorrio. Horacio é um amor, e durante algum tempo conversamos sobre a vida, enquanto sei que Naím nos observa do outro lado do jardim. Ele mantém a distância. É o que tem de ser.

Jantamos. O churrasco que Omar faz é incrível. Ele tempera a carne como ninguém e, bem, eu fico empanturrada!

Naím olha para mim de longe e sorri. Ele sabe quanto estou a gostar do jantar, embora também perceba que fica inquieto quando alguns amigos de Omar, os conquistadores de serviço, me procuram para conversar e tentar seduzir.

Mais tarde, as pessoas vão dançar na pista improvisada, principalmente Xama e os seus amigos. Horacio observa-os, divertido. Faz-me comentários sobre como a música atual não lhe agrada propriamente, mas, de repente, muda e começa a tocar um bolero que os meus pais adoram. Trata-se de *Cómo fue*, de Francisco Céspedes e Carlos Cuevas.

Ao ouvir isso, Horacio fecha os olhos e sussurra:

– Meu amor, a nossa música...

Sentir a sua dor comove-me e, sem pensar, proponho:

– Horacio, quer dançar comigo?

Os olhos do homem arregalam-se de surpresa. Acho que não esperava a minha proposta e pergunta:

– Não prefere dançar com alguém mais jovem?

Ouvir isso faz-me rir e, evitando olhar para alguém que ele nem imagina, respondo:

– Quem melhor do que você?

O homem respira fundo e, com pesar, aponta:

– Desde que a minha mulher ficou doente não voltei a dançar. Ela era uma grande dançarina.

Assinto. Entendo a sua relutância.

– Bem, se a sua esposa era uma grande dançarina – digo –, acho que ela gostaria que dançasse comigo porque eu também sou.

Horacio emociona-se. Acaricio carinhosamente a sua bochecha e entendemo-nos com o olhar. E, levantando-se, estende-me a mão e caminhamos para a pista improvisada.

Alguns dos convidados, vendo para onde vamos, aplaudem, torcem por nós. Que o patriarca dance depois do que aconteceu, acho que é, no mínimo, surpreendente para eles. E, quando chegamos à pista, para fazer Horacio sorrir, dou uma volta à frente dele e, depois, elegantemente, abraçamo-nos.

Emocionados, todos nos observam. Florencia tapa a boca com as mãos e, quando vejo o sorriso de Liam e de Naím, sei que está tudo bem.

– Conduza-me e eu sigo-o – peço a Horacio.

– Eu tenho dois pés esquerdos – murmura ele.

Divertida ao ouvi-lo, rio-me, e quando ele começa a mover-se e a conduzir-me com elegância e desenvoltura, entendo com quem Naím aprendeu a dançar tão bem.

Dançamos em silêncio ao ritmo do belo bolero, até que Horacio diz:

– Esta música estava a tocar quando vi Anastasia pela primeira vez. Recordo que estávamos os dois com amigos na praia, e bastou olharmo-nos para, numa fração de segundo, nos apaixonarmos.

– Que história bonita, Horacio – sussurro, lembrando-me do que Naím me explicou.

– Vivê-la foi ainda melhor.

Ouvir isso enternece-me. Sem dúvida, Naím é tão romântico quanto o pai.

– É uma dançarina magnífica – comenta o homem a seguir.

– Você também dança muito bem – digo, satisfeita.

Sob o olhar atento de muitos olhos, embora eu só me interesse pelo de Naím, Horacio e eu dançamos o belo bolero, e, ao terminar, ele beija-me galantemente a mão e declara:

– Foi um prazer, minha filha. E estou convencido de que Anastasia adoraria ver-me dançar esta música consigo.

A sorrir, aceno com a cabeça, precisamente no momento em que um amigo de Omar vem até nós e me pede para dançar outra música. A partir daí não paro. Sou a novidade da festa, e são muitos os que dançam comigo e eu aproveito.

Vá, eu adoro dançar!

Às vezes, olho para Naím. Ele evita trocar olhares comigo, tentamos disfarçar, mas tenho consciência de que estamos constantemente a procurar-nos. Estarmos aqui e não podermos estar juntos está a matar-nos.

Em seguida, pedem-me para dançar uma salsa novamente e eu aceito, encantada.

Exausta da dança, estou a beber do meu copo quando Liam se aproxima de mim. Ele parece um pouco mais animado e exclama:

– Que bem tu danças!

– Obrigada!

– Onde aprendeste a dançar assim?

Sorrio, gosto que as pessoas percebam.

– Ando numa academia de dança há anos com a minha amiga Amara – explico. – Não temos a pretensão de ser profissionais, mas gostamos muito de dançar.

Liam acena com a cabeça. Então, um dos amigos de Omar passa por nós e dá-lhe um toque no braço com o punho. Quando ele se afasta, Liam olha para a manga e protesta:

– Não me lixes, ele deixou-me uma mancha!

Rio-me. Que picuinhas Liam é com as roupas. Como disse Florencia, a alcunha de Dom Limpo e Organizado assenta-lhe como uma luva. E, olhando para o local onde aquele o atingiu, sacudo-o com a mão e digo:

– Não te preocupes. Estás perfeito.

Liam olha novamente para a manga do seu fato, pois precisa de comprovar por si mesmo. Nesse momento, o seu telemóvel toca. Rapidamente olha para ele e, após apanhar uma bandeja que está sobre a mesa, coloca-a nas minhas mãos e diz:

– Tens de levá-la para a cozinha.

Olho para ele surpresa, e ele insiste:

– Vai. Alguém está à espera dela *com urgência*...

OK, agora entendi e, sem hesitar, vou em direção à cozinha.

Quando chego lá, vejo várias bandejas no balcão e, quando pouso a que estou a carregar, uma mão agarra a minha. É Naím, que me puxa e, entrando numa espécie de armário, fecha a porta e, sem dizer nada, beija-me.

Com prazer, retribuo o beijo. Desejei poder fazer isto a noite toda, e quando o beijo termina e olhamos nos olhos um do outro, ele sussurra:

– Isso está a matar-me.

Sorrio, não consigo evitar.

– Odeio ver-te e não poder estar contigo – acrescenta.

– Eu também – digo, beijando-o novamente.

Um beijo. Dois. Quatro... e, quando nos separamos, ele murmura com carinho:

– Obrigado por dançares com o meu pai. É a primeira vez que ele faz isso desde a morte da minha mãe.

– Foi um prazer.

Olhamo-nos em silêncio. O que sinto por ele começa a ofuscar a minha visão...

– Quero desculpar-me pela forma como falei contigo esta manhã – sussurro.

Naím assente.

– Eu também te quero pedir desculpa. – E, agarrando-me no braço para ver o curativo no meu cotovelo, pergunta com um meio sorriso: – Esta é uma recordação da tua noite divertida com a tua amiga?

Quando ele diz isto eu fico desconfortável. Não se trata de uma memória propriamente divertida. Mas, como não lhe vou contar a verdade, porque se fosse ao contrário eu também não acharia graça, respondo:

– Digamos que sim.

– Como fizeste isso?

Não. Não. Não... Não quero pensar nisso. Não quero contar-lhe a verdade, por isso minto outra vez:

– Arranhei-me contra uma parede a dançar.

Sorrimos, sem dúvida o sorriso é uma boa bandeira branca entre nós. E, então, Naím diz:

– Estou a morrer de vontade de dançar contigo.

– E porque é que não podes dançar comigo?

– Porque se eu fizer isso, vamos chamar a atenção. E tu queres discrição.

Assinto. É realmente isso que quero?

De repente, ouvimos alguém entrar na cozinha. É Florencia e Omar, que estão a falar em levar mais carne e gelo para o churrasco.

Sem fazer barulho, mas divertidos com a situação, permanecemos no armário. Somos como duas crianças escondidas. Mas, felizmente, Liam, que está ciente da situação, aparece e leva-os embora. Nesse momento, saímos do armário e Naím diz, beijando-me:

– Esta noite ficas em minha casa.

– Mas...

– Não vou aceitar um *não* como resposta – insiste.

Dizendo isto, dá-me um beijo rápido nos lábios e desaparece depois de me piscar o olho.

Sorrio.

Morro de vontade de ir a casa dele!

Mas... e se alguém nos vir?

Bem, não vou pensar nisso. Não vou ser negativa. Vou e pronto!

Antes de voltar para a festa decido ir à casa de banho. A casa está em silêncio. Estão todos no exterior. E, passando por uma porta entreaberta, vejo Xama com uma rapariga perto de umas cortinas. Elas riem, parecem estar a divertir-se e, de repente, vejo-as a beijarem-se. Mas não é um simples beijo, é um beijo com sentimento.

Caramba!

Isso surpreende-me. Não porque ela beija uma rapariga, mas porque a sua mãe está errada sobre ela em relação a Ancor. Está visto que os filhos de Florencia não vão parar de a surpreender. Porém, sem querer ser vista, muito menos intrometer-me num assunto que não me diz respeito, apresso o passo para que não me vejam e entro na casa de banho.

Cinco minutos depois, quando saio, vejo que Xama e a outra miúda ainda estão onde as vi antes, por isso saio silenciosamente e regresso para a festa.

Danço. Bebo. Rio-me. Divirto-me. Começa a soar salsa outra vez e, bem... eu fico entusiasmada!

Há um amigo de Omar, Felipe, que é bailarino profissional, e comigo, que sou bailarina amadora, ninguém nos para!

Horacio sorri encantado junto dos seus filhos, enquanto eu danço salsa com entusiasmo e com um par de bebidas a mais.

Imparável!

Depois dessa salsa e muitas outras que não consigo deixar de dançar, fico a suar e decido sentar-me ao lado de Florencia e das suas amigas para beber algo. Estou com muito calor. Procuro Naím com os olhos e vejo que ele ainda está com o pai e o irmão, a rir e a conversar.

Observá-lo tornou-se o meu maior passatempo e, enquanto estou com Florencia e as suas amigas, ainda que finja ouvi-las, só penso em como me vou divertir com Naím quando formos para casa dele.

Algum tempo depois, o telemóvel, que trago no bolso de trás das calças, vibra. Eu olho para ele e vejo que é Naím, que diz:

A próxima música é para ti.

Encantada, sorrio. Esses simples detalhes deixam-me louca. E, ao olhá-lo e observar que sorri, sei que o seu sorriso é para mim. Então, sabendo da importância que Naím dá à música, escrevo:

Que canção é?

A resposta não demora a chegar:

Como antes, de Llana.

Sorrio novamente. Não conheço a música nem o cantor, e quando começa e ouço a letra, quero morrer!

Através de uma canção, Naím declara-se novamente, e eu... sinto-me tremendamente especial.

É a primeira vez que ouço esta música, mas, sem dúvida, ela torna-se uma das minhas favoritas instantaneamente, principalmente quando a letra fala sobre o modo como os nossos pais amavam. Não há dúvida de que Naím é especial e eu serei uma imbecil se não me atirar de cabeça, como ele está a fazer por mim.

Sem sair do meu lugar, ouço a música com cara de parva. Sim, sim, não consigo ver o meu rosto, mas consigo imaginar.

Sei que se ele não se aproxima é porque eu lhe pedi.

Sei que está a fazer isto por mim, para respeitar a minha discrição. Quando a música termina, o meu coração dispara a dois mil por hora. Voltamos a olhar-nos disfarçadamente e, sem falarmos, dizemos tudo um ao outro. De repente, sinto que preciso de dançar com ele com urgência. Já sei que sou fria. Já sei que a minha música não é romântica. Mas também sei o que quero agora e vou em frente.

Sem hesitar, levanto-me, vou até à pessoa encarregada de pôr música e, após sugerir um tema, ele diz-me que será a próxima a tocar; então, decido convidar Naím para dançar. Se ele não toma a iniciativa é porque lhe pedi, por isso serei eu a fazê-lo, e ignoro completamente a discrição.

Os primeiros acordes de *A un beso* começam a soar. É a nossa música. Só nossa. E, diante de Naím, do seu pai e do seu irmão, estendo a mão e digo:

– Sr. Acosta, dança comigo?

Naím pisca os olhos, surpreso. Acho que pensa que não há quem me entenda. Tão depressa digo *sim* como *não*... Horacio e Liam olham para ele, curiosos, e eu, a sorrir e sem perder a paciência, insisto:

– Não sou uma mulher que espera ser chamada para dançar. E já dancei com o seu pai, o seu irmão e o seu cunhado. Só me falta você!

Ele está boquiaberto, acho que nem respira. A minha proposta deixa-o perplexo, mas então o seu pai, batendo-lhe nas costas, intervém.

– Vamos lá, miúdo – diz ele –, não te faças de difícil.

Divertida ao ver a sua perplexidade, pego-lhe na mão e, levando-o para a pista, onde outros casais dançam ao som da doce canção, abraçamo-nos mantendo uma distância aceitável e começamos a dançar. Mas o seu cheiro... a sua proximidade... o seu olhar...

Uf, mãezinha, estou a cometer um erro?

O coitado levantou barreiras para cumprir o que lhe pedi, e aqui estou eu, a derrubá-las e a tentá-lo enquanto toca a música que é tão especial para nós.

Naím olha-me, uf, como me olha... e comenta:

– Menina Jiménez, dança muito bem.

Uf, o seu olhar...

Uf, a sua voz...

Sentir o calor da sua pele através da minha blusa está a deixar-me doente, muito doente, e a sorrir respondo:

– Também não dança mal.

Eu não digo mais nada. Ele não diz mais nada. Ambos sabemos que é melhor calarmo-nos.

Não sendo a primeira vez que dançamos, entendemo-nos perfeitamente. Conhecemos as nossas pausas, as nossas voltas, e, sem falarmos, mas seduzindo-nos mutuamente com a nossa forma de dançar, ambos sabemos que o que provoquei pode sair do nosso controlo a qualquer instante.

Ai, mãezinha, mãezinha, que vou beijá-lo!

Ai, mãezinha, mãezinha, que vou atirar-me a ele!

Ai, mãezinha, nem vou ter tempo de dizer «Sicília»!

O momento, a letra da canção, as bebidas que bebi a mais e todo ele estão a fazer-me trepar. Muito, muito alto. E, quando não aguento mais e resolvo mandar a discrição, o profissionalismo e tudo o mais à fava, estou prestes a beijá-lo quando percebo que alguém me empurra e, de repente, vejo um dos primos de Omar cair ao chão.

Naím e eu soltamo-nos imediatamente.

O que se passou?

No entanto, o que realmente nos preocupa é: o que estávamos prestes a fazer?

Capítulo 48

Depois do que aconteceu, a festa terminou, e Naím e eu tentamos manter a distância, cientes do que estávamos prestes a fazer, enquanto todos os convidados se despedem e vão embora.

Florencia ri-se. O galo que o primo de Omar tem na cabeça por ter bebido demais fá-la rir sem parar.

Então, Liam aproxima-se de mim e murmura:

– Porra!

Rapidamente olho para ele e pergunto:

– O que se passa?

Liam, que é muito Liam, aponta para a lapela do seu casaco.

– Manchou-me com cerveja – murmura.

Assim que ele diz isso, olho para onde aponta e respondo:

– Não vejo nada.

Ele acena com a cabeça, conduz-me para debaixo de um dos candeeiros e insiste:

– Não vês?

OK, agora com a luz vejo uma pequena mancha na sua lapela; tão pequena que se não a mencionar nem se vê, por isso sussurro:

– Por favor, Liam, isso não é nada.

– Não é para ti – diz ele, irritado.

A sua carranca diz-me que não está de muito bom humor, mas é suposto eu não saber de nada do que Florencia me contou sobre a tal Jasmina.

Naím e o pai aproximam-se de nós. Falam sobre o que aconteceu com o primo de Omar. Abano-me com a mão. Ter Naím tão perto depois do que

íamos fazer em frente a toda a gente deixa-me com calor. Nesse instante, Horacio, olhando para nós, pergunta:

– E o que se passa convosco?

Imediatamente, Naím e eu olhamos para ele e o homem acrescenta:

– Estão tão acalorados.

Liam sorri e desvia o olhar. Naím vai a falar, mas o pai dele, depois de ver o curativo no meu braço, pergunta:

– Verónica, quem a leva a El Médano?

Abalada com o que sinto, a minha voz nem sai, e Liam intervém:

– Eu, pai. Eu levo-a.

Logo em seguida, vejo que Naím se vira e se afasta para falar com a irmã.

Horacio, Liam e eu conversamos por alguns minutos, enquanto não consigo parar de pensar no quanto desejo Naím.

– Em que dia disse que regressava ao continente para ir ver a sua filha? – pergunta, de repente, o patriarca.

Acalorada e atordoada pelos meus próprios pensamentos, e incapaz de raciocinar, digo:

– Dentro de alguns dias.

O homem assente. Pela sua expressão vejo que lamenta que eu vá.

– Então tenho de me despedir de si? – diz ele.

Porra, é verdade, os meus dias aqui estão a terminar. Despedidas nunca foram o meu forte e, tentando sorrir, sussurro:

– Sim. – Horacio bufa, e eu, tentando ordenar as minhas ideias, lembro o que já conversei com ele antes e digo: – Mas tenho a certeza de que nos veremos novamente em outubro, em Madrid, no Prémio Farpón.

A expressão do homem muda e, no exato momento em que Naím se junta a nós, ele pergunta:

– Não vem ao jantar de gala do Prémio Bardea?

Não fui convidada. Em nenhum momento, Naím me pediu para ir. Mas, claro, por que motivo o faria sabendo que quero discrição? E, a sorrir, respondo:

– Não, Horacio. Não.

– Ai, minha menina, eu ficaria tão feliz se viesse... – insiste ele.

Acaricio carinhosamente a sua bochecha. Tal como o meu pai, Horacio inspira-me ternura. Então, Liam, que está ao nosso lado, diz:

– Se quiseses assistir ao Prémio, podes. Já que Jasmina não virá, podes usar o passe que eu tinha para ela.

– Que ideia excelente! – exclama Horacio.

Desconcertada, olho para eles. Ainda não consigo raciocinar, mas depois ouço Naím protestar:

– Porque não deixam de importunar a menina Jiménez?

Assim que ele fala, o pai olha para ele.

– Pelo amor de Deus, Naím – diz ele. – Porque não a chamas de Verónica?

Ele suspira, Liam sorri e eu disfarço, e Horacio, dirigindo-se a Liam, murmura:

– E tu, risinhos... Aquela tua mulher está grávida daquele ator?

O rosto de Liam muda e ele bufa como o irmão.

– Pai, não é o momento – intervém Naím.

No entanto, Horacio ignora-o e insiste:

– Pelo amor de Deus, filho, quando é que vais abrir os olhos? Como podes ser tão cego?

– Pai, já chega – reclama Liam.

Mas Horacio desespera e, olhando para mim, sussurra:

– Que dois filhos tontos eu tenho. Estes dois galãs de telenovela, em vez de se apaixonarem por mulheres que se prezem, apenas se fixam em quem não os merece.

– Pai... – protestam os irmãos em uníssono.

Continuo com cara de circunstância e nem me mexo, mas Horacio continua:

– Sinceramente, minha menina, começo a achar que o cabelo loiro dessas mulheres os deixa apalermados.

Céus... acabei de descobrir que Soraya é loira!

– Pai, já chega! – rosna Naím.

Horacio olha para ele e diz:

– A propósito, a tua irmã disse-me que te viram com uma tal Julia de Valladolid... Quem é essa pérola?

Beeeeeeeeeeeeeeeeeeeeem...

Ao ouvir isso, viro a cabeça.

Mas será que nas ilhas todos se conhecem?

Não quero olhar para Naím. Acho que se fizer isso, os nervos me vão fazer rir.

– Pai, não sejas indiscreto – reclama Liam. – Deve ser uma amiga.

Horacio olha para ele, abana a cabeça e murmura:

– Amiga?! Sabe Deus que tipo de amiga essa mulher será. Só espero que um dia te acalmes e me dêes netos como prometeste à tua mãe.

– Pai... – protestam os irmãos novamente.

Horacio dá-me dois beijos de despedida e, dirigindo-se a mim, sussurra:

– Encontre alguém que a mereça e some momentos lindos e inesquecíveis na sua vida. Não faça como estes dois idiotas, que subtraem em vez de somar!

Dito isso, Horacio olha para Naím e exige:

– E tu não me olhes assim e leva-me a casa.

Instantes depois, quando eles saem e Liam e eu despedimo-nos de Florencia e Omar, seguimos em direção ao seu bonito e impecável carro.

– Pensa no que eu disse sobre o passe para o prémio – diz, então. – Acho que o Naím gostaria de te ver naquela gala.

– É complicado...

– Porque foi assim que decidiste – comenta, com acidez.

Ouvir isso mostra-me que ele e Naím falaram. Mãezinha!

Não respondo, não quero pensar mais nesse assunto e, fazendo-me de parva, pergunto:

– O teu pai e a Jasmina não se dão bem?

Liam suspira, carrega no comando para abrir o seu carro e diz:

– A Jasmina e a minha família nunca se deram bem. E, para ser sincero, no ponto em que estou, quase prefiro.

Ao ouvir isso percebo que Liam não está bem e, fazendo-me de parva, murmuro:

– Não sei o que se passa com a Jasmina, mas...

Ele para, olha para mim e, irritado com o mundo, sibila:

– O que se passa com a Jasmina é que estou farto... Acabou! Não aguento mais!

Ver o seu desespero entristece-me. Isto do amor é uma porcaria quando não se é correspondido. Em seguida, ele olha para mim e, enquanto passa as duas mãos pela cabeça, diz:

– Está grávida!

– O quê?! – exclamo como se não soubesse de nada.

– Ela está grávida de sete meses, caramba!

Olho para ele boquiaberta e, num sussurro, pergunto:

– Há quanto tempo não a vês?

Ele abana a cabeça.

– Estive com ela há quatro meses em Los Angeles. E, caramba, ela já estava grávida e não me contou nada!

Assinto. Como disse Florencia, aquela espertinha anda a enganá-lo. Então, sabendo que estou a ser terrivelmente intrometida, pergunto:

– O filho é teu?

Liam abana a cabeça novamente. Vejo raiva e fúria no seu rosto, e depois ele diz:

– É do Tom Blake.

Mãe do céu... A sério que acabei de descobrir um mexerico que será um escândalo a nível mundial?

– O filho é daquele ator! Ela confirmou-me hoje quando lhe liguei.

– Porra!

– Mentiu-me durante meses. Disse-me que o que estava a sair na imprensa americana era falso. Mas é verdade. Estão enrolados há meses e agora entendo por que razão ela não queria que eu fosse vê-la e não veio verme. Sinto-me humilhado, furioso, enganado... E, embora adore o meu pai e a minha irmã, quando lhes confirmar a notícia, terei de aturar aquele «eu avisei-te» e... caramba!

Surpresa, pestanejo e pergunto:

– O Naím sabe?

Ele acena afirmativamente.

– Não sei o que te dizer... – sussurro.

Liam, que vejo zangado pela primeira vez, por ser sempre um homem controlado e simpático, respira fundo e murmura:

– Lamento ter descarregado em ti. Desculpa...

Ouvi-lo comove-me e, aproximando-me dele, abraço-o afetuosamente e murmuro:

– Sem problema. – Ele olha para mim, sorrio para ele e acrescento: – Eu sei como é ter o coração partido. O meu foi trucidado e isso não é, garantidamente, agradável. Mas, acredita em mim, tudo passa.

Liam não diz nada.

– Na época – digo –, a minha mãe, ao ver-me tão mal por ter sido enganada pelo pai da minha filha, quando ainda era uma menina, disse-me que a vida é uma sucessão de lições que é preciso vivenciar para entender. E sim, eu gostaria de não ter passado por essa lição, mas a vida às vezes é tramada.

– És tão cubinho de gelo como o Naím garante? – pergunta ele, instantes depois.

Ouvir isso faz-me rir.

– Sim – declaro. – O coração partido deixou-me assim. Algo que não deves permitir, porque, cá entre nós, não é bom.

Nós sorrimos, Liam e eu temos muito *feeling*.

– A minha mãe dizia sempre que quando se tem um companheiro é para se ter apoio e amor, incondicionais e saudáveis, não para se ter um tormento que destrói a nossa existência – diz ele logo em seguida.

Assinto.

– Tanto a tua mãe quanto a minha estavam certas.

Ambos sorrimos. Alegro-me vê-lo sorrir. E, ajeitando-lhe os cabelos como faria uma mãe, digo:

– Desculpa-me por ter perguntado.

– Sem problema. – E, recompondo-se para voltar a ser o homem confiante de sempre, diz: – Combinei com o Naím em casa dele. Vamos, eu levo-te.

Concordo, entro no veículo e, para mudar de assunto, começo a falar sobre como a festa foi divertida e fico feliz em ver Liam finalmente sorrir. É

claro que a procissão ainda vai no adro e só ele a pode vivenciar.

Pouco depois chegamos a uma urbanização localizada em El Sauzal. O lugar parece-me lindo, maravilhoso, e quando nos aproximamos de uma rotunda vejo Naím encostado ao seu veículo ao lado de um bonito *golden retriever*. Sempre que o vejo sinto que o meu corpo se revoluciona, e olhando para o cão pergunto:

– É *Donut*?

Liam acena com a cabeça.

– Como te disse, a Florencia distribuiu os cachorrinhos por toda a família. E eu, feito tolo, fiquei com dois.

Rio-me. Se eu tivesse filhotes de *Paulova*, também os distribuiria pela minha família e amigos. Saber que os meus netos gatos estariam bem e cuidados seria importante para mim, como vejo que foi para Florencia.

Liam para o carro e, olhando para mim, diz:

– Despeço-me de ti aqui. Vou para Los Angeles dentro de algumas horas. Tenho de falar pessoalmente com a Jasmina ou não ficarei bem.

Assinto. Compreendo-o. Se eu tivesse conseguido encontrar o pai de Zoé, sem dúvida teria falado com ele, não para lhe pedir nada, mas para lhe dizer algumas verdades.

– Sê sensato – sussurro. – E lembra-te de que, para apanhares um bom comboio, primeiro tens de perder outro.

– Posso dizer-te uma coisa sem que penses que sou intrometido? – pergunta ele a seguir. Concorro com a cabeça e ele continua: – Se gostas do meu irmão tanto quanto eu sei que ele gosta de ti, arrisca e deixa de ser um cubinho de gelo. Garanto-te que valerá a pena.

Surpreende-me que ele diga isto. Se eu não soubesse que não conhece Amara, pensaria que tinham conversado.

– Tenho uma amiga que diz a mesma coisa – sussurro, a sorrir.

– Rapariga esperta, a tua amiga.

– Nem imaginas – zombo, divertida.

Ambos rimos e, antes que Naím chegue até nós seguido por *Donut*, Liam pergunta:

– Pensa em vir ao Prémio.

Naím aproxima-se do carro e Liam fica em silêncio. Galantemente, Naím abre a porta e, após dar-me a mão para me tirar do veículo, diz ao irmão:

– Liga-me quando chegares a Los Angeles, e tem calma.

Liam acena com a cabeça. Eles entreolham-se com cumplicidade. Chocam as mãos e, segundos depois, Liam liga o carro e vai embora. Nesse momento, *Donut* senta-se à minha frente e eu, baixando-me para ficar à sua altura, cumprimento-o:

– Olá, *Donut*!

O cão levanta uma pata. Oferece-ma. Eu acho graça e, pegando nela, digo, enquanto toco na sua grande cabeça clara com a outra mão livre:

– Vejo que és tão cavalheiro quanto o teu dono.

Ouçó a risada de Naím e, ao levantar-me, olho diretamente nos seus olhos e digo:

– Quase estraguei tudo em frente a toda a gente...

– Teria adorado se tivesses estragado tudo – diz ele, ainda a sorrir.

– Naím...

Ele solta uma gargalhada e, pegando-me nos braços, diz divertido:

– E agora entremos em casa e, por favor, viremo-la do avesso!

E sim, sim, sim... Assim que entramos e ele fecha a porta, viramos tudo do avesso. E, ei, que delícia!

Capítulo 49

Acordo e, quando abro os olhos, a primeira coisa que vejo é Naím.

Ele está a dormir ao meu lado. Adoro vê-lo dormir. A sensação de paz e tranquilidade que isso me provoca só é comparável ao que sinto quando vejo Zoé a fazer o mesmo.

Porque é que sou tão mãezinha?

As minhas entranhas soam famintas. Como sempre, são indiscretas e, com cuidado para que ele não acorde, depois de ver que são onze e dez da manhã, levanto-me, visto as cuecas e uma *T-shirt* dele que encontro na cómoda, e vou à casa de banho.

Quando saio da casa de banho e do quarto encontro *Donut* deitado no sofá. É claro que é tudo dele, tal como o resto da casa, e, aproximando-me dele, acaricio-o. O cão olha para mim e eu beijo-o na cabeça.

– Bom dia, lindo – cumprimento-o.

O bicho, que não poderia ser mais bonzinho e tranquilo, acomoda-se no sofá para continuar a dormir e eu sento-me divertida e, com curiosidade, observo a casa de Naím. Tudo chama a minha atenção.

Na noite anterior, quando entrámos, tudo aconteceu tão rápido que não reparei em nada, e adoro ver a espaçosa sala aberta para a cozinha. Que moderninho! Sempre gostei de cozinhas e salas em *open space*, embora a minha em Madrid seja tradicional.

A casa é moderna, viril e espaçosa. É linda. Ele tem fotos numa estante, e sorrio quando me aproximo para olhar para elas e sinto que a senhora que está nas fotos com ele ou o resto da sua família é Anastasia, a sua mãe. Naím é parecido com ela, enquanto Florencia e Liam saem ao pai.

Vendo uma enorme janela, sigo em direção a ela. Procuro a correia para levantar a persiana, até perceber que é elétrica. Carrego no botão para abri-la e, quando começa a subir, fico sem palavras. O que tenho à minha frente é o mar em toda a sua extensão. Naím mora realmente em frente ao mar?

Abro de imediato as portas, que me conduzem a um espaçoso terraço, e, encantada, vou até ao parapeito. Céus, que maraviiiiiiilha!

Viver aqui é um verdadeiro luxo, e eu, como madrilena, fecho os olhos e inspiro o cheiro a maresia de que tanto gosto, enquanto passa pela minha cabeça Liam e espero que esteja tranquilo e que tudo corra bem.

O meu estômago ronca outra vez e penso em ir à cozinha e preparar o pequeno-almoço. Não sou de cozinhar, porque me contento com um copo de leite e bolachas, mas hoje quero impressionar Naím, por isso resolvo fazer ovos mexidos com *bacon*, cortar umas frutas e acompanhar com pedacinhos de queijo. Para impressionar!

– Vem tomar banho! – Ouço Naím dizer de repente.

– Estou a preparar o pequeno-almoço – respondo, entregando um pedaço de queijo a *Donut*.

– Tu?! – troça.

Durante o tempo em que estamos juntos, foi sempre ele o responsável pela cozinha. Sabe que odeio.

– Não queimes a minha cozinha! – Ouço-o exclamar em seguida.

Divertida ao ouvir isso, sorrio e respondo:

– Vou tentar!

Agora que sei que ele está acordado, pego no meu telemóvel e ponho uma das minhas *playlists*. A minha música começa a tocar. Pink, Britney, Bon Jovi, Jill Scott... e quando começa a tocar *I Gotta Feeling*, dos The Black Eyed Peas, entusiasmo-me e, enquanto preparo os ovos mexidos, começo a dançar com *Donut*, ao mesmo tempo que ponho a mesa no terraço para ali tomarmos o pequeno-almoço.

Estou contente. Estou feliz. Tanto que até estou a cozinhar! Naím, com a sua presença, faz-me começar a manhã de excelente humor e, quando me viro, vejo-o junto ao sofá a sorrir ao lado de *Donut*, vestido apenas com umas calças de fato de treino pretas.

– Levantaste-te com pedalada? – pergunta.

Querendo brincar, e sem parar de dançar, respondo:

– Levanto-me sempre com pedalada.

Naím concorda e eu, que sou palhaça, danço e faço palhaçadas à frente dele.

– Boa música, *ratita*, eu gosto! – comenta ele em seguida.

Encantada por ele dizer isso, quando por norma não aprecia a música que ouço, aproximo-me dele a dançar sem pudor e, depois de beijá-lo na boca, digo:

– Vá, senta-te. Já tenho o pequeno-almoço pronto.

Ele obedece e sai com *Donut* para o terraço, onde coloquei a comida. Depois de baixar o volume da música, sento-me ao lado dele, e Naím, olhando para o arranhão no meu cotovelo, sem curativo, pergunta:

– Isso dói?

Abano a cabeça. Não quero pensar nisso e, para desviar a conversa, comento:

– Se me tivesses dito que tens estas vistas, teria vindo antes.

Ele sorri, esquece rapidamente o ferimento e diz:

– Ah, muito bem. Terias vindo pelas vistas, não por mim...

– Não duvides! – exclamo, divertida.

Depois de um beijo, começamos a tomar o pequeno-almoço e *Donut*, como o cão bem-comportado que é, afasta-se da mesa e deita-se na sala. Se *Paulova* estivesse aqui já estaria em cima da mesa a tentar apanhar o nosso queijo. Adora! Durante o pequeno-almoço, conversamos sobre Liam. Eu conto-lhe o que sei, ele conta-me o que sabe, e ambos nos preocupamos com ele, pelo mau momento que vai viver ao ver a outra grávida do ator, e esperamos que regresse rápido de Los Angeles.

Naím ouve-me. Ele ri-se quando o telemóvel toca. É Florencia e, colocando a chamada em alta-voz para que eu ouça a conversa, cumprimenta:

– Bom dia.

– Ai, meu menino, estou tão preocupada com o Liam. Ontem senti-o mais sério do que o normal e isso inquietou-me. Sabes quando voltará de

Los Angeles?

– Calma, Florencia. O Liam está bem e estará de volta dentro de apenas quatro ou cinco dias – responde ele.

Mas a irmã continua. Sabemos que o seu instinto não está errado... Naím olha para mim e, suspirando, diz:

– Cabe ao Liam decidir o que fazer em relação à Jasmina.

– Eu sei – diz Florencia –, mas gostaria que...

– Florencia – interrompe-a ele –, é a vida do Liam, não a tua.

Durante algum tempo, ouço Florencia reclamar sobre isso, até que deixa escapar:

– Ouve, ontem à noite, a conversar com a Verónica, descobri que ela não sai com ninguém.

Assim que ela diz isso, Naím e eu entreolhamo-nos e ele pergunta:

– Referes-te à menina Jiménez?

– Pelo amor de Deus, Naím – protesta ela –, podes chamá-la pelo nome?

O nome dela é Verónica!

Sorrio divertida. Naím também, e diz:

– Algo me diz que ela prefere que eu continue a tratá-la por menina Jiménez.

– Não sejas idiota! Não gostarias de a conhecer?

Tenho de cobrir a boca para não rir alto, e então ouço-a dizer:

– Não te vou pressionar mais com a Mireia, embora já saibas que, na minha opinião, ela é a mulher ideal para ti. Mas, tendo conhecido melhor a Verónica ontem, acho que ela é maravilhosa, inteligente e trabalhadora. E, Deus, como dança! Fiquei atónita.

Naím acena com a cabeça e depois pensa, olhando para mim:

– Tu e todos.

Divertida, eu rio, e Florencia acrescenta:

– A verdade é que ela é charmosa e uma grande profissional na sua área. E, claro, já conquistou o pai e o resto da família. Porque não lhe ligas e a convidas para um café ou um jantarzinho? Quem sabe? Talvez se vocês se conhecerem...

– Não digas parvoíces! – interrompe-a Naím. – Aquela mulher e eu não temos nada a ver um com o outro.

A sua irmã contra-ataca rapidamente. É perceptível que ela tem uma boa opinião sobre mim. Naím aproxima-se de mim, dá-me um beijo na boca, que aceito com muito prazer, e, depois, diz:

– Sinceramente, mana, não acho que a menina Jiménez e eu tenhamos muito que conversar.

Divertida com isso, dou um soco no braço dele e ouço Florencia desabafar:

– Claro, chato como és, eu não ficaria surpresa! Mas fica a saber que o Felipe, amigo do Omar, ligou hoje de manhã a pedir o telemóvel dela. Aparentemente, ficou deslumbrado com ela.

Ouvir isso surpreende-me, e vejo que Naím franze a testa e responde:

– Não lho deram, certo?!

– Claro que não – apressa-se ela a dizer. – Primeiro, tenho de perguntar à Verónica. Achas que ela já está acordada?

Entreolhamo-nos, divertidos e eu, levantando-me da minha cadeira, sento-me nas suas pernas e beijo-o no pescoço.

– Não sei – diz Naím. – Ontem à noite deitou-se tarde e talvez esteja cansada... – Os meus beijos aumentam de intensidade e ele acrescenta: – Bem, mana, vou desligar. Tenho coisas para fazer.

Assim que a conversa termina, olhamo-nos e, ansiosa por possuir o homem que tenho comigo, murmuro:

– Vais ligar à menina Jiménez?

– Estou a ponderar – sussurra ele, carinhosamente.

Não precisamos dizer mais. Com os nossos olhos, com as nossas palavras, com os nossos beijos, já sabemos o que queremos, por isso ele levanta-se da cadeira comigo nos braços e leva-me diretamente para o quarto.

Chegando lá, senta-se na cama sem me largar e beijamo-nos, devoramo-nos, e Naím pergunta:

– Achas que a menina Jiménez e eu temos algo para conversar?

Dengosa, aceno com um sorriso. Meto-lhe a mão dentro das calças de fato de treino pretas e sussurro, acariciando a sua ereção:

– Acho que sim.

Ele sorri, eu também, e levantando-me tiro-lhe as calças. Depois, dispo a sua *T-shirt* e as cuecas e fico nua como ele e, inclinando-me para beijá-lo, sussurro:

– Desta vez sou eu que conduzo.

– Tens a certeza?

Assinto. Devoro a sua boca e, quando decido terminar o beijo, digo com todo o descaramento:

– Vais-te vir para mim.

Naím acena com a cabeça com um olhar tremendamente entusiasmado. Se ele é possessivo, vai descobrir que eu também sou. Agarro a sua ereção e acaricio-a suavemente. Naím estremece e, nesse momento, ouço-o dizer:

– Queres que a Florencia dê o teu número ao Felipe?

Quando o ouço dizer isso, olho nos seus olhos. A sensual música *Looking for Love*, de Kevin Ross, começa a tocar na minha *playlist* na hora certa, e eu murmuro:

– Já te dou a minha resposta.

Agachada entre as suas pernas, sinto a sua respiração travar. Gosto quando lhe provoco isto e, enquanto o fito nos olhos com provocação e dominação, começo a encher a ponta do seu pénis com beijinhos, até que, colocando a língua para fora com prazer, o lambo. Por alguns instantes brinco com o seu pénis na minha boca como se fosse um chupa-chupa, enquanto sinto o seu batimento cardíaco dentro da minha boca. Ele está muito excitado, muito, e, olhando para ele, exijo:

– Deita-te e fecha os olhos.

Ele obedece, e quando vejo que as suas pálpebras estão fechadas, continuo a brincar com a minha língua na ponta da sua ereção, até que começo a deslizá-la lentamente para a frente e para trás na minha boca. Naím estremece. Sim!

Ouço-o gemer, com a sua respiração a acelerar a cada segundo que passa, e envolvendo os meus lábios quentes em torno do seu pénis duro, subo e desço por ele, enquanto acaricio o seu escroto, fazendo-o contorcer-se de puro prazer.

Céus, como gosto de tê-lo assim!

Empoderada por saber que ele gosta e que se deixa conduzir por mim, agudizo a minha perícia e acelero o ritmo. Pela forma como está ofegante, pela forma como se move, sei que está a desfrutar, tal como sei que lhe acelero a pulsação. Então, sob a intensidade do nosso jogo quente, deixo-o respirar, deixo-o desejar por mais, e depois chupo novamente e chupo com força, aumentando novamente a sua pulsação e ouvindo-o gemer.

Excitada e enlouquecida por sentir o gozo de Naím, solto a minha imaginação e dedico-me, de corpo e alma, a dar-lhe prazer. Prazer quente. Prazer saboroso. Prazer avassalador. Quero deixar claro que não quero que a irmã dele dê o meu telemóvel a ninguém, porque só o quero ele. Só a ele.

Da glândula ao escroto, tudo é delicioso, maravilhoso, irresistível. Satisfeita, traço pequenos círculos com a língua sobre a sua ereção e dou-lhe pequenas mordidelas que o fazem tremer.

Olho para ele. Mantém os olhos fechados como eu pedi. A sua respiração é agitada e as contrações do seu corpo fazem-me perceber que não aguenta mais, que estou a levá-lo ao limite. Ele está prestes a atingir o orgasmo e, rastejando pelo seu corpo, monto nele, conduzindo-o para dentro de mim com um único impulso, e quando ele abre os olhos e olha para mim, um orgasmo avassalador deixa-o em convulsões enquanto o abraço.

Pouco depois, quando os seus tremores param, sussurro-lhe ao ouvido:

– A minha resposta foi clara para ti?

Naím olha para mim. Adoro o seu olhar, cheio de luxúria, excitação e loucura, e quando o vejo sorrir sei que, sem dúvida, foi clara para ele.

Capítulo 50

Nos dias seguintes mal saímos da casa dele, e se saímos é à noite, para que ninguém me veja. Às vezes, rimo-nos das nossas ações. Com a idade que temos, a escondermo-nos pelas esquinas. Acho que o *Donut* começa a odiar-nos.

Conversamos. Dormimos. Acordamos. Possuímo-nos. Ouvimos música. Comemos. Fazemos amor. Dançamos. Fodemos. Cozinhamos. Voltamos a aquecer. Caminhamos à noite na praia. Fantasiamos. Vemos as estrelas. Observamos o mar... Fazemos tudo!

E, na noite anterior ao meu regresso a El Médano para ir buscar as minhas coisas, deitados no sofá de sua casa, fantasiamos sobre sexo. Aquecemos ao máximo, conto-lhe sobre o meu livro erótico favorito. Conto-lhe a história de um alemão e uma espanhola de que tanto gostei, e, ao cair da noite, decidimos ir a uma sauna *swinger* que Naím conhece, porque a verdade é que a ideia me atrai.

Ao entrar, olho em volta com curiosidade. O lugar é escuro, carnal, sensual, como a maioria dos espaços liberais que conheço. E, depois de conversarmos com a rapariga da receção, descemos para os balneários. Naím entra no masculino e eu no feminino. Assim que visto o roupão preto que a rececionista nos deu, ao sair vejo que Naím já está à minha espera e, possessivo, pega na minha mão.

Os homens solitários que ali estão olham-me ávidos de desejo. Sei que adorariam que lhes desse acesso ao meu corpo, e isso excita-me de certa forma.

Assim que entramos na zona onde se situa a enorme piscina e os dois *jacuzzis*, Naím e eu naturalmente despimos os nossos roupões de banho,

penduramo-los num cabide e, de mãos dadas, entramos no *jacuzzi*. Ali as pessoas conversam, socializam e fantasiam. É uma boa forma de nos conhecermos e sabermos se queremos dar um passo adiante ou não.

Naím agarra-me pela cintura, senta-me em cima dele e, após me beijar, pergunta:

– Estás bem?

Sem hesitar, aceno. Não me sinto nada desconfortável.

– Em Roma estive numa sauna liberal muito parecida com esta – digo.

Falamos. Contamos as nossas experiências. Fantasias realizadas. Ambos somos jogadores experientes em sexo. De repente, notamos que alguém se senta ao meu lado, mas mantém as devidas distâncias. É um homem na casa dos cinquenta, alto, moreno e de boa aparência. Naím olha para ele, eu também, e ele apresenta-se:

– Olá. Sou o Luis.

Olhamo-nos e, com normalidade, digo:

– Olá, Luis. Ele é o Naím e eu sou a Verónica.

– São um casal ou conheceram-se aqui? – pergunta a seguir.

Naím sorri e eu apresso-me a responder:

– Casal.

Naím olha para mim. Pisco-lhe um olho e ele, aproximando-se de mim, sussurra:

– Cubinho de gelo, gostei do que disseste.

Divertida com isso, sorrio e beijo-o. E, sem aprofundar o assunto, começamos a conversar com Luis, com total normalidade. Vá, como se não estivéssemos nus num *jacuzzi*.

Pela experiência que tenho, sei diferenciar quando alguém realizou as suas fantasias e quando não o fez, e, sem dúvida, Luis é um dos que o fez. Ele não está nervoso. Não está ansioso. E, acima de tudo, é total e completamente respeitoso.

Durante algum tempo, conversamos os três. Luis é um comercial de Valência que está aqui a trabalho. E, a certo momento, eu e Naím olhamo-nos e, sem falar, entendemo-nos. Sorrio, ele também, e então ele diz:

– Luis, vamos para uma cabine onde podes assistir. O resto se verá...
Apetece-te?

Sem hesitar, ele aceita. Logo a seguir saímos os três do *jacuzzi*, pegamos nos roupões e, sob o olhar atento de outros homens que sinto que me olham com cobiça e gostariam de ser os escolhidos, saímos por uma porta e entramos num espaço onde só os casais podem entrar sozinhos ou com os seus convidados.

Entramos num quartinho onde há uma espécie de cama de couro preto. Sem falar, Naím pega um lençol limpo de uma pilha e, depois de colocá-lo na cama, ouço Luis dizer, apontando para uma poltrona:

– Vou sentar-me aqui.

Naím acena com a cabeça enquanto a minha excitação já está em pleno andamento. Somos brincalhões, provocadores. E, olhando para mim, Naím tira o meu roupão, deixa-o em cima da cama e, depois de lhe tirar o cinto, passa-o pela minha cintura e beija-me. Sem parar de beijá-lo, tiro-lhe o roupão e, quando estamos os dois nus, ele olha para mim e sussurra, mostrando-me o cinto do roupão:

– Vou tapar os teus olhos. Confias em mim?

Sem hesitar, aceno. Se não confiar nele, vou confiar em quem?

Com a faixa preta do meu roupão em volta dos olhos e não vendo nada, todos os meus sentidos se aguçam enquanto sinto a minha respiração acelerar e, quando aproxima os seus lábios dos meus, ouço que Naím diz:

– Lembras-te do livro erótico de que me falaste esta tarde?

– Sim – aceno, agitada.

Sensualmente, Naím volta a beijar-me, morde os meus lábios, e quando, de repente, passa a língua no meu lábio superior, depois no inferior e, por fim, me morde, sussurra:

– Bem, a tua boca é só minha, como a minha é só tua.

Uf, o que estou a sentir...!

Mãezinha, mãezinha.

Nunca imaginei que alguém pudesse dizer-me isto com tanta posse, provocação e desejo, e simplesmente aceno com a cabeça.

Deita-me delicadamente na cama e, deixando-me levar pelo jogo, desfrutamos de nos lamermos, tocarmos ou masturbarmos, enquanto imagino que Luis nos observa com tesão.

– Este sinal deixa-me louco! – Ouço Naím sussurrar.

Sorrio; o sinal que tenho ao lado do meu clítoris sempre chamou a atenção.

– É teu – respondo.

O jogo aumenta de intensidade. É deliciosa a excitação que nos provoca sermos observados por um terceiro sem que eu o veja. Então, Naím, que é quem comanda, vira-me, põe-me de quatro e, enterrando a sua ereção dura entre as minhas pernas, agarra-me pela cintura para me colar a ele e ouço-o sussurrar ao meu ouvido:

– É assim que eu gosto... Pronta para mim.

Ouvir isso e sentir-me cheia com a sua ereção faz-me ofegar e estremecer. Não o vejo, apenas sinto, desejo e adoro que me possua. Adoro ser a sua submissa, o seu brinquedinho, sobretudo quando ele diz com a voz cheia de desejo:

– Vou dar-te forte.

O seu domínio, o seu desejo e o meu tesão por ele enlouquece-me e, esquecendo os mimos e as doces carícias de outros momentos, ele dá-me com força. Fode-me como um cão enquanto eu desfruto como uma cadela e, com o meu tremor, peço mais e mais, imaginando Luis a olhar-nos e a tocar-se. Minutos depois, quando um orgasmo quente e avassalador se apodera de nós e respiramos fundo, Naím vira-me outra vez. Tira a faixa preta dos meus olhos e, depois de nos olharmos, darmos um beijo doce, quente e possessivo, pergunta:

– O que queres mais?

Céus... Tudo, eu quero tudo, e respondo:

– O que eu quero já tenho em cima de mim e é só meu.

Satisfeitos, voltamos a beijar-nos, e quando o nosso beijo termina, murmuro, pegando no cinto do roupão:

– Farei o mesmo no dia em que te possuir em frente a uma mulher.

Ele balança a cabeça amorosamente e, mordendo a minha orelha, diz:

– Assim espero.

Beijos. Carícias. Toques. Tudo. Absolutamente tudo o que fazemos nos faz curtir, vibrar, viver, e então Naím, depois de olhar para Luis, olha para mim e pergunta:

– E se provarmos...?

Sorrio. Esta frase será sempre especial para nós e, sem hesitar, concordo. Com ele ao meu lado ousou provar tudo.

– Queres que te ceda ao Luis? – insiste.

Vendo que isso lhe causa a mesma excitação que me causa a mim, aceno. A nossa forma de desfrutar o sexo, felizmente, vai além do que está estipulado.

– Desde que tu comandes o jogo – acrescento.

Naím sorri. Com a minha resposta, mostro-lhe quanto gosto de brincar com ele. Então, ele sai de cima de mim, olha para Luis e diz:

– Vem desfrutar da minha mulher.

Ouvir isso faz todos os pelos do meu corpo arrepiarem-se. É a primeira vez que eu e Naím jogamos desta forma e, embora ambos saibamos que não somos novos no assunto, pois já o fizemos com outros e outras, não esquecemos que é a nossa primeira vez juntos.

Sinto que ele é meu, assim como eu sou dele. Apenas as nossas bocas nos pertencem, e só de pensar nisso fico altamente excitada.

Luis imediatamente se levanta da cadeira onde estava sentado. Para bom entendedor, meia palavra basta: a sua ereção é mais do que evidente, ele é um jogador experiente como nós. E, enquanto Naím lava a minha vagina com água e me prepara para Luis, este põe um preservativo e olha para mim.

Com cuidado, tesão e mil outras coisas, Naím limpa-me. Neste momento, ele é o meu dono, o meu mestre, o meu senhor. E, para aquecer ainda mais o clima, diz-me coisas quentes, perturbadoras, diz que ambos vamos curtir o que vai acontecer e eu, totalmente convencida, aceno com a cabeça. A excitação com o que ouço, com o que diz, pelo que sei que vai acontecer faz com que a minha vagina se lubrifique e, quando me toca, comprova isso, sorri e, levantando-se, diz enfaticamente:

– Cara para baixo e pernas bem abertas para ele.

Deus, como este comando me excita!

Quente, eu obedeco. Viro o rosto para baixo e abro as pernas. Nunca joguei desta maneira. Já fiz trios com homens em que sempre comande a ação, mas hoje, aqui e agora, sou a submissa e o brinquedo, e isso excita-me muito, muito, muito.

Luis está atrás de mim. Não o vejo, mas sinto-o. O seu dedo corre pela minha vagina molhada. Depois, é a mão inteira que o faz e, sob o olhar atento de Naím, ele dá-me uma palmada que me faz gemer. Momentos depois, acomoda-se na cama. Abre um pouco mais as minhas coxas, deixando-me totalmente exposta a ele e fazendo o meu peito descansar no colchão, mas o meu traseiro está no ar. Imediatamente depois, percebo como ele se inclina para frente e o calor da sua boca a lamber a minha vagina faz-me saltar.

– Silêncio – diz Naím.

Obedeco. Fico quieta enquanto Luis devora a minha vagina com a boca e o prazer que sinto faz-me fechar os olhos.

Não sei quanto tempo dura, só sei que o meu sexo fica encharcado quando ele me faz levantar. Põe-me de quatro e eu sinto-o descansar a sua ereção dura contra a minha vagina; depois, agarra a minha cintura e começa a inseri-la.

Uf... sim... sim...

Naím observa-nos. Os seus olhos, o seu olhar duro e a sua expressão séria deixam-me louca, enquanto Luis se introduz por completo em mim e, por alguns segundos, não se mexe. Desfruta de me ter assim, cheia. Cheia dele.

Instantes depois, percebo que o seu pénis sai de mim para depois entrar novamente. Ele repete essa ação mecânica uma e outra vez, enquanto os seus movimentos ficam cada vez mais rápidos e eu gemo. O momento é quente, carnal, avassalador, enquanto me entrego a ele e abro mais as minhas coxas para recebê-lo por completo.

Céus, que prazer...

Naím baixa-se, fica à minha altura e beija-me. A sua boca, a sua língua, o seu olhar e o seu beijo fazem-me saber quanto gosta do que vê, o quanto o excita o que fazemos, e ele sussurra:

– És o meu amor, o meu prazer, a minha fantasia...

Ouvir isso numa circunstância tão quente e íntima faz a minha loucura, o meu êxtase, aumentar, aumentar e aumentar.

Mas como pode dizer-me algo tão perfeito agora?

Beija-me novamente. Os seus beijos falam por si, o seu olhar apaixona e, quando olho para a sua ereção, desejosa de a saborear, mimar e cuidar, Naím, que sabe disso, compreende o meu desejo, ajoelha-se na cama com aquela provocação que eu adoro, e exige:

– Abre a boca.

A sua ordem, a sua voz... Oh, céus, a sua voz! O seu olhar deixa-me louca. E quando introduz delicadamente a ponta da sua ereção na minha boca, começo a lambê-la e saboreá-la com delírio e propriedade.

Sentir o meu corpo a mover-se completo, sentir-me tão possuída e ouvir os sons secos e húmidos do sexo está a enlouquecer-me. Não sei quanto tempo dura o momento, só sei que o aproveitamento, até que, depois de uma última estocada, sei que Luis atingiu o orgasmo.

Vejo que o meu homem e ele se olham, e sorrio ao ver que Naím o manda sair com um gesto. Luis obedece sem hesitar, depois de se limpar e pegar no roupão. Quando estamos sozinhos, Naím vira-me para me olhar nos olhos, deita-se em cima de mim, põe a sua ereção dura na entrada da minha vagina dilatada e, assim que se crava, diz:

– Terias de ser a minha boca para saberes que só a tua me interessa. Terias de ser os meus olhos para saberes que eu só quero olhar para ti, e terias de ser o meu corpo para saberes que tu és o meu único desejo.

Louca! Deixa-me louca com isso! E só consigo murmurar:

– Amor...

A partir desse instante, possuímos-nos com total devassidão. As nossas bocas, aromatizadas com sexo e luxúria, devoram-se com urgência enquanto sabemos que só ele e eu existimos. Nada mais.

Capítulo 51

O nosso desejo é insaciável, louco, perturbador, mas as horas passam rápido e o nosso tempo juntos acaba.

No carro, em silêncio, sem música, rumamos para El Médano.

Tenho de fazer a minha mala para sair do apartamento. Esta tarde regresso a Madrid para poder fazer a viagem à Antártida, embora sinta que não quero partir, que não quero separar-me dele. Apesar de tudo, ainda não digo «amo-te».

Ao chegar, enquanto procuramos estacionamento, vejo Lola entrar num cabeleireiro com a sua tia e digo:

– Olha, a minha amiga Lola.

Naím, olha para onde estou a apontar. Acho que a vê. E eu, ansiosa por me despedir dela, embora saiba que a verei novamente em Madrid, peço-lhe:

– Deixa-me aqui enquanto procuras um lugar para estacionar. Quero despedir-me dela.

Naím acena com a cabeça e para o carro. Desço e, enquanto ele vai estacionar, vou ao cabeleireiro onde as vi entrar e, aproximando-me de Lola e da tia, digo:

– Viva!

As duas olham para mim e sorriem.

– Finalmente te vejo! – exclama Lola.

Encantada, cumprimento-as, e enquanto a tia fala com a cabeleireira, digo apontando com o dedo:

– Aquele ali a sair daquele carro ao fundo é o Sr. X.

Lola olha, balança a cabeça e afirma, após estalar a língua:

– Muito *sexy* o Sr. X.

Rimos as duas e, depois, digo-lhe:

– Hoje à tarde apanho um voo para Madrid; amanhã parto para a Nova Zelândia e depois vou para a Antártida ver a Zoé.

Ela assente, pois já lhe contei sobre a viagem, e, pegando nas minhas mãos, sussurra:

– Diverte-te com a tua filha.

– Assim farei! Quando regressas a Madrid?

– No início de setembro.

– Tudo bem com a holandesa?

Lola acena com a cabeça e, baixando a voz, explica:

– Só te digo que já fizemos vários trios ardentes.

Assinto. Garantidamente, ela não perde tempo.

Naím aproxima-se do cabeleireiro e eu, após dar dois beijos a Lola, despeço-me dela.

– Vemo-nos em Madrid!

– Combinado.

Saio para a rua, Naím vem até mim e, segurando na minha mão com posse, caminhamos em direção ao apartamento. Deixo-o fazer isso. Permito que ele segure a minha mão. Faltam apenas cinco metros para chegar à entrada. Ninguém nos vai ver.

Um pouco depois, enquanto arrumo a minha mala, Naím olha para mim encostado ao batente da porta e disfarço o meu desalento com boa-disposição. Estou até nervosa. Esta noite dormirei sozinha na minha casa em Madrid, estarei sem ele, e ainda me custa aceitar. Tento manter a conversa divertida e fazer-nos sorrir, porém sei que estamos muito desanimados.

O que está a acontecer entre nós desconcertou-nos e agora, quando temos de nos separar para regressar às nossas respetivas vidas, temos de aprender a lidar com isso.

Ele não voltou a dizer a expressão proibida desde aquela noite. Acho que percebeu o susto que apanhei e tenta ser comedido. Mas eu sei... sei que me ama. Basta ver como me olha, como me trata ou como me mima para entender que não é simplesmente uma atração.

Estou a fechar a mala quando o meu telemóvel, que está na cama ao lado de Naím, toca. Olhamos os dois para ele atraídos pelo barulho, e prendo a respiração quando leio no ecrã:

És a minha espanhola
ardente.

Subitamente, quero morrer. Mandeí uma mensagem a Lorenzo a pedir que não me escrevesse por enquanto. Sei o que Naím e eu prometemos naquele dia. E, apressada, digo:

– Não sei por que motivo me escreve.

Ele não diz nada. Não protesta. Não posso dizer que não é paciente. Está tenso, consigo ver pela contração da sua boca. Nesse momento, o seu telemóvel também toca. Ele rapidamente pega nele e levanta-se, e sorrio ao ver que está a falar com Liam. Acabou de regressar a casa e, antes de desligar, ouço Naím dizer que vai levar-me ao aeroporto e que depois irá vê-lo.

Assim que desliga, o silêncio tenso volta. Não estamos chateados. Não se passa nada connosco, mas é evidente que a nossa separação nos incomoda.

– Como ficam as coisas entre nós com a tua partida? – pergunta a seguir.

Uf, mãe... Chegou a hora de falar sobre o que estamos a evitar há dias, e eu respondo:

– Bem, voltarmos a estar juntos.

– Em que qualidade?

– Na qualidade de duas pessoas que estão a conhecer-se – digo, o melhor que consigo.

Ele assente. Vejo que tenta controlar as suas emoções; já começo a conhecê-lo, e ele insiste:

– Gostava que viesses para o Prémio Bardea.

Penso durante alguns segundos, enquanto Naím volta a sentar-se na cama. Assim que fecho a mala, acomodo-me ao lado dele e digo:

– Volto da Antártida dia 28 de agosto, e em setembro tenho de começar a trabalhar. É complicado, amor, tu sabes...

– Os planos que tinhas para a China e a Austrália mantêm-se?

Ao ouvir isso, sorrio. Embora ele não o tenha mencionado, isto esteve na sua mente durante todo este tempo. E, olhando para ele, sussurro consciente do que digo:

– A resposta é não. E é *não* porque eu só quero fazer sexo contigo.

Sei que gostou da minha resposta. Vejo que a sua seriedade afrouxa, os seus olhos se iluminam e ele diz:

– Não sabes quanto eu precisava de ouvir isso.

Beijo-o, divertida. À minha maneira, isto é quase uma declaração de amor. E ele insiste:

– Nada me agradaria mais do que levar-te pelo braço ao jantar do Prémio Bardea.

Há uma parte de mim que também gostaria disso, mas quando estou prestes a responder, acrescenta:

– Querida, nós somos adultos. Somos solteiros. O que importa o que as pessoas pensam, desde que tu e eu saibamos a verdade e estejamos bem?

Suspiro. Sei que ele tem razão, mas ainda não me soltei. Ainda não dei o passo que sei que tenho de dar para o fazer entender que estou tão interessada nele quanto ele em mim.

– Gosto de ti. Gosto tanto de ti... – sussurro.

Naím beija-me e eu agarro-me desesperadamente a esse beijo com a intenção de que ele não diga mais nada e fique satisfeito com isso, pois é o máximo que lhe posso dizer neste momento.

Como sempre, quando nos beijamos intensamente não conseguimos parar e, sem falarmos, mas com um desejo louco e puro, acabamos a fazer amor mal tirando a roupa, porque a urgência é vital.

Duas horas depois, assim que chegamos ao aeroporto, depois de deixarmos o carro no estacionamento para não sermos vistos por ninguém, ele pede:

– Deixa-me acompanhar-te ao *check-in*.

Abano rapidamente a cabeça. Deixá-lo fazer isso seria um erro. Ia beijá-lo à frente de todos. Eu sei, porque me conheço. E, com carinho, murmuro:

– Já discutimos isto, amor, e a resposta é *não*.

Naím bufa e, por fim, diz:

– OK, cubinho de gelo... eu tinha de tentar.

Sorrio. Adoro-o. Adoro como a sua voz modula quando me diz isso, e na privacidade do carro e do estacionamento beijo-o e sussurro:

– Ontem à noite, na sauna liberal, disseste-me algo que me fez confirmar quanto és especial para mim. Posso não saber dizer as palavras doces e românticas que queres ouvir, mas, amor, falaste da tua boca, dos teus olhos, do teu corpo, e quero que saibas que os meus olhos, a minha boca e o meu corpo anseiam completamente por ti. Só por ti.

Naím sorri. O seu sorriso enche a minha alma, e ele sussurra:

– Dizeres isso já é muito.

– Vês – digo, surpresa comigo mesma.

– Agora é que não quero mesmo que vás.

Satisfeita por ter conseguido dizer uma coisa bonita e com sentimento, que ele entendeu, depois de um novo beijo carregado de desejo, amor e mil outras coisas mais, separo-me de Naím e sussurro:

– Não vamos tornar a despedida mais complicada.

– Fica... – murmura ele com sentimento.

– Eu ficaria, Naím... mas estou a morrer de saudades da minha filha.

Ele sorri, entende o que estou a dizer. Então, faz uma expressão que me apaixona e murmura:

– Odeio despedir-me de ti.

Assinto. Quero que saiba que eu também, e deixando-me levar pelo momento, digo:

– Vamos fazer as coisas bem e eu prometo tentar vir jantar contigo no Prémio Bardea.

Naím acena afirmativamente. Ouvir isso era algo por que não esperava.

– Mas irás acompanhar-me e, naquele dia, a minha família saberá a verdade – diz ele, olhando para mim. – Os enganos vão acabar.

Lentamente, aceno. Mãezinha, em que confusão me estou a meter.

– OK. Combinado – declaro.

Naím beija-me outra vez. Está feliz com o que acabou de ouvir, apesar de a situação o incomodar. Ele beija-me e tira-me o fôlego, e quando se afasta de mim, sussurra:

– Não te assustes, mas tenho de te dizer que te amo e que és a coisa mais linda, excitante e complicada que já me aconteceu na vida.

Assustar-me, não... estou borrada de medo!

Mas eu assinto, assinto e assinto enquanto digiro o que ele acabou de dizer.

Então, ele abre a porta do carro e sai. Eu faço o mesmo enquanto tento recompor-me. Contornamos o veículo. Vários desconhecidos passam por nós com as suas malas enquanto ele abre o porta-bagagens e, depois de tirar as minhas coisas, coloca-as à minha frente e diz, estendendo a mão:

– Foi um prazer tê-la aqui, menina Jiménez.

Sorrio, aceno com a cabeça e, pegando na sua mão, digo sentindo o calor da sua pele:

– O prazer foi meu, Sr. Acosta.

Por alguns segundos, olhamos nos olhos um do outro. Como sempre, o nosso silêncio fala, até que encerro o momento e, com toda a pena do mundo, pego na minha mala e começo a caminhar em direção ao interior do aeroporto sem olhar para trás, porque, apesar de ir embora, não vou partir.

Capítulo 52

A base americana de McMurdo está localizada a cerca de 3500 quilómetros da Nova Zelândia, a sul da ilha de Ross e nas margens do Estreito de McMurdo. Como diria o meu pai, onde Judas perdeu as botas!

A viagem parece-me interminável, mas quando finalmente desço do avião militar e vejo a minha filha à minha espera com aquele sorriso que, para mim, paralisa o mundo inteiro, entendo que vir aqui valeu a pena.

Zoé e eu abraçamo-nos. Rimos, saltamos. É a primeira vez que estamos tanto tempo sem nos vermos e, depois de cumprimentar Michael, vamos para o que eles chamam de «guarida».

Surpresa, enquanto caminhamos pela base, vejo como tudo está bem montado. Há um porto, um heliporto e muitos edifícios de que Zoé me fala enquanto a ouço, encantada.

Quando chegamos a casa deles, comprovo que o cheiro é maravilhoso. Podemos, finalmente, tirar os casacões que temos vestidos, e Zoé e eu abraçamo-nos novamente. Percebo que sentir e cheirar a sua pele me dá vida, e, de repente, Naím vem à minha mente e, tentando ser discreta, pergunto:

– Onde é a casa de banho?

Zoé rapidamente me indica e dirijo-me para lá.

Sei que os meus horários não são os mesmos de Naím. Além disso, nem sei que horas são em Espanha, mas prometi que o avisaria quando estivesse com Zoé, por isso escrevo:

Cheguei à Antártida e
estou feliz por estar com

a Zoé. Tenho saudades
tuas.

Clico em «Enviar» com um sorriso e, aproveitando que estou na casa de banho, decido fazer xixi; e, quando me levanto, o meu telemóvel toca. Olho para imediatamente e leio:

Fico feliz por estares
feliz. Também tenho
saudades tuas.

Como uma tonta, sorrio. Sempre que troco mensagens com Naím sinto-me a flutuar. E, respirando fundo e metendo o telemóvel no bolso das calças, volto para a sala de jantar. Agora, a prioridade é a minha filha.

Ao entrar, vejo que Zoé e Michael puseram a mesa, e a minha filha diz, pegando na minha mão:

– Vem mãe, vou mostrar-te a nossa guarida.

Encantada, deixo-me guiar pelo espaço, que não terá mais de trinta metros quadrados. Uma sala-cozinha, uma pequena casa de banho e um quarto. Não há mais!

Tudo é reduzido, minúsculo. Se eu tivesse de morar aqui ficaria muito agoniada, mas se Zoé está feliz, eu também estou. Michael tira uma bandeja do forno e diz:

–Vamos jantar!

Aceno, estou esfomeada. Não sei quantas horas levo de viagem, e fico pasmada quando Michael diz que Zoé fez um delicioso macarrão no forno.

A sério que a minha filha se tornou cozinheira?

À noite, conversamos por algumas horas no pequeno sofá da sala, mas a minha expressão cansada faz com que Zoé e Michael me mandem dormir. Eles insistem que eu durma no quarto. Michael dorme no sofá e eu durmo com Zoé.

A princípio recuso. Eles têm a sua cama, o seu espaço privado. Mas acabo por ter de ceder. Em hipótese alguma, Michael permite que eu durma no sofá e, por fim, exausta, vou para a cama. Estou morta!

Na manhã seguinte, quando me levanto, a primeira coisa que vejo ao abrir os olhos é Zoé a dormir ao meu lado.

Se existe o paraíso, eu estou nele!

Sem me mexer ou fazer barulho, observo-a. A minha menina, aquela ratinha que me enlouquecia com as suas cólicas, já é uma mulher. Uma mulherzinha linda que, com a sua atitude e a sua maneira de ser, me mostra que vive e gosta da vida, como lhe ensinei.

Estou a pensar nisso quando Zoé abre os olhos e sussurra:

– Bom dia, mãe.

Ouvir isso emociona-me. Há quanto tempo que não ouço isto!

Como tantas vezes fizemos ao longo das nossas vidas, deitadas na cama, conversamos sobre inúmeras coisas. Ansiosa para saber tudo, pergunto-lhe sobre absolutamente tudo o que me ocorre, e a minha filha conta-me sem nenhum problema.

As entranhas de ambas soam ao mesmo tempo por causa da fome. A minha filha, pobrezinha, herdou isto de mim. E, quando nos levantamos, abro a minha mala e digo:

– Pensaste que me tinha esquecido?

Vendo aqueles biscoitos que tanto adora, Zoé atira-se a eles como uma louca, enquanto eu rio e ela me enche de beijos.

Há melhor do que isto?

Depois de uma manhã maravilhosa na guarida, várias pessoas vêm visitar-nos. Todos querem conhecer-me e, quando Michael sai para o trabalho, decidimos dar um passeio.

Caminhar por aqui é complicado, mas eu adapto-me. Mãezinha, quanta roupa a gente tem de vestir. Parecemos cebolas com tantas camadas! Ainda assim, gosto de estar com a minha filha e os seus amigos. Entre eles, estão bombeiros americanos, militares de diversos países, biólogos...

São todos amáveis, sorridentes e positivos, e eu admiro-os. Duvido que pudesse viver como muitos deles vivem aqui durante meses.

Entramos num lugar a que chamam «cantina» e comemos alguma coisa. Enquanto o grupo fala sobre as suas coisas, interessei-me por Zoé e a sua vida aqui.

Ela conta-me como, na guarida, quando Michael não está, continua com as suas rotinas de *ballet*, e diz que vai a um ginásio na base todos os dias com vários dos seus amigos que nos acompanham. Também me conta que o seu tempo livre com Michael é passado a ver filmes, a jogar cartas com os amigos e a fazer amor.

Quando Zoé diz isso, sorrio. Se lhe ocorresse contar isto à minha mãe, ela tê-la-ia repreendido rapidamente pela sua sinceridade, mas eu aprecio. Adoro saber que a minha filha tem liberdade para dizer isto à minha frente com toda a normalidade e, principalmente, que gosta de fazer amor. Sexo é bom, e agora que o faço com amor, entendo-a melhor.

De repente, Zoé pergunta:

– Mãe, estás bem?

Surpresa, levanto as sobrancelhas e ela murmura com ar divertido:

– Desde que chegaste, não fizeste um único elogio a nenhum dos homens com que nos cruzámos ou que te apresentei. E, olha, há alguns bem bonitos e jeitosos...

Ao ouvir isso, rio-me. Agora que diz isso, é verdade. Mas, sem dúvida, para mim só há um jeitoso a quem eu gostaria de dizer algumas coisas.

– Porque estou tão focada em ti que o resto me é indiferente – respondo.

Zoé acena com a cabeça, sorri e continuamos a conversar.

À noite, após jantarmos em casa de alguns amigos franceses de Zoé e Michael, chegamos à casinha deles e vou para a cama para lhes dar privacidade. A casa é tão pequena que, desde que cheguei, a intimidade entre eles foi zero.

Na cama, às escuras, penso em Naím. Nunca, na minha vida, imaginei que pudesse sentir tanta falta de um homem que não fosse o meu pai ou Leo. O amor incondicional que sinto pela minha filha nada tem a ver com o

que sinto por Naím. São dois tipos diferentes de amor, mas intensos e avassaladores.

Estou a pensar nisso quando Zoé entra no quarto, tira o robe que está a vestir, se deita na cama e, olhando para mim no escuro, sussurra:

– Estás acordada?

– Sim, *ratinha*.

Vejo-a sorrir. Os meus olhos já se habituaram ao escuro. E, passando-lhe a mão no cabelo, como fazia quando ela era pequena, murmuro:

– Vejo-te bem e muito feliz.

– Eu sou, mãe. O Michael é maravilhoso, e estar aqui tem sido uma experiência e tanto para mim.

Assinto. Reconheço que estes dias em que estou a lidar mais com Michael, ele está a conquistar-me cada vez mais.

– Quando regressam a Nova Iorque? – pergunto.

– Dentro de dois meses. E, apesar de desejar poder sair à rua sem parecer uma cebola, sei que vou sentir falta desta paz e tranquilidade. Além disso, o Michael e eu conversámos sobre regressar à base todos os anos, por pelo menos um mês, para que ele possa continuar os seus estudos.

Sorrio. Gosto de ouvi-la.

– Mãe... passa-se alguma coisa contigo – diz Zoé, de repente. – Conheço-te muito bem e sei que há alguma coisa que não me estás a contar.

Rio-me. Sem dúvida, a ligação que Zoé e eu temos é especial. E, movendo-me, ligo a luz na mesinha de cabeceira e sento-me na cama. Zoé faz o mesmo e, respirando fundo, digo:

– Ouve, querida, o que te vou dizer...

– Ai, meu Deus, mãe! O que se passa? Estás doente?!

Ouvir isso faz-me rir.

– E por que motivo estaria doente? – pergunto.

A minha filha balança a cabeça apressadamente e murmura:

– Porque estás muito estranha. Brincas. Ris. Mas há momentos em que tens um olhar triste e...

– Conheci alguém – interrompo-a.

A minha filha pisca os olhos. É a primeira vez, em toda a sua vida, que lhe digo algo assim. Nunca conheceu um namorado meu, ou algo do género.

– Chama-se Naím – continuo. – Tem quarenta e um anos. Vive em Tenerife. Trabalha como enólogo na vinícola da família e... Zoé, diz-me as coisas mais lindas que possas imaginar... Até dançámos música romântica à luz da lua.

A minha filha abana a cabeça lentamente. Ai, meu Deus! Espero que não leve a mal! Ela leva as mãos à boca. A sua expressão é de absoluta surpresa.

– Não queria que isto acontecesse, mas... – sussurro.

– Mas, mãe, isso é maravilhoso – diz ela, convicta, embora se apresse a acrescentar: – No entanto... se eu descobrir que ele te faz sofrer, saco da minha veia italiana e parto-lhe as pernas.

Nós rimos. Nisso, Zoé é tão bruta quanto as tias Amara e Mercedes, ou eu.

– Ele chama-me «cubinho de gelo» – murmuro a seguir.

A minha filha ri-se com vontade. Durante bastante tempo continuo a falar dele, até que, impaciente, porque o que ela acha é muito importante para mim, pergunto:

– Então, parece-te bem?

Zoé assente.

– Mãe, por amor de Deus, já estava na hora! – exclama imediatamente.

Rio-me, ela também, e com aquela cara de pestinha que ela tem, e que eu adoro, diz:

– Conta-me tudo. Quero saber como se conheceram e quero saber tudo!

E, então, conto-lhe *tu-do*.

Falo-lhe sobre Naím. Como nos conhecemos. Da música que ouvimos. Dos lugares onde fomos. Como o sexo é maravilhoso com ele. E quando chego ao momento em que aconteceu aquilo com a Mercedes, evito mencioná-lo. Zoé não precisa de saber.

– E ele disse-me que me amava porque era a primeira coisa que pensava ao acordar e a última antes de dormir – remato. – E... bem, filha, tenho de confessar-te que eu sinto o mesmo. Não consigo parar de pensar nele.

Zoé acena com a cabeça, assimila o que lhe disse e sussurra:

– Bateu forte, mãe. Estás apaixonada!

Sem hesitar, aceno afirmativamente. Se antes já achava, agora que estou longe dele há alguns dias, corroboro.

– Filha, eu até ouço música romântica... – digo baixinho.

– Meu Deus, mãe – troça ela.

Ambas rimos. Somos mãe e filha, mas também somos amigas.

– E porque é que não lhe disseste que o amas? – pergunta ela a seguir.

– Porque não me sai.

– Pelo amor de Deus, mãe, como pode não sair?

Encolho os ombros. A minha filha, como toda a gente, repreende-me pelo mesmo e, olhando para ela, murmuro:

– Não sei, querida. Nunca disse a um homem que não fosse o avô ou o Leo que o amava e... e... bem, talvez também porque primeiro precisava de falar contigo. Queria que soubesses o que está a acontecer e saber a tua opinião. O que achas?

– Bem, o que hei de achar, mãe? Acho que é a melhor notícia que me podias dar. És jovem e tens de viver e aproveitar a vida e o amor.

Sorrimos uma para a outra e, então, a rir, digo:

– Tenho fotos com ele no telemóvel. Queres vê-lo?

– Meu Deus, mãe, já!

Rapidamente, pego no meu telemóvel e, depois de as procurar, mostro-lhe. Tenho centenas de fotos. Tirámos um montão delas, de manhã, à tarde, à noite. Oh, céus, mas que bonito é o meu rapaz.

– Mãezinha... mãezinha... – sussurra Zoé.

Ouvi-la faz-me rir e, então, a minha filha olha para mim e acrescenta:

– Mãe, tens muito bom gosto!

Solto uma gargalhada. E, então, ao ver uma foto de Naím com *Donut*, ela sussurra:

– Não me gozes?! Ele tem um *golden retriever*...

Assinto, divertida

– Chama-se *Donut*.

– É perfeito! – murmura, com os olhos bem abertos.

Continuamos a ver as fotos durante algum tempo e, encantada, e percebendo o seu interesse, conto-lhe momentos especiais que vivi com ele e como foi maravilhosa a minha estadia nas ilhas.

Durante mais de duas horas, a minha filha e eu conversamos e sinto que um peso saiu dos meus ombros. Falar livremente sobre Naím com Zoé é fácil, mais do que imaginava.

Assim que pouso o telemóvel na mesinha, a minha filha diz, olhando para mim:

- Mãe, estou a morrer de vontade de o conhecer!
- E ele está a morrer de vontade de te conhecer. – Rio-me.
- Têm de ir a Nova Iorque.
- Iremos. Estou convencida de que ele aceitará o convite – digo, feliz.

Zoé abraça-me; o seu abraço continua a ser o mais reconfortante do mundo, e murmura:

- Cumpre muitos dos requisitos que anotaste no caderno dos sonhos.

Divertida, penso sobre isso. A verdade é que Naím supera tudo o que escrevi.

- Com juro! – respondo.
- Então, quando chegares a Madrid, tens de riscar no caderno – declara Zoé – e, sobretudo, tens de continuar a conhecê-lo. Por isso, promete-me que, quando voltares da tua viagem à China e à Austrália, apanhas um avião e vais vê-lo.

Sem hesitar, eu concordo. Não lhe vou contar nada sobre a gala do Prémio Bardea, ou sei que vai sentir-se culpada por eu não ir.

- Já contaste aos avós? – insiste ela, em seguida.
- Não, filha, não. Se lhes contar, não me vão deixar em paz.

Rimos as duas e, depois, ela pergunta:

- E o que dizem os tios?

Pensar em Amara, Leo e Mercedes faz-me sorrir.

- Dizem para arriscar – respondo. – É o que dizem.

Zoé acena com a cabeça, concordando.

- Mesmo sem o conhecer, gosto do Naím porque tu gostas dele – afirma.
- E tu és tão exigente que já tenho a certeza de que esse homem é muito

especial.

– É! – concordo.

– Também gosto de te ver apaixonada.

Assinto, sorrio e murmuro:

– Agora só falta conseguir dizer a Naím que o amo...

Assim que digo isto, Zoé e eu olhamo-nos, e eu pergunto:

– Eu disse que o amo?!

Ela acena com a cabeça e eu, como se tivesse ganhado a lotaria, repito:

– Mãezinha... mãezinha... Eu disse-o!

A minha filha dá um gritinho. Eu dou outro. Num salto, ficamos em pé em cima da cama e começamos a saltar nela, até que a porta do quarto se abre e Michael pergunta, com cara de assustado:

– O que se passa?

Zoé pula da cama e vai até ele. E, pendurando-se no seu pescoço, como às vezes me penduro no de Naím, diz:

– Passa-se que a minha mãe ama o Naím.

Michael olha para mim. Naturalmente, ele não sabe quem é Naím. E eu, emocionada e feliz pelo que consegui verbalizar, declaro:

– Eu amo-o, Michael, estou apaixonada por ele.

Capítulo 53

Despedir-me de Zoé parte a minha alma.

Não a verei até que regresse a Nova Iorque e, depois de trocarmos milhares de abraços e beijos, entro no avião que me leva para a Nova Zelândia, de onde apanho outro de regresso a Espanha.

Quando chego a minha casa em Madrid, no dia 28 de agosto às sete da manhã, estou um caco. Tanto voo destrói qualquer um e, depois de avisar, via WhatsApp, os meus pais, Naím, a minha filha e os meus amigos de que estou de volta, sento-me na cama, abro a gaveta da mesinha de cabeceira e, tirando o caderno dos sonhos, olho para ele com um sorriso e leio:

– «Conhecer um homem alto, bonito, interessante, independente, que não me sufoque, reservado, que baixa a tampa da sanita quando termina, que saiba cozinhar, prepare excelentes *cocktails* e, claro, que quando se aproxima de mim, cheire sempre bem e me deixe louca com a sua voz.»

Então, rio-me e afirmo para mim mesma:

– Sem dúvida, Naím Acosta, eu estava a descrever-te.

E, com um sorriso de orelha a orelha, pego numa caneta e risco o meu «sonho» que se tornou realidade.

Assim que volto a pôr o caderno onde estava, tiro a roupa e, sem pensar em mais nada porque estou a morrer de exaustão, atiro-me para a cama e adormeço. Mais tarde, vou buscar *Paulova* a casa dos meus pais.

Não sei há quanto tempo estou a dormir quando ouço a campainha tocar. Logo a seguir, abre-se a porta e ouço as vozes de Amara e Mercedes, que me

chamam. Horrorizada, rolo na cama, cubro a cabeça com o travesseiro e murmuro:

– Deixem-me dormir!

Mas não, impossível. As minhas duas loucas entram no quarto, atiram-se na cama e Mercedes diz:

– A Zoé ligou-nos e disse que tens de sair e comprar um belo vestido de noite.

Ao ouvir isso, sento-me, olho para elas e rosno:

– Um vestido para quê?

– Para ires ao jantar do Prémio Bardea.

Estou sem palavras. Não contei nada disso à minha filha.

– E como é que a Zoé sabe do jantar? – pergunto.

As duas olham-se e, então, Mercedes diz:

– Porque a tua filha falou com Naím e ele contou-lhe.

– O quê?!

Bloqueada, afasto o cabelo do rosto e questiono:

– Como é que a Zoé falou com Naím?

As minhas amigas riem, eu quero morrer, e Amara explica:

– A Zoé sacou o número dele do teu telemóvel e ligou-lhe diretamente para lhe dizer que se ele te partir o coração, ela apanhará um avião, irá a Tenerife e ateará fogo às caves. A propósito... adoro que ele te chame «cubinho de gelo».

Horrorizada, não sei o que dizer. Vou matá-la!

Conheço Zoé e sei que ela é capaz disso e muito mais, e Mercedes diz com sotaque italiano:

– É a nossa *ragazza*, e família... é família.

Amara ri-se, eu não.

– Vamos, levanta-te – ordena Amara. – São dez horas. Vamos à loja da minha amiga Sofía.

– Sugeri que usasses o meu vestido de puta chique, mas elas disseram que não – graceja Mercedes.

Amara ri-se. Eu também. Esse vestido é brutal.

– Vamos à loja da minha amiga – repete Amara. – Ela tem vestidos de noite lindíssimos. E vamos, rapidinho, que tens um voo para Tenerife às quatro da tarde.

– O quê?! – pergunto, incrédula.

As minhas amigas acenam com a cabeça, e Mercedes sussurra:

– Não dissemos nada ao Naím, para que seja surpresa. E, a propósito, reservámos um quarto para duas noites no hotel que nos disseste de que gostaste. Tens um voo de regresso daqui a três dias. Falámos com a Eloísa e ela disse-nos que uma amiga chamada Lola, que é de Madrid, mas que está lá, te irá buscar ao aeroporto e...

– Mas vocês estão loucas?! – grito de repente.

As minhas amigas olham para mim. Não vejo a menor preocupação nos seus rostos.

– Combinei com os meus pais... – insisto.

– Com os teus pais nós depois falamos.

Recuso, estou de rastos.

– Daqui a cinco dias parto para a China e a Austrália e... – continuo.

– Que nem te passe pela cabeça voltar a *colonizar*! – rosna Mercedes.

Solto uma gargalhada ao ouvi-la. Mas o que se passa com ela?

– Agora, conheceste alguém que vale a pena – acrescenta. – Não vais estragar tudo.

– Mas nem o conheces! – protesto.

Mercedes acena com a cabeça, Amara ri-se, e então a primeira diz:

– Eu sei, mas a Zoé disse-me que o Aloé Vera lhe pareceu um tipo impressionante, e se a minha menina diz isso, não há mais a dizer! Portanto, na China e na Austrália, nem que...

– Pelo amor de Deus, cala-te – interrompo-a, levantando-me da cama.

De repente, bato com o dedão do pé na perna da mesinha e estou a resmungar quando Amara se aproxima de mim.

– Ouve, querida – diz ela. – Eu sei que te estamos a sobrecarregar e que, a qualquer instante, aquela bruxa mandona que vive dentro de ti vai sair e mandar-nos à merda. Mas entende que a Zoé nos ligou e disse que já que conseguiste dizer que o amas sem desmaiar, tens de ir dizê-lo ao Naím.

Fecho os olhos. O que me propõem é uma loucura. E, embora eu queira protestar e trazer à tona a bruxa que há em mim porque quero dormir, a vontade de ver Naím invade-me e, de repente, arregalando os olhos, murmuro:

– Têm razão. Tenho de lhe dizer.

Mercedes e Amara acenam com a cabeça e batem palmas. Depois, abraçam-me e, de repente, ouvimos Leo dizer da cozinha:

– Cafés prontos. Vá, estamos a ficar sem tempo!

Uma hora depois, e ainda sem perceber bem o que estou a fazer, deixo-me guiar pelos meus três amigos malucos até à loja de Sofia, amiga de Amara. Ali, experimento vários vestidos. Longos. Impressionantes. Divinos. E, no final, apaixono-me por um vestido de seda preto que, além de lindo, é muito *sexy*. Sem dúvida, Naím vai adorar este vestido.

Ao meio-dia faço questão de passar por dois lugares de vital importância para mim. Se vou regressar a Tenerife, quero fazê-lo com alguma coisa. Os meus amigos protestam, mas eu insisto: não aceito *não* como resposta.

Felizmente, ambos os sítios são perto e, assim que consigo o que necessito e lhes conto o motivo, eles sorriem com a história.

Já na posse do que queria, corremos todos para minha casa. Tenho de fazer as malas. Estarei fora três dias, depois tenho de voltar para a minha viagem de trabalho, mas parece que vou ficar dois meses lá, tendo em conta tudo o que enfiar na mala enquanto rio com os meus amigos das parvoíces que dizemos na idade que temos. Finalmente, saio a comer uma sandes, porque não gosto das do avião.

Às duas e dez, já estamos os quatro no aeroporto. Verifico a mala e, quando tenho de passar pelo controlo e lhes dou dois beijos para me despedir, os meus três amigos olham-me como se fossem três mães patas.

– Diverte-te, querida – sussurra Leo.

– Não estragues tudo, coração – diz Mercedes.

– Diz-lhe que o amas, cubinho – lembra-me Amara.

Divertida, assinto. Aceno-lhes e, sabendo que estou a viajar para ver um homem a quem pretendo declarar-me, passo pelo controlo de segurança, ponho os auriculares e, ouvindo um pouco de música para me revigorar, dirijo-me à porta de embarque.

Vou para Tenerife!

Capítulo 54

Às 19h27, ao sair pela porta do aeroporto, vejo Lola e sorrio. Claro, o Comando Chuminero organizou tudo muito bem.

Ela abraça-me, fica feliz por me ver, e entramos no seu carro alugado. Seguimos para o hotel onde fizeram a minha reserva, que não é outro senão o de forma piramidal onde conheci Begoña grávida. A propósito... tenho de lhe ligar.

No caminho, ligo a Liam. Cumprimenta-me com alegria e, ao saber que estou em Tenerife para o jantar, acho que até se emociona, porque a sua voz muda.

Pergunto-lhe sobre a sua viagem a Los Angeles. Ele conta-me que não tem sido fácil, mas que terminou o relacionamento com Jasmina e que está bem. Não pergunto nada mais. Não quero ser indiscreta, muito menos em frente a Lola, por isso digo-lhe que falamos melhor mais tarde, quando nos encontrarmos ao jantar, e ele concorda.

Em seguida, peço vários favores. Preciso que ele seja, como sempre, meu cúmplice com Naím e, sem hesitar, ele concorda.

Uma vez no hotel, Lola acompanha-me até ao quarto. Aí, enquanto conversamos, tiro as roupas da mala e, ao ver o vestido preto de seda que vou usar no jantar, apaixona-se por ele.

É tão bonito!

Olho para ele encantada, e quando ela vê um conjunto de *lingerie* preta que também comprei para a ocasião, pega no sutiã e comenta:

– Que *sexy*.

Assinto. Sei que esse conjuntinho preto com tiras de couro marca pontos.

– Vou usá-lo esta noite – sussurro.

Lola ri-se, e depois murmura olhando para mim com intenção:

– Quando quiseres, tu sabes...

Eu sei o que quer dizer com aquele comentário e, a verdade, a verdade é que pensei sobre isso. No avião, à medida que me aproximava da ilha, não parava de o imaginar.

– O que me disseste... ainda está de pé? – pergunto, baixinho.

– Sim – declara ela sem me deixar terminar.

Assinto. Gosto de saber que Lola está disposta a jogar o meu jogo quente. De repente, ela aproxima-se de mim. Vejo o olhar lascivo de sexo nos seus olhos e, deixando as regras claras, antes que ela se engane, afirmo:

– Sabes que eu não gosto de mulheres.

– Que pena.

– Lola! – zombo.

Ela ri-se, eu também, e depois dá-me uma palmada safada no traseiro e diz:

– Adoraria poder fazer um trio com o Sr. X e contigo.

Ao ouvir isso, rio-me. Nunca na vida faria sexo a três com ela ou com alguma amiga chegada e, olhando-a, digo, quebrando o momento estranho que ela criou:

– Lola, eu não gosto de...

– Já experimentaste? – pergunta, tirando o meu cabelo do ombro.

– Não. Mas sei.

Lola suspira, tira a mão do meu ombro e pergunta:

– Poderei tocar no Sr. X?

– Para já, só quero que assistas – esclareço. – Se eu mudar de ideias sobre o jogo, aviso-te.

Dando um passo atrás, ela faz o seu típico clique com a língua e, em voz baixa, sussurra:

– Adoraria.

Quando o diz, não sei se isso me incomoda ou não. No mundo do *swing* não deve haver ciúmes ou dúvidas, ou não é apreciado.

– Calma – diz ela em seguida. – Eu sei respeitar.

Tendo esclarecido esse ponto, que é sempre importante no jogo, Lola pergunta:

– Onde queres fazer isso?

– Aqui – digo, apontando ao redor do quarto.

E, levantando-me, vou até ao móvel onde pousei os cartões que me deram na receção. Pego num, vou até ela e digo, entregando-lho:

– Quando o Sr. X e eu voltarmos, quero que estejas no terraço. – Aponto para a fina cortina e acrescento: – Corres a cortina de rede e ficas atrás dela para que ele veja que uma mulher está presente. Mais tarde, quando eu o vender, podes entrar e observar de onde te apetecer.

– Vou masturbar-me sentada naquele sofá – declara.

Olho para lá. Está bem em frente à cama e, sem hesitar, e entendendo que faria o mesmo, respondo:

– Parece-me bem.

Assim que algo tão simples quanto isto é esclarecido, e combinamos encontrar-nos à meia-noite no meu quarto, Lola sai, e eu rapidamente tomo um banho e arranjo-me.

Capítulo 55

Às dez e meia da noite, e com o estômago a soar como uma manada de elefantes em debandada, entro no restaurante onde combinei com Liam. É o lugar onde conheci Naím naquela noite. E, ao vê-los sentados ao fundo, na esplanada que dá para o mar, sorrio e paro.

Nervosa e entusiasmada com o reencontro com Naím, olho para os dois irmãos. Como sempre, Naím está desportivo e Liam de fato. Na verdade, eles não poderiam ser mais diferentes, tanto fisicamente quanto na maneira de se vestir, mas sei que, por dentro, são ambos muito especiais.

Estão os dois sérios. Acho que estão a falar sobre o que aconteceu a Liam e, respirando fundo, vou até ao bar sem ser vista.

O empregado, que já recebeu instruções de Liam, leva-me à cozinha e entrega-me uma caixa de cartão. Abro-a com cuidado e vejo uma garrafa do *sauvignon blanc* ao qual Naím dedicou tanto cuidado, carinho e atenção, e começo a fazer a minha magia.

A garrafa do vinho é tosca e banal, por isso, tirando da carteira a preciosa e fina garrafa de vidro branco que comprei, transfiro o vinho de uma para a outra. Depois, com um pequeno instrumento especial que Liam deixou lá para eu usar, eu arrolho a garrafa.

Logo em seguida, tiro da minha carteira uma bela etiqueta em tom esbranquiçado.

Sempre disse que os rótulos dos vinhos são a sua carta de apresentação, como as capas o são para os livros. O normal é encontrar informação sobre o tipo de uva, a colheita, a vinha, mas, neste caso, dei largas à imaginação e criei um rótulo atual e sobretudo muito especial.

Sorrindo, e com cuidado, colo-o no centro da garrafa e sorrio quando leio: MEU SONHO DAS CAVES VERODE, cercado por pequenos arbustos verode, num verde-vivo com as bordas grená.

Olho para o resultado. Na minha opinião, a garrafa de *sauvignon blanc* de Naím ficou espetacular. Agora, só falta que ele goste.

Depois de ter tudo preparado, consigo controlar o meu estado de nervos, e que os elefantes, e não borboletas, deixem de espezinhar o meu estômago. Vou à casa de banho e mando uma mensagem a Liam.

Ele, que está à espera do meu sinal, tem o seu telemóvel num lugar estratégico onde Naím não consegue ler as mensagens que chegam, e quando recebe a minha, vejo-o pedir licença e, após deixar o guardanapo sobre a mesa, caminha até onde estou.

Quando Liam chega até mim, abraçamo-nos e, olhando para ele, pergunto:

– Estás bem?

Ele rapidamente acena com a cabeça.

– Diz-me a verdade – insisto.

Ele olha para mim e, depois de bufar, diz:

– Acredites ou não, estou bem. Mas vê-la tão grávida e saber que não é meu foi estranho.

Assinto. Certamente não terá sido fácil.

– Sabes o que eu percebi quando voltei? – acrescenta. – Que não a queria. Não sei se foi a distância, tantos meses sem nos vermos ou a decepção sofrida, mas agora nem sinto falta dela nem penso nela.

– Não sabes como fico feliz em ouvir-te dizer isso – digo, acreditando nas suas palavras. Não há nada mais doloroso do que sofrer por amor. Eu sei, aconteceu comigo, e talvez por isso saiba exatamente do que falo.

Vendo que fica em silêncio, entendo que quer dar o assunto por encerrado e, tirando a garrafa de vidro, sussurro:

– Achas que ele vai gostar?

Encantado, Liam olha para ela atentamente. Estuda-a por alguns segundos, que me parecem uma eternidade e, depois, declara:

– Moderna, leve e fresca. Vai adorar.

Ouvir isso faz-me sorrir, e Liam, olhando para o irmão, que ainda está na mesa a fitar o mar, diz:

– Vá, vai. Ele vai gostar mais da tua companhia do que da minha. E diz-lhe que já deixei o jantar pago. Divirtam-se!

Encantada, sorrio e abraço-o. Liam é maravilhoso, mas não quer emocionar-se e insiste:

– Anda, vai ter com ele!

Ambos sorrimos. Trocamos um beijo carinhoso e, depois de respirar fundo, ponho a garrafa de vinho na minha bolsa para Naím não a ver e começo a caminhar em direção à mesa dele.

Tudo treme. Acho que nunca estive tão nervosa na minha vida. E quando estou ao lado dele, que está completamente imerso em pensamentos, toco com um dedo no seu ombro, e quando ele olha para mim, vejo que pisca os olhos, surpreso.

Incrédulo e sem falar, ele levanta-se e, antes que eu esperasse, dá-me um abraço sincero, carente e avassalador que me faz sentir em casa.

– Estava a pensar em ti – sussurra ele no meu ouvido.

Mãezinha... mãezinha... como gosto de ouvir isso!

Procuro a sua boca e beijo-o, apaixonadamente. Desejo-o. Preciso dele. Amo-o. E quando o beijo termina, murmuro:

– Olá, avozinho!

Ele sorri.

– Olá, Julia de Valladolid!

Ambos rimos. É claro que este disparate será nosso para sempre.

Instantes depois, após dizer-lhe para olhar para onde está Liam, e ele nos acenar antes de sair, Naím, cavalheirescamente, puxa uma cadeira para mim e eu sento-me. Depois, ele senta-se e pega na minha mão.

– Não imaginas como me faz feliz que estejas aqui.

Aceno, satisfeita. Se a sua alegria tiver metade do tamanho da minha, consigo imaginar. Então, lembrando-me de algo, sussurro:

– A Zoé sacou o teu número sem a minha permissão.

Naím sorri. Céus, que sorriso ele tem.

– Ela disse-me – responde. E depois acrescenta: – É melhor eu tratar-te bem ou ela virá a Tenerife para me partir as pernas e incendiar as caves.

Incapaz de evitar, sorrio com algum embaraço. A minha filha é brutal. Mas, claro, com uma mãe como eu e tios como os que tem, o que seria de esperar?

– Achei-a tão charmosa quanto a mãe – diz Naím, a sorrir.

Desatamos os dois à gargalhada e, então, pegando na minha mão, ele pergunta:

– Estás cá pelo jantar, amanhã?

– Estou cá por ti – esclareço.

Naím acena com a cabeça, sorri e acrescento:

– E, claro, também para te acompanhar à gala, de braço dado.

Ele assente. Sinto a sua felicidade. Sei quanto isso é importante para ele.

– Tenho outra surpresa para ti – digo baixinho, olhando para ele.

– Outra?!

Satisfeita, sorrio, e Naím insiste:

– Maior surpresa do que a tua presença?

Sem esperar nem mais um segundo, tiro a preciosa garrafa de vinho da minha bolsa, coloco-a diante dele e pergunto:

– E se provarmos...?

Tão surpreso quanto antes, Naím encara a garrafa. Por alguns instantes, vejo que não entende, pensa que é só mais uma garrafa de vinho, até que percebo que ele vê o nome no rótulo. Então, agarra-a rapidamente e ergue as sobrancelhas, observando-a minuciosamente.

– É só uma ideia – digo. – Não tem de ser o rótulo definitivo ou o vidro definitivo. Mas queria que amanhã pudesses apresentar o teu *sauvignon* com elegância e...

– Está perfeita, querida – interrompe-me ele.

Ver a paixão com que olha para o rótulo e sentir o calor emocionado do seu olhar sobre mim, mostra-me quanto gostou.

– Então, se é perfeita, mereço um beijo, certo? – exijo, a sorrir.

Sem hesitar, Naím beija-me. Como gostamos de ser duas lapas! E, quando o beijo termina, emocionado e sem largar a garrafa, começa a olhar para ela

e volta a olhar, sem deixar de elogiar tudo: o rótulo bonito, o vidro fino da garrafa e a rolha. Ele gosta de tudo e eu gosto de ter acertado.

Durante o jantar saboreamos um vinho diferente. Reservamos o magnífico *sauvignon* que Naím criou porque será apresentado na noite seguinte, com o fino vidro da garrafa e o belo rótulo, já que só temos esta.

Enquanto degustamos um delicioso jantar em que, como sempre, fico empanturrada pela ansiedade que os meus nervos me provocam, penso na próxima surpresa que preparei para Naím. Não só há a surpresa quente de Lola, mas também pretendo dizer-lhe que o amo. Não sei quando nem como. Só sei que, quando o fizer, quero que seja um momento muito especial.

Capítulo 56

Quando terminamos de jantar, são vinte para a meia-noite. O hotel fica próximo, e imagino que Lola já esteja a caminho. Então, Naím pergunta-me onde estou hospedada e, assim que lhe digo, ele diz-me que iremos ao hotel buscar as minhas coisas e depois iremos diretamente para casa dele.

Sem hesitar, eu concordo. Claro que quero ir para casa dele, mas sim, primeiro temos de passar no hotel.

À meia-noite e cinco estamos a entrar no *hall* e, como aconteceu da primeira vez, quando entramos no elevador, beijamo-nos. Hum, delicioso! Que excitação Naím me provoca! E, excitada com a situação, sussurro:

– Mal posso esperar para chegar ao quarto.

Ele concorda. Sabe que antes de irmos para casa vamos matar saudades no quarto e, entre beijos, risadas e carinhos, chegamos à porta.

Assim que a abro com o meu cartão e entramos, ao fechá-la, deixo a bolsa e a garrafa na entrada; Naím olha para mim, esperando que coloque o cartão no aparelho na parede para a luz acender, mas depois sussurro, divertida:

– Esta noite eu conduzo.

Ele sorri. Eu também. Beijamo-nos, devoramo-nos e entramos no quarto. Ao fazê-lo, vejo as portas do terraço abertas e, através da cortina, observo a figura de uma mulher de cabelos escuros.

Naím, vendo a mesma coisa que eu, olha para mim.

– Hoje será uma mulher que verá como eu te possuo – sussurro, aproximando-me.

Ele concorda, satisfeito. Não levanta nenhuma objeção. Os nossos beijos aceleram-nos, a temperatura sobe, e ele, baixando as alças do vestido

comprido que estou a usar, fá-lo cair aos nossos pés.

Olhamo-nos com tesão. A luz da lua que entra pelo terraço permite que Naím veja a *lingerie* que estou a usar e, acariciando o meu pescoço com a mão, sussurra:

– És linda.

Sorrio. Sei que não passou muito tempo desde que lhe disse para não me dizer estas coisas, mas hoje tudo mudou e gosto de ouvir isso, porque me sinto especial.

Logo em seguida, pego num lenço preto que deixei estrategicamente sobre a cómoda, mostro-lho e pergunto:

– Confias em mim?

Sem hesitar, ele acena com a cabeça. Ponho o lenço preto em volta dos olhos dele e sussurro ao seu ouvido:

– Esta noite és o meu animal, o meu cavalo... e vou foder-te bem. – Naím sorri e eu acrescento: – Não resistas.

As minhas palavras pervertidas fazem os pelos dos seus braços arrepiarem-se, e eu, desabotoando lentamente a sua camisa branca, acaricio-lhe os maravilhosos abdominais e, depois, passo a minha língua por eles.

Lola entra então no quarto. Olhamo-nos e sorrimos. Ela está muito bonita com o vestido vermelho que está a usar e, piscando-me o olho, senta-se como uma gata com o cio no sofá.

Com Naím parado no centro do quarto, começo a despi-lo. Quero que sinta a minha posse, que sou eu que mando, que controlo o jogo, e quando o tenho completamente nu e à minha mercê, dando-lhe umas palmadas naquele traseiro rijo, digo:

– Agora, vou sentar-te na cama.

Ele acena sem dizer nada. Sabe jogar. E, pegando na sua mão, guio-o até à cama e, quando ele se senta e vejo que está confortável, ajoelho-me em frente a ele.

– Afasta as pernas – ordeno.

Ele obedece. Acomodo-me entre elas e, depois de distribuir um rasto de beijos doces na parte interna das suas coxas, que sinto como tremem, olho

para o seu sexo duro e ereto, beijo-o e, tomando-o entre as mãos, começo a lambê-lo com desejo e ardor.

Naím geme, a sua respiração acelera, e quando o sinto tremer, paro o jogo e sussurro:

– Não te atrevas a vir-te.

Vejo Naím sorrir, e ele diz:

– Amor, se continuares assim não vou conseguir evitar...

Isso diverte-me e, deitando-o na cama, faço-o ficar no centro dela, sento-me sobre ele, inclino-me para a frente e sussurro:

– Ela... gosta de ver como te toco, como a minha boca te masturba, e agora vai gostar de ver como te vou foder. – Naím suspira. O que eu disse excita-o tanto quanto a mim, e acrescento: – Vou montar-te como se fosses o meu cavalo, e quando terminar e te tiveres vindo dentro de mim, talvez eu te ceda para que ela te possa montar, se te parecer boa ideia.

Percebo a excitação de Naím na sua respiração, ainda mais quando diz em voz baixa:

– Desde que tu conduzas, sim.

Sorrio. Vê-se que a minha parte dominante, aquela que é eclipsada quando a dele sai, o está a excitar muito. E, agarrando a sua dura ereção nas minhas mãos, coloco-a no centro do meu desejo quente e húmido e, deixando-me cair lenta e deliberadamente sobre ele, encaixo-me.

Oh, céus, que prazer!

Olho para Lola. Ela está de pernas abertas, com o vestido puxado para cima e sem cuecas, e vejo-a enfiar os dedos na vagina. Se o que eu faço me excita, nem quero pensar no quanto isto a excita a ela.

Naím suspira e coloca as mãos na minha cintura. Afasto-as imediatamente, levanto-as acima da sua cabeça e, segurando-as com as minhas, ordeno:

– Quietos. Quietinho para mim.

Sinto como o seu corpo treme. Ele gosta do jogo a que o submeto, isso deixa-o louco, enquanto as minhas ancas ondulam em busca de prazer.

Começo a montá-lo lentamente. Muito devagar. Quero desfrutar de cada sensação, cada instante, cada toque. E, acima de tudo, quero que Naím

desfrute tanto quanto eu.

Excitada, perco-me no momento excêntrico, fundindo-me nele enquanto o meu ritmo aumenta e a minha posse se aprofunda. Ouvir os gemidos do meu amor e vê-lo tão devotado a mim com os olhos vendados deixa-me em êxtase.

Sentindo-me como uma amazona selvagem, pressiono as minhas coxas contra o seu corpo. Naím estremece. Sinto as suas ancas subirem na minha direção para me enfiar bem e solto as suas mãos. Logo em seguida, apoio-as no seu peito e a minha cavalgada torna-se mais intensa, até chegarmos ao orgasmo e, após um último empurrão que nos deixa sem fôlego, vimo-nos e sentimo-nos no céu.

Com calor e sem fôlego, deixo-me cair sobre Naím, e percebo que as suas mãos envolvem o meu corpo. Respiramos com dificuldade, mas continuamos um dentro do outro. Perceber a pulsação do membro de Naím ainda dentro de mim é algo imenso, especial.

Levo a minha boca até à dele e prendo-a, beijo-a. E quando decido terminar o beijo quente e vejo como ele está entregue ao jogo e aos meus desejos, murmuro:

– Agora ela vai montar-te.

Naím acena com a cabeça, não se mexe, e saindo de cima dele olho para Lola, que não se mexeu do sofá, e acrescento:

– Anda cá.

Pela expressão dela vejo que o meu pedido a surpreende, e quando ela se levanta eu digo:

– Quero que o montes, mas antes disso, dá-me alguns segundos.

Ela acena com a cabeça sem falar e, então, vou à casa de banho, pego numa toalha e molho-a com água. Logo em seguida, volto para o quarto, onde Lola continua onde a deixei e Naím está nu na cama. Aproximo-me do meu amor, pego no seu pénis e, esfregando-o com a toalha molhada para limpá-lo, sussurro ao ver que a sua ereção cresce novamente:

– Não te mexas. Vou colocar-te um preservativo.

Naím assente. Sorrio e, satisfeita, coloco a sua ereção de volta na minha boca. Agradar-lhe é um prazer para mim.

Momentos depois, assim que tiro a minha boca, agarro num preservativo e, depois de rasgar a embalagem, coloco-o com cuidado. Feito isso, e afastando-me, indico a Lola que ela se pode aproximar.

Como imaginei, ela não hesita e, depois de se acomodar sobre Naím, agarra a ereção dele com a mão, coloca-a na vagina como eu fiz minutos antes e deixa-se cair sobre ele. Vejo-a inclinar a cabeça para trás e Naím estremece.

Prazer... Sem dúvida, o prazer que sentem é comparável ao que sinto. Perversão... O que está a acontecer neste quarto é perversão na sua forma mais pura e nada mais.

Lola começa a mover-se. Descansa as suas mãos nos abdominais dele enquanto observo as suas ancas moverem-se cada vez mais rápido. Eles gozam. Exigem. A respiração de Naím acelera, e então ela, estalando a língua como sempre faz, murmura:

– És o meu *baby*... o melhor...

Então, vejo que Naím para e, agarrando-a pela cintura, puxa-a para longe dele. Ele tira o lenço preto que lhe coloquei sobre os olhos e, levantando-se da cama, acende a luz e sussurra:

– O que diabos estás a fazer aqui?

Ao ouvi-lo dizer isso, não entendo nada, e menos ainda quando Lola diz:

– A desfrutar de ti.

Conhecem-se?

Estou sem palavras, não sei o que dizer, e então Naím, tremendamente zangado, olha para mim e grita:

– O que é isto?!

Pisco os olhos. Eu só incluí Lola no jogo.

– Podes explicar-me o que é que a Soraya está a fazer aqui? – exige Naím.
Soraya?!

Como assim, Soraya?!

Lola é Soraya?!

Logo em seguida, ele corre a apanhar as suas roupas e começa a vestir-se, e Lola, que agora sei que é Soraya, sorri e, baixando o vestido vermelho, olha para mim e diz, com desprezo:

– Eu gosto de ti... mas és um dano colateral.

Ouvir isso faz-me reagir. Esta vaca que me enganou diz que sou um dano colateral?

Céus, que fúria... Sei que posso ser muito boa, mas, se me irritarem, também sei ser muito má, e quando a vou agarrar, Naím para-me e pergunta:

– O que vais fazer?

– Arrancar a cabeça dela.

– Verónica! – exclama.

Quando ele diz isso, olho para ele e, tão irritada quanto ele, sibilo:

– Porra, só faltou o «Jiménez»!

– Ela é uma ordinária, *baby*. O que vês nela? – questiona Soraya.

«*Baby*», é ela quem o chama assim e é por isso que ele o odeia?

Mãezinha... mãezinha... A fúria que estou a sentir. Mas, quando vejo como Naím olha para mim, sei que o melhor é ficar calada sobre o que penso.

Lola, bem... a vaca da Soraya ri-se, diverte-se com o que provocou. Então, percebo que aquele histrionismo e aquela loucura que me pareciam tão engraçados não têm graça nenhuma. Está doente. Então, Naím, puxando-me para o lado, começa a falar com ela com uma calma que acho que vou arrancar a cabeça dele.

A sério que está a conversar com ela depois do que ela acabou de fazer?

Enquanto eles conversam e eu me visto, descubro como ela veio parar aqui. E enquanto ela fala com desdém comigo, com Naím comporta-se como uma gatinha no cio. Ao que parece, aquando da viagem que ele fez a Madrid, quando foi comigo ao hospital buscar o meu pai, ela seguiu-o. A partir daí, soube que algo se passava entre nós, e foi assim que se esforçou para conhecer Eloísa, para chegar até mim. O resto já consigo imaginar.

Ainda não posso acreditar nisto. Esta gaja, ex de Naím, fez de mim parva, e não conseguindo permanecer calada, meto-me na conversa e ela começa a levantar o tom.

Naím pede para que me cale. Mas não consigo, e Soraya continua a aumentar o tom e a gritar. Estou ciente de que vão expulsar-nos do hotel por

distúrbios.

Como imaginei, minutos depois batem à porta. Abro, furiosa. É um funcionário do hotel, que me avisa que depois de várias reclamações de outros hóspedes, temos de diminuir o tom ou vão chamar a polícia.

Horrorizada, olho para Naím. Um escândalo é a última coisa de que ele precisa na noite anterior ao Prémio Bardea.

– Peço desculpa, garanto que o barulho vai cessar – digo.

Assim que fecho a porta, caminho até eles e, ignorando Naím, vou até Soraya, dou-lhe um empurrão para que ela olhe para mim e sibilo:

– Quero-te fora da minha vida, da de Naím, da de Eloísa e do meu quarto, agora!

Ela olha para mim, sorri e diz:

– Adoraste que o Pedro te tenha comido a cona. Especificamente aquele sinal fofo que tens.

– O quê?! – murmuro, espantada.

Naím olha para mim. Não sei interpretar a sua expressão de surpresa, e eu, zangada com ela pela falsidade do que está a dizer, vou a rosnar quando ela acrescenta:

– Tenho provas, querida. Provas dessa traição e também de outras.

– Que provas? – pergunto, incrédula.

Ela não responde, apenas se ri, e eu insisto com raiva:

– Estás a mentir. Que provas haverá?! Para de dizer mentiras.

Soraya sorri e, olhando para Naím, diz:

– *Baby*, eu conheço-te. E para ti as provas são sagradas.

– Mas que provas pode haver de algo que não aconteceu? – declaro, furiosa.

Naím olha para mim. Não gosto da expressão dele.

– Por que razão me olhas assim?! Acreditas nisso? – pergunto.

Ele não diz nada, apenas olha para mim.

De repente, Soraya acrescenta, levantando a voz:

– Ele é meu. Meu e de mais ninguém.

Assim que o diz, atira-se a mim como uma louca. Naím impede-a. Caio de rabo no chão e Soraya grita fora de si, enquanto ele me pede:

– Liga para a receção e chama uma ambulância, rápido!

Sem hesitar, faço o que ele diz, enquanto Soraya grita, insulta, pontapeia. Ela está a ter um acesso de raiva, de fúria incontável, e Naím, como pode, segura-a, enquanto eu me dou conta de como ela está mal e do que me podia ter acontecido.

Meia hora depois, quando os paramédicos chegam ao quarto, lhe injetam algo para fazê-la relaxar, a deitam na maca e a levam embora, parece que fumei quatro charros.

Assim que saem e Naím entra novamente no quarto, vejo que está a falar ao telemóvel com uma tal Almudena. Ouço em silêncio e, quando desliga, ele diz, olhando para mim:

– Era a irmã da Soraya. Amanhã, logo que possa, ela virá buscá-la e levá-la para Madrid, onde ficará internada. Ela precisa urgentemente de ajuda psiquiátrica.

Concordo com a cabeça, claro que precisa, mas depois ouço-o acrescentar:

– Pensei que fosses mais inteligente.

Esta simples frase, depois do que aconteceu, irrita-me, sobretudo quando ele diz:

– Como é que te deixaste enganar assim?

OK, eu sei que, em parte, ele tem razão, mas eu não conhecia Soraya. Nunca pensei que a loucura dela a levaria a fazer algo assim, e apenas murmuro:

– Apenas sabia que ela era loira. Nunca me mostraste uma foto dela.

Naím suspira. É evidente que, para se aproximar de mim, Soraya não só inventou uma nova vida, como pintou o cabelo de preto e arranjou uma falsa tia para a acompanhar na ilha.

– Acho melhor ir – diz, então, Naím. – Amanhã será um longo dia.

O que se passa? Como assim vai-se embora?

E olhando para ele, digo:

– Se me deres dez minutos, arrumo as minhas coisas e...

– Não, Verónica. Eu preciso de estar sozinho.

Boquiaberta, olho para ele. Sempre que me trata pelo meu nome, é óbvio que as coisas não estão bem entre nós.

– Espero que não tenhas dúvidas de que ela está a mentir – saliento, pensando no que aconteceu.

– Mesmo que diga que há provas?

Ao ouvir isso, bufo e murmuro:

– Quais provas? – questiono.

Naím não responde e, segura de mim, insisto:

– Se tem provas, que as mostre. E eu calar-me-ei e assumirei. Mas não é verdade.

Naím toca no seu cabelo. Não gosto da sua expressão confusa quando pergunta:

– E como é que esse Pedro sabe do teu sinal?

Horrorizada comigo por ter sido uma fala-barato sobre isso, dou um passo em direção a ele e murmuro:

– Um dia, a conversar sobre sexo com ela, contei-lhe. Mas quanto ao Pedro, ele e eu não...

– Então o Pedro existe, certo?

Porra... porra...

Mas, sem querer mentir, indico:

– Existe. Ele é amigo dela, mas juro que não tive nada com ele. Ele tentou, mas...

– Tentou? – pergunta, olhando para mim.

Porra... porra... Às vezes, dizer a verdade estraga tudo. E, de repente, Naím, levantando a mão para que não me aproxime dele, diz-me:

– Verónica, desculpa, mas eu quero ficar sozinho.

– Mas porque é que estás zangado comigo quando eu...?

– Tentou? – repete. – A princípio Pedro era uma mentira, depois descubro que ele existe, e agora tenho de ouvir que ele tentou!

Não respondo. No lugar dele, acho que ficaria tão chateada quanto ele.

– Olha, Verónica – diz a seguir –, vamos ficar por aqui. Depois do que aconteceu com a Soraya, a última coisa que me apetece é estar com alguém.

É assim tão difícil de entender?

A sua raiva mostra-me que, sem dúvida, não seremos uma boa companhia um para o outro esta noite. O que aquela louca fez não foi só a ele, mas também a mim. E, dando um passo atrás, trago à tona o meu lado frio e impessoal e declaro:

– Tudo bem, Naím. Eu entendo.

Ele concorda. Agarra na sua carteira, que está em cima da mesinha, e pegando também na garrafa de vinho, vai dizer mais alguma coisa, quando eu pergunto:

– Vemo-nos amanhã de manhã?

Ele abana rapidamente a cabeça.

– Não. Vou encontrar-me com a irmã da Soraya no hospital. Tenho de ajudá-la na papelada de que ela precisa.

Ouvir isso não me deixa feliz. Vejo que me exclui dos seus planos.

– O jantar do Prémio Bardea começa às nove – diz ele em seguida. – Sabes onde é?

Sem hesitar, aceno com a cabeça e ele diz:

– Encontramo-nos na entrada A2 às oito. O Liam tem os passes de todos.

Sem querer dramatizar o que aconteceu, aceno novamente; se ele quer assim, assim será; e sem me dar um simples beijo na boca, vira-se e sai. Ei, que bem!

Assim que fico sozinha no quarto, quando olho para a cama, que está meio desfeita, cobras e lagartos saem da minha boca. O que à partida seria uma noite mágica e perfeita porque eu ia dizer-lhe que o amo, sem esperar, transformou-se numa horrível tempestade. E, sinceramente, com a fúria que me vai na alma neste momento, a última coisa que quero é abrir o meu coração para ele.

Capítulo 57

No dia seguinte acordo horrível.

Não consigo parar de pensar no que aconteceu e em como a noite terminou.

A manhã passa e não sei nada sobre ele. Isso deixa-me desesperada e, no final, decido ligar-lhe. Quero saber como ele está. Tento três vezes. Três! Mas ele não atende e eu decido não insistir.

Às duas da tarde estou arrasada. Mando-lhe uma mensagem que diz:

Tudo bem?

Durante mais de meia hora espero uma resposta, e quando a recebo leio:

Às oito, na entrada A2.

Incrédula, releio algumas vezes. A sério que é esta a sua resposta?

Quem é o cubinho de gelo agora?

Às cinco da tarde, a minha cabeça já está a girar como a rapariga de *O Exorcista*. Naím não me liga nem me manda qualquer mensagem. Mas o que se passa? Estará assim tão ocupado?

Estou prestes a ligar aos meus amigos. Preciso de apoio. Estou muito sozinha. Mas, no final, não lhes ligo. Não quero preocupar Mercedes e, para ser sincera, não estou para grandes dramas.

Às cinco e meia, desço ao cabeleireiro do hotel. Tenho marcação e eles fazem-me um elegante coque italiano que sei que me fica sempre bem.

Às seis e meia, quando termino, volto para o quarto. Lá, tentando não perder a calma, ponho a minha música, saio para o terraço, abro o meu portátil e vejo os meus *e-mails*. Como sempre, há alguns para responder e isso entretém-me. Às sete, fecho o portátil e começo a maquilhar-me e a vestir-me.

Com o meu belo vestido preto de seda, vejo-me ao espelho e sorrio. A verdade é que estou muito gira e atraente, e com o bronzinho que tenho depois do verão na praia, sinto-me bem.

Mas a minha alegria não é completa. Não consigo parar de pensar no que aconteceu com Soraya. E, embora sinta raiva dela pelo que fez, agora que consigo relativizá-lo, e percebo que Naím fez a coisa certa ao falar com ela daquela forma. Ela está doente e, sem dúvida, ele soube tratá-la de uma forma que eu não soube.

Às sete e meia, o telemóvel na mesinha de cabeceira toca. A receção diz-me que o meu táxi para me levar à gala do Prémio Bardea está à minha espera e, depois de apanhar a minha bonita bolsa preta de lantejoulas, coloco lá o meu telemóvel, o tabaco e pouco mais e saio do quarto.

Vinte minutos depois, quando o táxi me deixa na entrada A2 como me indicou Naím, olho em volta e, embora esteja cheio de gente a chegar de carro, não vejo quem estou à espera. Não sei se os Acosta virão juntos ou separados.

Um empregado com uma bandeja de elegantes copos de vinho aproxima-se de mim e rapidamente pego num. Tenho sede.

Estou nervosa, muito. Esta noite, a família do Naím vai saber que estamos juntos, e quero que aceitem bem. Quero e desejo que saibam separar o lado pessoal do profissional.

Olho para os lados e vejo aparecer o SUV preto de Naím. Sorrio e, de onde estou, observo que vários dos Acosta estão lá dentro.

Não me mexo de onde estou, na escada, e vejo Horacio, Liam, Omar, Florencia e Naím saírem do veículo. Ver Naím faz o meu coração disparar. Mas como pode ficar tão bonito naquele fato escuro e camisa branca?

Com calor e algum embaraço, observo-os, e então Liam acena para que eu vá até ao carro. Sem hesitar e a sorrir, desço os degraus e começo a

caminhar em direção a eles.

Sem conseguir evitar, olho para Naím. A sua postura ainda é séria. Porra, continua zangado! E quando chego a eles, apesar do desconforto que sinto ao vê-lo tão sério, olho para Florencia e vendo-a com um vestido cinza digo:

– Florencia, está linda!

Imediatamente, algo dentro de mim me põe em alerta. Todos eles, do primeiro ao último, me olham muito, muito sérios, e, constrangida, sussurro:

– O que se passa?

– O que se passa? Como assim, o que se passa?! – resmunga Florencia.

Pisco os olhos em silêncio. Olho para Naím em busca de apoio, mas ele, parado, não faz nada. Então, Florencia, que está muito, muito zangada, desabafa:

– Como é que não me contou sobre Gael?

O meu estômago encolhe-se. Que cena!

– Foda-se, Verónica, a sério? – intervém Liam.

– Pelo amor de Deus, minha menina – diz também Horacio –, como pôde não nos contar?

Todos olham para mim. Todos me julgam. É claro que Gael já soltou a bomba nuclear que guardava.

– Vamos ver, eu... – sussurro.

– *Você...* – interrompe-me Florencia –, *you* sabia que o meu filho tinha sido pai e não disse nada! Esteve em nossa casa e continuou a esconder-me isso!

Porra... porra... porra... Que cena tramada.

– Florencia, acalma-te – diz Omar, fazendo-me olhar para ele.

Mas ela, precisando livrar-se da frustração que carrega dentro de si, insiste:

– Como pôde olhar-me nos olhos e não me dizer o que sabia? Como, sendo mãe, me escondeu algo tão importante quanto o que estava a acontecer com o meu filho? É mãe e não tem sentimentos?

Ao ouvir isso, a pouca paciência que tenho começa a evaporar. Respiro fundo tentando acalmar-me. É evidente que todos os Acosta estão a

descarregar em mim a frustração da notícia.

– Sim. Sou mãe e imagino como se deve sentir – respondo.

– E se imagina, por que motivo se calou? – insiste Florencia.

– Porque o Gael me pediu. Ele queria encontrar o melhor momento para...

– Vá, pelo amor de Deus! É a pior pessoa que já conheci na vida – interrompe-me Florencia completamente acelerada.

Omar tenta tranquilizá-la enquanto eu tento não perder a paciência, ainda segurando o meu copo de vinho. Recordo que é a Dona Papagaia, primeiro fala e depois pensa, e ao ouvir as barbaridades que diz ao marido a meu respeito, aproximo-me dela e sibilo:

– Talvez se fosse menos exigente com os seus filhos e permitisse que eles amassem quem quisessem, eles lhe contassem. – Ao libertar isto, percebo que pluralizei. Não, não vou arrastar Xama para isto, e acrescento: – O Gael está apaixonado. Mas temia que rejeitasse a Begoña por ser dez anos mais velha do que ele, e por isso nunca encontrava o momento certo para lhe contar. Como acha que ele e ela se sentiram durante todo este tempo?

Florencia vai da tagarelice à lamúria. Já sabia que ia chorar.

– Se tem de descarregar em mim, pois força! – exclamo. – Se quer continuar a insultar-me, força! Mas eu apenas tentei dar-lhes o apoio que você deveria ter dado e que eles tiveram medo de pedir. Além disso...

– Chega! – exclama Naím de repente, interrompendo-me.

Olhamo-nos, Naím e eu olhamo-nos, e, neste instante, sinto que estamos a mil anos luz um do outro.

Todos nos olhamos num silêncio constrangedor até que, colocando a minha bolsa ao ombro, respiro fundo e murmuro:

– Fico feliz em saber que o Gael vos contou. Agora...

– Não foi o Gael – interrompe-me Omar. – Foi a Soraya quem contou ao Naím.

Ao ouvir isso, pisco os olhos. Não me lixem!

Soraya?!

O olhar de Naím é sombrio. Muito escuro. E, mostrando-me o telemóvel, diz:

– Aqui estão as provas.

Olho para o ecrã e nele vejo fotos minhas com Gael, Begoña e Lionel. No hospital, no dia em que lá fui, e a caminhar perto do apartamento onde estão alojados. A maldita Lola, ou melhor, Soraya, estava, sem dúvida, a vigiar atentamente os meus movimentos. Então, procurando uma explicação que não existe, digo:

– Fiz isso por Gael, Begoña e Lionel, porque eles me pediram ajuda. E, sem dúvida, não me arrependo.

– Bem, obrigada, menina Jiménez, pela sua consideração para com o meu filho – interrompe-me Florencia. – Mas no que a mim diz respeito...

– Mas o que se passa convosco, que estão tão sérios?

Ao ouvir isto, todos olhamos para a recém-chegada.

É Mireia. Como sempre, não está apenas bonita, está radiante, e então ela diz, dirigindo-se a mim:

– Julia, não esperava ver-te por aqui.

Imediatamente, vejo Florencia piscar os olhos. Fodaaaaa-se!

Ela e o pai entreolham-se surpresos, e ela pergunta:

– Mireia, como é que a chamaste?

Esta, que acaba de chegar e nada sabe do que aconteceu, apressa-se a dizer, olhando para Naím:

– Julia... Julia de Valladolid, certo?

Omar, Florencia e o pai dela olham-se atónitos, e Horacio, confuso, olha para mim e pergunta:

– É a tal Julia? «Julia de Valladolid»?

Liam e Naím bufam, e eu digo, olhando para ele:

– Sim, Horacio. Eu sou a tal Julia.

– Terminou o mistério – murmura o homem.

Florencia mexe-se inquieta, acho que até diz um palavrão, e Omar murmura, dirigindo-se a mim:

– Sem dúvida, é uma caixinha de surpresas.

– Surpresas desagradáveis...

– Florencia, não te passes – adverte-a Liam.

– Mas o que se passa? – murmura Mireia, confusa.

Todos ficam calados, ninguém diz nada, até que Florencia, aproximando-se dela, sussurra:

– Acontece que o meu irmão continua a fazer papel de parvo com mulheres que não são nada confiáveis, quando te tem a ti, que és o que ele precisa na vida dele.

Mireia sorri. Sem dúvida, adora ouvir isso. Olho para Naím. O gajo não abre a boca, e estou prestes a dizer um par de coisas quando Horacio intervém:

– Filha, porque não te calas e pensas um pouco?

Mas Florencia, que é Florencia, insiste em olhar para Naím:

– É óbvio que o teu gosto para mulheres é péssimo. Deplorável! Mentirosas, chantagistas emocionais... O que mais, Naím? O que mais vais incluir na tua vida?

– Florencia, estás realmente a irritar-me – sibila, então, Naím.

Ora, afinal ele tem voz!

Mas a Dona Papagaio continua:

– Tens a mania de te envolveres com quem menos te convém. Mas... mas em que estavas a pensar? Como pudeste envolver-te com a publicitária?

– A publicitária? – repete Mireia.

Naím mexe-se. Vejo Liam caminhar até ele e dizer algo baixinho, mas Naím abana a cabeça. Sei que está tão desconfortável quanto eu com o que está a ouvir. E, de pé em frente a ela, ele põe uma expressão carrancuda:

– Mana, ou te calas ou juro que...

– Chega, crianças, chega – intervém Horacio. Depois, ele olha para mim e diz: – Minha menina, nunca para de me surpreender.

Sem saber porquê, encolho os ombros e bebo um gole do meu copo. Logo em seguida, Florencia respira fundo e diz:

– Se tinha alguma dúvida sobre o que tinha decidido depois de visitar Gael, agora tenho cem por cento de certeza. Quero-a fora.

E, agarrando o marido e o pai pelo braço, acrescenta:

– Vamos para a gala, incomoda-me continuar aqui.

Florencia, Horacio e Omar afastam-se, enquanto nós nos olhamos.

– Vão explicar-me o que está a acontecer? – pergunta Mireia.

Ninguém responde. Eu, claro, não lhe vou explicar nada. Mas Liam estende o braço e pede:

– Vamos, Mireia. Vamos deixar o Naím e a Verónica em paz.

– A Verónica? – pergunta ela.

Concordo com uma expressão de lamento e Liam insiste:

– Vamos!

– Nem pensar! – diz ela, levantando a voz. – Eu daqui não saio.

Assombrada com a sua falta de tato, olho para ela. Eu dizia-lhe algumas coisas, mas, de repente, Naím pergunta:

– Como pudeste esconder algo como a paternidade do Gael?

– Vamos ver, eu expliquei...

– O que se passou com Gael? – intervém Mireia.

Ouvir a voz dela incomoda-me, incomoda-me muito, e Liam, que sinto estar tão incomodado quanto eu, começa:

– Mireia, eu acho...

– Deixa-a! – exclama Naím.

Quando ele diz isto, Liam aproxima-se do irmão.

– Isso é entre ti e a Verónica – diz-lhe ele. – Acho que a Mireia e eu estamos a mais.

Naím não responde. Pelo pouco que conheço dele, acho que está arrasado, e sem tirar o olhar furioso de mim, continua:

– Como pudeste ter tão pouca empatia comigo e com a minha família em relação a um assunto tão importante e delicado?

– Oh, santo Deus, o que aconteceu?! – insiste Mireia.

Respiro fundo enquanto tento pôr tudo em ordem na minha cabeça e ignoro que aquela maldita mosca ainda está aqui, mas Naím continua:

– Como achas que me senti esta manhã quando a Soraya me mostrou as fotos e eu tive de as mostrar à minha irmã? Não pensaste na gravidade do que estava a esconder?

– Naím, se eu não disse nada foi porque...

– Pelo Gael? – interrompe-me e acrescenta furiosamente: – O Gael é uma criança assustada, e tu, em vez de te comportares como a adulta que eu pensei que fosses e contares à minha irmã ou a mim o que estava

a acontecer, agiste como uma criança igual a ele. Mas, pelo amor de Deus, Verónica, estamos a falar de uma vida! De uma criança que veio ao mundo sem que a família soubesse!

– O Gael teve um filho? – pergunta Mireia, incrédula.

Liam bufa. Acho que esta imbecil está a enervá-lo. Ele desabotoa o casaco do fato e, diante do olhar insistente de Mireia, finalmente acena com a cabeça, e ela sussurra:

– Nossa Senhora dos Remédios...

Suspiro. Tento ignorá-la, mas, de repente, Naím pergunta-me:

– A foto do bebé que tinhas no telemóvel era do filho do Gael?

Sem hesitar e sem querer mentir, aceno com a cabeça, e ele instantaneamente bufa e solta um palavrão.

– Ela sabia que o Gael tinha sido pai e não vos contou nada? – pergunta Mireia. – Por favor, que absurdo e que falta de empatia.

– Podes calar-te, Mireia? – protesta Liam.

Não sei para quem olhar. Todos me encaram. Agarro com força o copo que tenho nas mãos e, dirigindo-me a Liam e Naím, digo:

– Se me deixarem falar, explico-vos e...

– Tiveste tempo para explicações... Muito! – interrompe-me Naím. – Agora não estou interessado em nada do que possas dizer.

– Naím! – repreende-o Liam, enquanto desta vez Mireia fica quieta.

Porra... porra. Ainda dizem que eu sou teimosa!

Mas preciso que o homem que adoro me ouça e, embora não seja dessas, imploro olhando-o nos olhos:

– «Sicília»...

Essa palavra tem um significado muito especial para nós. Ouvi-la faz Naím erguer o queixo e, por alguns segundos, vejo que pensa; mas depois solta:

– Agora não me venhas com isso porque não adianta.

– Naím, mas o que estás a dizer? – pergunto em voz baixa.

– O que ouviste – responde ele, friamente.

E, não se importando com o que sinto ou o que penso, vejo-o virar-se e abrir a porta do carro. Liam fecha-a com a mesma contundência com que

Naím a abriu e diz:

– Podes, por favor, raciocinar, caramba?!

Mas Naím está vidrado. Se eu sou teimosa, ele é ainda mais, e ouço-o dizer:

– Liam, ou sais ou eu tiro-te.

– Naím...

– Ou sais ou eu tiro-te – repete.

O seu irmão bufa e finalmente afasta-se, e enquanto Naím abre a porta do carro novamente, Liam diz, olhando para mim:

– Sinto muito.

Sei que o seu olhar e as suas palavras são sinceros. Então, Naím tira do veículo a garrafa de vinho que lhe ofereci ontem: está vazia, sem vinho; e estendendo-a para mim diz:

– Isto é teu.

Olho para a garrafa. A sério?

– O quê?! – murmuro.

– Toma! Não a quero.

– Mas o que estás a dizer? – sussurro.

– Que pegues nela, ele não a quer! – repete Mireia.

Assim que a ouço, estou prestes... prestes... Nem sei!

– Tu, que és amigo dela, manda-a calar a boca, porque se tiver de ser eu a mandar, ela vai arrepender-se – protesto, olhando para Naím.

Então, vejo que ele sorri. Mas o seu sorriso é frio, impessoal. Odeio. Deixa que Mireia agarre o braço dele e remata:

– Como amigo dela, se alguém se vai calar aqui és tu.

Ouvir isso perturba-me completamente. Onde está o homem romântico que me fez apaixonar? Onde está o homem racional que conheci? E, incapaz de continuar a tolerar tamanha humilhação, sussurro:

– A cada palavra que dizes estragas mais e mais as coisas.

– Achas que isso me preocupa?

Mãezinha... mãezinha. Acho que vai ser completamente impossível argumentar com ele.

– Mano, estás errado – intervém Liam. – Estás a agir muito mal. E quando estiveres ciente disso, vais arrepender-te. Eu conheço-te e sei.

– Ai, Liam, cala-te! – protesta Mireia.

Naím ignora as palavras do irmão enquanto Mireia continua a sorrir. E, com aquela personalidade que sempre me deixou louca, mas que agora está a irritar-me ao infinito e mais além, ele diz, olhando nos meus olhos:

– Nada nessa garrafa me pertence, menina Jiménez. Nem o vidro, nem o rótulo, nem o desenho, nem o nome. O que era meu, o vinho, já o recuperei.

Não sei como reagir a tamanha indelicadeza e absurdo. Só sei que agarro a garrafa como um autómato. Numa das mãos tenho o copo de vinho e na outra a garrafa.

– Depois de falar com os meus irmãos – acrescenta a seguir –, e diante da falta de confiança que todos agora temos em si, menina Jiménez, decidimos rescindir o contrato que temos com a sua empresa.

– O quê?! – murmuro à beira de um ataque cardíaco.

– Eu não concordo – objeta Liam.

Naím olha para ele e responde:

– Certo, irmão, não concordas, mas a Florencia e eu concordamos, e somos a maioria. Portanto, a decisão está tomada. – E, voltando-se para mim, acrescenta: – Ser-lhe-ão pagos os honorários que nos indicar pelos dias passados nas ilhas e, uma vez pagos, cessará a relação comercial.

Mãezinha... mãezinha... Acho que se me picar agora mesmo, não sairá nem um pinga de sangue. E, sem entender como chegámos aqui, pergunto:

– Mas o que estás a dizer? – E, ignorando a rescisão do contrato, mostro-lhe a garrafa vazia e sibilo: – Estás seriamente a rejeitar uma coisa que fiz para ti com amor verdadeiro?

Ele não responde, fica calado. Mas, claro, a cabrita tem de opinar:

– Se ele a devolveu é porque não a quer... É assim tão difícil de entender?

Bem... bem... bem... se ela continuar a falar, eu mesma vou ter de a fazer calar-se.

– Mireia, porque não te calas? – desabafa Liam. E, olhando para o irmão, diz: – E tu, porque não a mandas calar a boca, caramba?

Uf... Uf... A minha cabeça é uma mixórdia de coisas. Nunca, na vida, me imaginei a viver algo assim, e, como um vulcão prestes a entrar em erupção, e sentindo-me humilhada por alguém que eu achava diferente, decido dar um passo e dizer, com profissionalismo:

– Claro, Sr. Acosta, o contrato está rescindido. E quanto aos honorários pendentes, esqueça. Assim que eu sair daqui, espero nunca mais ter notícias vossas. No entanto, devo dizer-lhe que se lamento é pela sua mãe, porque nunca cumprirão a promessa que...

– Basta, menina Jiménez! – interrompe-me Naím.

Sim, é melhor que me cale, porque, como estou, se continuar vou armar confusão pois não tenho filtros. Olho para a garrafa vazia na minha mão. É tão linda, tão perfeita, que sinto uma vontade irreprimível de esmagá-la contra o chão ou contra a cabeça dele... Mas não, não vou fazer isso. Os meus pais gastaram dinheiro a dar-me educação.

A minha respiração acelera quando Liam, que está ao meu lado, pergunta, tocando no meu braço:

– Estás bem, Verónica?

Olho para ele. Sentir que tenho o apoio dele, mesmo que o tenha dececionado noutro assunto, é muito importante para mim, e sussurro, bebendo um gole do meu copo de vinho:

– Não, mas vou ficar.

Ele não diz nada, mas posso ver a dor no seu olhar. Olho então para Naím e para Mireia e vejo que ela lhe fala, e ele a ouve porque não quer ouvir-me.

Por isso, procurando aquele profissionalismo frio e impessoal que sempre encontrei em mim quando precisei, vou até ao veículo, deixo a garrafa no capô do carro e, ao virar-me, vejo Naím com o telemóvel à minha frente.

– Achas que isto é prova suficiente? – questiona.

Olhando para o ecrã, vejo-o passar várias fotos em que estou a rir e a dançar com Pedro. Há também outras em que ele é visto a abraçar-me contra a parede e, finalmente, a beijar-me. A verdade é que, visto assim, parece o que não foi.

Mas como o faço entender, se ele está convicto na sua verdade?

Bloqueada, não sei o que dizer. A vaca da Soraya tinha tudo planeado, bem medido e calculado. E, olhando para Naím, que me olha com uma expressão severa, decido não discutir. Não vale a pena.

Diga o que disser, não vai acreditar em mim.

– Suficiente – declaro.

Assim que digo isso, Naím vira-se. Dá um passo para longe de mim e, claro, Mireia vai atrás dele.

– É verdade o que se vê naquelas fotos? – pergunta-me Liam em seguida.

– Não posso negar as evidências – respondo. – Mas foi algo orquestrado pela Soraya. Como se vê nas fotos, o Pedro tentou. Eu parei-o. Mas claro que nas imagens parece o que não é. – E, suspirando, murmuro: – E, neste caso, não há pior cego do que aquele que não quer ver.

Liam acena com a cabeça e, depois de bufar, diz:

– Eu sei... Por experiência, sei muito bem.

Subitamente, sinto-me péssima. Liam está a passar por uma separação.

– Oh, Deus... não quis dizer isso! – sussurro.

Ele sorri tristemente, e enquanto Naím e Mireia conversam a alguns passos de nós, ele diz:

– Entendo o que querias dizer, não levei a mal. Não te preocupes.

– Céus, Liam, mas foi um comentário muito infeliz.

Ele minimiza isso.

– Infeliz é o que Naím está a ser. Como te disse naquele dia, quando ele está furioso, reage sempre assim. Afasta-se e, às vezes, refugia-se onde não deveria – indica, apontando para Mireia, que, nesse momento, acaricia o rosto dele. – Mas, acredita, quando ele se acalma, pensa e reconsidera, ele...

– Não funcionará mais para mim – interrompo-o. E, consciente de que também não sou uma pessoa fácil e de que quanto mais cedo as coisas forem discutidas e resolvidas melhor para não se enquistarem, digo: – Sei que ter-me calado sobre o Gael não foi correto, mas se o fiz foi porque ele pediu, e eu sou uma pessoa de palavra. E também sei que a atitude do Naím está a magoar-me tanto que, ou ele age agora mesmo ou, provavelmente, não conseguirei perdoá-lo.

Liam acena com a cabeça. Afasta-se rapidamente de mim e vai até ao irmão. Pela maneira como falam, deve estar a dizer-lhe que ou ele resolve as coisas agora ou será demasiado tarde. Vejo que Naím está a olhar para mim. É óbvio que não vai resolver nada. E, de repente, o telemóvel dele toca e ele dá alguns passos para longe de Mireia e Liam.

Sigo-o com os olhos quando o meu olhar e o de Mireia se encontram e percebo que Liam está ao meu lado novamente. Como sempre quando nos vemos, olhamo-nos daquela forma que só se olha para quem está a incomodar-nos. Então ela, sem pensar na própria segurança, agarra na garrafa de vidro do capô do veículo, aproxima-se de mim e, entregando-me, diz:

– Leva-a. Não precisamos disto.

«Precisamos»? No plural?!

Sem hesitar, estendo a minha mão para agarrar nela. Claro que aceito. Mas, de repente, ela solta-a, a garrafa escorrega por entre os meus dedos e cai no chão de paralelos, desfeita em cacos.

– Ai, meu Deus... Pensei que a tinhas agarrado! – murmura ela com uma expressão surpresa.

– Mireia, porra! – protesta Liam.

Naím aproxima-se e olha para o chão. Ele vê a garrafa em pedaços e não diz nada. Aquela bruxa partiu a garrafa que eu lhe fiz e ele realmente não vai dizer nada?

A raiva sobe por todo o meu corpo e, sem pensar, atiro o vinho do meu copo no decote de Mireia.

– Ai, meu Deus... – murmuro –, que falta de jeito a minha!

Ela grita de horror. Acabei de lhe dar o que merecia. Liam e Naím olham para mim. Todos sabem que fiz de propósito, tal como sabem que ela deixou a garrafa cair de propósito.

– Olho por olho – solto –, dente por dente.

– Menina Jiménez, controle-se – diz-me Naím, bruscamente.

– Ou quê?! – pergunto desafiando-o.

Ele não responde. Liam coloca-se entre nós. Vejo raiva e fúria nos olhos de Naím, e então Mireia, agarrando novamente na mão dele, diz, olhando

para mim:

– Querido, é a tua noite. A nossa noite. Que nada nem ninguém a estrague.

Ouvir isso faz-me desejar ter outro copo de vinho para, desta vez, derramar sobre a cabeça dela.

– Vai à merdinha – sibilo, dirigindo-me a ela.

Naím reage imediatamente e, quando sinto que ele vai dizer alguma coisa, solto, com aquela frieza que sei ser capaz de parar um quebra-gelo:

– Cuidado com o que vais dizer porque, se ficar mais chateada, amanhã vais aparecer nas notícias, não por causa do maldito Prémio Bardea, mas por causa da porra do escândalo espalhafatoso que eu vou armar.

O meu aviso silencia Naím. A voz de quebra-gelo não falha!

Então Mireia, fazendo-o olhar para ela, começa a falar com ele novamente entre sussurros.

Por seu lado, Liam fala comigo, tenta tranquilizar-me, de certa forma desculpar o comportamento do irmão. Mas não, não o perdoo. Acho que Naím passou todos os limites, e as portas do meu coração voltaram a fechar-se.

Desconcertada porque esta viagem se tornou o oposto do que pensava, olho para eles. Naím fala com ela, ignorando-me. A tristeza que sinto no meu coração neste momento é compensada com a arrogância que mostro com o meu olhar. Não permitirei que me vejam humilhada, por nada no mundo.

Eles falam em sussurros. À sua maneira, fazem-me saber que estou a mais. E quando sinto que ou vou embora ou quem vai incendiar os armazéns do Sr. Acosta não vai ser a minha filha, mas eu, pergunto friamente:

– Algo mais a dizer, Sr. Acosta?

Liam rapidamente olha para o irmão e diz, desesperadamente:

– Caramba, Naím, conserta as coisas... agora!

Mas o homem diante de mim, aquele que amo e por quem permiti que o meu coração derretesse, parece um desconhecido. Alguém fora da minha

vida. Logo a seguir, agarra Mireia pela cintura para aproximá-la de si e responde com uma expressão soturna:

– Tenha um feliz regresso ao continente.

E, sem demora, e deixando-me completamente *knockout*, vira-se com Mireia e deixa-me ao lado do seu carro, com cara de imbecil e uma terrível sensação de frustração dentro de mim.

Vejo que Liam, que não saiu do meu lado, olha para mim. Sinto que ele está à procura das palavras mais apropriadas, mas respiro fundo e digo, olhando para ele:

– Tenho de ir.

Ele acena com a cabeça e, tocando no seu cabelo, contrariado, murmura:

– Nem sei o que te dizer.

Sorrio para não chorar enquanto o coitado, que não está nada bem, acrescenta:

– Se quiseres, posso levar-te ao teu hotel.

Abano imediatamente a cabeça.

– Tens de comparecer ao jantar do prémio. A tua família espera por ti. E sabes, tão bem quanto eu, como é importante para eles que estejas presente.

Liam bufa e acena com a cabeça.

– És um tipo fantástico e um profissional de primeira – digo então –, embora um pouco exigente com a roupa e a arrumação! – Ambos sorrimos.

– Espero que, um dia, encontres a companheira ideal que te faça feliz, porque tu mereces.

– Obrigado, Verónica.

Ambos sorrimos e, quando ele está prestes a falar, digo:

– Nem penses em retribuir o que te disse, porque se há alguma coisa que não quero para mim agora, é um homem ao meu lado.

Sorrindo, damos um abraço com sentimento, e quando nos separamos e nos beijamos no rosto, murmuro:

– Dá um beijo ao teu pai por mim.

– Darei.

– E, agora, vou virar-me, vou sair e vais deixar-me fazer isso. E vais fazê-lo porque preciso de estar sozinha, e porque, neste momento, tenho tanto mau

humor acumulado que quem estiver ao meu lado vai odiar-me, e quero que te lembres de mim com carinho.

Dito isso, pisco-lhe o olho, rodo nos calcanhares e, enquanto caminho em direção à praça de táxis, sinto que as batidas do meu coração me perfuram a cabeça e convenço-me de que a minha história com Naím chegou ao fim.

Capítulo 58

Passaram-se vinte e dois dias desde a última vez que vi Naím. Vinte e dois longos dias em que chorei como uma tonta e, como a idiota que sou, atormento-me, dia e noite, a ouvir as nossas malditas canções de amor, e, às vezes, até sinto o meu coração parar.

Bebo um gole da minha *Coca-Cola*. Estou na cafetaria do costume, à espera dos meus amigos para partilhar com eles a minha verdade, depois da mentira que lhes contei para não os preocupar. Esta noite é o concerto de Manuel Carrasco no WiZink Center. E como Amara comprou os bilhetes por causa do nosso aniversário, que é daqui a alguns dias, decidi ir.

Ver este cantor de que o Naím tanto gosta é mais uma forma de me castigar, e é para lá que vou... castigar-me mais um pouco!

Estou a olhar para o meu telemóvel e fico surpresa ao ler a notícia da morte da ex-namorada de Liam. Aparentemente, algo correu mal após o parto e Jasmina morreu, deixando a criança a cargo do seu pai, o ator Tom Blake. Isso entristece-me. O facto de essa criança não conhecer a mãe é certamente triste, muito triste, e pondero escrever uma mensagem a Liam para lhe dizer algo.

Quanto aos meus amigos, sem dúvida ficarão zangados comigo quando perceberem que os enganei. Contei-lhes sobre um filme tão perfeito, tão à Disney, que ninguém duvidou. Até Zoé acreditou em mim. Ela é tão pró do amor que engoliu tudo o que lhe expliquei a respeito de Naím.

Quando aconteceu o que aconteceu em Tenerife, adiei o meu regresso ao continente. Prolonguei a minha estadia na ilha por mais um dia para evitar ver os meus amigos e ter de lhes contar a verdade. Gael e Begoña ligaram-me. Os coitados, embaraçados, pediram-me perdão de mil e uma maneiras

diferentes, mas antes de me despedir deles, salientei que, se voltasse atrás no tempo, faria o mesmo sem hesitar.

Quando voltei de Tenerife, fi-lo de forma a chegar a Madrid bem a tempo de voltar a casa, fazer as malas, ligar aos meus pais e regressar ao aeroporto para iniciar a minha viagem com Javier Ruipérez para a China e a Austrália. Como excelente atriz, coloquei um sorriso no rosto e procurei aproveitar a viagem e ser a profissional que sou, mesmo que China e Austrália tenham passado pela minha vida sem grande interesse. A última coisa que eu queria era *colonizar*, e a viagem só me ajudou a ficar o mais longe possível de Naím, de quem recebi várias chamadas e mensagens. Não atendi as chamadas e apaguei as mensagens áudio sem as ouvir. Não quero ter nada que ver com ele e, felizmente, ele parece ter entendido.

Sentir-me longe dele, desde que ele me desprezou, é o que preciso, o que exijo. Tê-lo por perto seria contraproducente para mim. Sempre que penso no mal que me fez em todos os sentidos, insulto-o. Como é que não escaquei a garrafa na cabeça deles? Quando voltei da viagem com Javier, para não ver os meus amigos e fugir de casa e do trabalho, caso Naím aparecesse por lá, sem sair do aeroporto, comprei um bilhete para Menorca. E ali estive eu sozinha num hotel, a empanturrar-me de gelado e hambúrgueres, enquanto remoía a minha tristeza.

– Olá, minha querida!

É a voz de Amara. Como sempre, é pontual. Quando me levanto para lhe dar dois beijos, ela olha para mim e pergunta:

– Mas e essas olheiras?

Tudo bem, Amara não é minha mãe, nem Leo nem Mercedes, mas conhecemo-nos tão bem que, só de olharmos uns para os outros, sabemos se estamos bem ou mal.

– Mas ei, querida... – sussurra ela – quantos quilos perdeste?

Sem hesitar, estendo uma mão. Perdi cinco quilos. Desde que me separei de Naím, não durmo mais de três horas seguidas e acho que o meu corpo começa a refletir isso.

Amara, confusa, pois não esperava por isto, aproxima-se de mim. Dá-me dois beijos e, então, olhando nos meus olhos, diz em voz baixa:

– Não me lixes... Andaste a mentir-nos.

Concordo com a cabeça, não pretendo continuar a fazê-lo.

– Verónica Jiménez Johnson, matava-te agora mesmo – sussurra Amara.

– Eu sei. Mas não o farás porque me amas – sussurro.

Estamos a olhar uma para a outra quando Leo e Mercedes chegam. A expressão deles é a mesma e, depois de ouvir alguns insultos, sentamo-nos, abro o meu coração e, sem nenhum filtro, conto a realidade do que aconteceu e como me sinto.

Eles ouvem-me em silêncio, sem me interromper. E quando desabo abraçam-me e encorajam-me até que, terminando, murmuro:

– Se vos menti e não contei nada antes, foi porque precisei de aceitar e entender o que aconteceu para falar sobre isso.

– E entendeste? – pergunta Amara.

Sem hesitar, abano a cabeça. Ainda não consigo entender como algo que parecia tão perfeito e bonito pode ter-se quebrado por ter ocultado a cena do bebé e pelas artimanhas de Soraya para me desacreditar em todos os sentidos.

– Mas, Verónica – diz Mercedes –, não precisavas de ter suportado isso sozinha. Estamos aqui para...

– Eu sei – interrompo-a. – Sei o que vais dizer-me, mas acredita, eu precisava destes dias de solidão.

Eles acenam com a cabeça, sei que me entendem, e então Leo, que ficou calado, pergunta:

– Por que motivo não atendeste as chamadas dele ou respondeste às suas mensagens?

– Porque não queria saber nada sobre ele – interrompo-o.

– Mas...

– Não, Leo, não! – interrompo-o novamente. – A mim só me dececionam uma vez. Não duas.

– Tudo ou nada – comenta Amara. – O mesmo de sempre...

– Não digas disparates – protesta Leo. – A Pili e eu discutimos mil vezes antes de...

– Mas eu não sou a Pili, nem sou tu – digo.

Os meus amigos olham-me e, então, Mercedes cantarola:

– A rainha do gelo está de voooooolta...

Assinto. Sim, voltei. E quando vejo que recebo uma mensagem no meu telemóvel e verifico que é do Marco, comento:

– E assim que estiver de bom humor, vou combinar com ele novamente.

– Fazes muito bem – diz Amara, ganhando um olhar de reprovação de Leo e de Mercedes.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e, então, o meu amigo pergunta:

– O que vais fazer com Naím?

Assim que ele diz isso, eu olho para ele.

– Como a Amara me disse um dia, para apanhar um bom comboio primeiro tenho de ter perdido um.

Os meus amigos concordam, mas Leo insiste:

– Porquê, se és apaixonada por ele e ele te ligou?

Não respondo. Dispenso.

Mas Leo continua e continua e continua. Diz que nós somos chatinhas, mas céus, como está chatinho esta noite.

– Então, tens a certeza de que não queres nada com ele?

– Certeza absoluta – digo.

Leo assente.

– E o que teria Naím de fazer para lhe dares uma oportunidade?

Rio-me, encolho os ombros e respondo:

– Pelo menos, algo tão impressionante quanto fazer descer a Lua.

– Bem, não pedes coisa pouca – troça ele.

Concordo com a cabeça, sei que sou exigente, e digo:

– É que a mim não é qualquer coisa que me convence.

O nosso amigo bufa e as meninas e eu rimos.

O debate está aberto. Todos dizemos o que pensamos, e então Leo pergunta:

– Ganhou o Prémio Bardea, certo?

– Sim – respondo. E depois murmuro horrorizada: – E agora é um dos finalistas do Prémio Farpón.

– Caramba, querida, o que tens de apresentar?

Assinto. Não consigo parar de pensar nisso.

– Não sei o que fazer – digo. – Não sei se devo falar com a organização para...

– Nem penses em renunciar à apresentação desse Prémio – interrompe-me Amara. – Só porque tu e aquele tipo já não estão juntos, não significa que tenhas de desistir das coisas que amas.

– É por isso que ainda não disse não. – Suspiro. – Nunca fui de enterrar a cabeça na areia. Mas juro que, desta vez, sabendo que vou ter de voltar a vê-lo no dia 7 de outubro, fico um pouco desconcertada.

– Se ele ganhar o Prémio, tens de lho entregar? – pergunta Mercedes. Rapidamente aceno com a cabeça e ela sussurra: – Ui, mulher, que cena...

Os meus amigos entreolham-se e, então, Mercedes acrescenta:

– Bem, uma coisa te digo: espero que ele ganhe e tenhas de lho entregar.

– Que retorcida e péssima amiga! – exclamo, incrédula.

– Mercedes! – protesta Leo.

Mas ela insiste:

– Estou a falar a sério. E não estou a ser retorcida ou má amiga. Se o Aloé Vera for ao jantar pelo seu trabalho sem renunciar a nada, quero que ele veja que tu continuaste com a tua vida e o teu trabalho, e também não renunciaste a nada.

– Assim sendo, estou com a Mercedes – interrompe Amara.

– Além disso – insiste a primeira –, nessa noite vais usar o meu vestido preto de lantejoulas de que tanto gostas.

– Aquele de puta chique? – gozo.

Todos rimos disso, sabemos a que vestido ela se refere.

– Exatamente – diz ela. – Ficas impressionante com ele, melhor do que eu, e todos sabemos disso... Ou não?

Amara assente. Leo também e acrescenta:

– Ficas espetacular com ele.

Sorrio, divertida. A verdade é que nas duas vezes que o vesti para sair, fiz um grande sucesso.

– Estou com a Mercedes – concorda Amara. – Tens de ir impressionante para ele ver o que perdeu.

– Dispensso. Não quero que ele veja o que perdeu – sussurro.

– Mas nós sim – responde Leo, convencido.

Rio-me, não consigo evitar. Eles fazem-me sempre rir. Então, Leo pergunta:

– A tal Mireia virá ao Prémio?

Ao ouvir isso, a minha expressão muda.

– Conhecendo-a e conhecendo o amor que Florencia sente por ela, tenho a certeza de que ela irá acompanhá-lo – sussurro. – E, como sempre, estará incrivelmente linda e elegante.

– Mas essa gaja é assim tão impressionante? – pergunta Amara.

Penso em Mireia. A resposta é um «sim» gigantesco. Até naquele dia na praia, ela usava a roupa de mergulho como se estivesse a envergar um Armani muito elegante.

– Dá-me náuseas admitir isso porque fico com borbulhas por todo o corpo – digo –, mas sim. Aquela idiota é exageradamente perfeita.

– Estou a morrer de vontade de conhecê-la – troça Mercedes.

Quando a ouço, pego no meu telemóvel e, depois de procurar o perfil dela no Instagram, que com alguma morbidez tratei de encontrar, procuro algumas fotos que ela tem com Naím na praia ou no jantar e digo, mostrando-lhes:

– Ei-la.

Os meus amigos olham para ela. Eu sei pelas suas expressões que pensam como eu. É perfeita. Mas, então, Amara solta:

– És mil vezes mais bonita!

– Não duvides disso nem por um segundo! – acrescenta Leo.

– Sem comparação! – exclama Mercedes.

Ouvir isso faz-me sorrir. Então, pouso o telemóvel e sussurro:

– Já vos disse hoje quanto vos amo?

Todos sorrimos, e Leo, levantando a camisa, diz:

– «No mau. No bom. E no melhor.»

Ver a tatuagem e ouvir as suas palavras faz com que nós os quatro nos abracemos com carinho. Ficamos emocionados. Que tontos nós somos! É claro que centenas de coisas boas e más acontecerão nas nossas vidas, mas o Comando Chuminero é indestrutível.

Após o momento de pieguice, Leo sugere:

– Sei que o que vou dizer não é o meu estilo, mas acho que, na noite do prémio, além de impressionares com o elegante vestido de puta chique, devias ter um homem pendurado no teu braço.

Amara, Mercedes e eu pestanejamos incrédulas, e ele continua:

– Não há nada que nos aborreça mais, a nós homens, do que vermos e pensarmos como fomos tolos.

– *Leo Morales for president!* – murmura Amara.

– Mas ei, quem és tu e onde está o meu puritano? – troça Mercedes.

Rio-me. O que ele diz surpreende-nos.

– Queres que eu leve um dos meus engates à festa? – pergunto.

Leo abana a cabeça.

– Não, querida. Um dos teus engates, não. Um homem que possa competir com Naím.

Não respondo. Ninguém pode competir com ele, e o meu amigo acrescenta:

– Se achas que ele vai acompanhado, tu também devias ir. Além disso, acho que isso te fará sentir melhor.

Assinto. Concorro com o que ele diz. Ver Naím com Mireia não vai ser fácil. E quando estou prestes a falar, Leo propõe:

– O que achas se eu falar com o meu primo Ricardo?

– Que boa ideiaaaaa! – exclama Amara.

Ao ouvir isso, sorrio. Ricardo, primo de Leo, é um mulherengo de cerca de quarenta e cinco anos, alto, moreno, atraente e advogado de profissão. Numa altura, ele saiu connosco e atirou-se a mim, mas eu fiz-me de parva.

Ao ouvir isso, Mercedes sussurra:

– Eu voto em Marco, o engate. Ele é tão *sexy* e alto que, ei, é como eu costumo dizer, se eu não gostasse de mulheres, ficava com ele. Além disso, vê-lo garante-te um novo presente para...

– Já estava a demorar! – troça Leo.

Divertidos, nós rimos. É disto que preciso, rir! Logo em seguida, Amara afirma, olhando para Leo:

– Liga ao teu primo e pergunta se pode acompanhar a Verónica ao jantar no dia 7 de outubro.

– Agora mesmo. – Ele levanta-se para ligar.

Olho incrédula para as minhas amigas e Mercedes diz:

– Contigo, as coisas têm de ser assim, e tu sabes disso. Se te deixarmos pensar e decidir, mau, mau.

Bufo e não digo nada. Têm razão. Se eu tiver de pensar nas coisas, nada acontece.

Minutos depois, Leo volta e diz com um sorriso:

– Já tens par para 7 de outubro.

Suspiro. Mãezinha, em que confusão estou a meter-me.

– E acalma-te – acrescenta ele. – O Ricardo namora com uma tipa. Mas quando lhe contei sobre a tua situação, pelo carinho que ele tem por ti, decidiu acompanhar-te para que não te sentisses sozinha nem mal.

Abano a cabeça. Ricardo está com pena de mim?

Mas, sem querer perguntar, porque não estou com vontade, pego no meu copo e bebo.

– A Zoé sabe de alguma coisa? – pergunta, então, Mercedes.

Imediatamente faço um gesto de negação.

– Não. E se possível quero que continue a acreditar que vivo no mundo Disney. Em novembro, quando for vê-la a Nova Iorque, conto-lhe.

Os meus amigos olham-se. Acho que, pela primeira vez na vida, não sabem o que me dizer. E, vendo as suas expressões, tento sorrir e brincar:

– Não há dúvida de que a minha cena são os amores de verão. Primeiro o pai de Zoé e agora este.

– Não estás grávida...

Ouvir isso faz-me rir. Eu tomo a pílula e a minha menstruação veio há alguns dias, por isso respondo:

– Não, desta vez sou adulta.

Meia hora depois, após despedir-me de Leo e Mercedes, Amara e eu caminhamos em direção ao WiZink de braços dados como duas alcoviteiras. Entrar no auditório faz o meu coração bater mais forte.

Desde a noite em que tudo correu mal, ouço, em *loop*, as músicas que ouvia com Naím, mas aqui estou. Vou assistir ao meu primeiro concerto do Manuel Carrasco e, sabendo quanto ele gosta deste cantor, torna-o muito especial.

Amara está animada. Eu também. E quando o concerto começa, deixando-nos levar pelo entusiasmo do momento, saltamos, gritamos e divertimo-nos muito, como as duas raparigas que se conheceram há muitos anos. Durante quase duas horas desfrutamos do concerto que Manuel e a sua banda oferecem a todos os presentes, e quando tocam canções mais intimistas, os meus olhos enchem-se de lágrimas sem conseguir evitar, e choro.

Amara aperta a minha mão e abraça-me. Ela, como eu agora, sofreu por amor. Ela sabe como dói amar e não ser amado, e conforta-me. Mas o momento em que desmorono completamente e choro como uma maria madalena é quando ele canta: *Qué nos está pasando?*

Mãezinha... mãezinha... Bate forte cá dentro e choro até ficar com ranho!

Mas, claro, como não chorar com a letra desta música?

Se aprendi alguma coisa com Naím, foi a ouvir as letras das belas canções de amor e entendê-las com o coração.

Estou a chorar tanto que a coitada de Amara se assusta, e tenho de me sentar porque até acho que vou ficar zozza com o que a música me faz sentir.

Quando saímos do auditório estamos tão motivadas quanto suadas, e eu, também, destrozada. O que vivi quebrou-me e sei que a Amara também. A cena de Óscar, embora ela diga que a superou, ainda dói. Ela amou-o muito.

Esfomeadas, paramos num sítio e comemos uma piza a meias. Dali, e como ninguém nos espera em casa, bem, só *Paulova*, decidimos ir beber um copo.

Depois de apanharmos um táxi e irmos para um lugar que conhecemos, entramos e, ali, as pessoas, como sempre, riem, conversam e conhecem-se.

No entanto, conhecer pessoas é a última coisa que queremos agora, e Amara e eu bebemos um *shot* de tequila com sal e limão para nos acalmarmos. Depois desse primeiro *shot*, vem outro e outro e outro, e quando dou conta, estamos as duas a cantar bem alto a música que está a tocar, e que não é outra senão *Vivir así es morir de amor*, neste caso cantada pela minha maravilhosa Nathy Peluso.

Mãezinha... mãezinha... damos tudo!

Mais tarde, às três da manhã, depois de desfrutar de um maravilhoso concerto, de um delicioso jantar e de vários *shots* de tequila com sal e limão temperados com canções lastimáveis, despeço-me de Amara e chego a minha casa. Quando entro, como sempre, *Paulova* vem cumprimentar-me. Encantada, dou-lhe beijos e mimos. Estou fora de casa há praticamente dois meses e, sem dúvida, ela sente a minha falta.

Cansada, tiro a roupa.

Meu Deus, que dor de garganta eu tenho de tanto cantar.

Visto uma *T-shirt* para dormir e, quando me deito na cama, como todas as noites, começo a virar-me de um lado para o outro.

Aqui vamos nós!

Às três e meia, e como me martirizei pouco com o concerto, pego no meu telemóvel e procuro aquela música que Naím tanto cantarola chamada *Tu olvido*, de Carlos Macías e Víctor García. E, enquanto a canto, porque já a sei de cor, lembro-me do que vivi com ele e, como diz a canção, vivo com a alma despedaçada por não o ver.

Capítulo 59

Estou a ter um colapso nervoso nos bastidores do Prémio Farpón.

Os convidados já começaram a chegar. Rosario, a minha maquilhadora, já terminou o seu trabalho, e tenho o coração a querer sair do peito.

– Vou à cafetaria. Queres que te traga alguma coisa?

Quando ouço a voz de Ricardo, primo de Leo, sorrio. Seguindo o conselho dos meus amigos sobre a minha roupa e a sua companhia, aqui estou. Ricardo é um tipo bonito, muito bonito, que parece muito chique com o fato escuro que tem vestido. Ele foi buscar-me a casa. No carro, conversámos. Ele disse-me o que Leo lhe tinha dito e eu, depois de esclarecer algumas coisas, fiquei mais tranquila.

– Um pouco de água – digo.

Ricardo assente. Pisca-me o olho e sai.

Revejo as minhas anotações. Leio-as mil vezes e, sempre que os meus olhos veem o nome de Naím Acosta das Caves Verode, tremo toda. Se ele não ganhar, com um pouco de sorte, mesmo estando na mesma sala não temos de nos cruzar, mas se ele ganhar terei de cumprimentá-lo no palco para lhe entregar o Prémio.

Porque é que fui em frente com isto?

Acalorada, ando de um lado para o outro a resolver várias questões, até que ouço:

– *Ratita*, estamos aqui.

Virando-me, vejo o meu pai. Ele está lindo de fato e, a sorrir, aproxima-me dele, beijo-o e sussurro:

– Pai, não me chames isso aqui.

Ele ri-se. Que peste!

Como toda a gente, o meu pai percebeu que perdi peso e, claro, ganhei olheiras. Quando estou muito incomodada com alguma coisa, isso transparece rapidamente no meu rosto. Ele preocupa-se, mas eu ignoro quando pergunto:

– E a mãe?

O meu pai, que se infiltrou nos bastidores, responde:

– Foi à casa de banho.

Concordo com a cabeça e sorrio.

– Estás linda nesse vestido, embora seja um pouco atrevido para o meu gosto – acrescenta.

Rio-me. A verdade é que o vestido mais *sexy* não podia ser. Decote à frente, decote nas costas e racha lateral na perna. Por algum motivo lhe chamamos «vestido de puta chique», algo que evito referir.

Segundos depois, o meu coapresentador, Fernando Lourel, aproxima-se de mim. Ele é um conhecido apresentador de televisão. Não o conhecia pessoalmente, mas é muito agradável. Apresento-lhe o meu pai. Como esperava, ele fica encantado e, quando sai, Fernando, olhando para os papéis que ambos carregamos nas mãos, indica-me certas coisas, que ouço e aceito com prazer. Aprender é sempre bom.

O tempo passa e o meu telemóvel vibra. Recebo mensagens dos meus amigos. Mandeí fotos de como ficou o penteado com o vestido e eles não param de me elogiar. São tão fofos!

No entanto, estou nervosa, inquieta. Os participantes da gala estão a chegar e não consigo tirar da cabeça que ele estará aqui a qualquer momento.

Respiro fundo e Fernando e eu conversamos novamente. Está tudo pronto e em menos de uma hora o evento vai começar. Chamados pelos organizadores, saímos para cumprimentar um grupo de ingleses, quando, de repente, ouço atrás de mim:

– Verónica!

Voltando-me, encontro Liam. Oh, céus, o que sinto!

Olho rapidamente em volta. Se ele está aqui, significa que o irmão não estará longe, e isso preocupa-me. E, vá, também me atormenta e perturba.

Mãezinha... mãezinha... Que nervos sinto no estômago!

Como sempre, Liam está fabuloso. Elegante, atraente e imaculado. Como é giro! E, depois de verificar, em décimos de segundo, que está sozinho, pinto um grande sorriso no rosto, peço desculpas a Fernando e, aproximando-me dele, sussurro:

– Que bom ver-te aqui!

Liam e eu abraçamo-nos. Passámos pouco tempo juntos, mas ficou um carinho entre nós. E, quando nos separamos, ele diz, olhando para mim:

– Com esse vestido vais enlouquecer todos.

Rio-me. Na brincadeira, coloco a perna para fora da abertura lateral e respondo com voz de *femme fatale*:

– É essa a ideia.

Ambos rimos e, então, olhando para ele com carinho, pergunto:

– Como estás?

Sem necessidade de estender a minha pergunta, ele entende-me e responde:

– Bem. Sinto muito por Jasmina. Nunca lhe desejaria aquele final.

Assinto.

– O menino ficou ao cuidado do pai – acrescenta –, que certamente lhe dará uma boa vida.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. A verdade é que a notícia é triste, mas, para mudar de assunto, pergunto:

– E tu, como solteiro Liam Acosta, que tal?

– Tranquilo e livre – diz ele, a sorrir.

– Parece-me bem.

Liam acena com a cabeça e depois sussurra:

– É a primeira vez em muito tempo que estou sem companhia e, vá, reconheço que não estou a passar um mau bocado. Além disso, hoje vim acompanhado.

Com cumplicidade, rimos disso. Adoro ver que ele conseguiu encerrar o que aconteceu com a sua ex.

– Parabéns – diz ele, em seguida, olhando para mim. – Sei que há alguns dias foi o teu aniversário.

– Obrigada – murmuro, surpresa por ele saber.

– Estás bem? – pergunta imediatamente.

Sem hesitar, e escondendo o que sinto, afirmo:

– Tão bem como sempre.

Liam acena com a cabeça. Olha-me com aqueles olhos grandes tão especiais que tem e comenta:

– Bem, antes não tinhas essas olheiras que a maquilhagem esconde.

Porra... porra... porra... para as malditas olheiras!

Mas, sem querer dizer a verdade, porque não me apetece falar desse assunto, respondo:

– Acredites ou não, isto de ser apresentadora está a tirar-me o sono. É algo novo para mim. Além disso, nem imaginas o volume de trabalho que tenho.

– E, para tentar dar normalidade à situação, pergunto como boa profissional: – Já contrataram outra agência?

Liam abana a cabeça.

– Temos tido reuniões informais com algumas, mas ainda não decidimos.

Assinto. Entendo que encontrar a agência ideal leva tempo, e então pergunto, nervosamente:

– Vieram todos?

– Toda a família – diz ele com um sorriso.

Ouvir isso faz-me inspirar pelo nariz e expirar pela boca.

– Parabéns! – exclamo. – O teu irmão ganhou o nacional e hoje está aqui pelo internacional. Quer vença ou não, os vossos vinhos serão, sem dúvida, muito reconhecidos daqui em diante.

Liam acena com a cabeça, sabendo que estou certa, e quando está prestes a falar novamente, Florencia aparece ao nosso lado.

Uf, mãezinha, que sensação me invade. Hoje não estou para cenas. Não aqui.

Olhamo-nos em silêncio, não dizemos nada. Não vou ser eu a abrir a boca e, como preciso tirá-la de vista, digo:

– Tenho de ir. Espero que tenham muita sorte hoje.

Vou virar-me quando sinto alguém agarrar o meu braço. Quando olho, vejo que é Florencia.

– Perdoa-me – diz.

Ao ouvir isso, pisco os olhos e ela acrescenta:

– Como sempre, comportei-me como um papagaio, falei e só depois pensei, e sinto-me mal. Muito mal.

Ela olha para mim, esperando que eu diga alguma coisa, mas então Ricardo vem até nós e diz:

– Toma, linda. A água que querias.

Encantada, pego na garrafa e, vendo Liam e Florencia olharem para mim, digo educadamente:

– Ricardo, são Liam e Florencia Acosta. São das Caves Verode. –

E olhando para eles acrescento: – O Ricardo é um amigo e será o meu acompanhante esta noite.

Ele assente. Pelo sobrenome já sabe quem são, e eu, querendo livrar-me dele, olho para ele com um sorriso encantador e peço:

– Vai sentar-te na mesa. Assim que puder, irei também.

Ricardo assente. E, piscando-me o olho, sai.

– E o Ricardo é...? – pergunta Liam.

Compreendendo a sua pergunta, respondo calmamente:

– Um amigo.

Um estranho silêncio cria-se entre os três e, então, dirigindo-me a Florencia, que está a torcer as mãos, digo:

– Da minha parte, está tudo esquecido. Já passou.

– Não passou – declara ela. – Devia ter-te agradecido pelo cuidado e preocupação em ajudar o meu filho e, em vez disso, fiz o contrário. E eu... eu sinto-me tão mal que...

Não continua. Lágrimas enchem os seus olhos e eu, ao vê-la, digo imediatamente:

– Não. Não. Não. Não. Nem pense em chorar ou vai estragar a maquilhagem.

Mas é tarde. Lágrimas já estão a escorrer pelo rosto dela, e Liam e eu rapidamente a agarramos e tiramo-la dali. Levo-os para os bastidores e estou prestes a falar quando ela soluça e acrescenta:

– Fui uma... uma... egoísta. Só pensei em mim e na minha raiva, nada mais, quando deveria ter pensado que estivesse lá para o que eles precisavam e que, graças a Deus, puderam contar contigo. E... e em vez disso, agi como uma selvagem... Chamei-te de tudo. Ai, Deus! Como posso ser uma pessoa tão má? Como pude dizer-lhe as coisas terríveis que disse?

Tudo bem, eu gosto de Florencia, sei que não é má pessoa, e, rapidamente, para acalmá-la, murmuro:

– Disse-o porque estava nervosa. Tinha acabado de descobrir que era avó e...

– O Lionel é lindo – interrompe-me.

– Eu sei! – exclamo.

– Tem uns olhinhos tão lindos e um narizinho tão perfeito que roubou o meu coração. – Sorrimos as duas e ela continua: – E a Begoña é... é maravilhosa. Estou a conhecê-la e é uma rapariga encantadora, tão calma e carinhosa, que não é à toa que o meu filho esteja tão apaixonado por ela. Ela diz-me maravilhas sobre si. Contou-me o que prometeste se não aceitássemos o Lionel. E garanto-te que isso tocou o meu coração e fez-me saber quanto és uma pessoa boa e quanto eu sou má.

Ela chora outra vez. Desmorona novamente.

– Ai, Verónica. Eu sou horrível – murmura. – Por minha causa rescindimos o contrato contigo. Fui eu que insisti em não querer trabalhar contigo. E, e...

– Florencia, relaxa – diz Liam, entregando-lhe um lenço. – Não é o momento de...

– Não me importo se é, ou não, o momento de falar sobre isto – interrompe-o ela, com rímel espalhado por todo o rosto. E olhando para mim, acrescenta: – O Liam não queria. Ele recusou-se a rescindi-lo e o Naím não dizia nada. Ele ficou tão surpreso quanto eu com a paternidade do Gael e entrou em choque. E eu... aproveitei-me do seu estado para forçá-lo a decidir o mesmo que eu.

Liam e eu olhamos um para o outro. Ambos sabemos que, naquele dia, Naím também tinha na cabeça as minhas fotos com Pedro que Soraya tinha

tirado, além de toda a tramoia dela, algo que Florencia não sabe. E quando vou falar, ela continua:

– Sou horrível. Com o meu comportamento e a minha insistência, fiz o Naím afastar-se de si. Mas eu... eu não sabia que havia algo tão bonito entre vocês.

Pestanejo, por isto não esperava. Mas Florencia, que quando engata a primeira ninguém mais a apanha, diz:

– Eu... Fiquei surpresa ao saber que era a Julia de Valladolid, mas quando o Liam me contou o motivo da mentirinha, eu entendi. Juro que entendi. E depois, ao ver o Naím tão mal, tão desesperado por...

Não. Não. Não. Não quero saber nada sobre Naím, e digo rapidamente:

– Eu perdoo-a, Florencia. Mas, por favor, não fale sobre o Naím. As coisas entre mim e ele ficaram claras e...

– És a mulher perfeita para ele – interrompe-me ela. E vendo que olho para ela, insiste: – Sei que teimeei com a história da Mireia. Mas ela não é o amor do Naím, porque o amor dele és tu. Basta ouvir como ele fala sobre ti para saber que tu e somente tu existes para ele.

– Eu também acho – intervém Liam.

Uf, uf, vou ter um ataque. As minhas pernas estão a tremer.

– E, digo-te uma coisa – continua Florencia –, depois do que Liam me contou que a Mireia fez naquela noite, se eu estivesse no teu lugar, além do vinho, teria estampado um salto na cabeça dela.

Rio-me. E, precisando de interromper a conversa aqui e agora, digo, olhando para o relógio:

– O evento vai começar em breve. – E, notando o rímel espalhado por todo o rosto de Florencia e sabendo que ela não pode voltar para a sala assim, olho para a minha direita e, vendo a minha maquilhadora, digo: – Rosario, poderias dar um jeito na maquilhagem dela?

Sem hesitar, ela acena com a cabeça, e quando Florencia está prestes a falar novamente, antecipo-me:

– Vamos, vai com a Rosario.

– Mas eu preciso de falar contigo. Preciso que saibas que...

– Anda, vai – insiste Liam, afastando-a gentilmente.

Relutante, ela finalmente afasta-se, e Liam, que está ao meu lado, murmura:

– Que tipo de amigo é esse Ricardo?

Atordoada com a pergunta, olho para ele e respondo:

– Essa agora...

Ele pisca os olhos. Percebo que está incomodado e, endireitando o casaco, comenta:

– O Naím não vai gostar.

Olho para ele, surpresa.

– Sinceramente, Liam, se o teu irmão gosta ou não, não me importa.

Ele abana a cabeça.

– Têm de falar.

Nego e respondo, olhando para ele:

– Não.

– Não sejas teimosa como o Naím.

– Liam, eu disse-te que consertaria as coisas naquela noite ou não seria possível mais tarde.

Ele concorda. Recorda esse detalhe tão bem quanto eu.

– Vamos ver... – murmura.

Mas não, não quero ouvi-lo, e não sei por que motivo pergunto:

– Veio acompanhado à gala?

Porra, mas porque é que perguntei isso?

Quero gritar que a Terra me engula. Quero pedir que costurem a minha boca de fala-barato.

– Sim – diz Liam, balançando a cabeça.

Ouvir isso faz-me respirar. Ainda bem que convidei um figurão como Ricardo. E, ciente de que não quero ficar a pensar em algo que não vale a pena, sussurro:

– Olha, Liam, quando as coisas não estão destinadas a ser, não são. E quanto ao teu irmão e eu é...

– É puro amor.

Quando ele diz isso, olho para ele e replico:

– Não me digas que tu também és um romântico...

Liam ri-se, balança a cabeça e comenta:

– Apenas o suficiente.

Isso faz-me rir, e então ele insiste:

– Verónica, pensa nisso! É certo que o meu irmão, apesar da idade que tem, se comportou como um puto, ficando enfurecido e sem conseguir pensar. Mas não achas que o que há entre vocês é único e especial?

– *Foi*. Já não é nada – esclareço sem querer pensar.

Liam suspira.

– A sério que aquele comboio único e especial realmente já não existe?

– A sério.

– Mentirosa...

Ver a sua expressão de gozo faz-me querer esbofeteá-lo.

– Queres realmente deixá-lo escapar? – insiste.

Dentro de mim, as suas perguntas têm uma resposta que não consigo verbalizar. Eu amo Naím. Amo-o com toda a minha alma. Mas ele dececionou-me tanto que, para perdoá-lo, ele teria de fazer algo tão incrivelmente impactante que... bem... E, então, recordando algo, digo:

– Por falar em comboio, vou dizer-te que para apanhares um bom comboio a tempo tens de ter perdido outro antes. E o comboio chamado Naím já passou pela estação.

Liam bufa. Não me conhece bem o suficiente para saber como sou teimosa. E, ajeitando o casaco, diz:

– Por favor, já não aguento continuar a ouvir *Tu olvido*... Até já a sei de cor! E olha, Verónica, estou a chegar a um ponto em que acho que se eu a ouvir mais uma vez, mato o Naím.

Quando ele diz isto, o meu estômago contrai-se. Temos músicas que são nossas. Muitas. Mas vejo que essa, neste momento, se tornou muito, muito especial para nós. Estou a processar a informação, quando Liam murmura:

– O Naím ama-te. Ele está completamente apaixonado por ti.

Mãezinha... mãezinha...

Ouvir isso faz o meu coração começar a bater mais rápido. Não. Não. Não. Estou a trabalhar. Tenho de ser profissional e, abanando a cabeça, minto:

– Mas eu já não estou apaixonada por ele.

Assim que digo isto, observo a mudança de expressão de Liam. Não esperava ouvir isso.

Nesse momento, Florencia aproxima-se e, olhando para nós, pergunta:

– Melhor assim?

Sem hesitar, Liam e eu concordamos olhando para a maquilhagem dela. Então, Fernando entra onde estamos, olha para mim e diz:

– Verónica, começamos dentro de quinze minutos. Temos de ir colocar os microfones.

Assinto. Posso fugir e, olhando para eles, digo:

– Agora, se me dão licença, tenho de trabalhar.

E, sem mais demora, viro-me e vou atrás de Fernando enquanto sinto como a Terra se move sob os meus pés e penso que vai engolir-me a qualquer instante.

Capítulo 60

Cinco minutos.

Faltam apenas cinco minutos para o início da gala do Prémio Farpón e os meus nervos estão fora de controlo.

Por detrás da cortina, observo sem ser vista. Procuro os meus pais na mesa onde me disseram que estariam, mas não os encontro. A eles são atribuídas as mesas mais distantes do palco, já que as mais próximas são reservadas aos nomeados. Onde se meteram?

Vejo Ricardo numa mesa ao fundo, a mesma onde eu, depois de dar as boas-vindas aos participantes, irei jantar, até chegar a sobremesa. Em seguida, volto ao palco para abrir o envelope e dizer o nome do enólogo vencedor. Ricardo está a conversar com uma mulher que, pelo que vejo, está encantada. Normal... o Ricardito é um bombom.

Estou a cuscar quando vejo Liam entrar na sala com uma linda ruiva. Uau, vejo que não perdeu tempo! E, tal como Mireia, a ruiva está deslumbrante naquele vestido azul. Claro que estúpidos os Acosta não são.

Depois dele, entram Horacio e Xama. Tão lindos os dois! Nota-se o orgulho do patriarca levando a neta pelo braço. Isso comove-me. Horacio é muito parecido com o meu pai, muito pela família.

Florencia e Omar seguem-nos. E que bem Omar fica de fato! Atrás deles surpreendo-me ao ver Gael e Begoña. Isso emociona-me – mas que lindos! –, e ainda mais quando vejo Begoña sorrir e sinto que Florencia está a dar-lhe uma oportunidade.

Observo, com prazer, quando eles chegam à mesa, mas... de repente, vejo os meus pais sentados nela.

O quê?!

Mas... mas o que é que eles estão a fazer ali?

Depois, observo com espanto como Liam apresenta os meus pais cavalheirescamente a todos os membros da sua família, enquanto eu estou prestes a sair daqui a qualquer momento.

Mas o que é que os meus pais estão a fazer?

Olho para eles, incrédula, até que vejo Horacio a virar-se e, a sorrir, chamar:

– Naím, filho, aqui!

Rapidamente, desvio o olhar e direciono-o para a entrada, onde o burburinho continua, e sinto as minhas pernas cederem ao vê-lo entrar.

Mãezinha... mãezinha... A sensualidade, a segurança e o poder que Naím exala deixam-me sem fôlego. Que bonito. Quão bem o fato combina com ele. Que homem imponente... E quando ele dirige os olhos para a sua acompanhante, eu... eu...

É Zoé!

Pestanejo. Acho... acho que estou a sonhar. Zoé, a minha menina, o meu amor, está linda naquele vestido azul-claro. Mas... mas não entendo nada.

O que é que a minha filha está a fazer aqui?

Quando é que chegou?

E, acima de tudo, o que é que está a fazer a entrar na gala de braço dado com Naím?

Segurando as cortinas, porque se as soltar, caio redonda no chão, vejo como Zoé e Naím, que não podiam estar mais bonitos e elegantes, se aproximam da mesa de braços dados e sorridentes, e imediatamente os meus pais se lançam sobre a minha filha para abraçá-la e beijá-la.

A minha respiração acelera. A minha filha. A minha menina. Ela está aqui e, nada mais nada menos, do que com Naím, os meus pais e a sua família.

Mas o que está a acontecer?

Ofegando como um peixe, ponho a mão sobre o coração.

Ai, mãezinha, acho que vou ter um ataque cardíaco.

Uf, uf, se eu tiver de aparecer no palco agora, acho que a minha voz não sairá. E, pegando no telemóvel, ligo a Amara e, quando estou prestes a falar,

ouço:

– Não me mates, mas não podia contar-te... Não me digas que o vestido que comprámos para a Zoé não é maravilhoso!

Ao ouvir isto, afasto-me de onde estou e sussurro:

– Sabias que a Zoé estava aqui?

– Sim.

Vejo uma cadeira e sento-me... Ou me sento ou caio.

– Vejamos, querida, respira, estou a ouvir-te e... – diz Amara.

– Sabias que a Zoé estava aqui, que ia acompanhar o Naím, e não me contaste nada?! – insisto.

– Sim – diz ela, sem acrescentar mais nada.

Vou espancá-la!

Ai, Deus, o calor que está a subir por mim!

Não sei o que dizer. Não sei o que fazer, e então Amara, do outro lado da linha, declara:

– Ama-lo. Ele ama-te. Por favor, dá-te esta oportunidade.

Mas eu estou acelerada. Bastante. E apenas sussurro:

– Falamos amanhã.

Guardo o telemóvel e, fechando os olhos, tento acalmar-me. Preciso. No entanto, após alguns segundos, levanto-me. Volto para as cortinas e, depois de ver a minha família e os Acosta encantados, pego novamente no telemóvel e ligo a Zoé.

Imediatamente, vejo como ela abre a bolsa e pega no telemóvel.

– Zoé Jiménez Johnson – sussurro quando ela atende –, dirige-te agora mesmo à parte direita do palco.

Vejo a sua mudança de expressão. Conhece perfeitamente a minha voz de zangada. E, sem dizer mais nada, desligo.

Como esperado, sem dizer nada, a minha filha dirige-se para onde pedi. Corro até lá e, quando as cortinas se abrem, ficamos cara a cara, e a primeira coisa que faço é abraçá-la. O seu cheiro... a sua proximidade... para mim é a melhor e mais valiosa coisa do mundo; e quando finalmente me separo dela, olhando-a nos olhos, sussurro:

– Podes explicar-me o que...?

– Mãe, não fiques zangada – interrompe-me ela. – Caramba, mãe... que olheiras! – exclama a seguir.

Estou a lixar-me para as malditas olheiras e murmuro:

– Zoé, não mudes de assunto.

– O Naím pediu-me ajuda para...

– O Naím pediu-te ajuda? – pergunto, incrédula.

Zoé acena com a cabeça, sorri e diz:

– Como não lhe atendeste o telemóvel e não te conseguia encontrar, ele...

Levo a mão à cabeça. Isso irrita-me ainda mais.

– Estás a dizer-me que eu não te contei nada para não te preocupar e ele, sem pensar em como te poderia deixar, te liga e...? – rosno.

– Mãe... ele ligou há quatro dias, e eu já não sou uma criança – interrompe-me novamente. – Até então eu acreditava em tudo o que me dizias.

Horrorizada, abano-me com a mão, e Zoé continua:

– Vá, mãe, eu conheço-te e...

– Verónica, temos de começar agora. – Ouço Fernando dizer de repente.

Assinto. Mudo de expressão e, a sorrir, digo:

– Dá-me um minuto.

Fernando acena com a cabeça, afasta-se, e eu, olhando para Zoé, sussurro:

– Onde está o Michael?

– Ficou na base. Esta foi uma viagem relâmpago. Volto depois de amanhã, mas hoje queria estar aqui.

Aceno com a cabeça. Cada vez entendo menos e, ciente de que devo ser a profissional que o Prémio contratou, beijo a minha filha no rosto e murmuro:

– Querida, estou muito feliz por te ver, mas...

– Conversamos depois, mãe. Anda, vai. Tens de apresentar o Prémio. E a propósito... estás deslumbrante nesse vestido! – interrompe-me a safadinha.

Preso nesta situação, suspiro e, vendo como a minha filha desaparece atrás das cortinas, respiro fundo, viro-me e vou até ao local onde Fernando me espera. Que comece o espetáculo!

Capítulo 61

Quando a cortina do Casino de Madrid se abre e Fernando e eu subimos ao palco, os holofotes cegam-nos enquanto ressoam os aplausos do público.

Estou nervosa. Muito. Os nervos tomam conta de mim, mas ancorando-me na frieza e no profissionalismo que me caracterizam, escondo essa insegurança que o momento me provoca, e o meu colega e eu damos as boas-vindas aos presentes na atribuição do prémio, e seguindo o guião em que trabalhámos vamos apresentando os enólogos nomeados e as suas adegas, um a um, através de projeções. Nem preciso dizer que, quando aparece a de Naím, o meu corpo se revoluciona ainda mais.

Após a apresentação, Fernando e eu descemos do palco. O jantar de gala começa e, ainda a sorrir, atravesso a sala em direção à minha mesa. Mas, claro, antes de chegar tenho de passar onde estão os meus pais e os Acosta. É o mínimo que posso fazer e, respirando fundo, aproximo-me da sua mesa, enquanto cumprimento os participantes que encontro pelo caminho.

– *Ratita*, como estou orgulhoso de ti – elogia o meu pai antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Concordo com a cabeça, dou-lhe um beijo e sussurro:

– Pai, eu disse-te para não me chamares isso aqui.

Ele sorri, eu também, e, dando um beijo à minha mãe diante do olhar atento dos Acosta, sussurro-lhe ao ouvido:

– Vou-te matar...

Ela sorri e, sem hesitar, sussurra:

– Nós sabemos, *my love*, mas vai valer a pena.

Tento não mudar a minha expressão, e então a minha filha pega na minha mão e diz:

– Mãe, nunca te vi tão bonita.

Embaraçada, olho para ela. Beijo-a novamente, e então ouço Naím, que está ao lado dela, comentar:

– Ela está sempre linda.

Assim que diz isso, olho para ele. Se mencionar as minhas olheiras, estampo-lhe um prato na cabeça.

Ai, Deus... Ai, Deus... Está tão lindo!

Tê-lo tão perto faz os meus joelhos cederem e, agarrando a mesa, desvio o olhar. Não posso... simplesmente não posso. Por isso, olho para os demais e, sem perder o sorriso, cumprimento:

– Que alegria ver-vos aqui!

– A alegria é nossa, minha menina – diz Horacio.

Faz-se, então, um estranho silêncio à mesa. Claramente, algo estranho está a acontecer aqui...

De repente, percebo que alguém me agarra pela cintura e, quando me viro, vejo que é Ricardo que diz, galantemente:

– Vou acompanhar-te até à nossa mesa.

Agradecida pelo seu apoio, que vem mesmo a calhar, aceno com a cabeça e, após olhar novamente para a mesa onde estão a minha filha, os meus pais e o clã Acosta, digo:

– Aproveitem o jantar e boa sorte com o Prémio!

– Não vais ficar connosco? – pergunta o meu pai.

Abano imediatamente a cabeça.

– As mesas estão marcadas, e a minha é outra.

Dito isto, sem olhar para Naím, que possivelmente não tirou os olhos de mim, agarro-me a Ricardo e caminhamos para a nossa mesa. Quando me sento, depois de cumprimentar os restantes comensais que estão connosco, olho para Ricardo e sussurro:

– Obrigada.

Ele sorri.

– Percebi que precisavas de ajuda – murmura.

– E muito – digo, depois de beber água.

Por vários minutos permaneço em silêncio. Tento organizar, na minha cabeça, o que está a acontecer. A minha filha está aqui, junto com os meus pais, e eles estão a jantar na mesa dos Acosta.

Mãezinha... mãezinha...

O jantar começa. De entrada, servem-nos deliciosos espargos de Navarra com diferentes molhos, acompanhados por um bom vinho Alvarinho, e eu ataco-os como se não houvesse amanhã.

Pelo amor de Deus... pelo amor de Deus... A ansiedade que eu tenho e como é bom o Alvarinho!

Em várias ocasiões, vejo o meu telemóvel vibrar. São Leo, Amara e Mercedes. Mas não, não vou atender. Estou zangada com eles, e quando os apanhar cara a cara, vão ouvir-me a valer.

Depois do primeiro prato, preciso apanhar um pouco de ar, então peço licença e vou à casa de banho. Ao entrar, como não há ninguém, aproveito para ligar o secador de mãos e, quando o ar frio começa a sair, fico em frente a ele. Não quero saber se me despenteio ou não. Preciso de ar.

Enquanto me refresco, a porta da casa de banho abre-se e Begoña aparece. Pelo espelho, olhamo-nos, até que finalmente me viro, sorrimos uma para a outra e, sem hesitar, abraçamo-nos. Por alguns segundos, ficamos abraçadas, até que ela sussurra:

– Sinto muito que por minha causa tudo de bonito que tinhas se tenha estragado.

– Não digas disparates – digo, afastando-me dela. – Não foi culpa tua.

Begoña abana a cabeça e insiste:

– A Florencia contou-nos o que aconteceu e... e eu...

Abraço-a novamente. Acho que a abraço mais por mim do que por ela.

– As coisas devem ser encaradas tal como são, Begoña – sussurro. – Às vezes, ganhamos e outras vezes aprendemos. Nunca te esqueças.

A jovem acena com a cabeça; sem dúvida entende o que estou a dizer.

– Não terei vida suficiente para te agradecer o apoio generoso que recebi de ti – murmura. – E se puder ajudar-te em algo agora, não hesites em dizer-me.

Concordo com a cabeça, sorrio e, ainda confusa, murmuro:

– Neste momento, só poderias ajudar-me se tivesses uma varinha de condão e me fizesses desaparecer daqui.

– Lamento não ter essa varinha.

Rimos as duas e, então, olhando nos meus olhos, ela diz:

– O Naím ama-te.

Fecho os olhos.

– Não comeces também, por favor – sussurro.

– Sinto muito, mas tens de saber. Aquele homem ama-te, adora-te. E se o amas, devem dar um ao outro a oportunidade de conversarem.

Bufo, prendo a respiração e, quando estou prestes a responder, a porta da casa de banho abre-se e duas mulheres entram.

– É melhor voltarmos para as nossas mesas – digo a Begoña.

Ela acena com a cabeça, não me pressiona. Depois de sair sozinha da casa de banho sigo em direção à minha mesa, embora no caminho sinta o olhar de Naím sobre mim.

Enquanto converso com Ricardo e os outros comensais com quem janto, trazem-nos o segundo prato. Desta vez, é um fabuloso cordeiro assado que cheira maravilhosamente bem. Na mesa, também deixam três opções de vinhos para acompanhar. *Tempranillo*, *Pinot Noir* e *Syrah*.

Provamos tudo com prazer, o cordeiro e os vinhos, e a verdade é que a harmonização com qualquer um deles é perfeita.

Quando terminamos, e enquanto converso com a senhora que está sentada à minha esquerda, de repente um cheiro maravilhoso e perturbador que me é muito familiar invade as minhas narinas.

Sem olhar, só de sentir o cheiro, sei que Naím está perto e, quando olho para cima, aqui está. De pé ao meu lado. Os nossos olhos encontram-se e o meu coração dispara quando ele pergunta:

– Tens um segundo?

Uf, uf...

Eu gostaria de dizer *não*. Gostaria de dizer que não tenho um microssegundo para ele, mas sei que à frente das pessoas ao nosso redor na mesa isso seria uma desconsideração. Então, disfarçando, aceno com a

cabeça e, tirando o guardanapo do colo, deixo-o sobre a mesa e digo a Ricardo:

– Eu já volto.

Ao levantar-me, percebo como Naím o observa. A sua expressão é séria. Sinistra. Inquisitiva. E, olhando para ele, pergunto:

– O que queres?

Naím agora olha para mim. A sua expressão suavizou e ele diz:

– Podemos ir ali por um minuto?

«Ali» é atrás das cortinas, e quando vou dizer *não*, ele murmura:

– Por favor.

Suspiro. Pelo canto do olho vejo que a minha família e a dele estão a olhar para nós e, sem querer fazer uma cena da qual certamente me arrependerei, aceno com a cabeça e começo a caminhar em direção a «ali».

Assim que passamos pelas cortinas e estamos quase sozinhos, já que os empregados têm a saída da cozinha por ali, olho para ele e sibilo:

– Como é que te passou pela cabeça ligar à minha filha?

– Estás mais magra e tens olheiras – sussurra.

Amaldiçoo-o. Viro-me. Acho que, se ele não se controlar, esta noite a besta que vive em mim vai sair em toda a sua fúria.

– A minha filha não sabia de nada – acrescento, olhando para ele. – Não quis dizer-lhe nada para não a preocupar... Como é que tu lhe pudeste contar? Que direito achas que tens de perturbar a sua tranquilidade?

Naím não responde, só me olha. E, antes que eu possa fazer qualquer coisa, ele agarra-me pela cintura, puxa-me para mais perto dele e, encostando os seus lábios aos meus, beija-me daquela forma que só ele sabe fazer, e eu... eu deixo-me levar.

A sua boca. O seu sabor. A sua respiração. O seu beijo... aquele beijo tão carregado de luxúria e posse era o que o meu corpo precisava. E quando finalmente termina, sem sair da minha boca, murmura:

– Não sabes quanto te amo e quanto sinto a tua falta.

Fecho os olhos.

Mãezinha... mãezinha...

Há um mês que sonho em esbofeteá-lo por todo o dano e dor que me causou, e agora tenho-o à minha frente e só quero beijá-lo e que ele me beije.

Mas como é que posso ser tão burra?

Então, recompondo-me, saio do seu abraço e dou um passo atrás.

– Mas o que é que achas que estás a fazer? Pensas que estou aqui quando tu queres?

A sua atitude muda. A minha pergunta tem muitas conotações.

– Eu disse-te, Naím – insisto –, disse-te que se me fosse embora não voltaria e...

E ele beija-me outra vez!

Meu Deus... Meu Deus... eu simplesmente não consigo resistir!

O meu coração está a mil. O corpo a dois mil. E a cabeça a cinco mil.

Então, consigo reunir coragem para me afastar dele e, quando estou prestes a falar, ele repete:

– Amo-te.

– Lamento por ti – respondo, com arrogância.

Naím olha para mim, sorri e sussurra:

– Fui um idiota. Como sempre, fiquei obcecado e agi mal. Muito mal. Mas, querida, eu amo-te, e mesmo que nunca tenhas dito que me amas, eu sei que também o sentes.

Surpresa com a sua segurança, vou protestar quando ele insiste:

– E sei que me amas porque a tua boca mo diz quando te beijo, o teu corpo quando te abraço e o teu olhar quando te olho.

Atordoad, para não dizer apalermada, olho para ele. Aqui está o Naím que me apaixona. Aquele que descongelou o meu coração com as suas frases e gestos perfeitos. O Naím pelo qual eu teria dado tudo o que tenho. Mas, tentando proteger-me, dou um passo atrás e rosno:

– Vá, por favor... Não comeces com as tuas frases feitas e estudadas, porque desta vez não vão colar.

Ele sorri. Dá um passo na minha direção e sussurra:

– Cubinho de gelo, eu conheço-te.

Não. Não. Não. Que não me chame assim! Isso é que nããããão.

– E eu sei que sabes que estou certo – continua. – Amas-me e desejas-me tanto quanto eu te amo e te desejo. Mas és tão teimosa e estás tão zangada comigo que te recusas a descer do teu pedestal.

Porra... porra... porra...

O calor que estou a sentir pelo momento, as coisas que ele me diz, a forma como olha para mim e o vinho, fazem-me suar.

– Sei que a nossa história começou abruptamente e de forma selvagem. Passámos de duas pessoas que falavam em conhecer-se para duas pessoas que exigiam tudo uma da outra.

Ele tem razão, o que diz é verdade, mas não vou dar-lhe essa satisfação.

– Neste tempo longe de ti, pensei no motivo disso e só consegui chegar a uma conclusão – continua. – E essa conclusão é que fomos feitos um para o outro e os nossos corações perceberam isso antes de nós mesmos.

Mãezinha... mãezinha...

Como sempre, o que ele diz é tão romântico, tão especial, que me deixa desnorteada.

– O que aconteceu foi uma terrível sucessão de erros – continua. – A paternidade oculta do Gael, as fotos com o Pedro. A Soraya no nosso quarto. Foram muitas coisas juntas e eu... comportei-me como um idiota selvagem, deixando-me levar pela raiva, sem pensar no que realmente importava para mim, que eras tu.

Concordo com a cabeça, realmente foi assim, e com mau humor pergunto:

– Onde deixaste a Mireia perfeita, *querido*?

Assim que digo isto, ele sussurra, olhando para mim:

– Ela foi outro grande erro naquela noite. Deixei-a meter-se na nossa conversa e...

– E simplesmente estragaste tudo – digo com convicção.

Naím acena com a cabeça, não nega. E eu, embora entenda que essa sucessão de erros inicialmente o bloqueou, nunca imaginei que ele se comportaria como comportou.

– Em relação ao Gael fiz o que ele me pediu – sussurro. – Sei que foi errado, mas acredita em mim, se acontecesse outra vez, eu fá-lo-ia de novo.

Quanto ao Pedro, foi meio orquestrado pela Soraya e, acredites ou não, não aconteceu nada. Eu parei-o. Em relação à Soraya, quem foi enganada fui eu e...

– Eu sei – interrompe-me ele. – E por isso quero pedir-te perdão.

Precisava de o ouvir dizer isso. Precisava de saber que entendia o que tinha acontecido e, então, sussurro:

– Todos cometemos erros. Garanto-te que estás perdoado, Naím.

Ele olha para mim. Deus, como olha para mim e, de repente, pergunta:

– Quem é o teu acompanhante?

Bom! Ele reparou no Ricardo.

– Um amigo – respondo.

Pela expressão dele sei que a minha resposta não lhe chega, mas não, não vou esclarecer mais nada. Então, como preciso de me afastar, porque se ficar ao lado dele vou acabar a beijá-lo, escondo-me atrás daquela frieza em que sou tão boa, e sibilo:

– Olha, Naím, o que vivemos foi uma coisa muito bonita, mas é passado.

– Mas...

Paro-o com a mão, não o deixo falar. E ciente de que não quero sofrer novamente e tenho de cortar isso abruptamente, digo:

– Sei que o meu corpo reage ao desejo que me despertas, mas agora o meu coração diz não. E se me respeitas, vais deixar-me em paz.

Naím olha para mim. Conheço-o. Sei que estuda as minhas palavras na sua cabeça enquanto os empregados começam a sair com as sobremesas. Depois, dá um passo atrás e murmura:

– Bem, então não há mais nada para falar.

Dito isso, ele olha-me por alguns segundos e, depois de me oferecer um sorriso triste, vira-se e sai.

Assim que ele está fora do alcance da minha vista, tremo toda. Acabo de rejeitar o homem que amo, aquele que desejo, e estou a recuperar disso quando Fernando entra onde estou e anuncia, olhando para mim:

– É hora de anunciar o vencedor!

Aceno e, após pegar nos cartões que me entrega, agarro o seu braço e, ao ver que tenho o envelope do vencedor entre eles, digo, entregando-lho:

– Diz tu o nome.

Fernando olha-me surpreso.

– Combinámos que o anunciarias tu.

Concordo com a cabeça, eu sei, mas, sem querer explicar algo que é meu e só meu, e consciente de que existe a possibilidade de Naím ser o vencedor, insisto:

– Mas agora prefiro que sejas tu.

Fernando acena com a cabeça e, então, entregando-me a estatueta de acrílico, diz:

– Combinado. Então entregas tu o Prémio.

Concordo, pego na estatueta e, quando a música começa, sabemos que temos de subir ao palco.

Uma vez mais, os holofotes cegam-nos e, com o meu sorriso mecânico, depois de dar uma vista de olhos no que escrevi, falo. Repito a lista de nomeados, um a um, para que os aplaudam e, depois, dou a vez a Fernando.

O meu colega fala, brinca fazendo o público rir e, no final, diz:

– E o Prémio Farpón 2022 vai para...

Mostra o envelope perfeitamente lacrado, abre-o e, aproximando-se do microfone, anuncia:

– Naím Acosta García, das Caves Verode.

Mãezinha... mãezinha... Acho que vou ter um ataque ao vivo e a cores.

O clamor do público diante do nome do vencedor não tarda, e eu... eu... eu acho que vou desmaiar.

Como não poderia ser diferente, e graças à porra da lei de Murphy, Naím vence. Tenho de lhe entregar o troféu juntamente com dois beijos e, enquanto assimilo, mantenho a pose e lembro-me de que tenho de ser profissional. Por isso, e apesar da confusão que reina dentro de mim, com o troféu nas mãos espero que Naím suba para vir buscá-lo.

Os aplausos são estrondosos. Não consigo distinguir as mesas porque os holofotes não me deixam, mas, de repente, vejo Horacio subir ao palco e isso surpreende-me. Horacio e não Naím?!

Conheço-o e, pela sua expressão, vejo que está deslocado. E quando se aproxima de mim, sussurra:

– O Naím foi embora.

Surpresa, entrego-lhe o troféu e sussurro:

– Como assim foi embora?

Mas não há tempo para responder. Fernando convida-o a dizer algumas palavras e Horacio, posicionando-se diante do microfone, diz, segurando o troféu que lhe entreguei:

– Sou o orgulhoso pai do melhor enólogo internacional, Naím Acosta García, e em seu nome recebo este maravilhoso troféu.

A plateia aplaude. Com essas simples palavras, Horacio já deixou as pessoas rendidas, e depois acrescenta, olhando para a estatueta:

– Sei que se o meu filho tivesse subido para receber este prémio, tê-lo-ia dedicado à sua mãe, à minha querida esposa – diz emocionado –, à grande enóloga que o ensinou a gostar da sua profissão e à grande mulher e mãe que o criou e o ensinou a amar.

Ouvir isso faz os pelos de todo o meu corpo arrepiarem-se. E, em seguida, ele acrescenta:

– Também o dedicaria ao resto da família. Para o Naím é muito importante porque é um homem de família. E, claro, também o dedicaria a todos aqueles que diariamente trabalham com ele nas caves.

A plateia aplaude novamente. Então, Horacio olha para mim e diz:

– E também o dedicaria a ti... minha menina. À mulher que faz o seu coração bater descontroladamente todos os dias e a quem ele ama imensuravelmente.

Bem... bem... bem... Acho que vou desmaiar!

Um «Ohhhh!» ressoa por toda a sala e eu quero morreeer.

Por favor, por favor... não só o filho se declara a mim, mas agora o pai também o faz à frente de todos. E, olhando para mim, continua:

– O Naím está muito entusiasmado com este prémio porque é uma recompensa pelo seu trabalho. Mas para ele o prémio mais ansiado és tu.

Outro «Ohhhhhhhhhh!» é ouvido, e o romântico Horacio acrescenta, aproximando-se de mim:

– O amor é como o vinho, minha menina. Se for bom, com o tempo vai melhorar. E te garanto que, conhecendo o meu filho, com ele tudo vai

melhorar.

Ouvir isso e ver a sua expressão faz-me sorrir. Oh, meu Deus, que me emociono! Que estou a amolecer! Sobretudo, quando ouço a voz do meu pai, que grita:

– *Ratita*, arrisca!

– Mãe, não desistas do teu sonho! – exclama, então, a minha filha.

Mãezinha... mãezinha... Não os vejo, mas ouço-os.

O meu corpo reage e, de repente, parece partir-se em mil pedaços. Uma vez mais, Naím colocou-se diante de mim com o coração completamente aberto, mesmo sabendo que eu iria pisoteá-lo. Arriscou-se e colocou a Lua nas minhas mãos ao trazer Zoé para jantar comigo esta noite. Sem dúvida é um homem muito especial.

Horacio e Fernando olham para mim. O primeiro sorri. O segundo está alucinado. Imagino que toda a sala esteja a olhar para nós. E não sei o que pensar, mas, de repente, e sem saber porquê, aquela segurança fria e impessoal que eu tinha desmorona completamente e, ao ouvir o meu coração bater, sei que tenho de ir atrás do meu amor.

Sei que tenho de vencer o medo e deixar de ser parva. Que o que tiver de ser será, porque estou viva e quero viver.

Por isso, e sem pensar duas vezes, tiro o troféu das mãos de Horacio e, completamente alucinada, apesar da minha idade e do meu profissionalismo, viro-me e saio a correr do palco. Enquanto faço isso, encontro Liam, que está à minha espera, e, acelerado, diz pegando na minha mão:

– Ele está a ir para o carro. Anda, eu acompanho-te.

Sem hesitar, deixo-me guiar por ele.

Mãezinha... mãezinha... O que estou a fazer por amor?

Passamos pela multidão, que nos aplaude e nos olha com expressões sorridentes. Então, a minha mãe, que corre atrás de nós junto com Zoé e o meu pai, exclama:

– Ai, *darling*, que noite tão emocionante!

Concordo. É, sem dúvida, uma noite cheia de surpresas. Enquanto isso, com pressa, tento correr de saltos e com o vestido de puta chique e não me

matar.

Saímos da sala e depois também do Casino. Todos os Acosta nos seguem, tal como a minha família, fotógrafos e assistentes, e então vejo-o. Vejo que caminha em direção a um veículo escuro com as mãos nos bolsos e, sem hesitar, grito com todas as minhas forças:

– «Sicília»!

Ao ouvir isso, Naím para. Ele vira-se e, ao ver a cena, a sua expressão faz-me rir. Reservado como é, isto deve certamente horrorizá-lo.

Então, Liam solta a minha mão e sussurra:

– Vá, estão ambos na mesma estação. Apanhem o mesmo comboio de uma vez.

Sorrio e, a seguir, ouço-o dizer a todos os que nos acompanham, inclusive aos fotógrafos:

– Ninguém passa daqui. Isto é entre eles.

As pessoas protestam. As primeiras são a minha mãe e Florencia. Mas não, Liam não as deixa aproximarem-se, e eu agradeço. Mãezinha, quando os meus amigos souberem da cena que armei e que eles perderam, não vão perdoar-me!

Naím olha para mim com uma expressão confusa. O meu coque italiano já deve parecer cubano, mas não me importo. Na verdade, já nada me importa e, aproximando-me dele, sussurro:

– Naím Acosta García, onde pensas que vais?

Ele pisca os olhos, sem saber o que dizer. E eu, entregando-lhe o troféu, digo:

– Parabéns, venceste.

Naím olha para a estatueta. Assente. E eu, sem conseguir calar por mais um segundo que seja o que o meu coração precisa de dizer, olho-o nos olhos e sussurro:

– Amo-te.

Ai, meu Deus, o que eu acabo de dizer!

Ai, mãezinha, o que eu diiiiisise!

Dizer isto faz com que a sua expressão mude. Percebo que os cantos da sua boca se curvam e penso... penso no que posso dizer-lhe que possa estar

ao nível das coisas maravilhosas que ele me diz. Mas, por causa dos nervos e porque não tenho a sua veia criativa, fico paralisada e, ante o silêncio, digo:

– Adoraria dizer-te coisas maravilhosas, bonitas e românticas como as que me dizes, mas... mas... eu sou um cubinho de gelo e não saem... –

Naím sorri, e eu continuo: – Sabes que o que tenho de mais especial no mundo é a minha filha, e hoje trouxeste-a aqui para que eu possa vê-la, abraçá-la e beijá-la e, só por isso, tenho de te agradecer.

Olhamo-nos em silêncio e, sentindo como o meu coração bate forte, continuo, imparável:

– Amo-te. E amo-te porque, sem tentares mudar nada em mim, mudaste tudo. Sabes que eu sou tudo ou nada. Frio ou calor. Inverno ou verão. Sou estranha. Não tenho meio termo. Mas eu amo-te, e sinto-o bem no fundo do meu coração, embora te tenha dito o contrário há instantes.

Ao dizer isso, com a expressão proibida incluída, a expressão de Naím muda novamente.

Mãezinha... mãezinha... De onde me saiu esta veia romântica?

Surpresa com a minha declaração, vejo que ele não tira os olhos de mim.

– Repete o que disseste – murmura ele, então.

Porra, não me vai abraçar? Não me vai beijar?

Mau... mau... Acho que agora sou eu quem chega tarde e estou angustiada. Não sei se saberei repetir o que disse. Estou tão nervosa que não me lembro bem das minhas palavras, por isso murmuro:

– Amo-te porque és o meu primeiro pensamento ao acordar e o último antes de dormir. E, já que estamos nisto, vou dizer-te outra coisa... Não conheci a tua mãe, mas conheço-te a ti e a toda a tua família. E, por isso, quer gostes ou não, quer me rejeites ou não, vou criar a campanha para as Caves Verode mais impressionante que possas imaginar. Porque se lhe prometeste, assim será, quer me queiras na tua vida quer não.

Ele está em choque. Parado. Alucinado; tanto que começa a assustar-me. Estendo-lhe novamente a estatueta; não sei o que dizer e sussurro:

– Aqui está o teu prémio.

Porra... ele não se mexe, não fala. Mas, de repente, aproxima-se de mim e, ignorando o troféu que lhe ofereço, abraça-me e dá-me um grande beijo.

Mas um daqueles beijos de cinema que me deixa sem fôlego.

– O único prémio que eu quero és tu – sussurra, olhando nos meus olhos quando termina – e, por fim, tenho-te.

Oh, Deus, sim... sim... sim...

Como sempre, ele volta a dizer-me uma frase única e especial para este momento e sinto-me muito, muito feliz. Afinal, é verdade o que Leo diz de que é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.

A minha família e a dele, juntamente com a imprensa, que fotografa, e muitos dos convidados da gala, aplaudem e desfrutam da cena romântica que lhes oferecemos. Não há dúvida de que as histórias de amor são apreciadas por todos.

Pode dizer-se que a minha vida muda sempre depois de um verão de amor. A primeira vez, o amor trouxe-me uma filha linda. E a segunda, trouxe-me Naím.

Olhamo-nos.

Estamos felizes.

Eu sorrio. Ele sorri.

Ele beija-me. Eu beijo-o.

Estou nos braços do homem que conseguiu fazer o meu coração descongelar.

Estou nos braços do homem que conseguiu que eu desse uma oportunidade ao amor.

E o melhor de tudo, estou com um homem que me ama como sou, e eu amo-o com todo o meu coração.

Epílogo

Mykonos, Grécia, vinte dias depois

Feliz.

Esta é a palavra que me define e acho que também define Naím.

Deitada numa espreguiçadeira muito confortável na ilha de Mykonos, olho para o mar, aquele mar que sempre me cativa, enquanto observo Naím a falar ao telemóvel no interior do nosso quarto de hotel.

A Grécia é o que eu esperava. E Mykonos, a ilha do amor, da liberdade e da diversão, é uma maravilha.

Depois do que aconteceu na noite do Prémio Farpón em Madrid, onde eu e o meu amor nos demos mais uma oportunidade, quatro dias depois, Naím surpreendeu-me e colocou à minha frente bilhetes de avião para a Grécia, que obviamente aceitei.

Grécia, nada menos!

E aqui estamos nós, em Mykonos, um lugar romântico, lindo e encantador.

Enquanto olho para o mar, penso em Zoé. Em como me senti feliz quando a levei ao aeroporto. Ela voltou para o seu amor e isso deixou-a feliz, mas sei que a felicidade que vi no seu rosto foi por minha causa. Ela está feliz pelo meu relacionamento com Naím. E, como imaginei, eles já se adoram.

Sem dúvida, conhecendo-os, os dois voltarão a conspirar contra mim.

Os meus pais não poderiam estar mais felizes. Por fim, veem-me ao lado de um homem que me ama e cuida de mim e, acima de tudo, daquele que amo. Isso é suficiente para eles. Eles só precisam de me ver feliz.

Quanto à família do Naím, mais do mesmo. Regressaram a Tenerife, não só com o Prémio Farpón pelas suas caves nas mãos, mas também com a promessa de que, assim que regressarmos desta viagem, farei todos os possíveis para me mudar e ir viver para Tenerife. Algo que certamente farei, porque sempre quis viver junto ao mar. Está anotado no meu caderno de sonhos, e agora, com Naím, assim será.

Quanto à minha empresa, a Fórmula Perfeita, continuará aberta em Madrid. Vou organizar-me para as reuniões que tenho de fazer lá e, assim, poderei ver os meus pais e os meus amigos. Embora a minha mente não pare e já esteja a planear abrir uma filial em Tenerife. Tratarei de gerir os dois escritórios. Eu sei que consigo fazer isso, e sei que Naím vai ajudar-me.

Quanto ao tema Soraya, espero que se resolva logo. Está internada numa clínica psiquiátrica de Madrid, apoiada pela família e por Naím. E eu só desejo que ela recupere e possa retomar a sua vida sem se prejudicar a si mesma ou a qualquer outra pessoa.

Sobre Mireia, irei vê-la quando voltar a Tenerife. Se ela for esperta, saberá aceitar o que aconteceu. Se for parva, terá de me enfrentar!

Os meus amigos, por sua vez, estão incrédulos. A rainha do gelo descongelou e, embora tenha uma conversa pendente com eles em que vou enchê-los de beijos por todas as coisas que fizeram nas minhas costas, sei que quando for viver para Tenerife sentirei muito a falta deles.

Mas «No mau. No bom. E no melhor» será eterno entre nós, porque o Comando Chuminero é indestrutível, e é isso que vou levar.

Estou a pensar nisso quando Naím, apenas com uma toalha branca na cintura, sai para o terraço. Vejo surpresa na sua expressão e pergunto:

– O que se passa?

Meio confuso, ele olha-me e responde:

– Não sei muito bem. A Florencia disse-me que o Liam partiu com urgência para Los Angeles.

– Para quê?

Naím encolhe os ombros.

– Não sei – diz ele. – Ela não soube explicar.

A seguir, ele aproxima-se de mim e beija-me. Beijar tornou-se a nossa forma de respirar todos os dias e, divertida, levanto-me da espreguiçadeira e vou para a cama.

Mãezinha, como estou quente.

Naím olha-me e sorri. Eu sei que ele está tão excitado quanto eu.

Na noite anterior estivemos com uma terceira pessoa no nosso quarto, desfrutando do puro prazer do sexo. Divertimo-nos muito, mesmo muito. O nosso prazer no sexo é algo muito nosso, muito pessoal. Algo que outras pessoas ou casais podem não entender porque têm visões mais limitadas. Mas nós entendemos, nós gostamos, e isso é suficiente para nós.

Desejosa dele, do homem que me possui como nenhum outro e me deixa louca, caminho em direção à cama. Assim que chego, sento-me nela e, olhando-o provocadoramente, abro as pernas para me mostrar.

Naím suspira. Sopra.

O nosso jogo quente e escaldante vai devorar-nos. Não paramos de nos possuir, de nos foder, de nos provocar. Gostamos do que fazemos. Isto, ninguém nos tira.

Como bom jogador que é, olha para o que eu mostro. Não demora muito para caminhar até mim. Sem falar, aninha-se entre as minhas pernas. E, apoiando-as nos seus ombros largos, aproxima a sua boca tentadora da minha vagina molhada e, depois de puxar para o lado o cordão da minha tanga, dá-me uma mordidela tentadora, enquanto sussurra:

– O que quer o meu cubinho de gelo derretido?

Humm... Adoro ser o seu cubinho de gelo derretido. E querer, querer, quero tudo.

A sorrir, vejo a garrafa aberta de vinho que temos sobre a mesa.

É o vinho de Naím: *Meu Sonho*.

Ele mandou fazer várias réplicas da garrafa que lhe dei e, nesta viagem, estamos a bebê-las. Pegando na garrafa de *sauvignon blanc*, verto-a sobre o estômago diante do seu olhar divertido e ardente. O vinho desce pela minha vagina, encharca-a, e eu pergunto, divertida:

– E se provarmos...?

E, sim, sem dúvida, provamos!

Referências às músicas

All I Ask, ©© 2015 XL Recordings Ltd., interpretada por Adele.

A un beso, © UMM; 2021 Universal Music Group México, S. A. de C. V.,
© 2021 Universal Music Group México, S. A. de C. V., interpretada por
Danna Paola.

Como antes, ©© 2020 Warner Music México, S. A. de C. V., interpretada por
Llane.

Cómo fue, © 2018 Sony Music Entertainment México, S. A. de C. V.,
interpretada por Francisco Céspedes e Carlos Cuevas.

Crazy in Love, © 2014 Groove Mite Records, interpretada por Beyoncé e Jay
Z.

Delirio, ©© 1994 Warner Music Benelux BV. Time Warner Company,
interpretada por Luis Miguel.

Donde ya no te tengo, ©© 2009 Warner Music Spain, S. L., interpretada por
Rosana.

Felices los 4, © 2017, 2018 Sony Music Entertainment US Latin LLC,
interpretada por Marc Anthony e Maluma.

Fiera inquieta (Quién es ese hombre), ©© 2022 Pasión de Gavilanes,
interpretada por Guita.

Get the Party Started, ©© 2020 Piano Project, interpretada por Pink.

Grecia, ©© 2020 Elsa e Elmar, interpretada por Elsa e Elmar.

How Deep Is Your Love, © 2018 Morton Records, interpretada por Pj Morton
e Yebba.

I Gotta Feeling, ©© 2009 Interscope Records, interpretada por The Black
Eyed Peas.

Looking for Love, © 2021 Art Society Music Group (AMG) / EMPIRE, interpretada por Kevin Ross.

Mafiosa, © 2021 Sony Music Entertainment España, S. L., interpretada por Nathy Peluso.

Me vuelves loca, © 2018 Raw Entertainment, interpretada por Armando Manzanero, Gaby Moreno e Paquito D’Rivera.

No discutamos, © 2017 Warner Music México, S. A. de C. V., interpretada por Luis Miguel.

Pa mis muchachas, © 2022 Sony Music Entertainment US Latin LLC, interpretada por Christina Aguilera, Becky G, Nicki Nicole e Nathy Peluso.

Por una cabeza, © 2022 Jacques de Lousse, interpretada por Carlos Gardel.

Propuesta, © 2011 Sony Music Entertainment México, S. A. de C. V., interpretada por Kalimba.

¿Qué nos está pasando?, © 2009 Universal Music Spain, S. L. (Vale Music) Espanha, interpretada por Manuel Carrasco.

Raise Your Glass, © 2012 RGS Music, interpretada por Pink.

Run Run Run, © 2015 Blues Babe Records, LLC.

So What, © 2008 LaFace Records LLC, interpretada por Pink.

Tacones rojos, © 2021 UMG Recordings, Inc., interpretada por Sebastián Yatra.

Toxic, © 2003 Zomba Recording LLC, interpretada por Britney Spears.

Tu olvido, © 2017 Macimusic Entretenimiento, S. de R. L., interpretada por Carlos Macías e Víctor García.

Un beso grande, © Garambullo Records, interpretada por Edgar Oceransky e Francisco Céspedes.

Uno x uno, © 2015 Universal Music Spain, S. L., interpretada por Manuel Carrasco.

Vivir así es morir de amor, © 2021 Sony Music Entertainment España, S. L., interpretada por Nathy Peluso.

Womanizer, © 2008 RCA/JIVE Label Group, de Sony Music Entertainment, interpretada por Britney Spears.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2022, Megan Maxwell
Obra editada em colaboração com Editorial Planeta, S. A. – España
© 2022, Planeta de Livros Portugal

Título original: *¿Y si lo probamos...?*

Design da capa: Compañía

Imagem da capa: © Freepik

Edição em epub: Junho de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-911-4 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)



Madame Curie

Leonard, Susanna

9789897779091

392 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)

A mulher que mudou o rumo da Ciência para sempre. «É preciso fazer da vida um sonho e fazer do sonho uma realidade.» Marie Curie Paris, 1891. Quando era criança, Maria Skłodowska sonhava em escapar um dia aos limites

da sua terra natal, a Polónia ocupada pelos russos. Vinte anos mais tarde, esse sonho torna-se realidade. Maria vai estudar para a Sorbonne, em Paris. É uma mulher num mundo de homens, que se recusa a viver de acordo com as limitações impostas às mulheres do seu tempo. Maria, agora conhecida como Marie, sabia o que queria e estava decidida a lutar pelos seus sonhos na ciência e na vida. Quando conhece o encantador físico Pierre Curie, descobre a felicidade. Pierre torna-se o seu grande amor. Com Pierre, ela alcança resultados revolucionários na ciência, mas o preço é elevado e Marie não faz ideia dos trágicos golpes do destino que a vida lhe reserva. Um romance fascinante acerca de Marie Curie, a primeira mulher a ganhar o Prémio Nobel, e a ganhá-lo por duas vezes. O primeiro da Física, em 1903, pela descoberta da radioatividade, e o segundo da Química, em 1911. Trabalhadora incansável, lutadora, rebelde e amante, esta é a história de uma mulher única que transformou a ciência e o mundo.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



O Segredo de Espinosa

Rodrigues dos Santos, José

9789897777851

560 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)

Há perguntas cujas respostas têm um preço elevado a pagar Amesterdão, 1640. Um judeu é excomungado na Sinagoga Portuguesa por questionar as Sagradas Escrituras. Uma criança assiste a tudo. O pequeno Bento de Espinosa é

considerado o maior prodígio da comunidade portuguesa de Amesterdão, mas o episódio planta nele a semente da dúvida: E se a Bíblia estiver mesmo errada? A suspeita irá lançar Bento na maior busca intelectual de sempre. Quem realmente escreveu os textos sagrados? Qual é a verdade sobre Deus? O que é afinal a natureza? Mas esta é uma busca proibida e depressa o jovem judeu português descobre que terá de pagar um preço terrível pelas suas perguntas. Os rabinos judeus e os pregadores cristãos perseguem-no e acusam-no do pior dos crimes: HERESIA Inspirando-se na prodigiosa vida do maior filósofo português de sempre, José Rodrigues dos Santos mostra-nos como Bento de Espinosa pôs fim à idade das trevas e inventou o mundo moderno.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A Mulher do Dragão Vermelho

Rodrigues dos Santos, José

9789897776441

576 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)

Madina nascera no Turquestão Ocidental, estudara chinês, lera Marx, Engels e o Manifesto Comunista, pertencia ao Partido Comunista Chinês e exaltava, sempre com entusiasmo, o grande líder, no entanto não sabe ao certo

porque está presa e todas as noites confessa crimes que não cometeu. Tomás de Noronha recebe uma mensagem da mulher a pedir ajuda: acabara de ser raptada juntamente com uma mulher misteriosa de lenço preto na cabeça que se autointitula Dragão Vermelho. O historiador rumo à Índia decidido a resgatar a sua Maria Flor e percebe que esta foi apanhada numa história demasiado perigosa. Graças a Charlie Chang, um operacional da CIA, destacado para encontrar a Dragão Vermelho, Tomás de Noronha é confrontado com uma realidade que não sabia existir. Descobre a ambiciosa e perigosa estratégia da Nova Rota da Seda, os mecanismos de vigilância e repressão que existem no país e a máxima do Partido: «wai yuan nei fang», ou seja, dissimulação. José Rodrigues dos Santos, o autor mais lido em Portugal, traz-nos um romance atual, empolgante e com um ritmo frenético que nos alerta para os perigos e contradições do mundo onde vivemos.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Quarta Asa

Yarros, Rebecca

9789897777998

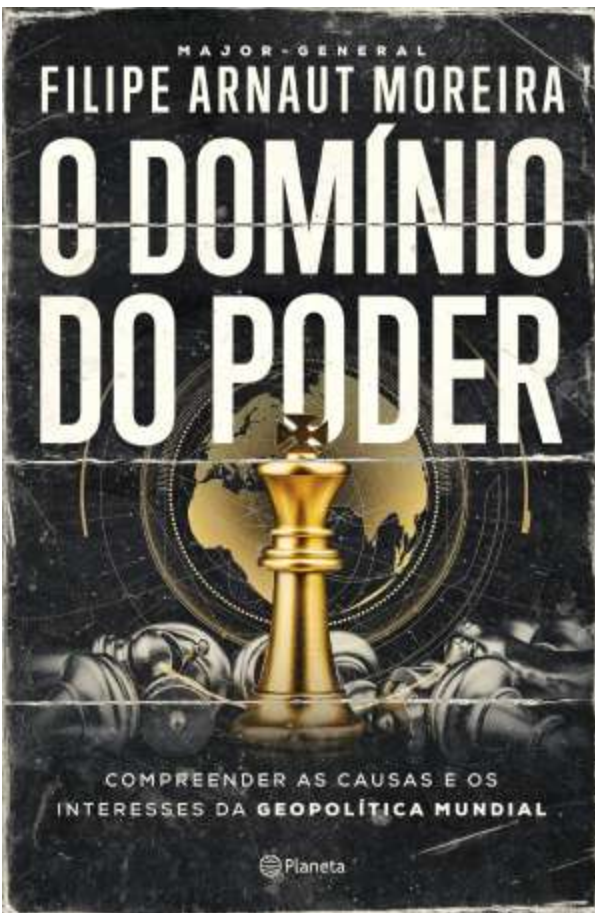
520 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)

Um dragão sem o seu cavaleiro é uma tragédia. Um cavaleiro sem o seu dragão é um cadáver. Entra no mundo brutal, mágico e envolvente de uma escola de elite para cavaleiros de dragões Violet Sorrengail, de vinte anos,

deveria ter entrado no Quadrante dos Copistas, e viver uma vida tranquila entre livros e história. Contudo, a general comandante, que também é a sua mãe, ordenou-lhe que se juntasse às centenas de candidatos que se esforçam por se tornarem a elite de Navarre: os cavaleiros de dragões. Mas quando és mais pequena do que todos os outros e o teu copo é débil, a morte está apenas a um batimento cardíaco de distância... porque os dragões não se ligam a humanos frágeis. Eles reduzem-nos a cinzas. Num cenário com mais cadetes do que dragões, muitos matariam Violet para aumentar as suas hipóteses de sucesso. Outros matariam apenas por ela ser filha de quem é – tal como Xaden Riorson, o líder mais poderoso e implacável do Quadrante dos Cavaleiros. Para sobreviver, Violet vai precisar de usar toda a sua inteligência. No entanto, a cada dia que passa, a guerra lá fora torna-se mais mortífera, as proteções do reino estão a falhar e o número de mortos continua a aumentar. E, Violet começa a suspeitar que a liderança está a esconder um segredo terrível. Amigos, inimigos, amantes. Todos na Escola de Guerra Basgiath têm um objetivo – porque quando se entra, só há duas maneiras de sair: concluir as provas ou morrer.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



O Domínio do Poder

Arnaud Moreira, Filipe

9789897777967

376 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)

Vivemos num mundo complexo, imprevisível, perigoso, regido por novas regras, onde os tratados internacionais e as instituições de referência se tornaram menos relevantes. Um mundo que nem sempre compreendemos Todos os dias

mergulhamos nas notícias da atualidade e percebemos que vivemos num mundo complexo, imprevisível, perigoso, regido por novas regras, onde os tratados internacionais e as instituições de referência se tornaram menos relevantes. Um mundo que nem sempre compreendemos. O Major-General Arnaut Moreira, comentador e professor de geopolítica e geoestratégia, pretende dar ao leitor uma visão sistematizada, global e aprofundada das grandes questões internacionais do nosso tempo: da Guerra na Ucrânia à competição entre os Estados Unidos da América e a China, do Sul insatisfeito aos desafios das migrações, das personalidades influenciadoras aos movimentos Woke, do ciberespaço às ameaças globais ao Planeta. Dividida em três partes, esta obra começa por apresentar-nos os atores, as suas razões e motivações, as causas, os mecanismos que impulsionam as relações internacionais e as ferramentas para a análise geopolítica. Segue-se uma análise das grandes questões internacionais do nosso tempo, numa perspetiva de competição por recursos e influência, e o aparecimento de crises e conflitos nos patamares regional e global. Terminando com um desafio para uma nova abordagem Geopolítica, menos centrada na competição e no conflito e mais assertiva relativamente às ameaças globais aos Bens Comuns da Humanidade. Alianças, rivalidades, tensão política, interesses e estratégias, braços de ferro, luta pelo poder, competição e cooperação.... Quais são as chaves para compreender a ordem mundial?

[Compre agora e leia \(Publicidade\).](#)